RB 208253

Presented to the

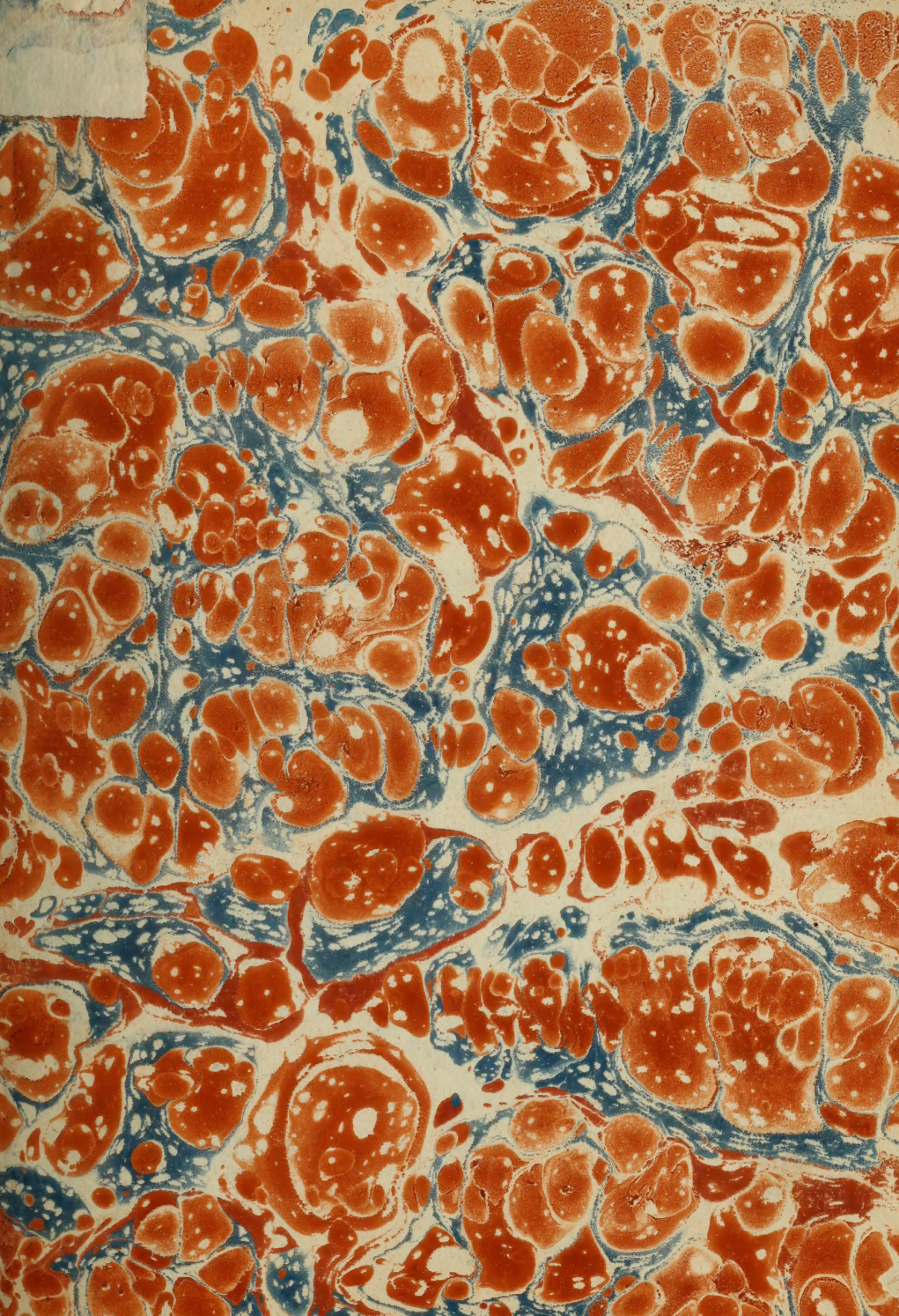
LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton



f-15

P. 3546

54

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/observadorportug00lisb

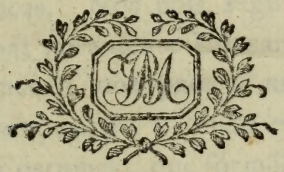
OBSERVADOR PORTUGUEZ

OBRA DE ERUDIÇÃO, E RECREIO.

POR

HUMA SOCIEDADE DE LITERATOS.

TOMO I.



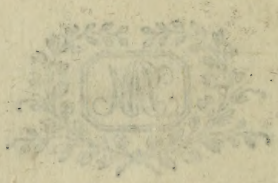
LISBOA,

NA NOVA IMPRESSÃO DE JOÃO BAPTISTA MORANDO,

RUA DA ROZA DAS PARTILHAS N. 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.



INTRODUCÇÃO.

A UTILIDADE dos Jornaes, e Periodicos he geralmente reconhecida. Elles propagão as luzes na Classe menos instruida das Nações; prestão de quando em quando aos sabios attendiveis projectos; e são (digamo-lo assim) o canal, porque as sciencias entre si commerceião. A elles devem a França, Inglaterra, e Alemanha grande parte de seu lustre literario. Porém este genero de escripta tem sido entre nós sobejamente desprezado, pois todos os nossos Periodicos não tem até agora contido (com mui raras excepções) mais que novidades politicas. Nós pois seguindo outro norte, tentamos fazer hum Jornal puramente Literario, e Scientifico, extractando nelle tudo quanto nos parecer mais interessante em antigas, e modernas composições; tendo especialmente em vista, a Moral, e os Bons Costumes, que fórmão, com a Religião, as unicas bazes sólidas, e permanentes da felicidade dos Estados. Oxalá que nossas forças correspondão ao nosso desejo, e que os Eruditos da Nação se dignem ajudar-nos, remettendo ao Editor algumas das suas Producções, que neste Jornal serão fielmente inseridas.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO I.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Dos insectos nocivos ao homem, seu veneno, e antidotos.

ESCORPIOENS, OU ALACRA'OS.

[SCORPIO.]

Caracteres fisicos. Estes insectos, com queixos, e sem azas (*Gnathapteros*), tem a cabeça reunida ao thoracete, com oito pés, e nenhum no abdomen (*Arachneidas*). Conhecem-se facilmente pelo abdomen prolongado em huma longa cauda articulada, terminando em hum gancho agúdo, e movel, cujas picadas são mui dolorosas: tem debaixo das mandibulas grandes palpos, muito mais cumpridos, do que as pernas, terminados em huma garra semelhante á dos *Lagostins*; oito olhos simplices na cabeça; e duas partes figuradas como pentes, situadas debaixo do corpo, por detraz das oito pernas. Os Escorpiões não tem antenas, vivem nos lugares obscuros, nutrem-se de outros insectos, e não habitão nos paizes frios. *Cuvier* distingue tres pecies:

I.ª *Escorpião da Europa* (*Scorpio Europæus*). Tem o comprimento de huma, ou duas polegadas, as garras ovaes, e ungulosas, os pentes com dezeseis dentes: he muito commum na Italia, nas regiões meridionaes da França, e o ha em Portugal.

II.ª *Escorpião da Africa* (*Scorpio Afer*). He mui grande, e de garras pelludas, em fórma de coração.

III.ª *Escorpião da America* (*Scorpio Americanus*). He delgado, de garras tenues, filiformes, etc.

Acção venenosa sobre a economia animal. O veneno dos Escorpiões reside em huma empola membranosa, de fórma oval, situada na extremidade da cauda. A picada deste insecto produz no homem simptomas varios em razão da grossura do animal, e do clima a que pertence: em geral, he muito mais perigoso nos paizes meridionaes.

1.º *Boutins* diz que o grande Escorpião das Indias constitue em demencia as tristes victimas, que fére.

2.º *Mallet* observou em Tunes que duas pessoas picadas por hum grosso escorpião, experimentárão simptomas graves, que sómente cedêrão ao uso do alcali volatil. (*Société Royale de Médecine*, *tom. II. pag.* 315).

3.º Hum adulto, de Montpelier, foi picado por hum Escorpião na parte inferior da coxa esquerda. A principio foi menos sensivel a esta picada do que teria sido á de huma Abelha. Na manhã seguinte experimentou grande tensão com sensibilidade até ao meio da coxa, acompanhada de vermelhidão eresypelatosa. O lugar da picada se achava de côr vermelha mais carregada, tirando para negra, de quatro, ou cinco linhas de diametro, e sem fórma regular. Não houve effusão de sangue, os simptomas permanecêrão seis a sete dias, e se dissipárão espontaneamente, sem mais applicação que a da saliva: a nodoa local durou quinze dias. (*Notice des insectes de la France réputés vemineux*, par Amoreux, 1789, pag. 199.

4.º *Maupertuis*, que fez grande número de experiencias sobre este objecto, certifica que a picada dos Escorpiões do Languedoc póde ser mortal, mas que este effeito acontece raras vezes. Entre grande número de Cães, e Gallinhas picadas por estes insectos, morreo hum só Cão, que tinha recebido no ventre tres, ou quatro aguilhoadas de hum Escorpião encolerisado. Tornou-se muito inchado huma hora depois de ter sido ferido; cambaleou,

e depoz quanto tinha nas primeiras vias; cahio em convulsão, mordeo a terra, arrastrou-se, e expirou no fim de cinco horas. (*Académie des sciences année* 1731).

5.º *Mathioli* diz que os Escorpiões são venenosos na Etruria, menos no restante da Italia, e nada absolutamente nas terras de Trento.

6.º *Amoreux* excitou combates entre o Escorpião, e differentes especies de Aranhas; provocou a cólera deste insecto contra as Vespas, Moscas, Staphilnios, Caracóes, Lagartixas, Ratos, etc. Este sábio observador conclue de innumeraveis experiencias, que os simptomas mais frequentemente consecutivos á picada dos Escorpiões, se podem reduzir aos seguintes: 1.º Huma nodoa vermelha, que se augmenta algum tanto, enegrece ligeiramente no centro, e he ordinariamente seguida de dôres, inflamação mais, ou menos consideravel, inchação, e algumas vezes pustulas: 2.º Alguns individuos experimentárão febre, calafrios, e entorpecmento: 3.º Tambem se tem observado vomitos, soluços, dôres por todo o corpo, e tremores.

Analise chymica. Ainda não existe analise do veneno do Escorpião. *Haltcehtt* observou que a agua fervente apenas dissolveo vestigios imperceptiveis da materia membranosa, que cobria o corpo de hum grosso Escorpião da Africa; ella parecia ser da natureza da albumina coagulada. (*Ann. de chym. de Crell*, 1801, *cah.* 10, *pag.* 329).

Antidotos, e soccorros. Convêm adaptar os meios de tratamento á natureza dos symptomas que, se manifestão. Deve-se empregar o *alcali volatil* interna, e externamente; e as plantas da familia das cruciferas (a cochlearia, cochlearia officinalis; os agriões, *sisymbrium nasturtium*; o mastruço, *lepidium sativum*; a raiz de rabanos rusticos, *cochlearia armorocia*; a semente de mostarda negra, *sinapis nigra*; as folhas de allearia, *erysinum allearia*). Os topicos adoçantes, e emolientes são vantajosos para dissipar o estado inflamatorio: não deve esquecer a propriedade relaxante dos oleos; qualquer linimento, póde ser salutifero.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

LITERATURA.

Eloquencia.

Eloquencia he o talento de infundir com rapidez, e com força na alma dos outros, aquelles sentimentos, de que estamos profundamente entrados. Dizemos, que he talento, e não arte, porque ella he hum dom da natureza, que nem estudo, nem exercicio nos podem procurar. As regras são hum freio para o genio, quando se desmede, e não hum facho para alumiar aos seus vôos; e seu unico prestimo he embargar que os rasgos verdadeiramente eloquentes se desfigurem com outros, que o não são, ou provenhão da negligencia, ou nasção de depravado gosto. He raro que a hum Orador bem penetrado do sentimento, que quer influir no ouvinte falhe a conveniente expressão, e todo o apuro que pozesse em exprimi-lo só concorreria para affrouxa-lo. Não he porém de necessidade, que o Orador, quando compõe sinta a agitação, que se propõe a exercitar. Nossa alma tem duas molas, porque se move, o sentimento, e a imaginação; a primeira tem de certo mais força; porém a segunda póde bellamente suppri-la, e prefazer as suas vezes. Por meio della não só hum Orador fará borbulhar as lagrimas do seu auditorio, mas até pranteará com elle sem ter verdadeira afflicção.

Se o fim da eloquencia he transfundir para a alma dos outros o movimento, que nos anima; segue-se que n'hum grande assumpto quanto mais singello fôr o discurso, tanto mais será eloquente, porque a grandeza da idéa sempre debaixo de qualquer fórma subsiste, e não ha idioma, que se negue á natural, e simples expressão de hum sentimento sublime.

Para conhecer-se o partido, que podemos tirar das regras, que os antigos sobre a elocução nos deixárão, cumpre observar, que consistindo propriamente a eloquencia em rápidos, e vivos rasgos, seu effeito he commover vivamente, e toda a commoção, sendo prolongada, enfraquece. Não póde pois a eloquencia reinar

em longos discursos senão por intervallos. Tanto o Orador, como o Ouvinte necessitão de pauza, em que descancem, porém nestas deve quem ouve respirar, e não dormir; são os tranquillos encantos da elocução, quem deve entrete-lo naquella situação agradavel; por isso as regras da elocução só devem empregar-se naquelles lugares, que não são propriamente eloquentes, e em que a natureza do auxilio da arte carece, o homem de genio póde cahir no estylo languido quando o não ajuda o assumpto, e he esse o caso, em que deve curar da sua elocução. Todas as vezes que ella tenha a exprimir coisas grandes, per si, e sem que a procure se lhe apresentará a conveniente elocução.

A elocução tem duas partes, que he preciso distinguir bem, a dicção, e o estylo: a dicção, restrictamente fallando só diz respeito ás qualidades grammaticaes do discurso, correcção, e clareza: O estylo comprehende a propriedade dos termos, a nobreza, e a facilidade. Perlustremos successivamente estes diversos objectos.

Bem que a correcção seja tão essencial qualidade, que he escusado recommenda-la, não deve com tudo o Orador constituir-se tão restrictivamente escravo della, que venha a damnar a necessaria vivacidade do discurso, ligeiras faltas são então feliz liberdade; ser incorrecto he defeito, porém o ser frio he vicio. A clareza consiste não só em evitar todas as construcções amfibologicas, as frazes sobrecarregadas de idéas accessorias, mas tambem os torneios epigramaticos, em cuja finura não póde cahir a multidão: e o Orador nunca deve perder de vista, que he ella a quem deve commover, arrebatar, e persuadir.

Além da clareza, e correcção puramente grammaticaes, e que só dizem respeito a dicção, ha outra casta de clareza, e correcção não menos essencial, e que pertencem ao estylo. Consistem estas na propriedade dos termos, que he o verdadeiro distinctivo dos grandes Escriptores, e que põem sempre seu estylo a nivel do assumpto, que tratão; da propriedade dos termos nascem a exactidão, a elegancia, e a energia segundo a natureza das materias, sobre que se discursa, e dos objectos, que se devem pintar; a exactidão nos assumptos de discussão; a elegancia nos objectos agradaveis; e a energia nos grandes, e patheticos. Estas qualida-

des dando conveniencia ao assumpto necessariamente o enobrecem.

Passemos á harmonia hum dos mais necessarios ornatos do discurso oratorio. Bem que nossa prosa, e poesia sejão menos susceptiveis de harmonia, que a poesia, e prosa dos Gregos, e Latinos, não deixão com tudo as linguas modernas de ter, humas mais, outras menos, certa melodia, que lhes he propria. Duas coisas ledão o ouvido no discurso o som, e o número pela coherencia musical dellas. He difficil que hum Orador, que tenha hum tympano tonico (1) possa enganar-se sobre estes dois pontos. A simples pronunciação lhe fará distinguir as palavras brandas e sonoras, das que são asperas, e surdas, e pelo mesmo modo as palavras, cuja liga não he harmoniosa, e facil daquellas cujo maridamento he duro, e escabroso. Ha porém na harmonia outra condição não menos importante que a escolha, e coherencia das palavras, e que pede o ouvido mais exercitado, e melindroso. Consiste em não haver nímia desigualdade entre os membros de huma mesma fraze, e em não fazer os ultimos membros demasiadamente mais curtos do que os primeiros; em evitar tanto os periodos muito longos, como as frazes mui suffocadas, e por assim dizer semi-abertas, o estylo, que faz perder a respiração, e o que a cada passo obriga a toma-la, em saber enlaçar os periodos redondos, com outros menos sustentados, que servem como de repouso aos ouvidos. Parece incrivel quanto huma voz mais, ou menos longa, no fim de huma fraze, hum grave, hum agúdo, ou hum esdruxolo, e ás vezes huma syllaba de mais, ou de menos diversefícão a harmonia! A collocação harmonica das palavras, não póde ás vezes conciliar-se com a codlocação logica das idéas. Que partido deve em taes casos tomar-se? Hum Filosofo não hesita, a razão he sua Mestra, e até a sua Tyranna. O Orador porém tão ligio ao ouvido, quanto o Filosofo á razão segundo a oportunidade dos casos ora sacrifica a harmonia, ora a exactidão: a harmonia quando quer fazer impressão com as coisas; a exactidão quando quer seduzir com a expressão, mas estes sacrificios devem sempre ser raros.

---

(1) Uso desta palavra na accepção, em que a usão os Compositores Musicos.

Por muito agradavel, que a harmonia seja em si mesma, baixará muito seu valor, quando ella só se empregue em adornar hum estylo laxo, e difuso. O estylo cerrado, não sendo descozido, nem obscuro, tem o maior de todos os meritos, que he assemelhar o discurso á marcha do espirito. Acontece muitas vezes ser tão escuro fugindo da concizão, como buscando-a; perde-se muitas vezes o caminho, pertendendo tomar pelo mais longo: o verdadeiro modo de chegar ao termo, he procura-lo pela estrada mais breve, huma vez que por ella se vá andando, e não saltando de hum lugar para o outro. Não está pois a brevidade em omittir idéas necessarias; mas em pôr cada huma em seu lugar, e em exprimi-la com os termos mais proprios, por este modo terá o estylo o dobrado merito de conciso sem fadiga, e de claro sem laxidão.

Não basta tambem que o estylo do Orador seja claro, correcto, nobre, harmonioso, vivo, e cerrado, cumpre igualmente que seja facil, e corrente, isto he, que nelle não ressumbre nem fadiga, nem cansaço. Nada mais opposto ao estylo facil, e por consequencia ao bom gosto, que linguagem carregada de metaphoras, e anthiteses, que as Academias tem, não sabemos porque, adoptado, e que por isso se chama: *Estylo Academico.*

ARTIGO III.

POEZIA.

A' perda d'El-Rei D. Sebastião.

CANÇÃO.

Voz de pezar, e canto de gemido
Espirito de medo envolto em ira,
Começo amargo faço á memoria
D'aquelle fatal dia aborrecido,
Sobre que Lyzia misera suspira,
Despida de valor, falta de gloria;
E a lamentosa Historia,
Assombre com horror tristonho, agreste,

Desde o Africo Atlante á Zona ardente,
The onde de outra côr Neres se veste,
The onde se limita o rubro Oriente,
E seus vencidos povos já tem visto
Sacras Bandeiras tremullar de Christo.

Aí desses, que passárão confiados
Nos fogosos Ginetes, e abondança
De seus carros a ti, Libia deserta,
Desdenhando elevar sua esperança
A Eterna luz! Mas com soberba certa
Se agourárão a incerta
Victoria! A Deos os olhos não volvêrão
E, erguido o collo, o coração uffano,
A vista nos despojos só tiverão!
Mas a mão, de Israel o Soberano,
Abre, e os deixa!..... No atroz despenhadeiro
Cahio Carro, Cavallo, e Cavalleiro!

Veio o dia cruel, o dia cheio
D'ira, d'indignação, e de furores,
Que pôz em soledade, e fundo pranto,
De gente, e de prazer, o Reino, alheio;
Confuso ao Ceo negou seus resplendores,
O Novo Sol, presago de mal tanto;
E, com tremendo espanto,
Sobre seus males visitou o Eterno,
Para humilhar os fortes, e arrogantes:
Aos Barbaros soprou valor superno,
Porque, com peitos bravos, e constantes,
Não busquem oiro, mas com ferro irado
Vinguem a torpe offensa, error culpado!

Os ímpios, e robustos indignados
'As ardentes espadas apontárão
Nuas á claridade, e formosura,
De teu valor, e gloria; e, não cançados

Com tua morte a honra te afeiárão,
Mesquinha Lusitania sem ventura,
E, com frente segura,
Rompêrão sem temor com fero estrago
Tuas armadas Hostes, e braveza;
A areia se tornou sanguento lago,
A planicie com mortos aspereza,
Cahio em huns denodo, e valentia,
Mas em outros o medo, e a cobardia.

Ai! São estes acaso esses famosos
Intrepidos, beligeros Mavortes,
Que enchêrão de pavor inteira a Terra?
Que açoitárão Imperios poderosos?....
Que domárão terriveis Nações fortes?....
Que pozerão deserto em crua guerra
Quanto o mar Indio encerra?....
E as soberbas Cidades arrazárão?....
Onde o impavido peito?.... onde a ouzadia?....
Como assim se perdêrão, e acabárão
Tantos nobres guerreiros n'um só dia?....
E, distantes da patria derribados,
Não forão justamente sepultados?....

Assim estes já forão qual formoso
Cedro do excelso Libano, vestido
De ramos, folhas com frondente alteza;
As aguas o creárão poderoso
Sobre empinadas arvores crescido;
E se multiplicárão em grandeza
Seus troncos com belleza;
Aves, que o Ceo sustenta, fabricárão
Ninho na basta copa, que estendia;
As feras sobre as folhas procreárão,
E a muita gente foi coberta umbria,
Nem pela elevação, e formosura
Outra arvore igualou sua figura?

Mas elevou-se co'a verdosa cima,
E nescia presumpção inchou seu peito, (1)
Desvanecido todo, e confiado
Sómente a sua altura dando estima,
Por isso Deos o derrubou desfeito;
Ao barbaro estrangeiro abandonado
Pela raiz cortado!....
Que opprimido dos montes arrojados,
Despido já de folhas, troncos, tudo,
Fugírão delle os homens espantados,
A quem na basta sombra déra escudo;
E sobre os ramos, e ruina as varias
Se apozentárão aves, e alimarias!

Tu, Lybia infausta, em cuja secca areia
Morreo vencido o Reino Lusitano,
E sua feneceo briosa gloria;
Oh não te alegres de ufania cheia!
Porque esse braço inerte, vil, tyranno
Ganhou sem esperança tal victoria
Indigna de memoria,
Que, se justo pezar move a vingança
Alguma vez o Hesperico ardimento
A offensa pagarás com dura lança
Toda despedaçada, entregue ao vento;
E Luzo amedrontado ao Mar immenso
Pagará de Africano sangue o censo.

De D. Fernando de Herrera,
e traduzido por
J. M.ª da Costa e Silva.

---

(1) Não se admirem os Críticos de agua morna do peito deste cedro; pois o Poeta, nutrido com a leitura dos Livros sagrados, com generosa usadia passára para a sua lingua os atrividos Tropos da Poezia Hebraica.

A Marcia.

ODE ANACREONTICA.

O Sol, que, nascendo, espalha
Profuzo seu resplendor,
Lembra-me os olhos de Marcia
Cheios de tão vivo ardor.

As aguas daquella fonte
Dos penedos debruçadas
Lembrão-me as tranças de Marcia
Por seus hombros espalhadas.

Aquella nivea açucena,
Que junto a huma roza vejo
Lembra-me as faces de Marcia
Quando as córa hum terno bejo.

O rubro fragrante cravo
Que na verde haste pompeia,
Lembra-me os lábios de Marcia,
Que a saude purpureia.

O colo daquelle Cisne
Magestosamente erguido,
Lembra-me o colo de Marcia,
Que deixa o marfim vencido.

Aquella estatua de Venus,
Que formou destro Esculptor
Lembra-me o corpo de Marcia
Talhado por mão de Amor.

Philomela, que trinando
Exprime meiga ternura,
A voz de Marcia me lembra
Toda cheia de doçura.

Tudo de Marcia me falla,
Vejo em tudo a minha amada,
E de amorosos Phantasmas
Anda minha alma cercada.

Deos de Paphos!.... Compassivo
Restitue-a ao terno amante,
Largos dias de tormento,
Esquecerão n'um instante.

J. M.ª da Costa e Silva.

ARTIGO IV.

CRITICA.

Juizo sobre as Obras Dramaticas de Guilherme Congreve, Poeta Inglez, tirado de hum Jornal de Inglaterra.

» Congreve, (diz o Dr. Johnson, Crítico que tem o maior » merecimento). He hum Escriptor original, o qual não imi-

» tou a ninguem nos modellos das suas intrigas, nem na ma-
» neira do seu dialogo. Elle he o Author de quatro comedias,
» huma tragedia, e duas pequenas peças. A sua primeira Come-
» dia foi = O velho solteiro = escripta quando o Author ti-
» nha dezanove annos de idade. Dryden declarou que elle na sua
» vida não tinha visto comedia igual, sendo a primeira, e o públi-
» co o testemunhou com huma geral approvação. Se me pedissem
» para escolher de toda a maça da poesia Ingleza o mais poeti-
» co paragrafo, eu não sei o que podia preferir a huma excla-
» mação que ha na sua tragedia a Noiva de Luto.

» No, all is hush'd, and still as death — Tis dreadful!
How reverend is the face of this tal pile;
Whose ancient pillars rear their marble heads,
To bear aloft its arch'd and pond'rous roof,
By its own weight made stedfest and immoveable,
Looking tranquillity! It strikes en arre
And terror on my aching sight: the tombs
And monumental caves of death look cold,
And shoot a chillness to my trombling heart.
Give me thy hand, and let me hear thy voice,
Nay, quickly speak to me, and let me hear
Thy voice, — my onw affrights me with its echoes. »

Ah não. Tudo em silencio jaz quieto,
Como a lugúbre morte... tudo horrivel...
Oh, como he veneranda, a triste base,
Em que antigas columnas levantando
As marmoreas cabeças, nos seus hombros
Longo sustentão arqueado tecto,
A quem seu pezo a faz mais firme, e immovel,
Imagem da fatal tranquillidade!...
Que respeito, e terror tudo apresenta
A meus olhos miserrimos!... As campas,
Os monumentos, horridas Cavernas
Da inexoravel Parca, frias jazem;

E de igual gêlo rígido revestem
Meu coração já trémulo... A mão tua
Dá-me agora, mas ah! Deixa que excute
A tua voz sómente... Falla, falla
A toda a pressa; a tua voz me anime;
Que a minha com seus éccos me perturba.

Por C. I. do R. G.

Traducção da passagem acima pelo Traductor da dita tragedia, cuja traducção se imprimio em Lisboa na Officina de Francisco Borges de Souza, anno de 1788. A dita passagem he do acto 2.º scena 3.ª, que se póde consultar a differença das duas traducções.

..... Não: jaz tudo
Mais calado que a morte... Sitio horrendo!
Que terror não me excita o vasto templo
C'o as marmoreas columnas, que sustentão
O magestoso tecto! Frio medo
O meu coração trémulo traspassa.
Os horrorosos fúnebres jazigos
Da morte a voz no peito me congelão...
Eu desfaleço... Leonor... sustem-me,
Deixa-me ouvir a tua voz, que a minha
Com seus éccos me assusta.

ARTIGO V.

HISTORIA.

Catillina.

O nome de Catillina basta para despertar a idéa de hum malvado. Querer sugeitar a Patria; assassinar os seus Concidadãos, não foi o primeiro de seus crimes, nem talvez o maior. Tinha este preverso, hum irmão virtuoso, que não podendo accommodar-se com o seu modo de proceder o reprehendia de seus excessos; o monstro fatigado de seus conselhos, e advertencias tomou o abominavel partido de lhe dar a morte. Dois proveitos tirava deste

delicto, desambaraçar-se de hum censor importuno, e apossar-se de huma herança, que seus desmanchos lhe tornavão necessaria, matou-o pois, e receando o justissimo castigo de semelhante acção, foi ter com Sylla, e lhe pedio, que pozesse seu irmão na Lista dos Proscriptos, para não ter cabimento o devassar-se sobre aquella morte. Sylla, que então innundava Roma toda de sangue não teve dúvida em mais hum crime, e se tornou cumplice do fratricida. Catillina galardoou a sua condescendencia com outra abominação: procurou Marco Mario, que era do partido opposto a Sylla, apunhalou-o, e cortando-lhe a cabeça, veio apresenta-la na Praça Pública; e foi depois lavar as mãos nas aguas lustraes, que estavão no templo de Apollo, na mesma Praça situado.

Erão na verdade bem dignos de lastima os Romanos, pois tinhão Comterraneos, que ousavão faze-los testemunhas de semelhantes atrocidades!

ARTIGO VI.

GEOGRAFIA.

Descripção da Africa.

(Parte Maritima.)

Por duas partes he a Africa rodeada de mar: pelo Levante desde a Syrte menor, até ao Promontorio Hermeo, ou de Mercurio, chamado hoje Cabo Bon; pelo Norte desde este Promontorio até aos limites da Numidia. Seu nome se reconhece no de Frikia, que ficou ao Cantão principal do Paiz, que atravessa o Bragadas para ir desaguar no mar: deve tambem notar-se, que o nome deste Rio pouca alteração soffre no actual de Megesda. Cumpre tambem ajuntar que huma linha de separação entre a Provincia da Africa, e Numidia parece dada pela que igualmente separa o Reino de Tunes, e de Argel. O paiz adjacente á syrte distinguia-se pelo nome de Byzacio; tambem lhe davão o de Emporiæ, e com effeito sua grande fertilidade em grãos podia faze-lo olhar como hum deposito de subsistencias, a que por mar se abordava. Havia tambem alli huma Cidade do mesmo nome de

Byzacio, cujo empraçamento faz a Geografia Arabe reconhecer em Beghni. Correndo as Cidades maritimas desde a Syrte, que primeiro se apresenta na ordem, que nos propomos de levar, Macomades, com o sobrenome de *minores* para distinguir-se do lugar do mesmo nome, que ha sobre a grande Syrte, he o que hoje se chama el-Mahrés. Thenæ conserva o nome de Tainch, e Sfakes, que he actualmente a mais frequentada escalla desta Costa; parece substituir Taphrum. Este nome, que parece derivado do termo Grego Taphros, designando huma cova, ou fosso, talvez aluda ao que Scipião fez abrir para demarcar o paiz concedido aos Reis de Numidia, até Thenæ, cuja posição se notará ser immediatamente visinha a Taphrura. Mais para além, Cercina, que estreito canal entremeia de hum Ilheo, conserva o seu nome no de Kerkeni. Posto que só no Reinado de Justiniano se faça menção de Caprituada, não póde haver dúvida em dizer, que a ponta denominada Capudia no-lo indica. Hum pouco distante do mar, o Engal chamado El-Jem corresponde a posição de Thysdrus. Huma peninsula, em que hum Principe, que blasonava de vir de Mahomet por Fatima construio no seculo X. huma praça com o nome de Mahdia, a que os Francos chamão Africa, parece ser o sitio de Turris Annibalis, donde este famoso Carthaginez, sempre temido dos Romanos, partio, deixando a Africa, para accolher-se na Asia. Nesta parte da Africa pelos Arabes conquistada desde o primeiro seculo do Mafomismo a posição do Kaiwan desviada do mar, e que Ocba, que fez esta conquista, escolheo para residencia dos Governadores debaixo da authoridade dos Califas se conjectura ser o Vicus Augusti da antiguidade.

Continuando a seguir a Costa, Tapsus, que huma grande victoria, ganhada por Cezar tornou memoravel, deixa perceber seu nome em hum lugar chamado Demsas, o mesmo se diz do nome Lemta a respeito de Laptis, que apezar da distinção de *minor*, em relação a Tripolina, não era de pouca monta. Hadrumetura, cujo nome tambem se escreve sem aspiração, occupa hum dos primeiros lugares entre as Cidades de Pysacena, ignoramos seu actual estado, mas hum lugar visinho mencionado posteriormente com o nome de Cabas Susis existe com o nome de Susa. Conhece-se bem Horrea Cælia na denominação vulgar de Erklia.

Segue-se o paiz do Zaugitan, sem que se saiba que com este nome correspondeo pela parte terreste, e maritima ao Departamento que depois se chamou Proconsularis. Fica depois hum lugar, que com o nome de Grasse, ou Jerardi foi no tempo dos Vandalos hum palacio circumdado de deliciosos jardins. He sabido, que obrigados os Vandalos a ceder toda a Hespanha aos Wisigodos, invadírão a Africa, até ao tempo de Justiniano, que a conquistou. Sobre a costa, Hammamet indica por este nome as Aquæ Calidæ deste cantão. Conhece-se huma Noapolis em Nabel, Curubis em Gurbes, Clypea em Aklibia, cuja posição he immediatamente seguida do Hermæum Promontorium. No fundo do Golfão, que este Promontorio lemita por hum lado, huma lagôa, de apertado emboque, e chamado pelos Turcos Goleta, penetra até Tunes, ou Tenatum, que, arruinada Carthago, ficou a Cidade dominante. Huma ponta, que alongando-se da Goleta, em meia lua se curva, que se chama Cabo de Carthago, pertence a huma Peninsula, que era o assento desta famosa Cidade, mas que ora he huma terra quasi isolada, porque o mar, recuando descobrio huma grande clareira, entre a ponte de que fallamos, e Porto Farina, junto a hum Promontorio, que fecha o lado do Golfo opposto ao precedente. Segue-se hum Isthmo de 25 estadios, ou tres milhas de largura, que unia a Peninsula ao Continente, e o que sobre o lugar que ainda se chama El-Marza, isto he o Porto dista da Praia actual. O circuito de 360 estadios dado a esta Peninsula, pareceria convir em medida de estario mais curto a 24 milhas, que são dadas a hum vasto circuito, que fexava a Cidade, e os Portos. Tinha sobre huma eminencia huma Cidadela chamada Byrsa; e hum porto interior escavado a braço humano, como o nome de Cothon parece designar. Fundada pelos Tyrios, o nome de Cartheda, que elles lhe derão significava em Phenicio, Cidade Nova. Este nome nos Escriptores Gregos não he como nos latinos Carthago, mas Charchedon. Foi destruida por Scipião o Moço em 146, restaurado por Augusto e arrazado pelos Arabes no 7.° seculo.

Deitando para Utica, depara-se o Bragadas, que outro tempo correo mais perto de Carthago; pois tendo mudado de curso para passar sub a antiga posição de Utica, era della separado pelo assento de hum campo, que a vantagem de sua situação fizera

escolher pelo primeiro Scipião, e que citado na Historia com o nome de Castra Cornelia. Utica, que nos Escriptores Gregos se lê Ithyca, Colonia Tyria como Carthago, foi a Cidade principal daquelle Paiz, que mediou entre a destruição de Carthago, e a morte de Catão, faz-se menção do lugar della com o nome de Sactor na Historia da conquista deste paiz pelos Arabes. O Morgerdá se lançou em hum charco, que outrora separava de Utica, o campo de Scipião, e continúa seu curso até Porto Farina, que está coberto com huma porta, chamada algum tempo Apolinis Promontorium, hoje Ras Zabib. Sobre a Costa que olha para o Norte Hippo Zarytos tirava o sobrenome distinctivo de Hippo Regius, da situação sobre canaes, que davão entrada ao mar para hum lago navegavel de que esta Cidade he visinha, a alteração do seu nome no de Ben-zert, como se encontra na Geografia Arabe, conserva relação com denominação antiga. A ultima Praça, que temos a citar he Trabaca, de que tomou nome a pequena Ilha Tabarca. O Rubricatus de Ptolomeo, e o Tusca de Plinio, parece ser o actual Wad-el-Berber. A consideravel Cidade de Vegja, parece ser a que Salustio chama Vacca, e os mais Historiadores Vaga.

(Parte Terreste.)

Tendo assim corrido a costa, precisa continuar pelo interior. Subindo pelo Bragadas encontra-se Tuburbo no mesmo nome, e Tucaborum em Tucabes. Outra Cidade de Tuburbo, distincta pelo nome *majus*, e cuja posição se desvia muito da precedente para o Meio-dia de Tunes he actualmente chamada Tubernok. No nome de Vad-el-Bul, que hoje tem huma ribeira, que recebe o Bragadas se conhece o de Bulla, sobrenominada Regia. Pela cercania de Tagasto, Cidade Numida, e patria de Santo Agostinho, se ajuiza da posição de Medaurus, patria de Apulço. O que hoje se chama Urbs, por outro nome Kes, apezar do viajante Inglez o Doutor Shaw tomar estes dois nomes como de duas posições, he Sicca Venerea. Acha-se o nome de Tucca, com antigos vestigios no lugar chamado Tugga mas que não póde ser Tucca Terebintina segundo o Itinerario Romano. Cumpre confessar, que as posi-

ções dadas por Ptolomeo parecem tão desordenadas, que para lhe assignar sitio he preciso seguir as estradas Romanas, de que este paiz Africano abunda mais que qualquer outro nos antigos Itinerarios. A posição de Zuma, lugar memoravel pela derrota de Annibal he dada por immediata a hum lugar, collocado sobre este caminho. Admira vêr que Mufti, que por iguaes meios se colloca no centro da Provincia de Africa, seja nas noticias Ecclesiasticas huma Sé de Numidia, e não da Proconsular. Ammadera he Hedra; Sufétala, Cidade consideravel, a julgarmos por cruzi-lhas de muitos caminhos, acha-se no nome de Sbaitla, falla-se de Septimunicia, como situada ao pé de huma montanha chamada Burgaon, que parece hum seguimento do Usaletus, a que se conserva o nome de Uselet.

Mais para o Meio-dia se alonga o que nos resta a precorrer na Provincia de Africa, no que fazia parte da Bysacena; para lá chegar emporta atravessar lugares aridos, e desertos, como o testefica a historia fallando de huma marcha forçada de Mario para surprehender Capsa, que pela difficuldade de se lhe chegar contava Jugurtha como propria para deposito de thesoiros. Conhecemos a sua posição, e seu nome se pronuncia Cassa. Tambem se falla de Thala, com circunstancias, que parecerião convir a posição de Talepte relativamente á precedente, segundo o Itinerario Romano. Devemos ao viajante Inglez, de que acima fallámos, o conhecimento de huma lagôa, dividida em duas por hum vão, que representa sob nomes Africanos de Farooun, e del-Louch, as Paludes chamadas Tritonis, e Libya na antiguidade, e de que a primeira fazia dar o sobrenome de Tritonia a Minerva. O que se conhece debaixo dos nomes de Toser, e de Nefta sobre esta lagôa, nos indíca as posições de Tisures, e de Nepto. Hum posto militar sobre esta fronteira chamada Turis Tamallaris se encontra no nome de Tamallem, e a Commarca, que actualmente se chama Beled-el-Gerid, ou paiz de gafanhotos.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO II.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Dos insectos nocivos ao homem, seu veneno, e antidotos.

[Continuado do N.° 1 pag. 3.]

ARANHAS.

[ARANEA.]

Caracteres fizicos. Estes insectos, com queixos, e sem azas (*Gnathapteros*); com a cabeça reunida ao thoracete, oito pés, e nenhum no abdomen (*Arachneidas*) se destinguem dos *Escorpiões* pelo abdomen oval, oblongo, sem cauda; e pelos palpos parecidos com as pernas, mas terminando de ordinario em clavas nos machos, e contendo os orgãos sexuaes. As aranhas são muito crueis, não poupando mesmo a sua propria especie; algumas são vagabundas; porém a maior parte tecem têas de fios, que tirão de pequenos tuberculos situados debaixo do ano: humas fazem as têas verticaes, circulares, e de malha laça, situando se no centro; e apanhão sómente os pequenos mosquitos: outras as fazem de hum tecido muito apertado, em algum canto obscuro, occultando se em hum cazulo, do qual cahem sobre as moscas. Quando as aranhas encontrão resistencia na sua victima, a ligão com muitas vol-

tas de fio, que apertão á sua vontade; e, depois de chupados seus humores, abandonão seu cadaver: vivem solitarias, e até se aproximão com temor na occasião do coito, sendo algumas vezes neste mesmo tempo devorada aquella, que mais se aproxima. *Cuvier* destingue as seguintes especies:

I.ª *Aranha crucifera das armas* (*Aranea diadema*). He huma das maiores entre as, que fabricão têa circular: sua côr he ruiva, com huma fileira longitidinal de pontos brancos, e pretos, e tres transversaes no abdomen.

II.ª *Aranha das casas* (*Aranea domestica*). He a mais commum das, que fazem têas horizontaes: seu abdomen he oval, com cinco malhas anegradas, e as pernas annelladas de preto, e pardo.

III.ª *Aranha portasaco* (*Aranea saccata*). He vagabunda, caminha pelo chão dos jardins, e faz-se notavel por hum saco de sêda esbranquiçado, que tem prezo debaixo do abdomen, no qual traz os seus ovos, e que deffende com grande valor, diligenciando recupera-lo, e prende-lo outra vez quando se lhe arranca.

IV.ª *Aranha avicular* (*Aranha avicularea*). Acha-se na America, e he a maior especie conhecida, havendo-as da grossura de hum punho: persegue os passarinhos, mata os *Pica-flores*, e chupa seus ovos: a sua côr he de hum pardo uniforme anegrado; e tem huma cavidade transversal no thoracete.

V. *Tarantula* (*Arena tarantula*). Acha-se no meiodia da Europa, e mette-se nos buracos, que ella mesma cava em terrenos argillosos: tem malhas triangulares negras sobre o thorax, e o abdomen, e as pernas raiadas de negro.

Acção venenosa sobre a economia animal. Muitas pessoas tem grande medo das aranhas, e com tudo nada he mais incerto do que as qualidades venenosas, que se lhes attribuem. Se dermos crédito aos escriptos de *Turner*, *Lister*, *Scaliger*, *Flacourt*, *Brogiani*, e outros, as aranhas devêrão ser classificadas entre os animaes mais venenosos; ao mesmo tempo que *Hoffmann*, *Bon*, *Robert*, *Boyle*, etc, querem que nada tenhão de nocivas, e que até se possão engolir impunemente. Com effeito, hum sabio, muito conhecido em París, engolia sem repugnancia as aranhas; ao que, dizia, ter-se acostumado para desassombrar sua sobrinha, á qual inspiravão gran-

de susto. *Redi* havia sido testemunha do mesmo facto. M. *Bon*, que particularmente se occupou das aranhas com o intuito de tirar partido das suas têas, como das do *bixo da sêda*, foi muitas vezes picado por ellas, sem que lhe resultasse o menor damno.

Amoreux certifica que a picada destes insectos he apenas aparente; que a introducção do veneno se manifesta só por huma inchação de côr livida, algumas vezes com phlictenas, que parece annunciarem hum veneno septico; e julga que os outros simptomas graves descriptos pelos authores, são infinitamente exagerados.

A *Tarantula* tem sido objecto de inumeraveis narrações fabulosas, filhas da ignorancia, e superstição. Com tudo, authores estimaveis, entre os quaes citaremos *Baglivi*, escrevêrão por extenso sobre os effeitos, que ella produz. Acha-se em alguns que a picada da Tarantula póde produzir huma febre lenta, que só he possivel remover dançando além das forças, ao som de timbales, ou de outros instrumentos sonoros; pelo que se observárão muitos desgraçados, com atavios de flores, e fitas, como as victimas, que vão ao sacrificio, correndo as Praças públicas no maior calor do dia, dançando com a cabeça descoberta, e o rosto voltado para o sol, até que a perda total de forças os constituia em hum lethargo profundo; então serem conduzidos pelos parentes em hum pobre leito, e a musica continuar ainda por longo tempo depois que delles tem cessado de a ouvir! Outros authores pertendem ter observado todos os simptomas da febre ataxica desenvolverem-se depois da picada deste insecto.

Serrão, primeiro Medico do Rei de Napoles, desenganou o público longo tempo illudido pelo maravilhoso destes prestigios. Hum se deixou morder pela Tarantula, em presença do Conde de *Borch*, sem que resultassem outras consequencias mais do que hum pequeno entumecimento na mão, e dedos, e hum prurido assás forte. (*Amoreux.*) M. *Pulli* observa que o tarantismo he pela maior parte huma enfermidade simulada: tal he o facto de huma mulher fanatisada por certo supersticioso, e que só pôde ser curada por força de ameaços e castigos. (*Alibert*, *Ellem de therapeut.*, tom. II, pag. 506, ed. 3.ª). Ferdinand confessava em 1621, que por espaço de vinte annos, que exercêra a Medicina em Napoles,

não víra morrer hum só individuo da picada da Tarantula; porém sustentava que o tarantismo não era huma doença fingida.

A mais sabia opinião he que a picada da Tarantula não produz phenomeno algum extraordinario, e que seus effeitos são simplesmente locaes. Porém he para desejar que se emprehenda sobre este assumpto huma serie de experiencias, e observações mais seguidas.

Analyse chymica. Hum denso véo ainda encobre a analyse sobre o veneno destes insectos. Conhecem-se as propriedades maravilhosas, tanto internas, como externas, que se attribuem ás *têas de aranha*, e *Cachet* se occupou da sua analyse. *Oitavas* 7, e *grãos* 13 destas têas fornecerão: sal amoniaco; partes soluveis na agua *oitavas* 2, *e grãos* 36; materia resinosa *grãos* 3; substancia doce, amarga, deliquescente, soluvel em agua, e alcool; extracto de gosto mui picante *grãos* 63; carbonato, e muriato de soda; hum pouco de ferro; silice; alumina; sulphato de cal; materia insoluvel *oitavas* 3, *e grãos* 30. (*Jornn. de Lamethrie*, *tom.* 58, *pag.* 465. *Berlin. der pharm.*, 1805, *tom.* 3, *pag.* 165. *Alm. berlinois de pharm.*)

Antidoctos, e soccorros. Nos casos de invenenamento pela picada das aranhas, deve lavar-se a parte ferida com *salmoura*, ou com huma dissolução de sal marino em agua. Topicamente se applicará a *theriaga*, prescrevendo mesmo o uso interno de huma, ou duas doses desta preparação: as lavagens com *vinagre* pódem ser muito salutiferas.

Para combater os effeitos da picada da *Tarantula*, empregão-se os meios locaes proprios a accalmar a inflammação, e a intumescencia. Sabe-se quanto a melodia suave da musica, e os cadenciados movimentos da dança, tem sido louvados para curar o *tarantismo*: até se compozerão árias, que se denominárão *tarentolate*, as quaes erão cantadas aos individuos picados por este insecto. Longe o pensamento de negar á musica huma grande influencia sobre as funções vitaes, e sobre o restabelecimento da saude de certos enfermos; porém julgamos que, no caso, de que se trata,

ella só póde ser de utilidade real aos que se acharem absorvidos em profunda melancolia. (*Orfila*). A musica, e a dança são bem capazes de commover o enfermo: he necessario fazer-lhe escutar sons, que o accalmem, que o agitem, que o encantem; e como tudo degenera em abuso, hum tratamento agradavel foi transformado em espectaculo. Figurem-se homens, e mulheres, de cérebros affectados, que de concerto com histriões pagos, representão farças lacrimosas, dignas dos espectadores, e dos actores. Suspiros, lagrimas, risadas, agonias, e agitações, que chegão a equilibrar com o que ha mais ridiculo: eis-aqui o pertendido tarantismo. (*Amoreux na citada Obra*, pag. 220.)

Differença das côres, e configuração nos homens.

Na *especie unica* dos Homens dão-se tão notaveis differenças de côr, talhe, feições, costumes, e gostos, que alguns Naturalistas, nimiamente precipitados em seus Juizos, chegárão a affirmar que ella se dividia em muitos generos de diversa origem.

He bastantemente conhecida a *Raça Branca*. Hum talhe muito esbelto, e melhor proporcionado, feições mais regulares, huma epiderma mais, ou menos matizada de vermelho, e de branco, a distinguem do resto da especie humana. Desta Raça, he que se dirivão as outras, que não são mais do que a alteração della. Occupa toda a Europa, e aquella parte da Asia, que se extrema com o mar Negro, e o mar Caspio, entre a parte Occidental do mar Glacial, e o Golfo Persico. As Armas, as Sciencias, as Artes, e o Commercio lhe tem sugeitado huma grande porção da Africa, da India, e quasi toda a America. Esta he de certo a mais antiga, mais espalhada, e melhor organizada parte do genero humano. Della tem successivamente nascido as artes uteis, e agradaveis, e todos os talentos, que exigem genio, e gosto.

He igualmente conhecida *Raça dos Negros*. Ventas largas, e chatas, lábios grossos, huma carapinha lanosa, em lugar de cabellos parecem destingui-la do resto dos Homens tanto, como a côr do Ebano.

A Patria primitiva dos *Negros Simios*, ou Negros de cabello revolto, e nariz chato está toda debaixo da Zona Torrida, e no nosso Continente. Quantos se encontrão na Europa, na America, e nas Zonas temperadas da Asia, são originarios daquella abrazadora parte da Africa, e da Asia. Esta raça fórma a vigesima parte do genero humano.

Ha tambem algumas Nações de raça negra na Asia, e na Zona Torrida, são porém pouco numerosas, e pouco multiplicadas: e os Mouros, de que abaixo fallaremos, fórmão alli a maior parte dos habitantes Indigenas. A America não tem povo Indigena, que seja de raça preta. Todos os negros que lá se depárão desde o Equador até ás Provincias, que se habitão de Esquimáos, e Patagões, forão originariamente para lá transplantados do antigo Continente.

A *Raça Tartara* tem notavel differença das duas, de que temos fallado. Côr azeitonada, feições grosseiras, mais pequenos, e menos abertos olhos, nariz amacacado, e esborrachado, cara redonda, e estatura mediana parecem especialmente caracteriza-los. Desde a parte Meridional do Mogol, e da China até ao Mar Glacial, des do Oby, e o Mar Caspio até ao Japão, e ás extremidades dos Kamschaka, parece a maior parte dos Homens ser de *Raça Tartara*, e he igualmente a esta raça de Homens, á parte que a America parece dever todos, ou quasi todos os Indigenas, que alli se achárão no seculo de Christovão Colombo.

Os Mouros parecem-se com os Negros na côr, que he preta, bem que sejão de hum negro menos tapado, que os verdadeiros pretos. Differenção-se delles por cabello corredío, e fluctuante, talhe mais esbelto, e mais bem proporcionado, e feições menos deformes. Hum Mouro he hum Negro incompleto: Hum Negro he hum Mouro mais escuro. O habitante de Guiné, e da Ethiopia he Negro, o da Barbaria he Mouro sómente.

A Patria primitiva dos Mouros he toda na Africa, na Asia, na Zona Torrida, ou nas Cercanias della. Os que apparecem em outros Paizes, tanto do antigo, como do novo Continente parecem todos oriundos daquella parte da Africa, e da Asia.

Ha na America algumas Povoações Indigenas, cuja côr dá ares da dos Negros, e dos Mouros; porém esta côr he artificial, e não natural. He mui geral entre os selvagens do novo mundo a

extravagancia de pintar-se artificialmente a pelle, e os que de negro a pintão, Negros, ou Mouros á primeira vista parecem; mas não ha hum só Americano Indigena, que seja preto de sua natureza; e póde olhar-se como hum facto certo serem as pequenas Nações, que na America tem naturalmente esta côr, de origem Africana, ou Asiatica.

Os Americanos Indigenas desde o fundo da Groenlandia até á raia extrema do Paiz dos Patagões são todos naturalmente de huma côr bronzeada. São tambem notaveis por faltarem a alguns as sobrancelhas, e a barba a todos. » Os Tartaros, e os Chinas tem » quasi o mesmo caracter (diz o Author das investigações filosoficas sobre os Americanos) com a differença porém de que aos trinta » annos lhe crescer no lábio superior hum bigode em fórma de pincel, » e alguns esporões de cabello na extremidade inferior do queixo, » coisa, que não acontece aos Americanos, que são absolutamen- » te inberbes, sem cabello no corpo a fóra o da cabeça. »

A America comtemplada nos seus habitantes Indigenas, isto he, naquelles, que descendem sem bastardía dos Povos, que a habitavão em 1492, época fatal do seu descobrimento, não presenta mais do que huma especie de homens, que são todos mais, ou menos trigueiros, ou brozi-côres, e que naturalmente são todos, ou quasi todos de extracção Tartara. » Temos para nós (diz Mr. de » Buffon) que a razão de tal uniformidade nos homens da Ame- » rica provêm de viverem todos do mesmo modo. Todos os Ame- » ricanos erão, ou são ainda, selvagens: os Mexicanos, e os Pe- » ruvianos erão de tão fresco civilizados, que não podem fazer » excepção: qualquer que seja a origem destas Nações selvagens, ella » parece ser commum a todos. Todos os Americanos sahem de » huma mesma fonte, e tem até agora, sem maior variação, con- » servado o caracter de sua raça, pois tem remanescido todos » selvagens, e tem vivido pelo mesmo theor. Seu clima não he » (com pouca differença) tão desigual para o frio, e para a calma » como a do antigo Continente, e estando de pouco estabeleci- » dos em seu paiz, não tiverão as causas, que produzem varieda- » des, sufficiente tempo para operar effeitos mui notaves. »

Os Laponios, e os Esquimáos são os Anões da especie humana, sua estatura não excede de ordinario quatro pés, e meio.

Os Laponios incolizão a parte mais semptemtrional da Europa entre o circulo Polar, e o mar Glacial, e, a fóra a pequenhez de seu talhe em nada differem dos demais Europeos. Costumes brandos, e virtuosos, genio serviçal, alma tranquilla, e limpa de ambição, extremo afferro á patria, d'onde ninguem os arranca sem lhe arrancar a vida, fórmão o fundo de seu caracter nacional.

Os Esquimáos habitão a costa oriental da America desde a terra do Lavrador entre a Bahia de Hudson, e a Ilha da Terra Nova para 52 gráos de latitude. Todos os Povos, que divagão por esta immensidão de paiz são Anões, e inberbes, vivem como selvagens, sustentão-se da caça, e pesca, tem quasi o mesmo talhe, feições, costumes, e fallão a mesma lingua. Hum Dinamarquez que tinha aprendido afundo o Groenlandio; encontrou huma Tribu de duzentos Esquimáos, fallou-lhe Groenlandez, e elles lhe respondêrão na mesma lingua, que he o idioma nacional do seu paiz, mas que não tem afinidade, ou analogia com o Tinnoez, com o Laponio, com o Dialecto de Islandia, da Noruega, ou da Samoyedia. *Continuar-se-ha.*

ARTIGO II.

POEZIA.

A Carlos de Saboia, Duque de Nemours

ODE.

Qual por fragosa senda
Se em Abril desce insolita torrente,
Que levar póde no impeto primeiro
As ledas sementeiras
Com medonho fragor ecco-bramindo;
Aos Ceos o Agricultor se volta, e geme,

Depois em fundo valle
Chama, com ferro, exercitos campestres
Com quem rusticas máchinas arrastra,
Contra a terrivel cheia;
E de immenso terreno hum freio aprompta
Que ao feroz inimigo o curso embargue.

Mas, apenas em frente
Marachoes deparou, dobra os furores,
Dobra as espumas, o implacavel rio
Indomito, estrondoso;
Despeitos lhe ergue o obstaculo; embravece,
E quanto encontra, de impeto, derruba!

Então como d'entorno
De oppressos campos vencedor se espraia!....
Como a anciada messe, e os sulcos leva
Nos pavorosos cornos!....
Como faz abalar remotas selvas,
A Féra, o Caçador, Pastor, e Armento!....

Tal decorria irado
Invencivel Mancebo á Gallia ha pouco,
Quando, entre as armas, d'alto sangue afflicto
A' vingança voava,
E, excelso General de santa guerra,
Pizou da tyrannia os rotos laços.

Vão pois meus novos versos
Seu glorioso nome armar com azas,
Porque possa sublime erguer-se aonde
Aguia a custo se eleva;
E s'inda ha hi quem d'honra se enamore,
Meus Canticos escute, e n'alma os feche.

Ave tímida foge
Se das guias as pontas mal lhe toca
Cruento Caçador; mas, se o vulnérão,
Pugna o Leão raivoso,
E por vingar seu fado esgrime as garras,
Daqui tiraste inclito exemplo, oh Carlos!...

Assim já, fulminando,
Sobre os Alpes prostrou Plebe guerreira;
Sobre o Normando Océano deu morte
A tumida, briosa,
Regia Milicia, quando, envolto em sangue,
Contra os bronzeos trovões, troava iroso.

Oh! do Empyrio descenda
Anjo de Deos, que lhe dirija os passos,
E do choro Phebeo luz fulgurante
Em minhas mãos lampeje,
Com que possa romper a nevoa impura,
Que no Mundo escurece os claros nomes!

De Gabriel Chiabrera,
e traduzida por
J. M.ª da Costa e Silva.

ODE ANACREONTICA.

Notava Lydia attenta
Flores, que lhe offerece
O seu jardim herdado,
Cujos pés humedece
Com crystal des-lisado
Huma fonte sedenta.
Amor, que só intenta
Mover-lhe alguns pezares,
Proximos alveares,
Principios deste damno,
Com ligeiros talares
Procura, e furta os meis.
As abelhas crueis,
Movidas deste ingano,
Para tirar vingança
Sem fazer mais tardança,
Com pontas de diamantes
Se aprestão sussurrantes.
Mas, vendo-se frustradas,
Humas dão volta logo,
Para as doces moradas;
Outras, com vago jogo,
Soborear licores
Vão das nectareas flores,
E espalhão-se adejando.
Daquelle iniquo bando
Huma, que he mais travessa,
Corre a Lydia formosa,
Presume-a linda roza,
E a boca lhe atravessa.

De D. Estevão Villegas, e traduzida segundo o gosto de metro, e rima do Author

Por J. M.ª da Costa e Silva.

ARTIGO III.

HISTORIA.

Morte de Wenceslau, Duque de Bohemia.

Pelo meiado do seculo nono governava Wenceslau a Bohemia com o titulo de Duque; entregava-se aos exercicios de piedade, com hum zelo, que se admiraria em hum particular, mas que não póde deixar de reprehender-se em hum Monarcha, a quem o Ente Supremo confia o governo de hum Estado, para incessantemente olhar por seu benesse, e conservação. Wenceslau passava a vida nas Igrejas, e nos Hospitaes, aonde aos doentes aquelles officios fazia, a que dão obra os infimos criados. Drahomita sua mãi concebeo contra elle hum odio implacavel. Esta mulher era idolatra, e tendo figadal aversão aos Christãos, deixára a Côrte em companhia de seu segundo filho Boleslau, que era tão afferrado como ella ao paganismo. Wenceslau era de hum caracter demasiadamente pacífico para que se resolvesse á odiosa medida de abrir perseguição contra os Ethnicos, contentando-se com exhorta-los a deixar hum culto tão opposto á boa razão, para abraçar outro, cuja moral he pura, e verdadeiramente divina. Seu exemplo, e admoestações, juntas com o ardente zelo, e predicas dos Sacerdotes de dia para dia fazião crescer o número dos Christãos, em seus Estados. Vendo sua mãi, que elle aniquillava huma Religião, que ella promovia, tomou a resolução de sacrificar seu filho aos Idolos; e excitou Boleslau a mata-lo, assegurando-o, de que a Soberania sería o premio do seu crime. Boleslau em lugar de sentir todo o horror, que devia inspirar-lhe semelhante conselho dado por huma mãi, prometteo executa-lo, e voltou á Côrte com o abominando intuito de matar seu irmão, e Soberano. O temor, que todos tinhão de perder hum tão bom Principe obrigou a muitos dos seus sequazes a descobrir-lhe a traição de Boleslau. Outro qualquer homem teria sentenciado á morte o assassino; porém Wenceslau se contentou de reprehende-lo, e dizer-lhe que se elle fosse Christão não teria tão abominaveis projectos. Ficando Boleslau em liberdade, não servio tamanha brandura senão de lhe augmentar a auda-

cia, e empedreni-lo mais na resolução do fratricidio. Sabendo que seu Irmão ao romper d'alva tinha hido a huma Igreja, congregou muitos malvados, e o esperou em hum passo estreito, por onde devia passar, e tanto que o vîo se lançou a elle com a espada nua. Ora Wenceslau era dextro, e vigoroso; fez pé a traz, tirou a espada, parou os golpes do Irmão, e o lançou por terra desarmado. Veio então a piedade pôr embargos á sua cólera, reprehendeo o Irmão novamente, e disse: »Abel não deve matar a Cain» então o ajudou a levantar, e lhe restituio a espada. Que não devia elle esperar do Irmão depois de tanta generosidade?..... Porém Boleslau era huma alma corrompida, e a brandura, e generosidade de Wenceslau ainda o enviperavão mais. Certa noite, em que este Monarcha estava na Igreja, entrou nella a furto, e o apunhalou. Boleslau era hum monstro, que Wenceslau deveria ter suffocado.

ARTIGO IV.

GEOGRAFIA.

Descripção da Lybia.

A toda a Africa o nome de Lybia, entre os Gregos se applica; mas tomando-o em sentido mais restricto, e na accepção que lhe damos aqui, designa aquelle territorio, que pega com o Egypto pelo Occidente, destendendo-se até hum golfão do Mediterraneo, a que dão o nome da grande Syrte. Esta região foi possuida pelos Ptolomeos, ou por algum Principe desta familia; e, manente o Imperio do Oriente, foi tombada ao governo do Egypto. Duas Provincias se destinguem na Lybia, huma Marmarica, e outra Cyrenaica, chamadas; aquella lemistrophe do Egypto, e esta para a Syria inclinada. A Nação dos Marmaridas tinha dado o nome á Marmarica; e falla-se da dos Adyrmachidas, como vezinha do Egypto. Indo costa abaixo da Lybia, não se encontra lugar de conta até Peretonio. Os Ptolomeos olhavão esta Praça como hum antemural de suas fronteiras, e al-Baretoun, segundo hoje se pronuncia este nome, he contado pelo Grão Senhor, como dependencia de seus dominios Egypcios. Segue-se immediata-

mente Apis, que tambem era lugar Egypcio pelo culto. Toda esta parte compõe em Ptolomeo huma Prefeitura, chamada *Lybica*. Póde suppôr-se que Marcotis, mettida pela terra dentro, he a povoação, que na Geografia moderna se appelida Si-wah. Ammon, ou Hammon, que era o Jupiter do Egypto, representado com huma cabeça de carneiro, como em Thebas, tinha seu templo em hum Cantão mais remoto, circumdado dos Areaes de Lybia. Este lugar he descripto, pelos Escriptores de antiguidade, como contendo differentes departamentos, e tendo os Ammonianos tido Reis, como consta de Herodoto, sua habitação compunha hum destes departamentos. O que segundo a Geografia actual se denomina Santrieth, parece occupar esta posição. Tornando porém á beira-mar achámos hum lugar chamado Catabathmus magnus, ou a grande descida, e agora em lingua Arabe Akabet-assolom, que he notavel, porque em alguns Authores antigos faz a divisão da Asia, e da Africa. Toma-se tambem este lugar pelo limite da Marmarica, dando á Cyrenaica, o que immediatamente se segue confórme a extenção, que os Principes, que reinárão em Cyrene podião dar aos seus dominios. Cinco Cidades principaes fazião distinguir a Cyrenaica com o titulo de Pentapolis. Seguindo Ptolomeo he Darnis a primeira Cidade notavel na Cyrenaica, e tem ora o nome de Derne. Lacedemonios, emigrados de Thera, Ilha do Mar Egeo, fundárão Cyrene. Apion, ultimo Ptolomeo, que alli reinou, deixou por herdeiros de seu Reino os Romanos, que da Cyrenaica, e de Creta huma Provincia formárão. A Cidade estava vantajosamente sentada, e, bem que delle distante, era do mar descoberta. Apollonia era o seu porto, que por hoje se chamar Marza-Susa, ou Susush, se vê ser o mesmo que a Susuza dos tempos posteriores, existem alguns restos de Cyrene, e se lhes dá o nome de Curin.

A ponta do continente da Lybia, que entra mais pelo mar, chamou-se outro tempo Phyco Promontorio, e agora se chama Ras-al-Sem, e pelos maritimos cabo Rasat. Ptolomaida, que muitas vezes se confunde com Barce, guarda o seu nome no de Tolometa; e he bem conhecido o de Barca. Teuchira, que no reinado dos Principes Egypcios se chamou Arsinoe, ainda faz conhecer o seu nome no de Teukeia. Segue-se Alriane, que corresponde ao que ho-

je se chama Benegasi. Berenice se faz conhecer em Bernic; não falta porém quem diga, que Benegasi, e Bernic são a mesma Cidade com diverso nome, foi tambem designada pelo nome de Hesperis, e nella a antiguidade colloca o jardim das Hesperides. O fundo da grande Syrte acaba de determinar esta região. No interior algumas porções de terreno, que como Ammon, e os Oases do Egypto tem no meio de hum paiz arido, e arenoso aguas, e pomares de palmeiras, ou tamareiras, não são desabitadas, assim como Angila, que o mesmo nome conserva. Devemos de muitas obscuras Nações da Lybia exceptuar os Nasamoes, que visinhando com a Syria, erão infames pela piratagem, que exercião nas embarcações, que fazendo naufragio, davão á costa em suas praias, tambem delles contão que tinhão quasi extreminado os Psylos, celebres na antiguidade pela opinião de dominar as serpentes, e de curar suas mordeduras chupando as chagas.

A' Getulia, immediata Lemistrophe da Numidia, e das Mauritanias succede hum vasto espaço, despido de particulares circunstancias locaes, e que na Carta se chama *Deserta interioris Lybiæ*, e vem a ser o grande deserto, que os Arabes, que o dividem em varios Departamentos, chamão Sahra. Os Getulios Negros, Melano-Getuli a occupão na antiguidade, e confina com o que se chama Negricia, que tira este nome, não da raça negra, em geral, mas do rio, que atravessa esta porção da Africa. Os antigos conhecem este rio pelo nome de Niger; e contra a opinião, que delle commumente havia, seu curso dirigido de Poente a Nascente, parecia indicado deste modo em Herodoto, aonde se lê que Nasamões enviados por hum Rei dos Amonianos a descobrir a fonte do Nilo, tinhão em seu caminho achado entre o Oriente, e o Occidente hum grande rio correndo assim para o Oriente. A Geografia Arabe indica alguns lagos, chamados mares doces, aonde parece que o Niger o que resta de suas aguas em sua oriental extremidade derrama. Quanto a huma Cidade principal, que Ptolomeo chama Nigira; merece a preferencia aquella onde residírão os Fatimidas, que desde os primeiros tempos do Mahometismo formárão hum Reino neste certão da Africa, e cujo nome he Ghana, Tombut, ou Tomboucton, de que he certo que se falla agora mais, mas cuja fundação por hum Principe sahido da

Barbaria he posterior, e não passa além do começo do seculo 12. O nome do rio faz apellidar *Negritas* os povos, que habitão as suas margens, e toda a região Negricia. Na parte menos recuada, e maritima se falla dos Autololes, como de huma grande Nação, por quem era inquietada a fronteira Romana da Tingitania. Os Getulios, distinguidos pelo nome de Daras, deixárão seu nome ao Darah separado de Marrocos por hum braço do monte Atlas. Quando aos Pharasios, e Perosios, só delles podemos citar os nomes, e ha mesmo diversidade de opiniões, sobre o sitio, que elles occupavão. Depois de Sala, apresenta Ptolomeo na margem do Occeano hum grande detalhe, que he tão difficil, como inutil de referir ao local. O que elle successivamente indica sob o nome de *Atlas Minor*, e de *Atlas Maior* parece dever applicar-se a Promontorios; o primeiro só póde comvir ao Cabo Cantin, em cuja altura elle com pouca differença o fixa, o que he tanto mais digno de observar-se que na latitude do *Fretum*, ou do estreito por 36 gráos está Ptolomeo pecisamente em conveniente posição. O *Atlas Maior* de Ptolomeo a 26 gráos e meio de latitude toma a altura do Cabo Bojador, pelo mesmo ponto de conveniencia, que o *Atlas Minor*.

No entrevallo dos dois Promontorios, hum posto chamado Rusupis póde convir á Azafi, e Mysocoras, e depois Mesgador; e outro lugar notavel sobre esta Costa, e que os Portuguezes chamárão Santa Cruz, dominado por hum Castello chamado Tamara, será Tamusiga. O Cabo de Ger, que cobre huma grande ansa, em cujo fundo está Santa Cruz, póde corresponder ao Promontorio de Hercules, a quem se attribuio huma expedição por esta parte da Africa. As Ilhas affortunadas, que Ptolomeo põe sobre a mesma linha meridional, e em latitude muito meridional estão pelo contrario mais elevadas em altura, que o Atlas. Canaria deu em geral nome a estas Ilhas. Neves, que sempre cobrem o pico de Tenerif derão a esta Ilha em particular o nome de Nivalia, e o conto de huma arvore, que destilava das ramas agua, como chuva, talvez baptizasse a Ilha do Ferro em Latim com o apellido de Pluvialia, e com o de Ombrios em Grego. Os nomes de Capraria, e Junonia designão Gomera, e Palma. He patente a consideração, que os Geographos dão a Canarias, começando por ellas a contar a longitude.

Além do Bojador, nada he mais notavel que a foz de hum ribeirão, que os Portuguezes chamão Rio do oiro, que póde julgar-se o Solathi de Ptolomeo. Devemos tambem notar o Dourado, rio, que Ptolomeo tira de huma montanha chamada Caphas, e alguma noção do nome de Caffaba para o alto do Senegal, que nada, como já se crêo, tem com o Niger. Cabo Verde, que se segue he sem dúvida o Arsinario; e achando em Ptolomeo huma ponta de terra adjacente distincta pelo nome de Ryssadio não poderemos deixar de notar a sua conformidade com Almadia, ao meridio do Cabo. O Stachir he a Ribeira de Gambeia: o Hesperou-ceras he o Cabo que alem fica desta Ribeira, e do qual a Costa que até alli, tendendo para o meiodia, olha para o Occidente, olha de repente para o Oriente, como os actuaes conhecimentos positivamente mostrão. Não podemos levar mais longe as noções da antiga Geografia na Costa da Africa em razão da falta de concordancia de Authores. Póde dizer-se summariamente que se falla d'hum seio Hisperico, ou golfo Occidental, das Ilhas Gorgadas, de huma montanha chamada Theon-ochema, ou Carro dos Deoses; e finalmente de Noti-cornu, o Promontorio mais remoto, aonde se diz que a frota de Hannon renavegára para Carthago. Mas para dar alguma attenção ás circunstancias locaes acima memoradas, quando se lanção os olhos sobre esta situação hoje bem conhecida, e cuja disposição não admitte dúvida, nota-se na ponta Occidental hum Curvatura na praia que contém hum grande número de Ilhas. A unica montanha, que tirando para avante se descobre he Serra-Leoa, a que succede huma ponta de terra prolongada, que chamão Santa Anna, separada do Continente por hum estreito canal, mas de hum feitio que ainda ha bem pouco illudio os primeiros Navegadores Modernos. Em consequencia de huma indispensavel sugeição ao que assim dá a Geografia positiva, he que julgamos dever collocar na Carta do Mundo conhecido dos antigos os objectos, de que fallamos, e os mais remotos da antiga Geografia nestas paragens. Quanto aos Ethiopes Hisperios, ou Occidentaes, cumpre notar, que possuindo as raças Mouriscas quanto comprehende o Deserto até ao Senegal, nas margens deste rio he que propriamente começa a população de sangue negro, que bem se conhece quanto de outro povo Africano difere.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO III.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Differença das côres, e configuração nos homens.

[Continuado do N.° 2 pag. 25.]

Todos os Pigmeos do Norte da America tem os pés muito pequenos, a cabeça enormemente grossa, o rosto chato, a boca redonda,, o nariz pequeno, sem ser esborrachado, a alva do olho amarellada, o Iris negro, e pouco brilhante, o queixo inferior alongado, e saliente além do superior, a côr bronzeada, ou azeitonada. La Peyrere affirma que ha alguns tão negros como os Pretos do Senegal; Davis, Forbisher, Ellis, Egede, e Creas, que mais por tal Paiz se entranhárão, não dão noticias de tal.

Os Patagões morão na parte mais Austral da America, quasi desde o grão 47 de longitude, até ao Estreito de Magalhães, e Terra do Fogo. São selvagens, sem pêlo, nem barba, e seu talhe quasi iguala o dos Europeos. Ha entre elles algumas Tribus, ou Familias de estatura gigantesca, á qual os Viajantes, que quasi sempre exaggerão, dão até doze pés de altura.

He para admirar que na Europa se falle ha mais de duzentos annos em Gigantes Patagões parecendo ainda duvidosa a sua existencia. As Tabas, ou Familias Gigantescas, de que fallamos, forão vistas no paiz dos Patagões pelo Italiano Picafetta em

1519; pelo Hespanhol Sarmiento em 1572; pelo Inglez Knivet em 1592; pelo Inglez Ricardo Hankins em 1593; pelo Comodoro Biron em 1764. Grande número de outros Viajantes perlustrárão a Terra dos Patagões, e nunca lá vírão Gigantes. Ora parece que daqui resultão duas coisas. Primeira que o Paiz dos Patagões não he geralmente Giganti-fero, como tantas vezes se tem dito, e typographiado. Segunda que realmente ha algumas familias de gigantesca estatura em as terras pelos Patagões habitadas, mas que são muito raras, pois se alguns Viajantes as tem visto, outros, depois de muitas indagações, não poderão dar com elles.

Os Pretos-Brancos, que se encontrão em pequeno número na Africa, na Asia, e na America, não produzem na generalidade dos homens nem huma Espece, nem huma Raça, nem huma Nação, nem huma variedade; porque são meramente individuos de Raça Moura, ou Negra, cuja constituição foi grandemente alterada; e estão para a Raça Negra na razão, em que outrora estavão para a Raça Branca na Europa, e Asia os Leprosos: isto he são Homens abastardeados, e degradados em suas faculdades naturaes. Taes são os Blafardos do Isthmo de Darien, na America, os Dondos da Africa, os Kackerlakes da Asia, tres nomes que não significão mais do que huma mesma classe de Homens, que muitas vezes se reunem debaixo do nome commum de Negros, ou de Albinos.

» Os Negros, (diz o Author das Indagações sobre os Ame-
» ricanos) são sugeitos a certas molestias, ou indisposições, que
» lhe fazem perder a côr natural; e esta metamorphose, que al-
» tera o fundo de sua constituição, e organisação, he nelles acom-
» panhada de horriveis symptomas. Seu corpo se incha; sua pel-
» le toma hum branco de panno lavado; seu Iris se torna nebulo-
» so, e todos os objectos lhe parecem descoloridos como a aquel-
» les, que na Europa padecem de Ictericia. Sua retina fraca, e
» morbifica não basta a impressão da luz; durante o dia se fecha
» de tal modo o bogalho do olho, que parece não ser aberto, e
» de noite se abre tão sobejamente, que recebem luz bastante pa-
» ra guiar-se, e ir caçar nas mais espeças florestas. » Taes são os Albinos de Africa, America, e Asia.

Conta Strahlemberg que ha na Siberia nas cercanias de Crosnoyar, junto ao lago Janescy, Homens malhados, que se

diz terem nascido de huma mais numerosa Tribu, que hoje está quasi extincta, e que se chama Tigrada, ou malhada. Os observadores modernos, como Gmelin, e o Author das Notas sobre a Historia Genealogica dos Tartaros, depois de infatigaveis pesquizas, e indagações na Syberia, concluem que nella houvera huma Tribu de semelhante nome, porém negão que os individuos de que ella se compunha, fossem todos remendados de negro, e branco, vindo por este modo todo o Phenomeno a consistir em terem havido naquella familia, e seus descendentes alguns individuos sarapintados; e indagando-se destes se tal variedade lhe provinha de nascimento, ou de molestia, respondêrão, que de huma, e outra causa.

Continuar-se-ha.

Pintura, e Esculptura.

A Pintura, e a Esculptura são duas Irmãs, que não devem separar-se; sugeitas ás mesmas regras, só diferem pelos materiaes, que empregão para conseguir o seu fim. Nada se offerece no mundo, que estas Artes não possão imitar; por ellas os mesmos Entes moraes se revestem de corpo. Estas Artes nos apresentão aos olhos os mais reconditos mysterios dos templos, e trazem á luz as paixões, que surprehendêrão no interior dos Palacios; levantão monumentos á Virtude, e consagrão os homens á Immortalidade. Devem pois o Pintor, e Esculptor folhear os Annaes do Mundo: alli he que seu genio se imflamma com a narração das grandes virtudes, e das famosas emprezas, e he alli que devem colher os assumptos, que tem a tratar. Esta escolha, que se chama, *invenção poetica* depende do Genio, e não póde sugeitar-se a regra. Não corre igual caminho a *invenção pictoresca*, que consiste, escolhido o assumpto, em dispôr o Quadro do modo mais proprio para produzir o desejado effeito, e pôr cada objecto no lugar que lhe convêm, dando-lhe a força, e graça, de que he susceptivel. O objecto principal deve ficar no centro do Quadro, que he o ponto onde mais se emprega a vista. Os outros objectos devem collocar-se em maiores, ou menores distancias, segundo o que mais, ou menos cooperão para a acção, que se representa. Como o Pintor não póde figurar mais do que hum monumento, he necessario que os accessorios do seu Quadro concorrão para a acção, que elle re-

presenta, e supprão de alguma sórte o, que precede, ou segue este instante. Nunca devemos persuadir-nos, de que para bem ordenar hum Quadro basta inventar a mixtão de differentes membros contrastados com artificio. He verdade que a natureza se grupa, e se contrasta; mas ha paixões, que se não sugeitão a esta Lei. Se os prazeres, e o enternecimento reunem os homens, o temor, o horror, a desesperação, e o susto os dispersão.

Para fazer que estes objectos saião de hum marmore, ou para os traçar sobre a tella devem o Esculptor, e o Pintor marcar-lhe primeiro os contornos. He esta a parte do Desenho, que imita com traços a fórma de cada objecto; mas estes traços devem presentar a concordancia, que existe entre o todo, e as partes, e as relações, que estas partes tem entre si. Nos monumentos, que nos trasmittírão os Gregos, he que os Artistas podem estudar aquellas fórmas grandes, e puras, aquelles expressivos contornos, que nada tem de exaggerado, e aquellas relações, que a bella natureza fornece. A figura inteira tem oito tantos da altura da cabeça, e os braços estendidos tem huma largura igual ao cumprimento do corpo, e assim as de mais partes. Porém poucos Pintores, e Esculptores observão exactamente estas dimensões. E com effeito seu uso frio, e lento não convêm a Artes, que requerem muito enthusiasmo. Cumpre porém, que os Artifices tenhão hum reflexionado conhecimento destas medidas, e que nos seus principios as tenhão estudado desenhando-as. O meio de tornar o estudo das medidas realmente proveitoso consiste em funda-lo no conhecimento dos ossos, que são o Arcabouço do corpo. As Leis da proporção, que a natureza segue nas dimensões do corpo, e dos membros, contém-se na estenção, que ella permitte, e são especificadas nos limitados augmentos, que ella concede ás partes sólidas. Por meio destes limitados, e successivos augmentos, he que a natureza evita a uniformidade nas proporções do corpo humano; ella os varía principalmente pelos diversos caracteres, que competem ás differentes idades. A infancia, a respeito das proporções do corpo não he o exacto diminutivo das subsequentes idades; não se trata pois para representar hum menino de diminuir o talhe de hum homem, isso seria representar hum pequeno homem. Por exemplo na infancia he a cabeça muito mais grossa, que nas ou-

tras idades, em proporção das outras partes. Aos tres annos cinco cumprimentos da cabeça igualão a altura de hum menino. A proporção de sete cabeças, e meia convêm a hum moço na flor da idade, e cuja educação efeminada prohibio que as fadigas, e exercicios violentos desenvolvessem inteiramente suas faculdades. A porporção de oito cabeças por figura inteira serve para figurar a estatura de hum moço na força da sua idade, e no exercicio das armas. A idade viril caracterisa-se por huma dimensão menos alongada. Esta tenue diminuisão he propria para fazer sentir a consistencia, e, digamo-lo assim, o apoio, que ao homem daquella idade deixão tomar seus movimentos mais reflectidos, e menos impetuosos. A visinhança da velhice deve dar hum caracter ainda mais quadrado, que denote o pezo das partes sólidas.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POEZIA.

SONETO

A Victorino José Leite representando a Parte de D. Pedro na Tragedia a Nova Castro.

De novo, em novo Drama, o desastrado
Caso da infausta Ignez se expoz na Scena;
Daquella, a quem Amor a morte ordena,
Amor, que a uníra em vinculo sagrado.

Surge sublime Actor, cresce abysmado
Na desesperação, no mal, na pena;
Quer ser o que não he, o que he condemna,
Que Pedro se imagina, e ter seu fado.

Beija as plantas Reaes; vê, n'um transporte
Capaz de amolecer bronzea dureza,
No rosto paternal da Esposa a morte.

Rogando Pedro assim.... feliz Beleza!....
Teria a linda Ignez mais lêda sorte,
E menos hum desgosto a natureza.

Miguel Antonio de Barros.

ODE

A Mr. Le Brun, o mais sublime dos Lyricos Francezes.

Escribe lo que Phebo
Te dicta favorable, que lo antiguo
Iguala, y passa el nuevo
Estilo.

Fray Luiz de Leon. Od. 10.

Sonho?... Vélo?... Ou seduz-me
Deleitosa illusão?... Resurge, e torna
A afortunar o Mundo
O alto Cantor do Ismeno,
„ E accesos turbilhões na voz desata?...
Rapido como o Tygre
De seus versos despenha-se a torrente;
Já d'alma as chordas todas
Uni-sonas retumbão
C'o a Phebeia impulsão, que as estremece!...
Suspende hum pouco, oh Vate,
Suspende o vôo altivo, em quanto eu curvo,
E, a frente descingindo
Da Lyrica grinalda,
Ao Genio teu adorações tributo!
Mas do Cantor de Thebas
Não são estes os sons!... Mais arrojados,
Euros transpondo, e Nuvens,
Em aligera turba
Teus Canticos, Le Brun, aos Astros sobem!
Oh pulsador sublime
Da Druidica Cythara! Respira
Em tua phraze, e idéas
O espirito divino,
Que da Galia inspirou Eugbages, Bardos!

Na solidão dos Bosques
Pela intempesta noite consonavão
Aos so-pensados Numes;
E os tropheados Robles
C'o as armas dos Heróes tope-curvavão!

Ao seu canto bramava
O emmarmorado mar; e o mar em serras
Ao canto seu dormia!
De Phebo, e Phebe os raios
Cobria, e descobria horrendo eclypse.

Ou, dos mattos sahindo,
No calor das refregas accendião
Intrepidas Phalanges,
E electrisado o Celta
Tudo em mavorcio frenesi varria!

Mas de feroz Conquista
Ferro devastador banio dos Bosques
A inspiração, e os Numens,
E os dispersos Ministros
Banhárão com seu sangue aras sem culto.

Novas Artes vierão
Nova Religião! E o Galo, afeito
A servil dependencia,
Balbuciou longo tempo
Afeminados sons na Lyra estranha.

Sobre o Franco horizonte
Qual Sol emfim raiaste, oh d'alma Eutherpe
Verbi-potente Filho!
E ouzaste, inberbe ainda,
Do Bárbiton Druidico apossar-te.

De teu plectro pulsado
Altisono troveja; e nos sepulchros
De seus antigos donos
Ledo rumor se escuta,
Galia se ensoberbece, e pasma o Mundo!

Sublime ordenadora
De mil-colores, fulgidos Phantasmas,
Robusta Phantasia
Com seu facho te mostra
Da vasta creação campos sem termo.

Alli o Enthusiasmo
Vês á vida chamando Homero, e Maro,
Que Heróes immortalizão;
Naso, que inverte os Seres;
Racine, que as Paixões na scena rege.

Brada o Deos „ Mayer cante;
„ Raphael pinte; e Angelo edifique:
„ Tome o cinzel Bernini;
„ Linneo ensine, e Newton;
„ Seja Nuno Guerreiro, e Nauta o Gama.

E o Globo obsorto escuta
A harmonia dos Ceos no canto humano;
Verte o pincel na tella
Mais formoso Universo;
Roma atonita vê n'hum Templo o Mundo;

Os marmores, e os bronzes
Parecem respirar, sentir parecem;
E Amor, terçando o arco,
Sem que o Ciume o siga,
Volupiosos farpões despára ás flores.

Atracção portentosa
Nos ares equilibra os varios globos;
Os rebeldes Cometas
A Leis o collo inclinão;
E das côres o Enigma se decifra.

A fulminante espada
Denodado brandindo o Luso invicto
D'Hispalicas ruinas
Aljubarrota innunda,
E o turbante orgulhoso em Ceuta abate.

Pelos ares tremulão
Em nadantes Baixeis sagradas Quinas,
E a Frota aventureira
De Lyco a despeito
Zomba d'Adamastor, e assusta o Indo.
Assim do esquecimento,
Numeroso Cantor, salvas teu nome;
De Grecia, e Roma os Astros
Teu resplendor eclipsa,
Só te iguala Phylinto, os mais transcendes.
Oh venturoso Senna,
Que os dois Numens da Lyrica Poesia
Juntos cantando ouviste;
E se le Brun falece
Te adoça a mágoa de Phylinto a Lyra.

Por J. M.ª da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Carta de hum Italiano instruido a respeito das Academias antigas, e modernas.

Vós me escreveis que muita admiração vos causa o não terdes visto o meu nome no Catalogo de alguma das duas chamadas Academias Italianas, huma das quaes tem o seu local em Livorno, e outra em Pisa; e eu vos respondo que muito da vossa admiração me admiro. Ha muito que tendes conhecimento de mim, e sabeis que não faço profissão de Literato. Cultivo as Bellas-Artes para minha recreação, e para divertir o occio, que desfructo na minha Quinta sobre o Lago de Guarda, nunca fiz imprimir nada meu, excepto alguns Bilhetes de boas festas. Por consequencia fó-

ra do pequeno Paiz, em que habito, todos ignorão se eu sei lêr, ou escrever; ora como quereis que os Senhores Academicos, ou os Senhores Confederados Italianos se tenhão lembrado de honrar-me com a Patente de seu Socio? Cesse pois a vossa admiração; mas já que tocamos neste ponto, permitti-me que sinceramente vos diga que, ainda no caso dos Senhores Academicos, ou Confederados me honrarem com a sua escolha, eu regeitaria o seu obzequio, não só dizendo-lhe, *Domine*, *non sum dignus*, mas declarando-lhe abertamente que nem Academias, nem Confederações Literarias me agradão.

O homem de Letras, que aspira a ganhar hum nome célebre, deve trabalhar só, aliás seu genio ficará encadeado pelo espirito de Partido, ou para melhor dizer de Corporação, que em todas as Academias reina. Recordemo-nos de que Homero, Virgilio, Aristoteles, Plinio, Cicero, Demosthenes, Xenofonte, Tito Livio, etc. nunca forão Academicos, nem *Ordinarios*, nem *Extraordinarios*. Que Newton foi grande muito antes de conhecer-se a Sociedade Real de Londres; que Galileo foi primeiro o grande Galileo, do que Academico; que Lafontaine, e Boileau já erão summos Poetas, antes que a Academia Franceza os adoptasse por filhos: logo não he necessario que hum Homem se faça Academico para ser grande Literato; porém o ser Academico he hum grande obstaculo para ser grande Literato aquelle, que antecedentemente o não era. Piron em hum gracioso Epigrama diz, que a Poltrona de braços he para o Genio o mesmo que o Leito marital para o Amor. E com effeito apenas hum Literato Francez conseguia lugar entre os Quarenta, adormecia sobre a sua Poltrona, e não escrevia mais, ou só escrevia asneiras. Voltaire só foi Academico quando contava 57 annos, isto he quando já tinha publicado as suas Obras Primas.

Como quereis que as Academias possão incrementar os bons estudos? Estas sociedades apenas formadas enfatuão-se de modo com a elevada idéa de sua sciencia, que cada Membro se julga hum Legislador do bom gosto; o Espirito da corporação, apaga em cada hum delles o da boa Crítica, e os obriga a louvar-se reciprocamente, e a conservar-se, na idéa de que tudo o que pensão, dizem, escrevem, he o *non plus ultra* do enge-

nho humano; e assim a pouco, e pouco, se perde o bom gosto dos Literatos, que em taes companhias são admittidos.

Nas Academias, como em todas as conversações, nascem os pontinhos, as rixas, e as discordias. As Academias começão com ardor; porém este ardor vai a pouco, e pouco diminuindo, transcura-se o trabalho, ha menos assiduidade nas Sessões, deixão quasi todos de comparecer, e a Academia morre de consumpção. Cada Literato tem huma exhorbitante dose de amor proprio; cada hum julga competir-lhe o primeiro lugar, e de máo grado supporta o imperio, ainda que frivolo, do Presidente, do Secretario perpetuo, dos Anciãos, etc. e muito menos póde tolerar que alguns de seus companheiros tragão signaes honorificos como, como Fitas, Estrellas de seis, de oito, ou de doze raios, porque a todos elles se julga superior. Ora já por aqui vêdes, que máo humor deve reinar nestas Corporações.

Todos sabem que o Homem de Letras deve ser independente, não das Leis do Paiz, em que escreve; mas das Leis convencionaes, que a differença de gráos, e da fortuna quereria estabelecer entre os Doutos. O Academico Abbade, Secular, Obscuro, ou de poucos bens, he sempre constrangido a callar-se perante o Academico Conde, Barão, Marquez, Cavalleiro, ou de outro qualquer Titulo, que póde gastar, e fazer-se applaudir por dinheiro. Se podeis compôr huma Academia de Machiavellis, Galileos, Filangieris, Cesarotis, Parinis, Alfieris, eu serei o primeiro, que a venere, persuadido, de que todos estes grandes Homens reunidos procurárão de boa fé, e sem particular interesse, ou ambição, os progressos da razão, o apuro do gosto, e o incremento daquella arte, a que se dedicárão, mas ah! Semelhante sociedade só póde existir na imaginação. As Academias são geralmente hum serrabulho de Homens doutos, simi-doutos, e ignorantes; ora dizei-me de tal mistura que póde sahir com geito?... Nada.

Quem fez guerra ao grande Tasso? A Academia Florentina! Pois de todas as cabeças daquelles infarinhados Senhores, todas pizadas em hum gral não podia extrahir-se huma só gota do bom senso, que animava o divino Cantor de Gofredo. Quem fez guerra ao grande Corneille, Pai do Theatro Tragico Francez? A

Academia dos Quarenta de Pariz, composta então dos mais ineptos Escriptores, que tem havido em França. Quem recusou admittir Cesaroti entre os Authores Classicos da Italia? A Academia Florentina. Quem fez guerra depois de sua morte ao sublime Alfieri?.... Mas para que me detenho no que vós sabeis tão bem como eu?....

Todas as Academias costumão eleger hum Protector. Este Protector he sempre algum *alto*, *e poderoso* Senhor, que quer ter debaixo de sua mão certo número de Literatos a quem possa dictar Leis, e fazer escrever, o que quer, e como quer. Vêde a que misera escravidão se reduzem os pobres Academicos! Não ignoraes quanto seja pezado a hum Homem de talento curvar a fronte aos caprixos de hum Senhor ignorante, que não céde a razão alguma, e quer o que quer; ora rogai a Deos, que nunca vos deixe cahir em tão funesta situação.

Julgão alguns que as Academias são uteis, porque todos os annos propõem premios a quem melhor resolva hum Problema, ou huma Questão Literaria; mas semelhante utilidade he huma pura ilusão, pois não querendo algum dos Academicos concorrentes sugeitar-se á sentença dos seus Colegas eleitos para Juizes, só os não Academicos concorrem; porém se estes são dotados de alguma reflexão, devem perceber que nunca podem esperar hum juizo recto, e imparcial: primeiramente porque os Juizes encarregados de examinar as Obras enviadas ao concurso são mais ignorantes do que os Authores concorrentes. Em segundo lugar porque os taes Juizes deitarão sempre o R. em quanto não for escripto segundo as vistas da Academia: e finalmente porque sem embargo da precaução das cartas sigilladas, sempre o Secretario, e os Juizes antecipadamente sabem o nome de cada concorrente, e por isso ou lhe preferem outro de somenos merito seu amigo, ou protegido, ou, não o podendo fazer sem manifesta injustiça, declárão que nenhuma das composições, que concorrêrão, he digna da corôa.

Escrevo huma Carta, e não huma Dissertação, e por isso me perdoareis o não ser methodico, e saltar, segundo se diz, de ramo em ramo. Talvez não haja na Europa hum Paiz em que se cóntem tantas Academias, como em a nossa Italia; e com tudo

vêde o deploravel estado da nossa Literatura! Temos grandes Homens, mas estes não se formárão nas Academias. Apenas os Reguladores destas Sociedades tem noticia de alguma Pessoa, que se destingue na Republica das Letras, logo se dão obra a mandar-lhe a Patente, anciosos de ornar o seu Catalogo com o nome delle.

O sugeito, que recebe a Patente, he por civilidade constrangido a acceita-la, e a mostrar o seu reconhecimento, bem que com os seus botões, ria, e escarneça de semelhante puerilidade; e eis-aqui o motivo de haverem tantos Academicos, e tão poucos verdadeiros Literatos.

Ora porque fatalidade os nossos grandes Escriptores, ou precedêrão, ou não curárão de ser admitidos em semelhantes sociedades? Tasso, Boccacio, e Petrarcha não forão Academicos; não o forão Machiavelli, e Guicciardini; nem Baiardi, nem Ariosto, e deparareis actualmente na Italia huma infinidade de homens Doutos, que nem são Academicos, nem Socios de Academias.

Oh! Se soubesseis quantas redicularias se praticão nas Sociedades Literarias! Rimos dos pontinhos, e das bagatellas das Mulheres, e os dos Literatos nas Academias são cem vezes mais pueris, e ridiculos! Tendes já assistido a alguma Sessão Academica? Vistes já cousa mais ridicula? Comessa o Secretario recitando huma Dissertação, escripta sabe Deos como, que faz bocejar a todos, e especialmente o Auditorio; erguendo-se depois alternadamente hum por hum á direita, e á esquerda os Senhores Accademicos vestidos de gala, recitão, hum prosas insipidas, outro huma ode estravagante meia roubada a Guidi, a Filicaia, ou ao Frugoni, ou a Testi; outro hum soneto frio como gêlo; outro huma canção a Felis etc, que cómica scena he então vêr aquelles Palradores de patente esfarraparem-se em reciprocos cumprimentos, que dalli a pouco em as conversações da Cidade, aquelles mesmos Academicos, que mais applaudião comvertem em amargozas satyras.

Quereis que vos diga quaes são as Academias, de que se póde tirar utilidade? Aquellas que alguns Professores estabelecem para adiantar os Rapazes, instigando-os a estudar com o estimulo da emulação. Se nem sempre o effeito corresponde a intenção do Instituidor, sempre este he digno da benevolencia pública

por ter tentado avivar na mocidade a elle confiada, o ardor da gloria, e a Paixão pelo Estudo.

Tem sido muito decantados os proveitos, que a seus Idiomas grangeárão a Academia da Crusca em Italia, e a dos Quarenta em França; e eu assento que ellas apostárão entre si sobre quem havia cauzar maior prejuizo ao aprefeiçoamento das duas linguas, querendo-as sugeitar ao despotismo das suas regras. Os Academicos da Crusca banindo todas as palavras, e phrazes, que se não achão nos *Classicos*, isto he nos insipidos Escriptores dos Seculos XIII., XIV., XV., empobrecêrão a lingua, e lhe cortárão tão rente as azas, que não póde empinar maior vôo. Os Academicos Francezes tomárão pelo caminho opposto ao que seguírão os Italianos. Estes adoptárão indistinctamente quanto havia bom, e máo nos Escriptores antigos; e como estes tinhão vivido em tempos, em que a Italia estava submergida na barbarez da ignorancia, lemitando-se assim a lingua ás phrazes, e impressões antigas, e vedando-se, como armas prohibidas, tudo que cheirava a novidade, de lingua opulentissima, que podia ser, a reduzírão a tal estado de Mendicidade, que para exprimir as idéas novas, que nos tem ministrado o progresso das luzes, se vîo na precisão de tomar de emprestimo os vocabulos, e phrazes das Linguas Estranhas. A Lingua Franceza do tempo de Amyot, de Marot, de Charron, de Montagne, de Rabelais era bem barbara, e inculta, porém era bem rica de bellas, e energicas expressões. Que fizerão os Quarenta? Tomárão o empenho de civilizar a Lingua, e banírão todas as mais bellas expressões, todos os mais energicos modos de seus antigos Escriptores, e reduzírão a Lingua Franceza a tal estado, que teve razão quem disse, que ella era semelhante a huma bellissima Dama, toda graças, e afetação, cahida em consumpção Etica. Lêde todos os Escriptores despreoccupados da Italia, e da França, e vereis quantos lamentos, e quantas sátiras fórmão contra a Academia da Crusca, e a dos Quarenta; ora gabem-me agora os Academicos-maniacos os grandes proveitos das suas Instituições Literarias.

De tudo quanto tenho expendido podeis ajuizar com quanta razão disse hum dos nossos milhores Críticos „ Não se admittão em „ Arcadias, Academias, e Lyceos se não aquelles que fizerem „ voto de perpetua mediocridade. „

ARTIGO IV.

BIOGRAFIA.

Newton.

Pode-se applicar a Newton o que Lucano disse do Nilo, *que não fôra permittido aos homens de o vêr fraco, e nascente.*

Non licuit populis parvum te, Nile, videre. Newton julgou Euclides tão claro, que quasi o soube antes de o ter lido; eis porque passou logo a estudar a Geometria de Descartes, e as opticas de Kepler. Apenas contava vinte annos, quando fez as suas descobertas em Geometria, e lançou os fundamentos das suas obras mais célebres.

Foi grande o procésso, que houve entre Leibnitz, e Newton, ou para melhor dizer, entre suas Nações, a respeito do cálculo dos infinitamente pequenos: a Sociedade Real de Londres, tomou ao mesmo Leibnitz por Juiz, o qual decidio a favor de Newton. » Não se póde duvidar, (diz Fontenelle), que a este per» tença a gloria de Inventor; porém trata-se de saber se M. Lei» bnitz concebeo esta idéa, que publicou, primeiro: ou se ambos a » inventárão ao mesmo tempo.» Fontenelle parece approvar, que se chame a Newton o primeiro Inventor, e a Leibnitz o segundo.

Além da sua gloria, Newton viveo feliz, e socegado, honrado no seu paiz, que se gloriava de ter produzido hum tal homem, e que não supportava o parallelo entre elle, e Descartes. Para lhe não faltar coisa alguma, foi rico. Em 1699, teve o Cargo de Mordomo da Moeda, emprego de grande rendimento, e que possuio até á sua morte. Foi muitas vezes Deputado no Parlamento d'Inglaterra, e principalmente nos annos de 1688, e de 1710.

Depois da sua morte se lhe derão grandes honras; seu corpo esteve exposto sobre huma cama de estado na Camara de Jerusalem; que he hum quarto da Abbadia de Westminster, onde fôra morto Henrique IV, primeiro Rei da Casa de Lancastre, e he deste tempo, o lugar donde se levão a sepultar as pessoas de alta condição, e algumas vezes os Monarchas. Newton foi levado da Abbadia de Westminster por seis Pares d'Inglaterra entre os quaes se achava o Chanceller Mór. » Seria necessario, diz Fon-

» tenelle, remontar aos antigos Gregos, para encontrar exem-
» plos de tão grande veneração consagrada ao saber. »

O parallelo, que o mesmo Author fez entre Descartes, e Newton, como passa por huma obra-prima, o julgâmos digno de o transcrever aqui.

» Ambos forão genios da primeira ordem, nascidos para do-
» minarem sobre os outros espiritos, e para fundar Imperios: am-
» bos excellentes Geometras, vírão a necessidade de transportar
» a Geometria para a Fysica. Ambos fundárão sua Fysica sobre
» huma Geometria, que quasi a tinhão extrahido de suas pro-
» prias luzes. Mas hum, tomando hum vôo impetuoso, quiz es-
» tabelecer a si a origem de tudo, fazer-se Senhor dos primeiros
» principios por algumas idéas claras, e fundamentaes, para só
» descer aos phenomenos da natureza, como a consequencias ne-
» cessarias; o outro mais tímido, ou mais modesto, começou
» seus passos por se apoiar sobre os phenomenos, para se remon-
» tar aos principios desconhecidos, resolvido a admitti-los, hu-
» ma vez descobertos pela série das consequencias. Hum parte
» do que julga claro, para achar a causa do que vîa; o outro
» parte do que vîa, para achar sua causa, fosse clara, ou obs-
» cura. Os principios evidentes de hum não o conduzem sempre
» aos phenomenos taes como são; os phenomenos não conduzem
» sempre o outro a principios evidentes. Os limites que, nestas
» veredas contrarias, suspendêrão dois tão grandes homens, não
» são os limites de seu espirito, mas os do espirito humano. »

Lêo-se com o maior desejo, e traduzio-se em Inglez o Elogio de Newton, que Fontenelle pronunciára na Academia das Sciencias. A Inglaterra esperava seu juizo, como huma declaração solemne da superioridade da Filosofia Ingleza: porém quando vírão que comparava Descartes a Newton, toda a Sociedade Real de Londres se sublevou contra Fontenelle.

Os Inglezes ficárão mais contentes com Voltaire, que levou o enthusiasmo da admiração, e da poesia até exclamar:

Confidentes do Eterno, eternos Seres,
Que ardeis no fogo seu, cubrîs co' as azas
O Throno, onde, entre vós, elle se assenta,
Não vos dava ciume o grande Newton?

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO IV.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Differença das côres, e configuração nos homens.

[Continuado do N.º 3 pag. 37.]

COMO os Tungusos são naturalmente bronzeados, não duvidâmos que sejão sugeitos a algumas indisposições mui semelhantes áquellas, que transformão os Negros em Albinos; e que estas indisposições longe de affectar geralmente todo o corpo, como entre os Albinos, só affectem certas partes divididas em zonas, ou plagas irregulares; e que esta variedade passe depois dos pais aos filhos, pelo mesmo mechanismo physico; que transmitte outras muitas, entre todas as Nações do Mundo.

Houverão Viajantes, que affirmárão existir em algumas Ilhas da Asia, por exemplo na Ilha de *Borneo*, e nas Ilhas *Manilhas*, *Homens com cauda*, isto he, selvagens de hum, e outro sexo, cuja espinha dorsal remata em huma pequena cauda mui semelhante a das Cabras, e dos Gamos. Não damos grande crédito a este facto; mas, dado mesmo que seja veridico, não vêmos neste Phenomeno mais que huma excrecencia singular, e hum prolongamento insolito do coccix, o que não basta para fazer destes selvagens, mesmo quando não sejão imaginarios, huma Raça á parte.

Esta excrecencia, ou prolongamento do coccix em fórma de

cauda nos selvagens, de que fallamos, não he mais admiravel, que os *Aventaes Naturaes*, que nas Mulheres Hottentots fórma a excrecencia insolita, que lhe prolonga a pelle do ventre des do embigo até ao meio da perna, formando huma especie de pequeno avental flexivel, e movel, inherente a sua substancia, e pessoa.

Algumas Historias, *mais que apocriphas*, fallão de Homens Aquaticos, que vivem em certos rios, e mares; d'Homens subterraneos, que vivem nas cavidades da terra, como Toupeiras, e Coelhos; d'Homens Selvagens, ou de huma especie de Brutos mui semelhantes ao Homem, que nos Certões de Borneo, e das Manilhas se nutrem de hervas, raizes, e casca de arvores. Mas taes Historias, cujos contos pueris forão tão ávidamente adoptados pelo Author de Telliamed, e por outros Escriptores da mesma estôfa, são ao presente tidas em conta de fabulosas pelos Naturalistas judiciosos. Mas, dando-lhe mesmo gratuitamente hum gráo de authoridade, que ellas não tem, não provarião mais que a existencia de certas Especies de Brutos na parte sólida, ou liquida do nosso Globo, que dão ares da figura humana. O Homem Marinho, que dizem apparecêra nos mares da Martinica em 1671 parecia-se com hum rapaz da cintura para cima, o resto do corpo era de peixe, e terminava em huma cauda larga, e forqueada. O Homem Selvagem de Borneo, cuja figura se diz mui parecida com a de certos Selvagens d'Africa, he reconhecido pelos Nativos da Ilha por hum verdadeiro Bruto.

O Padre le Comte, que viajou pela mais interessante parte da Asia tanto como Observador, e Filosofo, como Missionario, nos deo a conhecer nas suas Memorias huma especie de Macaco, que víra na Asia, o qual assemelhava-se mais ao Homem, que todos os Homens Aquaticos, e Subterraneos, de que acabamos de fallar, e o qual seria talvez o mesmo que o Homem Selvagem de Borneo.» Este Macaco, diz elle, anda naturalmente sobre os seus dois pés, » como hum cão, a quem se ensinou a dançar. Elle serve-se como » nós, dos seus dois braços: a sua cara he quasi semelhante á » dos Selvagens do Cabo da Boa-Esperança; mas o corpo he todo coberto de huma lã branca, negra, e grisalha. » Tem o grito perfeitamente semelhante ao de hum menino; e toda » a acção exterior tão humana, e as paixões tão vivas, e tão de-

» signadas, que os Mudos não podem exprimir melhor seus sen-
» timentos, e suas vontades. Parece de hum natural tão terno,
» que para testemunhar sua affecção ás pessoas, que conhece, e
» que ama, as abraça, e as beija com o mais vivo transporte.
» Tambem tem outro movimento, que se não acha nos outros
» animaes, e que he mui proprio dos meninos, e vem a ser: ba-
» ter com os pés nas affecções de prazer, ou tristeza, quando se
» lhe dá, ou recusa o, que deseja com muita paixão. Ainda que
» sejão mui grandes (porque os que tenho visto, tinhão quatro
» pés de alto) sua ligeireza he incrivel. He hum prazer vê-los
» correr pelas cordagens de hum navio; os Dançarinos de corda
» nem os emitão de longe. »

De todas as differentes especies de animaes terrestres, ou aquaticos, o Macaco he a especie, que se assemelha mais com o Homem; e entre as differentes Raças de Macacos, a que mais perfeitamente se parece com elle he o *Orang-Utango*. » Este animal, diz
» Bufon, tem huma lingua como nós, hum cerebro organisado
» como o nosso: mas não falla, nem pensa. Desta maneira o inter-
» vallo, que o separa da nossa Raça, he total, immenso, tão gran-
» de, e tão real, quanto póde ser. A conformidade da sua figu-
» ra, não o aproxima á natureza humana, nem o eleva so-
» bre os brutos: em huma palavra, se lhe tiramos a más-
» cara, só resta delle hum Macaco. » Apezar da mais perfeita semelhança da figura, he evidente que o Homem, e o Macaco são duas especies essencialmente differentes. Logo, ainda sendo verdade que houvesse em a Natureza algumas especies de Peixes, ou de Quadrupedes, que tivessem a mais pequena semelhança com a figura humana, seguir-se-hia sempre que estes animaes são differentes da Raça dos Homens. Disto resulta, que a Especie Humana se póde, e deve dividir em tres Raças accidentalmente differentes; que são: a *Raça Branca*, a *Raça Negra*, a Raça *Tartara*; e tal he a divisão, que hoje dão os mais celebres Naturalistas. Examinemos se estas tres Raças podem ter huma origem commum; ou como se metamorfoseou huma em outra.

Em quanto á propagação, e mistura destas differentes Raças, sabe-se que hum Negro, e huma Negra produzem hum Negro, tanto na Europa, como n'Africa: sem que a habitação de

hum, ou de muitos seculos nas zonas temperadas, mude sensivelmente a côr primitiva: que hum Branco com huma Negra, ou hum Negro com huma Branca produzem hum Mulato, a quem os do Brazil chamão Cabras; metade Branco, e metade Negro: que hum Branco com huma Mulata, ou hum Negro com huma Mulata, produzem hum Mulato, tres quartos Branco, e hum quarto Negro; ou tres quartos Negro, e hum quarto Branco, a quem os Brazilienses chamão Cafúa, e assim progressivamente até produzirem ou hum todo Negro, ou hum todo Branco.

Daqui se conhece facilmente o que resultaria da mistura da Raça Branca com a Raça Tartara; ou da Raça Tartara com a Raça Negra. A mistura destas tres Raças tem multiplicado como ao infinito na Asia a gradação de côres differenciaes da Especie Humana.

Alguns Naturalistas são de parecer que a Especie Humana só se deve dividir em duas Raças, Branca, e Negra; e que a Raça Tartara não differe bastante da Raça Branca, e da Raça Negra, para fazer huma Raça á parte. De hum Negro, e de huma Mulata, dizem elles, nascerá hum quarto, ou hum oitavo, a quem a differença dos climas, e o genero de vida transforma facilmente em Tartaro. As differentes variedades, que se observão na Especie Humana, podem dirivar-se da influencia das causas phyzicas.

Em qualquer número de *Raças*, que se divida a especie humana, em 2, 3, 8, ou 10, o que he indifferente, póde-se dizer com toda a certeza filosofica, de que huma tal materia he susceptivel, que he unicamente do clima, do alimento, da educação, da genero de vida, das enfermidades particulares, ou nacionaes, que dependem as *differenças dos Povos*; isto he, a differença do humor geral, e dominante, a differença de côr, de caracteres, de figura; a differença de prematuridade no augmento, ou diminuição; (*) a differença dos humores, das inclinações, dos gostos, dos sentimentos, das paixões, e dos costumes.

(*) Em alguns lugares da Zona Torrida, as mulheres se casão aos nove annos; são Mãis aos dez; e velhas aos vinte, ou vinte e cinco. Ellas nunca allitem influencia no governo politico, ou domestico; porque entre ellas, o Imperio da Belleza não existe com o Imperio da Razão.

Os maiores Fysicos, os mais célebres Medicos, os mais habeis Naturalistas, tanto antigos, como modernos, concordão em reconhecer, como hum facto incontestavel, a *influencia do clima* tanto em toda a massa do sangue, e dos humores, aos quaes sécca mais, ou menos, e dá mais, ou menos onctuosidade, fluidez, ou viscosidade, acção, ou enercia; como em toda a constituição geral, exterior, e interior, que faz mais, ou menos sã, mais, ou menos robusta, mais, ou menos flaccida, ou energica. O Habitante da Laponia, e da Siberia he degenerado, e degradado em sua natureza, pelo vicio do seu gelado clima, cujas geadas atacão, corroem, altérão de contínuo o mais sensivel, e o mais sólido da sua organisação, e lhe tirão o meio de se formar, e de se desenvolver em liberdade: O habitante de *Guiné*, e do *Congo* he degenerado, pelo vicio do fogo abrazador do seu clima, o qual desséca, ou consome, desarranja, ou destróe, e faz inutil a parte mais subtil, e mais delicada dos orgãos; como tambem as funções intellectuaes do espirito, e do genio. A natureza humana não está em suas forças, ou riquezas senão nos climas felices das zonas temperadas, onde nada altéra o essensial da constituição, e da organisação.

Quando a differente influencia dos climas, se junta a differente *influencia de hum grande número de causas*, não menos activas, e efficazes, por exemplo, a diversidade das substancias do alimento, a diversidade da maneira de viver, a diversidade das doenças desusadas, e violentas, que de seculo em seculo parecem nascer sobre a terra para destruir nações inteiras, e que só desapparecem depois de terem, de alguma sórte, desnaturalizado as desgraçadas victimas, que escapão á sua tyrannia, e depois de lhe terem impresso vicios transmissiveis de pais a filhos; poderemos admirar-nos das differenças, que se achão entre hum, e outro povo, vergonteas do mesmo tronco, e primitivamente filhos do mesmo pai?

A maior variedade, que ha na Especie Humana, he, sem contradicção as que destingue os Negros dos Brancos; e he esta a que merece mais attenção.

Fazendo-se a anatomia dos Negros, e analizando-se seus humores essenciaes, tem-se observado, que elles tem a substancia

medulosa do cerebro denegrida; a glandula pineal quasi inteiramente negra; o enlaçamento dos nervos opticos tisnado; o sangue, de hum vermelho mais carregado, que o nosso. Entre a epiderma, e o pêlo do Homem, acha-se huma especie de geléa, ou de substancia gelatinosa, que os Anatomicos chamão indifferentemente o corpo mucôso, ou o redenho de Malpighi. Esta geléa he branca nos Europeos, negra nos Negros, Bronzeada nos Mulatos, côr de grêda nos Albinos, manchada nos Homens mui córados: ella he mais coagulada, e mais viscosa nos Negros, que nos outros Homens.

Todas as plantas tem suas raizes cabelludas na terra, á qual devem seu nascimento, e crecimento: da mesma sorte todos os cabellos do corpo Humano, que são huma especie de vegetação, têm suas raizes bulbosas na pelle, a qual he como a matriz, e o terreno que os deve produzir, e alimenta-los. Os germens destes cabellos, recebidos neste terreno natalicio, e desenvolvidos nas suas raizes bulbosas, crivão com suas pontas a membrana reticular, e depois a epiderma, que não he mais, que a superficie endurecida da geléa, de que o pêlo está untado. Ora, como entre os Negros, os cabellos tem de atravessar hum meio mais tenaz, e mais condensado, elles se entortão, revoltão, increspão, e não se estendem, porque achão hum alimento menos abundante, e pouco ductil, no tisso do pêllo, e no seu envoltorio, ou capa: quando no resto dos Homens, elles se estendem, e se alongão com liberdade, porque achão em sua pélle hum alimento mui abundante, o qual se coalha, e se consolida em seu desenvolvimento na sua maneira exterior. Daqui vem o cabello curto, e crespo dos Negros; e o cabello lizo, e fluctuante do resto dos Homens.

Como as substancias do sangue, do fel, do cerebro, e dos humores destinados para a conservação da Especie, são em os Negros, mais sombrias, obscuras, mais negras em fim, que nos outros individuos da Especie Humana; conhece-se facilmente que devem, pela secreção, sahir continuamente átomos colorados, que interceptados, e suspensos pela viscosidade da membrana reticular, pintão de negro mais, ou menos fechado, todo corpo dos Pretos.

Huma experiencia bem sensivel demostra a existencia, e a secreção destes átomos colorados em os Negros. Quando hum

Africano tem transpirado muito, e limpa as mãos, e a cara a hum pano branco, seu suor fétido, impregnado de particulas da gordura rançosa, que tem residido muito tempo entre a pélle, e a epiderma, inegrece o pano; e observando-se com hum microscopio, se destingue hum sedimento formado de pequenos grãos negros, sedimento que não produz o suor de hum Europeo.

Os Negros, e as Negras são brancos quando nascem: » porque sua epiderma, e sua geléa interior, diz o Author das Indagações sobre os Americanos, tendo sido banhada, e destemperada pelo fluido em que o feto tem nadado, não pódem ser assás compactas para reter debaixo da pélle, a substancia negra que os vazos exhalantes atrahem: eis porque vêmos o corpo, dos Negros affogados, fazer-se brancos, depois de estarem alguns dias debaixo d'agua. Outra razão da alvura do embrião, he que o fel ainda se não tem derramado no sangue; o que só succede ao terceiro, ou quarto dia. Então esta effuzão se declara por hum amarello em todo o corpo, que des esta época inegrece até á adolescencia. »

O signal distinctivo dos Negros, no momento, em que nascem, he hum filete negro, que tem na raiz das unhas.

Finalmente a differença, que resta entre a Raça Branca, e a Negra não basta para nella suppôrmos huma origem primitivamente diversa. Todos os dias vêmos exemplos de alterações não menos admiraveis, e que se transmittem de Pais a Filhos: taes são inteiras familias de Leprosos, Gotosos, Epilepticos, Coxcs, etc. cujo vicio primitivo os Naturalistas attribuem ou á natureza do clima, dos alimentos, do modo de vida, ou a qualquer outra alteração dos orgãos interiores, ou exteriores.

Pintura, e Esculptura.

Tambem a differença do sexo faz variar as proporções. Independentemente da altnra total, que he menor nas mulheres, ellas tem o pescoço mais alto, as coxas mais curtas, as espaduas, e o seio mais estreitos, as cadeiras mais largas, os braços mais grossos, as pernas mais fortes, os pés mais pequenos; seus mus-

culos menos descobertos fazem os contornos mais iguaes, e os movimentos mais suaves. A idade, e o sexo não tem o direito exclusivo de caracterisar as proporções do corpo humano. A qualidade, condição, fortuna, clima, e temperamento fazem muito no desemvolvimento das proporções, e nellas causão muito grandes differenças. Estas proporções só são relativas ao corpo em repouso, pois o movimento lhe occasiona mais visiveis differenças. Por exemplo hum membro estendido tem incremento; nota-se huma infinidão de taes irregularidades nas acções de compressão, relaxamento, estenção, curvatura, contracção, e encolhimento.

O todo de huma figura he a união das partes proporcionadas, que são necessarias para a sua formação. Ha figuras animadas, em que a natureza não curou do todo. Seus membros mal proporcionados, unem-se por hum modo desagradavel, por não ser confórme a ordem geral, e recusar-se ás funções mais necessarias. Em geral o todo mais perfeito he o dos homens, ou mulheres, cujo corpo não soffreo algum continuado constrangimento, cujos membros se desenvolvêrão com moderado exercicio, e cujas perfeições corporeas não forão corrompidas pelos destructores effeitos dos vicios, das paixões immoderadas, nem pelas affecções ridiculas da phantasia, e as alienações de espirito.

O conhecimento da Anathomia não deve faltar ao Artifice no estudo desta nova parte da Arte, que exerce. He sobre o todo, que principalmente influem as apparencias dos musculos, e sua união com os ossos. Os ossos estabelecem por toda a parte proporções invariaveis; os musculos, e os tendões, que movem os ossos huns sobre os outros, motivão variedades nas fórmas pelo engrossamento, que a sua contracção, quando opérão, causa na sua parte mais espessa, coisa que dá exteriormente aos membros diversas apparencias, e estas apparencias são assim dicididas em cada acção, e cada aptitude, e por isso não ha nada arbitrario nas fórmas, que se lhe devem dar.

Sem fallar deste *Todo* de cada figura ha huma união geral, que he necessaria para chegar á perfeição de hum quadro. Da-se lhe o nome *de concordancia total*, e consiste na conveniente correspondencia de todas as partes; e he o resultado do todo de cada huma das partes da Pintura, e da Esculptura, que contri-

buem para a produção de hum Quadro, e do todo da Composição, que he mais, ou menos perfeito segundo o Artista soube com maior, ou menor perfeição fazer o arranjo dos grupos verosimeis, as aptitudes justas, os costumes, e os usos, conformes aos tempos, e lugares, e até escolher, e dispôr bem os accessorios: e o todo do interesse, que resulta da parte, que em algum acontecimento tomão aquelles, que participão delle.

Formado que seja o todo da figura, resulta hum corpo sugeito ás Leis da natureza. Se este corpo, ou figura, he animado, possue hum principio interior, que se combina com os movimentos, que lhe são estranhos. Toda a especie de corpos, cujas extremidades não estão libradas sobre o seu centro, deve necessariamente cahir, e precipitar-se. Se estão, está a figura em equilibrio; ora este equilibrio he simples, ou composto. Equilibrio simples he aquelle, que se nota em hum homem, que está em pé, e immovel. Equilibrio composto he aquelle, que se observa em hum homem, que em suas diversas aptitudes sustenta hum pezo estranho. Resulta destas difinições que o equilibrio de huma figura he o resultado dos meios, que ella emprega para suster-se, seja em movimento, seja em aptitude de repouso. O Artista, que representa huma figura, não póde, he certo, produzir mais do que huma imagem immovel do homem, que ella imita; mas póde escolher esta imitação no fio dos differentes momentos das acções mais vivas, e mais animadas, ou do mais perfeito repouso, porque se póde considerar a acção de huma figura, como o resultado de hum número infinito de aptitudes, cada huma das quaes tem hum momento de estabilidade.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

LITERATURA.

Sobre a amizade entre Mulher, e Homem.

» Que doce coisa (disse La Fontaine) he hum verdadeiro amigo! Porém ha huma coisa ainda mais doce; huma verdadeira amiga. Não fallamos de *mancebia*, fallamos de huma união mais pura, e mais nobre, de hum sentimento cheio de delicias, e fundado

sobre a estimação, e virtude. Pessoas grosseiras, e malignas não podem descobrir, nem perceber nas relações entre Pessoas de diverso sexo, mais de que o prazer dos sentidos, e o amor. Porém a Mulher póde inspirar hum sentimento mais refinado, e duradouro, que o do Galanteio, e he capaz do cultivo da sagrada Amizade.

Este formoso affecto, sem que tenha o fogo, e os transportes do amor, tem huma parte de seu suave colorido, e em tão placida união se gosta, e saborea a voluptuosidade do coração. Dizia Rousseau que não tomaria por Espoza nem por amante huma Parisiense; mas que em París escolheria huma terna, e modesta amiga, que amplamente o compensasse da falta de huma, e de outra.

A verdadeira amizade, ou, pelo menos, a sua exquisita doçura talvez que só possa dar-se entre Mulheres, e Homens. A amizade entre os Homens he muitas vezes alterada, e destruida pelo interesse, pela ambição, por certas rivalidades de espirito, pelo desejo de pre-eminencia, e desputas mui vivas, e muitas vezes accerbas, e finalmente pelas colisões do amor proprio, e da vaidade. Muitas vezes a nimia familiaridade produz huma especie de frieza, e hum desgosto, que enfraquece todos os liames; porém as attenções, as condescendencias, os delicados desvélos, e as galantes maneiras, que costumão praticar-se com o bello sexo, dão a amizade graça, duração, e dignidade, e são ellas quem corrobora, conserva, e enfeita todos os bons sentimentos. O Homem com o Homem tem relações de negocios, de crédito, de dívidas, de projectos; mas na Mulher não ha senão o seu suavissimo tracto, e huma creatura feita para adornar os dias do Homem.

A Mulher, que Pope chama *Softer Man* »*o homem mais brando*» derrama a doçura por tudo quanto a circumda; tem a alma forte do Homem, e a sensibilidade da Mulher.

A amizade de huma Mulher por hum Homem he desinteressada, e por isso do mais nobre, e puro interesse animada. Se ella se interessa nos vossos bens, he com hum zello, e ardor infinito; entende os vossos negocios com huma sagacidade incrivel, e he incansavel em vos servir, e assistir. Madama Thianges dizia a Marmontel » uni-vos mais depressa a huma Mulher, do que a hum

» Homem, se quereis dar largos passos pela estrada da Fortuna. » Huma Mulher cuidará em vós com fervor, em quanto os vossos » Protectores cuidão em si. Ella escolherá todos os momentos, re- » petirá vezes mil os assaltos, triunfará pela sua insistencia, pe- » las suas graças, e pelos seus macios rogos. » Por isso tambem Zoroastro dizia » sê protegido por huma Mulher, e nada te- » mas. »

A Mulher participa de todos os sentimentos briosos, de todas as generosas paixões do amigo, não se occupa com elle em nescias bagatellas, eleva o seu caracter, associa-se com a sua fama, veste-se com a sua gloria. Tendes hum projecto? Comvosco o examina, e descute. Seu juizo he fino, seu conselho salutar, parece huma Prophetisa. Atormenta-vos alguma accerba mágoa, algum triste cuidado? Huma terna, e verdadeira amiga, partecipa as vossas penas, e he hum encanto para os vossos males. As Mulheres são piedosas Enfermeiras dos corpos doentes, são hum balsamo para as chagas do coração, tem palavras mágicas, com que adormentão as dôres. A Mulher he a amiga do nosso coração, e se torna o nosso conselho, conforto, allivio de nossos trabalhos, e prazer das horas placidas da vida.

Thomaz dizia que era preciso hum amigo nos grandes lances da vida; e huma amiga para o prazer diario; mas pela historia se prova que tambem nas mais arduas circunstancias, as Mulheres forão mais do que homens, e mostrando na amizade huma adhesão sublime, huma firmeza Heroica, afrontárão todos os perigos, insultárão os Tyrannos, e souberão morrer.

O Amor, delirio dos sentidos, perturbação da Razão, poderá ao Homem de grave caracter, e de grandes luzes parecer fraqueza, e este lhe cederá com pejo; mas o Homem de maior coração, mais envolvido em grandes estudos, e negocios, precisa de huma amiga para descansar suavemente depois de huma vida agitada. O sabio Pericles consultava a douta Aspasia; muitos outros Homens de estado tiveraõ huma doce amiga, que lhe inspirou magnanimidade. Huma amiga he necessaria a hum Homem de letras. Tal era Madama de la Sabliere para la Fontaine, a Marqueza de Chatelet para Voltaire, Madama la Villete para Bolinghbroke, Elisa Draper

para Stern, e Raynal, Mademoiselle L'Espinasse para D'Alembert, e Madama Lambert para Sacy.

As Mulheres tem hum sentimento delicado; huma intelligencia prompta, hum gosto finissimo, e são excellentes juizes em materia de sentimento; julgão mais com o coração, que com o espirito; o espirito vê, o coração sente. Huma sábia amiga póde ser utilmente consultada; póde inspirar hum grande escriptor, e inflamálo em o amor do bello, e da verdade » Parece-me, » (diz Raynal) ouvi-la do alto dos Ceos » esta Musa se- » vera, que te contempla (diz ella) he a Historia, que tem a » cargo determinar a opinião da Posteridade; esta Divindade, que so- » bre o Globo passeia, he a Fama, que não se desprezou de en- » treter-se hum momento comtigo: ella me trouxe as tuas obras, » e preparou a nossa doce união pelos sagrados vinculos da esti- » ma. Olha esta Phenix, que nunca morre; estes emblemas te ex- » hortem continuadamente a mostrar-te o defensor da Humani- » dade, da verdade, e dos sagrados direitos do Homem. » Do alto dos Ceos, tua primeira, e ultima Patria, recebe, Elisa, o meu juramento. Juro não escrever huma só linha, que não faça honra ao meu coração, e em que não se reconheça o teu amigo.

Tal he a felicidade, do que se une a huma Mulher em vinculos de honesta amizade, então se conseguem aquelles ternos disvélos, que os Homens não tem entre si senão pela metade; a differença dos sexos, que não póde de todo esquecer-se, põe hum encanto novo nesta amizade; prova-se hum sentimento misterioso, indefinito, dulcissimo, que não he amor, não he amizade, porém partecipa d'ambos, e tem todas as delicias delles. Tem menos transportes, que o primeiro, tem mais vivacidade do que o segundo.

Porém esta amizade só póde dar-se entre Pessoas de espirito, e de hum espirito refinado, e alma cheia de delicadeza; feliz quem conseguio tal amiga! Mas que desgraça, he vêrmo-nos separados da pessoa, que tinha o segredo da nossa alma, e a quem nós devemos a vida do coração, e a vida celeste? D'Alembert perdeo ao mesmo tempo Madama Geoffrin, que costumava visitar todas as manhãs, e Madama L'Espinasse com quem passava as tardes. » Ah! » (dizia pezaroso) depois que a morte me roubou estas Pessoas

» tão queridas, já para mim não ha manhã nem tarde. Quem te-
» ve huma terna amiga, e a grande infelicidade de a perder (ex-
» clama hum Phlosopho Alemão) tem perdido quanta doçura
» ha no Mundo, quanto lhe fazia amavel a vida; cahio do Ceo
» sobre a Terra! »

POEZIA.

ODE PINDARICA

A S. Magestade Fidelissima D. Maria I. Rainha de Portugal, e dos Algarves.

Da voi vienmi lo stile, e voi levate
Sovra se stesso il debile inteletto,
Poi che la cetra mia rauca, e discorde
Si ha da lacci d'amor fatte le chorde
Marini Adon. C. XI. Stan. 5.

STROPHE I.

Já de candidas plumas
Meus hombros se revestem, Cisne adejo
A espaços sem medida;
Vou sobranceiro ao Lethes,
Onde naufragão Bavios, e Thersites,
Zarguidas, Elegiadas se afundão!

ANTISTROPHE I.

Com soffregos ouvidos
Devorará meu canto o Bretão forte,
O liberrimo Hispano,
Do Tybre o culto Filho,
O que bebe no Rodano espumoso,
O montigena Helvecio, o Dano, o Russo!

EPODO I.

Ao som cadente de alternados malhos
Nas incudes Dirceas
Alados Genios mil lidando accesos
As laminas preparão,
Que deve historiar boril da Gloria
Da Lusa Soberana
Com preclaras acções, dotes sublimes,
Ornamento immortal da Fama ao Templo.

STROPHE II.

Solerte a Natureza
A hum lado se desvéla! em teu composto,
Rainha Augusta, empenha
Quantos dotes podérão
Mortal peito uffanar! Riso de Venus,
De Minerva razão, talhe de Juno! (1)

ANTISTROPHE II.

Além, qual, de seu throno,
O Rei das Estações de luz vestido,
Vê mil rotantes Globos,
Que o buscão reverentes,
Que tímidos se affastão; elle immoto
Presta a todos calor, dá vida a todos;

EPODO II.

O rosto, magestade, o peito amores,
Erguida ao solio avito,
A Compaixão daqui, dalli Justiça, (2)
Libras na gentil dextra
O Sceptro que empunhou primeiro Affonso,
Que de Asianas gemas
Enriqueceo Manoel, João remira, (3)
Joseph fez respeitar, tu glorificas.

STROPHE III.

Vai orgulhoso o Nilo
De montesinos feudos trasbordando,
Do enigamatico Egypto
A's aridas campinas
Levar fertilidade em fartas ondas,
The que por bocas sete o mar insulta!

---

(1) S'avesse la Belta corpo mortale
credo, che la Belta sarebbe tale.

Marini Ad. c. 19. St. 26.

(2) Incrudelir nei semplici innocenti
Non conviensi a Beltá celeste, e santa;
Vive pietá nelle divine menti
Ne di gloria maggior Giove se vanta

Marini Ad. c. 12. St. 114.

(3) D. João IV.

ANTISTROPHE III.

Taes vão caudaes perenes,
De ventura innundando o seio á Lysia
Em teu feliz reinado,
Lysia, que, jubilosa,
Tantas graças por ti aos Ceos envia,
Quantas graças os Ceos por ti lhe outorgão.

EPODO III.

Babilonios jardins pelo ar suspenda
Semiramis incasta,
Mausoléo, que hum portento accresça ao Mundo,
Outra ao Consorte eleve,
Cêda o Reino Christina, e chore o Reino;
De seu poder o tronco
Regando Elisabeth com proprio sangue,
Patrio culto transtorne, e Roma insulte.

STROPHE IV.

Pranto enxugar do afflicto,
Orgulho insultador conter dos grandes,
Dar ao merito asylo,
Acatamento ás aras,
A's Artes protecção, honra ás Sciencias,
A gloria tua, os teus brazões são estes.

ANTISTROPHE IV.

Com cem fuzis de bronze
Pulsos cruzando ao dorso, olhos em fogo,
Ruge atroz Phanatismo,
Chora os horrendos tempos,
Em que sobre cadaveres reinava;
E os infernos servio dos Ceos em nome!

EPODO IV.

Themis imparcial de Ti sustida
Vibra a fulminea espada,
Corta por Gordios nos de enredo abstruso:
Cavilosos Phantasmas,
Godas Chiméras, Arabes Sofismas,
Da injustiça sequazes,

Ruem aos golpes seus, e se desbastão
De teu Codigo á luz Romanas trevas!

STROPHE V.

Que tumulto! Que estrondo!....
Serras, malhos, cizeis, compassos, reguas,
Os varicosos braços
De Artistas a milhares
Armão; fervem na obra como, em pinhas,
Ao redor da colméa Abelhas zumbem.

ANTISTROPHE V.

Rivalizando Mafra,
Aos ares sobe magestoso Templo, (1)
E, entre as soberbas Torres,
Hum tacito respeito
De longe inspira seu Zimborio augusto,
Parecendo, que os Ceos sustenta aos hombros!

EPODO V.

Magnifico Theatro eis abre o campo (2)
Da melodiosa Eutherpe
Da variada Terpsichore aos portentos:
Rival do inberbe Apollo
Crescentini hi triunfa; as Almas leva
No rapido volteio
Apoz si Radaeli..... oh! Não profanem
Jámais vís Histriões tão lindas scenas!

STROPHE VI.

Grande Luiz tão pago
De que Boileau, Racine, e La Fontaine
Teu Reinado illustrassem,
Vê mais lustre, e mais pompa
Dar de Maria ao venturoso Reino
Garção, Diniz, Bocage, e o grão Philinto.

---

(1) O Convento do Coração de Jesus.
(2) O Real Theatro de S. Carlos.

ANTISTROPHE VI.

Desce de Aveiro aos campos
Lêda Saude de rosadas côres, (1)
E aos Incolas presenta
O seu nectareo copo;
E sobem pelo já liberto Vouga
Commerciaes Baixeis, Britanas Frotas.

EPODO VI.

Calvos Montes direi, inferteis Vargens
Que enverdece fecunda.
O potente condão da Agricultura?....
Generosos Hospicios
Franco azilo da afflicta Humanidade?....
Os Palladios Gimnasios?....
Mas conte Astros ao Ceo, ao Prado Flores
Quem da excelsa Heroína acções numere!....

Por José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

HISTORIA.

Memoria sobre Ceuta. (2)

He esta huma das principaes Cidades, e Fortalezas d'Africa, na parte, que propriamente se diz Mauritania, ou Barbaria; pertence ao Reino de Féz, e está situada no monte *Abyla*, fronteiro ao *Calpe*, onde se levanta a grande Fortaleza de Gibraltar, sobre o Estreito deste nome, ou garganta do Mar Mediterraneo, que tambem dizemos Herculeo, porque ao Estreito chamárão os antigos *Fretum Herculis* (Estreito d'Hercules, ou Herculeo), e porque estas (*Abyla*, e *Calpe*) são as chamadas *Columnas d'Hercules*, que alli pôz termo a seus trabalhos, e limite a suas navegações: fica 10 leg. ao E. de Tangere, 25 ao S. E. de Cadis, na long. de 17 gr. e 10 min., e 35, e 36 de lat.

---

(1) Desentupimento da Barra de Aveiro, e extinção dos charcos, que motivavão anuuaes epidemias nos habitantes daquella Cidade.

(2) Artigo comunicado.

A Barbaria dos tempos, que tem sumido no esquecimento muitas preciosas antiguidades, e a falta de letras, com que ellas tem nome, e vida, nos deixou na ignorancia de cujos fossem os fundadores desta Cidade, que consta haver sido huma das mais opulentas, e populosas de toda a Africa: escrevem os Arabes que ella he fundação de hum Neto de Noé, o qual lhe deu por nome *Ceit*, que, em Lingua Chaldea, significa *principio de formosura*; porém a mais seguida opinião he a de haver sido fundada pelos Romanos, os quaes lhe derão por nome *Septa*, hoje *Ceuta* por corrupção de vocabulo, ou *Ceita*, como achamos em nossos Historiadores; e duas são as etymologias, origens, ou derivações, que commummente se dão a este nome: querem huns que *Septa*, ou *Ceuta* se derive do verbo Latino *Sepio* (cercar, murar, circumvallar) dizem ourros que vem do nome numeral *Septem* (sete) por estar junto de huma serra onde ha sete montes levantados em altura igual, a que por isso os latinos chamárão *Septem Fratres* (sete Irmãos), e neste sentido disse o nosso Camões no C. 4. da Lus. Est. 36, e 37:

Qual parida Leôa féra, e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto o pasto lhe buscára,
O Pastor de Massilia lhos furtára;
Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes *sete Irmãos* atrôa, e abala, etc.

Mas, como quer que isso seja, certo he que o Imperador Justiniano mandou pôr em Ceuta hum Tribuno com alguns Soldados, e Navios ligeiros, para guarda do Estreito, como se vê da segunda Lei do Titulo do perfeito Pretorio d'Africa; e que, invadindo, e assenhoreando-se os Godos do Imperio Romano, Ceuta se conservou com Governador até ao tempo d'El-Rei D. Rodrigo, em que, pela deslealdade do Conde Julião, veio a dominio dos Moiros, sendo desde então quasi como porta aberta, e a principal por onde elles sahião a fazer suas errupções na Hespanha; e tamhem a isso se refere Camões na Est. 49 do mesmo Canto:

O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceuta toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; segura toda a Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

Os alicerces dos muros antigos mostrão o muito espaço, e grandeza desta Cidade, cujo termo era muito abundante em vinhas, e pomares, e ella em si mui rica; porque, como pela sua situação he conjunctamente emporio d'Africa, e da Europa, a ella vinhão todo o genero de aromatas, drogas, e mercadorias, assim dos outros lugares d'Africa, como da Europa, e do Oriente, conduzidas por Alexandria; e alli se lavravão mui primorosas obras de coiro, sêda, e arame.

A sua conquista foi hum dos feitos mais honrosos das nossas Armas, e hum dos mais memoraveis do glorioso reinado d'El-Rei D. João I.; foi a primeira, que houvemos em Africa, onde ao depois tanto nos assignalámos, e mostrou não sómente o bom engenho, e conselho, senão tambem o valor do sabio Infante D. Henrique, o qual em sua entrada se distinguio por muitas gentilezas d'armas; havendo elle sido dos primeiros, que saltárão em terra, sendo o primeiro movel deste famoso commettimento, e o unico de quem as coisas se sabem com mais individuação; ficando as acções de tantos illustres Cavalleiros sepultadas no esquecimento por descuido dos nossos Historiadores, que nem ao menos nos fazem certos do número de gente, e embarcações, que forão a esta empreza: porém, segundo Jeronymo Zurita na vida d'El-Rei Dom Fernando I. de Aragão, e hum Epithaphio, que se lê no Mosteiro da Batalha, sabemos que a nossa Armada se compunha de mais de 200 vélas, entre Náos, Galés, e Navios menores; pelo que podemos conjecturar, que talvez vinte mil Homens se embarcárão nesta venturosa Armada, que aos 25 de Julho de 1415 levou anchora do porto de Rastello (hoje Belém), e foi largar ferro na bahia de Lagos, onde se publicou a tenção d'El-Rei, até então mui acautelada, e judiciosamente havida em segredo, e alli se demorou até 7 de Agosto, dia, em que foi demandar o Estreito; mas, obrigada de hum grande temporal, foi accolher-se em parte a Malaga, e em parte a Gibraltar; até que, reunida no dia

19, foi dar sobre a Cidade, a esse tempo dominada por hum Moiro Ancião, tambem Senhor de Tangere, Arsilla, e outros lugares naquella Costa, mui respeitado por ser de linhagem dos Marins, havida por a mais illustre em Africa, e elle por nome Zalabençala, tido em conta de mui prudente, esforçado, e cauteloso; porém, não lhe aproveitando esforços, nem apercebimentos, no dia 21 daquelle mez, e anno foi a Cidade entrada pelas armas Portuguezas, que nella houverão mui copioso, e rico despojo, com perda de só 8 homens, sendo excessiva a dos Moiros, posto que tambem ao certo se não saiba o número dos seus mortos, ou prisioneiros.

Alli armou El-Rei Cavalleiros os Infantes D. Duarte (Successor do Throno), e D. Pedro, e D. Henrique, os quaes tambem fizerão Cavalleiros alguns Fidalgos, ficando d'entre estes por Fronteiro, ou General, e primeiro Governador Portuguez naquellas partes D. Pedro de Menezes, Conde de Vianna com dois mil e quinhentos homens; e ao Infante D. Henrique mandou El-Rei mettesse o Conde de posse do Castello, dizendo » que nenhuma homenagem delle queria, senão o conhecimento, que tinha de sua bondade. » Tanta era naquelles fortunosos tempos a magnanimidade dos Reis, e o valor, e lealdade dos Vassallos!

Altas diligencias fizerão por a recuperar os Moiros de Féz, Marrocos, e Granada; pelo que em grande fadiga, e aperto se vîo o nosso illustre D. Pedro de Menezes, e os demais generosos Cavalleiros, que erão com elle, especialmente no cerco formal, e assaltos, que nelle soffreo em 1419, até que foi levantado com auxilio dos Infantes D. Henrique, e D. João. Sendo Regente do Reino por seu Irmão D. Affonso VI. o Infante D. Pedro, foi cedida á Corôa de Castella pelo Tratado de Lisboa de 2 de Março de 1668: nesse tempo foi, contra os Moiros, que a cercavão, soccorrida por nossas armas, capitaneadas por D. Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil: resistio a outro apertado cerco em 1697, e he ainda actualmente o melhor presidio da Hespanha em Africa.

Moniz.

ARTIGO IV.

MISCELANEA.

Costumes dos Gregos Modernos.

Todos os Ilheos do Archy-pelago são apaixonadissimos da sua Patria. Preferem seus alcantis de Rochedos aridos, e escalvados aos mais agradaveis paizes, como Ulysses preferia Ithaca a todo o Universo. Perguntão sem cessar aos Viajantes se tem visto coisa mais béla, tudo lhe parece admiravel na sua Patria. Desputão continuamente entre si sobre a preferencia de suas Nações, e he de grande difficuldade o rezolver huma Rapariga de alguma Educação, e cazar-se em outra Ilha. Ella se teria por deshonrada se vendesse o seu Patrimonio, ainda mesmo no cazo de lhe dar perca, e não lucro. Nenhum Grego das Ilhas venderá os seus bens, ainda que se veja constrangido a viver em outra Ilha, e a perder os Rendimentos delles, de igual modo os antigos Gregos, e em especial os Lacedemonios, se envergonhavão de vender sua herança.

Falta de ordinario ás Gregas aquella formozura, que admiramos nas Estatuas de seu Paiz. Tem mais de bonitas, que de formozas: mas tem todas bons olhos, nariz inclinado, e pescoço hum pouco alto. Seu sangue foi abastardado pelo dos Turcos, especialmente no tempo, em que com o *carache* (1) se cobrava em cada aldêa hum certo número de crianças de ambos os sexos, mas tal uzança não está hoje em prática. As Insulares mais bellas são as de Tino, e de Siphant; em Pathmos, Santorin, e Stampalia, nunca as Mulheres bebem vinho.

As Mulheres Gregas são de ordinario muito fecundas, e crião ellas mesmas seus Filhos.

Na Ilha de Stampalia cazão-se as Raparigas muito Moças; em geral quando tem onze a doze annos, e algumas vezes mesmo antes da idade nubil. Estes cazamentos precoces forão mais frequentes antes do Governo do actual Capitão Bacha, que faz

(1) Tributo que o Grão Senhor cobra dos Christãos.

observar a este respeito huma severa desciplina. N'outro tempo os Pais, e as Mãis temião que os Turcos despozessem de suas Filhas contra sua vontade. Em Pathmos, costumão-lhe fazer contrahir esponçaes a dez, ou onze annos, e cazão-nas dois, ou tres annos depois. Em Termia tambem se cazão mui cêdo.

As Gregas uzão muito de ouro, perolas, diamantes, e anneis. Ví, » (diz hum Viajante) nestas Ilhas algumas com mais de » duas mil piastras em joias, que não tinhão cento e cincoenta de renda.

As Mulheres nas Ilhas passão a vida a fiar algodão em companhia de suas Criadas, que tratão com grande afabilidade, e que, pela maior parte, são tambem educadas como suas amas.

Os Gregos tem muito mêdo do *máo olhado*, o que he hum resto de superstição antiga. Tem conservado as idéas de seus antepassados á cerca do poder da Magia. Tem ainda muitas Fontes, a que attribuem virtudes contra certas molestias.

No Archypelago, e em todo o Levante, não se móe o Café, pizão-no com huma mão de ferro em hum gral de Páo, o que faz o Café mais fino, e mais ecconomico. Nas mais partes das Ilhas tomão-no sem assucar; em geral fazem os Gregos mui pouco uso do Assucar, e todas as suas Pastelarias são fabricadas com mel. A melhor Salva he a que nasce em Stampalia, e Syra; maximamente se he colhida com orvalho do principio, e fim de Maio, e se tem crescido em sitio abrigado do Sol; com ella se faz o que os Turcos chamão *Trai Roumi*, que he o Chá dos Gregos; he hum licor mui grato, e estomachal, mas demaziado quente de verão.

A escacez de pastos obriga os Santorniotes a mandar seus Machos, desde Novembro até Abril, para *Pallaia Kammeni* (antiga Ilha queimada) onde encontrão muito hervame, mas não tem mais agua, que a de chuva. Dizem que de lá voltão mui nedeos, e anafados, mas he precizo nos primeiros dias dar-lhe pouco de beber, porque, tendo perdido o uso disso, lhe fazia mal.

As Cidades mais bem edificadas nas Ilhas são Scio, que he de Architectura Genoveza; Milo, Paros, Syphant, Zea tem bellos Edificios.

As ruas nas Ilhas são mui estreitas, e andão por ellas tantos

Porcos, que ás vezes não deixão passar a gente. As de Stampalia, e de Serpho são tão pouco largas, que por ellas se não póde transportar hum defunto em hum *Kataletto*. Por isso embrulhão os cadaveres em hum tapete velho, e os levão ás cóstas até á Igreja, que fica fóra da Povoação. As escadas, que se estendem, pelas Ruas, fóra da Peripheria das Cazas, tomão quazi todo o Campo.

He rara a Caza, que nestas Ilhas tem janellas, supprem-se com postigos, que estão abertos todo o dia.

As camaras dos ricos estão adornadas de muito máos Retratos comprados em Veneza, e Napoles. Não ha mezas para escrever; não prestão as fechaduras, são muito baixas as Portas, principalmente as das Igrejas, para que os Turcos não entrem por ellas a cavallo. Os Leitos são tão altos, que para se deitarem he precizo subirem com huma cadeira, ou banca. Debaixo do Leito ha huma especie de parteleiras, onde dormem as Criadas.

Ha bellas Torres, ou pavilhões de campanha nas Ilhas de Naxia, Andros, e Metiline; nesta ultima Ilha quando se caza huma Rapariga, da-se-lhe usualmente huma Caza na Cidade, e hum Olival, em cujo meio está situada a Torre. Tambem nos campos dos Athenienses havia Torres como estas.

Hum dos maiores flagellos do Levante são os bichos que róem os livros, e lhe fazem mais damno que nos nossos climas. Todas as Bibliothecas dos Jezuitas em Salonico, Scio, Santorin, Naxia, e mesmo em Constantinopla se desfazem em pó ainda que mais tarde, passão pelo mesmo fádo os Manuscriptos de Pergaminho, e vem assim a achar-se na Europa Christã, e principalmente em Inglaterra, e Alemanha, e França Manuscriptos Gregos mais antigos que os do Monte Athos, Pathmos, e outras Bibliothecas do Levante. Hum Viajante Francez assegura que em dois annos lhe derão os taes bichinhos cabo de quantos livros levára de París.

Em Pathmos, e em alguns Mosteiros do Monte Athos, são os Frades obrigados a servir-se de Livros Manuscriptos para o côro; o que faz com que apezar da coassissima ignorancia dos Gregos, ainda haja alguns, que saibão lêr os Missaes, que não entendem. O pouco cuidado que os Frades Gregos tem de seus Livros he grande parte para estragá-los.

» Em quazi todos os Conventos do Monte Athos, em quazi
» todas as Bibliothécas que vî (prosegue , o mesmo Viajante)
» estão os Livros confuzamente amontoados em grandes Arcas,
» e entregues á humildade. Examinando na Ilha de Siphante os
» Missaes do Mosteiro de Brisi vî sahir trez ratinhos daquella
» Bibliothaphos (sepultura de Livros.)

Em muitas cazas de Athenas , e Couhrouchismo , fazem as Criadas vento , e enchotão as Moscas com hum leque ; he tambem uso antigo , como póde ver-se em Terencio eun Act 4 Scen. 5.

Os Bailes dos Gregos são tão monotones como os seus cantos. Ha sempre a mesma Dança a *Domeika* , tão elegantemente descripta por Mr. Guys. Os Albanezes tem huma Dança que da vizos de Dança Pyrrhyca , ou Guerreira dos antigos. O traje dos Albanezes he o mesmo dos primeiros inculas do Epiro. As Danças são sempre ao son da Lyra ; mas que Lyra ! Cahe aqui bem o antigo proverbio *onos pro Lyran* (Burro a par da Lyra) os Musicos cantão árias , que muitas vezes improvisão , e ha muitos emprovizadores na Grecia. Dão Serenatas ás suas Amadas no dia de Anno bom.

Ha em Tino huma Colana muito antiga aonde prendem os Ladrões nús até á cintura. Untão-nos de mel , e os expõem assim pelo espasso de huma hora ás Moscas , e aos ardores do Sol , depois de os terem feito passar em hum Burro com a cara voltada para o rabo.

As bastonadas nas sólas dos pés tambem forão usadas pelos Antigos (vid. lib. ep. 119. pag. 532.) No governo do Imperador Mauricio foi empalado pelo pescoço hum Magico chamado Paulino. Vid. Theopl. Simocata Hist. L. 1. cap. 11 Pag. 23.

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO V.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Idéa da Philosophia, como disposição natural, e precisão do Homem.

SABER he a geral inclinação de todos os Homens. Estas palavras, porque começa o primeiro Livro da Metaphysica de Aristoteles, contém, ao menos quanto ao seu nascimento em nosso espirito, todo o segredo da Philosophia. O Homem quer saber; quer entrar pela essencia, e relações de tudo quanto o rodeia, e descobrir o porque, e o como de todas as coisas. Sua destinação prática he operar, mas não póde accommodar-se com a ignorancia do porque deve operar de huma, e não de outra maneira; busca na especulação hum fio, que o conduza pelo labyrintho da vida, e ahi procura regras fixas para o tacteamento da experiencia. Debalde o bom senso vulgar, prole da importancia ligada á satisfação de nossas exigencias reaes, physicas, e quotidianas, brada a Democrito » que o Homem he nado para cultivar, e não para medir a ter- » ra: » Democrito prosegue em seus estudos. A irresistivel ancia de saber, que nelle se desenvolvêra, o arrastra a comtemplar, e a reflectir. Se o primeiro passo, que o Homem dá para egredir da classe dos brutos he reconhecer a ordem das estações, prever suas precisões futuras, fecundar a terra a seu tempo; o segundo, e que totalmente o destingue delles, he entregar-se á investigação das

Leis da natureza, de seu entendimento, e deveres. Então rompe a linha, que entremeia a intelligencia, e a materia; produz, desenvolvendo seu pensamento, o mais bello titulo de humanidade, e que verdadeiramente a caracteriza; já não he méro usufructurario, tornou-se Espectador, e quasi Juiz da creação.

A Sciencia imprime no Homem ignorante hum involuntario respeito á aquelle, que a possue. Na Sociedade Humana, que mais brilhou por sua cultura, na Grecia, se designárão os mais illuminados individuos com o appellido de *Sophos*, de *Sophistas*, isto he *Eruditos*. Trocárão depois este pelo mais modesto nome de *Philosophos*, ou *amigos da sabedoria*. A affinidade das palavras *sapiencia*, e *sabedoria* entre as Nações mais modernas, claramente descobre a affinidade íntima, que sempre o espirito concebeo entre a Sciencia, e a Philosophia, entre o Erudito, e o Sabio.

Quando as luzes começavão a raiar, e quando quasi todos os Homens estavão ainda submergidos nas trévas da ignorancia, os poucos conhecimentos colhidos cá, e lá por alguns espiritos mais activos, e melhor dotados pela faculdade de observar, se reunírão naturalmente em hum congesto sem ordem, ligação, nem harmonia. Ninguem cuidava de unir, descernir, e arranjar á parte cada hum dos elementos, que, a seu tempo, devião pertencer a diversas Sciencias, de que então não havia a minima idéa. Alguns principios dispersos de Medicina, e Geometria, certas maximas de conducta, para uso dos Particulares, e dos Estados, a alterada tradicção dos factos antigos, a indouta observação dos Astros, e da Natureza, a Theogonia, e Cosmogonia fabulosa daquella idade, os imperfeitos principios de algumas Artes nascentes, como a Musica, a Poesia, e a Dança, e finalmente as mais, ou menos engenhosas conjecturas, que cada hum a isto ajuntava sobre a origem, e fim das coisas, tudo isto confundido, e amalgamado formou por largos tempos hum corpo de doutrina, que era a sabedoria daquelles Evos. Esta Sciencia unica, era na verdade bem pobre; porém continha na sua confusão os germens de quasi todas as futuras Sciencias. Trazia já comsigo o cunho das fórmas, e dos modos originaes do entendimento humano, de cuja actividade, ella o era o producto; e a quem só restava estender, destribuir, e aperfeiçoar. Assim em hum jogo d'optica, hum espelho conca-

vo, depositario da imagem, que deve pintar em hum fundo escuro mui distante de seu foco, só ahi lança ao principio hum ponto luminoso, confuso, e homogenio, porque está turvado; porém á medida que se avisinha ao foco, estende-se a imagem, e as grandes divisões do Phantasma córado se fazem já perceber. Finalmente tração-se limpamente os contornos, separão-se todas as côres; percebem-se as partes, conhecem-se as fórmas, e se descobrem todas as gradações no que tinha começado por ser hum ponto luminoso, tal he, com pouca differença, a marcha da luz intellectual na distribuição, e classificação das Sciencias, e da Philosophia.

E, com effeito, quando por huma parte os factos da Historia, e da Natureza enriquecêrão a memoria; e por outra parte o entendimento activo, e a razão do Homem dilatárão os dominios da Especulação, a luz se tornou logo mais viva, e mais precisa, distinguírão-se limites, e marcos em os campos da Sciencia, que até então tinhão parecido razos, e unidos. O que até alli se figurára hum irregular congesto começou a parecer susceptivel de huma tal, ou qual distribuição. A primeira separação geral, que teve lugar ao sahir do Cáhos, foi, como póde bem julgar-se, a dos factos, e dos raciocinios: a dos conhecimentos, que pertencião á simples percepção, ou memoria; dos que pertencião á intelligencia, e á especulação, e finalmente daquelles, que pedião a acção do entendimento.

Além disso, começando tambem o vulgo a instruir-se, se applicou, como era natural, aos conhecimentos mais faceis, que menos custavão, e que lisongeavão os Homens sensuaes, que não tinhão tempo para entregar-se á meditação. Fez-se pois a invasão do vulgo na parte da Sciencia, que ficava mais ao seu alcance; apoderou-se da Tradicção, e da Historia, de quanto se sabia de algumas Artes uteis, ou funestas, como a Architectura, a Guerra, a Poesia, e a Musica, e, como se esta profanação lhes tivesse tirado toda a formosura, os Sophos, e Eruditos de profissão declarárão todas estas terras conquistadas fóra dos dominios da Sciencia, agorentárão os limites desta; e, para ficarem sempre separados do commum dos Homens, se retirárão com o deposito dos conhecimentos meditativos para o destricto mais elevado do entendi-

mento, e da razão, aonde estabelecêrão a séde principal da Sciencia, e Philosophia.

Assim se estabeleceo a opposição, ou antithese, que jámais cessou, entre o que he *Empirico*, isto he esperimental, individual, e proprio só para ser reconhecido de facto, e o que he *puro*, isto he theorico, geral, independente da experiencia, e que repousa sobre principios só pela razão reconhecidos. Teremos no proseguimento deste assumpto de recorrer muitas vezes a esta distinção fundamental, que procuraremos estabelecer sólidamente. Para mostrar que teve lugar nos primeiros tempos bastará esta passagem da Metaphyzica de Aristoteles: » A meu vêr a Theoria merece mais o nome » de Sciencia, do que a Experiencia; e o Theorico he por conse- » quencia mais sabio do que o Empirico. O caminho para a Sabe- » doria he o caminho da Sciencia. » Daqui se reconhece quanto as idéas de Sciencia, Sabedoria, Theoria, e Philosophia entrão humas nas outras; e que com effeito a Philosophia nasce da ancia originaria de aprender, e saber, estimulo innato em todos os Homens, que os impelle a sahir de sua apathia, para occupar-se de opiniões, que, á primeira vista, não parecem de real interesse para elles.

Conforme o principio da divisão, de que fallámos acima, e que era a segregação do *intellectual*, e do *sensivel*, os conhecimentos, que parecêrão pertencer mais immediatamente á intelligencia, e ter menos conexão com os sentidos contárão-se em primeira linha na essencia da Philosophia. Deste número forão especialmente, 1.º o systema das regras formaes, e necessarias, que dirigem a função do nosso pensamento no raciocinio; a Logica, chamada ao principio Dialetica. 2.º As considerações sobre a Natureza do Homem; sobre a de todos os Seres, sua origem, fim, e relações; sobre Deos, seja para demonstrar, ou para combater a sua existencia; coisas estas, que são todas hoje objectos de diversas Sciencias, a que damos differentes nomes, algumas das quaes se comprehendem sob os de Mathematicas, e Metaphysica; mas que outro tempo forão colectivamente objecto de huma Sciencia unica, chamada Sciencia da Natureza, ou Physica. 3.º O Codigo dos principios fundamentaes, que devem dirigir nossas acções para o bello, e honesto, que devem reger os Homens em Sociedade, a Moral, o Direito Natural, a Politica, reunidos então sob

a denominação geral d'Ethica. A estes conhecimentos racionaes os Sabios, ou Eruditos por excellencia, pertendêrão juntar o Direito de sentenciar sobre a Theoria da Lingua, sobre a das Artes, e sobre quando podia ser objecto da Legislação Racional. Deste modo a Philosophia ampliava, ou coarctava seus lemites, e abraçava conhecimentos, que depois regeitava como heterogeneas. Ninguem sabia onde collocasse hum marco, que variava continuamente; a idéa geral de Philosophia, ficava indeterminada, e vaga; muitas das Sciencias Racionaes, e das altas Theorias, que constituem a sua essencia, devem ser applicadas á experiencia, e realidades materiaes, sem o que ficarião inanes, e inertes Theorias. Mas até que ponto deve chegar esta applicação, e accidental aliança do intellectual, e do sensivel? Eis o que ninguem podia decidir, huns augmentavão, outros diminuião, segundo certas idéas, que formavão, o Imperio da Philosophia, e todos, segundo estas variações, davão della differentes definições. Havia muito que se philosophava, e não se podia ainda precisamente dizer o que era Philosophia, e ainda hoje, apezar de todos os progressos, não ha a este respeito hum completo acordo.

Por outra parte multiplicando-se as observações de todo o genero, e augmentando-se as luzes no campo do Empirismo, e no da Especulação, começou cada genero de conhecimentos a formar hum todo ligado, e systematico, que se enfeitou com o titulo de Sciencia. Daqui nasceo a idéa da Sciencia em geral, e se determinou o que devia exigir-se de todo o conhecimento, que tomasse este nome; citou-se a Philosophia, para que se lidimasse como Sciencia no Tribunal do Espirito Humano; e, ávista da difficuldade, que ella tinha em satisfazer a esta interpelação, e das discordes, e pouco precisas respostas daquelles, que se dizião seus Oraculos, se julgárão seus adversarios authorizados, para menoscaballa chegando mesmo alguns a duvidar, que fosse possivel a sua existencia.

Os Sabios Empiricos, uffanando-se com os palpaveis testemunhos, em que se apoiavão, e com os resultados reaes, e sólidos, que atingião, quizerão tambem usurpar só para si o nome de Sabios, e desalojar a Philosophia do Santuario do Entendimento, e da Razão, para aposenta-la no meio do Empirismo, e dos sentidos, descartárão-se de todo o jogo intellectual de concepções, e idéas, de que ella mais se occupava, e onde elles só vîão illuzões. Por

outra parte os Philosophos intellectuaes demonstravão com todo o vigor a estes intruzos, que as illuzões, e os erros estavão da parte dos sentidos, e da experiencia. Alguma razão havia de parte a parte, e o Sceptico estava no centro, eis o que fez com que Fontanelle dissesse: » Toda a Philosophia cimenta-se em duas unicas » bazes; isto he, em ser o Espirito curioso, e os olhos máos; se ao » menos se visse bem o que se vê.... mas vê-se diversamente do » que he, por isso os verdadeiros Philosophos passão a vida a não » crêr o que vêm; e a quererem adivinhar o, que não vêm.

Continuar-se-ha.

Pintura, e Esculptura.

(Continuado do N.º IV. pag. 61.)

Deve pois huma Acção, por muito viva, que seja, considerar-se como hum seguimento de combinações nas partes de huma Figura, cada huma das quaes tenha tido hum instante de duração; e cada huma destas combinações he propria para ser representada. Por huma Lei, que a Natureza impôz aos corpos, que se movem, a Figura em acção deve passar alternativa, e continuamente do equilibrio, que consiste na igualdade de pezo de suas partes balançadas, e repousadas sobre hum centro, á cessação do mesmo equilibrio, isto he á desigualdade do balanço. O moto nasce do rompimento do perfeito equilibrio; e o repouso vem do restabelecimento deste mesmo equilibrio. O movimento será tanto mais prompto, e mais violento, quanto a Figura, cujo pezo está igualmente devidido pelos dois lados da linha, que a sustenta, maior porção do dito pezo tirar de hum lado, para o pôr para o outro, e isto com a maior precipitação. Quando queremos parar, nosso corpo se inclina para o ponto, em que o seu pezo se acha em repouzo. Hum lado mais carregado parece accrescentar-lhe o pezo, e dá de si; sente-se hum contraste, e a Figura se torna des-igual sem estar menos a prumo.

A belleza consiste em huma conformação perfeitamente relativa aos movimentos, que nos são proprios. A graça consiste na afinação destes dois movimentos com os da alma. A alma ope-

ra na infancia, e na mocidade por hum modo livre, e immediato sobre o destino da expressão. Por consequencia a Infancia, e a Mocidade são as idades da Graça, e a agilidade, e flexiblidade dos membros lhe são tão precisas, que a idade madura se lhes nega, e a Velhice as não tem. A simplicidade, e franqueza d'alma contribuem tanto para produzir as graças, que as Paixões endecizas, ou muito complicadas, as fazem raras vezes nascer. O sexo mais elastico, e mais sensivel em suas affecções, em quem o dezejo de agradar he pela natureza inspirado, aquelle sexo, que torna a belleza mais interessante, tambem, quando escapa ao artificio, e á affectação, offerece as graças no aspecto mais seductor. A arte de roupear he tambem hum dote essencial no Pintor, e no Esculptor; cumpre que suas roupas estejão em harmonia com o assumpto, e que o lançar das pregas deixe entre-ver o nú atravez dos vestidos.

A expressão em Pintura, ou Esculptura he huma reprezentação do caracter, que destingue o objecto, e o seu effeito he affectar os Espectadores. A expressão estende-se dos objectos mais simples aos mais compostos; dos corpos menos susceptiveis de acção, aos que são mais animados; em huma palavra da materia ao espirito. A Arvore, que rompe as nuvens, nos faz impressão por elevada; huma Floresta inteira pelo carregado de suas sombras, e pela magestade das Arvores, de que se compõem. Hum vasto Rochedo ameaça ao mesmo tempo em seu altivo cume o Ceo, e a Terra sobre a qual pende do alto de hum monte. Faremos sentir em hum Quadro o susto, que elle nos infunde; e seu pezo, fóra de equilibrio nos fará tremer a respeito de quanto se acha exposto aos funestos rezultados de sua quéda. O Homem finalmente nos affectará pelos movimentos, de que percebemos, que está sua alma agitada. Notamos o que estes movimentos produzem em seus membros, musculos, aptitudes, gestos, côr, e feições, e assim pela faculdade de sentir, e destinguir todas estas coizas, chegamos á expressão das paixões, que corôa os primores da Pintura, e da Esculptura.

As reflexões, que acabamos de fazer, e propór, são igualmente applicaveis á Pintura, e á Esculptura. Passemos agora ao exame dos meios, que a Pintura emprega, e de que não preciza a Esculptura; quero dizer das côres. O objecto do colorido he imi-

tar a luz, e pintar o Espaço. Cada objecto offerece á nossa vista sombras, e luzes, que rezultão dos raios, que o Sol sobre elles derrama. Estes objectos tem, além destas sombras, e luzes, huma côr, que lhe he propria, e a quem a luz augmenta o brilho, e vivacidade. Devemos, por consequencia, quando pintamos, imitar as côres de cada assumpto local, e a concordancia, que a luz, e a sombra dão aos objectos em razão de seus planos, ou das superfices, que os raios, que illuminão hum Quadro, e que se suppõe partir de hum ponto, encontrão em seu caminho. Da-se o nome de *claroscuro* ao effeito destas sombras, e luzes. Dois tons podem bastar para representá-los. O branco imita a luz, e o negro imita o effeito das sombras. Deve o Pintor observar o colorido de objectos distantes: nelles he a sombra mais branda, e a luz menos viva. A gradação das côres não he tão confuza nos objectos vizinhos; junto do fogo se destinguem as luzes, e as sombras por traços marcados, e decidem os contornos dos corpos. O mesmo ar tendo menos espessura, e sendo por consequencia mais diaphano, não altera a côr, que se apresenta com todo o seu brilho, de modo, que a luz fornece huma cadeia entre os objectos mais proximos, e os mais distantes. Cada tom de côr, que se offerece á nossa vista se confunde, e perde naquelle, que se lhe segue.

O tom dos objectos illuminados seria muito duro se os reflexos não se unissem ao claroscuro, e se o ar não deminuisse o matiz dos objectos distantes. Pelos reflexos parecem as côres misturar-se; cada objecto alternativamente recebe, e dá, e he este hum dos grandes meios, que o Pintor póde empregar para que varie a harmonia do seu colorido; mas huma vez escolhida huma concordancia, deve-lhe conservar o caracter, e unidade. Esta concordancia nasce das côres do seu fundo, mas he necessario que elle não deixe ver o artificio: reflexos demaziadamente marcados, meias tintas mui duras, rompimentos imprefeitos offendem os olhos, e desmanchão a illuzão. A côr deve ter a ligeireza do ar, e a sombra deve ser como hum véo transparente, que modifica o tom da côr. Deve pois a sombra ser em tudo a mesma, ora mais negra, ora menos forte, e isto he que produz as pauzas, que fazem brilhar as côres nos claros. Tambem as oppozições são hum grande meio, de que póde servir-se o Pintor para produzir effeito, mui-

tas vezes huma côr sensivel produz o effeito da sombra sobre hum plano illuminado.

Tambem o momento da Acção deve influir muito sobre o tom do colorido. Quando o Sol principia a despontar no horizonte são os outeiros feridos pelo modificado fulgor de seus raios; as mal-determinadas sombras dos Corpos se misturão com vapores; cujo effeito he torná-las mais negras; à medida que aquelle Astro vai sobindo, a Athmosphera se pinta de azul, a Terra se adorna, e cada objecto toma a sua verdadeira côr, o que necessariamente deve mudar as concordancias. O Meiodia espalha sobre toda a Natureza hum brilhantismo, que não he possivel imitar. Então o Pintor prudente tem o cuidado de entre-pôr algum objecto capaz de romper os raios do Deos do dia, que, não obstante isso, deixa escapar, para mostrar o instante. O pôr do Sol fórma effeitos largos, e luminozos; as sombras, e as luzes se estendem, e tornão as massas mais faceis; a sombra tem mais arrogancia, as côres maior brilho, e tudo parece reflectido.

O lugar deve decidir da escolha, que o Pintor deve fazer do acabamento, ou do toque rapido; quando tem de pintar hum espaço lemitado, ou hum quadro para ser visto de perto deve fundir todas as tintas, com hum pincel mui leve; se pelo contrario quer decorar a abobada de hum Palacio, ou de hum vastissimo Templo, póde então trabalhar com hum estylo mais arrojado; mas então o ar deve servir para adoçar o tom das passagens menos finas.

ARTIGO II.

LITERATURA.

Emportancia da Imaginação nas Artes.

Não ha quadro tão perfeito, na despozição natural das coisas, que a imaginação não tenha que retocar. Ha poucos factos na Historia, que a Poesia não deva corregir, e adornar para que fiquem mais interessantes. Não tem pois as producções das Artes Typo completo em a Natureza: são, propriamente fallando, Ficções, e isto nos obriga a comtemplar a Ficção, e as differentes

especies della, de que se faz uso nas Artes, a saber *perfeita*, *exagerada*, *monstruoza*, e *phantastica*.

Grande engano seria o persumir que a imaginação tira de seu proprio fundo os modêlos, que se propõe a pintar; ella compõe, e não cria. Seus Quadros mais originaes são meras Copias, ao menos pelas circunstancias. A maior, ou menor analogia entre os differentes casgos, que ella junta, he que fórma os quatro generos de Ficção, que passamos a destinguir, e de que assima fallámos.

Ficção perfeita he a regular união das mais bellas partes, de que he susceptivel hum composto natural, e só neste sentido he que a Ficção he indispensavel nas Artes de imitação. Recolhêrão os Artistas as dispersas bellezas de modêlos existentes, e dellas compozerão hum todo, mais ou menos perfeito, segundo a melhor, ou peior escolha das ditas bellezas reunidas. Mas nem sempre a belleza da compozição he huma juntura de bellezas particulares. Ella he relativa ao effeito, que nos propomos, e consiste na escolha dos meios mais aptos para comover a alma, admirala, enternecêlla, etc. Nestas compozições he que o Pintor necessita do mais profundo Estudo não só da Natureza, em quanto modêlo, mas da Natureza espectadôra, para enteressar, e mover. Deve portanto a Ficção ser o arremedo da verdade, mas da verdade embellecida, e adornada pela escolha, e combinação das côres hauridas por ella na Natureza. Ha tambem Artes para quem ainda a Natureza he nova: a Poesia parece não só ter ceifado, mas respigado tudo; porém a Pintura, cuja carreira he quazi a mesma, apenas tem dado os primeiros passos. Homero só per si aprezenta mais Quadros, que todos os Pintores juntos. Quantos assumptos não acharião estes em suas obras, e mesmo em nossas Tragedias modernas!

Tem-se conhecido em todas as Artes quão pouco enteressaria a imitação servil de huma Natureza defeictuosa, e commum. Mas tambem pareceo mais facil exagerá-la, que embelleçê-la, e daqui nasce o segundo genero de Ficção, que estabellecemos. A exageração produz o que se chama *maravilhoso* na maior parte dos poemas, e que meramente consiste em addicções Arithmeticas de massa, força, e velocidade. Sacudido huma vez o jugo da ve-

rosimilhança, e transcurada a regra das proporções, nada custa o exagerado. Porém se elle observa no Physico as gradações da Prespectiva, e a das idéas no moral; se em huma, e outra aprezenta as mais bellas proporções da Natureza, ideal, ou real, que se propõe a imitar, então só se destingue do perfeito por ter hum merito mais; já não he a Natureza exagerada; he a Natureza reduzida a suas dimenções pelos longes. Mas em nada he tão difficil passar os marcos da Natureza, sem alterar as proporções; como no moral, e sua combinação com o physico. He facil ao Homem imaginar corpos mais estenços, fortes, e ageis do que o seu, a Natureza lhe fornece os materiaes, e os modêlos; porém no moral não conhece o Homem outra alma, que não seja a sua, e não póde por isso dar ao Colosso, que anima, mais do que suas faculdades, idéas, sentimentos, paixões, virtudes, e vicios.

Não ha coisa, que Pintores, e Poetas não tenhão imaginado para cauzar admiração; e a mesma esterilidade, que os compellio a exagerar a Natureza em vez de embellecê-la, fez que elles a desfigurassem decompondo-lhe as especies; mas não sahírão melhor de imitar seus erros, que de ensanchar seus lemites. A ficção monstruosa parece ter a superstição por baze, os jogos da Natureza por exemplo, e a Alegoria por objecto. Acreditava-se em Sphynges, em Satyros, em Sereas; vía-se que a mesma Natureza confundia ás vezes em suas producções as fórmas, e faculdades das differentes especies; e imitando estas mixtões, tornão-se sensiveis por huma só imagem as relações de muitas idéas. Considerado como simbolo tem este genero de ficção a sua verosimilhança; mas tem igualmente suas difficuldades, e nelle se não descarta a Imaginação das regras da proporção e do todo.

Cumprio pois que na monstruoza junção de duas especies cada huma dellas tivesse a sua belleza, e regularidade especifica, formando de mais a mais com a outra hum todo, que a imaginação podesse realizar, sem que des-economizasse as Leis do movimento, e os processos da Natureza. Cumprio porporcionar o movel ás massas, e os apoios aos pezos; mas quaes deverão ser aqui as proporções? He certo que não são arbitrarias; não he menos certo, que a regularidade do todo consiste nas grandezas naturaes de cada huma de suas partes. Fizera máo effeito na Sphyn-

ge a delicada cabeça, e torneado pescoço de huma Mulher sobre o corpo de hum enorme Leão; deve pois o Pintor afinar as proporções das duas especies; mas que regra seguirá para isso? A que a Natureza seguiria se formasse semelhantes compostos, e não he só para escolher proporções, que o Pintor deve pôr-se no lugar da Natureza; mas ainda muito mais na ligação das partes, sua mutua correspondencia, e acção reciproca, coisa, que parece nunca ter occorrido, nem ainda aos maiores Pintores!.. Examinem-se os musculos do corpo do Pegaso, da Fama, dos Amores, busquem-se ahi os lios, e moveis das azas; observe-se lhe a estructura do centauro, e ahi se acharão dois estomagos, dois peitos, dois lugares para intestinos; têlos-hia a Natureza assim fabricado?

Para passar do monstruoso ao phantastico bastou, que o estravio da imaginação transpozesse a barreira das propriedades. O primeiro era a combinação de especies vizinhas; o segundo a júnctura dos generos mais distantes, e das mais desconchavadas fórmas sem proporção, progresso, nem gradação.

Do que temos expendido, ácerca dos quatro generos de Ficção, resulta, que o phantastico só he supportavel em hum momento de loucura; que o monstruoso só póde ter o merito da alegoria; e que da parte do todo, e correcção do desenho tem difficuldades, que só podem vencer-se, deslembrando os modêlos da Arte; e creando huma nova Natureza. Que o exagerado nada he no physico só per si, e que na união do physico, e moral cahe em desproporções inevitaveis. Que, n'huma palavra, a Ficção, que se derige ao perfeito he o unico genero que satisfaz o gosto, interessa a razão, e he digna de dar exercicio ao Genio.

POEZIA.

ODE.

Volgi, ó Mortal, ove quel Sol lampeggia
Di bellezee, e di grazia unico, e solo
Gl'occhi felici, e la beltá vagheggia,
Che alza i piu pigri ingegni a nobil volo.
Marini. Adon. C. II. Stan. 108.

Do Conjugal Amor symbolo puro,
Terna, candida Pomba,

De Josino, e Marilia os Lares busca:
Os Lares, onde alvergue
Encontrou foragida a sã Virtude:
Os Lares, onde brincão
Comedido Prazer, modestas Graças,
E aos dois ternos Consortes
Presenta o tenue don, que te confio;
Tenue don, porém Filho
De ingenua Gratidão, pura Amizade.
Dize-lhe, que, fugindo
Do Mundo enganador ciladas, riscos:
Quando corro a lançar-me
Entre os braços de hum Deos, que, compassivo,
Sobre a terra descendo,
Pelicano melhor, com vivo sangue
Do seu rasgado seio
A vida nos volveo; no Perystillo
De melhor Universo
He para elles só, que a espaços volvo
A saudosa vista!...
Mas que leda lembrança occorre á mente?
Este o ditoso dia,
Que os vîo ante os altares enlaçando
As amorosas destras,
Jurar-se eterna Fé!... com que sereno
Encantador sorrizo
Entre pejo, e prazer suspensa a Esposa
Não proferio córando
» Sempre tua serei! » serei teu sempre! »
Em extasi de gosto
O Esposo proferio. D'Empyreo lume
Fulgorosa espadana
No vasto Templo subito expandio-se.
As marmoreas columnas,
As argentadas aras se aballárão
Com tremor jubiloso,
E do Orgão não tocado retinírão

Com suave harmonia
Os espontaneos sons!... E em quanto em roda
O attonito Congresso
Em pio acatamento se emergia,
Suave como o sôpro
D'hum vespero Favonio, que o silencio
De clara, estiva noite,
Murmurando entre as rozas, interrompe,
Melodioso accento
Da voz de hum Seraphim cantou desta Arte.
» Salve, Par venturoso,
» Delicias do Senhor, da Terra esmalte!...
» Crescei, qual cresce a Vinha
» Sobre a fertil Colina, em sã Virtude!
» Florescei na ventura,
» Como em ledo Jardim floresce o Lyrio!...
» O Sol da Providencia
» Verterá sobre vós mais brando influxo!
» Da vossa vida o tronco
» Regatos de prazer banharão sempre,
» E seus frondosos ramos
» Aura benigna de feliz socego
» Embalará contínua!
» Virá Prole de vós, que vos semelhe,
» Que viva, cresça, e vingue
» Vosso esteio, e brazão, da Patria exemplo,
» Dos Ceos desvéllo, e gloria.

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

HISTORIA.

Origem das Facções dos Brancos, e Negros em Florença.

Havia em Florença duas Familias, podorosissimas por nome, haveres, e nobreza, e conhecidas pelos appellidos de Cerchis, e Donatis. Tinhão estas tido entre si algumas differenças, mas não taes, que as tivessem induzido a tomar armas, e talvez mesmo não terião passado adiante, se novos motivos não viessem exacerbar os animos. Entre as mais distinctas Familias de Pistoja contava-se a

dos Cancilieris. Aconteceo pois, que jogando Lore, Filho de Misser Guiglielmo, com Geri, Filho de Misser Bertaccio, ambos da dita Familia, ficasse Geri por Lore levemente ferido. Desagradou o caso a Misser Guiglielmo, e querendo evitar o escandalo com a humildade, lhe deu maior corpo ainda, pois ordenou ao Filho, que fosse a casa do Pai do ferido, e lhe supplicasse perdão. Obedeceo Lore ao Pai; porém este acto de cortezia não adoçou o espirito de Misser Bertaccio, e fazendo prender Lore pelos seus Criados, e para maior injúria atar a huma magedoira, lhe fez cortar a mão, dizendo: vai dizer a teu Pai, que feridas, com ferro, e » não com palavras, se curão. » Estimolou-se tanto Misser Guiglielmo da crueldade deste facto, que fez armar os seus para tomar vingança delle. Armou-se tambem Bertaccio para defender-se, e não sómente aquella Familia, mas Pistoja em pezo se dividio. E porque os Cancilieris, descendião de Misser Cancilieri, que fôra casado com duas Mulheres, huma das quaes se chamava Branca, o partido daquelles, que della provinhão, tomou o appellido de Branco, e o outro o de Negro por contraposição. Entre estes houverão em diversos tempos varias pendencias com bastantes mortes de homens, e ruinas de casas. E não podendo entre si unir-se, desejosos de pôr fim a suas discordias, ou augmenta-las com a divisão de outros, passárão a Florença, aonde os Negros por familiaridade, que tinhão com os Donatis, forão por Misser, Corso, chefe da dita Familia, favoravelmente acolhidos, de que nasceo, que os Brancos, procurando apoio poderoso, que contra os Donatis os acolumnasse, recorressem a Misser Veri dei Cerchi, Homem em nada inferior a Misser Corso.

Esta animosidade vinda de Pistoja, enviperou o odio, que reinava entre Cerchis, e Donatis, e andava já tão manifesto, que os Prioris, e outros bons Cidadãos, temião que a todo o instante viessem ás armas, e que pozessem toda a Cidade em bandos. Recorrêrão pois ao Pontifice, para que com a sua authoridade désse áquelles alterados espiritos o remedio, que elles não podião dar-lhe. Mandou o Papa chamar Misser Veri, e impondo-lhe, que fizesse a paz com os Donatis, este, como maravilhando-se, lhe respondeo: que com elles não tinha inimizade alguma; e que como a paz presupunha guerra, não sabia, não existindo esta entre el-

les, para que fosse a paz necessaria. Tornando Misser Veri de Roma sem mais conclusão alguma, crescêrão de modo as rixas, que qualquer pequeno accidente as fazia romper. Chegou o Mez de Maio, que em Florença he consagrado ás Festas Públicas. Certos Mancebos da Familia dos Donatis, indo com alguns amigos seus a cavallo, parárão junto á Trindade para vêr dançar algumas Mulheres. Chegárão depois alguns dos Cerchis, acompanhados tambem de muitos outros Nobres, e desejosos de vêr, picárão os cavallos, por entre elles, e os atropelárão. Offendidos os Donatis, mettêrão mão ás espadas, fizerão o mesmo os Cerchis, e não findou a contenda sem muita effusão de sangue.

Teve esta desordem terriveis consequencias, porque se dividio a Cidade, e tanto os Grandes, como os Pequenos seguírão huns as partes dos Brancos, e outros as dos Negros. Erão cabeças da parte Branca os Cerchis, com quem se unírão os Adimaris, os Albatis, parte dos Tosinghos, dos Bardis, dos Rossis, dos Frescobaldis, dos Nerlis, e dos Manellis, todos os Mozzis, os Sealis, os Gherardinis, os Cavalcantis, os Malispinis, Bostichis, Gianodatis, Vechietis, e Arrigozzis. A estes se unírão muitas Familias Plebeas com todos os Ghibelinos, que havia em Florença. Os Donatis erão chefes da Parte Negra, e erão com ellos aquellas porções das Familias acima nomeadas, que com os Brancos não estavão: e além disso os Pazzis, os Bisdominis, e os Manieris, os Bagnesis, os Tornaquincis, Spinis, Bundelmontes, Gianfiglacis, e Bruneleschis. Nem sómente na Cidade lavrou esta divisão, mas até contaminou os campos de seu Termo, razão porque todos os Guelfos, e amigos da Republica temião, que semelhante divisão fizesse com ruina da Cidade resuscitar o Partido Ghibelino, e por isso deputárão de novo ao Papa Bonifacio para que cuidasse no remedio, se não queria, que aquella Cidade, que sempre fôra antemural da Igreja se arruinasse, ou volvesse Ghibelina. Mandou por tanto o Papa a Florença Matheus de Aquasparta, Cardeal Portuense, por seu Legado; que por achar difficuldades na parte Branca, que por se julgar mais poderosa, temia menos, partio de Florença agastado, e a pôz em interdicto vindo deste modo a deixar as coisas em maior confusão, do que as tinha achado.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO VI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Idéa da Philosophia, como disposição natural, e precisão do Homem.

[Continuado do N. 5 pag. 77.]

No meio deste conflicto de opiniões, destas incertezas, e contradicções entre os Depozitarios das Sciencias, o insticto Philosophico conservava invariavel a tendencia inherente á sua Natuza, seu pendor para saber, e subir, de porque em porque, até hum conhecimento absoluto, que o satisfaça, e que possa perfilhar como principio de todos os outros. Apezar de mil tentamens quazi sempre infructiferos, de mil opiniões aprezentadas ao principio como verdades, e depois reconhecidas por falças, nunca desfalleceo o Espirito humano, nem as Sciencias falças o desgostárão das verdadeiras, a que tende por sua Natureza. Quando de perto examinamos esta precisão de saber, e analizamos a idéa da Sciencia, descobrimos que ha huma dispozição innata no Homem de pôr em ordem a multiplece, e infinita variedade de suas reprezentações sensiveis, e intelectuaes dadas como independentes humas das outras. O Homem sente que he hum; a consciencia, que tem de si mesmo, he huma unidade indevizivel, e coherente; não dizemos unidade numerica, mas systematica, e homogenia; unidade

não por oppozição e numero, mas por oppozição a confuzaõ. Cumpre que os conhecimentos de hum tal Ente se revistão desta fórma principal do objecto cognoscente, adoptem esta maneira de existir da consciencia intima, isto he que formem entre si hum todo coherente, e ligado, huma unidade sistematica. Esta Synthese originaria he a primeira condicção, e fórma de nossos conhecimentos. A qualidade do amarello dada pela vista, a do sonoro dada pelo ouvido, as de duro, pezado, e ductil, dadas pelo tacto, qualidades isoladas em si, são percebidas por este principio activo, que tende em nós á ligação, e ao todo, reunindo-se na unica representação, que chamamos = ouro =. Assim de todos os objectos, que successivamente, e com tanta variedade conhecemos, formamos *Todo*, e systemas parciaes, até que de sua generalidade compômos hum só systema, huma só unidade, que chamamos Mundo. Daqui vem a necessidade de arranjar nossas percepções em *hum* espaço, em *hum* tempo; de olhar todo o acontecimento como proveniente de outro, que antecéde; (relação de *cauza*, e *effeito*) de olhar todas as coizas como exercendo huma influencia reciproca; (relação de *acção*, e *reacção.*) de prestar a todas as coizas hum fim (relação do *fim*, e *meio*) de suppôr que as diversas qualidades, que nos trasmittem os sentidos devem ter hum fundo commum, que as sustente, e reuna (relação de accidente, e substancia), e assim do resto.

Porém de todos os seus conhecimentos, aquelle, a que mais o Homem dezeja dar huma ligação, e harmonia conciliadôra he a relação entre suas opiniões, e suas acções, seu saber, e seu querer; aqui o mais vivo interesse pratico rebóra nelle o especulativo, e deve operar, influir em si, e em seus semelhantes. Quaes serão as regras, que deve seguir? Qual será o seu fio conductor?.. Aqui o Homem se derige á especulação, cita-a para cumprir o que lhe promette, e o atractivo, que ella lhe inspira o constrange a indagar.

1.º Sou livre em minhas acções? He minha vontade hum principio activo, espontaneo, capaz de deliberação, e escolha? Estou em qualidade de Ente Moral fóra dessas Leis necessarias a que vejo tudo sugeito em a Natureza? Ou sou hum áthomo englobado nesta Natureza, e submettido a seu irresistivel impulso, e á

necessidade de suas Leis ? O que em mim tomo por deliberação será mais do que a vacillação momentanea de hum corpo em equilibrio, que em breve vai ser para hum, ou outro lado arrastrado? Se, como se infere da segunda suppozição, não sou livre; se a necessidade das Leis da Natureza peza sobre o *Eu* moral, como sobre o resto das coizas; se minha vontade he determinada por hum mechanismo, que não posso evitar; então não ha para mim responsabilidade; *bom*, e *máo* são palavras occas, huma força estranha opera, quando eu quero operar; não ha pacto, fé, ou sociedade, que possivel seja, serei impunemente prejuro, e assassino, e os remorsos serão huma illuzão... Mas (respondêrão) estabelecêrão-se penas para as acções prejudiciaes á sociedade, para que á maneira dos pezos em huma balança inclinem a máchina para o bem. » Mas se eu sou huma máchina hum pouco mais habil do que outra, furto-me aos olhos da justiça humana, por crédito, ou riquezas, e sou tranquillamente criminozo! A que espantoza, e infallivel consequencia me vejo reduzido! Oh especulação, tira-me, se pódes, deste abismo.

Sou pelo contrario livre em minhas acções? Posso dar á minha vontade a impulção, que me agrada? Para logo huma ordem moral aparece á cavaleiro das Leis da necessidade. O Homem he responsavel pelo mal, que comette; aparece a ligação entre o crime a pena, e os remorsos; sahe o bem da indifferença, em que o sepultára o Fatalismo, mostra-se como hum principio activo, e chama pela recompensa, e a moral, e a sociedade cimentão-se em solida baze.

2°. Mas se eu gozo de meu livre arbitrio, por onde devo regular as minhas acções? Quem formará a legislação suprema de minha vontade?

Contém esta vida a minha finalidade? O Phenomeno da morte corporal traz tambem o aniquilamento do Ente Invisivel, que em mim pensa? Se he assim, nesta curta vida devemos buscar o fim de nossa actividade, e os motivos de nossas acções.

Mas se o ser pensante, sobrevive ao corpo, então nesta vida futura he que deve colocar-se o fim de nossas acções na vida presente.

3.° Preciso com tudo em huma, e em outra hypothese de huma

regra pela qual destinga o que devo, do que não devo fazer. Será esta o meu interesse, ou inclinação, que me impellem a satisfaze-los? Será o secreto instincto, que me inclina para quanto póde illustrar o meu ser? Será minha consciencia? A consideração de Deos?

4.° Existe hum Deos? Se tenho hum Creador devem haver relações entre elle, e mim: sua consideração deve mudar o plano de minha vida, devo-lhe ser submisso. Se o não ha, o homem, sem superior no Universo não póde temer castigo, nem esperar galardão depois da morte: he da ultima urgencia examinar bem este problema.

Ora eis-aqui os quatro pontos principaes, sobre que a razão prática interroga a razão especulativa, e sobre que não póde deixar de responder, bem, ou mal, affirmativa, ou negativamente. 1.° Liberdade de nossas acções. 2.° Immortalidade de alma. 3.° Primeiro principio da moral. 4.° Existencia de Deos. Estes quatro poderosos Éllos prendem o fazer, ao saber, e a vida activa á contemplação; e esta parte da Philosophia, que tem por objecto principal as indagações sobre a existencia de Deos, liberdade, e immortalidade da alma, se chama em particular Methaphysica.

Para achar huma solução a tão grandes problemas, para satisfazer ao desejo especulativo de saber, e á necessidade prática de apoiar-se no saber, deve o homem, no silencio das paixões, reconcentrar-se em si, e ouvir a voz da sua razão, e da sua consciencia. A Philosophia indispensavel reside em cada coração, e para nella a deparar he neccessaria a meditação, precisa que o homem se entregue á interioridade, unico meio de descobrir a Lei da Natureza visivel, e as regras de seus deveres. Porém a indolencia, e as destracções exteriores, tornão este estado penoso para o homem sensual, em quem o desejo de chegar ao fim, he combatido pela repugnancia de submetter-se aos meios; e como convidaremos para entrar no Santuario da sua alma, os que a tem patenteado aos Idolos da corrupção, á Impiedade, ás paixões infrenes e á immoralidade? Serão logo repellidos; o Homem mundano soffocou nelles o Homem natural; limitou-se a actividade intelecrual transportando-se para o espaço exterior, para o campo das exigencias, e dezejos factivos, e sendo obrigada a deixar o seu imperio

primitivo, que já não conhece, e onde lhe succedêrão, o gelo, e a morte; reina a indifferença onde originariamente reinava o interesse.

E ha Homens, que tão completamente abjurem a Humanidade? Esperemos, que não seja para sempre!.. Por muito atolados, que estejão no lodo da vida ordinaria, e das realidades materiaes, alguma vez devem sentir-se impelidos para huma destinação mais alta, e para huma existencia mais espiritual. O Ente mais frivolo, e destrahido pelos prazeres, póde não achar-se por hum instante na solidão de seu Entendimento? Nunca sentirá em si hum instincto curioso, que lhe pergunte » Que me he permettido saber a meu respeito? A respeito de minha origem? » Do que me cerca? E do que me aguarda? Que Lei deve regular as minhas acções para com os meus semelhantes? » Estas questões de hum interesse eterno, e indistructivel para a razão humana, são deste modo explicadas pelo grande Philosopho, cuja doutrina hiremos resumindo, e expendendo nos seguintes Numeros do prezente Jornal.

» Que posso saber?
» Que devo fazer?
» Que posso esperar?

Nota depois que estas trez questões se encerrão todas na seguinte » Que he o Homem? » E com effeito o Espirito Philosophico nada tem com as coisas em si mesmas, e só cura das suas proprias reprezentações das coisas, e, por consequencia, do que se passa no Homem.

Temos bastantemente mostrado o interesse prático, e especulativo, e o estimulo natural, e innato que nos leva a Philosophia, a ligar nossos conhecimentos, e envestigar o porque, e o como de todas as coisas, até chegar a hum porque absoluto, que nos satisfaça, e neste sentido a Philosophia he cóeva do pensamento, e germinou no Homem na aurora de sua cultura.

Musica.

A Musica expressa as propriedades dos sons, que são capazes de produzir harmonia, e mover os affectos d'alma; bem como a Poesia, pelo metro, e cadencia de palavras, expressa os nossos sentimentos; com a differença porém de que aquella tem o poder de mover por sons harmonicos de differentes instrumentos, ou vozes; e esta, pelos sons unicamente vocaes. Sendo estas duas Artes tão unidas, e tão naturaes aos homens para expressar seus sentimentos, e analogas ás obras da Natureza, que elle contemplava; parece que ambas devião ser co-irmãs, e cultivadas quasi ao mesmo tempo, á proporção do augmento, que cada huma tivesse dos seus amadores.

Assim pois, o principal fim da Musica he mover nossos affectos pelos sons accordes, que imitão a mesma Natureza, e por esta razão, ella deve agradar, theorica e praticamente, executada segundo o uso, que tem tido em todas as idades do mundo.

Os Israelitas a praticárão pará proclamar os louvores do Creador, e dár prazer, e consolação em preceitos moraes: conseguintemente, seus Canticos devião ser graves, sólidos, e patheticos.

Os Hebreos, segundo a Escriptura, já fazião uso de Musica instrumental, que causava effeitos sobrenaturaes, pelos seus instrumentos de corda, e de vento. Sabemos, que no tempo de David, e Salomão, esta Arte floresceo bastantemente, e que mais de duzentos Musicos erão nomeados para cantar no Templo, e instruir a muitos discipulos. O Canto dos Hebreos era ordinariamente acompanhado com dança, e côro de Cantores.

Os Egypcios, seguindo o exemplo dos Israelitas, consagrárão a Musica á Religião; e como esta Arte nunca havia sido empregada em profanidades, regeitárão as canções affeminadas, que sómente inspiravão falço prazer; e conservárão os hymnos harmoniosos, e proprios para excitar os corações, e o espirito.

Foi no Egypto que Pithagoras adquirio gosto, e conhecimento de Musica, para o communicar aos Gregos. Foi elle, que achou

novos tons, e graduações harmonicas, pelas differentes pancadas do martélo na bigorna, quando Tubal havia descoberto, pelo ouvido, os rudes sons, que agradavão aos nossos primeiros Pais antes do Diluvio. Assim he, que hum Philosopho aprende sempre; e qualquer coisa he para elle objecto de instrucção em toda a sua vida.

A Musica, naquellas idades, tinha hum caracter masculo, e guerreiro; era designada para inspirar a virtude, e celebrar os heróes; Pericles no seu tempo, fez edificar o *Odeon*, e instituir os divertimentos, os combates, e os concertos musicaes, nas festividades *Panatheneas*, (*Athenienses*); onde os premios, e signaes de honra erão dados áquelles, que excedião em mérito, o que causava grande emulação entre os espiritos naturalmente zelosos, e ambiciosos de gloria.

O poder, que a *harmonia* instrumental, ou vocal tem sobre nós, he hum figurativo daquella, que abrange, e contém toda a Natureza, cujo poder sentem os Elementos, as Creaturas, e ainda todos os Sêres inanimados. Sem a harmonia, estabelecida pelo Creador, os Astros, e os Planetas não guardarião suas gradações; o Ar, a Terra, Agua, Fogo, não conservarião sua ordem natural.

A *Harmonia* musical quando he composta por Author de imaginação profunda, e polida, deve representar alegria, tristeza, magestade, veneração, actividade, ou qualquer outro affecto, a que nossos sentidos estão sugeitos, quando são excitados pela vista, ou pelos ouvidos. A composição de musica alegre, he como o dia sereno, e bello, que nos excita prazer; e não precisamos de palavras para sentir este effeito. Assim tambem a composição de musica triste, bem como o dia nublado, nos conduz á melancolia; e assim as mais sórtes de composição musical, confórme o que ellas representão.

A *Harmonia* da musica tem poder ainda mais activo, do que a Pintura porque esta em si he muda, e statica, e não he capaz de infundir espirito, nem extasiar aos seus admiradores, como aquella aos seus ouvintes.

A Musica, pela união de instrumentos graves, e agúdos, e pela união de sons accordes, e discordes, descreve, ou pinta ao

vivo huma batalha, huma tempestade, hum terromoto, e quaesquer outros incidentes da Natureza.

A composição do eminente Mr. Haydn, sobre as sete Palavras, ou Exclamações, que Christo proferio na Cruz, prova bem esta imitação; pois confórme as regras da Arte, nenhum Compositor deve escrever qualquer peça de Musica, seja instrumental, ou vocal; sem pensar o que nella pertende figurar; e assim como as palavras expréssão nossos sentimentos, a Musica tambem deve, com palavras, ou sem ellas, representar nossos affectos. He pela propriedade dos sons harmonicos, e da melodia dos instrumentos, ou vozes, que esta nobre Arte tem o poder de suavizar paixões d'alma, lançar fóra melancolias, e abrandar a loucura humana, e ainda domar as mesmas féras; ao que não chega a Poesia, nem a Pintura.

A causa destes effeitos he evidente; pois a força da vibração do ar, graduada pelos sons graves, e agúdos, formados nos instrumentos de corda, ou de sôpro, vem tocar os tympanos acosticos do racional, ou irracional, (que são outros tantos instrumentos formados para receber sons;) por cujos orgãos, a alma, e o coração como centro, se despertão, e recebem o affecto, que lhes infunde a representação harmonica. E finalmente, a Musica, pela variedade de sons, e modulações, com que representa os nossos affectos, tem poder illimitado sobre todas as creaturas; pois onde quer que ella appareça executada, o sábio, ou o ignorante, o polido, ou o rustico, o homem, ou a féra, todos párão, attendem, ouvem, e immediatamente são affectados confórme suas imaginações, ou sua natureza.

ARTIGO II.

POEZIA.

EPISTOLA.

Ao Senhor Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

Quão varias sensações produz teu Canto!
N'alma, no coração que effeitos deixa!
Ou jubilo, Ou terror! Ou pasmo! Ou pranto!
Bocage.

Se meu nome soar a teus ouvidos,
Será de ti lembrado inda meu nome?
Conhecerás acaso o terno amigo,
Que comtigo passou felices dias,
Dias gostosos, que nos Ceos se doirão,
E que das mãos de Jove ao Mundo saltão
Em troco aos raios, que desprende outr'hora?
Recordarás, Tomino, esses momentos,
Em que, dado ao prazer, rogava ancioso,
Que soltasses da Lyra os sons cadentes,
Em cujo accento armonico embebido,
Divino me julgava, e que no Olimpo
Sentia os Anjos conversar c'os Deoses?
Vê se acordas ainda em tua idéa,
Que notando o desejo insuperavel,
Em que eu ardia, por subir ao Pindo,
E gostar de Permesso as leis sagradas,
Que o baixo vulgo profanar não ousa,
A meu engenho fragil, e apoucado
Com sincero fervor, e attento déste
O primevo desenho, as lições gratis,
Que organizárão meu grosseiro metro,
E fizerão voar meu estro implume?
Sim, Tomino, tu foste o meu Horacio,
O meu Despreaux tu foste; as sabias regras,

Que emanárão de ti a meus sentidos,
Os preceitos me dérão, a arte, o gosto,
E de homem insulso me tornárão Vate.
Tomino, devo tudo a teus affectos:
Meu estro, e versos meus, progenie excelsa,
Que a ti devem o ser, hoje dirijo
A' tua amavel, candida presença,
E submisso beijando a sábia dextra,
Vão buscar novas leis, encantos novos,
Os votos renovando em fervor grato,
D'amizade maior, estreme, e pura.
Porém quanto diverso he nosso estado
D'aquelle, em que existiamos contentes!
Então alegres dias se passavão
Em mutua sociedade, em mil venturas:
Hoje custa a marcar hum só momento
De gosto, de prazer, de affavel riso:
Então geral applauso mais doirava
Tuas lembranças, graciosos ditos,
E em jovial candura escarnecias
Negros Decretos do terrivel Fado:
Hoje para surgir ao pranto, e mágoa,
Entre os tormentos da feroz Desgraça,
Que altiva nos persegue, e affoita opprime,
Não basta só valor; mais he preciso:
Férreas lições de Zeno em taça amarga
Beber devemos, qual se bebe o nectar,
E de estoico semblante a pár de horrores,
As idéas, e as frazes adoçando,
Soltar forçado riso aos tristes lábios.
Então folgavas sem temer os damnos
Da vária Deosa, que reparte ingrata
Os bens avaros pelo Avaro insano,
Pelo vil Orgulhoso, e torpe Egoista;
E em teu pequeno Lar, prezado, e livre
Hora gostavas d'incensar a Lesbia
Com teus funebres Hymnos amorosos,

Dando alimento á funebre saudade;
Hora com Plinio, com Linneo, com Brisson
Da natura sondando altos segredos,
Os cofres de Minerva enriquecias,
De Lysia abrilhantando o Nome augusto:
Hoje envolvido em sombras pavorosas,
Em densa escuridão sempre envolvido,
Senão valesse do passado a idéa,
Senão fosse a feliz reminiscencia,
Das proporções do Mundo duvidáras:
Nem jámais saberias, como Febo
Os Etontes dirige, e o Orbe aclara;
Nem calculáras, em que certo espaço
As pontas de marfim renova Delia;
E entr'as obras do Eterno, e maravilhas
Só podéras julgar sem fim a noite:
E tambem, a não ser, (Eu me horroriso;
Só de o pensar me assusto, gélo, e tremo!)
E tambem, a não ser o santo Asilo,
Onde te alvergas, e no qual te occultas
Contra os ultimos golpes da Desgraça;
Talvez que mais tyranna a tua sorte,
Mais ímpia, mais atroz te decidíra,
A curvo mendigar de porta em porta,
Implorando o soccorro indispensavel
A sagaz opulento, o qual inchado
Sobre o fôfo sofá, contente, e louco,
Ouvindo retinir na lauta meza
Os pratos das proficuas iguarias,
Que mesmo assim a gula lhe não fartão,
De bronze o coração, de bronze o peito,
A teus gritos, aos gritos da pobreza,
Virando o rosto á turbida indigencia,
Nem signaes de piedade ao menos déra.
E vendo redobrar teus ais afflictos,
Prantos, gemidos, preces, e queixumes,
Com desabrida voz só respondéra:
» He muito profiar, lancem-no fóra. »

Ah! Tomino, Tomino, ah! caro Amigo,
Em que terror me lança o feio quadro,
Que acabo de pintar! Oh Jove, oh Jove,
Para que servem teus temidos raios,
Se vivem monstros taes, e se a Ventura
Só com elles divide os bens preciosos!
Oh Lysia, oh Lysia, com razão lastimo
O rasteiro agasalho, escasso, e duro,
Que dás ao filhos teus mais distinguidos,
A'quelles em quem brilha algum talento,
E dos quaes as sciencias respeitosas
Recebem novo lustre, e graças novas!
Porém, Tomino, em quanto volve a roda
De teus escuros (1), desgostosos dias
No santo Hospicio, que fiel te acoita,
E te enternece o lugubre murmurio
Da afflicção, do gemido, e dôr, e pranto;
Eu tambem infeliz entre mil damnos,
Da Lysia desterrado ha mais de hum lustro,
Malfadada, penivel existencia
Me alonga a serie dos penosos dias:
Dias de horror, instantes que detesto;
Sem fim os creio, e seculos parecem!
Em Elvas encerrado, ouvindo sempre
O bronze atroador, e a cada passo,
Vendo os preparos para estrago, e morte,
Frenetica loucura, em que abrazado,
Se troca o homem racional em féra,
Inda se augmenta mais meu mal profundo:
Não que me assuste a morte; antes a invejo,
Ha muito a desafio, ha muito a espero,
Bem resignado a seu tardio golpe;
Mas sim, porque me fere, e me horrorisa
Vêr destruir-se ás mãos a Humanidade.

---

(1) Escuros pela cegueira.

Aqui na terra, onde os Elvenses folgão,
E aonde he só doçura a Lei de Marte,
Ha meio lustro já tive a noticia,
Que meu Pai expirou..., Oh Ceos! Oh Numes!
E quando apenas enxugava o pranto,
O pranto filial da natureza,
Expirou minha Mãi.... E a sorte adversa
Permitte não sucumba ao lance infausto,
No qual orfão me vî? Que desgraçado
Para sempre me fez! Bem desgraçado!...
Mas inda não contente a voraz Parca,
Dois Cunhados me leva! E d'improviso
Eis vejo em confuzão, eis apparecem
Sem Marido, sem Pai, sem bens, sem forças
Orfãs, Viuvas, deploraveis restos
De meus perdidos, miseros Parentes,
Entregues a mim só, e a meus cuidados!
Agora deixo a teu pensar altivo
O resto de meus grandes infortunios,
Entre os quaes desde então luto, e debalde
Quero escapar ás mãos do iniquo Fado:
Busco surgir aos lances da desdita,
Da desdita, que mais, e mais me aterra,
Do meu Fado, que mais, e mais me azeda,
Mas basta já de horror; corra-se o pano
A' Tragedia de meus funestos dias,
Em cuja scena Actor inda trabalho.
Tomino, Amigo respeitoso, e sabio,
Se a causa inquires, porque assim te escrevo,
Forão teus versos, teus sublimes versos,
Que em metrico furor me embriagárão.
Mesmo no centro dos mortaes desgostos,
Em que triste laboro, de contínuo,
Eu os lî, e relî: porém não farto,
Jámais os deixo, the comigo dormem,
E mesmo sei de cór a maior parte.
Quando os lêio de novo, em mim renovão

» Tempos de Rhéa, tempos de Saturno,
» (S'houve Saturno tal, s'houve tal Rhéa.) »
Só Elmano, ou Tomino, ou Febo, ou Jove
Assim póde cantar, assim se expressa
Forão teus versos, teus sublimes versos,
Quem minha dôr hum pouco adormecêrão.
Cachopos d'Ulisséa! Ah! Que thesouro
Sobre vós derramou o Vate egregio!
Andromachas gentís, Cassandras bellas,
E Venus mesmo he pouco a par de Olcyspa.
Eis Ulysses, o Heróe, que ao Mundo pasma,
» Arde insoffrido, e quando mais tranquillo,
» Mais lento elle s'inculca, então mais arde,
» E menos que rebente, não socega
» O Vezuvio d'amor. » Oh Vate excelso,
Esta he dos Numes a elegante fraze!
Assim no sacro Olimpo os Deoses fallão!
Eis que por agradar á linda Olcyspa,
» Acções, palavras concertando Ulysses. »
Descreve o fatal cerco, o forte assedio,
Que Troia destruio, que abrazou Troia,
E em poucos versos conta a longa historia,
Que Volumes encheo, que fez Poemas:
Cachopos de Ulysséa! Ah! Que thesouro
Sobre vós derramou o Vate egregio!
Eia, Musa, silencio; as horas volvem
Dadas á mágoa, e dôr: não mais roubemos
Esses instantes, em que o Vate solta
Os magos sons á carinhosa Lyra.
Eia, torne o silencio, a dôr, a mágoa.
E tu, Amigo, cujo Metro exímio
Na voz da Fama tem a Eternidade,
Acolhe os versos meus, pois nelles brilhão
Pureza, candidez, amor, ternura;
Bem sei, que a minha Musa inerte, e frouxa
Em vão se esforça, por subir anciosa
Da Castallia montanha ao alto cume:

Mas se na scena do voluvel Mundo
Quatro lustros não conto bem completos,
Não he muito que implume inda rasteje;
Póde ser, que no tempo as forças ganhe,
E hum dia gyre cusado além dos Astros:
Porém agora imperfeições desculpa,
Da idade juvenil desculpa os erros.

João da Mata Chapuzet.

CRITICA.

Mademoiselle Dumesnil, e Mademoiselle Clairon.

Não fará admiração vêr aqui reunidos os nomes de duas Actrizes, que se fizerão célebres no mesmo genero, e no mesmo tempo. Cuidaremos mais das Anedoctas tendentes a fixar as tradicções Theatraes segundo sua propria experiencia, ou conselhos dos Autores, que lhe confiavão partes, que dos factos particulares de suas vidas.

Existem de Mademoiselle Clairon humas memorias impressas no Anno Septimo da Republica, que, além da vida privada desta Actriz, que prova que a destinção do Espirito he inseparavel da nobreza do caracter, contém todos os Estudos, que ella fizera para chegar á prefeição, e formão huma especie de Poetica das Partes, que representou.

Seria o seu Livro digno d'illemitado elogio se a cada pagina não estivesse resumbrando sua parcialidade contra Dumesnil; parcialidade que he ainda mais criminoza por esta Actriz ter sempre feito justiça a Clairon. A gloria da Rainha de Carthago (1) nunca foi perturbada pela *Lerackona* Dumesnil (2), que, ao menos nisto, foi superior a sua Rival.

---

(1) Alcunha posta a Mademoiselle Clairon, porque nas sociedades conservava as aptitudes reaes de Dido.

(2) Voltaire nunca lhe dava outro nome: estava no Theatro como em casa; ao contrario de Clairon, que estava em casa como no Theatro.

Porém o Editor das pertendidas *Memorias* de Mademoiselle Dumesnil, ainda encorreo em maior censura publicando huma *defamação* em lugar de huma refutação ás memorias de Clairon. Neste volume de injurias, em que não ha hum só rasgo da Poetica Theatral, não cessa o Author de metter a cara o seu principio mimozo » *devemos abandonar-nos á Natureza.*

Isto he querer estabelecer nas Artes huma Doutrina relachada. Deve ao contrario insistir-se sobre a necessidade dos multiplicados, e assiduos Estudos, que aperfeiçoão os dons naturaes; o tallento cresce com os obstaculos, e a difficuldade he a decima Musa.

Clairon em suas Memorias mete a ridiculo a destinção entre a Arte, e a Natureza: e com effeito, o ultimo esforço da Arte he adquirir huma reprezentação natural! Nota muito bem que ella não he Electra, nem Amenaída, nem Veriata, que Orestes não he seu Irmão, que Tancredo não he seu amante, nem Sertorio seu Heroe, e que a Arte deve desaparecer ao ponto de suprir a Natureza.

Todas sabem que reprezentando Ariadna (na Scena em que indaga com a sua confidente quem possa ser a sua rival) ao repetir este verso.

Quem o torna infiel?.. Egle?... Megista?..

Vio hum Espectador, que com os olhos banhados em pranto se inclinava para ella, gritando com huma voz suffocada » he Phe- » dra! He Phedra! » eis aqui o grito da Natureza, que aplaude a perfeição da Arte.

A Parte d'Eriphile, na Iphigenia, olhado como huma das mais subalternas do Theatro, antes que nella entrasse Clairon, tornou-se reprezentada por ella, huma das de maior effeito, que a Peça tem. Ninguem podia, nesta difficil parte, colorir melhor a dessimulação, o amor, e o ciume. Quem fará como ella re-sahir o contraste dos dois sentimentos expressados nestes bellissimos versos

Embarquei detestando as furias suas,
Com horror sempre os olhos desviando...
Vio-o... nada de atroz tinha o seu rosto,
Senti nos labios expirar-me o enfado...

Senti meu coração fallar por elle,
Des-lembrei meu furor, só chorar sube.

Humas das partes mais brilhantes que Clairon desempenhava era a Amenaida em Tancredo segundo a tradicção que ella nos deixou, desenvolvia neste papel tudo quanto entre os Povos Republicanos a fereza de hum Ente livre, a rigidez de costumes, o amor das Leis, da ordem, e da humanidade podem inspirar de virtudes, firmeza, e força na alma de huma donzella. Encontrando-se Mr. Naigeon ao sahir de huma reprezentação desta Peça com a Actriz em caza de D'Alembert a louvou pelo modo porque tinha dito » *Então, meu Pai?* » Ella respondeo modestamente que agradecia os seus louvores; mas que só na primeira vez dissera aquella passagem a seu gosto, e D'Alembert confirmou o dito.

Mademoiselle Gossin tinha tirado grande partido reprezentando Rodoguna, e a tinha feito em caracter de huma Mulher terna, era ainda a *joven, e bella Zaira.* Clairon restabeleceo o caracter da parte, e a reprezentou como Mulher féra, e altiva, attonita, e pezarosa de se encontrar sensivel, constrangendo os Espectadores a applaudir provou que o Auditorio só he máo quando os Actores o são.

Voltaire admirava mais que tudo em Clairon hum *continuo* sustentamento *de Scena*, huma reprezentação muda cheia do maior effeito. Na Penelope do Abbade Gesnest, que a ella deveo toda a sua voga, a sua reprezentação muda tornou huma inverosimilhança insoffrivel á Leitura, em hum quadro Theatral cheio da maior beleza. » Ulysses (diz Marmontel) falla a Penelope disfarçado » em Estrangeiro, o Poeta para trazer a agnição, obriga a Ac- » triz, a não olhar para a pessoa, que lhe falla, mas á medida » que Mademoiselle Clairon ouve, a alegria repentina, e a » esperança se pintão em seu rosto com tamanha vivacidade, e » Natureza, que o pasmo que a torna immovel, tem o Especta- » dor em tal suspenção que o constrangimento da Arte se torna » a expressão da Natureza.

Mademoiselle Clairon, e le Kein podem olhar-se como os dois unicos Artistas, que possuírão o rizo Tragico. Nenhuma

Dama fez valer tanto a tirada ironica em Hermione; quanto a le Kain em Nicomedes era o sorrir do Leão.

O Theatro Francez deve a esta grande Actriz o ter restabelecido a verdade do trage; e a da declamação ainda mais difficultoza do que ella. Antes de Clairon erão as Tragedias Francezas mais psalmodiadas, que declamadas. A este respeito refiriremos huma anedocta mui curioza, e pouco sabida.

No dia de huma reprezentação de Iphygenia em 1753 em quanto Mademoiselle Clairon reprezentava Eriphile, o Marquez d'Amezaga, sobrinho de Mr. de Maurepas repetia hum minuete, que devia dançar em aquella noite, observou que cada passo do Minuete commessava, e acabava exactamente em cada hemestichio declamado por Mademoiselle Clairon. Correo dalli logo, e encontrando-se com a Actriz em hum entrevalo lhe disse, que ella tinha hum bello orgão para fazer dançar. » Estimulada desta apodadura conheceo quanto era ridiculo dar constantemente aos versos a mesma pauza, e hum rythmo uniforme que a obrigava a inflexões de voz extremamente monotonas.

Mr. de Maurepas estava então com hum pleuriz de que se julgava, que não escaparia. O Duque de Gontaut, que o foi vezitar depois da Comedia lhe contou para o espairecer a graça, que seu sobrinho tinha dito a Clairon, entrou ao mesmo tempo o Marquez de Amezagu, e ouvindo rir seu Tio, e pedindo-lho este, abrio as cortinas do Leito, e se poz a executar alguns passos do Minuete declamando ao modo de Clairon os mesmos versos que ella acabava de recitar.

Mr. de Maurepas achou a coiza tão original, e tão brulescamente reprezentada, e deo tamanha gargalhada, que rebentando com a força o abscesso, ficou são.

Assim hum gracejo salvou a vida a hum Ministro, e reformou a declamação Theatral.

Continuar-se-ha

ARTIGO III.

HISTORIA.

Abolição dos Templarios.

Hum dos pontos mais importantes da Historia da França,

he a extinção da Ordem dos Templarios. No anno de 1307, por denúncia de hum paizano de Beziers, e de hum Templario Apostata, prezos por alguns crimes, Filippe o Bello, mandou prender todos os Cavalleiros no mesmo dia, e se senhoreou do Templo de Pariz, e de todos os seus titulos.

As accusações, que se lhes fazião erão de hum atróz absurdo. Como se podia imaginar, que estes Religiosos fossem ao mesmo tempo athêos, e feiticeiros; que cuspissem sobre o crucifixo, e que adorassem huma cabeça de páo doirada, e prateada, que tinha huma longa barba? Quando estas confissões escapão na tortura, provão sómente o quanto he barbaro o uso della.

Todos julgão, que os seus maiores crimes forão suas riquezas, seu poder, e huma especie de independencia de todo o governo, e algumas sedicções, que tinhão excitado em França, a respeito de huma alteração das moedas, na qual tinhão perdido muito. Tambem forão accusados de terem fornecido dinheiro a Bonifacio VIII., no tempo da sua questão com Filippe o Bello; e Filippe o Bello era implacavel nas suas vinganças.

Cincoenta e nove Cavalleiros forão queimados vivos em Pariz, á porta de S. Antonio, protestando todos pela sua innocencia, e retratando as confissões, que fizerão na tortura. O Gran-Mestre, Jacques de Molay, igual por sua dignidade aos Soberanos, Guy, Irmão do Delphim d'Auvergue, forão queimados na praça Delphina; elles tomárão a Deos por testemunha em quanto podérão fallar, e diz-se, que o Gran-Mestre citára para o Tribunal de Deos, o Papa em quarenta dias, e o Rei em hum anno: nenhum dos dois excedeo este prazo: *Si a casu, miremur; Si a Deo; vereamur*, diz Justo-Lipsio.

Mr. Raynouard servio-se habilmente destas tradicções populares, na bella narração, que termina a sua tragedia dos Templarios. He o Condestavel Graucher de Châtillon, que faz esta narração a Filippe o Bello, e á Rainha Joanna de Navarra:

Já para seu supplicio em cada falso
Surge vasta fogueira, e disputavão,
Quem primeiro subisse, os Cavalleiros:
Chega o Grão-Mestre, atraz os deixa, e sóbe.

Brilhão no rosto seu gloria, esperança,
Imperterritos olhos no Ceo fixa
Orava, e todos inspirado o julgão.
Com voz alterradora então exclama
» Francezes não trahimos Rei, nem Patria,
» Recordai nossos ultimos accentos,
» Limpos de culpa estamos, e morremos,
» He injusta a sentença, que nos pune,
» Mas ha nos Ceos hum Tribunal augusto
» Onde o fraco opprimido em vão não roga,
» Lá, Romano Pontifice, te cito,
» Quarenta dias mais!... Lá compareces!...
Todos, tremem d'ouvi-lo.... Mas que pasmo!
Que susto, e turbação, quando elle grita,
» Oh! Filippe! Oh meu Rei! Debalde eu quero
» Perdoar-te, mas ah! E's condemnado!...
» No Tribunal do Altissimo te espero
» Antes que finde hum anno!.. Consternados
Quantos Espectadores isto ouvião
Sobre ti, sobre os miseros pranteão:
O silencio, o terror, se espalha em roda,
Parece, que dos Ceos desce a vingança.
Visinhar-se os Carnifices receião,
E trémulos lá lenha o fogo chegão
Desviando a cabeça!... Espesso fumo
O patibulo cerca, ondêa, e sóbe!
Rompe súbito o fogo, os Cavalleiros
Ao aspecto da morte não desmaião
Já se não vião; mas com voz heroica
Os Canticos do Eterno consonavão.
Quanto mais sóbe o fogo, mais com elle
Sóbem os Psalmos, pelos Ceos se entranhão.
Chega o teu Núncio, grita hum Povo immenso
Com elle a proclamar tua piedade
Ao cadafalso rápido se arroja...
Mas tarde foi.... tinha cessado o canto.

Não se sabe, diz Bossuet, se nesta execução não entrou mais

a vingança, e avareza, que a justiça. Marianna, Vertot, e quasi todos os Escriptores são do mesmo sentimento. Os despojos dos Templarios forão dados aos Cavalleiros de S. João de Jerusalem (os de Malta) isto he os Beneficios, porque o dinheiro foi adjudicado ao Rei, que para logo recebeo duzentas mil libras, somma immensa naquelles tempos. Seu filho, Luiz o Altivo exigio depois mais 60 mil libras, convencionou-se, que elle teria dois terços do dinheiro dos Templarios, os móveis de suas casas, os ornamentos de suas Igrejas, e todos os seus rendimentos desde 13 de Outubro de 1307, épocha de sua detenção, até ao anno de 1314, épocha do supplicio dos ultimos Templarios. Esta Ordem Militar tinha durado desde 1118 até 1312, em que foi abolida pelo Concilio de Viena. A conservação dos lugares Santos, de que os Cruzados se tinhão apoderado, e a necessidade de defender os peregrinos, que de toda a parte concorrião a Jerusalem, derão lugar a este estabelecimento, que foi fundado por nove Cavalleiros Francezes, que tinhão acompanhado Gofredo de Bouillon á conquista da Terra Santa.

GEOGRAFIA.

Da China.

O mais oppulento, fertil, vasto, e antigo Imperio da Asia, e igualmente a porção mais oriental de sua Terra firme, he a China; limita-se pelo Septentrião, e Oriente com a Tartaria, (de que a separa aquella famoza muralha, que transpozerão os Tartaros,) e com o mar Oriental. Pelo meio dia tem o golphão das Indias, ou Oceano Indico, e os Reinos de Cochinchina, e Tunquin. Fica-lhe ao Occidente o grande Thibet, com alguns dezertos incognitos.

Este Imperio se dividia no tempo dos Imperadores Chinezes em quinze Provincias, sem comprehender nellas a de Lartung, ou Leotum Patria dos Tartaros, que hoje na China dominão, e a Peninsula, ou Reino de Coréa, tributaria daquelle Imperio.

Os Tartaros Orientaes, que se daquelle vastissimo Imperio assenhoreárão, todos aquelles Estados, em quarenta e oito Gover-

nos dividírão. Consta de muitas relações, que no comesso do ultimo Seculo mais de quarenta milhões de homens, que pagavão tributo, além dos Impuberes, Mulheres, e Soldados, Officiaes, e Literatos, as sobreditas Provincias povoavão.

As mais modernas relações, o número das Familias do Imperio a onze milhões quinhentas e duas mil oitocentas e setenta e duas fazem subir, não comprehendendo nesta conta os assima exceptuados, isto he contando sómente os que cultivão a terra, ou os que pagão tributo á Corôa, calcula-se, que neste Reino ha cincoenta e nove milhões setecentos e oitenta e oito mil trezentos e setenta e quatro homens.

He tambem grande o número das Ribeiras, e são tão bellas, que na maior parte dellas ha mui consideraveis Cidades fluctuantes sobre Bateis construidas. A' excepção da Amendoa, e da Azeitona ha neste Paiz todos os grãos, e fructos, que se deparão na Europa, mas ha na China muitos fructos, e grãos, que nos são desconhecidos. O Algodão, e a Sêda alli largamente nascem. Estão alli em uso todos os nossos metaes. Possuidas pelos Chinas as invenções da Tipographia, Artilheria, Papel, e Manefactura de Sêda forão primeiro, que por nós.

O precioso insecto, que produz a Sêda, da China a origem tira, dalli he que elle passou mui tarde para a Persia, com a Arte de fabricar estofos do casúlo, que o cobre, e os ditos estofos erão tão raros mesmo no tempo de Justiniano, que a Sêda se vendia da Europa a pezo de oiro.

De tempo immemorial se fabricava na China papel de huma brancura admiravel, fazião-no com fios de Páu Bambu cozido. Ignora-se a primeira épocha da Porcelania, e bello verniz, que já pela Europa se imita, e se iguala.

Ha dois mil annos, que aquelles Povos fabricão o vidro, porém com menos finura, e transparencia do que o nosso.

No mesmo tempo foi por elles inventada a Impressão. He constante, que esta Impressão he huma gravura sobre planchas de madeira, tal qual Guttemberg a começou a praticar em Moguncia no seculo XIV. A arte de gravar os caracteres em madeira tem-se aperfeiçoado na China. Nosso methodo de empregar os caracteres de fundição, e móveis muito superior ao seu, ainda não

foi por elles perfilhado, tanto he o seu afferro aos costumes antigos.

O uso dos Sinos he entre elles da maior antiguidade. Tem cultivado a Chymica sem nunca serem bons Physicos. Inventárão a Pólvora, mas só della se servírão nas Festas, na Arte dos fogos de Artificio, em que excedêrão as outras Nações. Os Portuguezes he que nestes ultimos tempos lhe ensinárão o uso da Artilheria, e dos Jesuitas aprendêrão a fundir as Peças. Se os Chinas se não applicárão a inventar estes instrumentos mortiferos, não deve por isso louvar-se a sua virtude, pois não deixárão de fazer a guerra.

Seus conhecimentos da Astronomia não passão do ponto, em que ella he Sciencia dos olhos, e fructo da paciencia. Observárão assiduamente o Ceo, notárão, e investigárão todos os Phenomenos, e os transmittírão á Posteridade, dividírão como nós o curso do Sol em trezentos, e sessenta, e cinco dias, e hum quarto. Conhecêrão, bem que confusamente a pracessão dos Equixocios, e dos Solsticios. Porém o que talvez causa mais admiração, he o elles de tempo immemorial, o Mez em Semanas de sete dias dividirem.

Ha em Pekim hum Observatorio cheio de Astrolabios, e Spheras Armillares, Instrumentos na verdade inferiores aos nossos em exactidão, mas célebre testemunho da superioridade dos Chinas sobre os outros Povos da Asia.

A Bussula, que elles conhecêrão não servia para o seu verdadeiro uso de guiar as embarcações, pois só navegavão costa a costa. Possuidores de huma terra, que tudo fornece, não precisão de ir como nós ao fim do Mundo. A Bussula, assim como a Pólvora era para elles hum objecto de méra curiosidade.

Continuar-se-ha

ARTIGO IV.

BIOGRAFIA.

La Caille.

Nicoláo Luiz de la Caille, Ajudado dos conselhos de Cassi-

ni, teve em pouco tempo huma grande nomeada entre os Astronomos. Elle entrou com o filho deste homem celebre no trabalho immenso da linha meridiana, ou da projeção do meridiano, que, passando pelo Observatorio atravessa toda á França. Admittido na Academia das Sciencias em 1741, e na maior parte das Companhias Sabias da Europa, emprehendeo, em 1790, a viagem do Cabo da Boa-Esperança, para examinar as *estrellas austraes* que não são visiveis sobre o nosso horizonte. No espaço de dois annos, de 1750 até 1752, determinou a posição de 9800 estrêllas até alli desconhecidas. Este sabio, e modesto Astronomo podia immortalizar suas descobertas, dando seu nome ás novas constellações, que tinha observado; mas antes lhe quiz dar os dos differente instrumentos d'Astronomia. Nas suas viagens, fez huma descoberta de grande utilidade, e o maior serviço a todos os Viajantes. La Caille indicou o methodo mais facil, e mais cómodo para conhecer a *Longitude no mar*, *pela observação da Lua*; methodo que só exige pouco mais de meia hora de trabalho, e que só póde ter de engano meio gráo, ou desoito leguas marinhas.

O Abbade de La Caille fazia imprimir o Catalogo das estrellas, e observações sobre os quaes he fundado, quando huma fébre maligna o matou a 21 de Março de 1762, contando apenas 48 annos. As qualidades da sua alma honrão tanto a sua memoria, como os conhecimentos o seu espirito. Acautelado com aquelles que não conhecia; era branco, simples, alegre, e igual com seus amigos: Contente com o pouco, não conhecia nem o interesse, nem a ambição; julgava-se feliz pela sua probidade, fazendo das sciencias o seu prazer, e da amizade sua recreação. Ha deste célebre Astronomo grande numero de obras justamente estimadas, nas quaes se nota aquella precizão, e clareza tão necessarias nas sciencias exactas, e que fazião o caracter do seu espirito. O célebre, e desgraçado Baily se honrava de ter sido seu discipulo, e sempre fallava delle com respeito, e ternura.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO VII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Plano insinuativo de como poderáõ os Negociantes da Praça de Lisboa dar extracção aos seus generos, mais bem reputados, e com maior segurança, grangeando fundos para poder continuar as carreiras da India, e do Brazil.

He preciso estabelecer com unanime persuasão, por isso que são inegaveis, estes principios: que a concurrencia das Nações, trazendo a Portugal os generos de seu consumo, nos engóda com huma baratêz momentanea, e vai profundamente cavando a ruina do nosso Commercio: que as Nações raramente virão com seus fundos buscar os generos a Portugal, tendo abertos a India, e o Brazil; que o nosso Commercio com as Praças do Norte, França, Italia, etc. está sendo de pura perda; e finalmente, que o Commercio da Praça de Lisboa está reduzido a vender os seus generos a Compradores, que pedem grandes rebates, e espera de pagamentos. Que esperanças devem pois ser as nossas para o futuro? Que recurso temos?... Resta-nos ainda hum, e he grande, e talvez o unico.

Quarenta milhões de habitantes, que compõe o Imperio Othomano, e as Praças Russianas, que bordão o Mar-Negro, todos, ou mais, ou menos, consomem huma enorme quantidade de generos Coloniaes, que em terceira mão recebem das Praças in-

termedias, e que destes Reinos em grande parte lhe são levados por outras Nações: quando aliás poderiamos nós fazer directamente este Commercio, em que haveriamos grandissimas vantagens.

Ralhe muito embóra enganadamente o vulgo contra todos os tratos com a Turquia, os Homens sensatos não devem tomar-se das preoccupações vulgares: a Turquia he hum Paiz commercial, onde os *Francos* (assim appellidão os Europeos) gozão de todos os possiveis privilegios, e isenções; onde os direitos não excedem a cinco e meio por cento; onde os contrabandos (que se não fazem necessarios) tem a pena de direito dobrado, sem perder o proprio genero; onde as Bancas-rotas fraudulentas são punidas em proporção do delicto; onde não ha roubos commerciaes; onde nenhum Governador, ou público Encarregado póde julgar hum *Franco* sem intervenção do seu Consul, ou Vis-Consul; onde os mantimentos tem hum preço mui cómmodo; e onde finalmente os gastos dos portos, e outros taes pertencentes aos Navios, são módicos, e insignificantes.

Nós temos varias manufacturas, que são de bom consumo na Turquia, e em que poderia achar alento, e proveito a nossa industria nacional: temos hum excellente local para fazer immensos depositos dos productos Levantinos, necessarios ás Nações do Norte, que forçosamente aqui havião de vir busca-los: o Levante nos offerece muitas escálas em que formemos os nossos depositos, e donde facilmente possamos extrahir os nossos generos para outros muitos lugares: offerece-nos hum grande número de carregadouros ao pé de opulentas Provincias, que produzem muitos generos de que necessitamos, nos quaes poderiamos empregar o producto de nossas vendas; e na volta para Portugal ha huma infinidade de lugares, onde dariamos extracção a grande parte dos nossos retornos, trazendo assim numerario, e generos para nossas casas, e em nossos proprios Navios; então porque desprezaremos todas estas vantagens, se estamos vendo, que as outras Nações as colhem com os nossos proprios generos?

De sete importantes posições poderiamos naquelle Imperio tirar todos os partidos, e utilidades, se alli formassemos os nossos estabelecimentos.

O primeiro, e principal deveria ser em Constantinopla, Capital de hum milhão, e quatrocentos mil habitantes, sem contar os paizes, que bórdão todo o seu canal, e as Provincias adjacentes, tanto da parte d'Asia, como da Europa, cujos habitantes vem a formar o total de huns poucos de milhões, tendo alli grandissima extracção o Assucar, o Café, o Páo da Rainha, Anil fino, Cochenilha, etc. etc., e havendo para dalli exportar Sêda em rama, Cêra, Cóbre em barra, e chapas, Sêbo, Opio, Pelles de Lebre, Lã de Camello, Ouropimento, Ruiva, e muitas outras drogas.

O segundo em Macedonia, na Cidade de Salónica, que tem ao pé os principaes carregadouros de Trigos rijos, etc., e que dá extracção aos mais inferiores generos Coloniaes: e advirta-se, que Constantinopla, e Salónica tem o Correio regular com Lisboa por via do Correio de Vienna, repartindo depois os seus Correios por todo o Imperio; e assim póde o Agente de Constantinopla receber, e repartir cartas aos demais estabelecimentos.

O terceiro na Moréa, para ter contiguas a Grecia, Epiro, Albania, Candia, etc.

O quarto em Smyrna, como escála principal de toda a Turquia, e que abrange o Commercio de toda a Peninsula da Asia menor: alli se importa toda a qualidade de generos Coloniaes, e manufacturas da Europa, e dalli se exporta muito Algodão em rama, Cóbre, Lã, Cêra, Opio, Sêdas em ramas, Lã de Camello, Ruiva, Açafrão, Ouropimento, e mil outros artigos commerciaes.

O quinto, e muito necessario, na Costa da Syria, para desfructar o Commercio da Palestina, Mesopotamia, e desde o golfo Persico toda a Costa da Caramania sobre a Asia menor, e Ilha de Chypre: todos estes paizes consomem muito Café, algum Assucar, muito Anil, Cochenilha, e Páo da Rainha, algumas Gangas azúes, Pimenta, e outras drogas, e aromatas: extrahem-se muitos Trigos rijos, Cevadas, alguns Legumes, Azeites de Tripoli da Syria, e de Jafa, Esponjas, muitas, e boas Sêdas em rama; além do que trazem as Caravanas, como Agulhas pretas de Alepo, Açafrão, e mais drogas: na Costa da Caramania se carrega Cóbre, Cêra, Trigos, etc., na Ilha de Chypre, Trigos, Cevadas, Lãns, Vinhos, Sêdas em rama, drogas vegetaes, e mine-

raes; e tudo ficaria proximo, sendo, como deve ser, feito este estabelecimento na Cidade, e porto de Tripoli, porque em todos estes lugares, se consomem generos Coloniaes, e poderião consumir algumas manufacturas Portuguezas, especialmente Pannos de Lã ordinarios, Lenços de Alcobaça, etc.

O sexto no Egypto, com hum Agente no Cairo, e dois segundos em Damiêta, e Alexandria, para as compras de Trigos, Cevadas, Legumes, Linho, Barrilha, Açafrão, Ruiva, Senne, Incenso, Myrrha, e outras drogas; a que alli concorrem as Nações, levando em troca Pannos de lã, Fazendas brancas da India, Chumbo, Estanho, Quinquilharias, algum Assucar, e Café, sem embargo de lá o haver de Moka, etc,

O setimo a seu tempo deveria fazer-se em Tangarok, no Mar-Negro; assim para dar extracção aos generos Coloniaes, que alli se recebem de Petersburgo por terra, ou das Praças de Italia, como para alcançar no Inverno as compras em primeira mão dos Trigos rijos (tão bons como os da Sicilia) Canhamos, Lonas, Brins, Ferro, etc. etc., que tudo se póde alli haver por melhor preço, do que nas outras Praças Russianas sobre o Baltico, e Mar-Branco, além de ser aquella navegação muito mais favoravel, que a dos mares do Norte.

Para mais prompta extracção dos generos Coloniaes, devem estes estabelecimentos começar-se por enviar hum Agente a Constantinopla, de caminho deitando outro na Moréa, de fórma que estes principiem, e prosigão sempre de accordo as suas operações commerciaes segundo as ordens de Lisboa; sendo aliás tambem mui util o Agente de Constantinopla ao de Tangarok, porque á chegada dos Navios de Lisboa para o Mar-Negro, realizaria parte dos fundos, para levarem mais metal ao Agente de Tangarok, logo que se abre a navegação deste Mar nos principios de Abril até Novembro.

Tomado o fio deste Commercio directo, facilmente se irião formando os outros estabelecimentos, o que bem podia fazer-se por companhias, e consignações, ao modo da carreira da India; sendo aliás menos difficil o Commercio do Levante, que só exige actividade, perseverança, e intelligencia dos generos, e que se faz quasi todo mão por mão, porque he pouco o gyro das Le-

tras; havendo a vantagem de serem vastos, e seguros os portos do Continente da Turquia, e Grecia; e das Ilhas do Archipelago, no qual só ha tres Baixos, que não ficão na derrota; podendo dar-se extracção aos generos Coloniaes nas mesmas Ilhas, a que houvessem arribadas, e achando-se em algumas dellas boas Sêdas em rama, e outros ricos productos, pois que he por elles a Ilha de Naxos appellidada = a pequena Sicilia = e os mesmos, e inda mais do que na Sicilia, se depárão na Moréa. Para a navegação do Archipelago serião os Hyates grandes as melhores de todas as embarcações, tanto por entrarem, e sahirem com mais facilidade, como para carretar dos pequenos Carregadouros para os Navios de Carreira, os quaes devem ser de coberta, por causa da arrumação da cascaria de Azeites, Vinhos, etc. E quem melhor do que os Portuguezes póde fazer este Commercio, e navegação! Ou quem mais o está necessitando? Continuando o actual systema destructivo do Commercio, por força hão de parar as carreiras da India, e do Brazil; e então para que havemos de appellar? Acabado esse pouco gyro, que se faz, os Estrangeiros, cada hum para sua terra, desapparecerão, como Gralhas, levando o que puderem: as Bancas-rotas fervem: a Nação precisa de gyro commercial, para haver os generos de seu consumo; para continuação deste gyro, he preciso, que entre por alguma parte o numerario, que sahio por outra.... O Commercio do Levante he-nos de absoluta necessidade: este seria o modo de empregar com vantagem todos os Navios, e Marinhagem Nacional, e de manter em movimento contínuo as carreiras da India, e do Brazil; cujos generos apenas largados por huns de nossos Navios, fossem logo em outros levados a outros Paizes, donde ao nosso trouxessem a abundancia de outros generos de primeira necessidade.

Póde acontecer, que em tal, ou tal lugar huma, ou outra vez dê perda alguma negociação para o Levante, ou pela desigualdade dos annos em suas producções, ou por outros adventicios inconvenientes; mas nenhuma outra Nação a elles está menos sujeita do que nós, que ou temos, ou obtemos os generos por melhor preço; e he para os evitar, ou facilmente os reparar, que estes estabelecimentos se devem assim formar, porque assim pódem os nossos Agentes mutuamente coadjuvar-se, entre si man-

tendo contínua correspondencia, e informação dos reciprocos Mercados, ou seja pelas importações, ou já pelas exportações; cabendo, e importando grande vigilancia ao Agente da Moréa, que logo á chegada dos Navios de Carreira deveria apresentar Mappas informativos aos Sobrecargas, a fim de estes escolherem viagem áquelles dos outros estabelecimentos, que mais lhe podessem convir.

Finalmente imaginem-se todos os calculos, e de todos se concluirá, que actualmente de nenhum outro se podem colher tantos lucros como do Commercio do Levante; o qual ainda que não servisse para dar extracção aos generos Coloniaes, sempre de mais proveito nos seria, empregando o nosso numerario em generos de primeira necessidade, antes do que em Fazendas da India, e China; e senão calcule-se a importancia dos fretes, que pagamos aos Navios estrangeiros; calcule-se o que pelos generos de primeira necessidade pagamos, mais do que se em nossos Navios os importassemos; calcule-se o que cada dia mandamos pela Barra fóra, para compras na India, e no Brazil, quasi tudo em metal, e imagine-se depois qual póde ser o resultado: qual? O esgotamento do numerario, e claro se vê, que a estagnação do Commercio, como em todo o Paiz onde se não fizer cambiamento de generos.

N. B. Se fossem reprimidas as pirateria das Potencias Barbarescas, outra carreira commercial se nos abriria no Mediterraneo; porque a Barbaria he vasta, não pobre em metal, e rica de outras producções, mas sem industria, nem manufacturas, e consome muitos generos Coloniaes.

ARTIGO II.

POEZIA.

ODE

Ao Senhor José Maria da Costa e Silva.

Prole dos Numes, quasi Nume, o Vate
Vive no Tempo, na Memoria vive,
E vai do Tempo, da Memoria aos Astros,
Converter-se em porção da Eternidade.
Bucage.

Longo tempo carpio o sacro Pindo
Do Méonio Cantor a morte escura,
Murchárão da Castallia os verdes louros,
Turvou-se a clara limpha.

Calliope, que outr'hora repartia
Das fadigas o premio, sempre a raros,
As vestes, que trajava magestosas
Troca em fúnebre luto.

Deixárão de existir Permesso, e Musas
Se o Vate, honra de Mantua, não volvesse
Ao Côro santo a magestade, os dias
Do prófugo Saturno.

Ganhou nome immortal de Luzo a próle
Depois que ao som da Lyra decantados
Fôrão seus feitos, que a Memoria zela
Por seu, e timbre nosso.

Por vós mais honra accresce ás gratas Musas,
Cantor da gloria, Pindaro do Tejo:
Atilado Garção, Felinto, e outros
Da Lei da Morte isentos.

Nem tu me esquecerás, Thomino egregio,
Cuja mente nos Delphicos adejos
A terrea Estancia desdenhando absorta,
Entre os Astros fulgúra.

Porém novo clarão de luz Febéa
Surge no ameno, bi-partido Monte,
Que mil raios á terra despedindo
D'estranho brilho a cobre!...

He teu Genio grandiluquo, facundo,
Arguto, magestoso, grave Silvio,
Das Aonias Irmãs mimoso Alumno,
O Vate, o quasi Nume.

Nos métricos ensaios adestrado
Tentas da Gloria o nebuloso cume,
Que avistas não distante, e onde em breve
Te aguarda a sacra Diva.

A passos giganteos avanção muitos,
O difficil accesso não medindo;
Porém da recta senda separados
Desmaião, ou falecem.

Não assim a teu genio, raro Silvio,
Que os teus dias votando ao sério estudo,
De árduas combinações repleta a mente
Vês rebentar o fructo.

Bem que pela invenção louros não ganhes,
(A Tuba de Calliope embocando)
Interprete fiel colheste as palmas
De Aganipe regadas,

Da Grecia revocando ao patrio Téjo
Heroismo, valor, moral, pericia,
Te eriges hum padrão vedado ás iras
Dos Zoilos, e do Tempo.

Alçando o collo de Meonia o Cisne,
Olhos fitos em ti, applaude, acata
A penosa tarefa, que te deras
Ancioso, prolixo:

Contempla de Peleo o filho altivo,
Raio ardendo em vingar do amigo a morte,
Derribar a seus pés Heitor, fartar-se
No sangue dos Troianos;

Do Xanto avermelhar soberbo as aguas,
Juncando de cadaveres a terra;
Demolir da Dardania os fortes muros,
Terrivel, furibundo;

Entregue ao ferro, ao fogo, em cinza, hum Ermo
A misera Cidade, duvidoso
Quem melhor temperou as varias côres,
De ti concebe inveja.

Assim, qual Cedro eterno, que arreigada
Tem na Terra a raiz, no Ceo a coma,
Dos enraivados Euros escarnece
A guerra, que lhe movem;

Tal, do Genio escudado, o Vate eximio
Sarcasmos, invectivas rebatendo,
Tem da Gloria, em si mesmo, o brado, a c'rôa,
Que os Seculos respeitão.

Por Pedro Ignacio Ribeiro Soares.

CRITICA.

Mademoiselle Dumesnil, e Mademoiselle Clairon.

(Continuado do N.º VI. pag. 102.)

Tem-se feito muitas comparações entre Dumesnil, e Clairon, sem embargo de serem ambas incomparaveis, porém a verdade do paralelo reduz-se a dizer que a segunda estava para a primeira na mesma razão de Racine para Corneille.

O nome de Mademoiselle Dumesnil recorda os preciozos dons da Natureza unidos ao conhecimento da Arte; certa profunda sensibilidade, certo calor energico, finalmente aquella *vis tragica* que nenhuma Actriz ainda possuio em tamanho grão.

A respeito da verdade da reprezentação de Mademoiselle Dumesnil começaremos citando huma anedocta analoga á que citamos ácerca de Clairon.

Reprezentando Dumesnil a parte de Cleopatra no quinto Acto de Rodoguna, quando proxima a expirar, e depois de horriveis impercações, exclamou

Eu amaldiçoára os proprios Deozes
Se me tornassem novamente a vida.

Hum Militar velho, que lhe ficava proximo, lhe déo hum grande murro nas costas, gritando » vaite, cadella, com todos os » Diabos! » Este delirio, que interrompeo a reprezentação, e a Actriz não impedio que ella depois o agradecesse ao official como o maior elogio, que naquella parte recebêra.

Todos sabem os grandes creditos, que adquirio no papel de Mérope. No primeiro ensaio desta Tragedia, acuzava Voltaire a Actriz, de não empregar bastante força nas invectivas contra Poliphonte. » Mas Senhor (replicou ella) para tomar o tom, » que vós quereis, he necessario ter o Diabo no corpo, sim, sim » (accudio o Poeta) he precizo ter o Diabo no corpo para so- » bresair em todas as Artes; sim, sem o Diabo no corpo nin- » guem poderá ser bom Poeta, nem bom cómico.

Abbreviaremos outra Anedocta, que vem no tratado da Declamação por Herault de Séchelles.

D'Alembert tinha o talento de remedar com a maior perfeição. Hum dia, em caza do Marquez de Lomellini, Enviado de Genova, que o tinha convidado para jantar com Mademoiselle Gossin, e Dumesnil, arremedou elle estas duas Actrizes com tal verdade, que chegou a ser completa a illuzão. Quando chegou a vez de Mademoiselle Dumesnil, tomou ella hum ar magestozo, mas que não logrou o arremedador. Comessou D'Alembert, e todos ouvião com attenção; mas apenas tinha repetido oito versos, ergue-se a Actriz da sua cadeira exclamando » Ah! Eis alli o » meu braço esquerdo; o meu maldito braço esquerdo, cuja » inflexiblidade ainda não pude corregir com dez annos de traba- » lho. Ah Senhor, vejo que nada vos escapa; prometto fazer novos » esforços, para consegui-lo: mas vós não deveis negar-me os » vossos conselhos.

As duas precedentes Anedoctas mostrão aos Actores, que os Literatos são os seus verdadeiros conselheiros, e os Authores Dramaticos os seus Mestres.

As Partes de Mérope, Clitemnestra, Leontina, Phedra, Agripina, Semiramis, e Athalia parecem ter sido escriptas para Mademoiselle Dumesnil tanto entrava no espirito, alma, paixões, e caracteres destas Personagens! Com que sublime tom repetia este verso de Mérope.

He meu sangue, he meu Filho esse estrangeiro!

Com que energia, lançando-se rapidamente entre Egisto, e os Soldados de Polyphonte, clamava

Barbaro! Elle he meu Filho!

Que expressão Tragica dava a este verso de Iphygenia.

Não; eu nunca ao suplicio a conduzíra.

Que energia terrivel dava a estes da Parte de Phedra.

Misera! e vivo! Inda sustento a vista.
Deste sagrado Sol, de quem descendo!..
. . . . . .
Onde me esconderei?.. Na sombra eterna?..

O Author, de quem extrahimos esta tradicção dos caracteres feitos por Dumesnil, accrescenta que he impossivel mostrar mais Na-

tureza, finura, e profundidade nas Scenas, em que Leontina (1) esconde ao Tyranno Phocas o segredo, que elle pertende penetrar; nas Scenas, em que Agripina lança em rosto a Nero o que fizera a seu favor, e em que Athalia interroga ao Menino Eleacin. Ninguem podia, sem que tremesse, ouvilla pronunciar as ultimas palavras desta Scena de Athalia.

Queria ver, e vi!..

Por meio de consideraveis sacrificios, he que esta sublime Dama Tragica fazia sobre-sahir algumas partes dos Papeis, de que se encumbia. Os versos de que maior partido tirava, erão repetidos com o tom da conversação ordinaria; mas isto só o fazia tendo repetido os antecedentes com huma dicção energica, e huma pantomima expressiva, por exemplo repetindo estes quatro versos do Sonho de Semiramis.

No momento, em que a paz me consolava,
O Ministro da morte me aparece
Todo em sangue escorrendo, a espada em punho...
Julgo inda vê-lo... julgo ouvi-lo ainda.

Nos trez primeiros procurava huma profunda impressão de terror; seus olhos, como fixados sobre hum só ponto parecião ver o Phantasma; sua voz, e suas mãos tremião; sua gesticulação tinha tanta verdade, que todo o Auditorio via, como ella, o Phantasma; ella então ajuntava com o tom mais singelo, e simples.

Julgo inda vê-lo;.. julgo ouvi-lo ainda.

Este verso, fallado, e não recitado, tornava-se terrivel; e os Espectadores julgavão vêr a victima debaixo do ferro do Espectro.

Quando o célebre Actor Inglez Garrick foi a Pariz em 1765 houve quem lhe perguntasse quem erão os Actores, e as Actrizes em quem achava mais talento. » Dos homens (respondeo elle) são

---

(1) Faz indignação lêr, que Clairon, e Dumesnil, tão grandes Artistas se encarregavão, de Papeis subalternos de Eriphile, e Leontina, e fazião todos os esforços para os bem representar, ao passo que nos lembremos, de que huma Marianna Torres, e outras das nossas chamadas Actrizes, que ainda multiplicadas por 200 não farião a sombra dellas tem a petulancia, não só de as não acceitar, mas de regeitarem Mérope, e Semiramis, porque são Mãis! E quem? Mulheres, que nem a sua lingua pronuncião correctamente.

» os melhores Le Kain, Carlin, e Preville; e das mulheres Ma-
» démoiselle Dumesnil, Dangeville, e Arnould; quanto a Ma-
demoiselle Clairon, he demasiadamente Actriz.

Finalmente o Roscio de Inglaterra deixou a respeito de Dumesnil, e Clairon hum juizo em fórma de Parallelo, que se lê em huma carta de Mr. Noverre a Voltaire, e he o seguinte:

» Se differentes estradas conduzem á fortuna; tambem por
» differentes estradas se póde ir á celebridade. Agradão-me os ta-
» lentos de Clairon, e ainda os admiro mais por vêr, que lhe cus-
» tárão hum trabalho insano, pois só deveo á Natureza a belleza
» de sua voz, e o resto pertence á Arte; tem ainda mais a habi-
» lidade de imitar Mademoiselle Dumesnil, sem a copiar servil-
» mente. Accrescentarei, que o seu modêlo era a amiga, e confiden-
» te da Natureza; que nella nada havia estudado; que até a sua
» desordem era sublime; e que Mademoiselle Clairon com o soc-
» corro do espirito, e da Arte chegou a collocar-se ao lado do
» seu modêlo. »

Mademoiselle Dumesnil debutou no Theatro Francez em 1739, e o deixou em 1776. Mademoiselle Clairon entrou no Theatro, em 1743, e sahio delle em 1765, a primeira morreo de 92 annos, e a segunda de 81.

ARTIGO III.

GEOGRAFIA.

Da China.

(Continuado do N.° VI. pag. 107.)

Faz admirar, que tão industrioso Povo não passasse na Geometria além dos elementos; e que na Musica não conheça os simitons, e que todas as suas Sciencias sejão tão antigas, e tão limitadas. Parece, que a Natureza deo áquella especie de homens tão diversos de nós, orgãos proprios para achar de repente quanto lhe era necessario, e incapazes de além passarem, nós pelo contrario tivemos conhecimentos tardios, mas aperfeiçoámos tudo com rapidez.

Se perscrutarmos porque tantas Artes, e Sciencias sem interrupção cultivadas na China, ha tantos Seculos, nella tem feito tão acanhados progressos, acharemos duas razões; huma o prodigioso respeito, que esses Povos tem a tudo, que seus maiores lhe transmittírão, e que lhe figura perfeito tudo quanto he antigo; e outra a Natureza de sua Lingua, primeiro principio de todos os conhecimentos.

A Arte de fazer manifestas suas idéas por escrito, que devia ser hum methodo mui simples, he entre elles a coisa mais difficil: cada palavra tem differentes caracteres, e hum Doutor na China he aquelle Sugeito, que maior número delles conhece. Alguns caducão antes de saber bem escrever.

O que ha mais conhecido, mais cultivado, mais aperfeiçoado entre elles he a Moral, e as Leis. O respeito dos Filhos aos Pais he o fundamento do Governo Chinez. Tem alli sempre o mesmo vigor o patrio poder. Hum Filho não póde pleitear contra seu Pai sem o consenso unanime de todos os Parentes, Amigos, e Magistrados. Os Mandarins Letrados são alli como Pais das Cidades, e das Provincias, e o Rei como Pai do Imperio. Esta idéa nos corações arreigada fórma huma só Familia daquelle immenso Estado.

Lookium, tinha, algum tempo antes de Confucio introduzido huma Seita, que foi recebida, e combatida na China quinhentos annos antes de Jesu Christo; mas no primeiro Seculo de nossa éra foi este Paiz innundado pela superstição dos Bonzos. Estes trouxerão das Indias os Idolos de Fó, ou de Foé, adorado com differentes nomes pelos Japonenses, e os Tartaros, e a quem se vota o culto mais ridiculo. Esta Religião nascida na India perto de mil annos antes de Jesu Christo, infestou a Asia Oriental.

Os Chinas tem para si, que seu Imperio começára ha 4165 annos, e isto he entre elles ponto de Fé. Julgão tambem, que seu primeiro Rei fôra Fohi, e que a sua nação continuou até hoje por vinte e duas Familias, que tem dado duzentos e vinte e seis Reis, ou Imperadores; a Historia deste Imperio sóbe pela mais segura Chronologia até a hum Eclypse calculado 2155 annos antes da nossa éra vulgar, e verificado pelos Mathematicos Missionarios, que enviados nestes ultimos tempos áquella Nação incognita a admirárão,

e instruírão. O Padre Goubil examinou hum fio de 35 Eclypses do Sol notados nos Livros de Congfutsée, que nós chamamos Confucio, que vivia ha 2316 annos, e só nelles achou dois duvidosos. Dois Seculos além do Eclypse, de que fallamos, sua Chronologia chega sem corrupção, e por testemunhos, que se tem por authenticos até ao Imperador *Hião*, que trabalhou na refórma da Astronomia, e que em hum reinado de perto de 80 annos procurou tornar os homens illuminados, e felices. Está inda na China o seu nome em tanta veneração, como na Europa o dos Titos, Trajanos, e Antoninos. O ser elle para o seu tempo hum habil Mathematico he evidente prova de que nascêra em huma Nação já muito civilisada.

As rendas ordinarias do actual Imperador sóbem, segundo os mais aproximados calculos, a duzentos-milhões de onças de prata. He constante prática na China, quando alguma Familia nova se enthronisa, mudar o nome do Imperio, a Familia Tartara, que actualmente governa, lhe chama *Taicinque*, que quer dizer Reino de grande pureza, a Familia precedente lhe chamava *Taiminque*, ou Reino de grande claridade. Este Estado he conhecido com differentes nomes. Os Tartaros Orientaes, que são delles Senhores, lhe chamão *Ninacorum*, os Tartaros Ocidentaes *Harakitai*, os Indios de Mogol *Catajo*, os Indios das Peninsulas *Chini*, Os Vsbekes *Catai*, os Moscowitas *Trita*, os Portuguezes *China*, os Indios *Kina*, os Alemães *Teschina*, os Francezes *Chine*.

As ultimas relações dão a este Imperio vinte e tres gráos do Norte a Sul, desde a fortaleza de Caipim na fronteria de Pekim, a quarenta e hum gráos de latitude até á ponta Meridional da Ilha de Ainan, ou Hainan a dezoito gráos de elevação, assim o cumprimento da China de Norte a Sul he de 576 leguas Francezas de 25 ao gráo, e as mesmas Relações avalião sua largura de Oeste, a Este, desde a Cidade Oriental de Nimpo na Provincia de Chekiam chamada pelos Europeos Liampo até á estremidade da Provincia de Suchmen 426 das mesmas leguas. Mas se quizerem tomar este Imperio pelas ultimas extremidades de seus limites acharemos, que o seu cumprimento de Norte a Sul he de 750 leguas Francezas, e a largura de quinhentas.

Ha neste vastissimo Estado quatrocentas e duas Cidades muradas, divididas em duas classes, Civís, e Militares, duzentas e cinco Hospederias Reaes, chamadas *Ye*, isto he de primeira ordem, e trezentas da segunda, chamadas *Chamchin.* Ha duas mil trezentas e trinta e sete Fortalezas de muitas ordens, sem contar as Torres, onde ha Atalaias, que são muitas. Estas Fortalezas se comprehendem no número das quatro mil e quatrocentas e duas Cidades muralhadas, o Exercito effectivo passa de setecentos setenta e sete mil e novecentos homens.

Tem trezentas e trinta e huma Pontes de grande fama, e que são de huma magnificencia superior a tudo, que a Europa apresenta de maravilhoso neste genero. Duas mil quatrocentas e oitenta e nove Montanhas famigeradas, mil quatrocentas e setenta e duas Ribeiras navegaveis, duas mil e noventa e nove Peças antigas, e curiosas, como Estatuas, Vazos, etc., mil cento e cincoenta e nove Torres, Arcos de triumpho, e outras Obras públicas, duzentas e setenta e duas Bibliothecas famosas, mil cento e oitenta e nove Templos consideraveis, e magnificos, sem contar os ordinarios, trezentos e cincoenta mil Bonzos, que são os seus Sacerdotes, mais de dez mil Licenciados, e mais de oitenta mil Bachareis; seiscentos e oitenta e cinco Mausoleos. Contão-se na China tres mil seiscentos e trinta e cinco Homens Illustres, e finalmente cento e trinta e dois Palacios magnificos, e sumptuosos, proprios para alojar o Imperador, e a sua Côrte.

O Canal Regio de *Yun* atravessa de Norte a Sul huma grande parte deste Imperio, e tem mais de trezentas leguas de cumprimento, e setenta e hum Diques. Começa a duas leguas e meia de Pekim, na Cidade de Tancheo, e apoz de ter seguido a correntia de muitas Cidades grandes, e entre outras a de *Yamchen* o porto mais famoso do Imperio, se perde pouco abaixo no Rio Kiam a huma grande jornada da Cidade de Nankin, antiga Capital onde se conserva hum Globo de bronze, que tres homens não podem abarcar, sentado sobre hum Cubo de Cobre, que se abre, e no qual entra hum homem para fazer gyrar o tal Globo, em que estão traçados os meridianos, e parallelos.

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO VIII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Ultimas descobertas, feitas por alguns Viajantes na Arcadia, relativas ao famoso Templo de Apollo situado no monte Cotilio.

Os Amadores das Antiguidades Gregas ouvírão com grande prazer a notavel, e interessante descoberta feita no Peloponeso em 1816. Tendo alguns Artistas, e Curiosos de diversas Nações, unidos pelo amor das bellas Artes, alcançado da Porta Othomana a permissão para escavar no sitio do Templo de Apollo sobre o monte Cotilio de Arcadia, tiverão a fortuna de achar inteiro o friso do Templo. Consiste na estensão de 96 pés de largura com altos relevos de marmore com cem figuras de mais de dois pés, sem mais damno, que o occasionado pela sua quéda no tempo da destruição daquelle célebre monumento. Estes altos relevos tem dois assumptos. Huma série de 53 figuras representa hum combate entre as Amazonas, e os Heróes Helenicos; e as 47 restantes a briga dos Centauros, e Lapithas no casamento de Perithoo.

Não póde decidir-se ao certo quantos seculos tem estes preciosos restos da Esculptura Grega jazido debaixo dos congestos de grosseiros marmores, que os sepultárão, e cobrírão todo a àrea do Templo. Pausanias no Livr. 8. Cap. 42 das suas *Arcadicas* diz: que o Architecto Ictino, o mesmo, que, no governo de

Pericles, edificou, ajudado de Callicrates, o Templo de Minerva em Athenas, fôra tambem o constructor deste Templo Dorico, considerado, depois do de Theseo, como o mais perfeito de todo o Peloponeso; ora como Pericles viveo no V. seculo antes de Jesu Christo, tem decorrido quasi 2300 annos depois da fundação deste soberbo monumento.

O estylo, que reina em toda a Obra, e a execução della, mais do que as observações historicas, accusão o seculo da perfeição nas Artes do Scopro. Não ha nada mais nobre do que o desenho daquellas Amazonas, e o grandioso de suas cabeças, onde se admira a magestade, e a graça; nada mais perfeito, e feliz, que as roupas das ditas figuras; alguns dos Heróes fazem lembrar o Collosso de Monte Cavallo em Roma, e outros dão ares do Gladiador.

Achamos igualmente emPausanias (Helia. Liv. 8. Cap. 10) a seguinte discripção dos relevos da Fachada posterior do Templo de Jove, que erão obra de Alcamene, discipulo de Phydias, e representavão tambem a briga dos Centauros nas nupcias de Perithoo. Este Principe occupa o centro do quadro. Euricião junto delle rouba Hypodamia sem embargo de todos os esforços de Ceneo para impedi-lo. Theseo com a sua acha-d'armas faz hum terrivel morticinio nos Centauros; e dos poucos a seus golpes escapos hum procura roubar huma tenra Donzella, e outro hum formoso Menino.

Bem que esta discripção pertença a Olympia, poderia sem muito custo applicar-se ao nosso friso de Phygalia. Não póde aqui deixar de notar-se Theseo, que he huma das mais bellas figuras. A Donzella, o Menino, e os dois Centauros, que os roubão, fórmão hum grupo á parte, e muito distinto dos outros Centauros. Este Quadro parece terminar-se com hum grupo de Mulheres, huma das quaes abraça os pés de huma Estatua de Cibele, em quanto a outra implora soccorro com as mãos erguidas ao Ceo. Hum Centauro, que hum dos Heróes aterra pela retaguarda, tira pelas roupas da Mulher, que está aos pés da Deosa. Duas figuras em hum carro tirado por dois Veados, e que naturalmente são duas Divindades, dão ares de vir em soccorro das ditas Mulheres. No combate das Amazonas ha grupos de igual

variedade vêm-se no conflicto humas a cavallo, e outras a pé, e outras espirando nos braços de suas companheiras. Huma, que parece ser a Rainha, quer dar morte a hum lindo Moço derribado a seus pés, em quanto outra lhe roga, que lhe poupe a vida. Descobrem-se mais adiante feridos, que se transportão para fóra do Campo da Batalha; cavallos impetuozos, e outros por terra. Entre os Heroes descola Theseo armado de clava, e de pelle de Lião; e finalmente observão-se Homens, e Mulheres, que combatem cobertos de grandes Escudos, ect. ect.

Ainda não foi possivel reduzir todos os pedaços a sua primitiva fórma. Dizemos pedaços, porque todo o frizo consiste em 23 Laminas, que forão achadas em confuzão no pavimento do Templo, sem que da sua situação se podesse exactamente conhecer o seu verdadeiro lugar. Concertão-se porém as Laminas, (a excepção de duas, ou trez, que estão em muito máo estado) quazi sem mais defeito que a falta de alguma cabeça, braço, ou perna, e deve haver-se por grande fortuna o acharem-se os fragmentos em tão bom estado, sendo o relêvo das Figuras em geral demaziadamente forte, quazi de *convexo redondo*, e por isso mais quebraveis do que hum baixo-relêvo. As cabeças, braços, e pernas de hum grande número de Figuras estão muito destacadas do fundo. Julgamos pois que hum Frizo tão bem conservado, e o unico tão completo, que entre nós se conhece, e de que saibamos a origem com tanta segurança, e precizão, he hum objecto, que merece toda a attenção dos Artistas, e Antiquarios.

O comprimento do Frizo concorda exactamente com o do contorno da Architrave da Capélla do Templo, que corcava por baixo do Hypectron. A baze, e o Frizo erão de todas as partes sustentados por cinco Pilastras Jonicas, e huma só columna isolada defronte da Porta. As Pilastras tem com as bazes perto de 20 pés de altura. A Capélla tem outras tantas, em largura, e 35 de comprido. O Frizo externo visto em huma elevação tão pouco consideravel he superiormente bem alumiado no alto pela abertura do Hypectron, e devia ser o unico, e principal ornamento deste Templo. A Estatua de Apollo devia estar situada contra a columna, em face da porta. Refere Pausanias, que quando houve a reunião dos Arcades todos na nova Cidade de Magalopoli, fundada por de-

ligencias de Epaminondas, fóra a Estatua deste Templo, que era de bronze, e tinha doze pés de altura, transferida para a nova Capital. Havendo-se pois achado nas escavações da Capélla do Templo dois pés, e duas mãos de marmore branco, bem trabalhadas, e de proporção exacta, com grossos espigões de metal, sem que se podesse deparar mais algum fragmento, podemos ajuizar que os Figalenos tinhão supprido o seu Apollo de Bronze com outro de Páo, com as estremidades de marmore, coisa de que ha muitos exemplos na antiguidade.

Os Proprietarios tomárão a rezolução de expôr estes marmores por alguns annos, em hum local proprio na Ilha de Zante, aonde S. Excellencia o Major General Airez lhe concedeo a sua protecção, outorgando-lhe logo huma boa Escolta de Tropa para lhe segurar a passagem da Moréa para esta Ilha.

A esta relação ha poucos tempos enviada da Ilha de Zante, devemos accrestar algumas particularidades mais, tanto ácerca das mesmas escavações, como do sitio Pintoresco, e interessante do Templo, que póde ao prezente considerar-se como a mais bella ruina de toda aquella Peninsula. Além de que em materia de Archeologia as minimas particularidades são de summa importancia.

Acharão-se pois além dos objectos principaes no mesmo Templo, e nas cercanias delle muitos ferros de lança, alguns ornamentos de bronze, e prata, hum pequeno vazo de bronze, huma pequena Estatua de Apollo tambem de bronze, porém grosseiramente trabalhada pelo estylo Egypcio, e huma pequena armadura de perna, que he de cobre, e exactamente parecida com as, que vemos nos vazos, que chamão Etruscos. Isto he naturalmente hum *Ex voto*, por que o Apollo venerado naquelle Templo tinha a invocação de *Epicurino*, que corresponde a *Confortador*; e os Figalenos lhe erigirão este Templo sobre aquella solitaria Montanha, por elle os ter soccorrido em huma Peste, que parece ter devastado a Arcadia, ao mesmo tempo, que Athenas, na Epocha da Guerra do Peloponeso.

As ruinas, ainda muito consideraveis, da Cidade da Figalia ficão quatro milhas distantes do Templo para o Poente sobre a margem direita do Neda. A Aldêa de *Paolizza* occupa huma

pequena parte do circumdario de Figalia, e, em pouca distancia della, entra o Neda no Mar. O mesmo Templo está construido em direcção do Norte para o Meio-dia, e goza de huma vista soberba. Tem ao Occidente o Mar Jonio, e o Golfo de Cyparissa; e ao Sul o Monte Ithome, com a Cidade de Messenia.

Fica ao Levante o Monte Keraunios, e o Altar de Jove Lyceo; ao Sudueste, e além do profundo Leito do Neda aparecem as ruinas da Cidade de Ifra, o Taigete, e he tudo circumdado de Mar.

Existem no mesmo Templo em pé 36 columnas de 38 que formavão o Perystilo Dorico, de dez pés, e meio de Altura; seis sobre a fachada, e quinze lateraes. São de huma formoza pedra cinzenta do Paiz, assim como todo o resto do Edificio excepto huma parte da Abobada, e dos capiteis Jonicos, que são de marmore. He tambem huma das singularidades deste Templo o ter alguns *Triglifos*, e seis *Metopas* esculpidas de cada lado por baixo da fachada, e as duas columnas de *Pronaos*, e de *Ophithodomo*. Os Fragmentos, que das taes *Metopas* se encontrárão, são de hum trabalho completo, mas estão pela maior parte muito consumidas do tempo. São Figuras, que bailão, envoltas em bellas, e requissimas roupagens volantes, hum Sileno. ect. Entre as, que tócão Lyra parece destinguir-se hum Apollo *Musagete*.

As duas Fachadas de Norte, e Sul, erão coroadas de hum quarto de circulo de Marmore, com hum bello ornamento de Festões, a que correspondião por cima 15 Columnas lateraes, ao longo dos dois lados do teto, pontas de telhas tambem em Festões, e a estas conrespondião outras do alto da suminidade do tecto igualmente de Marmore como tambem todas as telhas. Estas tem dois pés de largura, e na primeira ordem nada menos de tres pés, e tres quartos de comprimento. Esta particularidade, e algumas noticias curiozas deste Monumento darão novas luzes a respeito de Architectura dos Antigos.

ARTIGO II.

CRITICA.

Juizo sobre a » Apparição » Poema Elegiaco por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Entre as mui raras composições poeticas, dignas de lêr-se, que, nestes ultimos tempos, tem sahido de nossos typos, merece hum bom lugar este Poema Elegiaco, com que o Senhor Moniz tão distinto já como Poeta Lyrico, e Tragico, acaba de enriquecer o Parnaso Portuguez. Os Amadores da Poesia Phylosophica folgarão de vêr a imaginosa pompa, de que apparecem revestidas as suas arrojadas idéas; admirarão o vigor de seu pincel, a elegancia de seu estylo, a propriedade de suas expressões, e a variedade harmonica de sua metrificação sempre corrente, fluida, e numerosa. O Hymno ao Eterno no primeiro canto se destingue por sua profusão sublime. He a Musica de David, executada sobre a Lyra de Pindaro. Não he menos bella a rápida, e venusta descripção do Ceo feita nos seguintes versos:

Não ha columnas.
Que a magnifica abobada sustentem,
E toda de Saphyras, e Diamantes
Parece, que decorre marchetada,
Tão longa, que da vista aos olhos foge,
E até na dimensão fatiga a idéa!...
Mil, bordadas de Soes, e Soes sem conto,
Quaes Pérolas de orvalho matutino,
Avanção na infinita immensidade
Fulgurosas, amplissimas estradas,
Donde apenas dispersos se descobrem,
E minimos, e quasi imperceptiveis
Pelo vasto Universo immensos Orbes,
Bem como os turbilhões de pó no Estio,
No veloz movimento confundidos.

Que riqueza em suas amiudadas comparações! Que vigor nas apostrophes ao Despotismo, e á Religião no quarto canto!...

Que sublime de reflexão nestes versos á Eternidade no 3.º canto, em nossa opinião o mais bello de todo o Poema!

Fonte antiga dos Tempos, e dos Mundos,
Perenal, portentoso, immensuravel
Golphão, que tudo reproduz, e absorve,
Augusta Eternidade, eu te saúdo;
Immutavel, profunda, e sem limites,
Tão proxima estás hoje ao teu principio
Como antes, que tomasse o Cáhos fórma;
Antes que a luz afugentasse as trévas;
E antes, que, pelas Leis do movimento,
Se ordenassem os corpos, se ordenasse
A innumeravel multidão dos Mundos,
Que, no ethereo Occeano fluctuantes,
Com assombrosa rapidez contínua,
Tomando o meio entre as oppostas forças,
Vão discorrendo, de redor hum de outro,
Sobre o seu eixo cada hum rodando;
E quando, lá no fim dos Tempos todos,
Do nada na horrendissima voragem,
Se abysmar outra vez este Universo;
Quando, rota dos Seres a cadêa,
E extinctos os celestes luminares,
Ficar, de tudo o, que he, sómente o espaço,
Do teu fim como agora tão distante,
Inda então seguirás futuro immenso
De interminavel duração! Teu manto
Acolhe quanto ha sido, e o germen guarda
De tudo o, que ha de ser! Nas prégas suas
Buscarei teu asylo venerando;
Eu te saúdo, augusta Eternidade.

Muito se tem disputado, especialmente em França, sobre ser, ou não a Poesia do Christianismo susceptivel de hum maravilhoso proprio, capaz de supprir na Epopeia os Deoses da My-

thologia Grega, e Latina. Os supersticiosos admiradores da Antiguidade.

Che piú la rugin ch'il metalo stiman,

Como diz elegantemente o Conde Algaroti, munidos da authoridade de Boileau, teimão, que sem Marte, Venus, Jupiter, etc., não ha Poesia; e como havião elles achar bom o maravilhoso Christão, se o não vião em Homero?... O Visconde de Chateaubriand escreveo hum tratado em 8 volumes (*le Genie du Christianisme*) para provar a superioridade do maravilhoso do Christianismo, sobre o do Polyteismo, e bem que, a nosso vêr, na dita Obra não se expenda mais do que senão huma parte das provas, que o Author podia dar, nem este alli seguisse o methodo, de que devêra lançar mão, cumpre confessar, que os Archaio-maniacos inda lhe não derão quartada concludente. He verdade, que esta questão, só póde além da França, ter ainda lugar entre nós, e os Hespanhoes; porque na Italia, e mais ainda na Inglaterra, e Alemanha, estava ha muito decidida pelas bellezas Poeticas, que das máchinas de nossa Religião tinhão tirado em seus Poemas Tasso, Milton, Klopstock, Bodmer, etc., que em vez de mendigar servilmente, abrírão novas minas, de que extrahírão ampla riqueza, preferindo a serem copistas de Homero, e Virgilio, o tomar assento a seu lado. A' aquelles, pois que entre nós se mostrão *Idolatras em verso* citamos para nos apresentarem em maravilhoso Grego hum quadro tão pathetico, e lúgubre, como o da morte de Fermina, que fecha o 2.° canto da Apparição. Que rediculo effeito não farião Alecto, as Harpias, e toda a mais Caterva Tartarea em redor do leito da resignada, e virtuosa Enferma?... Dirão, que Iris vindo cortar-lhe o cabello fatal, como em Virgilio a Dido, daria hum Machinismo mui proprio, e feliz; queremos persindir de desharmonia de huma Divindade pagã recebendo a alma de hum Christão; mas fugiria de toda a scena aquella magestosa sombra, e colorido melancolico, que lhe dá o Anjo da Morte, que

Da parte do Oriente descendendo,
Largo fluctua o manto inda mais negro,
Que da noite o pavor: florea a espada,

Que mais do que os relampagos flameja;
E das azas de fogo, que soltava,
Hum pouco recolhendo o vôo altivo;
Modificando o gesto formidavel,
Fulgurou sem horror ante os seus olhos:
Em todos mais o pállido soçobro,
Em todos mais perturbação, e espanto
Das azas invisiveis derramava.

. . . . . .

Erguendo aos Ceos a espada flamejante
As solemnes palavras pronuncía,
Que elle, como da Morte os outros Anjos,
Pronuncião no ponto, em que, da vida
Quebradas as prizões, o Mundo deixão
Os Elleitos do Ceo! . . . . . .

. . . . . .

Firmina escuta;
E, com hum profundissimo suspiro,
Hum ai supplicador desprende anciosa,
Dão-lhe passagem livre ao ai! piedoso
As Virtudes, que em circulo aguardavão
A alma gentil para voar comella,

. . . . . .

Recebe o Anjo a súpplica; revôa
N'hum só instante de redor do leito
Por vezes sete; e á septima parando,
Vibra tres vezes a tremenda espada
Erguida para o Ceo! Então mais rápida
Que as settas zunem, se despenhão Torres,
Que os ventos bramem, se revolvem mares,
E que das nuvens se despede o raio,
De chofre a Morte inexoravel desce,
E, as frias azas pállida estendendo,
Cobre o leito de dôr: Firmina treme
C'o a final convulsão... Pasmada, e muda
Já não vê; já não ouve; já tardonho
Lhe pulsa o coração... Ei-lo parado:

Escuros para sempre os olhos fecha,
Solta o extremo arronco, espira,.. e vôa
Mais rápida, que a luz, e o pensamento,
Sua alma pura á Região dos Astros.

Terminaremos este juizo pela discripção do enterro, talvez o mais bello trecho de todo o Poema, e que deve grande parte do seu interesse ás idéas Religiosas.

Crepes se arrastrão, Porticos negrejão,
E, prestes todo o fúnebre apparato,
Já o funéreo coche, acompanhado
Do cortejo de dó, vai vagaroso
Caminhando ao lugar da sepultura:
Vão, do caminho ao longo, derramando
As tochas funeraes tristeza, e medo,
Qual pelas trévas pállido cometa
Vai pavoroso, a lampejar, fugindo.
Já chegão: e na turba circumfusa
No promiscuo tropel, que se amontôa
Lavra hum surdo rumor; como rouqueijão
As ondas enrolando-se banzeiras,
Da proxima tormenta inda lembradas.
Abrem-se, os fachos empunhando, mudas
Em longo fio, luctuosas alas;
E a intervallos erguendo a voz solfada
Religioso choro em tom medonho
Vai o confuso Povo apavorando,
Como de quando em quando, em muda noite
O trovão, rebramando ao longe irado?
Eis, sobre o funerario leito, pouza
O corpo inerte, regelado, inane,
Caduco resto de mortal belleza...
Resto ainda formoso, amado ainda!...
Pezadamente as azas alevantão
Hymnos da Morte em musica soturna,
Tão mesta, e melancolica, tão triste

Como a recordação dos bens perdidos;
Tão triste, que dos sons, que se prolongão;
A escuridão dos Tumulos se augmenta,
E nos valles a Noite escuta, e geme!
Pouzão... Fechado o féretro retumba,
Retumba no final encerramento
A lobrega mansão, e em longos éccos
O horrendo som dobrando-se nos ares,
Alto as do Templo Abobadas echoão!

ARTIGO III.

GEOGRAFIA.

Da China.

(Continuado do N.º VII. pag. 132.)

A muralha, de que tanto se falla na Europa, e entre os Povos convisinhos dos Chins, he de trezentas e setenta e cinco leguas ordinarias de França: situada ao Nordeste da China, edificada pelos Imperadores, cento e trinta e sete annos antes da nossa éra, para embargar as correrias, e invasões dos Tartaros Orientaes, que ha alguns annos conquistárão este grande Imperio, passa não sómente por longas campinas, mas por sobre alcantiladas montanhas, e he fortificada de espaço a espaço com Torres, que humas das outras hum tiro de mosqueteria distão, ha sitios, com visos de precipicios, em que esta muralha tem do cimento até ao espigão mil e trinta e sete pés Geometricos, e em outros mais, e menos. A muralha tem de per si, desde o rez da terra até ao espigão trinta covados de alto, e quinze de largo, monumento superior ás Pyramides do Egypto, tanto por sua utilidade, como por sua immensidade.

Ha na Torre de Pekin hum Sino, que tem treze pés Chinezes de diametro, que fazem perto de onze pés, e oito polegadas; o *Ché*, ou pé Chinez está para o pé de Pariz na razão de sete para oito, e por consequencia contém dez polegadas e meia do nos-

so pé. O *Ché*, que está no Tribunal dos Mathematicos de Pekim, não differe muito do pé de Pariz: pódem haver differentes grandezas de *Ché*, segundo os differentes usos de cada Provincia.

A Ribeira azul he a mais bella, que tem a China; nasce na Provincia de *Suchioen*, atravessa a de Hunquant, e Nanquim, e desemboca no mar pacífico no Golphão chamado de *Nanken*. A Ribeira amarella he a maior da China, nasce (segundo he fama) no Paiz de Tanguth, ou Tannu, que he huma das partes Meridionaes da Tartaria, e depois de ter banhado as Provincias de Pekim, Kansy, Homan, Xantum, e Nankin, se lança no mar pacífico. Sangora he huma Ribeira, que nasce nas Montanhas Brancas, ao Septemtrião da China, e que se lança no Helum, que he hum Ribeirão, cujas fontes se não conhecem.

Este Imperio he fertil em toda a sórte de grãos; produz Trigo, Cevada, Milho miudo, Centeio, Arrôz, que he o ordinario sustento dos Chins, abunda em Legumes, que a terra produz duas, ou tres vezes no anno na maior parte das Provincias, o que prova tanto a industria dos Povos, como a fertilidade do Terradego. He constante a reputação que as Laranjas da China tem acquirido na Europa; o Chá, que he a usual bebida dos Chins, chama-se *Theca*, a arvore, que o dá se estende em pequenos ramos, sua flôr tira o amarello, e o seu cheiro ao da Violeta. A primeira folha nasce, e colhe-se na Primavera, porque então he mais morbida, e delicada. Põem-na a seccar a fogo lento em hum vazo de barro grosso, e depois a emolhão sobre esteiras cobertas de Algodão, transportão-na para todo o Imperio em caixotes de chumbo, guarnecidos de vime, e caniços. Ha Chá de differentes valores: o que chamamos Imperial he o mais caro. Os Chinas não tomão Chá se não a pequenos goles, em pequenas taças.

Em toda a China he geral o uzo da Porcelana: porém a mais bella fabrica-se em Kinkte-Tching. Esta Aldêa, habitação dos verdadeiros Porcelanistas, he tão populoza como as maiores Cidades da China, só lhe falta o ser muri-cercada para ter o nome de Cidade. contão-se nella mais de dois milhões de Almas. Acha-se na Provincia de Nankin a materia, de que se faz a Porcelana, mas como alli as aguas não são boas para amassa-la, transportão-na para *Kinte-Tching*. Os Moradores daquelle sitio fabricão

todas as obras, que daquella bella materia em todo o Imperio se vendem. Este trabalho he longo, e penozo, e custa a comprehender como possão tão barato vendê-la. A amarella, he a mais rara, e precioza, e se destina para o Imperador. Esta côr he privativa do Soberano em qualquer obra, que seja. Os moveis em verniz, tão estimados na Europa, são mui communs na China, e a bom mercado, porém se pedissemos aos Artistas dezenhos novos, exigirião por elles alto preço. O tal verniz he hum betume, ou gomma, que se extrahe da casca de huma Arvore, que nasce só na China, e no Japão. Os Hollandezes tem debalde querido transportar esta gomma para a Europa, mas ella perde a força no fim de seis Mezes. Todos os moveis dos Chinas são cobertos deste verniz, que he a prova de agua a ferver.

A China furmiga em mui virolentos Repetis. São alli vulgares as Cobras, e Viboras, cujo veneno he activissimo. Ha taes que apenas mordem, logo incha terrivelmente o Corpo. Rebenta o sangue por todos os Membros, olhos, ouvidos, boca, narizes, e mesmo pelas unhas, porém como o humor pestilente se evapora com o sangue, não são mortaes as mordeduras. Ha outros de muito mais perigoza peçonha: se mordem no bico do pé, para logo o veneno sóbe á cabeça, espalha-se por todas as ramificações, cauza deliquios, tresvario, e morte. Ainda se não descobrio remedio para a mordedura destes terriveis animaes.

O que alguns Viajantes tem contado do *Gemung* ou *Homem-Urso* só deve entender-se da extraordinaria magnitude dos Ursos da Provincia de *Chen-si*, comparada com a estatura do Homem. Não he menor certo o *Ma-lu* ou Hippelapho não ser mais do que huma especie de Veado mais alto, e maior, que os Cavallos da Provincia de *Yunnan*. Igualmente o que se divulga do Animal chamado *Sinfin* deve entender-se de huma casta de Macaco que o Padre Laureati diz que muitas vezes vira » diversifica dos outros, » (diz elle) na grandeza, em que iguala hum Homem de me- » diana estatura, e na pasmoza facilidade que tem em bipediar- » se. » O que contão do Cervo-odorifero da China tem maior certeza: Este curiozo animal quazi sempre mora nas Provincias meridionaes. He huma especie de Veado mocho, cuja côr de pélle tira

para negro, sua carne he saboroza, e vai ás mais acepipozas Mezas.

Depárão-se na Provincia de Cantão, e expecialmente na Encosta de hum monte, que se chama *Lofeor-Chan* Maripozas de tamanha estimação, que se envião á Côrte aonde servem para certos ornatos do Palacio; são alagartadas de muitas, e mui transparentes côres. Estas Maripozas são muito mais volumozas, e tem mais longas azas, do que as nossas. Estão todo o dia immovelmente penduradas ás arvores, e se deixão colher sem custo; só começão a voltejar subnoite, á maneira dos Morcêgos, cuja grandeza algumas igualão pela estensão das azas.

Eis-aqui a circunstanciada relação que o Padre Laurentí faz do estado da Religião em Emony aonde este Missionario longimorou. » Em toda a Asia não ha Paiz, em que a superstição » mais belos, e sumptuozos Templos ao Espirito da Mentira erigisse. Os mais notaveis estão extramuros das Cidades, e o tractar delles se comette aos Bonzos, que os habitão. As Fabricas, » ou Pagodes, são de mais, ou menos grandeza conforme as riquezas ou devoção dos, que os fundárão. Estão ordinariamente » situadas no pendôr das Montanhas, e parece que na sua construcção, tudo á Arte, e á Natureza nada, os Bonzos dar » querem. Bem que sejão as Montanhas áridas, nellas os Bonzos, » que destes Pagodes curão, Primavera eterna entretem, são sólidões encantadôras. Mui severamente o Bonzo, que commercio » com Mulher teve, he punido. Algozes lhe são seus confrades, » e vingão em apparencia sua Seita, punindo hum crime, que elles » mesmos comettem, ou que cometter dezejão. Põem huma taboa » ao pescoço do Réo, e assim o fazem passear huma legua pela » Cidade, tocando-lhe mui bem as costas, porém estes castigos » são muito raros, e os Bonzos são tão destros em occultar suas » paixões como ardentes em as satisfazer. » A este respeito traz o » mesmo sábio Missionario o seguinte cazo. » Indo a filha de » hum Doutor Chinez com duas criadas fazer oração em hum » daquelles Templos, dezapareceo de repente. O Pai indignado, » e suspeitando serem os Bonzos os Authores de semelhante rapto, » investio a Habitação com Tropas, que o Governador Tartaro lhe » dera. Depois de inuteis pesquizas em todos os cantos do Pa-

» gode, ouvirão-se confuzos gritos, que sahião da cavidade de hum
» Rochedo; dérão com huma Porta de ferro, que tapava huma
» gruta, e, fazendo-a o Commandante deitar abaixo, penetrão por
» hum subterraneo aonde achárão a Filha do Doutor, e mais
» trinta Mulheres, que alli detidas estavão. Apenas as libertárão,
» fez o General deitar fogo aos quatro cantos daquelle indigno
» Edificio, e queimou o Templo, o Altar, os Deozes, e os seus
» Ministros. »

Este Imperio, submettido a hum só Principe, he governado por huma só Lei; assim tem com esplendor subsistido ha mais de quatro mil annos, e só de muito fresco he que seus costumes, trages, e linguagem tem tido alguma pequena alteração, e contra o costume dos Reinos Asiaticos, o Monarcha se considera como o Pai, e o amigo do seu povo.

Em 1615 he que *Tien-Ming*, Fundador de Dinastia, que actualmente reina, foi eleito Rei, ou Generalissimo dos Tartaros Mant-Choux. Não era antes mais do que hum simples Chefe de Tribu. Os *Mant-Choux* erão dominados pelos Chinas, e, descontentes delles, se rebellárão, e, commandados por *Tai-Tyou* que morreo em 1626, os derrotárão em muitos recontros. *Tsoung-Te*, ou *Tien-Tsoung* filho de *Tai-Tsoung* continuou a guerra; alcançou grandes Victorias dos Chinas, e morreo em 1636, e em 1644 se assenhoreárão de Pekin os Tartaros *Mant-Choux*, e naquella Capital acclamárão Imperador dos Tartaros, e dos Chinas a *Chun-Tché* sobrinho de *Tien-Tsoung* de idade de oito annos, morreo em 1661. *Kang-Hi*, filho de *Chun-Tché* acabou a conquista em 1682, e reinou tranquillo, e gloriozo até 1722. *Young-Tching*, filho de *Kang-Hi* morreo em 1753 tendo reinado treze annos. *Kien-Long* he herdeiro, e filho de *Young-Tching*. Este Principe tem talentos para a Poezia, grandes conhecimentos, e profunda erudição. Escreveo hum resumo de Historia da Dinastia dos *Mings*, que occupárão o Throno da China. Fez tambem colegir em mais de cem volumes todos os Monumentos da Nação Chineza fazendo-os gravar com explicações. Esta obra sahio da Typographia Imperial de Pekin com o titulo de *Collecção das Figuras, ou Monumentos antigos, e Modernos*. Como a Lingua Tartara *Mant-Choux* está ainda imperfeita,

tem, *Kien-Long* congregado muitos Sábios, que ha tempos se empregão em enriquecê-la, e augmentar o número de suas expressões em hum grande Diccionario, que o Principe deve fazer imprimir. Este Monarcha he summamente zeloso da gloria da sua Patria, e faz quanto póde por lhe dar huma antiguidade igual á dos Chinas.

Os Tribunaes são neste Imperio summamente sevéros, incorruptiveis, sem attenção, nem connivencia. Ameaços do Imperador, medo de supplicios, nem os mais crueis tormentos serião capazes de suspender a penna de quem os compõe. Alli se destinguem duas qualidades de Ministros. Huns são Ministros *Senhores*, que dão Audiencias, e assignão Despachos; e outros Ministros *Pensadores*, que se encarregão de formar projectos, examinar os que se lhe apresentão, e propôr as mudanças, que o tempo, e as circunstancias exigem.

O Tribunal da Historia he composto de duas sórtes de Historiadores. Huns estão encarregados de escrever tudo, que se passa fóra do Palacio, isto he, quanto diz respeito aos negocios públicos, e outros tudo quanto se passa no interior, isto he, todas as acções, e discursos do Imperador, dos Ministros, e dos Officiaes. Cada Membro deste Tribunal escreve em huma folha volante tudo o que soube, e assignando-se, sem o communicar aos seus confrades, a deita em hum grande mialheiro, que está no meio da casa em que se ajuntão.

ARTIGO IV.

MISCELANEA.

Costumes dos Gregos Modernos.

(Continuado do N.º IV. pag. 76.)

Os Antigos Gregos conhecião como os Modernos hum Expectaculo, que tem sido muitas vezes citado como invenção dos Barbaros; fallamos dos combates de Touros, que se davão em Larisa, Epheso Athenas, e nas Festas d'Eleusis. Art. Liv. 1. Cap. 9. pag. 15.

He muito usual em Pathmos vêr os Estudantes, e os Tabeliães andar com huma escrevaninha pendente da cintura. Niectas Chroniata, (in historia 382) conta, que os Francezes depois da

tomada de Constantinopla andavão com hum tinteiro na mão para metter a ridiculo os Gregos.

Os Turcos de Tenedos tomão os mais bellos marmores da Troada para edificarem tumulos. Todos os Gregos de Miconi edificão com marmores cobertos de Inscripções, que se tirão das ruinas de Delos.

Ordinariamente os Gregos, e os Turcos rebocão de cal estes marmores, julgando faze-los mais bellos, ficando assim apagadas as Inscripções. Por este modo hum Capuchinho cobrio de cal o monumento, que em Athenas se chama vulgarmente = a *Lanterna de Demosthenes.* O actual Capitão Bacha tomou os melhores marmores de Cos, e de Metelin, e fazendo por consequencia caiar os que tinhão Inscripções; os empregou na Fabrica dos Kiosques, que tem nestas duas Ilhas.

Quando os Gregos modernos dão de jantar a hum Estrangeiro (coisa, que raras vezes succede) vem hum parente dar-lhe parte de que está posta a mesa. Tambem he antigo o costume de ter estes *Monitores* como lhe chama Terencio. Heautontim. Ac. 1. S. 1., quando diz *monere oportet me hunc vicinum, etc.* As Mesas são muitas vezes juncadas de flores; he tambem costume antigo; amontoão-se pyramides de mal-temperados guizados. Os parentes servem á Mesa. Em hum casamento celebrado na Ilha de Chio, em que se assentárão á Mesa cincoenta pessoas, se pôz huma Gallinha a cada conviva, e houverão vinte e cinco Perus. No resto reinou a mesma profusão. As Donas, e as Filhas da casa não se assentão á Mesa, e comem com as criadas. Em Andros, e em algumas outras Ilhas são as Filhas da casa quem serve á Mesa.

Entre a primeira, e segunda coberta costumão cantar, e pela maior parte das vezes Musicas de Igreja, que he o que de melhor vontade executão quando querem divertir-se. Ouvem-se os Marinheiros cantar abordo huma parte do Officio, como em outro tempo os Gondoleiros de Veneza a Jerusalem do Tasso. Nada ha porém mais triste, mais monotono, e languido, que a Musica dos Gregos, cuja maior perfeição consiste na entoação nazal. He muito de seu gosto hum Romance sobre os estragos commettidos pelos Albanezes. Suas cantigas são de ordinario muito extensas; e

com estas rapsodias absurdas supprem as chistosas, e amenas *skolia*, que os antigos cantavão á Mesa. Mandão tambem ás vezes buscar Cantores, e Cytharedos, como os antigos. Suas saúdes são de ordinario em chusma, brindando a cada hum dos convivas; quando porém querem fazer mais honras a algum, bebem á saúde delle tres, ou quatro copos a fio. Entre os Gregos jámais ha banquetes sem que todos se toldem, e fação grande motim.

Anna Comnena (Alexiad. Liv. 9. Pag. 254.) conta, que em quanto seu Pai Alexis Comneno dormia ao lado da Imperatriz sua Esposa, huma Rapariga do serviço de sua Camara velava toda a noite para lhe enxotar as moscas com hum Leque. Este uso ainda permanece em Zea. Lê-se outra singularidade ainda maior em Zonoras, Tom. 2. Pag. 233. » Quando a Imperatriz Zoé es-
» tava deitada ao lado do Imperador Romão Argiro III., fazia
» chamar Miguel, então Camarista do Imperador, e seu Aman-
» te, e depois Imperador com o nome de Miguel IV, para lhe
» *coçar, e esfregar os pés.* » Este costume reina ainda entre as Damas de Constantinopla.

Subsistem ainda no Reino de Napoles algumas usansas Gregas. Em Nola, por exemplo, tem a Plebe no tempo das vindimas o privilegio de dizer aos Cavalheiros, e Damas da mais alta consideração, que encontrão pelo caminho, quantas injúrias lhe vem á cabeça. Os vendimadores são os, que fazem maior uso desta liberdade. Este costume deo a Luiz Transillo assumpto para o Poema intitulado *Il Vindemiatore*, cuja primeira Edição appareceo em Napoles em 1534.

» Na noite de S. João (diz M. de Villoison) vî eu em Zea
» todas as Donzellas Gregas, e suas Criadas juntas em casa de
» Mr. Joseph Panguls, Consul de Inglaterra. Estavão todas cin-
» gidas de *Klêdonia*, que são pomos, que na vespera deitão de
» molho em agua, gravão-lhe em sima seus nomes, ornão-nos de
» flores, e laços, e passada a noite de S. João os guardão com
» todo o cuidado. Se murchão depressa he máo signal; se por
» muito tempo se conservão, he bom agouro, e prova de que
» viverão muito, e casarão naquelle anno. »

Evitão os Gregos com todo o escrupulo voltar os pés do lei-

to para a porta, porque o julgão agouro de morte proxima; porque he deste modo, que collocão os mortos sobre a Eça.

„ Na manhã do primeiro de Julho de 1785 (continúa o „ mesmo) assistí em Thermia ao enterro de huma mulher. Es- „ tava com os seus melhores vestidos; tinha o rosto descoberto; „ e foi conduzida em hum *Kataletto*, ou leito funeral. As ou- „ tras mulheres acompanhavão seu corpo: Hia na frente dellas a „ Filha, que se destinguia pelos cabellos soltos, que de quando, „ em quando arrepellava, dando lugubres gritos, e rematando „ sempre *Mana mou*! *Mana mou*! *Kako opou patha*! *Minha* „ *Mãi*! *Minha Mãi*! *Que pena que tenho*! Os outros parentes hião „ tambem com os cabellos soltos. Os Padres com tochas espera- „ vão o cortejo no Adro da Igreja. Recitárão primeiro as preces; „ e disserão depois: „ Parentes, Amigos, vinde dar o ultimo „ beijo a nossa Irmã. A Filha foi a primeira, que chegou arran- „ cando os cabellos, e gritando *Mana mou*! Este costume he „ muito perigoso quando o defunto tem morrido de peste, ou de „ mal contagioso. Depois do *aspasmos*, ou ceremonia do beijo, „ sahio quasi tudo, ficando só huma mulher para despir o corpo, „ deixando-lhe apenas huma longa camiza. Hum *Papa* (Sacer- „ dote) recitou mais algumas préces, e deo o primeiro golpe de „ enchada; dois homens continuárão a cavar, e sepultárão o ca- „ daver.

„ Em Zea, Themia, Stampalia, e outras muitas Ilhas en- „ terra-se nas Igrejas. Em Egina vî a Marido, e a Irmã de hu- „ ma Rapariga, chorar sobre a sepultura no dia seguinte ao seu „ funeral, e cobri-la de pedras. Estava enterrada junto a huma Ca- „ pella no meio dos campos. Nos enterros dos Ricos, paga-se a „ Carpideiras, como vî praticar em Naxia a 20 de Janeiro de „ 1786. „

OLYMPIA.

Novella Sentimental.

Não ha pessoa alguma judiciosa, que não condemne o tyrannico imperio, que alguns pais prudentes exercem algumas vezes sobre seus filhos, para obriga-los, a seu pezar, a abraçarem hum esta-

do, para que não tem vocação nenhuma. Mas se a liberdade deve ser plena, e inteira, he sobre tudo quando se trata de abraçar a vida religiosa. Deos quer huma oblação pura, hum sacrificio voluntario, e a consagração do coração; tudo o mais lhe he desagradavel.

A historia, que vamos referir, he hum exemplo bem convincente das funestas consequencias, que póde ter hum constrangimento tão injusto. Ella aconteceo em Vareza, Cidade do Milanez.

Ludovico Carantani, natural de Vareza, não tinha senão duas filhas do seu casamento com huma mulher, que lhe tinha trazido bens consideraveis. A ternura, que hum pai razoavel deve repartir igualmente por todos os seus filhos, tinha cahido toda sobre a mais velha das duas filhas, que se chamava Victoria. Carantani amava unicamente a esta, a quem todavia faltava muito para ser tão amavel como Olympia, a mais moça. Esta injusta preferencia manifestou-se logo na sua mais tenra infancia. Victoria tinha todas as caricias de seu pai; e todos os esforços de sua irmã não podião obter delle o minimo signal de ternura. Sua mãi he que a compensava hum pouco desta indifferença; mas tendo-lhe a morte roubado esta consolação, tornou-se bem depressa o alvo d'huma infinidade de contradições, e de máos tratamentos da parte de seu pai, e de sua irmã. Como Carantani não dava attenção senão a esta ultima, cuja indole tinha formado, resolveo, para torna-la mais rica, de casa-la o mais vantajoso, que fosse possivel. Não lhe era muito difficultoso obte-lo: porque além das riquezas, Victoria era muito bella, ainda que não tinha tantas perfeições, como sua irmã. Este novo atractivo adquirio-lhe hum grande número de pertendentes, entre os quaes Carantani podia escolher-lhe aquelle, que lhe parecesse mais proprio a contribuir para a felicidade de sua filha. Para obter isto ainda melhor, metteo Olympia n'hum Convento, e fez correr o boato, de que ella se tinha resolvido a abraçar a vida religiosa. Por esta pertendida renunciação ao mundo, era Victoria hum dos mais ricos partidos daquelle paiz: tambem o número de seus amantes augmentou ainda mais; e vîo-se então pertendida por Cavalleiros das melhores familias, que todos cuidárão em fazer-lhe côrte.

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO IX.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Observações chymicas sobre os processos, que se devem seguir na manufactura dos vinhos tintos, principalmente quando a uva não tem chegado ao seu perfeito estado de madureza. Por M. Sampayo. (*Extrahidas dos annaes de agricultura Franceza*, Tomo XXIX.) (1)

Em todos os tempos se conheceo, que a uva mais madura he sempre a, que fornece melhor vinho. Donde provêm o principio, geralmente seguido por todos os vinheiros, de ser preciso colher a uva no seu perfeito estado de madureza. Mas com tudo he bem sabido, que grande número de circunstancias, como as geadas prematuras, chuvas excessivas, etc., decidem frequentemente o proprietario a colher as uvas antes, que tenhão chegado ao estado de madureza, que se deve desejar; elle prefere então obter vinho de inferior qualidade, no extremo de não obter algum.

Mas seria necessario, neste caso, supprir á madureza da uva.

(1) Esta memoria recentemente escripta em Francez por hum dos nossos Compatriotas, nos pareceo mui digna daqui trasladar-se, não só pela intrinsica utilidade do, que contém, mas pela gloria, que resulta á nação do apreço, que della fizerão os Sabios da França, e a Academia, que julgou fazer-se honra, mprimindo-a nas suas Collecções.

Macquer o conheceo bem, e observando, que a uva madura continha mais assucar, aconselhou ajuntar na cuba em fermentação huma pequena quantidade de assucar, a fim de constituir a uva não madura no mesmo caso da, que o está, o que alguns authores repetírão depois deste célebre Chimico. Nestes ultimos tempos, tem-se observado, que a uva não madura differe da, que adquirio todo o gráo de madureza possivel, não só porque esta ultima possue mais assucar, do que a primeira, mas tambem porque contém menos quantidade de acido *malico*. He pois evidente que para se poder esperar o constituir a uva imperfeitamente madura no estado da, que o he perfeitamente, he necessario não só augmentar a quantidade do assucar, mas tambem diminuir a do acido *malico*. A addicção de qualquer substancia assúcarada, tal como o assucar mascavado, o melaço, etc., suppondo mesmo, que não haja de fornecer ao vinho algum gosto estranho, não poderia jámais prehencher esta dupla condição; porque o acido *malico* ficará sempre alli permanecendo; e se menos se destingue, he porque o Alcohol lhe encobre o gosto. Seria pois da maior importancia descobrir o meio de poder diminuir na uva a quantidade deste acido, e augmentar ao mesmo tempo a do assucar, principalmente, quando haja certeza de não levar ao vinho gosto algum estranho. He com effeito o que julgo se poderá obter, pelo processo, que vou expôr; e tanto he mais real a minha persuasão, quanto foi confirmada pela experiencia, que tive de muitos annos em casa paternal (1).

Em outro tempo os nossos vinhos tintos erão muito acidos, e não podião supportar os calores do estio; ao mesmo tempo, que os vinhos brancos, obtidos sem incubação, erão fortes, e generosos, e se conservavão alguns annos. Presentemente os nossos vinhos tintos participão de todas as boas qualidades dos brancos; e não sómente podem supportar os calores do verão, mas tambem o trajecto de Lisboa ao Brazil, aonde tem adquirido reputação.

Exporei primeiro o processo, por cujo beneficio obtivemos este

---

(1) O Author falla dos vinhos de huma quinta, que seu pai possue a sete leguas de Lisboa.

melhoramento, e as considerações, que o originárão; farei depois valer as razões, que o sustentão.

He necessario primeiro colher separadamente a uva branca, e a tinta, o que he muito facil, pois se póde destinar certo número de vendimadores para huma, e para outra especie. Em quanto á uva branca basta, que se pize, e esprema sem a encubar; depressa veremos o uso, que se deve fazer deste mosto branco. Em quanto á uva tinta, he necessario conduzi-la á cuba o mais recente possivel, e de maneira, que tenha a menor quantidade possivel de bagos contusos. Se a distancia da vinha ao lagar exige o uso de carros para o transporte da uva, não se deve esta jámais comprimir nas dornas, como de ordinario se pratíca, para lhe diminuir o volume. Em huma palavra, o vinheiro deve empregar todos o desvélos convenientes, para evitar que se esmague grande número de bagos. Enche-se a cuba quasi até dois terços, ou tres quartos, e deixa-se sem lhe tocar por espaço de dois, e mesmo de tres dias, segundo o estado de madureza da uva; não se devem mesmo cubrir então as cubas, para evitar, que a uva aqueça. No fim do segundo, ou do terceiro dia, hum trabalhador entra na cuba, e piza a uva, o que he mais facil, do que se poderia presumir, e se elle for habil, não ficará algum bago por pizar no fim de meia hora, ou tres quartos de hora; este trabalho deve ser feito de manhã. Deve então haver prompto mosto branco recente, isto he, que não tenha ainda principiado a fermentar; aquenta-se em caldeiras, e se ajunta na cuba; póde mesmo fazer-se ferver. Nos annos chuvosos, he necessario não sómente faze-lo ferver, mas ainda espuma-lo, e deixa-lo evaporar hum pouco. Repetem-se estas caldeiradas de mosto branco tres, ou quatro vezes no primeiro dia. He necessario de tempo em tempo penetrar o pé com forcados de tres dentes, a fim de que a fermentação seja igual em toda a cuba, e conserva-la sempre coberta com esteirões. Na manhã seguinte repete-se o mesmo processo, mas a quantidade de mosto branco quente deve ser menor; julgo mesmo, que seria util não o aquentar tanto; penetra-se o pé de tempo em tempo, como na vespera, etc. Na manhã do dia seguinte, huma hora mais cedo, ou mais tarde, observão-se as fezes abaixar no centro, como meu

Pai, e eu sempre notámos; e então põe-se o mosto em limpo, e espremem-se as fezes.

Eis o processo, que sempre nos produzio bom effeito, e cuja execução não he, como se vê, muito difficil; he sómente necessario que aquelle, que dirige o fabrico, cuide em ter sempre mosto branco recente, para as caldeiras o que he muito facil de obter. Sendo seis cubas, e huma boa caldeira, cinco trabalhadores prepárão no Lagar o vinho proveniente da uva cortada por 24 a 25 vendimadores, e em dezoito até vinte dias, recolhem-se cincoenta toneis de vinho, o que faz, pouco mais ou menos, duzentas, e cincoenta vasilhas do lote das que vejo em París.

A separação da uva branca, da tinta, he praticada na Provincia da Extremadura Portugueza desde tempo immemoravel. Eu a cria muito vantajosa, pois que os engassos, as pelesinhas, e as sementes da uva branca misturadas com o mosto tinto, não deixão de se colorar com a custumada côr deste mesmo mosto.

A conservação da uva na cuba por espaço de dois, ou tres dias antes de a pizar, e a adicção do mosto branco quente, são os processos uteis, que temos accrescentado, meu Pai, e eu ao antigo uso de vendimar separadamente a uva tinta, e a branca. Eis-aqui as considerações, que nos movêrão.

Todos sabem, que os fructos colhidos antes de sua perfeita madureza, sendo guardados por alguns dias, se tornão mais maduros, e suculentos: ha mesmo em Portugal fructos, que nunca são saborosos, quando se deixão amadurecer na arvore; taes são, entre outros, a pêra chamada do *Conde*, a maçã chamada bemposta, etc. Tinha-mos tambem notado, que este phenomeno se verificava nas uvas, que se colhem antes da perfeita madureza para se comerem no inverno. Estas observações decidírão meu Pai a fazer reverter em proveito dos vinhos a formação espontanea de assucar, que tem lugar nos fructos depois de colhidos. As experiencias, a que precedeo, lhe produzírão o melhor resultado. Observamos, que no fim de dois dias, a uva tinta, de acido, e desagradavel, que fosse o seu gosto, se tornava muito assucarada; e que se então se esmagavão alguns bagos, o mosto, em lugar de ser branco, e a quoso como antes, era muito viscoso, e colorado. Os trabalhadores reconhecêrão tambem immediatamente esta

mudança favoravel, e depressa dérão a esta expecie de fermentação o nome de *mellação*, isto he, passagem ao estado de mel, e eu me julgo assás authorizado para a denominar

Complemento da Fermentação assucarada.

Ainda que alguem, julgo, não possa duvidar de que, em semelhantes circunstancias, ha formação de assucar, com tudo para comprovar este phenomeno com mais evidencia, emprehendi no mez de Outubro as ultimas experiencias, de que darei conta no fim desta memoria.

Estas experiencias mostrão que os processos, que tenho indicado, não sómente contribuem para augmentar a quantidade do assucar na uva, sem lhe communicar gosto extranho, mas que deminuem tambem a quantidade de acido *malico*, que, como se sabe, incommóda muito os vinheiros, e os destiladores de agua-ardente.

Com tudo não se deve querer levar muito ávante esta fermentação assucarada. Depois de huma certa época, a quantidade de assucar, em vez de augmentar, deminue, por que se fórma acido activo, o que o simples raciocinio poderia fazer acreditar, mas que as minhas experiencias confirmão tambem, como se verá depressa. Tem-se certificado que na baixa-Borgonha, e em alguns outros lugares de França, guarda-se a uva nas cubas tal como vem das vinhas, e não se piza senão quando a fermentação alcoolica alli he de tal modo estabelecida, que huma parte da uva se acha elevada. Seria necessario examinar este processo de mais perto para delle se poder ajuizar com certeza. Mas tenho motivo de acreditar que nesta época ha já huma grande qualidade de assucar convertido em acido *acético*. Em geral, basta conservar a uva dois, ou tres dias, para que o assucar seja desenvolvido, sem que haja fermentação de *acidoco acético*; dever-se-ha não obstante conservar quatro dias, quando, por algumas circunstancias, tenha havido necessidade de a vendimar muito verde; mas para a uva, no estado ordinario, quatro dias são já em demazia, e inda mesmo tres para a, que se acha bem madura.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POEZIA.

ODE 3.ª DO LIVRO I.º DE HORACIO.

Traduzida em igual número de Versos quasi da mesma medida.

Assim de Chypre a Deosa,
E de Hélena os Irmãos, lúcidos Astros;
Assim o Rei dos Ventos
Te reja, e todos prenda, excepto o Japyx;
Rogo-te, ó Náo, que deves
Confiado a Ti Virgilio, em terras Atticas
Incólume o reponhas,
E guardes da minha alma essa ametade.
De triple bronze o peito
Tinha forrado quem ousou primeiro
Pôr fragil prôa aos mares,
Nem o Africo temeo precipitado
C'os Aquilões pugnando,
Hyadas tristes, furibundo Noto,
Que amplo domina o Adria,
E a seu sabor amansa, ou punge as vagas.
Que medo teve á Morte
Quem vîo, com rosto enxuto, o Mar em serras,
E os Monstros nadadores,
E Acroceraunias róchas infamadas?
Em vão Deos providente
Cortou co' Oceano insociaveis Terras,
Se temerarias Quilhas
Impias os não-tocandos váos transpassão.
Audaz a soffrer tudo
Se arroja aos crimes o Mortal defesos.
Audaz, com fraude, o fogo
A Prole de Japeto aos Homens trouxe:
Des que aos Ceos foi roubado
Nova cópia de males sobreveio,

E a infecundez ás Terras;
E, antes tardia, do remoto Léthes
Apressurou-se a Morte.
Dédalo em azas, aos Mortaes não dadas,
Librou-se no ar vasio:
O Acheronte rompeo a Herculea audacia:
Nada aos Mortaes he arduo.
Loucos até os proprios Ceos tentamos,
Nem deixão nossos crimes
Que Jove os raios iracundos largue.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

O *Público quer o Espectador*; ao Público não importa, que o *Atrabiliario* tenha, ou não á cabeceira o *clinico*, e teimoso *receitador*, sanguisuga dos tinteiros; *o que o Público quer he o Espectador*. Porém ao mesmo tempo *hum Jornal de bichos peçonhentos, e historia de reptis venenosos, desafiando a universal risada, tem feito esquecer o Espectador*. Ora, na verdade, isto he ser assás consequente! Querer o Público, e tornar a querer huma coisa, de que se tem esquecido!!... E quem o diz? O unico homem, que *léo, e tem presentes todas as Logicas desde Aristoteles* até *Condillac*!!! Mas no tempo de Aristoteles já não se confundião *insectos* com *reptis*; e em nossos dias, ainda os menos instruidos na historia natural *desafiarião a universal risada*, se não soubessem destinguir estas duas familias de animaes, tão differentes por seus caracteres externos, por sua interna organização, e até pela derivação de suas mesmas denominações. Os *insectos* fórmão huma classe de animaes sem vértebras, sem orgãos circulatorios, munidos de corpo, e membros articulados: a sua denominação provêm do verbo latino *inseco* eu corto, eu divido. Os *reptis* fórmão outra diversa classe de animaes com vértebras, de sangue vermelho, e frio, que respirão o ar por meio de pulmões; e al-

guns dos quaes se arrastrão, outros nadão, e outros voão: a sua denominação provém do verbo latino *reptare*, arrastrar; ora como neste Jornal só tratámos de *insectos*, e não de *reptis*, he evidente que o *Atrabiliario*, que lhe chama Historia de *reptis venenosos*, confunde estas duas *familias* de Animaes, pois não he de seu caracter mentir contra a consciencia propria!!!

Eis-aqui como o *Atrabiliario* critíca!!!... Ora pois, se apraz ao *Atrabiliario*, despoje embóra este Jornal dessas *peçonhas*, *e venenos*; alguma coisa restará de scientifico, e instructivo: elle não poderá increpar-lhe o tencionado, e permanente esquecimento do *nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.*

ARTIGO IV.

BIOGRAFIA.

Francisco Manoel do Nascimento.

Este Poeta, que, no genero Lyrico, não tem igual entre nós, nem superior entre os Estranhos, nasceo em Lisboa a 23 de Dezembro de 1734. Seus Pais erão de Familia destincta, gozavão de huma honesta fortuna, e poderão, por isso, dar a educação deste Filho unico desvélos, que forão gloriozamente recompensados.

Com tudo os seus primeiros annos, como aconteceo a muitos Homens celebres, não dérão as esperanças, que elle realizou depois. Julgárão delle com demaziada severidade alguns daquelles observadores superficiaes, que pertendem avaliar o fructo antes da flor, e prophetão ouzadamente o destino de hum Homem na idade, em que só cumpre saber esperar; decidírão pois que elle teria hum espirito mediocre, e pezado.

A Natureza o tinha ricamente dotado; porém, nos comessos de sua adolescencia, deu indicios de inactividade de espirito, que forão parte para aquelles precipitados Juizos. Cumpre porém dar a culpa ao máo methodo de estudos, que então reinava, e ás preoccupações, e ignorancia dos Juizes. Derão-se por primeiro nutrimento deste génio nascente as balofas chymeras da Phyloso-

phia Escolastica ; ora he facil de ver quão pouco elle aproveitaria nesta aplicação ! Seguio-se a Theologia Escolastica , de que sahio igualmente mal , e que podião agourar delle Pessoas , que não conhecião outro genero de instrucção?

Estava guardado para huma Arte encantadora o revellar-lhe a sua vocação para a primeira das Artes; a Musica o fez Poeta; e operou nelle huma profunda revolução , que pareceo renovar-lhe o ser. Possuia então o Siminario Real de Lisboa Mestres famozos, e Discipulos , que forão depois Mestres. Seguio Francisco Manoel as suas lições , e deveo ás primeiras impressões do Rhythmo Musical , e a hum vivo , e delicado sentimento da Melodia , aquella facilidade , que aquistou de polir os seus primeiros ensaios , e combinar com arte mais perfeita a queda mensurada das rimas , e dar em fim ao Periodo poetico aquella flexibilidade chistoza , e sustentada harmonia , que o caracteriza em todos os generos , que tem abraçado.

O amor acabou de acordar aquelle talento , que devia ser a gloria da nossa Patria. Compoz ao principio alguns Romances , sem algum merito mais que hum sentimento verdadeiro , e naturalmente expressado. Huma bella Menina , que elle amava com todo o fervor daquella idade feliz , os cantava : e na sua boca aquellas palavras singelas , e musica sem artificio lhe parecião superiores ás sabias consonancias dos mais bem cartellados , e sublimes Artistas de Italia. A vaidade da joven Amante interessava-se n'estes pequenos successos ; pedia versos a Francisco Manoel , e este com todo o gosto obedecia. Em tanto sua cabeça se povoava de imagens , seu gosto se formava por comparação , e hia avultando o Poeta.

He quazi incrivel o numero de Poezias , que compoz até aos quarenta annos. O galanteio dictou quazi todas. Francisco Manoel era Homem Sociavel , e dotado , de huma bella , e expressiva physionomia. Algumas Mulheres amaveis , ou illustres daquelle tempo lhe deverão a immortalidade de seus nomes , de suas graças , e de suas virtudes ; ellas vivêrão nos versos , que inspirarão , e que tem ficado classicos.

Faltava-lhe porém ainda a instrucção , a mais segura baze de toda a gloria tanto em Letras , como em Artes. Estava então

Portugal mui falido daquelle esplendor scientifico, com que em outros tempos brilhára. Presidia á chamada Literatura de então hum corpo, que se melhor observasse suas gloriozas tradicções, e institutos, poderia bem sustentá-la, mas este corpo estava inficionado da corrupção geral; a Academia de Lisboa, indigna de tão honrozo encargo, tendo recebido o depozito de tantas riquezas Literarias, e tendo para guia, e modello as singelas, fortes, e magnificas bellezas de Camões, e de seus Emulos, dava sómente lições de máo gosto; os mais rediculos conceitos, os retornelios da mais çafada, e tedioza Mythologia, insipidos madrigaes, e as amelaçadas farandolagens de hum Bocolismo somnifero caracterizárão a Literatura Portugueza no Reinado de D. João V.

Em tal decadencia de espiritos, e de Arte não teve Francisco Manoel, nem podia ter Mestre: e houve de formar-se per si. Nascido em huma Epocha, em que se perdêra a bella lingua, que o cantor da Lusiada formára; e em que o espirito falço, e o espirito acanhado, ornando-se com o usurpado titulo de Engenho, calcavão as bellezas sólidas, e verdadeiras, he o maior elogio deste Poeta o ter poderozamente lidado para a pôr de novo em voga. Para esta nobre empreza se confederárão com elle o famozo, e desgraçado Garção, que tendo pela inexperiencia de sua mocidade cedido por hum pouco á torrente, tivera a fortuna de salvar-se a tempo pela força de seu genio; o illustre Diniz, e outras Personagens destinctas, que pelo meiado do seculo passado reconduzírão com seus exemplos a Literatura Portugueza a suas verdadeiras fontes, os antigos, e Camões.

O terremoto de 1755 pôz no maior perigo a vida de Francisco Manoel. Estava naquelle terrivel momento na Igreja Patriarchal, e deveo o salvar-se á ligeireza de suas pernas, e ao animo, com que atravessou, para ganhar o campo, as ruas entulhadas de ruinas, por entre huma chuva de pedras, e mil vezes derribado pela oscilação da terra, e vendo a morte a cada passo.

Algum tempo depois a curiosidade, que nasce de todos os acontecimentos extraordinarios, e o amor do maravilhoso conduzião a esta Cidade muitos Estrangeiros de destinção. Encontrou-os Francisco Manoel nas sociedades, que, recobradas apenas

do susto geral, começavão a reunir-se, tratou com aquelles Homens eruditos, e em sua conversação conheceo os thezouros Leterarios de que estavão possessoras a França, a Inglaterra, e a Italia, estudou as suas linguas, e em breve ficou iniciado na Literatura de tres Povos tão celebres, e poude aproveitar-se della. Conservou porém sempre huma reflexionada perferencia pela formoza Linguagem da antiga Roma, Mãi da sciencia, e puro manancial de suas bellezas. Seu genio o arrastrava para a Poesia Lyrica. Horacio era o seo modêlo mimozo, era já seu Poeta, e foi depois seu Phylosopho, e quando a desgraça enublou seus dias, sem bens, e sem fortuna, foi Horacio o seu *vade mecum* assiduo; o companheiro de seu desterro, e seu consolador.

Tinha já de antemão feito hum estudo profundo da Moral nas obras de seus queridos antigos. Encantava-se com os tratados de Cicero, e colheo do dos *deveres* aquelles principios de eterna verdade, e regras de conducta, a que toda a vida se conformou.

Para formar seu estylo traduzio, segundo o conselho do mesmo Cicero, os mais perfeitos trechos dos grandes Escriptores em todos os generos. Foi immenso o que lidou nas obras do Orador de Roma, exemplar tão variado, e tão admiravel de todos os estylos, de Tito Livio, Quintiliano, Sallustio, Horacio, Ovidio, Tibulo, Milton, e Metastasio. O ardor de saber triumphava da sua preguiça, e esta he a mais dificil victoria, que sobre si ganhou.

Neste laboriozo commercio com os antigos, e com os mais illustres Modernos, adquirio a maravilhoza facilidade de composição, que ainda o acompanha em sua decrepitude; facilidade tamanha, que compunha, digamo-lo assim, *stans pede in uno*, aquellas Odes, que o collocárão no primeiro lugar entre os Lyricos, e que viverão quanto a Lingua Portugueza: aquellas Epistolas em que a Phylosophia de Horacio, e de Pope se mostra ornada das graças de huma Poesia simples, sempre harmonioza, e forte.

Continuar-se-ha.

ARTIGO V.

MISCELANEA.

OLYMPIA.

Novella Sentimental.

(Continuada do N.° VIII. pag. 152.)

O pai, encantado de vêr o effeito da sua astucia, exultava, na esperança, de que ella aproveitaria infallivelmente; e como elle nunca teve para com a amavel Olympia senão tratamentos mui duros, persuadia-se, que a vida tranquilla, que se passa nos Conventos, teria para ella attractivos, pelos quaes se deixaria surprehender. E effectivamente lhe agradou de maneira, que consentio, pela solicitação de varias devotas, suas parentas, ganhadas por seu pai, em tomar o hábito de Noviça. Mas ha certos momentos na vida, em que a natureza falla com hum tom mui differente da devoção. Olympia, ainda que moça, viva, e de huma complexão mais do Mundo, que do Convento, hia ser victima da sua fraca experiencia, quando, no dia da ceremonia, percebeo na assembléa hum amavel Cavalheiro, que causou no seu sensivel coração huma das mais vivas impressões. Mal sentio o primeiro golpe de amor, não pôde mais soffrer o Convento, e não vîo senão com horror o sacrificio, que estivera a ponto de fazer da sua liberdade.

Em vão as Religiosas, percebendo logo a sua mudança, se esforçárão para restitui-la á primeira resolução: toda a resposta, que della recebêrão, foi, que não sendo de peior condição, que sua irmã, não pertendia sacrificar-se á sua ambição, nem á de seu pai; que o seu intento, e vocação erão de casar tambem; e que lhes rogava persuadissem a seu pai que lhe concedesse por esposo, hum mancebo, Cavalheiro de huma familia muito honrada, que lhe tinha mostrado inclinação.

Póde-se facilmente imaginar qual devia ser a admiração de Carantani, quando soube huma resolução, que transtornava o plano de fortuna para a sua cara Victoria. Exhortou as Reli-

giosas, e as suas Parentas, a fim de renovarem os seus esforços, para fazerem com que Olympia mudasse de intento; mas ellas longe de o obterem, não fizerão senão irritar mais a sua paixão, e augmentar o seu desgosto, para a vida monastica. Nem mesmo o escondeo a seu pai, que hia vê-la varias vezes, para descobrir o effeito das suas exhortações, ás quaes elle juntou tambem as suas, que não tiverão melhor successo. Vendo emfim, que este expediente não tinha o exito, que desejava, recorreo aos ameaços, e certificou-lhe, que se ella não abraçava o partido da religião, conduzi-la-hia para sua casa, aonde poderia estar certa de, que seria a mais desgraçada de todas as creaturas.

Olympia, que conhecia muito bem a aspereza do coração de seu pai, pela longa, e cruel experiencia, que della tinha, não duvidou, que elle lhe não guardasse a palavra. Esforçou-se em abranda-lo, e commove-lo por tudo, quanto podesse imaginar de mais terno. Discursos, razões, lagrimas, nada fez impressão alguma neste coração de rochedo; mas ainda se tornou mais intratavel. Como esta mudança desarranjava o seu projecto, a ponto, que estava quasi fazendo falhar o casamento da sua querida Victoria, cujo amante, começava a desgostar-se della, ficou tão transportado de cólera, que tendo ido vêr Olympia n'outro dia, disse-lhe n'hum accesso de furor, que se ella não se resolvesse a ser Religiosa no fim do seu noviciado, que já se aproximava, nunca morreria senão pela sua mão. » Não morrerei pela vossa » mão (lhe tornou tranquillamente esta amavel filha) se me obri- » gardes a que abrace este partido. Cem vezes vos representei a re- » pugnancia, que tenho para este estado. Quereis, que me sa- » crifique á fortuna de minha irmã, e á ternura excessiva, que » sempre tivestes por ella? Sereis obedecido, meu muito amado » pai, se me he absolutamente impossivel fazer-vos mudar de re- » solução: com isto poupar-vos-hei o crime, de que me amea- » çais; mas vós, e minha irmã chorareis toda a vossa vida o » cruel sacrificio, que me obrigaes a fazer. » A isto ajuntou, que elle podia ordenar, quando julgasse a proposito, todos os aprestes desta triste ceremonia; depois do que, retirou-se.

Carantani, que não sabia até que ponto póde chegar a desesperação d'huma rapariga, quando o amor se tem assenhoreado

huma vez do seu coração, applaudia-se de a ter feito mudar de projecto. Foi então com hum ar triunfante annuncia-lo á sua cara Victoria, e seu amante, que estava então com ella. Esta prospera noticia os levou ao ultimo excesso de alegria. Como já se aproximava o termo fixado, fez Carantani todos os preparativos costumados nesta casta de ceremonias: e como se elle temesse, que esta pobre filha ignorasse a quem era sacrificada, arranjou os seus negocios de maneira, que o casamento de sua filha mais velha se celebrasse no mesmo dia.

Tudo estava prestes para esta segunda ceremonia, quando na vespera do dia, que devia fazer-se, julgou Olympia, que devia tentar ainda hum derradeiro esforço para abrandar seu pai, se fosse possivel, e desimagina-lo d'hum tão barbaro sacrificio. Empregou para este effeito tudo, quanto a razão, a natureza, e a religião podérão suggerir-lhe de mais pathético. Mas Carantani, sempre firme na sua resolução, ainda se tornou mais furioso. Reiterou-lhe os ameaços, que já lhe tinha feito, e reiterou-os com os mais horrorosos juramentos.

„ Vêde bem, o que fazeis, em nome de Deos, meu muito
„ amado pai (lhe diz a desconsolada, e triste Olympia) vêde
„ bem, o que fazeis, em quanto he tempo. Vós tendes nas mãds
„ o fio dos meus dias: se persistis em querer, que os sacrifique á
„ fortuna de minha irmã, sentireis de huma terrivel maneira o
„ horror do sacrificio ao qual hum, e outro me obirgaes. Huma
„ conversação mais longa só faria augmentar a vossa indi-
„ gnação, qne já he demasiado excessiva: consentí, que me re-
„ tire. A'manhã espero a vossa ultima decisão; ella decidirá da
„ minha sórte. Senão fôr favoravel, tremei das funestas conse-
„ quencias, que terá. „ Ditas estas palavras, deixou o locutorio.

Carantani, a quem estas ultimas palavras deverião abrir os olhos, tomou-as por hum destes ameaços, que muitas vezes escapão ás pessoas, que huma inclinação, que alguem transtorna, faz pôr fóra de si. Nem ao menos lhe deu a mais pequena attenção. Mas no outro dia, estando tudo prompto para a ceremonia, e reunidos os parentes, quando hião conduzir a victima ao altar, esta infeliz pedio licença de subir ella só á sua cella, com pretex-

to recolher-se nella. Concedêrão-lha : mas quantas lagrimas custou, pouco tempo depois, esta permissão a toda a assembléa!

Com effeito, tendo subido, Olympia, não para a cella, mas para as aguas-furtadas, que lhe ficavão por cima, depois de ter rogado a Deos o perdão de sua morte, attou a huma das vigas hum cordão, que recebêra, d'huma Religiosa, que lhe servia de cintura, atta-o ao pescoço, lança-se de cima d'hum pequeno banco, sobre o qual tinha subido, e morre desta triste sórte.

Com tudo, todos os parentes esperavão com impaciencia, que a ceremonia principiasse. Fazem advertir á Abbadeça, que da sua parte, admirada desta demóra, pergunta a sua causa ás Religiosas, que lhe repetem, o que já Olympia lhe dissera. Esperão-na ainda; e vêndo, que ella não apparece, vão procura-la na sua cella, donde não sabem noticia alguma. Emfim, depois de muitas inuteis indagações, lembrou-se huma das Religiosas de subir á agua-furtada. Que triste, que horroroso espectaculo ao vêr a desgraçada Olympia sem vida, e pendurada no fatal cordão, em que acabava de terminar seus dias!

A'vista deste horrivel aspecto, fica possuida de terror: precipita-se, por assim dizer, do alto da escada, e corre ao Chôro, aonde as Religiosas estavão reunidas. Derrama por elle o mais terrivel pranto com seus gritos, e lamentações. Do Chôro passa logo o horror á Igreja, aonde todos os parentes sabem com a ultima consternação a súbita morte da infeliz Olympia. Não podem accreditar nada do que ouvem : intentão ir vê-la ; e sahindo em multidão da Igreja, as Senhoras, e o mesmo Carantani, pelo privilegio, que lhe concedia a qualidade de pai, entrão no Convento, apezar da Abbadeça, e Religiosas. Que espectaculo para hum pai, para huma irmã, para toda a familia! Por maior, que fosse a dureza de Carantani, não pôde supportar esta triste vista: reconheceo, mas já tarde, que pela sua inflexibilidade fôra elle mesmo o seu algôz.

Esta horrivel idéa, que era mui confórme á verdade, o fez fugir com precipitação do Convento, e mesmo da Cidade. Monta a cavallo, para ir esconder n'huma de suas casas de campo a vergonha, a dôr, e os remorsos. Mas o Ceo queria fazer delle hum exemplo capaz de atterrar todos os pais, que po-

dessem tentar-se de o imitarem. Não tinha elle andado apenas seis milhas, quando o seu Cavallo, tomando o freio nos dentes, lançou-o por terra, mas de maneira, que hum de seus pés achou-se embaraçado no estribo. A carreira do animal, e impeto, com que corria, não lhe permittindo desembaraçar-se, experimentou o infeliz Carantani huma sórte ainda mais triste, e mais cruel, que a sua desgraçada filha. Arrastrado pelo seu Cavallo, pizado, e despedaçado o seu corpo, não era já senão huma chaga; e a sua deploravel vida terminou-se com dôres tão crueis, que he mais facil imagina-las, do que exprimi-las. Inteiramente morto, como estava, parecia, que a Justiça Divina queria manifestar-se até no seu cadaver, cuja cabeça, e braços se separárão depois de milhares de sacudiduras as mais violentas, que a carreira do cavallo lhe fez experimentar pelo caminho. Ella não se affrouxou senão na volta para casa de seu dono, aonde se póde imaginar, que consternação, e horror motivou este animal, quando o vîrão chegar com este cadaver todo espedaçado, e ensanguentado!

A tristeza, em que já estavão abysmados, foi muito augmentada por esta nova desgraça; e Victoria, testemunha deste horrivel espectaculo, não póde resistir a tantos infortunios acontecidos n'hum dia, em que ella esperava vêr o auge da sua felicidade. Que tristes nupcias para ella! A morte da irmã, a perda do amante, que recusou alliar-se com huma familia, que esta morte acabava de deshonrar, e o deploravel espectaculo de hum pai, que acabava de espirar por hum modo tão cruel, fizerão nella huma impressão tão violenta, que morreo dois dias depois deixando aos pais com sua morte hum terrivel exemplo de quanto he perigoso constranger os filhos a abraçarem estados, para que não tem vocação.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO X.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Observações chymicas sobre os processos, que se devem seguir na manufactura dos vinhos tintos, principalmente quando a uva não tem chegado ao seu perfeito estado de madureza. Por M. Sampayo. (Extrahidas dos annaes de agricultura Franceza, Tomo XXIX.)

(Continuado do N.º IX. pag. 157.)

Nos trabalhos em grande, por mais precauções, que se adoptem, ha sempre grande número de bagos de uva esmagados no transporte da vinha ao lagar; e parece, que o mosto resultante deve começar a sua fermentação alcoolica logo que se acha na cuba. Com tudo isto não acontece: eu o provei muitas vezes no momento, em que o trabalhador hia a principiar o pizo da uva, e sómente lhe achei sabor hum pouco mais assucarado, menos com tudo do que os bagos da mesma cuba, que não tinhão sido contusos. São provavelmente as circunstancias mui desfavoraveis em que se acha, que o impedem de fermentar; acha-se quasi totalmente privado do contacto do ar; sua temperatura não tem o gráo necessario para determinar huma fermentação activa, e prompta; e emfim, não se acha mesmo senão em pequenas porções, occupando sómente os intervallos, que deixão os bagos de uva

que, a seu respeito, devem sêr olhados como corpos estranhos. Não obstante, sendo-se assás escrupuloso para recear, que este mosto tenha já começado a sua fermentação, e que isto não cause algum desarranjo na totalidade da cuba, não ha mais do que separa-lo, e inclui-lo nos toneis; obter-se-ha então hum vinho muito precioso, pois que este mosto só provêm da uva mais madura, e por esta mesma razão deve ser assás colorado.

Nos primeiros annos, fizemos pizar a uva por pequenas porções. Depois, tendo notado a facilidade, com que se esmagava, decidimo-nos a faze-la pizar na cuba; o exame attento das fezes nos convenceo, de que não restava bago algum, que não fosse contuso. Tambem nos mostrou a superioridade deste processo sobre outros, de que nós mesmos tinhamos antes feito uso; as peliculas da uva alli são reduzidas, por assim dizer, a nada. Isto demostra, que ellas forão fortemente atacadas para extrahir a materia colorante; o que, na minha opinião, he huma das principaes vantagens da incubação.

Em quanto ás caldeiradas de mosto branco, temos sido determinados a emprega-las com preferencia ás de uva tinta, de que faziamos uso antigamente, pela observação do cheiro de vinagre, que se desenvolvia constantemente, todas as vezes, que se fazia ferver a uva tinta separada, ou não dos engaços. Como pela posição da maior parte das nossas vinhas, temos pouco mais, ou menos tanta uva tinta como branca, aconteceo-nos algumas vezes incluir em huma cuba tanto mosto branco quente, como a uva tinta, que alli havia, e algumas vezes mesmo ainda mais; e o vinho resultante era ainda assás colorado. Tal he a vantagem do complemento da fermentação assucarada, que parece não sómente converter em assucar huma parte do acido *malico*, mas fazer tambem soffrer á materia colorante da pelicula, huma alteração em virtude da qual se torna mais soluvel. Nas vinhas, em que a uva branca fôr em pequena quantidade, creio, que se poderão fazer as caldeiradas com o mosto tinto, proveniente simplesmente do pizo da uva, que vem da vinha; mas he sempre necessario, que este mosto seja recente, e que nelle nada entre das fezes; e as que restarem poderão muito bem ser ajuntadas na cuba.

Não necessito de insistir demasiadamente sobre as precau-

ções, que se devem adoptar quando se corta a uva, nem sobre o momento mais vantajoso para a decubação. Estes pontos tem sido muito discutidos pelos agronomos Francezes, para que eu possa accrescentar coisa interessante. Direi simplesmente, que nos servimos com muita vantagem de cestos de vime, forrados de folha de flandres pintada a oleo, e que o signal, que nos regula relativamente ao momento da decubação, he o abatimento das fezes.

Julgo este processo applicavel a todos os paizes, huma vez, que se modifique sabiamente confórme o clima, estado de madureza da uva, qualidade do vinho, que se quer obter, etc. (1)

Só me resta expôr em poucas palavras as experiencias, que fiz no mez de Outubro ultimo; os resultados, que obtive, e os phenomenos, que julguei perceber, ainda não os posso garantir sem ter repetido estas experiencias, o que conto fazer em hum dos proximos annos.

Tomei huma casta de uvas conhecida em Pariz pela denominação de *neglier*; separei os bagos do engaço, cortando as peliculas o mais proximo possivel; reparti a somma dos bagos em duas porções iguaes em pezo, depois de as ter bem misturado, a fim de que os do mesmo cacho se achassem, quanto fosse possivel, divididos nas duas porções. Cada huma destas porções pezava doze onças, e cinco oitavas. Guardei huma dellas, e procedi consecutivamente á analyse da outra. Para este fim esmaguei os bagos com a mão; filtrei o mosto, fiz macerar o residuo em agua fria, e finalmente fervi em agua tudo, o que não tinha passado atravez do filtro. Fiz evaporar a banho-maria o mosto, e as aguas destas duas lavagens, e tendo saturado o excesso de acido com carbonato de cal, continuei a evaporação até á consistencia de xarope. Então o fiz ferver em alcool para separar o assucar; depressa se verá como me comportei para conhecer a quantidade deste assucar. Tratei depois o residuo pela agua fervente, e observei, que a maior parte do malato da cal se dissolvia; mas para a in-

(1) Em Normandia, conhece-se a utilidade do complemento da fermentação assucarada, que tem lugar nos pomos colhidos, pois que não os confundem para fazer a *cidra*, senão depois de os terem conservado por algum tempo em montões.

teira dissolução, eu o tratei por meio de huma pequena porção de acido acético: depois precipitei pelo acetato de chumbo, e saturei o excesso de acido com o ammoniaco. Como me servi de huma pequena quantidade de acido acético, o tartrito de cal devia restar sensivelmente intacto. Dois dias depois analysei a segunda porção de uvas, segundo o mesmo processo. Devo notar, que estas uvas tinhão já hum ligeiro cheiro de acido acético, o que attribuo a haverem provavelmente alguns dias, que tinhão sido colhidas, pois que na operação feita em grande, eu não tinha jámais percebido tal cheiro, mesmo no fim de quatro dias. Seja como fôr, a experiencia ainda he mais convincente, como vamos a vêr:

A primeira porção me forneceo:

Malato de chumbo	486 grãos.
Tartrito de cal . . . . . ,	76 grãos.

A segunda porção me forneceo:

Malato de chumbo	71 grãos.
Tartrito de cal	50 grãos.

Quanto ao assucar, não conhecendo reactivo para o precipitar, decidi-me a converte-lo em acido oxalico, a fim de poder conhecer a quantidade relativa do assucar das duas porções de uva. (1) Para o que, depois de ter desenvolvido a maior parte do alcool, eu o tratei pelo acido nitrico de 25 grãos, de que augmentei a doze até que julguei, que o acido oxalico estava formado, e me limitei na quantidade de 10 oitavas, tanto para o assucar da

(1) Teria sido mais exacto reduzir este assucar em alcool a fim de melhor conhecer a sua quantidade; mas as pequenas porções, sobre que operei me impedírão de o fazer. Reduzindo-o em acido oxalico, não obtive a quantidade real, mas a quantidade relativa pois que as circunstancias são absolutamente as mesmas para as duas porções de uva; e eu me não occupei nesta experiencia mais do que das quantidades relativas. Não offereço huma analyse rigorosa do mosto, mas trato sómente de fazer ver que no segundo mosto ha mais assucar do que no primeiro, e para isto julgo sufficiente a conversão em acido oxalico.

primeira uva ; como para o da segunda. Dépois precipitei pelo muriato da cal, e tendo saturado o excesso do acido, vî, que o assucar da segunda porção de uva me fornecia 47 grãos de oxalato de cal, ao mesmo tempo, que a primeira não me forneceo mais de 41. Por estes resultados vê-se, que o augmento da quantidade de assucar foi inferior á diminuição da dos acidos malicos, e tartarosos, o que provêm provavelmente do assucar, que se converteo em acido acético, e que eu perdi. Esta experiencia, repetida em uva recentemente colhida, podéra fazer conhecer ao justo todas as circunstancias, que acompanhão esta mudança de acido malico em assucar. Mas a experiencia, que tenho exposto prova assás a formação do assucar á custa do acido malico, que era precisamente o fim, a que me tinha proposto. Ella parece mesmo indicar, que o acido tartaroso acompanha o acido malico, e que com elle se converte tambem em assucar ; mas as differenças sendo menos marcadas, não me julgo ainda assás fundado para o poder assegurar.

Fiz ainda mais, repeti esta experiencia com o agraço (uva verde,) que principiava a mostrar alguma transparencia em seus bagos. Operei sobre 7 onças, e 4 oitavas de bagos separados do engaço. Comportei-me absolutamente da mesma maneira, que para a uva tinta ; sómente fiz macerar o residuo em agua huma vez mais, em razão da dureza dos bagos, e sua substancia, e como não temia passar além do *maximum* da formação de assucar, não submetti á analyse a segunda porção antes de passados quatro dias depois da primeira, e ainda não continha cheiro algum acético. Eis-aqui os resultados desta segunda experiencia.

A primeira porção me forneceo:

Malato de chumbo	82 grãos.
Tartrito de cal	39 grãos.
Oxalato de cal	5 grãos.

Este oxalato de cal provêm do assucar tratado por 4 oitavas de acido nitrico.

A segunda porção me forneceo:

Malato de chumbo	70 grãos.
Tartrito de cal	28 grãos.
Oxalato de cal	11 grãos.

Este oxalato de cal provêm do assucar tratado pela mesma quantidade de acido nitrico.

Notar-se-ha, que nesta segunda experiencia, o augmento do assucar foi maior, do que se deveria esperar, vista a diminuição dos acidos, o que parece annunciar, que houve outra substancia, que tambem se converteo em assucar. Com effeito, eu observei, que o mosto da primeira porção de agraço não passava atravez do filtro sem huma grande difficuldade, e que o da segunda porção passava muito mais facilmente. Parece pois, que neste caso, a mucilagem tambem se converteo em assucar, pelo menos huma parte. Não me propuz a determinar as variações, que experimentou o acido nitrico cuja existencia parece assás provada no mosto da uva, principalmente nos agraços. A quantidade deste acido sendo mui pequena, a sua passagem, ou não passagem ao estado de assucar deve muito pouco influir na arte de fabricar o vinho.

Estas duas experiencias provão sufficientemente, que, na uva mesmo colhida, se fórma sempre assucar até huma certa época, depois da qual elle se converte em acido acético; que este assucar se fórma principalmente á custa do acido malico; e que no principio da madureza da uva, a mucilagem parece tambem contribuir a esta formação.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POEZIA.

ODE 19.ª DO LIVRO 2.º DE HORACIO.

Traduzida em igual número de Versos, e em medida aproximada.

Crêde-o, Vindouros: em remotas grutas
Vî Baccho, Versos ensinando; e as Nymphas,
E os capri-pedes Satyros auri-hirtos,
Escutando, aprendião.

Evoé! recente horror me occupa a mente;
Cheio de Baccho, em turbação me alegro.
Evoé! perdôa, ó Baccho, formidando
C'o veneravel thyrso.

Dá-me, que eu cante as Thyàdas protervas,
E do vinho a nascente, e os uberosos
Rios de leite; e que dos cavos troncos
Manante o mel rediga.

Dá, que eu de tua fausta esposa cante
A crêa entre as Estrellas collocada,
Por terra os Paços de Pentheo, e as penas
Do Threicio Licurgo.

Tu domas rios, e revoltos mares;
E tumulento em desviados serros,
Sem damno, das Bistónedes apertas
Em nó vipereo a grenha.

Tu, dos Gigantes quando a ímpia turma,
Os montes sobrepondo, os Ceos tentava,
Com garra, e dentes de Leão terrivel
A Rhetho profligaste:

E bem que ás danças, jogos, e prazeres
Mais que á peleja idoneo te julgavão,
Tu eras igualmente poderoso
Na paz, ou já na guerra.

Dos aureos cornos decorado vîo-te
O Cérberó inoffenso; e, humilde a cauda
Meneando ao voltares, co' a trilingue
Boca nos pés lembeo-te.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Sobre os que não restituem os Livros, que lhe imprestão.

Não nos queixamos de que venhão Italianos, com o chinelo no pé, e a barriga pegada ás costellas, e carregados de caixotes de pequenos, e mal construidos Bonecos, que elles chamão *Buratini*, limpar-nos alguns vintens; que levão depois para empregalos em Maccarroni, e Rabioli, na sua terra. Não he muito que sejão soffridos Comicos de páo, aonde os de carne valem pouco mais do que elles. Soffremos que os *Poetas em Proza*, *e Composteiros de Dramas monstruosos* tenhão feito, e cumprão exactamente, o voto de ignorar a lingua, em que escrevem: Que hum destes Malandrinos pegue na Burleta *Camila*; e, depois de a estropiar, a intitule o *Palaciò Subterraneo*, querendo dizer: o *Subterraneo do Palacio*: Que outro baptize outra composição do mesmo jaez *A surpreza inesperada*, como se *surpreza* fosse palavra da nossa Lingua, e quando o fosse, houvesse alguma *surpreza*, que fosse *esperada*. Rimos de que huma Actriz com quarenta annos no cachaço, e quatro filhos á roda de si, regeite a Parte de Merope, porque *he muito moçá para fazer Mãis*. De que outra regeite a sublime Parte de *Hermione* na *Andromacha* de Racine, porque

he *segunda Dama*; quando a inimitavel Clairon de boamente representava o papel de Eriphile na Iphigenia do mesmo Poeta, e que he huma das mais secundarias da Peça! Rimos de que hum Actor represente Orosman vestido á Romana, e de placar, e Listão de Cavalleiro, e hum Inglez do tempo de Alfredo com casaca, meia de sêda, e espadim á cinta, e chapeo debaixo do braço: He máo que haja Livreiros, que comprem Manuscriptos, imprimão, e vendão as Obras, sem pagar a quem lhas compôz, e traduzio; he máo que não tenhamos hum Diccionario completo, he máo que hajão Críticos, que achem más as Obras alheias, pela unica razão de não as entenderem; he peior que muitos destes estejão em Collegios regendo cadeiras de primeiras Letras, e até algumas de maiores estudos, com grave prejuizo da Mocidade, que não póde tirar partido das Lições de Homens de tão curto saber, que até desconhecem as palavras da sua lingua, que não andão na boca de seu Mestre Çapateiro, ou Alfaiate. O que nós de peior grado soffremos, e achamos peior que tudo, he que hajão certos Ladrões domesticos, que abusando da boa fé, despojão os pobres cultivadores das Letras, dos mais preciosos bens, que possuem, queremos dizer dos Livros.

Se ao menos os roubassem como se rouba na estrada, poderiamos recorrer aos Tribunaes, e terião certo o castigo; porém entrão com pés de lã; embução-se na capa da amizade; dizem que os levão emprestados, e apenas os pilhárão, não os deixão mais ver. Sabemos muito bem que no dia de hoje o emprestado he dado; mas pensavamos que isto se entendia só do dinheiro. Se houver alguem que em nossa lingua queira imprimir hum Diccionario de Synonimos, rogamos-lhe que não se esqueça de pôr no lugar competente: *Livros emprestados*; *Livros perdidos*, *Livros tomados de emprestimo*, *Livros roubados*.

Desejariamos saber quem são os Confessores destes sugeitos! Pensão que furtar hum Livro ou não he peccado, ou sómente hum peccado venial! E, no fim das contas, inutilizão hum a Obra inteira, e arruinão hum pobre Literato! E então a perda de tempo, que lhe causão, fazendo-o andar scismando para saber a quem o emprestou?.... E as suspeitas injustas, que obrigão a fazer?... E a raiva, e inquietação de espirito, que motivão?.... E a res-

ponsabilidade da pessoa, que emprestou o Livro, que muitas vezes não he seu?... Presumem que tirão pouco. Que coisa he hum Livro?.... Ah! he muitas vezes hum amigo, e hum amigo o mais mimoso.

Certo Cavalheiro, que tinha este gracioso vicio de ficar com os Livros alheios, entrou hum dia na Loja de hum Livreiro, e, lançando a Luneta, viô sobre o Balcão hum Livro, que lhe agradou, e o metteo na algibeira com toda a sem ceremonia. O Livreiro o bispou, e callou-se sempre na esperansa de que o pagaria; porém o Cavalheiro não fallava, em tal, e já hia airosamente sahindo pela porta fóra. Ora o caso era apertado, como havia o dono apanhar á mão o seu Livro sem lhe fazer hum comprimento incivil? Gritar sobre elle, e apalpar a algibeira de hum Cavalheiro era impossivel, perder o Livro, e o seu emporte era pirola dura de engolir: Neste lance lançou o Livreiro mão do seguinte expediente, chegou-se respeitosamente ao Fidalgo, e lhe disse: »Senhor, não » lhe posso dar esse Livro por semelhante preço, porque he mui» to raro, e de grande estimação.» Senhores (devemos nós dizer aos que não restituem Livros) não lhe podemos fazer presente delles.

Tomão as pessoas, que tem esta balda, tanto amor aos Livros, que lhe imprestão, que não tem animo para se descartarem delles. Por este modo he facil collegir sem encómmodo huma Biblioteca numerosa, e escolhida, e quantos conhecemos nós destes; cujos nomes nos estão a escapar pelo bico da penna, e por modestia omettimos!.....

Desculpão-se com dizer ainda não lî; e no entanto juntão-se dias a dias; annos a annos, passa o tempo, esquece o Livro, e fica o Livro perdido. Lêde, e restitui: porém esta gente acha mais facil reter o Livro, do que o que contém o Livro.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Memoria sobre Alcacer-Ceguer, Tangere, e Arsilla.

Todas estas fortalezas estão situadas na Costa da Barbaria, e pertencem ao Reino de Féz: Alcacer no passo mais apertado do Estreito de Gibraltar, defronte de Tarifa (Cidade da Andaluzia) da qual dista 4 leg. ficando na long. de 12 gr., e 35 de lat.: Arsilla sobre o Oceano Athlantico, a 17 leg. da embocadura do Estreito, na long. de 12 gr., e 10 min, e 35. 30. de lat.: Tangere junto á boca do Estreito, a 7 leg. de Arsilla, na long. de 11. gr. a 52. min., e 35.42. de lat.: e todas tres forão gloriosa conquista do nosso esforçado Rei D. Affonso V.

Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,

como diz Camões, a seu respeito fallando, na Est. 54. do 4. C. da Lus., e na seguinte com mui poetica elegancia:

Este pôde colher as Maçãs de oiro
Que sómente o Tyrinthio colher pôde,

alludindo a que Hercules (o Tyrinthio) conquistára o Reino de Tangere, onde alguns querem, que fosse o Horto, ou Jardim das Hesperides, opinião com que o nosso Poeta se conforma, quando na Est. 103. do C. 2., põe estas palavras na boca do Rei de Melinde a Vasco da Gama:

E como por toda a Africa se sôa
(Lhe diz) os grandes feitos, que fizerão
Quando nelle ganhárão a corôa
Do Reino, onde as Hespérides vivêrão:

posto que outros digão ser isto nas Ilhas de Cabo-Verde, idéa, que tambem Camões apresenta, dizendo na Est. 8. do 5.º Canto:

Entrámos navegando pelas Filhas
Do velho Hesperio, Hespérides chamadas:

porém, seja de hum, ou de outro modo, venhamos ao nosso ponto.

A Villa de *Alcacer-Céguer* (que significa, pequeno Palacio) dizem haver sido edificada por Jacob Almanzor, Principe Mauritano, e bellicoso; era bella, e forte em muros, e torres; e foi assim chamada por comparação, e contraposto á Cidade de *Alcacer-Quibir* (que quer dizer, grande Palacio) onde El-Rei D. Sebastião se perdeo em 1578. Havendo-se El-Rei D. Affonso V. em 1457 aprestado para huma nova Cruzada, que não teve effeito, determinou de ir dar sobre Africa; e porque em Lisboa picava a peste, se foi El Rei embarcar a Setubal, donde com o Infante D. Fernando (seu Irmão) D. Pedro (seu Primo, Filho do Infante D. Pedro seu Tio) e muitos Fidalgos se fez á véla no ultimo de Setembro de 1458, e foi-se a Sagres, onde com a sua Frota o esperava o Infante D. Henrique (seu Tio) e dahi a Lagos, onde aguardou as Frotas do Porto, e Mondego, e de outros lugares, que alli vierão; até que aos 12 de Outubro se fez ao Mar com sua Armada, que era de duzentas, e vinte vélas, com vinte mil Homens de peleja, a fóra a Gente do Mar: no dia 17 abordou Alcacer, e no dia 20 entrou a Villa, que se rendeo depois de rijamente commettida, e cuja Alcaidaria, ou Governança deo a D. Duarte de Menezes, Conde de Vianna, (digno Filho do famoso D. Pedro de Menezes Governardor de Ceuta) que logo em Novembro teve de soffrer o cerco que lhe poz El Rei de Féz, o qual o levantou depois de quarenta e tres dias, com pretexto de tornar no verão seguinte, e com effeito o renovou em Julho de 1459, ainda que sem fruto, antes com grande perda o tornou a levantar ao fim de cincoenta e seis dias. De Alacacer foi El-Rei a Ceuta, e dahi a Portugal; porém conta-se que entrando em Ceuta, e vendo a grandeza daquella Cidade, se entristecêra, recordando o haver El-Rei D. João I. (seu Avô) feito aquella grande conquista, quando elle só conquistára a pequena Villa de Alcacer: tomado de semelhante nobre emulação, chorou Julio Cesar, vendo em Cadiz a estatua de Alexandre Ma-

gno » Oh! (exclamou Cesar, então Proconsul na Hespanha) da » minha idade já elle tinha conquistado o Mundo, e eu ainda não » não fiz acção digna de memoria.» E assim no Heróe Portuguez como no Romano foi esta mágoa preludio de grandes feitos.

A Cidade de Arsilla era grande, forte, mui povoada, fertil, e florescente em trato de mercadorias, e sumptuosos edificios: os antigos lhe chamárão *Zelé*, nome que se corrompeo no de *Arsilla*, foi Colonia dos Romanos, e esteve depois na obediencia dos Godos tres annos ainda além da irrupção dos Barbaros, o que he prova de seu muito poder: Dizem os Escriptores Arabes, que ella fôra totalmente destruida por huma Armada Ingleza, ficando erma por espaço de trinta annos, até que os Reis de Cordova a refizerão, e restaurárão: o certo he que della nos vinha muito damno ao tempo em que El-Rei D. Affonso V. foi sobre ella, o que fez em Agosto de 1471, com huma Armada de trezentas, e oito vélas, sendo a gente de guerra vinte e quatro mil Homens escolhidos, a fóra marinhagem, e servidores; e foi deste modo: no dia 15 do dito mez partio de Lisboa: no dia 17 ancorou em Lagos, onde o esperavão os navios, e gente do Algarve; e no dia 18 declarou sua tenção, e partio sobre Arsilla, onde abordou no dia 20 á noite: no dia 21, por causa da braveza dos mares, perdeo duzentos Homens ao desembarque; e no dia 24 levou a Cidade por escalada, e depois o Castello, que era forte, e bem provido: foi mui rico o despojo desta conquista, e nella se destinguio nobremente por seu valor, e conselho o Principe D. João (successor do throno) contando então dezesete annos de idade: ignora-se ao certo a nossa perda, mas sabe-se que não foi pequena, e que dos Mouros morrêrão mais de dois mil, ficando captivos cinco mil, e entre estes duas Mulheres, e hum Filho, e huma filha (menores) de Muley Xeque, grande Senhor então, que a esse tempo possuia Arsilla, e que era ausente, em guerra com o Rei de Féz; e accudindo tarde em soccorro da Cidade concertou tregoas com El-Rei D. Affonso por espaço de 20 annos: as duas Mulheres, e a Filha trocou El-Rei D. Affonso pelos ossos do Infante D. Fernando (seu Tio, que morreo captivo em Tangere; e o Filho, por nome Mahomet, sete annos o reteve em seu poder, restituindo-o depois a seu Pai, dizem que sem resgate algum; e,

vindo elle a ser Rei de Féz, e desejando muito cobrar Arsilla, como terra sua natal, por vezes lhe deo acomettida; e no tempo d'El-Rei D. Manoel (em 1508) tanto com seu grande poder lhe estreitou o cerco, que chegou a ganhar a Cidade, e levaria o Castello, senão fôra soccorrido; porém este soccorro lhe inutilizou a empreza. A Capitania, e Governo de Arsilla deo El-Rei a D. Henrique de Menezes (filho de D. Duarte de Menezes) Conde de Vallença, e ao depois de Loulé, que já muito se havia distinguido nos assédios de Alcacer-Ceguer.

Tangere, Cidade célebre na antiguidade, foi chamada *Tingy*, que os Africanos mais modernos mudárão em *Tangia*, e dahi *Tangere*: foi Colonia dos Romanos, grande, rica, e nobre em policia, e armas, e aos seus habitantes deo Augusto Cesar o fôro de Cidadãos Romanos: não he muito fertil a sua Comarca, mas em huns valles junto á Cidade correm bons ares, e boas agoas, e ahi tinhão os Mouros muitas vinhas, pomares, e casas de prazer: he incerta a sua antiguidade; e dizem alguns Escriptores Arabes, que ella fôra edificada por Sedded (hum Rei antiquissimo) do qual contão incriveis grandezas; dizem outros, que começára em tempo dos Romanos; mas certo he ser ella mais antiga, havendo antes sido fundação; ou pelo menos Côrte de Anteo, Rei da Mauritania, e contemporaneo de Hercules Thebano. Já fica mencionado, que alli fôra captivo o Infante D. Fernando, e foi isso na infeliz jornada, que elle com o Infante D. Henrique (seu irmão) comettêrão em Agosto de 1437, com menos de seis mil homens, de quatorze mil, que para essa empreza se havião destinado, e que, além de outras causas, não pudérão juntar-se por falta de embarcações; e, se bem que dos Mouros morrêrão mais de quatro mil, alli se perdêrão quinhentos homens nossos, que forão cercadores 25 dias, e 12 cercados em seu arraial. Tambem em 1463 se aprestou El-Rei D. Affonso para ir dar sobre Tangere, com tanta descautélla, que os Mouros o souberão, e se apercebêrão; e partindo de Lisboa a 7 de Novembro fundeou em Lagos a 9, e dahi se fez á véla com mares tão verdes, e ventos tão rijos, e ponteiros, que todos lhe aconselhárão de se acolher ao Sylves, no que não consentindo El-Rei, foi debaixo de contínua tormenta anchorar a Ceuta, com grande destroço da armada, e perda de gente, e

fazenda; continuando esta nos assaltos, que se derão á Cidade, principalmente no que intentou o Infante D. Fernando, que nos custou 200 mortos, e cem prisioneiros; além de outros successos infelices, como o da Serra de Banacofú, onde foi morto o valoroso D. Duarte de Menezes: porém depois da tomada de Arsilla, sabendo os Mouros dos tratos de Muley Xeque, e por isso desesperados de soccorro, secretamente despejárão a Cidade, na qual entrou El-Rei aos 28 de Agosto de 1471, e cuja Capitania deo a Ruy de Mello, seu Guarda Mór, que depois foi Conde de Olivença. Havidos estes senhorios, accrescentou El-Rei D. Affonso o seu titulo, dizendo-se = Rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'além mar, em Africa, etc. Em 1662 foi a Cidade de Tangere dada ao Rei d'Inglaterra Carlos II., e deixada aos Mouros em 1684, como já muito antes o havião sido Alcacer-Ceguer, e Arsilla, onde El-Rei armou Cavalleiro o Principe D. João, dizendo-lhe » que Deos o fizesse tão bom Cavalleiro como » o Conde de Marialva » (D. João Coutinho, que alli fôra morto.) que sempre os bons, e fortes Reis tem em muita conta, e estima os honrados, e fortes Cavalleiros.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

ARTIGO V.

BIOGRAFIA.

Francisco Manoel do Nascimento.

(Continuado do N.º IX. pag. 163.)

Seus bellos, e masculos estudos tinhão hum fim, que interessava seu espirito, e a que elle se julgava capaz de atingir; queria restituir á Lingua Portugueza aquella elegante concisão, euphonia, e pureza verdadeiramente Latinas, que tinhão brilhado em seus antigos classicos. Fez huma leitura methodica, e seguida da Lusiada, e de todas as suas variantes, das admiraveis obras de Vieira, da optima vida de D. João de Castro, por Freire de Andrade; e de outros muitos Poetas, e Prosadores. Lîa-os com a penna na mão, cuidadosamente notando aquelles hellenismos, e

latinismos elegantes, que per si se identificavão; e enxertavão com perfeita graça no genio particular do Idioma. Querendo com o exemplo daquelles grandes homens accrescentar inda esta grande massa de riquezas latinas; introduzio expressões novas, e escrupulosamente derivadas da Lingua Romana; tornava a pôr em uso antigas fórmas de dizer consagradas outrora em escriptos célebres, e depois obsoletadas; porém hum gosto delicado presidia a esta extração do oiro mais puro. Nunca o *melhor* vinha corromper o *bom*. Aspirava a fallar a verdadeira Lingua Portugueza, que não reconhecia nas eunucas producções de seus contemporaneos, e suas fadigas tendião mais a reformar, e conservar, do que a innovar.

Deve em toda a empreza, que seriamente se pertende examinar, tomar-se em consideração o ponto, de que o Author partio, as circunstancias, e o lugar; por isso, querendo nós fazer huma exacta idéa do extremo merecimento daquelles fortes estudos, e do vigor de cabeça, e sentidos, que elles requerião, devemos conhecer exactamente a deploravel situação das Letras naquella épocha. Era preciso ser hum homem extraordinario para sacudir com denodo o jugo do máo gosto, das preoccupações, e dos costumes geraes, vislumbrar huma luz tão viva por entre espessas trévas, abrir huma estrada, e marchar por ella com infatigavel passo.

Tinha Francisco Manoel tão grande respeito aos grandes modellos, que ainda na idade de vinte annos, escondia cuidadosamente ao Público os numerosos poemas, que tinha composto; modestia bem rara em huma idade tão cheia de confiança, e vangloria. Querendo pois certo amigo arranca-lo, a seu pezar, da obscuridade, em que se envolvia, deo á luz huma collecção de seus versos, bom, e funesto serviço! Com elle ganhou gloria o Poeta, porém perdeo toda a tranquillidade, e ventura. Desde aquelle momento teve de pagar o esplendor, que não tinha buscado, e que sua perseverante, e sincera modestia devião fazer perdoar-lhe; porém quando soube perdoar a Inveja?

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO XI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Observações chymicas sobre os processos, que se devem seguir na manufactura dos vinhos tintos, principalmente quando a uva não tem chegado ao seu perfeito estado de madureza. Por M. Sampayo. (Extrahidas dos annaes de gricultura Franceza, Tomo XXIX.)

(Continuado do N.º X. pag. 157.)

Não posso eximir-me de expôr dois, ou tres phenomenos, que julguei observar no decurso das minhas experiencias, e que poderão ser de algum interesse. Quando tratei o residuo da uva tinta pela agua fervente, observei, que alli se desenvolvia huma grande quantidade da materia colorante, o que não tinha obtido tratando-o pela agua fria. Isto faz vêr a necessidade, que ha de aquentar artificialmente as cubas em fermentação, e he huma das vantagens das caldeiradas de mosto fervente. Tambem notei, que o mosto da segunda porção da uva tinta era mais colorado, que o da primeira porção, que o mesmo acontecia com a lavagem em agua fria, e que no tratamento pela agua quente esta differença era ainda mais notavel. Isto he em favor do complemento da fermentação assucarada; porque esta observação parece indicar, que

a materia colorante soffreo huma mudança tal, que se tornou mais soluvel.

Nos tratamentos pelo alcool, além do assucar, tambem dissolvi huma materia vegeto-animal, que provavelmente he a mesma que, obrando sobre o assucar, fórma alcool. Percebi a sua existencia pelos grumos, que vî formarem-se quando tratei pelo acido nitrico para formar o acido oxalico; e me persuadi, que se eu tivesse deixado obrar espontaneamente esta dissolução por espaço de algum tempo, não teria mais obtido hum atomo de acido oxalico, tendo-se todo o assucar reduzido a alcool. Porém o acido nitrico sempre acabou por dissolver este coaguluno. (1) Eu teria querido adiantar mais as minhas indagações; mas não o permittírão as pequenas quantidades sobre que operava.

Eis-aqui pois bastantes factos, que restão a verificar, e que merecem a attenção dos mais habeis Chimicos. Pela minha parte não deixarei de o proseguir quando me fôr possivel.

Se estes processos, no fabrico dos vinhos, chegarem a ser de huma utilidade geral, ser-me-ha bem lisongeiro o considerar, que se devem á reflexão, e ás luzes de hum pai, que tanto devo adorar, e respeitar; foi o que principalmente me decidio a confirmalos por experiencias chimicas. Tambem foi de muita felicidade para mim poder ser ajudado pelos conselhos de M. *Vanquelin*, a quem devo todos os conhecimentos, que pude adquirir em chimica.

Declamação, ou Arte Comica.

A Declamação he huma Arte, de que a Poesia, especialmente Dramatica costuma ajudar-se, e que tende ao mesmo fim por meios, que lhe são proprios. Seu fim he, como em todas as bellas Artes, interessar com a illusão. A intenção do Poeta na Tra-

---

(1) Esta materia vegeto-animal deveria fornecer tambem acido oxalico no tratamento pelo acido nitrico, mas como a sua quantidade era igual nas primeiras, e segundas porções, ella não deveria alterar a quantidade relativa do oxalato de cal.

gedia he produzi-la; o desejo do Espectador he senti-la, e o mister do Actor he preencher a intenção do Poeta, e o desejo do Espectador. O unico meio de produzir, e entreter a illusão, he copiar com fidelidade os objectos, que se imitão: Qual he pois a reflexão, que deve fazer o Comico, quando entra em scena?.. A mesma, que fez o Poeta quando tomou a penna. Quem he a pessoa, que falla? Qual he a sua jerarchia? Qual he o seu caracter?.. Como se expressaria ella se tivesse de fallar?... Eis-aqui todo o fundamento desta Arte; e eis-aqui tambem quatro interrogações, que mui poucos de nossos Actores, e ainda muito menos de nossas Actrizes, tem feito.

Vamos ao principio da illusão. Apenas nos apparece em scena o Actor, ou o Poeta, desapparece della o Heróe. Ora como o Poeta faz, que o Heróe, que introduz, diga, e pense, não o que diz, ou pensa, mas o que a tal personagem devia dizer, ou pensar, deve tambem o Actor exprimi-lo da maneira, que ella tambem o fizera. Eis-aqui a escolha da bella Natureza, e o ponto importante, e difficil da Arte da Declamação. A nobreza, e a gravidade são a decencia do Theatro Tragico; seus extremos são o emphaze, e a familiaridade: escolhos communs á Declamação, e ao estylo, e por entre os quaes tanto o Poeta, como o Actor caminhão, e huma justa idéa da bella Natureza, he quem lhe deve servir de guia. Resta explicar as fontes, em que deve haurir o Actor.

A primeira he a educação; a segunda deveria ser a representação de hum Actor consumado; porém estes modelos são raros. A terceira he o estudo dos monumentos; e a quarta finalmente, que he a mais fecunda, e mais transcurada entre nós, he o estudo dos originaes, e estes só se encontrão nos Livros. O mundo he a escóla do Comico, e hum Theatro immenso, em que todas as paixões, todos os estados, e todos os caracteres representão, mas como a maior parte destes modellos carecem de nobreza, e correcção, póde mui bem o imitador enganar-se na escolha delles. Não basta pois, que elle pinte ao natural, cumpre, que o mais profundo estudo das bellas proporções, e dos grandes principios do desenho o tenha habilitado para corregir o objecto de suas pinturas. O estudo da historia, e dos poemas he para os Actores

de tamanha importancia, como para os Pintores, e Esculptores. Os livros não apresentão modellos aos olhos, mas offerecem-nos ao espirito; dão tom á imaginação, e ao sentimento, e a imaginação, e o sentimento o dão aos orgãos.

O Actor, que só he dotado de sentimento, não representa bem senão a sua propria parte; e tal era entre nós Victorino. O Actor, que ao sentimento junta intelligencia, imaginação, e estudo, como Maiques actualmente em Hespanha, penetra-se de todos os caracteres, nunca he o mesmo, e sempre he semelhante. Devem pois o coração, a intelligencia, a imaginação, e o estudo concorrer para formar hum perfeito Comico, por falta desta concordancia he, que Marianna Torres se inflamma onde devia conter-se; e Arcejas ás vezes representa, onde só devêra sentir. Por isto falta sempre em scena a gradação, a verdade, a illusão, e por consequencia o interesse.

Ha tambem outras causas de Declamação defeituosa, humas que provêm do Actor, outras do Poeta, e outras tambem da parte do Público. O Actor, a quem a natureza não aquinhoou com huma boa figura, e huma voz argentina, busca com a arte compensar, o que lhe falta; quaes são porém os meios, de que para isso lança mão? Se lhe falta a gravidade do semblante dá-lhe huma expressão convulsiva; se tem a voz surda, ou fraca violenta-a para a fazer sonora: se lhe falta a grandeza em sua natural conformação, gesticula como hum ernergumeno, e parece querer-se cobrir com seus braços. Ora nós diremos a todo o Actor, ou Actriz, que isto pratique » Tu queres corrigir a natureza, e a » fazes monstruosa; sente vivamente, e falla como sentires, sem » que nunca te desmeças, deixa antes mudo o rosto, que peior » effeito fazem suas contorções, do que o seu silencio. »

Quanto á voz necessita-se de menos porção della para hum Actor ser ouvido no Theatro, de que geralmente se julga: são mui raras as situações, em que seja preciso gritar em scena. Quem ignora, que, mesmo nas mais violentas, vale mais do que os gritos a expressão de huma voz cortada de soluços, ou suffocada pela paixão? A representação constrangida pede huma viva expressão em olhos, e gesto, e nisto era inimitavel José Felix da Costa. Voz ingrata, gesto espamodico, e olhos, que não sabem fallar

não deixão ao talento interior esperança alguma de manifestar-se exteriormente. Deixe o Theatro aquelle, ou aquella, a quem a natureza deo todos estes incorrigiveis defeitos. Mas que recursos pelo contrario não tem sobre a scena tragica aquelle, que junta huma voz flexivel, pathetica, e sonora a huma figura magestosa, e expressiva! Quão pouco os seus interesses conhece aquelle Actor, ou Actriz, que emprega hum mal entendido artificio em profanar nestes dotes a nobre simplicidade da natureza!

Quando as paixões sobem ao mais alto ponto he a representação mais forte a mais verdadeira, então he, que he belleza não se conhecer, nem conter-se; pede porém a decencia, que seja grave o transporte, o que não impede, que seja excessivo. Tambem neste artigo não está a Actriz de quem acima fallámos isenta de huma justa censura.

Como a gesticulação acompanha as palavras póde applicar-se a huma, o que da outra dissemos, a violencia das paixões exige muitos gestos, e admitte até os mais expressivos; pelo contrario o dezalento da dôr admitte muito poucos, e a reflexão profunda não dá lugar a nenhuns. O sentimento quer huma acção simples como elle, e a expressão dos olhos, e do rosto parece bastar ao desprezo, indignação, ameaço, e furor concentrado, hum lançar d'olhos, hum mover de cabeça são a sua natural acção, e se enfraquecerião com demaziado gesticular.

Os Actores, cujos olhos, e rosto são susceptiveis de huma expressão viva, e pathetica precisão pouco de gestos: a alma da Declamação he a expressão de olhos, e rosto; porque nelles he que as paixões se estampão em caracteres de fogo. Quem vîo representar Castro, (na Tragedia de Junior) pela nossa unica, e sublime Dama Tragica Jozefa Thereza Soares, quem lhe ouvio recitar os seguintes versos:

E, tintas de meu sangue, estas paredes
Luctuosos vestigios da consorte
Em toda a parte aos olhos lhe mostrarem!...

Póde fazer huma adquada idéa de quanto valem estes dois do-

tes tão raros. Esta Actriz he tambem excellente na *representação* mixta.

Chamamos *representação mixta, ou còmposta* á expressão de hum sentimento modificado por circunstancias, ou de muitos sentimentos reunidos. No primeiro sentido toda a representação theatral he mixta, porque em a expressão do sentimento se devem a cada passo confundir as modificações do caracter, e da situação da personagem, tem pois o Comico de reunir pelo menos tres expressões; a saber, a do sentimento, a do caracter, e a da situação, regra mui pouco conhecida, e muito menos observada.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POEZIA.

ODE.

A Profecia do Tejo.

Folgando El-Rei Rodrigo
Estava com a formosa Cava á margem
Do Téjo crystalino,
Que assoma até ao peito,
E a fallar-lhe começa deste geito.

„ Em hora infausta exultas,
„ Injusto forçador, que já o estrondo
„ Escuto, e vozeria,
„ As armas, e o bramido
„ De Marte de furor, e ardor cingido.

„ Ai! todo esse contento
„ Que prantos te accarreta! essa Beldade,
„ Que o Sol vîo por desgraça
„ Da Hespanha, ai quão chorosa,
„ E dos Godos ao Sceptro quão custosa!

» Mágoas, guerras, e chammas,
» Mortes, assolações, e feros males
» Nos braços teus apertas,
» Trabalhos impendentes
» A ti, e a teus vassallos innocentes!

» Aos, que o fertil terreno
» Em Constantina rompem; aos, que banha
» O Ebro, e a Comfinante
» Sansuena, a Luza terra
» E a quanto, vasta, e triste, a Iberia encerra!

» Já desde Cadiz chama
» O injuriado Conde, (que á vingança,
» E não á fama attende,)
» A barbara pujança,
» Em quem, por damno teu, não ha tardança.

» Ouve, que o Ceo já fére
» Com tom medonho a horrisona trombeta;
» Que em Africa convoca
» Já o Mouro a bandeira,
» Que pelo ar tremulando vai ligeira.

» Já brande a féra lança,
» Ventos ferindo, o Arabe tyranno,
» Chamando ouzado á guerra,
» Esquadras cento a cento
» Eu vejo congregadas n'um momento.

» A gente o solo innunda,
» E co' as vélas o pélago se enconde;
» Thé aos Ceos a celeuma
» Confusa, e vária cresce,
» E o pó nos roube o dia, que escurece.

» Ai! que já furibundos
» Sobem ás amplas Náos!.. ai! que já deitão
» Os braços varicosos
» Aos remos, accendendo
» Os mares, que, espumosos, vão fendendo.

» Galerno enfuna Eolo
» Em popa as pandas vélas, larga senda
» Já pelo Herculeo Estreito,
» Com a ponta acerada
» Tem aberto Neptuno á féra Armada.

» Ai triste! E occupas inda
» Mal-suave regaço? Nem chamado
» Ao damno accodes prompto!
» O Mouro não vês dono
» Já do Porto, a que Alcides he Patrono?

» Trigoso accode, vôa
» A alta Serra transpõe, desce á planicie;
» E nem luzida espóra,
» Nem dura mão poupando,
» Mena o ferro insano fulminando.

» Ai! quanto de fadiga,
» Ai! quanto d'ímpia dôr já se prepara
» Ao, que d'arnez se veste,
» Ao Infante valente,
» A Homens, e Cavallos juntamente!

» E tu, Betis divino,
» De sangue alheio, e proprio maculado,
» Quantos ao mar visinho
» Darás Elmos fendidos,
» Cadaveres de Nobres destruidos!

„ O furibundo Marte
„ Por dias cinco as Hostes des-ordena
„ Igual aos dois partidos;
„ No sexto és condemnada
„ A barbaras prizões oh Patria amada.

De Frei Luiz de Leon, e traduzida por José Maria da Costa e Silva.

ODE ANACREONTICA.

Oh Nympha meiga, e candida,
Por quem no coração
Sinto lavrar-me fervida
Suavissima paixão.

Por quem a culta Cythara
Do velho Anacreonte
De novo em sons eroticos
Pulso no sacro monte.

Oh meu deleite, e jubilo!
Lieutard, ah quem diria
Que Venus nesta florida
Prizão nos uniria?

Que entre meus braços languida
Te havia hoje apertar,
E do prazer nos extazes
Ouvir-te suspirar?....

Mas foge em trote rápido
A rozea Mocidade,
E da Velhice gélida
Não tarda a frialdade.

D'Amor na taça fúlgida,
Meu Bem, a flux bebamos;
Recolhe a Morte sofrega
Horas, que a Amor negamos.

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Sobre a leitura de hum só Livro.

Conhecemos muitas Pessoas, cuja balda he trazerem sempre debaixo do braço o seu Horacio; o seu Barros; o divino Ariosto commentado, Gil Vicente da primeira Edição, ou Voltaire, ou Rousseau, ou Shakespear. Estas pessoas nem lêm, nem pódem soffrer que ninguem lêa, ou approve senão aquelle Author, em que ellas pozerão a sua affeição, e em que phantasião o archetypo da Sciencia, e o prototypo da Belleza, e tratão com desprezo todo o que não tem lido o *Livro* como em França se dizia outro tempo do de Rabelais. Dão-nos estes Senhores bastantes vizos do Califa, que quiz queimar todos os Livros deixando sómente o Alcorão. Sabemos que se não devem lêr muitos Livros, porém muitas vezes os poucos bons que ha, *multum non multa*: porém o estimar sómente hum Author não dá muito boa idéa do espirito de huma Pessoa, assim como não he prova de bom coração o não achar mais do que hum Homem digno de amizade. Faz-nos isto lembrar daquelle Poeta, que pondo huma Comedia mágica em Scena, e vendo na segunda Récita só dez Pessoas de Platéa disse: pouca gente, mas escolhida.

Ha muitos Livros máos (dizem) temos hum gosto mui fino, e não podemos soffrer o mediocre; quem está costumado ao Nectar não póde beber zurrapa. Porém nós tomaremos o atrevimento de lhe dizer que vemos nelles mais esquisitisse do que gosto, que hum gosto tão máo de contentar próva muito máo gosto, e que se parecem com aquelles infelices, que tem o estomago desarranjado, e estão em cura lactea. Desta admiração estatica, deste continuado lêr, e relêr só o mesmo Livro, nasce o acanhamento das faculdades mentaes, e a corrupção do juizo; deslumbrados pelo Phanatismo literario adorão como bellezas os mais grosseiros defeitos do seu Author, e chegão á força de commentarios

a quere-lo assim persuadir ao Público. Assim temos visto muitos dos admiradores de Ferreira, fazendo pouco caso da sua doutrina, e da bella, e simples propriedade de suas judiciozas Imagens, pôrem todo o affinco em imitar as suas durezas metricas, e as mais coisas, que elle se hoje vivesse poria todo o esmero em evitar: assim temos visto os chamados *Quinhentistas*, ou *Puritanos* eternos, e incansaveis Folheadores d'Alfarrabios, em vez de contentar-se com aproveitar dos chamados classicos as phrases, e energicas palavras, de que abundão, copiar sua barbara outhorgraphia, e os seus pleonasmos, cacaphonias, e erros de concordancia. Tem porém estes *Doutores de hum só Livro* huma razão para se mostrarem enthusiastas de hum só Escriptor. Julgão dar provas de hum purissimo gosto, e com este pretexto encobrem a sua insuficiencia, e perguiça, querendo persuadir-nos de que não escrevem porque se não contentarião com o mediocre. Tambem com este cego afferro a hum grande Author, as mais das vezes antigo, desfarção e encobrem o ciume, e inveja, que os mata, vendo alguns de seus contemporaneos correrem com gloria pela luminosa estrada das Letras. » He temeridade escrever! » (Ládrão elles) todas as fontes do saber, e do bello estão ex- » hauridas; não resta já no Pindo alguma casta de Flores, que se » colha! Felices as Almas escolhidas, que sabem saborear os aro- » matas das poucas flores immortaes, que formão a corôa de al- » gum genio sublime, que não deixou successores. Estão sempre armados da mais amargoza, e afiada crítica contra as Producções novas, em que não repárão senão para os minimos defeitos, que exaggerão como delictos gravissimos. Trata-se de fazer hum Diccionario da Lingua? » Guardai-vos (acodem logo) de dar entra- » da nelle a palavras, que não venhão em Authores, que escre- » vêrão até ao Reinado de D. Sebastião: fugi das palavras, e » termos dos que escrevêrão de então para cá; Vieira, Castro, » Lobo, o Conde da Ericeira, Garção, Diniz, Domingos Ma- » ximiano, Santos e Silva, Quita, Bocage, e mais que todos » Francisco Manoel são Barbaros comrompidores da Lingua, que » se atrevêrão a alfaialla com joias, que lhe não tinhão dado » os *Classicos*. Deixai que a depravação do gosto faça que todo » o Mundo os compre, os folhee, os decóre; deixai que os Es-

„ trangeiros os traduzão, os elogiem, os imprimão são Modernos,
„ e basta isto para que todo o bom Puritano, e todo o bom Qui-
„ nhentista os despreze, os aborreça, os persiga, e se possivel fôr
„ dê cabo delles. Finalmente tem sempre na boca o *seu Livro*, o *seu Livro*, e eternamente *o seu Livro*. Vêm tudo de huma côr, e são como os Unoculos, que só pódem ver-se de pertil, e neste sentido he que Cicero dizia *timeo lectorem unius Libri*. Não ignoramos que os bons Livros são os que mais vezes se re-lêm; mas não podemos tolerar que seja a leitura circunscrivida sómente a alguns Livros bons. He justo que hum principiante escolha hum modelo, e tenha hum grande Mestre, por quem se guie, mas quem tem formada a idade, e o gosto deve lêr, e comparar muitos Livros; deve não admirar com estatico embasbacamento, porém julgar, criticar, e forcejar para compôr melhor. Importa imitar a natureza que he cheia de profuzão, e de variedade. Nenhum Author (diz Pope) excedeo a todos em todos os generos, ora hum só Author não póde instruir senão, quando muito em dois generos; não póde fallar bem senão de huma, ou de poucas materias, logo não deve estudar-se por hum Livro só: sem a leitura de muitos, e diversos Livros nunca o espirito póde adquirir riqueza, nem variedade, e as idéas novas nascem das idéas adquiridas. Hum espirito, que sempre admira, e nunca examina, nunca terá força nem brio; não achará novidade, nem prazer nas suas leituras; nunca poderá dizer, aqui foi o Author grande; aqui se enganou; dizia muito melhor assim. Porém do estudo de muitos Livros podemos extrahir certo número de conhecimentos, e modellos, que misturados, e confundidos entre si formem hum todo novo, e brilhante, que venha a ser o nosso estylo, assim os Pintores mesclando diversas tintas na palheta formão huma nova, e formoza tinta, cuja côr em nada se parece com as que a compozerão. Por existir hum Author eminentissimo, não devem tractar-se todos os outros com desprezo. A grandeza de Homero não offusca a perfeição do Virgilio; nem os fulminantes relampagos de Pindaro, nos deslumbrão tanto, que não tenhamos prazer em o clarão mais macio, porém mais agradavel de Horacio. O admirador de Tasso póde achar encantos em Ariosto; e quem se deleita com o formozo colorido, e amena phantazia de Camões, se he avaliador

sincero, não se enthuziasma menos com a impetuozidade e valentia de Gabriel Pereira de Castro, ou com a original imaginação, e phylosophicos vôos do desgraçado Cantor da Brasiliada. Sejamos em Literatura, como os Antigos em Religião; adoravão Jupiter como Supremo Monarcha dos Ceos, e povoavão o Universo de multimodas Divindades, a quem tributavão incensos, e cultos. De todos os Livros se póde tirar proveitos, as Abelhas fazem mel de todas as Flores; e Apelles formou a sua Venus das perfeições derramadas por sete formozas Donzellas. He justo que haja hum centro, porém circumdado de raios. Tomara-mos saber que gosto achão semelhantes Basbaques em lêr todos os dias huma Carta de Sá e Miranda, ou hum Capitulo de Barros!.. Tende embora hum Author mimozo, mas não lêaes hum só Author; as Graças são tres, e de nove Deozas se compõe o Côro das Musas.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Origem dos Quakaros.

Jorge Fox era hum mancebo de 25 annos de costumes inreprehensiveis, porém de huma imaginação exaltada. Andava vestido de coiro dês dos pés até á cabeça, e corria de Cidade em Cidade declamando contra a guerra, e contra os Clerigos. Foi prezo e conduzido a Darbi á prezença do Juiz da Paz. Fox se apprezentou sem tirar o gôrro de coiro que trazia na cabeça. O Carcereiro lhe deo huma bofetada, dizendo-lhe: » Insolente, não sabes que deves estar diante do Senhor Juiz com o gôrro na mão? » Fox humildemente lhe offereceo a outra face, e rogou que lhe dessem outra bofetada por amor de Deos. O Juiz de Darbi mandou que prestasse juramento antes de interroga-lo: » Amigo disse » ao Juiz, sabe que eu nunca tomo o nome de Deos em vão. » O Juiz irritado contra elle, e querendo que jurasse por força, o mandou para o Hospital dos Loucos, para o assoutarem. Fox foi para o Hospital louvando sempre a Deos, e assim que chegou executárão a sentença com todo o rigor; porém ficárão espantados os Ministros, quando o ouvírão pedir mais alguns assoutes para bem da

sua alma. Estes senhores não se fizerão rogar muito: Fox levou dóze duplicada, o que agradeceo muito, e pôz-se a prégar-lhes. Ao principio rirão-se, mas depois o escutavão, e como o fanatismo he huma enfermidade contagioza, muitos ficárão persuadidos, e os Ministros que o tinhão assoutado forão seus primeiros discipulos. Livre do carcere, Fox se dirigio para as Aldêas com doze discipulos, prégando sempre contra os Ecclesiasticos, e levando crueis assoutes por sua obstinação, de que não fazia cazo. Hum dia que o pozerão de gonilha, prégou com tanta força, que atrahio cincoenta do seu auditorio, e todos se interessárão tanto em seu favor, que em tumulto o tirárão da gonilha, forão buscar o Cura Anglicano que tinha sido a causa do seu castigo, e o puzerão no seu lugar.

Teve tambem o atrevimento de converter á sua seita alguns Soldados de Cromwel, que renunciárão o officio de matar, e se negárão a prestar juramento. Cromwel não gostava de huma seita cujos individuos não combatião, e por isso se valeo de todo o seu poder para perseguir estes novos heresiarchas. Em pouco tempo se enchêrão delles todas as prizões; sem embargo do que se augmentou o número dos Sectarios; sahião dos carceres mais firmes em sua crença, acompanhados dos Carcereiros a quem tinhão persuadido suas oppiniões. Porém o que contribuio mais a propagar esta seita, foi, que Fox se acreditava inspirado, e por isso procurava fallar differente dos outros homens: fingia-se tremulo, fazia contorsões e géstos, retia a respiração, e a despedia com violencia; de maneira que a Pythia de Delphos não poderia fazer mais. Em pouco tempo adquirio hum habito tão grande destes momos, que não podia fallar de outra maneira. Este foi o primeiro dom que communicou a seus discipulos, que tinhão de boa fé todas as gesticulações de seu Mestre, tremião com todas as suas forças no momento em que se julgavão inspirados, e daqui tirárão o nome de *Quakeros*, que quer dizer *Tremedores*. Os Rapazes se intretinhão em remeda-los, tremião, fallavão pelo nariz, fingião convulções, e se julgavão estarem possuidos do Espirito Santo. Só lhe faltava fazer milagres, e o impostôr attribuio a si o effeito da ebriedade.

O heresiarcha Fox disse publicamente a hum Juiz diante de

huma grande assembléa. » Amigo guarda-te, Deos te castigará » brevemente porque persegues aos Santos. » O Juiz costumava embriegar-se todos os dias com Cerveja e Agua-ardente, morreo dois dias depois de apoplexia, quando acabava de firmar huma ordem para que prendessem alguns *Quakaros*. Em lugar de attribuirem a morte repentina do Juiz á sua intemperança, a olhárão como hum effeito das predicções do fanatico, e produzio mais *Quakaros*, que mil Sermões, e outras tantas convulções. *Cromwel* vendo que o número dos *Quakaros* se augmentava todos os dias, quiz atrahi-los ao seu partido, offerecendo-lhe dinheiro; porém elles o desprezárão; Cromwel dizia que erão os unicos que não podia ganhar com *guinéos*.

Algumas vezes forão perseguidos por Carlos II, não por cauza da relegião, mas porque não querião pagar o dizimo á Igreja, por perturbarem os Magistrados, e não quererem prestar os juramentos que prescrevião as leis, até que Roberto Barcley, Escocez, appresentou ao Rei em 1675 a apologia dos *Quakaros*. Na epistola dedicatoria a Carlos II, para impetrar sua tolerancia, acaba assim. » Tu tens experimentado doçura e amargura, pro» priedade e desgraças; foste desterrado do Paiz onde reinavas, » tens sentido o pezo da oppressão, e deves saber quão detesta» vel he o oppressor diante de Deos e dos homens. Se depois de » tantas desgraças e felicidades, teu coração se endurece a ponto de » esquecer-se de Deos, que se tem lembrado de ti em teus infortunios, » teu delicto será ainda maior, e a tua condemnação mais terri» vel: em lugar, pois, de escutares os aduladores da tua Côrte, » escuta a voz da tua consciencia, que nunca te adulará. »

Teu fiel amigo e Vassallo.

Barcley.

O mais de admirar he, que huma carta similhante escrita a hum Rei por hum homem tão obscuro, produzisse bom effeito, e fosse motivo de cessar a perseguição dos fanaticos.

Por este tempo appareceo em Inglaterra o Illustre Guilherme Penn, que estabeleceo o poder dos *Quakeros* n'America, e os

estabeleceria na Europa se os homens podessem apreciar a Virtude com apparencias rediculas. Era filho unico do Cavalheiro Penn, Almirante de Inglaterra, e privado do Duque de York, que foi depois Jacob II.

Guilherme Penn, na idade de 15 annos, conheceo hum *Quakero* em Oxford, onde seguia seus estudos, que o indusio a abraçar a sua seita. Penn era vivo, eloquente, de maneira que persuadio a muitos mancebos seus companheiros, estabeleceo huma sociedade de jovens *Quakeros*; que se ajuntavão todos os dias em sua caza, e na idade de 16 annos se achava Chefe da seita. Quando tornou para caza de seu pai, ao sahir do Collegio, em lugar de ajoelhar diante delle, e pedir-lhe sua benção, como era costume dos Inglezes, elle se chegou ao pai sem tirar o chapéo, e lhe disse: » Amigo eu me alégro muito de te ver bom. » O Almirante julgou que seu filho estava louco, porém dahi a pouco conheceo que era *Quakero*, e se valeo de todos os meios que dita a prudencia humana, para o persuadir a que vivesse como os outros, porém elle contestou seu pai exhortando-o a que se fizesse *Quakero*. Em fim, vendo seu pai que o não podia reduzir, se contentou com pedir-lhe que fosse fallar ao Rei, e ao Duque d'York com o chapéo na mão. Guilherme respondeo, que sua consciencia lho não permittia, e que era melhor obedecer a Deos, que aos homens. Indignado seu pai por esta resposta, o expulsou de sua caza, e o joven Penn deu graças a Deos porque já padecia pela sua cauza. Elle começou a prégar por muitas Cidades fazendo Sectarios. O heresiarcha Jorge Fox, movido da sua fama, veio a Londres do interior d'Inglaterra, e os dois determinárão fazer missões nos Paizes Estrangeiros. Embarcárão-se para Hollanda, tendo deixado hum grande número de obreiros para cuidarem na vinha de Londres.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO XII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Declamação, ou Arte Comica.

(Continuado do N.º XI. pag. 157.)

QUANDO dois, ou muitos sentimentos agitão hum coração, devem todos ao mesmo tempo pintar-se nas feições, e na voz, mesmo atravez dos esforços, que se fazem para dissimula-los! A mesma Jozefa Soares, tanto em algumas scenas de *Acomar*, como da *Mulher de dois Maridos*, deo repetidas provas de quanto era habil nesta difficil representação. Chamamos-lhe difficil, por que como muitas vezes o temor, a altivez, o pejo, e o despeito, constrangem a paixão, sem a esconder de todo, devendo hum coração sensivel trahir-se a cada passo, necessita-se de muita arte nestas meias-tintas, e modificações de hum sentimento, especialmente nas scenas de dissimulação, em que o Poeta suppôz, que taes modificações serião só entendidas dos Espectadores, furtando-se ao conhecimento das outras Personagens interessadas. Quanto mais difficeis de enganar são as Personagens por seu caracter, e situação, tanto mais profunda deve ser a dissimulação, e por consequencia mais difficultosa de manejar he a tintura da falsidade. Mostrar o fingimento ao Espectador fica ao alcance de todos os

Comicos! Porém mostra-lo só ao Espectador, he coisa que o talento dos mais consomados Actores não póde conseguir sempre.

De quanto aqui temos expendido he facil formar huma adequada idéa da representação muda; não ha scena, quer seja na Tragedia, quer seja na Comedia, em que esta especie de acção não deva entrar por contrascena. Toda a Personagem introduzida em huma scena deve nella ser interessada; ora tudo, que a interessa, deve commove-la, e tudo que a commover deve pintar-se em seus gestos, e este he o principio da representação muda. E quem poderá á vista disto vêr sem indignação, ou sem riso, alguns dos nossos Actores, e quasi todas as nossas Actrizes, ficarem, apenas acabão de fallar, insensiveis, e surdos, olhando para a plateia, e outras vezes conversando entre si, até que o Ponto lhe dê signal para tornarem a fallar. Isto he desmanchar a illusão, sacrificar o drama, e faltar ao respeito do Público.

Evitando este excesso de frieza nas pauzas do Dialogo, póde cahir-se no excesso opposto. Ha hum ponto, em que as paixões são mudas, mas fóra deste caso não he permittido, nem natural escutar alguem em silencio hum discurso, que vivamente o commove, huma vez, que o temor, ou respeito, ou qualquer outra causa o não constranja a emmudecer; a representação muda deve pois ser huma expressão constrangida, e hum movimento reprimido; a Personagem, que se abandona á acção, deve, pelo mesmo motivo, accudir a tempo ao discurso, e não como vêmos muitas vezes, especialmente em dialogos cortados, acabar hum Actor de fallar, e aquelle, que o devia interromper, gastar ás vezes mais de hum minuto para o fazer, o que provêm além de outras cousas, do hábito, em que estão os nossos Actores de nunca saber os papeis. Quando a disposição do Dialogo obriga hum Actor a callar-se, deve o Expectador pela expressão muda de seus sentimentos, colher o motivo, que lhe tapa a boca.

Nada mais infame, que hum Actor, que apparece em scena fallando mal a sua lingua, mostrando pelo modo, com que a récita, que não entende a parte, que faz, ou estropiando versos. Destes defeitos só entre os nossos Actores he cabalmente isento Fernando José de Quiroz. Hum Actor, que erra versos está na razão de hum Cantor, que desafina. Aquelle que recita os versos

como proza, sem lhes marcar as pauzas, e ligitimo acentuamento ,dando por desculpa (como nos tem dado alguns, a quem notamos este defeito) que os homens não fallão em verso, faz hum ridiculo contrasenso; e he semelhante a hum louco, que, pegando em huma ária, a recitasse lisamente, com todas as réplicas musicaes, e sem fazer caso do valor das Notas, sob pretexto dos homens não fallarem cantando. As desculpas, e os erros são iguaes.

Por não fazermos este artigo demasiadamente difuso nos não demoramos com os defeitos, que em nossos Theatros quotidianamente observamos em vestuario, scenario, e movimento. He insupportavel, que Personagens Chinezas representem huma acção, que se passa no seu Paiz, em hum Sallão, Praça, ou Templo de Archytectura Grega. Que huma acção do Seculo XIII. se execute com os trages do Seculo XVIII., e muito peior ainda, o que vîmos em hum dos nossos Theatros o anno passado na Comedia *Matilde*, isto he, a primeira Personagem vestida com o antigo trage Inglez, e todas as demais, e a tropa vestidas á moderna. Póde haver maior disonancia? Maior ridicularia?.. Quanto ao movimento além de outras imperfeições, que dão menos nos olhos, parece, que devia já abolir-se o costume de mandar pôr em scena cadeiras, mezas, e outros utencilios por comparses, e outros, que taes figurões, que, apenas apparecem, logo são saudados com apupos, e escarros, com grande escandalo da Assembléa, além de por este vicioso methodo se perder a cada instante a illusão. O meio mais facil de evitar este monstruoso defeito seria fazer, que taes bancas, cadeiras, etc., subissem, e descessem em alçapões ao correr das scenas, como se pratíca em alguns dos Theatros mais perfeitos da Europa. Hum dia, que fizemos esta observação a hum dos nossos mais acreditados Actores, este nos respondeo com hum risinho parvo, e huma admiração bestial „ isso era mágica!.. „ Como se apparecerem bancas, e cadeiras etc., fosse maior magia, que, ao correr dos bastidores, transformar-se huma salla em hum carcere, ou bosque!

Dos Curadores.

Como os dementes são inhabeis para governar os seus bens, e pessoas, ainda que sejão maiores, nomeão-se Curadores, que olhem por elles. Não se dá Curador a hum demente, que não esteja em estado de maioridade; pois em caso de demencia de hum menor basta, e he mais decoroso que se lhe nomeie hum Tutor em razão de sua menoridade, do que hum Curador em razão de sua demencia. Para se dar hum Curador a hum maior, he necessario, que se prove sua demencia em Juizo, ou Tribunal competente. O filho póde ser Curador de seu pai, ou mãi, se estão dementes; não póde porém nomear-se Curador no mesmo caso a hum filho, que está debaixo do patrio poder; pois seu pai he, em virtude deste titulo, pela natureza authorisado para administrar a sua pessoa, e bens. O Curador de hum homem, cuja demencia he periodica, exerce as funções deste cargo, durante os accessos de mania, e cessa de as exercer nos intervallos, em que elle recobra a razão, mas neste caso só finda o cargo de Curador com a vida do demente para forrar-se a fadiga de huma nomeação nova em cada recahida. Nomeão-se tambem Curadores a todas as pessoas, a quem alguma enfermidade impossibilitou para governar seus bens: a todos os que despendem seu cabedal em despezas desacizadas, quando seu máo comportamento obriga os Magistrados a declara-los pródigos, e impedi-los judicialmente. Quando huma pessoa está muito tempo ausente, sem ter deixado ninguem incumbido de seus negocios, e bens, havendo precisão de quem delles trate, costuma nomear se-lhe hum Curador. Se huma viuva fica pejada não póde nomear-se Tutor a seu filho, sem que este tenha vindo á luz, porém havendo precisão disso, destina-se hum Curador para a conservação dos direitos do menino, que está para nascer, e para a administração dos bens, que lhe estão para competir. Podem os crédores, quando o devedor lhe abandona seus bens, fazer com que se nomeie hum Curador, que tome conta delles, ou eleger entre si huma pessoa, que delles cuide. Todos estes Curadores tem suas obrigações reguladas pelo poder, que lhe he dado, e

tem jus para pôrem em obra quanto do seu ministerio depende. Seus deveres são os mesmos, que os dos Tutores, que expenderemos em outro número, e os das pessoas, entregues ao seu cuidado e direcção os mesmos que os dos Pupilos para com seus Tutores.'

ARTIGO II.

POEZIA.

ODE.

Ti si legge l'invidia entro lo sguardo:
Quand' é che tu non morda e non abbai
Senza rispetto alcun, senza riguardo?
Salvador Roza, Sat. 3.ª

Esses, que em paz, e em guerra, as Leis outrora
A Povo, e Povo derão,
Variamente versutos fabulárão
Inspirações celestes:
Ao Novennal Legislador (1) foi Jove;
O pulchri-como Apollo
Ao grão Legislador dos Espartanos; (2)
A Rómulo o Deos Conso,
A Egeria Nympha ao piedoso Numa;
Foi a Sertorio a Corça,
E a Pomba a Mahomet, que lhe inspirárão
Doutrinas, com que, preza
A ignara multidão, a seus mandados,
Tremendo, obedecia.
Oh! E qual, não dos Ceos, mas furibunda
Influição do Averno

---

(1) Minos.
(2) Lycurgo.

Assim te assanha, rábido Thersites?
Porque, ladrando a tudo,
Tudo profanas com viperea boca?...
Fallai, honradas Cinzas
Dos que inda por acções o Mundo illustrão;
Dizei se por ventura
Alguem, ou Sábio, ou Virtuoso, escapa
A seu maligno dente?...
Ninguem?... Ninguem. Da atroz Maledicencia
Ao crujador Thersites
Manão em chorro abertas as vertentes,
E todas elle esgota.
Detestavel prodigio! Accaso a insania,
A pérfida malicia
Lhe atiçárão as auras da Lisonja?
Alvitra-lhe a Calúmnia
As torpissimas phrases, com que nutre
A presumpção balofa?...
Tudo isso, e mais: nem Górgonas, nem Fúrias,
Dragos, nem Centimanos
Igualão a tremenda Potestade,
Que n'alma lhe domina,
E em seu retorto olhar, em seu semblante
Feroz influxo verte!
Que Monstro no furor, nos attentados
Póde igualar a Inveja?

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Os Cacoacos. (1)

A quarenta e oito gráos de latitude septemtrional se descobrio recentemente huma nação da Selvagens mais ferozes, e temiveis, do que os Caraibas. Chamão-se *Cacoacos*, e não usão de flexas, nem maças. Trazem os cabellos com todo o esméro riçados; seus vestidos mil-colores, e matizados de prata, e oiro, os tornão semelhantes ás flores mais brilhantes, e ás mais bem implumadas aves. Adornar-se, perfumar-se, e agradar parecem os seus unicos desvélos, mal que os vêdes, huma tendencia occulta vos inclina para elles, e as caricias, de que vos enchem, são a ultima cilada, que vos armão.

Todas as suas armas consistem em hum veneno em sua lingua escondido. A cada palavra, que pronuncião, mesmo com o tom mais meigo, e suave, escapa, e se derrama ao longe este veneno. Com o soccorro da mágia, que cuidadosamente cultivão, achárão o segredo de o jacular a qualquer distancia. Como a sua cobardia corre parelhas com a sua malignidade, só atacão rosto a rosto, aquelles, de quem se não temem: e por isso as mais das vezes vos desparão seu veneno pela retaguarda.

Dos desgraçados, a quem elles ferem, parte morrem subitamente, parte conservão a vida, mas ficando com chagas incuraveis, e que jámais cicatrizão. Todos os esforços da Medicina são baldados para as sarar. Estes enfermos tornão-se objectos de horror; todos os detestão, todos fogem delles, e os seus melhores amigos correm-se de os conhecer, e de os apadrinhar.

Os Cacoacos não respeitão vinculo algum de sociedade, de

(1) He de notar, que a palavra Grega *Cachos*, que se parece com a de *Cacoacos* significa *máo*. Debaixo deste nome he, que hum Author engenhoso compóz esta Alegoria contra os Phylosophos da Impiedade.

amizade, nem mesmo de amor, tratão os homens todos com a mais refinada perfidia. Nota-se, que só huma coisa lhe dá prazer, e esta he derramar seu veneno naquelles, em que experimentárão amizade, ou que lhe fizerão beneficios. Tomão porém neste caso a percaução de tempera-lo com o çumo de algumas flores, porque com toda a sua malignidade, não abrem mão de agradar, divertir, e seduzir.

A' primeira vista parecem os Cacoacos os mais sociaveis homens do mundo, procurão a gente, e folgão, de que a gente os frequente; porém tudo, que fazem, he com intuito de dar exercicio á sua maldade, que nada póde sobre aquelles, que tem a felicidade de os não conhecer. Quanto mais graça, alegria, e alacridade affectarem, mais deveis desconfiar delles, pois he este o instante, que elles ordinariamente escolhem para desparar seu veneno. Entregais-vos ao contento, que vos inspirão, e ficais admirado da quantidade de veneno, que se introduzio em vossos ouvidos, fazendo-vos subir á cabeça as idéas mais crueis, e sinistras. Desgraçados daquelles, que folgão de os vêr, e ouvir! Por mais percauções, que tomem, por mais pretestos, que os Cacoacos fação de os poupar, mal voltão costas logo provão a sua raiva.

Com tudo estes Barbaros se temem mutuamente, e jámais se atacão huns aos outros. Mas perseguem despiedadamente todos os, que não estão ensaiados em sua mágia. Como detestão as virtudes não admittem nenhuma na terra, e affectão de acreditar, que todos os homens são perversos. Basta ser modesto, honrado, e benefico, para encorrer no seu odio.

Exhortamos os, que se determinarem a viajar pelo seu paiz, que vão munidos de boas armas offensivas. Tem-se observado, que estes Selvagens as temem muito; basta vê-las para deixarem de rir, e fazer rir, o que he signal infallivel de que são obrigados a reprimir o veneno, que então reflue sobre elles com tanta violencia, que os faria morrer se promptamente não fugissem, e fossem procurar objectos para descarrega-lo. Com este intuito os vêmos continuamente rondar.

Os homens mais ferozes, e barbaros, que até agora se tem descoberto, tem todos algumas virtudes moraes; os reptis mais venenosos tem sempre algumas qualidades uteis; porém não succede

assim com os Cacoacos. Toda a sua substancia he veneno, e corrupção, e são talvez na natureza os unicos Entes, que fazem mal por gosto de fazer mal.

Ha noticias fidedignas, de que estes monstros se tem introduzido na Europa: e que se encontrão nas mais brilhantes sociedades. Buscão com especialidade o tracto das Mulheres; a quem fingem amar, quando contra ellas he que com preferencia empregão o seu veneno. Seria difficil dar aqui signaes certos para os conhecer, advertimos sómente a todos, que desconfiem de homens, que mettem tudo a bulha, e fallão a todo o instante em honra, e virtude porque cedo, ou tarde se descobre que são *Cacoacos*.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Origem dos Quakaros.

(Continuado do N.º XI. pag. 200.)

Seus trabalhos tiverão feliz exito em Amsterdam; porém o, que lhe fez mais honra, foi o bom acolhimento que lhe fez a Princeza Palatina Isabel, Tia de Jorge I, Rei d'Inglaterra, mulher illustre pela grandeza da sua alma, e pelo seu saber, e a quem Descartes tinha dedicado suas obras de Philosophia. Ella se tinha retirado para Haya, onde vio os *Amigos* (assim chamavão em Hollanda aos *Quakaros*). Teve muitas conferencias com elles, prégárão varias vezes em sua caza, e senão a reduzírão a ser huma *Quakara*, confessárão que não estava longe do Reino dos Ceos. Os *Amigos* tãobem semeárão sua doutrina por Allemanha, porém colhêrão pouco fructo. Penn teve que regressar á Inglaterra, por cauza da noticia da enfermidade de seu pai, a quem foi dar o ultimo abraço: reconciliou-se este com seu filho, e o abraçou com muita ternura. Guilherme exortou-o em vão a que não recebesse os Sacramentos, e a morrer como *Quakaro*, e seu bom pai lhe recommendou inutilmente que uzasse botões na Cazaca, e prezilha no Chapéo: circunstancias as mais essenciaes da sua Seita.

Guilherme herdou muitos bens de seu pai, e entre elles varios

credjtos contra a corôa, por emprestimos que fizéra o Almirante para varias expedições maritimas: para os pedir vio-se Penn obrigado a visitar frequentemente Carlos II, e a seus Ministros. O Governo lhe conferio em 1680 em lugar do crédito, a propriedade e soberania de huma Provincia d'America ao Sul de Mariland; cuja cessão havia obtido já seu pai em outro tempo; com o que se vio no mundo hum *Quakaro* Soberano. Embarcou-se immediatamente para os seus novos Estados com dous Navios cheios de *Quakaros*, que o seguírão. Pozerão ao seu Paiz o nome de Pennsylvania em honra do nome de Penn, e fundárão Phyladelphia que he hoje huma das mais florentes Povoações da America. Ferio aliansa com os Americanos lemistrophes, e póde dizer-se que aquelle he o unico tractado, que sem juramento entre Nações se tem firmado. O novo Soberano, como Legislador da Pennsylvania, promulgou as mais bem acertadas Leis. Apenas estabeleceo o seu Governo logo muitos Commerciantes da America passárão a povoar aquella Colonia e os Indigenas, em lugar de fugirem para os desertos, pouco a pouco se fizerão amigos dos pacificos *Quakeros* pois temião tanto os outros Conquistadores d'America, como amavão os seus novos Confinantes. Em pouco tempo os que chamâmos Selvagens, admirados de seus visinhos, pedírão a Guilherme Penn que os admittissem em o número de seus Vassallos. Era huma Scena nunca vista, hum Soberano a quem todos fallavão por tu, e com o Chapéo na cabeça, hum Povo sem armas, Cidadãos quasi iguaes aos Magistrados, e visinhos sem zelos.

Depois da morte de Carlos II, tornou Penn á Inglaterra por interesse de seu novo Paiz. O Rei Jacob, que amára muito o pai de Guilherme, conservou o mesmo affecto para seu filho, e não o considerou como hum sectario obscuro, mas como hum Homem Grande. A politica do Rei concordava muito com o genio de Penn em certos artigos. Dezejava agradar aos *Quakaros*, e abolir as Leis contra os não Conformistas, a fim de poder introduzir a Religião Catholica no seu Reino a favor desta liberdade. Porém todas as Seitas de Inglaterra conhecêrão onde hia parar o tiro, e procurárão illudi-lo; pois que todas se união quando se tratava da Religião Catholica. Penn não julgou que devia renunciar seus principios para favorecer aos Protestantes, que o aborrecião, contra hum

Rei a quem amava. Tinha estabelecido n'America a liberdade de opiniões religiozas, conservando-se sempre fiel a Jacob II.

O desgraçado Jacob II, que, como quasi todos os *Stuardos*, era hum composto da grandeza e de fraqueza, e como todos elles, fez muito, e mui pouco, perdeo o seu Reino sem que huma só espada se dezembainhasse em sua defensa. Com a sua quéda todas as Seitas Inglezas admittírão a Guilherme III, e ao seu Parlamento, aquella mesma liberdade de Religião, que não quizerão admittir a Jacques II., e desde então gozárão os *Quakeros* por Lei todos os Privilegios, que ainda possuem. Tendo Penn estabelecido a sua seita sem contradicção alguma, tornou para a Pennsylvania, onde os seus Americanos o recebêrão com lagrimas de alegria, como hum Pai, que torna para os braços de seus Filhos. Todas as suas Leis tinhão em sua auzencia sido religiozamente observadas. Este Legislador permaneceo algum tempo em Phyladelphîa, e contra sua vontade teve de voltar a Londres para solicitar novas vantagens a favor do Commercio da Pennsylvania, que não tornou a ver, pois faleceo em Londres em 1718.

Não podemos ajuizar do fim que terá a Seita dos *Quakeros* na America; sabemos que em Inglaterra deminue consideravelmente. Os *Quakeros* não podem ter voto no Parlamento, nem exercer Empregos Públicos, porém he necessario prestar juramento, e como o jurar he contra os seus principios sómente se applicão ao Commercio.

ARTIGO V.

BIOGRAFIA.

Francisco Manoel do Nascimento.

(Continuado do N.° X. pag. 184.)

Toda a cafila dos ruins versejadores, dos *Cotins*, e dos *Prados*, dos *Bavios*, e dos *Mevios* Portuguezes, poderosa pelo número, pois com pouca differença abrangia toda a Literatura do tempo, e pelo esteio, que deparava em alguns grandes, e mesmo algumas mulheres, que entradas nesta ridicula carreira, as-

sentavão defender o seu amor proprio, se conspirárão contra o Poeta. He verdade, que estes inimigos não conhecião toda a estensão da superioridade, com que elle os opprimia, porém ella tinha em sua apparição despedido hum fulgor mui brilhante, excitado hum agradavel pasmo, e acquistado illustres, e desinteressados suffragios; não podião os invejosos deixar de a conhecer, e a aborrecião. Por outra parte, elle empenhado a seu pezar no lance, não queria ceder; huma nobre sobranceria, e a consciencia das proprias forças exaltárão sua alma, pagou sarcasmos com sarcasmos, exprimindo com huma franqueza ora amarga, e ora graciosa o menoscabo, em que os tinha, e o miseravel systema de Poesia, que patrocinavão. Satisfeito com esta primeira victoria, continuou a caminhar pela estrada, por onde lhe servião de guia hum feliz instincto, o sentimento do verdadeiro Bello, e exactidão de seu espirito.

Cessou a inveja de escrever, porém não de perseguir; e he deploravel coisa, que as desgraças de Francisco Manoel começassem com a sua reputação literaria; e que as vinganças implacaveis de que foi depois victima, se fundassem realmente em alguns amores proprios offendidos, e no resentimento de emulos, que elle já não castigava senão com o seu exemplo. Não ha maior inimigo do que hum grande talento quando os grandes talentos são raros, e bem o prova Francisco Manoel, que se vio obrigado a perder sua caza, e bens, e refugiar-se em França, aonde aportou depois de 27 dias de huma perigoza Navegação, em Havre de Grace, em 12 de Agosto de 1778. de Havre de Grace partio para Paríz aos 13 do mesmo mez, e anno. Alli o total abandono, o desgosto, e as saudades da Patria o fizerão cahir doente, e se passou mais de hum anno sem que elle bebesse alguma destracção necessaria na novidade dos lugares, em que se achava cansado, e nos encantos do Estudo. E que constancia não era necessaria a hum homem que nascendo rico em o seu Paiz, via-se agora em terra alhea destituido de soccorros, com os seus bens confiscados, e reduzido ao simples, e escaço necessario, que muitas vezes lhe faltava?

Nomeou-se passados muitos annos para Embaixador em Haya o Excellentissimo Antonio de Araujo de Azevedo, depois Minis-

tro, e Secretario de Estado, (Emprego, em que falleceo no Brazil), e Conde da Barca. Este Fidalgo, bom Poeta, apaixonado de todos os Cultores das Muzas, era amigo de Francisco Manoel, e do pequeno número daquelles, a quem as desgraças do Poeta não tinhão feito esquecer o vinculo, que entre elles havia. Chamou-o pois á sua rezidencia, e em sua caza elle desfructou toda a tranquilidade, e prazeres da mais generoza hospitalidade. Nem lhe foi absolutamente inutil este bom acolhimento, que fizera ao Poeta, que muito o servio, e cooperou para o bom exito da sua missão, nos tenebrozos, e dificeis tempos da Revolução Franceza. Retirando-se de Haya o Embaixador voltou Francisco Manoel para Paríz, d'onde não tornou a sahir. O continuado trato com os Francezes não lhe fez esquecer a lingua materna: o seu affecto a este bello Idioma se confundia com o que tinha á Patria, guardando cuidadozamente o tacto das suas bellezas classicas, de sua elegancia, e pureza.

As obras de Francisco Manoel enchem numerozos Volumes. De París estava continuamente enviando a seus amigos brilhantes Epistolas de todos os generos, e em que se mostra digno rival de Horacio, Pope, e Boileau, e cuja amavel leitura era em Portugal anciozamente devorada por todos os amadores da Poezia, e do bom gosto, e especialmente depois da revolução não houve Portuguez instruido que indo a París não tivesse por grande ventura, e por huma especie de dever o vizitá-lo. Teve mesmo a consolação de ainda ver alguns daquelles amigos antigos, á maior parte dos quaes tem a infelicidade de sobreviver. Nestas occaziões tão raras, e tão gratas he que elle perdia o sentimento de suas desgraças, e de suas privações. Sentado á meza com estes companheiros de sua mocidade deixava escapar de sua reanimada veia algumas daquellas Odes, que parecem sahidas dos moldes do seu mimozo Horacio, e que fazem as nossas delicias. Os comvivas se extaziavão de ouvi-lo, e em breve sentião o coração soffocado vendo hum Homem de tão raro talento, e digno de occupar em sua Patria os mais honorificos empregos languindo entre Estrangeiros, velho, e pobre, conservando a paz de seu coração, e recobrando o ledo dezafogo de seus dias felices para festijar seus

amigos, e tendo por exuberante fortuna o virem elles sentar-se a sua meza indigente.

Foi em París que elle compoz ao som dos triunphos dos Francezes, e dos Americanos no Novo Mundo a soberba Ode que principia.

As Armadas undivagas povoão
Os mares das Antilhas;

Formoza imitação da de Horacio

Pastor cum traheret per freta navibus.

E que a excede tanto em colorido, metro, e sublimidade, e interesse. Foi em París que traduzio a elegante Chronica Latina que escrevêra Osorio *de rebus Emanuelis magni* traducção verdadeiramente Nacional, e classica, e que o Governo por entrevenção do Excellentissimo Conde da Barca fez imprimir á sua custa.

A Poezia Lyrica he o genero em que Francisco Manoel sobre-sahe, e he então que marcha com passo firme pelo trilho dos antigos, cujas melhores producções emulas sempre, e muitas vezes excede. Quando he Pindaro nota o Leitor com prazer que o he sempre á maneira de Horacio, misturando sempre o grave com o brando, e o engraçado com o severo até nos assumptos, que são puramente heroicos. Não tem rival no genero de Ode, que se denomina Horaciana, e que toma para objecto de seu canto a rizonha Phylosophia do Epicuro, a arte de enganar o vôo do Tempo, o prazer dos Festins, e as doces folgas de huma tranquilla indolencia, hum grato esquecimento dos dissabores, e da vida, finalmente aquella Phylosophia que brinca com a morte, enlaça os Cyprestes com as rozas, e para que nos instigue a gozar, põe ás vezes hum Tumulo na longinqua Perspectiva da mais delicioza Paugagem, e entre os encantos da Natureza. Nestes assumptos he que Francisco Manoel possue com especialidade o segredo da graça, sem o desaire de copiar, ou de esforçar-se. He admiravel o modo com que elle ageita o nosso Idioma aos

mais puros, e felices torneios das Musas Latinas. Advinhão os profundos estudos, que nos esconde a natural correnteza, e morbido abandono do Escriptor. Presente-se que largamente se cingira com o azeite do Athleta, porém não se lhe descobre o resto. Francisco Manoel tem de tal modo a propriado a si o estylo de Horacio, sua escolha de idéas, harmonia de Rhythmo, marcha, e corte de Strophes, maneira de colorir, oppozições, concizão elegante, e artificio de digressões, e modo de entrar outra vez no assumpto sem violencia, e a viveza de acabar huma Ode, sem lhe esgotar o assumpto; e o que he ainda mais difficil a justa porporção das partes, e do todo, que algumas de suas milhores Peças parecem ser novas variantes daquelle Poeta divino.

Francisco Manoel he todo Horacio; não porque o copie como escravo, ou nos prezentes retalhos delle, mas porque o imita em tudo como o mais habil de seus discipulos; porque se apropria as suas qualidades; refundías em assumptos analogos; e deixando com o gosto mais puro ao Poeta Romano o que he essencialmente Romano, ageita aos uzos dos tempos modernos, e costumes da nossa Patria, aquellas eternas Bellezas, que são de todos os tempos, e de todos os lugares. Em huma palavra, vê-se que o Poeta de Tibur se expressaria assim na Lingua de Camões, e no Seculo 18. Boileau se desvanecia de haver intercallado em sua Arte Poetica cincoenta versos de Horacio, semelhantes mutuações dos Authores classicos, são o cunho do verdadeiro talento, e nutrido com estudos fortes especialmente quando o caracter geral do Estylo, ainda nas coizas puramente modernas conserva o scello daquelle gosto antigo a que convém recorrer sempre, em toda a boa Literatura este foi o segredo dos grandes Homens do seculo de Luiz IV. de Milton, e de Camões.

He pena que Francisco Manoel não acabasse o Poema dos Fastos Portuguezes. O que delle escreveo he cheio de bellezas, e o plano que tinha concebido prometteo á sua Nação hum digno imitador de Ovidio. Que infinita variedade de tom, e cores que thezouro de Poezia no vasto quadro dos costumes originaes, dos uzos do anno na Côrte, na Cidade, no Campo, nas elegan-

tes Quintas do Rico, e nas humildes cabanas do Colono, ou na choça de junco do Pescador! Nas pinturas das solemnidades religiozas, das Romarias, das Festas cazeiras, dos monumentos, das antigas tradicções Mouriscas, e Portuguezas, historicas, e populares, da vida agricola, e da vida pastoral da Estremadura, e da Beira, e dos sitios mais risonhos, e mais magnificos; porém esta bella compozição necessitava de muitas riquezas locaes, e he a unica que elle não podia acabar, e aperfeiçoar longe da Patria. A nossa Literatura lhe deve tambem huma verção metrica do Oberon, Poema do célebre Poeta Alemão Wieland, e outra da Medea de Longipierre, e do Metridates de Racine, que pára em mão de Mr. Rey, Mercador de Livros, sem que saibamos porque absurdo motivo ainda não a tem imprimido.

Este Grande Poeta na idade de 78 annos conserva ainda a cabeça desembaraçada, e forte, e huma imaginação viva, e fresca. O mundo ficou assombrado quando o vio por peito a emprehender, e acabar na idade de 73 annos huma completa traducção em verso das Fabulas de Lafontaine, trabalho immenso, a que se entregou com ancia, e verdadeira traducção, em que o copista mostra sempre a graça, e facilidade do modello; porém mais assombrado ficou quando dahi a tres annos apparecêrão por elle traduzidos em verso os 24 cantos do Poema, que Mr. de Chateaubriand tinha escripto em proza Franceza, e que se intitula os Martyres. Se a traducção de La Fontaine apresentava quasi insuperaveis difficuldades em razão dos seus muitos idiotismos, e phrazes familiares, que são as graças de estylo, que mui custosamente passão de hum idioma para outro; a traducção dos Martyres não as offerecia menores, pela sua estenção, pela novidade dos objectos alli pintados, e mais que tudo pela difficil empreza de reduzir a metro ainda a mais elevada proza, sem que fiquem resaibos de sua primeira fórma.

A força, e a graça são os caracteres dominantes das suas compozições. Francisco Manoel he, sem exageração o nosso Horacio, e o nosso Boileau, e muitas vezes o nosso Tibulo, e Anacreonte por hum grande número de versos Eroticos, em que admiramos o ameno colorido de Albano, e ás vezes as suas graças

hum pouco affectadas. Neste genero he elle em geral menos puro, e menos antigo, que em suas Odes Horacianas, que são a baze mais sólida da sua gloria; nellas he que elle não tem ornatos ambiciozos; graciozamente ouzado cria novas expressões, e phrazes, porém sempre com bom gosto, sem neologismo inutil, ou estravagante; com hum ar livre, e facil, e consagrando sempre pelo cunho particular, que lhe imprime as felices innovações, que se permitte. Não dissimulamos o seu defeito geral na Poezia Erotica, em que seria muito mais perfeito, se tivesse menos vezes o espirito de Ovidio, em coizas, em que melhor assentára a purissima simplicidade de Anacreonte, e Tibullo.

Este grande Homem, cujo nome só morrerá quando morrer a Poezia adoça ainda as privações de sua decrepitude com o assiduo commercio das Muzas, e de Amizade. As traducções, que de suas obras tem apparecido mostrão o apreço, que os Francezes fazem de seu talento, sua existencia em París he a de hum Cidadão indigente sua velhice não lhe deixa esperança de tornar a ver Lisboa, nem as Nymphas do Tejo, que tanto tem celebrado. Seus Escriptos, são hum authentico testemunho do affecto com que preza a sua Patria, e da sua resignação na desgraça a fortuna póde ferilo porém não humilhalo, ou abatello, a estima de si mesmo nobre origem do verdadeiro valor, e de toda a dignidade no Homem lhe deu força para supportar sem fasto, e com resignação de hum Phylosopho prático o maior peco da desventura; e ninguem mereceo milhor que lhe applicassem estas bellas expressões de Cicero. „ Magna etiam illa lacus, et admi-
„ rabilis videri solet, tulisse casus sapienter adversos, non fra-
„ ctum esse fortuna; retinuisse in rebus arduis dignitatem.

ADVERTENCIA

AOS

SENHORES SUBSCRIPTORES.

A fim de conciliar a utilidade com a commodidade pública, relativamente a este Periodico; isto he para que elle, minorando-se a despeza, possa com tudo encerrar os mesmos Artigos: resolvemos que para o Trimestre seguinte (cujo 1.º N.º *sahirá no dia* 13 *de Novembro) se fação as Assignaturas a* 600 *réis, e se vendão a* 40 *réis por Folha os Numeros avulsos; havendo de constar cada hum delles de huma, ou huma e meia, até duas Folhas, e sendo daqui por diante a impressão em outro typo mais miudo, a que chamamos* Entreduo. *As Assignaturas continuão-se nas mesmas Lojas.*

OBSERVADOR PORTUGUEZ

OBRA DE ERUDIÇÃO, E RECREIO.

POR

HUMA SOCIEDADE DE LITERATOS.

TOMO II.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO DE ALCOBIA:
ANNO DE 1818

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO I.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

O Bom, e o Bello.

EXaminando os objectos proprios para delinear a idéa do *Bello*, acharemos que vai com ella envolvida a idéa do *Bom*, que sempre se lhe mistura por huma daquellas rápidas operações do nosso espirito, que de muitas idéas parece formar só huma. Todos concordão em que, para os objectos serem bellos, devem ser grandes, isto he, devem ter toda a relativa grandeza, que a sua especie permitte; porque o mais pequeno objecto póde ser bello, comparado aos seus semelhantes: huma Rosa he bella quando tem toda a grandeza, e lustre possivel em huma Rosa, e então he mais activa, e mais agradavel a impressão, que faz em os nossos sentidos: hum Cavallo he bello em proporção que a sua corpulencia, a flexibilidade dos seus jarretes, o luzir da sua pelle, a soberba do seu aspecto, e o fogo, que respira por olhos, e por ventas, attestão o seu vigor, e ligeireza.

O Auctor do artigo *Bello* na Encyclopedia serve-se do exemplo de hum bello Cavallo, para combater o Auctor do *Ensayo sobre o Mérito, e a Virtude*, que refere ao *Bom* o principio do *Bello*. „ Hum bello Cavallo, que passa pela rua (diz elle) parece bello a quantos o vêem, posto que nenhuma esperança tenhão de o possuir. „ Esta objecção he pouco reflexionada: quando admiramos a belleza de hum objecto, que parece não ter comnosco relação alguma, por huma illusão momentanea tomamos o lugar daquella pessoa, que está em circunstancias de o gozar: esta acção reflexa do nosso entendimento, ou antes, da nossa sensibilidade, repete-se quasi a cada instante da vida; e he provavelmente com este fio que a Natureza nos prendeo aos outros seres, sem o que para todos seriamos indifferentes: deste modo, quando hum campo nos parece bello, nós por hum momento nos identificamos com

aquelle, que lhe recolhe os fructos. A belleza do Universo nasce da ordem, que lhe contemplamos, e em especial das vantagens que della resultão aos entes sensiveis, que encerra, em cujo número nos contamos.

Nas producções da Arte, assim como nas da Natureza, consiste o *Bello* nas idéas da grandeza, e exacta correspondencia da execução com hum designio util, que sempre em nosso espirito accordão. A idéa da grandeza excita ordinariamente a do poder: e quem he que não sabe porque motivo esta ultima attrahe tanto os Homens? querer-se-hia por ventura ser poderoso, se dahi não viesse proveito? a grandeza, e a humildade serião maneiras de existir absolutamente indifferentes, se não fossem as vantagens inherentes a huma, e os inconvenientes, que acompanhão sempre a outra.

As proporções de hum bello edificio agradão-nos, porque exactamente preenchem o fim proposto, e concorrem para a grandeza, e solidéz da obra ainda mais que para a sua belleza: pouco admirariamos os mais bem acabados capiteis Corinthios, collocados sobre columnas cujas dimensões não promettessem bastante segurança ao pezo daquellas grandes massas, que tinhão de sustentar: os ornatos só produzem bom effeito quando reunem as qualidades essenciaes: desdenhão-se os prazeres frivolos, quando se não gozão aquelles, que são indispensaveis: hum tecto pintado por Miguel Angelo não deleitaria hum Homem, que receasse vêllo desabar sobre a sua cabeça: por semelhantes impressões, ainda que menos manifestas, he que ordinariamente julgamos os objectos, sem que o nosso espirito pareça advertillo. A architectura Gothica desapraz-nos, porque os ornatos, de que excessivamente se carrega, e a falta sensivel de proporção em seus meios, ainda mais do que provão o máo gosto do Artista, annuncião a fragilidade do edificio; por isso que, servindo lhe de regra o capricho, offerece muitos objectos sem designio; e que as suas multiplicadas figuras, em vez de nos recordarem a Natureza, no-la fazem antolhar desordenada, atormentando em consequencia a nossa imaginação.

Dir-se-ha talvez, que, se tudo consiste na grandeza, e solidéz; nada he mais facil do que obter essas prerogativas; porém esta idéa he falsa: ellas dependem de huma certa proporção nos meios empregados para as obter; prodigados estes meios, prejudicão o objecto proposto, e estorvão o seu uso. He pois a precisa correspondencia dos meios com hum fim util, e grande, que faz com que as cousas sejão bellas; e he isto o que os nossos sentidos observão, logo que são feridos por algum objecto, com que se depara esta feliz correspondencia.

Pelo que respeita ás outras artes de imitação, e ás obras do entendimento, a que se dá o titulo de bellas, o seu intento he excitarnos novas sensações, ajuntar entes possiveis aos outros existentes, e, por assim dizer, crear para nós hum novo Mundo, ou lisongear as paixões, que amamos, prestando-lhe côres, capazes de ainda as fazer mais seductoras, do que na verdade o são. Que poderia pois movernos maior interesse, do que as artes, ou suas producções?

Mui facil cousa he, segundo este juizo, que a nossa admiração para com o Artista se confunda com o prazer real, que nos causa a

sua obra, e dar o nome de bello ao que muitas vezes só tem o mérito da difficuldade vencida: a moda, a affeição, e a curiosidade contribuem para fazer incerta, e arbitraria a idéa do *Bello*, assim como para offuscar as regras, que nos ensinão a achallo; e o que augmenta a difficuldade de referir a hum principio geral tudo o que tem relações com o *Bello*, são as falsas applicações, que deste termo todos os dias fazemos, porque cada qual dá indistinctamente esta qualificação aos objectos mais simplices, e mais communs, conforme a conta em que os tem: hum Botanico com toda a sua boa fé, se maravilha de huma mesquinha planta, calcada aos pés por aquelles, que de outro modo a aprecião: hum Artezão chama bellas as suas obras, por mais grosseiras, e insignificantes que sejão: porém destas mesmas differentes maneiras de applicar a palavra *Bello*, se conclue que elle só he fundado em idéas relativas, entre as quaes o *Bom* occupa sempre o primeiro lugar; de modo que nada he *Bello* se não he *Bom*, já que não para nós, ao menos para os outros, com quem mentalmente nos identificamos.

Mas nem tudo, o que he *Bom*, he *Bello*: só damos este nome aos objectos cujas relações facilmente achamos, e he sem duvida por esta razão que os pertencentes ao gosto, e olfacto nunca se chamarão bellos, sendo as qualidades, que os fazem agradaveis a estes dois sentidos fundados em proporções, que não attingimos: deste modo a idéa das proporções entra necessariamente na idéa do *Bello*: toda a proporção suppõe muitos termos correlativos, de cuja disposição he elle o resultado. Esta disposição pode variar ao infinito: as partes, que constituem cada hum dos seres, differentes em cada especie por sua disposição, tamanho, estructura, e vinculos; e todas estas differentes relações não são por consequencia em si mesmas, nem bellas, nem deformes, pois que não tem hum modelo commum; e sómente são taes aos olhos, de quem julga se preenchem o fim para que parecem estabelecidas, ou se convem aos usos, que dellas se podem fazer.

He pois o *Bello* huma maneira de ser, que se refere aos nossos prazeres, necessidades, e organisação, ou ao illusorio, e momentaneo interesse, que nos prende a estes objectos.

N. B. Este Artigo he extractado do Cap. 1. da 2. Parte do *Systema Physico, e Moral da Mulher*, obra excellente do Doutor Pedro Roussel, em que, assim como Descartes, e Montesquieu havião pertendido esclarecer a Philosophia com a Medicina, pertendeo elle esclarecer a Medicina com a Philosophia: obra, de que disse Laharpe „ que he escripta com elegancia; que as suas observações são de hum verdadeiro Philosopho; que o seu estillo he de hum sabio Escriptor, e de hum Homem sensivel; e que dá gosto a ler-se, não obstante o ser fundamentalmente scientifica „

Moniz.

ARTIGO II.

POEZIA.

Ode 3. do L. 3. de Horacio, traduzida em igual número de Versos, em medida aproximada.

Ao Varão justo, e em seus propostos firme,
Não o Povo, que ardente ordena insanias,
Nem do Tyranno o formidavel vulto
D'altas tenções o desce;

Nem Austro fero, que intumece o Adria,
Nem a dextra de Jove fulminante:
Se o Mundo se alluir, hão de esmagallo
Impavido as ruinas.

Pollux dest'arte, e o vagabundo Alcides
Seguros na mansão celeste entrárão;
Entre elles recostado Augusto o nectar
Com rosea bocca bebe.

Dest'arte, ó Baccho, te puxarão Tigres
No indocil collo supportando o jugo;
E do Acheronte se esquivou Quirino
Na Quadriga de Marte,

Quando placida aos Deoses em conselho
Disse Juno ,, Fatal a Ilion, Ilion
Incestuoso Juiz, Mulher estranha
A reduzio a cinzas.

,, Des'que os Deoses fraudou Laomedonte
Do promettido premio, condemnada
Por mim, e por Minerva com seu Povo,
E fraudulento Chefe.

,, Já da Lacena adultera não vive
O Hospede infame, ou a Familia perfida
De Priamo repelle Achêos pugnazes
Co'as Hectoreas fadigas;

„ E, por nossas discordias prolongada,
He finda a guerra: as graves pois a Marte
Iras resignarei, e o Neto odioso
Nascido de Troyana

„ Sacerdotiza: aos lúcidos assentos
Convirei que elle suba, e saborêe
Nectareos succos, admittido á serie
Pacifica dos Deoses:

„ Com tanto que entre Troya, e Roma longo
Rebrame o Mar, em toda a parte reinem
Os exules felizes: no sepulchro
De Priamo, e de Páris

„ Com tanto que o Armento folgue, e as Feras
Seus cachorros aninhem, permaneça
Fulgente o Capitolio, e altiva impere
Roma aos vencidos Médos:

„ A's Regiões extremas temerosa
Amplo estenda o seu Nome; ou onde a Europa
D'Africa o Mar separa, ou onde réga
Túmido o Nilo os campos:

„ Mais invencivel se despreza o ouro
Sotterrado, e melhor na terra occulto,
Que a humanos usos se o reduz, sagrado
Tudo quanto ha roubando.

„ Aos mais oppostos terminos do Mundo
Com suas armas chegue; ou vêr lhe apraza
Que terras vexa o Sol, ou quaes as nevoas,
E os pluviaes orvalhos.

„ Mas aos Quirites bellicos ordeno
Taes fados co'esta lei: que mui piedosos,
Nem mui confiados, reparar pertendão
Da avita Troya os muros,

„ Mal agourada renascendo Troya,
Seus fados tornaráõ em seu exicio;
Esposa, e Irmãa de Jove, eu mesma as turmas
Guiando vencedoras.

„ Se aheneo o muro erguer tres vezes Phebo,
Hão de tres derriballo os meus Argivos;
Ha de tres vezes a Mulher captiva
Chorar Espozo, e Filhos „

Mal vem taes cousas na jocosa Lyra:
Que fazes, Musa? As practicas dos Deoses
Mais não refiras pertinaz, cantando
Em tenue som grandezas.

Por Nuno Alvares Pereira
Pato Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Juizo sobre o Poema = Newton. =

Este Poema tão gabado por seu Auctor, que chegou a descocadamente imprimir que *era o Poema, em que havia mais imaginação*, não deixa por isso de ser della absolutamente desprovido. Seu andamento he tedioso, e vulgar, (parece huma composição de estudante; sem variedade, nem economia): seu estillo he despido de toda a belleza Poetica, seu maravilhoso absurdo, e nullo, e sua metrificação monotona, e de huma dureza insoffrivel. Em nossa consciencia assentamos que ninguem ainda teve a habilidade de mais completamente estropiar hum rico assumpto. Tenha embora passado por duas Edicções, o que he mui facil, quando para esse fim se imprimem poucos exemplares, e a Obra tem hum Titulo, que promette muito; embora fosse pelo Auctor corrigido; quando huma Obra he essensialmente má; isto he quando o defeito está no *todo*, e não em algumas *das partes*, he baldado o trabalho das Emendas, que nunca a farão boa.

Principia o Poema com huma descripção de Madrugada, que he hum lugar commum, e logo nesta primeira tirada se notão todos os defeitos do estillo do Auctor, que são o embrulhamento gramatical, a indigesta mistura de imagens colhidas á tôa em differentes escriptos, e cirzidas com linhas caseiras; a insupportavel diffusão, e a carencia de harmonia metrica. Senão vejão-se os seguintes versos:

Herão os Ceos Orientaes banhados.

. . . . . .

Da luz primeira ondulações mandava.

. . . . . .

Dava o tributo dos primeiros hymnos;

. . . . . .

E já co' a debil luz, que hum raio esparge,

. . . . . .

Que tece, e *gasta a teia* da existencia,

ora perguntamos a todo o Leitor intelligente, e desapaixonado se nestas regras accentuadas encontra o menor vestigio daquella melodia, que constitue a essencia do verso? quem tem ouvidos, que se não arrepiem com o ingrato son, que formão as palavras *e gasta a teia*? sente depois o Poeta arrebatar-se em hum sonho, (que não deixa de comparar ao de Scipião) por *hum Genio habitador do Olympo*, pelos espassos etherios, e depois de huma inundação de palavras, e desconexas imagens, em que sempre mais ou menos apparece o plagiato,

Eis *no gremio da paz* serena, e doce
Se me antolha pizar *de Heroes o alcaçar*
Extatico bradando,, *Ah! não* por certo
,, Póde ser este o terreal assento.

Não entendemos, (e cremos que aos Leitores succederá o mesmo) que cousa seja o *Alcaçar de Heroes*, que se piza no *gremio da paz*, nem como o Auctor arrebatado aos Ceos, d'onde diz que apenas deviza

Grossas nuvens pousar na Terra inerte

póde lembrar-se de que

Póde ser este o terreal assento!

como faz nesta anti-gramatica algaravia, e cacaphonicos versos; mas deixando de parte, por ora, estes reparos miudos, fica o cantor de Newton, sem delle se lembrar, nem do seu Guia, a exclamar por mais de 200 versos, em que falla nos ares, no Sol, na Lua, nos Cometas, nas Estrellas, nos Astros Centraes, nos seus Satelites, no Apenino, no Mar Tirrheno, nas Agoas, nos Ventos, nas Chuvas, nas Nuvens, nos Relampagos, no Enxofre, no Betume, nos Alcalis, nos Vapores, nas Pyramides, nas Traves, nos Dragos, nas Auroras Boreaes, no Iris, nos Phenomenos da luz reflexa, na existencia de Deos &c., e isto tudo (conforme o costume do Auctor, e de todos aquelles, que tractão materias, em que são hospedes,) sem algum colorido Poetico, e sem aquellas pictorescas imagens de que Darwin, Delille, e todos os grandes Poetas Phylosophos costumão revestir os objectos scientificos. Tendo pois muito á sua vontade prégado em deserto, dá fé de hum Templo, que

Nem alma concebeo, nem olhos virão

como elle diz com a sua uzual elegancia, com fachada de cristal, Arcos, Columnas, Archytraves de Pedraria oriental, e huma cupula que *fulgura* como *fulge* o Diamante de Narsinga, e outras circunstancias quejandas mais dignas das *mil e huma Noites* que d'hum Poema Phylosophico, e que nos obriga a exclamar com o Poeta Italiano

Sogni d'Infermo, e folle di Romanzo,

ora á vista de hum Templo desta casta, que menos póde fazer o Poeta? poem-se agritar:

Quem dá força a meu Estro, e quem sustenta

Meus temerarios sobre-humanos vôos ?
Como á *Verdade franquear eu devo*
Té agora as bronzeas, ferrolhadas portas
De crença, e cuja luz não seja avara
A turba indocil do inconstante vulgo ?

Ainda que o Auctor nos não tivesse advertido que sonhava, bastaria para no-lo indicar a confusão gramatical, que neste Periodo reina produzindo a mais tenebrosa amphibologia ? para o Auctor fallar Portuguez, deveria dizer ,, como posso franquear as até agora ferrolhadas portas da Verdade, a cuja luz não seja avara de crença a turba &c. que he rigorosamente o opposto do, que disse, pois *franquear á Verdade as portas até agora ferrolhadas* he dizer que a Verdade nunca pelas taes portas tinha entrado, e o Poeta o que quer dizer, he, como nos explicamos acima, que pertende abrir as portas da Verdade, que até alli tinhão estado fechadas. Seja como for, lembrou-lhe o *odi profanum vulgus* de Horacio; e o *procul este, profani* de Virgilio, e poz-se tambem a vociferar *longe, longe, oh Profanos*, sem embargo de lá não estarem *profanos*, nem *não profanos*, porque estava alli só elle, e o Genio, e continúa apostrophando a Verdade:

Se tu reges,
Se tu mesma, oh Verdade, o canto animas,
Se me encordoas *Cythara toante*
Para o Templo celeste *appresso o passo*,

como se para entrar no domicilio da Verdade fosse preciso levar a Cythara affinada: desata-se em invectivas contra os seus Emulos, e lisongêa-se de vêr desarmada a Inveja sobre o seu sepulchro, como se alguem podesse invejar os seus alcunhados Poemas, e insipidos Escriptos. Ao chegar ao Perestyllo do Templo, apparece-lhe huma Matrona, que *não conhece se he Mulher, se he Deosa*, como diz em hum prosaico verso, e que sem ceremonia o abraça, fazendo-lhe hum esfarrapado cumprimento ácerca das suas fadigas literarias, e lhe diz que deve naquelle dia receber o premio da Sapiencia, e lhe faz hum intempestivo aranzel sobre as differentes castas de amor, a que reduz todas as paixões, e sentimentos, paradoxo, que nem ao menos he de sua invenção; diz-lhe finalmente que aquelle Templo

Encerra dentro em si Phylosophia
Altares alli tem, do Monte excelso
Genio a tem feito Tutelar os Numes,
Sacerdotes *são seus, são seus* Ministros
Esses engenhos transcendentes, vastos,
Que tão raro entre *vós azilo* encontrão,
Sustento, protecção, respeito, escudo,
A Fadiga sou eu; *nome tremendo*
A quem de hum occio torpe os braços busca,
E na mole (*Galicismo*) indolencia *a vida exhaure*
Mas he doce o meu nome a quem Virtude, (1)

---

(1) Amphibologia.

A quem merito apraz, *segue-me*, *oh Filho*,
Entra comigo os Porticos do Templo.

Bem se vê que he a Fadiga quem falla, pelo que nos causa a leitura destes disonos, e antipoeticos versos, e todo o Poema he neste estillo! a expressão *segue-me*, *oh Filho*, na boca da Deosa, dá ares da phrase da Lavadeira do Auctor. Ah! divino Camões! se o teu Poema fosse escripto como este do teu Zoilo, ha quanto tempo já o teu nome teria esquecido! segue-se huma Scena comica, o Auctor convidado pela Deosa para entrar no Templo, transforma-se no medroso da Comedia de Palafox, e começa a exclamar (porque elle he tão exclamador neste Poema, como o Gama sonhador no Oriente)

Que gelido suor me banha a frente!..
De vêa em vêa penetrante frio
O curso ao sangue fervido entorpece!
Tremi confuso, e vacilante o passo
Entre contrarios pensamentos movo.
Vi que d'Icaro o vôo, *a acerba* queda

(Que barbaridade de sons!) .. (que dureza! que impropriedade no epitheto *acerba* applicado a queda)

Desse soberbo, e *deslumbrado Moço*
Que mal regera ignipedes Ethontes
Eu hia renovar!..

Eis o que he hum simile bem tirado! o vôo de Icaro com azas enceradas, e a entrada do Auctor em hum Templo, aonde o introduzia huma Divindade! Eneas quando entrou no Inferno não se mostrou tão Poltrão!...

Entra o Auctor no Templo; nova, e diffusissima descripção! novo lugar commum! tal he sempre o seu methodo de compor! Havia pelas Paredes *insolitas Pinturas*

Quaes *nunca Raphael*, quaes *nunca ousara*
Traçar pincel de Rubens portentoso.
. . . . . .
A primeira familia alli *se ajunta*,
A rotear começa o *campo agreste*,
Nella o Pai foi *Monarcha até foi Numen.*

Cousa que contradiz formalmente a Escriptura, pois Adão não foi adorado por seus Filhos, e nelle, e nossa primeira Mãi, he que começou a primeira familia, e primeira Sociedade, não lhe precedendo como o indica o Auctor os Homens Brutos, e Agrestes; nem elle podia lançar mão desta tradicção erronea dos Antigos Poetas Gentilicos, quando mais adiante poem Adão, e Noé entre os Bustos dos Phylosophos, que adornão este Templo. Semelhante absurdo de misturar a Fabula com a verdade historica não póde desculpar-se em hum homem, que reprehende tanto o uso da Mythologia em Camões. Continua o Auctor em sua antipoetica phrase

Alli se observa progressivamente (1)

---

(1) Este verso digno do Thalaia, e do Henrique de Viola, (assim como

Multiplicar-se sempre a especie humana

e vai mui despejado pelo resto do canto traduzindo a seu modo) que-remos dizer disfigurando quanto á expressão, e colorido) Lucrecio, Milton, e Delille, e traçando os progressos da Sociedade, e do espirito humano; ora he necessario convir que para archytectar este Canto, (a Invenção do Templo he furtada da Malaca conquistada de Sá e Menezes) não era necessario grande exforço de Imaginação.

Continuar-se-há.

N. B. Nem menos de dois Versos escapárão na composição typographica da Ode impressa em o N. 12, o que he evidente pelo discorde, e disparatado sentido que formão estes dois Versos:

Fallai, honradas Cinzas,
Dos que inda por acções o Mundo illustrão;

sendo aliàs que deve ler-se, conforme ao original:

Fallai, honradas Cinzas,
Dos Homens na Memoria venerandos,
Fallai, Genios viventes,
Dos que inda por acções o Mundo illustrão.

Apontamos sómente este erro, por ser de tão grande marca; mas, bem a nosso pezar, conhecemos os muitos, e demasiados erros de typo que podem notar-se em todos os Números passados: e, posto que seja este dezaire, e defeito hum quasi peccado original, a cuja macula he difficil o escapar, por mais desvelo, que nisso haja, esperamos com tudo que elles de ora ávante serão menos frequentes.

Os Números deste Periodico ficarão sahindo todas as segundas feiras.

---

todos os outros, cujos hiatos, cacaphonias, e durezas vão marcadas em Italíco,) mostra bem que he da abundante Hypocrene, de que dimanou, o que vem no Poema = Gama = e o unico que delle sabem de cor os Curiosos de Poezia, pois o que he summamente ridiculo se faz tão celebre como o que he summamente sublime

Eu chamo-me Thomé, no Empyreo moro.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO II.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Mordeduras de Vibora.

FOntana (*) comparando hum grande número de factos, achou que, por exemplo, o alkali volatil, interior, ou exteriormente applicado, nenhum effeito produzia contra este veneno; e que o mesmo succede ao ácido vitriólico, ao ácido nitrico, ao ácido marinho, ao ácido phosphórico, ao ácido espathico, aos alkalis causticos, ou não causticos, tanto mineraes como vegetaes, ao sal marinho, e outros saes neutros: porém os oleos, especialmente o de terebenthina, pareceo-lhe poderem ter alguma utilidade. O melhor uso deste remedio, he o de embeber por longo espaço a parte mordida neste oleo muito quente; e julga tambem Fontana que he util o metter a mesma parte n'agoa, ou seja pura, ou misturada com agoa de cal, ou impregnada de sal commum, ou de outras substancias salinas: deste modo diminue a dor, e a inflammação, e a côr da parte ferida fica menos alterada, e menos livida.

Os vómitos produzidos pelo emetico podem tambem ser uteis: porém o que primeiro olhou Fontana como mais seguro contra os effeitos do veneno da vibora era o retalhar a parte mordida muito pouco tempo depois da mordedura, e conforme a grandeza dos animaes mordidos, porque os mais pequenos são os mais susceptiveis da acção do veneno.

Ainda mais: achando Fontana que os nervos não podem communicar o veneno, que este veneno só se derrama pelo sangue, e que as

(*) Felix Fontana, fallecido em 1805, foi hum dos mais sabios Physicos, e Naturalistas do seculo passado, e Director do Gabinete de Historia Natural em Florença.

feridas venenosas, mas superficiaes, na pelle não são perigosas, julgou que bastava impedir a circulação do sangue na parte mordida, e que nem ainda nos vasos menores era nescessario suspendella para evitar os effeitos do veneno: muitas experiencias o induzirão a crer, que huma ligadura na parte ferida estorvaria a contagião interna, e geral, que mata os animaes; que logo que o veneno opéra no sangue das partes mordidas pela vibora deixa de ser nocivo, e se decompõe produzindo hum mal local, e que passado certo tempo não podia produzír enfermidade interna: porém não dando em geral o uso da ligadura aquella certeza, que Fontana esperava no começo das suas experiencias, tentou outras, e finalmente em hum supplemento ao segundo Tomo do seu *Tratado dos venenos* annunciou, que a pedra infernal destróe a virtude malefica do veneno da vibora; que he este o verdadeiro, e unico especifico contra o seu veneno; e que basta applicalla sobre a ferida, depois de a ter augmentado com algumas convenientes incisões.

Algumas vezes porém não se acode com o remedio a tempo, ou elle se não mistura com o veneno, porque nem sempre se póde fazer penetrar a pedra infernal em todos os lugares, a que chegou o veneno, sendo os buracos feitos pelos dentes da vibora pequenissimos, e ás vezes imperceptiveis, e estendendo-se pela pelle com differentes direcções, e diversas profundidades, conforme as muitas, e mui varias circunstancias: a inflammação, e intumescencia, que sobrevem, augmentão mais a difficuldade de descobrir estas direcções, de maneira que as incisões se fazem quasi á tôa; além de que o veneno introduz-se ás vezes de repente, e em grande quantidade por vir de alguns vasos, que os dentes penetrão, e a mordedura da vibora póde matar mui breve, se os dentes ferirem algum grande vaso de maneira que o veneno chegue rapidamente, e em abundancia ao coração; o animal mordido soffre então huma especie de injecção artificial do veneno, e o mal póde ser incuravel. Não se póde por tanto, segundo diz Fontana, ter a pedra infernal por sempre infallivel remedio contra as mordeduras de vibora; mas não se póde duvidar dos seus bons effeitos, e bem póde dizer-se que he este o verdadeiro especifico contra o seu veneno.

Finalmente, o veneno da vibora não he tão perigoso para os homens, e para os grandes animaes quadrupedes como commumente se julga; nem pela sua mordedura deve desconfiar-se da vida, ainda mesmo no caso de nenhum remedio lhe fazer, sendo muitas vezes o grande susto, que tal accidente inspira, huma grande causa de suas funestas consequencias.

„ Huma simples mordedura de vibora (diz Fontana) não he de sua „ natureza mortal; ainda mesmo no caso do sugeito seu mordido por duas, „ ou tres viboras, seria sim mais grave a molestia, mas provavel- „ mente não seria mortal; e ainda que huma vibora mordesse hum ho- „ mem seis, ou sete vezes, e ainda que ella nas mordeduras distilasse „ todo o veneno, que as suas vesiculas contém, nem por isso se deve- „ ria esmorecer „

N B Taes são os resultados das mais importantes experiencias, que, sobre os effeitos, e qualidade do veneno da vibora, atégora se tem fei-

to : isto he , quanto á vibora animal reptil ; porque , quanto á vibora animal homem , tal como esse, que a este Periodico chamou *Jornal de bichos peçonhentos*, *e dos reptiz venenosos*, o verdadeiro curativo de suas mordeduras he o desprezo. *Moniz.*

ARTIGO II.

POEZIA.

Ode Anacreontica.

Se Pindaro leio,
Ao Ceo cristalino
Me leva nas azas
Seu Estro divino.

Das puras espheras
Escuto a harmonia,
Nos Numes á Meza
Gostando a ambrosia.

Mas quando a mim torno
Como o, que findou
D'hum sonho, que fundos
Vestigios deixou:

Falesce a coragem,
E, com dissabor,
A Lyra, que pulso
Desejo depor.

Porém se, a Phylinto
Os olhos voltando,
Nos ares o vejo
Qual Jove troando,

Dos Ceos novamente
Me occorre a visão,
E foge da idéa
A antiga tenção.

Pois vejo, hindo a Lyra
De novo tomar,
Que o Numen de Thebas
Se póde igualar.

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Juizo sobre o Poema = Newton. = Continuado do Número 1.

Temos passado todo o primeiro Canto de hum Poema, que se intitula Newton, sem ainda vermos fazer menção de Newton; nem saberiamos qual he o assumpto, que o Poeta quer tractar, senão vissemos o Titulo no frontespicio. E que prova mais evidente póde haver da cracissima ignorancia, em que o Auctor labora ácerca das Regras da Composição? Vejão-se todos os Poemas Didacticos, Epicos, e Descrip-

tivos, e se notará que seus Auctores logo nos primeiros versos entrão em assumpto, e nos mostrão de que se tracta. Porém o Auctor, que, sem ter como, Stay, ou Bóscovick, os conhecimentos Mathematicos, e Physicos em tal empreza indispensaveis, cahira na tentação de fazer hum Poema a Newton, não tendo que dizer, pega-se pelas paredes, lança mão do miseravel recurso de mil digressões heterogeneas, e descripções deslocadas, e só tracta de encher quatro Cantos seja, como for, quando, se tivesse genio, e saber, nos podia interessar cantando as sublimes theorias do Phylosopho Inglez, os milagres da Atracção, os admiraveis effeitos da luz, e a importancia, e utilidade de suas descubertas. Como dissemos acima que o Maravilhoso deste Poema era absurdo, e nullo, observaremos em prova disso que sendo o Poeta, (como diz) arrebatado por hum *Genio habitador do Olympo*, nunca mais em tal Genio se falla; e com effeito, depois de apparecer a Fadiga, que introduz o Poeta no Templo, que papel havia representar o Genio? mas por isso mesmo he que não devia ser introduzido ao principio, pois no plano do Auctor só á Fadiga cumpria arrebata-lo.

Abre-se o segundo Canto com os seguintes versos, em que reina a dureza, e prosaismo, que desfigurão todo o Poema

Da sapiencia antigos Amadores,
Os Sacerdotes do celeste Nume,
Ao sacrosanto *Templo alto ornamento*,
Com seus Bustos em Porfido formavão
Do magestoso altar decoro illustre.
Puro *innocente altar*, onde a profana
Mão despiedada dos Mortaes infrenes
Nunca pozera victimas de sangue.

A primeira cousa, que temos a censurar aqui, he o ridiculo desparate de suppor que no Templo de huma Divindade, que he vivente, anda, e falla, sejão os Sacerdotes de Porfido. Frades de Pedra sabiamos nós que havia pelas Ruas da Cidade nova, mas Sacerdotes de Porfido só no Templo da Phylosophia do Auctor!.. a segunda he a embrulhada gramatical de,, Sacerdotes do celeste Nume, alto ornamento ao Tem-,, plo sacrosanto, que fórmão com seus bustos de Porfido o illustre ,, decoro do magestoso altar ,, que Edipo decifrará o enigma desta Sphynge?. he preciso confessar que inda em nossa lingoa não appareceo hum Poema em estillo mais incorreto, e barbaro. E he este o homem que a si arroga os foros de censor universal? que moteja Camões? que desdenha de Virgilio? que publicou a sua Traducção das Odes de Horacio para *resuscitar a nossa Poesia*? ,, *risum teneatis, amici* ,, ?..

Como no Canto antecedente descreveo as Pinturas do Templo, vai neste descrevendo as Estatuas dos *Sacerdotes de Porfido*. O primeiro que se lhe apresenta he Adão, depois Noé, e vai continuando com Chaldeos, Egypcios, Gregos, Italianos, Alemães, Inglezes, Francezes, pondo assim em verso o Diccionario dos Homens illustres no que diz respeito á Biographia dos Phylosophos. No meio desta Nomenclatura apparece hum turgido Elogio de Seneca, acompanhado da seguinte Nota ,, Creio que se não póde dar mais justa, nem mais merecida

„ Apostrophe. Nós já não temos Seneca; temos os Escriptos de Sene-
„ ca; nunca os volvo, e medito, que me não sinta maior. Eu chamo
„ a cada huma de suas Paginas „ *o Enthusiasmo da Virtude.* Huma
„ palavra de Seneca he hum discurso, que mostra, e persuade a nobre-
„ za do ser humano, a pequenez da Terra, o encanto da Inmortali-
„ dade. „ Seneca não se faz estimavel nem como homem, cousa que até o Auctor confessa adiante, nem como Escriptor. Como homem foi hum Sybarita, que prégava enfaticamente a virtude, que não praticava; hum Adulador de Nero, que teve a baixeza de desculpar o matricidio, que este monstro commettêra contra sua Mãi Agripina. Como Escriptor he o espirito mais Paradoxal, e falto de Dialectica, que appareceo na antiguidade, sem algum merito mais, do que algumas sentenças, que só valem destacadas; he em huma palavra hum *Declamador*, hum *Sophista.* Veja-se a Analyse dos Escriptos de Seneca no Tomo 3. do Lyceo de la Harpe. A paginas 83 sahe com esta apostrophe a Magalhães.

Tu nos meus versos mofaras do Lethes,
E a gloria, que *te nega a Patria ingrata*,
Em suaves cansões *te outhorga* hum Vate,!!!
Ah! permittira o Ceo que o *preço humano* (*Galilismo*)
A' morte não *pagára alma* tão grande!

Já nas Prosas, que precedem o *Oriente* tinha o Auctor chamado a Magalhães *o primeiro dos Humanos.* Não lhe queremos negar a gloria de Grande Navegador; mas sustentamos que foi *máo Cidadão*, e he muito para estranhar que quem, como o Auctor, se quer inculcar tão fervoroso Patriota, tome o partido de hum homem, que negou o nome Portuguez; e foi, com prejuizo da Patria, abrir a hum Monarca Estrangeiro novos caminhos para conquistas. Demais Fernando de Magalhães não foi perseguido; negou-lhe sómente ElRei hum augmento de Moradia, porque o igualava a outros, com quem suas qualidades, segundo as Leis do Reino, lhe não permittião hombrear; logo o epitheto de *ingrata*, que o Auctor dá neste lugar á Patria, he hum escandaloso absurdo; he estabelecer hum principio, que destroe pelas raizes toda a boa Moral, e dissolve todos os vinculos da Sociedade, dando a todo o ambicioso, a quem a Patria não preencha os seus desejos, ainda com deterimento da Constituição, o direito de passar ao serviço de hum Soberano Estrangeiro: esta doutrina póde ser do agrado de muita gente, mas não foi de certo a dos Camilos, dos Fabios, dos Crillons, dos Pachecos, e de todas as grandes Personagens, que souberão alliar o merito com a virtude, e conhecer que os serviços, que hum homem faz á sua Patria, são hum dever, e não hum favor. Não he com tudo nossa opinião que o Auctor tenha a desgraça de seguir semelhante systema, e por isso suppomos que a falta de reflexão com que escreve tudo, e sua absoluta carencia de Logica lhe não deixárão vêr as funestas consequencias, que derivavão do principio que estabelescia.

A Pag 67 diz fallando de Diogenes
Se houve grande Phylosopho he só este!
Era occasião de parodiar assim este verso
Se ha grande desproposito he só este!

Que tal está a alternativa! ou não ha grande Phylosopho, ou, se o ha, he esse o Cynico Diogenes!.. quantos absurdos neste só verso! pois hum homem, que professava a mais ridicula Seita da antiguidade, e que até não merece o nome de Phylosophia, ha de ser maior Phylosopho que Socrates, Platão, Aristoteles? e além disso, não vio o Auctor que o fim do seu Poema era elogiar hum Phylosopho; e que quando *se ha grande Phylosopho só o he Diogenes*, fica Newton inferior a elle?.. Não he isto escrever sem ter na idéa mais do que a Pagina que se escreve? senão aqui temos a Pag. 68 hum Phylosopho, a quem nem o mesmo Newton he superior.

Apolonio eu bem destingo,
Tem nas mãos o compasso; e tem na terra
Immoveis sempre os encovados olhos;
Alli descreve as trabalhosas curvas.
Além disto *não mais surge esta idade*;
Nem mais Eulero diz, *nem mais* la Grange,
Profundo d'Alembert, e o que entre os Astros
Parece andar meditador la Place,
Que o vasto Genio, que penetra abysmos
Lança de Sol em Sol, de mundo em mundo,
Té devisar de tudo o immovel centro!
Tu mesmo, *oh Galileo*, *tu mesmo*, *oh Newton*,
No Laberynto das cruzadas linhas
Não mais atinas....

Quem diria que em hum Poema, cujo Titulo he Newton, seria Newton assim nomeado pela primeira vez? respondão os apaixonados do Auctor (se póde have-los) he isto saber compor? eis-aqui como a Paginas 70, fallando de Pytheas, diminue a gloria de Newton tirando-lhe o merito da invenção,

Talvez nelle encontrasse o germe, a fonte
De seu systema de atracção, sublime
Infatigado explorador Britano!..

Depois do Auctor se ter feito advogado de causas perdidas, e ter mettido mão á espada por Seneca, e Magalhães, fôra inconsequente se deixasse tambem de defender Epicuro, e apezar da sua reconhecida impiedade, e hypocrisia, diz sem rebuço algum

o Vulgo insano
Nelle descobre hum impio, *eu vejo hum Sabio*
Frugal, modesto, taciturno, humilde,
Que d'alma no prazer puro, e sincero
Suprema quiz constituir ventura.

Sabemos que algumas pessoas, ou por malicia, ou por falta de reflexão, pertenderão modernamente fazer acreditar esta voz, que hum Discipulo de Epicuro, para credito de seu Mestre, pertendeo, mas debalde, divulgar entre os antigos: porém todos os, que entendem o, que nos resta de Epicuro conhecem que isto he huma chyméra, pois a palavra *hedone* de que elle usa para explicar o Prazer, não significa, nem póde significar em Grego senão *o prazer dos sentidos*, o que em Latim se

diz *voluptas*. Assim o entendem todos ; e Cicero , que não era pertencente ao *Vulgo insano*, Cicero o maior Phylosopho dos Romanos, e profundamente instruido em todas as Seitas da Phylosophia dos Gregos, diz combatendo Epicuro , e os que pertendião paliar a impiedade de sua doutrina. ,, Hoc frequenter dici solet a vobis , non inteligere ,, nos quam dicat Epicurus *voluptatem*. Quod quidem mihi , si quan- ,, do dictum est, est autem dictum non parum sœpe, etsi satis clemens ,, sum in disputando, tamen interdum soleo subirasci. Ego non inteli- ,, go quid sit *hedone* grece, latine voluptas ,, ? o Abade Bateux, que tambem não era *vulgo insano* , diz o mesmo ,, Epicuro falla de huma ,, voluptuosidade , de que todo o animal logo ao nascer tem conhe- ,, cimento só pelo sentimento , e traz para exemplo o Menino recemnas- ,, cido , e a Besta bruta , que por mero instincto da natureza busca o ,, prazer ; logo a nocção contiuda na palavra *prazer* não he huma cou- ,, sa tão mysteriosa, e difficil de penetrar. ,, Finalmente la Harpe o mais austero Critico, e talvez a cabeça mais dialectica , que tem apparecido em França , se exprime deste modo ,, He igualmente provado que os ,, que tentarão explicar , e justificar a Phylosophia d'Epicuro atribuin- ,, do á alma quanto elle dizia da voluptuosidade , se enganarão em cheio. ,, He verdade que não temos as obras de Epicuro ; porém estas anda- ,, vão no tempo de Cicero em mãos de todos , e quando Cicero cita ,, passagens inteiras como textuaes , em presença de hum Epicurista , ,, a quem desafia para negar o texto , não podemos julgar que Cicero ,, quizesse gratuitamente mentir, e citar de falso quando o podião fa- ,, cilmente desmentir. He tambem certo que Epicuro , como envergo- ,, nhado da sua doutrina (o que he bem crivel) a embrulha em alguns ,, lugares a ponto de correr risco de o não poderem entender , nem ,, conciliar ; e os seus Discipulos , que não querião passar , segundo a ,, expressão de Horacio, por *Porcos da manada de Epicuro* , aprovei- ,, tavão-se destas obscuridades para gritar calumnia, e lamentar-se con- ,, tinuamente de que condemnavão a sua phylosophia porque não a en- ,, tendião, e não foi esta a unica vez que, em circunstancias identicas, ,, se lançou mão deste artificio para remover o odio , ou o perigo de ,, huma doutrina *perversa* , e conservar o direito , e meios de espalhar ,, o contagio della. ,, Ora que tal está a doutrina do homem em que o Auctor vê hum *sabio* ! bastaráõ as citadas authoridades para lhe mostrar que não he só o *Vulgo insano* , quem vê em Epicuro hum *impio* ? cremos que a sua impiedade , e a hypocrisia com que frequentava os Templos, orando fervorosamente aos Deoses , ácerca de quem vinha depois em seus Jardins soltar as blasphemias, que Lucrecio adornou com seus versos, são tão claras, que só he mais claro aquelle clarissimo verso do Auctor

Eu chamo-me Thomé , no Empyreo moro.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique.

A verdadeira origem de huma Casa, não só illustre, e grande, mas excelsa, e soberana, com impreterivel fundamento deve ser objecto da mais cuidadosa, e sábia averiguação. Desta classe he sem dúvida o conhecimento da Ascendencia, e Progenitores do Conde D. Henrique, Soberano Tronco de nossos Augustos Monarcas, e glorioso Fundador do Lusitano Imperio. Do alto nascimento deste Principe ninguem até agora duvidou; porém he tão grande a variedade das opiniões, como se póde vêr no pequeno, mas muito elegante, e bem fundado Tratado, que sobre a presente materia escreveo o Real Conselheiro Duarte Ribeiro de Macedo. E sendo este hum ponto tão importante, que nelle tem interesse não só a Real Familia deste Reino, mas universalmente toda a Europa, ou todas as Corôas da Christandade, nos pareceo poderia merecer alguma desculpa, e ainda ser bem avaliado, e recebido este novo trabalho, e Arvore Genealogica que aqui damos.

O Augusto, e famoso Principe D. Henrique, Conde Soberano, e Senhor de Portugal, de quem faz menção o Conde D. Pedro no seu Nobiliario, ou Livro das Linhagens de Portugal no Tit. 7. como primeiro Ascendente, tronco, e origem de nossos Augustos, e Soberanos Monarcas, foi Filho de Henrique, Principe Herdeiro da Real Casa, e Estado do Ducado de Borgonha, em França, e de sua Esposa D. Sancha, Infanta da Real Casa de Barcelona, e do Real Sangue dos Monarcas Godos de Hespanha; a quem os Escriptores Francezes chamão commummente Sibylla.

A respeito da linha Paterna do Conde D. Henrique, temos primeiramente a irrefragavel authoridade do Codice Floriacense escrito por hum Monge do Mosteiro de Fleury, situado sobre o Rio Loire, na Diocese de Orleans, no mesmo tempo, em que vivia o Conde D. Henrique; e ao menos, em idade muito proxima ao mesmo Conde; e he cousa certa, e indubitavel, que a authoridade do sobredito Codice he sem controversia alguma incontrastavel, e irrefragavel; he certo, e indubitavel, que nos factos puramente historicos, a opinião que he fundada sobre documentos authenticos, e verdadeiros, prevalece, ou prefere á opinião que he fundada meramente sobre a authoridade dos Escriptores, ou sobre méras conjecturas, por ter a primeira destas opiníoes da sua parte maior probabilidade, ou certeza. E he tambem certo, e indubitavel, que em semelhantes casos, ou no concurso, e variedade de Auctores, a authoridade dos Escriptores Nacionaes prefere notavelmente á dos estranhos; por quanto sempre se suppõem estes estarem menos bem instruidos que os nacionaes no conhecimento da

verdade respectiva ao proprio paiz. E he finalmente indubitavel, e certo, que no gráo da méra probabilidade pelos Escriptores, a dos Auctores Coevos, ou quasi Coevos he muito maior que a dos modernos, ou posteriores; principios de que ninguem duvida, nem se deve disputar. E o Auctor do sobredito Codice, além de ser Francez, ou nacional, he tambem Coevo, ou quasi Coevo, como se mostra pelos casos que refere, succedidos naquelle tempo.

A legalidade, e authoridade do sobredito Codice Floriacense, se corrobora, e faz manifesta com a authoridade, e testemunho de outros Escriptores tambem nacionaes, ou Francezes, e anteriores á publicação do mesmo Codice, feita por Pedro Pitheo em Francfort, no anno de 1596. Porque tratando estes da successão de Roberto II. Rei de França, a que chamárão o Devoto, e da primeira linha da Casa de Borgonha, todos affirmão, que Roberto II. Rei de França, o Devoto, tivera filhos; e que destes o primeiro se chamava tambem Roberto, como seu Pai; e o segundo tivera o nome de Henrique; que este fôra Rei de França, e o primeiro Duque de Borgonha; que este Duque Roberto tivera dois filhos, o primeiro chamado Henrique, e o segundo Huges, ou Hugo; que destes Henrique falecêra ainda em vida de seu Pai, o Duque Roberto, deixando successão; e lhe nomeão dois filhos, Huges, ou Hugo; e Eudes, ou Odo; hum dos quaes nomes querem alguns seja o mesmo que Henrique. (1)

Assim testificão Ordorico Vital, que floreceo no fim do Seculo undecimo no Livro 7. e 13. da sua Historia Ecclesiastica: assim o diz tambem o monumento, que se achou no Cartorio da Igreja de Santo Estevão da Cidade de Dyjon, que refere Du-chesne, Hist. Geneolog. des Ducs de Bourgogne; Preuv. pag. 14. Chaulcondilo, que viveo pelos annos de 1460.; e no Livro 5. da sua Historia diz, que os Reis de Portugal procedem da Casa Real de França, segundo refere Godefroy no seu tratado sobre a origem dos Reis de Portugal. Guilherme Paradim na sua estimada Obra dos Annaes de Borgonha, que imprimio em Leão no anno de 1566. no Livro 6. ao anno de 1606. pag. 158. Francisco Belle-forest na sua Obra dos Annaes, e Historia Geral de França, que imprimio em 1573., e pouco depois em 1579. em París, no Livro 3. Cap. 9. pag. 387. João Tillet. na sua Obra, Catalogo dos Reis de França, impressa em París no anno de 1580. a pag. 65.

E concordando assim em tudo os referidos Historiadores Nacionaes, e anteriores á publicação do dito Codice Floriacense, feita por Pedro Pitheo, com o mesmo Codice, e Exemplar em tudo quanto neste se refere, a respeito da geração, e successão, que teve o Principe Henrique, filho de Roberto Duque de Borgonha; e differindo, ou nelle se omitindo sómente o nome de Henrique, Conde Soberano de Portugal, entre os filhos de Henrique, Principe Herdeiro da Casa de Borgonha, e netos do Duque Roberto, de que faz menção o referido Codice, e Exemplar Floriacense, falta, e omissão muito facil, e natural, e tão leve, que nada obsta para a total, e substancial harmo-

(1) Ve Paradim pag. 173.

nia; he certo, que a authoridade do referido Codice, e Exemplar Floriacense muito se corrobora com a fé, e credito, que merecem taes Escriptores.

E se huma falta, ou omissão deste genero bastasse para destruir semelhante harmonia, e negar a existencia de hum Principe; diriamos que Roberto não foi filho de Henrique, Principe Herdeiro do Estado, e Casa de Borgonha, e Irmão de Hugues, e Eudes, todos tres netos do Duque Roberto; de que faz menção Orderico Vital no Livro 13. de sua Historia pag. 1074., porque delle não fazem memoria muitos Auctores, que escrevêrão a Historia de França; o que se não póde affirmar, sabendo todos, que o argumento negativo fundado no puro silencio dos Escriptores, em materia, ou factos historicos, nada vale. Sobre outras circunstancias, pelas quaes tambem se justifica o credito, e authoridade do referido Codice Floriacense, se poderáõ vêr os Auctores que tratão desta materia.

A respeito pois da linha materna do Conde D. Henrique, seguírão alguns Auctores modernos que elle fôra filho de Sibylla, Irmãa de Guilherme II., filhos ambos de Raynaldo I., Conde de Borgonha, e de sua mulher Judith, ou Adelayde de Normandia; o que he erro, ou engano manifesto. Por quanto Eudo, Duque de Borgonha, e Irmão do Conde D. Henrique, casou com Matilde, filha de Guilherme II., e neta de Raynaldo I. Conde de Borgonha; e se Guilherme II. fôra Irmão de Sibylla, e esta Mãi do Duque Eudo, e do Conde D. Henrique, seguia-se que Eudo, e Matilde, como filhos de dos Irmãos, erão entre si Primos com-Irmãos, e neste grão de parentesco não podião casar, nem o Papa naquelle tempo concedia para semelhantes matrimonios a necessaria dispensação; antes em lhe constando, ou tendo noticia de taes casamentos, immediatamente mandava separar os Conjuges; o que na Historia he bem evidente. Veja-se Orderico Vital Hist. Liv. 13. Duchesne Prov. pag. 15. 16. o P. Anselmo. Hist. Geneolog. da Casa Real de França, Tom. 1. pag. 538. 539. Salazar, e Castro, Glorias de la Lasa Farnese Part. 2. Cap. 8. pag. 698., e 704.

Para estabelecer pois a verdadeira filiação, e linha materna do Conde D. Henrique, he preciso advertir, ser principio invariavel, e recebido por todos os Escriptores, que tratão a presente materia, que a origem, e ascendencia do Conde D. Henrique se ha de decidir pela authoridade do Arcebispo de Toledo, D. Rodrigo Ximenes, e de ElRei D. Affonso, o Sabio; e ao menos que ao testemunho destes dois veneraveis Historiadores, se não deve oppôr, mas antes conformar a opinião, que se seguir; por serem ambos estes Historiadores, além de Nacionaes, tambem Coevos, ou quasi Coevos ao mesmo Conde D. Henrique.

Por quanto o Arcebispo de Toledo, D. Rodrigo Ximenes, primeiramente era nacional, porque foi natural de Navarra, e estudou na Universidade de París; o que tudo muito conduzia para estar bem instruido nas cousas de França, e de Hespanha. Foi tambem quasi Coevo ao Conde D. Henrique, porque tendo sido eleito Bispo de Toledo no anno de 1208., e suppondo teria neste tempo quarenta annos

de idade, veio a nascer este Prelado pelos annos de 1168. O que mais se adianta, e corrobora com a authoridade do Padre João de Marianna, o qual affirma na sua Historia de Hespanha, que o Bispo D. Rodrigo Ximenes quando falecêra era já muito entrado em annos: *Annis gravis erat*; das quaes palavras com boa dedução se colligo chegaria este Prelado já nesse tempo a noventa annos; e sem dúvida que passava muito dos oitenta; e constando pela Historia, que occupou a Cadeira de Toledo por trinta e sete annos, para chegar a tanta velhice, era preciso ter nascido pelos annos de 1158. E segundo esta Chronologia, e computo de annos, facilmente podia o Pai do Bispo D. Rodrigo Ximenes ter alcançado o tempo, e governo do Conde D. Henrique; e sem controversia alguma o alcançou o Avô deste Prelado, o qual podia communicar qualquer noticia a seu filho; e este ao dito Prelado seu filho. ElRei D. Affonso, além de nacional, Principe, e Sabio, começou a reinar em 1252, tempo muito proximo ao dito Conde.

Estes dois Historiadores dizem pois, que Raymundo que casou com a Princeza D. Urraca, filha, e herdeira de Affonso VI. Rei de Castella, e que se intitulou Conde de Galliza; e D. Henrique, que casou com a Infanta D. Thereza, filha do mesmo Monarca, e que foi Conde Soberano de Portugal, entre si erão Primos com-Irmãos; e parentes muito chegados. D. Rodrigo Ximenes, Arcebispo de Toledo na Chronica, que escreveo de Hespanha, Liv. 6. Cap. 21. diz estas palavras, *Genuit* (falla de Affonso VI.) *aliam filiam, quæ Tarasia dicta fuit, quam duxit Comes Henricus, Congermanus Raymundi Comitis, patris Imperatoris.* A mesma noticia nos dá ElRei D. Affonso, o Sabio, na Chronica antiga de Hespanha, composta por elle, ou por ordem sua, e depois vista, examinada, e emendada pelo Mestre Florião de Ocampo, e impressa em Zamora, a primeira vez em 1541. e diz assim: Fue este Conde D. Henrique Cormano del Conde Don Ramon, padre del Emperador Don Affonso. E he cousa sabida, que a palavra Latina Congermanus no Idioma antigo de Hespanha se interpretava Cormano; e que na Chronica de Affonso, o Sabio, só os Primos com-Irmãos, e parentes em tal grão he que se dá o nome de Cormano, porque aos Irmãos se dá o nome de Ermano.

Segue-se agora declararmos a razão do parentesco, entre o Conde D. Henrique, e o Conde D. Raymundo. Este foi filho de Guilherme II., Conde da Alta Borgonha, a quem chamárão Cabeça ardente, ou o Atrevido, ou o Fogoso; e de sua mulher Estiennetta, ou Estephania de Barcelona, a qual era filha de D. Raymundo Berenguer, Conde, e Senhor de Barcelona, segundo deste nome; a quem chamárão o Louro, ou cabeça de estopa, e de sua mulher D. Sancha de Navarra. Consta de huma Doação, que esta Princeza fez á Igreja de Santo Estevão de Bezançon pela alma do Conde Guilherme, seu marido, em presença, e com o consentimento de Hugo, Arcebispo de Bezançon, e de Raymundo, Conde de Borgonha, seus filhos, cujo Documento se allega na Historia Geneologica da Casa Real de França pelo Padre Anselmo, Tomo 8. pag. 411. aonde trata dos Condes da Alta Bourgogne n. 7.

O Principe D. Henrique, Pai do Conde D. Henrique primeiramente não era Irmão, Primo, ou parente de Guilherme II., Cabeça ardente, Pai de D. Raymundo, Conde de Galliza, porque Guilherme II., Conde de Borgonha, foi filho de Raymundo, ou Raynaldo, Conde de Borgonha; e de sua Esposa Judith, ou Adelayde de Normandia: neto paterno de Guilherme Othão, Conde de Borgonha, e de sua Esposa Ermentrudes de Vermandois; e neto materno de Ricardo, Duque de Normandia; e de sua mulher Judith de Bertanha, e o Principe Henrique, Pai do nosso Conde, foi filho de Roberto, Duque de Borgonha, &c. Do mesmo modo o Principe Henrique, Pai do Conde D. Henrique, não era Irmão, Primo, ou parente de Estephania, ou Estiennette, Infanta de Barcelona, Mãi do Conde D. Raymundo, como he manifesto.

Segue-se pois, que o parentesco primeiro, e grão de Primos, que tinha o Conde D. Henrique, com D. Raymundo, Conde de Galliza, era por parte da Mãi do dito Conde D. Henrique. E não podendo esta ser Irmã de Guilherme II., Cabeça ardente, Pai do Conde D. Raymundo, como já fica mostrado; em razão do casamento de Eudo, Duque de Borgonha Irmão do nosso Conde D. Henrique, com Mathilde, filha de Guilherme II., Conde de Borgonha, por serem Eudo, e Mathilde, Primos com-Irmãos, ou em segundo grão, o que então se não dispensava; segue-se evidentemente, que a Mãi do Conde D. Henrique, era Irmã de Estephania, ou Estiennette, Mãi do Conde D. Raymundo; a qual se chamou D. Sancha, de que faz menção Diago Historia de Barcelona, Livro 2. Cap. 66. e 67. Este argumento he tão sólido, como fundado na authoridade dos dois primeiros Historiadores de Hespanha; o Arcebispo D. Rodrigo Ximenes, e ElRei D. Affonso, o Sabio. Esta opinião se confirma tambem com o Escudo de Armas, de que por muito tempo usárão os Reis de Portugal; em o qual se via por Timbre hum Dragão: o qual Timbre he o mesmo que se descobre no Escudo das Armas do Principado de Barcelona; e não podemos dizer, que aquelles Monarcas escolhêrão semelhante insignia por acaso, e sem algum motivo: antes parece foi para deste modo conservar a memoria da alliança dos antigos Duques de Borgonha com os primitivos Soberanos de Barcelona.

Tambem nos inclina a esta asserção vêr, que sendo costume, quasi inalteravel das Senhoras, tomarem o nome de suas avós deo o Conde D. Henrique a sua primeira filha o nome de Sancha; que devia sér o de sua avó paterna.

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO III.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Essencia da Sensibilidade.

A Faculdade de sentir he o meio, que a Natureza outhorgou a todos os corpos viventes para escolher o que he proprio para manter a sua existencia, e regeitar, ou fugir quanto lhe possa ser nocivo. Parece que todos os individuos, que della são dotados não se occupão em todo o curto intervallo de sua duração, mais do que em pôr em uso sem algum descanso esta importante funcção. Attentos, como a Aranha no centro da sua têa, a todos os movimentos, que em roda delles se operão, são, pelo sentimento que lhes imprimem, advertidos do que devem desejar, ou temer pela parte delles. A dôr, ou o prazer, consequencias necessarias de tal sentimento, os impellem a forrar-se, ou a entregar-se a suas impressões, e determinão nas differentes especies a natureza, e energia de seus appetites, costumes, paixões, e todos os demais attributos, que os destinguem. Os corpos insensiveis, limitados ao espaço que occupão, isolados, e sem alguma relação, ao menos perceptivel, com os objectos que estão longe delles, ou que com elles não tem communicação immediata, só pelas leis do choque, e movimento da materia he que são affectados pelas causas presentes, e exteriores. Passivos, e indifferentes só lhe oppõem a resistencia de sua massa, sem mais interesse de conservar seu estado, do que a força de energia, que se oppõe á sua mudança: todos os movimentos, que os agitão, todas as modificações, que soffrem, são nelles effeito de huma impulsão estranha, cuja intensidade não saberão augmentar, nem diminuir

sendo faltos de todo o principio de acção propria, e residente nelles mesmos, isto he daquellas faculdades de sentir que obrigão de contínuo os seres viventes a movimentos espontaneos, de que o seu benesse, e conservação he o objecto mais, ou menos remoto. As relações que os seres organizados tem com as differentes partes do Universo são muito mais extensas, posto que diffirão em cada especie em razão de sua constituição, faculdades, e precisões. Alguns destes entes, como os animaes, e especialmente os Homens, lanção-se por meio dos sentidos além do espaço que seu corpo contém, e commerceão com grande número deobjectos remotos, ou estranhos; e cada hum delles he, digama-lo assim, o centro de huma esphera, maior, ou menor, a que todos os pontos de sua extensão se referem. As impressões das causas exteriores, não são para elles, como para os corpos insensiveis, e desprovidos de vida, proporcionados á impressão physica das ditas causas, e á força resultante de sua massa, e ligeireza. Estas impressões sempre são relativas á constituição, e gráo de sensibilidade do Ente que as prova; muitas vezes huma causa mui leve excita nelle os mais violentos motos, e esforços, quando outros que deverião communicar-lhe hum forte aballo, não produzem nelle effeito algum. Que convulsões, e desordens não excita em hum animal huma pequena dose de certos venenos? seria grande engano acreditar que estes symptomas sejão hum physico, e necessario effeito de taes venenos. Para convencer.nos do contrario basta considerar, que estes mesmos venenos não tem acção sobre os animaes privados de vida; e não são sómente os venenos que operão por virtudes, que nos são desconhecidas, mesmo aquelles a quem mais se attribue a acção mecanica, como o Emetico, e o Arsenico. Inda mais; seu effeito não differe sómente nos diversos individuos; differe tambem nos mesmos individuos, conforme as diversas circunstancias, e estado, em que se encontrão. Finalmente todos os phenomenos da sensibilidade indicão no animal certo instincto vigilante, cujos esforços, para reflectir no que lhe póde daminar, parecem responder menos á natureza, e poder das causas, de que emanão, que ao juizo, que delles faz, e ao perigo, que nelles percebe. Sendo a sensibilidade differente nos diversos animaes, em razão de constituição, e nos differentes individuos da mesma especie em razão de seu temperamento, costumes occupações, e habitos, não se duvida que ella até certo ponto pertença a algumas condições physicas, na verdade mui difficeis de determinar exactamente.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE.

Trahit sua quemque voluptas.
Virgilio.

Em dourado carrinho estrepitando
Folga o ôco Mireo, se á desfilada
Nas ruas, que amotina, ou tomba, ou ganha
A dianteira aos outros.

Namorado de si o fofo Aulizo
Nem pelos proprios Numes se trocára,
Só attrahio no passeio os vagos olhos
De lépidas Madamas.

Cravando aquelle pelos Ceos a vista
Compõem, decompõem Mundos, e insensato
Cuida dar leis aos Orbes, quando o pobre
Nem a si reger sabe.

Ess'outro, a expensas d'ouro, insectos, pennas,
Pintadas conchas, esqueletos d'aves
Soffrego ajunta, em quanto os rotos filhos
Escasso pão almejão.

Amaldiçoa o mar, nadando escapa
Ganhoso Mercador, e, ao vê-lo em calma,
De novo entrega ao pérfido Elemento
Os dias que salvára.

Outro, esquecido da mimosa Esposa,
Das doçuras d'amor, pesado o braço
Do lustroso fuzil, fatiga as selvas
Na piza ao veloz Cervo.

Paixão a todos dominante arrasta:
Eu estranho ás invejas, e aos partidos
Sem de nada curar, mesmo da gloria,
Porque se matão tantos,

Só desejo viver tranquillo, e quêdo,
A teu lado, ó Lieutard, as amarguras
Adoçando-me o Nectar, que produzem
D'Hesperia, e Lysia os Montes.

Depois, correndo na incuriosa Lyra
Os dedos preguiçosos, teus feitiços
Hir descantando em sons, a que sobeja
Ser de ti escutados.

Em extase d'Amor beijar-te as faces,
Nos amorosos braços apertar-te,
E em teu morbido seio espreguiçado
De manso adormecer-me.

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Presumpções.

Sempre o Mundo assim foi, todos tem suas presumpções: em alguns são justas, em poucos chegão a ser virtuosas; em muitos são toleraveis, e em geral insoffriveis, e viciosas: porém, como o desejo do verdadeiro bem he natural a todos os Homens, e a imagem da virtude he hum phantasma perseguidor de todos perversos; daqui vem que todos buscão attribuir-se as boas qualidades que não tem, presumindo de ser o que na realidade não são. O Homem ignorante, quer parecer sabio; e douto, e erudito o pedante: o Homem doble e venal, ostenta de recto, e desinteressado: o Homem malevolo, espião, delator, e calumniador, quer ser tido em conta de Homem probo, vigilante, incorruptivel, e zeloso; e, se a má fortuna de

seus Concidadãos permitte que elle exerça algum honroso ministerio, com a capa desse ministerio pertende cobrir todas as suas torpezas: pois se alcança algum honroso patrocinio? Então Deos nos accuda! As Sibyllas não se tomárão de tão violento furor prophetico, como elle do furor dá maledicencia, e presumpção.

Acaso havendo algum que no decurso de muitos annos se tenha bem dado a conhecer, e em quem todas estas circunstancias se reunão, sahe-se elle, e diz „ Eu sou hum Homem de prodigioso talento, e lição; sou hum Escriptor tão copioso e corrente, que em duas horas estendo manuscripto para cem paginas impressas, e nada borro do que escrevo = Author que não bórra, Author de bôrra (lhe respondem) por isso vós tendes regalado de encher tantas paginas (e isto seja dito sem a canceira de vo-los apontar, porque seria o processo quasi infinito) tantas paginas de tão graudos destemperos, e sandices „ Sandices, e destemperos! Eu destemperos!..... Inveja, cegueira, ignorancia: quem mais sabio, nem mais fecundo do que eu? Eu, Author de quasi toda a casta de composição em prosa e verso, custando-me tanto huma cousa, como outra: eu Traductor purissimo de Poesias Lyricas elegantissimas, de Tragedias soberbissimas, e de hum excellentissimo Poema Epico, muito melhor que a Eneida, obra prima que encova noventa braças a Lusiada, obra immortal de que me deo cabo a porca da minha Lavandeira! Eu Author de tantissimas peças de Eloquencia acabadissima, tantas obras de Philosophia profundissima, e tantos gravissimos Poemas Epicos, e Philosophicos, além de tantos graciosissimos Folhetos, tantas Críticas frisantissimas, e tantas outras obras estimadissimas, de que he raro achar algum exemplar! = Tendes escripto, he verdade, muitas obras de Eloquencia, Poetica, e Philosophia, e com todos os vossos superlativos as tendes posto na espinha: tendes tambem muitas obras Críticas, e nessas verte a maldade, e desapparece a boa intelligencia; porque quasi que não fazeis huma citação certa, nem dizeis cousa que verdade seja, torcendo todas para os vossos fins: como Traductor, não entendeis os originaes, e os desfiguraes onde os entendeis, tirando-lhe todas as galas e donaires; e mágoa he o descuido da vossa Lavandeira, que, sem isso, teriamos mais hum Epico pastel dos de vossa feição, que os fazeis inimitaveis: Philosophia a que tendes, e escreveis, quando não he errónea, he rançosa, e tres seculos atrazada; de maneira que o maior de todos os Philosophos parece em vossos versos hum ninguem: de Eloquencia ainda não escrevestes huma só peça conforme as regras da Oratoria, fizerão-vos por isso alguns pequenos escalavros, e não vos souberão dar em cheio; porém não vos succede assim quanto aos vossos Poemas, que em todos os dias de vossa vida não saccodireis do cachaço

as garrochas com que tanto tendes barafustado : pois olhai que não ficou inda pouco que vos dizer ; mas para que, se vós sois incorrigivel? „ Eu não digo que sou perfeito, porque aos Homens não he dada a cabal perfeição : mas quem poderá negar que os meus Poemas são o mais perfeito possivel, e que mais chapados ainda nenhuma Nação os teve, como ninguem lhe fez fez mais soberbas dedicatorias? = Não ha remedio senão dizer-vos alguma cousa do que sabeis, e calais, já que com tanto desafogo, e desaforo fallais perante quem vos conhece, e ás vossas habilidades : nos vossos Poemas fervem os erros como bichos em carne podre, já muitos vos sem sido mostrados ; e o mais estirado desses que chamais Poemas Philosophicos, só tem de vosso as podres linhas caseiras com que mal cirzistes os retalhos alheios : e cuidais que se não sabe donde esses retalhos sejão? Cuidais que se não sabe a historia da sua dedicação? Pois olhai, fizestes-lhe primeira Dedicatoria a hum Reverendo régalão, amigo das letras : fizestes segunda a huma Mulher illustre e erudita : fizestes terceira a hum Homem de Cutiliquê : fizestes quarta a hum Estrangeiro aborrecido ; e, como todas estas quatro se gorárão, mudastes a cabeceira ao doente, isto he, déstes nova fórma á tal obrinha, e fizestes-lhe quinta Dedicatoria a huma mão chea de Homens sabios, que desdenhárão a offerta como merecia, por tão ruim que he, e de tão ruim mão „

Aqui, com balas sobre balas de tão grosso calibre, embatucou o Homem, ladeou, buscou guarida, e proseguio „ mas eu exerço hum ministerio respeitavel, em que, nem que tivera peito de bronze, e vós de ferro, podia mostrar-me mais infatigavel : deste modo, ao mesmo tempo que busco desarreigar as ruins sementes, divulgo, e arraigo as da Religião : servindo a Religião sirvo ao Throno, que por ella he sustentado ; e servindo ao Throno, sirvo a Patria, que delle depende para sua conservação. = Tanto peor para vós, que, exercendo hum ministerio em que podieis, e devieis dizer, e fazer obras, e palavras de acerto, e utilidade ; por palavras, e por obras envileceis o vosso ministerio ; por ellas escandaloso á Religião, que malvadamente involveis, e misturais com odiosas profanidades : por ellas perigoso, e ignominioso á Patria, que deslustrais com pessimos exemplos, e doutrinas : e por tudo isto réo ante o Throno, cujo timbre he a justiça, e cujo bom serviço he todo dependente da verdade : de maneira que ou vos mostrais perversissimo, ou ignorantissimo „ Pois eu sou ignorantissimo? = E perversissimo, que, por vossos feitios, assim o diz quem quer que tem alguma intelligencia, e boa fé „ Pois eu sou ignorantissimo? = Contra factos não ha argumentos „ Ignorantissimo! Eu ignorantissimo! . . . Blasfemia horrivel, contra a qual

prometto escrever outros dois annos: prometto escrever até morrer, e não tenho medo de ninguem.

E com isto desembestou o Homem como huma polvora: exasperou-se, e não se corrigio, porque Preto velho não aprende lingua: exasperou-se, e a sua maior dôr era a ignorancia: terrivel molestia he a presumpção, e mais assentando em huma indole depravada, que faz jogo da vergonha, e da verdade!

Sempre o Mundo assim foi, nem outra coisa será em quanto o diluvio de fogo não purificar esta nossa habitação terrena, e impura. Sempre o Mundo assim foi: e por isso este artigo das presumpções he huma larga mina, em que longo tempo se póde cavar, e talvez nós o façamos, posto que não cavemos affoutos; porque, sendo tantas, e tão diversas as presumpções, e por isso muitos os achacados, he facil acontecer, que de nossos discursos hajão alguns que se dem por offendidos, assentando de si para si, que ao proprio lhe talhamos a carapuça, ou a Fulano, e a Sicrano, seus Affins, Amigos, ou Parentes; sendo aliás bem pelo contrario a nossa intenção, disparada sem fito certo, pois que tomamos Homem sempre collectivamente, e com a divisa:

Parcere personis, dicere de vitiis.

Sem ninguem apontar, malhar nos vicios.

Moniz.

Continuar-se-ha.

ARTIGO IV.

LITERATURA.

Verdade na Poesia.

Sabemos, que a Poesia he o campo da invenção, que os Poetas creárão hum Mundo phantastico, pintárão hum bello ideal, e derão á Natureza huma alma nova quando a povoárão de mil seres amaveis. He certo que se aformoseou o Mundo com o pincel do Poeta Grego quando este inventou o carro do sol, o cinto de Venus, os raios de Jove, a lyra de Apollo, o arco, e settas do Amor; quando o cantor Latino pintou a Deosa da Belleza tirada por amorosas pombas, e a Deosa da placida noi-

te, que desce em busca do querido Pastor, no morbido seio da relva; quando o Poeta Oriental invoca as candidas Hourises, que brincão pelo jardim das rosas; quando o Guerreiro Vate da Scandinavia vê os ferozes campeões que bebem os espirituosos licores nos vastos salões de Odin, e o Bardo de Caledonia observa as sombras dos extinctos Heróes, que vestidos de nevoa, e batendo sobre o escudo cavalgão em ligeiras nuvens, ouve o som das harpas eternas, e segue seus pais sobre o raio de sua luz.

Não negamos que huma bella ficção faz realçar a verdade, e que he não só ornamento, porém qualidade essencial para que o Poema diversifique da Prosa. Na mais alta parte da montanha, onde se eleva o Templo da verdade, no mais risonho sitio da Colonia, junto ao Bosquel das Musas, que dessedentão o Vencedor com limpidas aguas das sagradas Fontes, e o espairecem com canticos, e melodiosos sons das harpas, situou Aikin em huma de suas bellas visões o campo de Ficção, matizado de flores bravias, que pululão com abundancia, e circumfundem suaves perfumes. Fica perto a obscura viela da Alegria, com tal artificio aquinhoada de luz, e sombra, que o Sol no Zenith não tem alli mais força que o pallido, e sereno clarão do placido Astro da noite. No cume da montanha domina hum Joven de mascula, e féra belleza, que he o Genio; seu olhar he penetrante, e cheio de fogo, sua voz suave, e sonora, erguese, e passeia, como a Aguia, sobre a montanha, as Musas o contemplão com parcialidade, e elle guia as lindas Filhas da memoria por entre os verdes, e tortuosos caminhos, pelas ridentes sombras do campo da Ficção, e tudo se anima, e folga sob os ligeiros passos do Numem.

Continuar-se-ha.

LISBOA: Na Typografia de J. B. Morando,

Rua da Roza das Partilhas N.° 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO IV.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Essencia da Sensibilidade.

(Continuado do N. III. pag. 26.)

A Experiencia, e a observação nos tem ensinado, que, para ter o grão de sensibilidade, que se precisa para exercitar as suas funções na ordem que mais convém á Natureza, cumpre que o animal não esteja enervado pelo repouso, e estancado pelas fadigas: que seus membros não conservem sua flexibilidade, e vigor senão por huma irritação, de tempo em tempo interrompida pelo uso de alimentos, que, sufficientemente providos de materia nutritiva, offereção aos orgãos destinados para degirillos, huma resistencia capaz de os exercitar pelas reiteradas, e livres impressões de hum ár activo, e com toda a sua inteireza; e mesmo em fim por certo abandono, que exclue essas precauções, e refinamentos de huma delicadeza vã, que não só lisongeião a sensibilidade, mas facilitão ainda mais o desarranjo da máquina, depravando ao mesmo tempo o Homem social, e todos os animaes, que elle achou meio de fazer servir aos seus prazeres, ou aos seus caprichos. As qualidades exteriores, e sensiveis dos corpos organizados, por mais tentames, e profundas investigações, a que as tenhão sujeitado, ainda não deixárão perceber em que consiste, e em que fórma reside a faculdade de sentir. O animal aprezenta huma mistão de partes flexiveis, molles, e elasticas, de que não he impossivel deparar modelo nos seres insensiveis, ou que a Arte póde imitar, mas sem poder imprimir-lhe sentimento. As

partes de hum animal sem vida conservão estas qualidades, ainda muito tempo depois de o sentimento os abandonar. Qual he pois o fugitivo, e imperceptivel principio, de que elle dependia? O mesmo acontece nos vegetaes: e porque perdem estes o principio de vida, que os fazia vegetar, quando estão separados do tronco, que lho communicava? Conservão comtudo a apparencia de seus attributos primitivos, perdendo porém nesta separação a força vegetativa, a que devião a faculdade de crescer, e propagarse. Os Chymicos conseguírão extrahir da farinha de trigo huma substancia, que elles chamão *glutinosa*, e que dá, pela analyse, os mesmos resultados, que as materias animaes: tem tambem as suas qualidades exteriores, e he como ellas, molle, elastica, e flexivel: mas he de crer que ella nunca tome entre as mãos do homem aquelle caracter de vida, que toma passando pelos orgãos digestivos de hum animal vivente. O enthusiasmo tinha inspirado a Paracelso a presumpçosa esperança de executar este prodigio. A temeridade deste Prometheu, que não teve muitos imitadores, terá menos ainda, á medida que se estendão os nossos conhecimentos, e que por consequencia estejamos mais em estado de perceber os limites do nosso intendimento, e a immensidade da Natureza. A Essencia da sensibilidade, considerada independentemente de seus effeitos, não se deve procurar mais que a essencia do movimento, do tempo, e do espaço: O mais que podemos fazer he reunir as differentes modificações, e os diversos caracteres, que recebe da organização; examinar como varía segundo os orgãos que protege, e as differentes exigencias do animal, e como, sem nunca anniquilar-se, parece ás vezes desapparecer para melhor poupar, e assegurar os seus recursos.

ARTIGO II.

POESIA.

FABULA.

O Elephante, e o Rhinoceronte.

Nos Asiáticos campos uberosos
Dous se encontrárão ambos monstruosos
Possantes animaes; hum Elephante
Com hum Rhinocerote,
Ou hum Rhinoceronte:

He qualquer delles animado monte;
E, marchando ambos feitos de bom trote,
Em vendo-se diante
Estacárão,
E azedos se encatárão
Co'a antiga inimizade:
Porém muito a prudencia persuade,
E o Dentes-de-marfim, Rey da prudencia,
Hum pouco despeitoso
Deitando a enorme tromba a hum tronco annoso,
Com pouca violencia
O virou de raizes para o Sol.
Não foi pouca advertencia
De seu grande poder: mas em que he pról
O aviso a hum furioso?
Mal o tronco abatêra, urrando irado
O investio seu sival, que he furias todo,
E ao qual inda parado
Arengou deste modo:
„ Louco, que vens fazer?
„ Não deo prova bastante o meu poder?
„ Ou, se acaso matar-me conseguisses,
„ Tens para ti que a salvo te sahisses? „
= Não sei, mas he preciso combater =
Disse, e deo na investida por tal sorte
Que foi fim da contenda aos dous a morte.
Graças á Providencia
Que poz a inimizade por tendencia
Nestes, e outros enormes bicharrões,
Que, se por seu rancor não se apoucassem,
Talvez que devorassem
As outras gerações
Mais fracas, mais somenos
Que a vária Natureza tem creado.
Ai! dos que são pequenos
Quando cresce hum poder desmesurado.

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Juiso sobre o Poema Newton.

(Continuado do N. II. pag. 15.)

Fechando pois com Buffon a Procissão dos *Sacerdotes de Porfido*, que leva, segundo a boa economia de composição que neste Poema reina, mais de 500 versos, descobre o Auctor hum altar sobre hum quadrado geometrico, e nelle sentada a Experiencia, a quem faz huma comprida, e insignificante arenga, a que ella responde, com a phraze mimosa dos Deoses deste Poema, que he chamando-lhe „ *Filho* „ e diz que desce ao Templo para mostrar-lhe

A excelsa mole,
Premio de hum grande que he brazão do Mundo
Este (diz ella) *he d'honra immortal o alto ornamento*
Que eu mesma á gloria consagrei, com elle
De hum *Pontifice meu* premeio as obras;
Elle as *minhas expoz*, dou premio *ás suas.*

Depois de todos os demais Philosophos serem *Sacerdotes de Porfido*, não admira que Newton seja *Pontifice*; mas sim que sua Estatua não esteja entre as dos outros sabios; achou porém o Author que era mais bonito ir desenterrallo da Igreja onde jaz na sua Patria, para com a mais ridicula invenção, que até ao presente entrou em cabeça de hum máo Poeta, o enterrar no Templo da Experiencia em hum Mausoleo com seu Epitaphio, em que o Author com mui solemne devoção fita *pasmados olhos*, e lhe consagra *inteiro o coração, e a alma inteira*, accrescentando

D'estima este o *tributo*, o *feudo* he este
Que *eu primeiro* paguei, Nação pasmosa,
De quem o mar he *todo*, e a terra he *quasi*!

Amphigouri, que duvido que haja ahi quem possa entender; porque se o Author quer dizer nestes trez versos de *tributo*, e *feudo* etc. que foi o primeiro que rendeo homenagem a Newton, he

huma descocada mentira, pois todo o mundo conhece ha muito as obras do Phylosopho Inglez, e lhe tem tributado os devidos applausos; e Voltaire, e Algaroti forão dos primeiros que disseminárão os seus principios em França, e Italia: se quer dizer que foi o primeiro, que emprehendeo hum Poema ácerca de Newton, *peor está que estava*, (1) pois antes do Author o tinhão feito Stay no Poema *da Phyloscphia Newtoniana*, e Brickler na sua *Newtoniada*, Poemas, em que brilha a Erudição, e o Genio, e em que os mais fogosos vôos do Estro são continuamente regulados pela mais escrupulosa rasão: se quer dizer que foi elle o primeiro que em Portugal reconheceo o merito de Newton, he levantar aos nossos Compatriotas hum aleive tão atroz, que nos faltão os termos para classifica-lo; porém seja o que for, compadecido dos pobres Leitores, remata o segundo Canto com huma exclamação á Inglaterra, na qual não farto ainda de tantos nomes, como os que até agora tem amontoado, faz outra profusa lista delles fallando em Ataide, Rodney, Nelson, Monk, Bolingbroke, Adisson, Pope, Bacon, Milton, Locke, Tompson, Pitt, e se tivesse prezente os nomes das onze mil Virgens, não escapávamos, de aqui os estender, pois tem feito voto de não poupar nem papel, nem tinta, nem paciencia dos Leitores, posto que a melhor, e maior parte delles, sciente, de que elle só escreve para os apoquentar, e enfastiar, tem tomado o expediente de não ler os seus escriptos; senão haja vista a metade da Edição do Gama, que ha 7 annos ainda dorme em Casa do seu Editor que, sem embargo de ter vendido alguns, dado muitos, e mandado huma boa porção de exemplares para a Bahia, e Rio, está muito bem esperançado, de que seus Netos poderão vender Gamas, da Edição feita por elle; e que torce agora a orelha de não ter mandado imprimir só 200 Volumes, como o Author lhe aconselhava; para assim lançar poeira aos olhos do Público, pondo o Editor na precisa necessidade de fazer segunda Edição, conselho, que se elle o seguisse ávista da pouca venda do Poema, lhe pouparia ametade da despeza. Não he porém digno na sua perda de alguma compaixão, por ter cahido em imprimir hum Poema, que, além de ser feito sobre hum assumpto tratado pelo grande Camões, tinha versinhos do calibre deste, tão digno de eternas apupadas

Eu chamo-me Thomé no Empyreo moro!

Continuar-se-ha.

---

(1) Titulo de huma Comedia Hespanhola.

ARTIGO IV.

LITERATURA.

Verdade na Poesia.

(Continuado do N. III. pag. 32.)

Ousaremos porém dizer que tantas ficções, são já hum campo ceifado, e não convém a estes tempos de Luz, e Philosophia ; que para os Modernos não he a Mythologia nem huma invenção, nem hum sentimento ; que se tem observado a Natureza com tamanha penetração, que temos entrado tanto nos segredos do coração, que em vez de personalisar as paixões, e as cousas, basta saber pinta-las com as mais vivas côres. Ao presente he necessario, que a razão possa comprehender, e approvar quanto exaltou, a Imaginação, ou fez nascer o Enthusiasmo. O Mundo real he mais vasto, e bello, do que o Mundo imaginario, e podem escusar-se tantas ficções, sendo tão linda a verdade. „ Cumpre (diz Madama Stael) apresentar idéas Phi-
„ losophicas, sentimentos, e paixões cheias de verdadeiro calor,
„ e verdade porque o espirito humano tem chegado a tal pon-
„ to, que já não permitte illusões.

Voltaire invocou a Verdade, e he esta a unica Deosa digna de inspirar os outros Poetas. A Verdade foi pelos Poetas pintada nua, porque a embellece a sua innocente nudez. Os Bardos, que forão os Poetas, que melhor uso fizerão da sua arte divina, e que mais explendidamente exercitárão o poder do genio, e do canto, tinhão o não mentir por maxima fundamental da sua instituição religiosa ; não lhes era dado descrever hum só feito d'armas, que não tivessem presenciado, nem podião trajar senão de huma só côr (azul celeste) querendo assim indicar que a Verdade he grata ao Ceo, e só deve mostrar-se ao Mundo debaixo de huma côr unica, e pura.

A mesma Ficção não póde ser bella se ao menos não he verosimil

„ Só amavel, e bello he o que he vero ;
„ Deve reinar na Fabula a Verdade.

Já se não estima hum Romance pelas aventuras estravagantes, mas pelos vivos, simpleces, e verdadeiros Quadros da vida, e dos sentimentos do coração : e até nos Poemas, que mais abundão de vôos de Phantasia, se toma por baze hum

ponto Historico, e certo, e se copião com a possivel fidelidade os verdadeiros costumes, e caracteres dos Tempos, e das Personagens. Nas mesmas obras de imaginação deve sentir-se, e ver-se hum ponto de utilidade real porque o facho da verdade he a verdadeira guia do Genio. Sua luz não deslumbra, antes faz que os objectos apareção com as suas verdadeiras côres. Queremos mais do que imagens; queremos idéas; póde o Espirito pagar-se de mil bellas ficções, porém o coração necessita de verdade.

Continuar-se-ha.

ARTIGO V.

MISCELANEA.

O Jogo.

Entre os modos inventados pelos homens para affeiçoar o peso de huma vida enojosa, e inutil, ha hum que, á maneira de hum flagello contagioso, arruina a sociedade, e não he menos funesto aos bons costumes do que á boa saude, porque produz o duplo effeito da preguiça, e da paixão; a avareza, que he a sua alma, lhe deo, para melhor se disfarçar, os nomes de divertimento, e de *jogo.* Ora imaginemos hum circulo de pessoas pregadas sobre cadeiras, de redor de huma mesa, e em huma atmosphera estragada, e corrompida; com o corpo immovel, e o animo em grande agitação; alternativamente impellidos pelo temor, e pela esperança; sómente embebidos no cuidado de attrahir os favores da cega Divindade, a quem sacrificão; deixando-se arrebatar da paixão que os insta, esquecendo-se dos deveres que os chamão, e das horas que fogem; e sahindo em fim deste violento accesso, para se immergir em mais reflectidas amarguras!.. Imagine-se, e ter-se-ha huma idéa disso que se chama *jogo.*

Segundo isto, facil he de conceber que nada he mais capaz de perturbar a ordem das funções animaes, e a regularidade dos movimentos vitaes do que huma similhante falta de equilibrio entre o physico, e o moral; que deste modo os humores, em seu concurso desordenados, não recebem a preparação necessaria ás determinadas secreções, e que, forçados a estagnar-se em alguma das visceras, alli formão perigosos empastes; ou que, como prejudiciaes, sendo arrojados para a pelle debaixo da fórma

de impigens, ou de outras especies de erupção, lhe destróem o polimento, a flexibilidade, e a nitidez. Deve ainda a isto acrescentar-se, que este estado de agitação muitas vezes repetido, faz, com o andar do tempo, contrahir hum caracter irascivel, dando á sensibilidade huma viciosa energia, que redunda sempre em detrimento da máquina.

As mulheres que alguma cousa mais do que a saude tiverem que perder, terão duplicado interesse em evitar o *jogo*, que de ordinario obriga a longas vigilias, que escandecem, e abatem o corpo: parece, he verdade, que as mulheres podem melhor soffrellas do que os homens; e isto procede de que as sensações delles são mais profundas, e de que a superficial attenção com que as mulheres tocão ligeiramente os objectos as salva da fadiga que as suas impressões produzem; ou talvez tambem que os trabalhos serios, e contenciosos, em que se occupão os homens, lhes fação mais necessaria a benefica tranquillidade do somno.

He porém sempre certo, que a luz artificial, com que se busca supprir a do dia, prejudica os orgãos da vista; e que quanto mais se multiplicão os lumes, que ficão sempre mui perto destes orgãos, mais se augmentão os seus máos effeitos, sem corrigir a enfadosa uniformidade; porque o lume das velas, em vez de deixar aos objectos as suas côres naturaes, como faz a luz suave, e variada do Astro do dia, pelo contrario todas confunde; e a variedade das côres, que formão o quadro do Universo, he talvez huma das causas que no-lo fazem contemplar sempre com prazer, e sem cançaço.

Finalmente pelo contínuo encerramento que o *jogo* exige, furtamonos ás salutiferas influencias do ár, que he hum dos ingredientes mais essenciaes á nossa existencia; que nos anima, e dá aos nossos orgãos a tensura, e elasticidade convenientes: a frescura de huma bella manhã, as restauradoras emanações dos vegetaes, e o bellissimo, e maravilhoso espectaculo da Natureza, tudo he perdido para quem passa as noites a jogar, e os dias a dormir. (*Extracto do Cap. 7.º da 1.ª Parte da mesma Obra de Roussel.*)

Moniz.

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,
Rua da Roza das Partilhas N.º 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO V.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Acção de nadar, ou boiar sobre ás aguas.

HE geral persuasão do vulgo, que o Homem sabe naturalmente nadar, huma vez que o medo o não embarace: que quando hum Homem se affoga, e vai ao fundo, boia ao nono dia, porque então rebenta a vesicula do fel: que as Mulheres affogadas boião de bruços, e os Homens de costas. Todos estes artigos são falsos, ou pelo menos incertos.

A primeira cousa, de que nós duvidamos, he de que os Homens nadem naturalmente, inducção que não póde tirar-se de os outros animaes o fazerem sem ensino; porque estes nadão pelo mesmo movimento que os faz andar, ou elles se movão com ambas as pernas de hum lado, o que fórma o *furtapasso*; ou levantando hum pé de diante e o pé contrario de traz, o que fórma o *trote*; ou marchem sobre huma base quadrada, como diz Scaligero, quando as pernas de ambos os lados se movem juntas, como fazem as Rans, e outros animaes saltantes, o que fórma o *galope*; he sempre verdadeiro o principio que estabelecemos. Com estes differentes movimentos estão aptos para soster-se na agua, e atravessá-la, sem alterar o moto ordinario de suas pernas, ou a posição de seu corpo.

O Homem, pelo contrario, necessita para nadar, que mude a posição de seu corpo, que fique de bruços em lugar de marchar em pé: além disto, quando elle anda tem os braços parallelos ás pernas, e quando nada formão toda a qualidade de angulos: finalmente quando anda move successivamente os braços, e as

pernás, e quando nada move-os todos a hum tempo: ora executar tudo isto, sustentar, e arremessar o corpo para diante, he cousa que muitos, ainda mesmo na mocidade, nunca podérão aprender. Bem que o nadar seja huma arte, que se aprende, he com tudo mais natural ao Homem, do que muitas outras habituações, e apenas póde ser contado entre os talentos adquiridos, pois quem huma vez o soube, nunca o des-lembrou.

Em segundo lugar, o que se refere a respeito de as pessoas affogadas boiarem ao nono dia, porque então rebenta a vesicula do fel, he cousa duvidosa tanto pelo tempo, como pela causa. O tempo, em que os cadaveres boião he tão incerto como o tempo de sua corrupção, que he mais tardo, ou mais prompto, segundo a qualidade do subjeito, e a estação do anno. Temos observado que ratos, e gatos lançados n'agua ao mesmo tempo, vierão acima em tempos diversos. Os que são gordos vem acima primeiro, porque se corrompem mais depressa que os magros, e sua substancia se aproxima muito mais á natureza do ar. E huma das rasões, que dá Aristoteles de as anguías mortas não boiarem, he não terem ventre, nem banhas.

Quanto á causa do phenomeno, não deve attribuir-se ao arrebentamento da vesicula do fel, mas sim ao fermento da corrupção, que, inchando as partes, as torna esponjosas, e aptas para se encherem de ar, o que necessariamente as faz subir á superficie d'agua. Disto temos nós huma evidente prova nos ovos, que sendo bons vão ao fundo, e se estão chócos boião, como os que chamão *hypenenia*, que não são cheios. Do mesmo methodo usão os Lavradores para conhecer a bondade dos gráos, pois, se estão perdidos, boião.

„ Por minha propria experiencia (diz hum Medico Inglez) „ estou convencido de que não he á bexiga do fel que deve „ attribuir-se o virem os cadaveres ao lume d'agua. Pois ten- „ do-se arrancado a alguns gatos, e ratos, nem por isso dei- „ xárão de vir acima; e porque tinha lido em Rhodigino, que hum „ tyranno costumava mandar arrancar os bofes aos que mata- „ va, antes de os lançar n'agua, para que não viessem acima, e „ revelassem os seus assassinios, fiz lançar n'agua corpos sem „ bofes, e vierão acima como os outros; fiz tambem tirar a „ bexiga da urina, e os intestinos, e furar o craneo a alguns, „ que tambem sobre-nadárão, ainda que mais tarde. E posto que „ estas experiencias fossem feitas nos brutos, porque nos Ho- „ mens são muito raras as occasiões de se fazerem sem crime, „ parece-me que estas experiencias tem igual força a respeito „ delles. „

Se alguem attribuir a causa deste phenomeno á bilis, porque naturalmente procura elevar-se sobre os outros humores, e sen-

do da natureza do fogo, procura elevar-se sobre a agua; nós lhe concederemos, que segundo as leis ordinarias da putrefacção póde accelerar a immersão dos cadaveres, ainda que, a fallar a verdade a rotura da vesicula, que he tão pequena parte no homem, nada póde contribuir para isso.

Finalmente que as Mulheres boiem de bruços, e os Homens de costas, he facto absolutamenre duvidoso; e dado que fosse verdadeiro, he frivola a rasão que disso se aponta. Foi Plinio o primeiro que a imaginou. „ Como (diz elle) que a „ Natureza, até nos mortos, toma cuidado no pudor, *veluti pu-* „ *dori defunctorum parente Natura.* Este sentimento de Plinio foi adoptado, e copiado por Solin Rhodigino, e muitos outros, e ainda hoje tem grande voga entre o Vulgo, e entre algumas pessoas que não são Vulgo. Porém Scaligero assenta, que esta sentença teria todo o lugar na bocca de hum Orador, mas que he ridicula nos Escriptos de hum Philosopho Naturalista; porque em primeiro lugar a Natureza devia igualmente occultar as partes do Homem, pois he tão vergonhoso o descobri-las, como as da Mulher. Adão não teve menos pejo de sua nudez do que Eva, e os Homens da America, e das outras Regiões aonde se ignora o uso dos vestidos, tem tanto cuidado como as Mulheres em cobrir as ditas partes. Ora se a Natureza curasse de com effeito accodir ao pejo, tanto os Homens, como as Mulheres deverião bôiar de bruços. Em segundo lugar, isto he louvar a modestia da Natureza á custa da sua sabedoria, porque a postura que nós lhe fazemos dar á Mulher, convém mais ao Homem, cujas partes ficão mais expostas á vista quando está em pé, ou resupino: achamos pois muita rasão em Scaligero para abandonar este parecer, e suggerir outro, que tira da differente configuração do Homem, e da Mulher, „ *quod ventre vasto sunt Mulieres plenoque intesti-* „ *nis itaque minus impletur, et subsidet; inanior maribus, quibus* „ *nates p æponderant.* Sendo assim, os Homens barrigudos fluctuarião debruços, e as Mulheres gordas de costas, porém a Anatomia nos ensina, que os ossos das coxas, e por consequencia o que as cobre, são mais extensos na Mulher do que no Homem, para dar mais lugar ao menino na matriz: os que attribuem este phenomeno aos peitos da Mulher não desvanecem toda a difficuldade, porque lhes resta a explicar porque rasão as crianças deste sexo fluctuão tambem de bruços. Mas apressemo-nos a terminar.

Dizem tambem, que huma Egoa se affoga mais depressa do que hum Cavallo, porém a experiencia não favorece esta opinião. He tambem facil refutar o engano dos que assentão que o Homem debaixo da agua não póde abrir, nem fechar os olhos: querem tambem affirmar, que as pessoas que tivessem huma co-

xa de menos, boiarião, porque os seus bofes as poderião soster melhor sobre as aguas, do que aquelles cujas coxas lhe submergirião o corpo com o peso. Não temos experiencia alguma deste facto, mas observa-se, que os Animaes vão ao fundo pelas partes inferiores, como se vê nas Rãs, a quem se cortão as pernas detraz: a maior parte dos Homens quando se precipitão, ou cahem por si mesmo de hum lugar alto, vem a terra de cabeça para baixo, e não sabemos porque capricho fingio Homero que Vulcano cahíra em pé, quando foi arrojado do Ceo.

ARTIGO II.

POESIA.

EPISTOLA.

Ao Senhor Gonçalo José Rodrigues Vianna.

L'uomo inventor di mali, e di rovine;
L'uom che coll' opre l'Universo infama.
Salvador Roza, Sat. IV.

Que nos importa a nós que ladre *Elmiro*?
Se da calúmnia o tétrico veneno,
Se o veneno da inveja que o devora
Espuma, exhala em sórdidos dicterios;
Se em seus escriptos se apresenta ao Mundo
Nova Megéra, rábida ululando
Remordida de viboras eternas,
Que temos nós com isso? Acaso he muito,
Quem desconhece o que melhor se admira,
Que enxovalhe com bocca virulenta
Versos que nos dictou, toda involvida
Em dó, em lucto a candida Amizade;
Versos filhos da dôr, da mágoa filhos;
Carpidos Versos, producção singela
D'ingenuas affeições de peito ingenuo;
Terna expressão dos sentimentos puros
Com que se dá mais honra á Natureza,

Com que mais se esclarece a Humanidade?
Acaso he muito que nos ladre aquelle
Que, mais insulso do que Bavio, e Mevio;
Mais nescio que Parrault, e que Lamotte;
Mais maligno que Zoilo, e mais palreiro
Que hum Papagayo, Periquito, ou Pêga;
Mais gritão que huma Gralha, ou Rã, ou Raio;
Em longos aranzeis d'insano orgulho
De pedantesco plagiarismo inçados;
Attenta, Charlatão calumnioso,
A' fama honrada dos Varões illustres,
Volve, e profana as veneraveis cinzas
Do grão Cantor, que ás portas do Oriente,
Por mares nunca d'antes navegados (1)
Pujando pelos hombros das procellas
Vencedor de traições, levára o Gama
Em Versos que do Tejo o nome ufanão;
Em Versos que pelo Orbe o assombro espalhão,
Versos a que impendeo por mãos da Gloria
Os sellos de diamante a Eternidade?
Acaso he muito que nos ladre *Elmiro*?
Que póde elle dizer que nos affronte,
Se temos limpa de maldade a vida
Que elle, des' que lhe sabe o nome o Mundo,
Por acções, por escriptos depravado,
D'infamias ennegrece, e turpitudes?
Que dirá de moral o oppobrio della?
Que dirá de moral, se elle os costumes
Do irreprehensivel Bossuet macúla?
De sciencias que dirá, se em seus julgados
He tachado de nescio, e em seus Poemas
Hum Pigmeo Mathematico parece
Newton profundo, e, no saber, divino?
Que póde emfim saber, dizer de acerto,

---

(1) Camões, Lus. C. I.°

Se ignora, e nega, que na Lactea-via
(Nessa d'estrellas multidão, que o Vulgo
De São Thiago estrada denomina)
Reinem as sette primitivas côres,
Que hum só rayo de luz em si reune?
Deixa-o que embora barafuste, e enraive;
Que, em monótono, impuro, ingrato estylo
Regrinhas, e regrinhas alinhando,
D'illegiveis Poemas abarrote
Lisboa enauseada: eu rio ás vezes
De o vêr tão furioso, e desboccado
Apontoando em phrase de enxacôco
Nescias farandulagens, petulancias
Com que os nescios engóda; e ouriçado
De orgulhos que dão tédio, ou causão riso,
Se dá de-grado a universaes apupos.
Embora o deixa: como hum Boi na praça
Do cachaço as garrochas saccodindo,
O miseravel se revolve, e berra
Co' as settas da Rasão por mim varado:
Amargosas verdades lhe exaltárão
A bilis que derrama: embora o deixa
A' sua confusão raivando entregue:
Deixa-o ladrar: em seu feroz latido
Não nos póde offender, antes eu julgo
Nos viera desdouro em seus louvores:
Quem diz de tudo mal, dizer que póde
De quem só ama o bom, e os bons applaude?
Prole do Desaforo, e da Torpeza
(Co' as lividas Irmãs, a Intriga a Inveja,
A Perfidia, a Calúmnia, a vil Lisonja)
Nasceo nos charcos do Acheronte immundos
Petulante, roáz Maledicencia;
E, das túrbidas aguas lutulentas
Orvalhadas batendo as fuscas azas,
Derrama pelo Mundo atroz veneno,
Com hálito pestifero empannando

O intemerado brilho da Virtude:
Vai *Elmiro* seguindo os seus dictames?
Deixa-o ladrar: ao válido Rafeiro
Que lhe importão os Gôzos insolentes?
Agui, que encára o Sol, transcende as Nuvens,
Que lhe importa se o barbaro Tapuya,
Fréchando as aves, o sustento busca?
Não sabes Tu que eu pulso a Lyra argúta
Em que sublime de Venusa o Vate,
Aos Astros os Mecenas levantando,
Na ignominia os Tigellios abysmava?
Não sabes Tu, se as iras me provócão,
Que eu tómo, floreando-a formidavel,
Ao Campeão d'Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos; (1)
E, encruzando nos peitos da Ignorancia
Mil revezes mortaes, aterro o orgulho
Dos nescios Fanfarrões, dos Embelêcos
Que, hympando de maldades, se apregoão
Coripheos, e Aristarchos ante o Vulgo,
De falsa sapiencia empavezados?
Deixa *Elmiro* ladrar: quem he que estranha
Se açulado Mastim raivoso late?
Deixa a Maledicencia maculosa
Vipéreos dentes reganhar maligna;
Que, no sal do ridiculo embebidas
As settas da Verdade disparando,
Eu farei com que o Monstro se revolva
De seu proprio veneno atormentado.
Ahi tem agora, que se farte *Elmiro*;
Largo campo lhe dou, em que os seus odios
Possa iroso cevar: eis o Poema (2)
Em que, se eu tenho de viver na Fama,

---

(1) Garção, Sat. I.ª
(2) A Apparição, Poema Elegiaco em 4 Cantos, já impresso.

Tambem na Fama viverá Firmina; (1)
A quem votei pela Virtude o Plectro,
Que ao Nome seu, sua Memoria amada
Facil desfere na toante Lyra
Filhos do coração saudósos Versos;
Versos de ardente vêa derivados,
Versos com pranto quasi sempre escriptos,
Como os primeiros que lhe dei!... (2) E a mente
Ainda outros borbulhando assaltão.
Ai! como hei de esquecer a perda sua?
Fechada em falso a barbara ferida,
Basta só recordar seu doce Nome
Sangrão logo de novo as cicatrizes;
Cicatrizes crueis, que avivão mágoas
Em nosso peito, meu Glacilo, eternas.
E deve deturpar maligna bocca
Tributos á Virtude consagrados?
E devem profanar os seus louvores
Maledicentes irrisões da Insania?
Pertenderá baixissima Lisonja
Que sómente á Grandeza são devidos
Os almos Hymnos, que o Permessio Choro
Por premio da Virtude, inspira aos Vates
Que, nutridos no ensino da Virtude,
A vista encravão no pharol sublime
Do augusto Alcaçar da Memoria honrosa?
Oh! mil vezes ditoso o que, affastado
Das turbulencias da insensata Côrte,
Nas paternas herdades rusticando
Alegre vê rayar o Sol nascente,

---

(1) A Senhora D. Firmina Carlota da Silva Serva.

(2) As Epistolas em que deploro o seu fallecimento, offerecidas a seu Esposo o Senhor Antonio José Gonçalves Serva, e a seu Pai o Senhor Manoel José da Silva Serva; impressas junto com hum Pranto do mesmo Senhor Gonçalo José Rodrigues Vianna, e objecto do cynismo de *Elmiro*.

Vê dos montes descer tranquillo á noite!
Mas, contra o meu querer, se a vida minha
Entre os tumultos, meu Glacilo, eu gasto;
Ao menos, sobranceiro aos meus destinos,
Com mérito desprezo olhando a turba
D'impudentes, malédicos *Elmiros*;
Embebido em Socráticas doutrinas,
Terno Cultor dos campos da Amizade,
A's Musas, e ao Saber meus dias vóto.
Assim me accodem as Canções suaves
Com que a Virtude aos Ceos maior levanto,
Com que antevejo em plácido futuro
Na fama, e no louvor crescer meu nome.

Moniz.

ARTIGO III.

LITERATURA.

Verdade na Poesia.

(Continuado do N. IV. pag. 39.)

Que valem todos os encantamentos, e brilhantes invenções dos Poetas á vista dos ardentes, e patheticos versos do amor, e da piedade? á vista da pintura verdadeira das grandes, e exaltadas paixões? Os versos, que mais se conservão na memoria, e mais profundamente se gravão no coração, os versos que o Povo canta, são os que conservão as tradições antigas, as Historias gloriosas da Patria, os que despertão suaves lembranças, e aquelles finalmente, em que se derramou hum coração cheio de sentimento, e candura. Que são em Virgilio as Harpias, e as Náos transformadas em Nymphas á vista da desesperação da apaixonada Rainha de Carthago? Que vale em Milton a artilheria celeste, e tantas outras ficções deste jaêz em comparação da pintura do Eden, da singela formosura de Eva, e dos celestes amores de nossos primeiros Pais? Quem não prefere na Lusiada a descripção da Europa, a morte da malfadada Castro, os variados quadros da Historia Portugueza, a todo a phantasmagoria de Baccho, e á grotesca pintura do Tri-

tão? Que nos arrebata mais na Brasiliada, unico Poema Epico de que se honra a nossa Literatura neste Seculo, o quadro da Revolução Franceza, e morte de Luiz XVI. a caçada, a resenha das Tropas, a conferencia d'ElRey, e dos Embaixadores Inglezes, a partida da Esquadra, e consternação de Lisboa; ou o concilio infernal, o espectro de Franzini, e a viagem do Heroe em sonhos pelos espaços imaginarios? „ Que figura „ (diz Voltaire) teria feito Cesar nos campos de Pharsalia „ se Iris lhe trouxesse a espada, ou se Venus descendesse em hu- „ ma nuvem de ouro para o salvar? He tão desneces- „ saria a Mythologia que o melhor trecho da Pharsalia, e tal- „ vez de todos os Poemas he o Discurso de Catão, em que „ este rigido Estoico, inimigo de fabulas, recusa consultar o Oraculo de Jupiter Ammon.

Que hei de inquirir do Oraculo de Jove?
Se antes do que ver Roma a hum Rei subjeita
Quero livre morrer co' a mão na espada?..
Se he nada a vida?... se no Mundo ha força,
Que prejudique ao Bom? se as furias quebra
A Fortuna encontrada co' a Virtude?
Se querer basta o que louvor merece?...
Se não cresce co' a dita a honestidade?...
Disto sciente estou; mais fundamente
Em meu peito grava-lo Ammon não póde.
Dos Deoses a influencia em nós impera,
São as nossas acções impulso delles.
De vozes não carece a Divindade,
Disse-nos de huma vez quando nascemos
Quanto cumpre saber; nem estes ermos
Buscando, porque a raros prophetasse,
A verdade enterrou nessas arêas.
Ha morada de Deos, que o Ar não seja,
O Ceo, a Terra, os Mares, e a Virtude?
Para que vás buscar mais longe os Numes?
He Jove quanto vês, e em nós se move.
Recorra o timorato aos sortilegios,
Sempre em casos futuros duvidoso.
A Morte, e não Oraculos me instruem
De que deve cahir o fraco, e o forte.

Lucano não foi dotado de hum genio poetico, como o Cysne de Mantua, porém o assumpto da Pharsalia era o mais digno de ser apresentado ao coração, e espirito dos Homens: erão as Guerras civís, que tinhão abalado o Mundo, assumpto mais grave, e interessante que as fabulosas guerras dos Deozes, e dos Gigantes. etc. Pompeo, Catão, Cesar, e Lentulo são maiores que todos os Deoses Mythologicos; as irritadas paixões dos Homens são mais medonhas, que as Furias, e o verdadeiro Tartaro está no coração delles.

Mr. Geoffroi, em huma moderna Crítica a Tasso, julga este Poeta muito inferior a Homero, porque segundo elle, a Religião, de que fez uso he limitada, e pouco poetica, e a do Cantor de Smyrna he hum campo immenso de imagens, e invenções. Ora nós pelo contrario assentamos, que se em alguma cousa o Tasso he digno de crítica, he por ter querido adornar a verdade com demasiadas fabulas, e ficções; por fazer uso de tanto Mago, de tanto Encantamento, de tantos Demonios, e de tantos Seres Metaphysicos. Chateaubriand observa que elle não aproveitou das Historias muitas cousas, que podião dar á sua Epopea mais interesse do que todas as ficções; que não tirou bastante partido dos principios do Islamismo, que não pintou fielmente os imaginosos costumes do Seculo XI., e do Oriente; e que transformou os Cavalleiros da Cruz em Cavalleiros de Romance. A verdadeira Religião, e o Theatro das acções que cantava, podião enriquece-lo com amplo thesouro de pensamentos, e recordações. Que partido não podia tirar do Sepulchro do Redemptor, do lugar onde nasceo a luz da Verdade, de huma Terra que o *Ancião dos dias* tinha opulentado com tantos milagres em prol do seu Povo? Como he possivel que a Musa de Tasso se não demorasse hum pouco em o Paraiso Terreal? no cume de Sinay? no Monte das Oliveiras? entre os odorosos Cedros do Libano? como não descobrío a divina luz do Thabor? o Anjo, que appareceo a Moysés sobre o Oreb? o Homem que desceo das ardentes Regiões com huma taboa de pedra sobre o peito, a fronte circumdada de raios de fogo, o rosto resumbrando as glorias do Senhor, e precedido dos terrores de Jehovah? como não achou huma taboa da Lei? não tributou huma lembrança ás sombras dos Prophetas? não escutou as mágoas da torrente Cedron? e as harmonias da Harpa de David?

Parece-nos que os Heróes de Homero, Virgilio, e Tasso, são maiores quando combatem huns contra os outros, do que quando pugnão com os Numes, Anjos, e Demonios. Desapparece aos nossos olhos todo o valor de Gofredo, e de Albuquerque, quando hum Anjo mostra ao primeiro as almas dos

Cruzados mortos no assédio de Jerusalém, combatendo contra os Sarracenos no ultimo assalto da Cidade, e ao segundo as almas dos Portuguezes assassinados em Malaca, ajudando os seus companheiros a debellar os Malaios. Quem póde lêr sem tédio na Iliada ora Apollo, ora Venus, ora outras Divindades cobrindo com sombras, e nuvens ora este, ora aquelle guerreiro para o salvar das máos do seu contrario?.... Admirão muito os Pedantes o combate dos Deoses, e Neptuno, que dá tres passos, e chega de Samotracia ao seu Palacio no fundo dos mares, donde depois de armado volta no seu carro, sem se saber para que, pois o deixa junto a Tenedos! e nós nos admiramos de que haja quem possa admirar similhantes disparates: para huma parte ser bella he preciso, que se ajuste bem ao todo a que pertence: ora se os Deoses de Homero são tão gigantescos, com que verosimilhança os faz elle medir as armas com os seus Heróes, e ser até por elles feridos? Como he possivel que Neptuno ande em hum apressurado carro pelo espaço que elle despeja em duas passadas? em que aproveita á marcha do Poema o combate dos Deoses, que, senão fosse a prophecia dos Cavallos de Achyles, seria a cousa mais ridicula da Iliada? se Homero escrevesse sempre neste gosto, senão tivesse pintado Andromacha, Hecuba, Heitor, Priamo; senão tivesse derramado pela sua Epopea hum chuveiro de bellezas de outro calibre, ha muito que dormiria confundido com outros Poetas Gregos, de que a antiguidade, por fortuna nossa, deixou até perecer os nomes.

N. B. *Nos Números seguintes irão sahindo as respostas á Carta de Manoel Mendes; e ás Correcções de Hygino Antunes.*

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,
Rua da Roza das Partilhas N.° 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Origem da Agricultura.

A *Agricultura* he huma das mais antigas, e das mais uteis de todas as Artes. A simples reflexão nos mostra que deve a sua origem aos Homens reunidos em sociedade. Os primeiros habitantes do globo sómente se nutrião dos fructos que lhe offerecia a Natureza bemfeitora. Os povos que habitavão as margens dos rios vivião da pesca, bem como os que habitavão as florestas se sustentavão da caça. Foi depois que formárão sociedades que elles procurárão huma subsistencia mais certa, mais abundante, e de huma natureza mais agradavel. A primeira cousa que fizerão foi arrancar das florestas as arvores em que tinhão achado saborosos fructos, e as plantárão junto ás suas habitações. A terra recebeo em seu seio as sementes das plantas em que tinhão observado qualidades nutritivas. A observação, a industria, e a engenhosa necessidade contribuírão para a perfeição das primeiras tentativas, e deste modo a Agricultura veio a ser huma Arte.

He innegavel que os homens, que vivêrão proximos ao nascimento do Mundo, forão Agrarios. O Diluvio não extinguio este gosto, pois que a familia privilegiada, que se salvou, deu provas do conhecimento que tinhão da Agricultura. A terra cultivada pelos Patriarchas, deu colheitas abundantes, e seus rebanhos se multiplicavão, e cobrião as mais ferteis campinas. Se da Historia Sagrada passâmos á Profna, veremos os Assyrios, os Medos, os Persas, e os Romanos consagrarem-se á Agricultura. Es-

ta arte era tão antiga na Babylonia, que remonta aos primeiros seculos da sua Historia. As observações, e descobrimentos que se fazião sobre este tão importante objecto, erão communicadas pela tradição.

Os Egypcios davão a Isis a gloria de ter achado o trigo, e attribuião a Osiris a invenção da charrua, e a cultura das vinhas. Rasão he confessar, que a Agricultura era mui antiga no Egypto, pois que Abraham alli procurou hum asylo no tempo da fome, e Jacob lá mandou comprar pão em iguaes circunstancias. Se negarem aos Egypcios a invenção da Agricultura, nunca lhe poderão negar a gloria de a terem aperfeiçoado.

O primeiro cuidado do Fundador de Roma foi estabelecer doze Sacerdotes, para offerecerem aos Deoses as primicias da terra, e pedirem colheitas abundantes. Elles erão chamados *Arvales*, de *arva*, campos. Numa Pompilio, hum dos mais sábios Reis da antiguidade, depois de dividir o territorio Romano, obrigou, por huma lei, a darem-lhe huma conta exacta da maneira com que os particulares agricultavão.

Os Chinezes disputão aos povos de que fallámos, e aos mesmos Gregos a ancianidade da Agricultura. He verdade que ella mostra vestigios de ser mui antiga neste vasto paiz, pois que se falla desta arte com os primeiros Monarchas Chinezes. Houve tempo em que a Agricultura em Portugal chegou a tal perfeição, que os nossos Maiores exportavão trigo. Nesses felizes tempos, contava Portugal quasi seis milhões de habitantes. Pelo decurso dos seguintes Números fallaremos mais amplamente desta Arte, mostrando que ella he a mais sólida baze da riqueza, e prosperidade nacional.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE.

Traduzida de Vernes.

Falla o Deos do Universo aos Elementos,
Elle te chama, ó Nada:
Vai tudo no teu golphão submergir-se.
Eis foge a luz: sómente

Nos ares os relampagos fusilão:
Troão trovões, e os ventos
Do Inferno ao Ceo as ondas alevantão!
Tremei, Mortaes: o Mundo
Sob vós se abala: as lavas rompem, correm
De seu sulphureo seio:
A Morte reina, sobre a especie Humana
Florêa a iniqua fouce;
Tudo lhe sente as furias, e apresenta
O horror do Averno horrendo!
Arrasão-se as montanhas: arrebentão,
Dissolvem-se os abysmos:
Tornão-se em pó nos Ceos estremecidos
Os Astros perturbados:
Tudo se cala, e se aquieta: o imperio
Do Silencio renasce:
Todo o Universo destruido, o immenso
Seu Orbe á Noite entrega.
Oh! que innúmeros Astros fulgurosos
A mão do Tempo ensombra!
Só Tu, ó Creador, glorioso fulges
Sobre as suas ruinas.

Moniz.

ARTIGO III.

LITERATURA.

Verdade na Poesia.

(Continuado do N. V. pag. 52.)

E que necessidade ha da occurrencia de Seres phantasticos, quando os objectos, e factos são per si mesmo sublimes? Para que servem Naiadas, Nymphas, Satyros, Sylvanos, Faunos, Cyclopes, Fadas, Gigantes, Serpentes, Dragões, Chymeras, Montanhas de ferro, Palacios de ouro, Armas encantadas, e toda a ferragem

da Meza redonda, da Chronica de Turpim, maravilhas das Fadas tiradas dos Canticos dos Scaldas, das Fabulas do Edda, e das invenções dos Habitantes do Septentrião? „Para que he (diz Chateaubriand) vêr-se hum Nume em cada pedra, no Iris, nas nuvens? não he melhor vêr ahi a alma do Universo, o grande Solitario dos Mundos? por correrem atraz destes frivolos, e brilhantes sonhos, he que os Poetas antigos nunca subírão á sublime Phylosophia, nem descêrão aos profundos abysmos do coração, não tiverão Poesia discriptiva, não sentírão as bellezas da Natureza, não fallárão da voz das Torrentes, nem da magestade do Deserto. A Natureza não he para os Poetas antigos mais do que huma sombra favorecida por Morpheo, hum florido valle, a que Cytherea desce, huma fonte em que Baccho repousa no seio das Naiadas. A Mythologia povoando o Universo de brilhantes phantasmas, tirava á Creação a sua grandeza, e circumscrevia os vôos do pensamento. Desterre-se de huma vez toda a caterva de Phaunos, e Nymphas, para restituir ás grutas, e aos bosques o seu silencio, a sua melancolia. Quebrem os Rios suas pequenas urnas, para só do cume das montanhas derramarem as aguas do abysmo. Não basta descrever, e adornar a Natureza, hé tambem preciso pinta-la com as suas verdadeiras côres: não basta, que a Imaginação a imite com seus brilhantes pinceis, cumpre que o coração a vêja, a sinta, e a cante. „

Porém o peior de tudo foi passar-se da ficção para a falsidade; os Poetas, habeis em fingir, aprendêrão tambem a mentir; podia povoar-se o Universo de mil Deidades amaveis, mas não devião divinizar-se os Monstros que devastavão a terra.

Era dever do Poeta ser o Historiador, e o Bardo dos Povos, celebrar com lingua de ouro a Virtúde, e cingir com o eterno fulgor do Canto os nomes caros á Humanidade; cobrir o vicio de maldições e opprobrios, fulminar a tyrannia, e fazer que sobre as orgulhosas cabeças retumbasse o medonho trovão da Posteridade. E ha de hum sublime talento involver-se no lôdo da baixeza, e prostituir a linguagem dos Numes a vergonhosas adulações? Nada ha mais torpe do que hum Poeta, que, tendo azas para remontar-se aos Céos, curva servilmente o joelho, para consagrar seus versos a Homens viciosos, e indignos.

Porém as Musas sabem vingar-se, desviando sua inspiração divina daquelles que profanão os seus dons celestes, daquelles, que, largando o sceptro do Genio, abaixão suas azas de fogo, descem da altura de sua alma, e des-honrão os seus sublimes pinceis.

D' indigna adulação torpe ignominia,
O espirito aviltando, enerva o genio.

Continuar-se-ha.

ARTIGO IV.

CRITICA.

Observações sobre huma Carta impressa em papel pardo, e dirigida a hum Amigo Transmontano pelo Doutor Manoel Mendes Fogaça.

Pensavamos que o Doutor Manoel Mendes *Fogaça*, (corrido das numerosas apupadas, com que o tinha mimoseado hum immenso Auditorio, na sempre memoravel occasião em que Antonio Xavier (nome execravel a todos os *Fogaças*!) se lembrou de o pôr em scena com todas as suas baldas; e em que hum Actor o representou fielmente, copiando-o em trajes, e acções,) se tinha para sempre recolhido á sua Aldêa, com tenção de não tornar a Lisboa. Ha porém Homens que são como as péllas, que quanto mais batidas mais saltão, e o Doutor Mendes *Fogaça* he deste número. Em huma *Carta*, datada *do Forno do Tijolo*, (sitio quasi deserto, aonde, porque sempre teve zanga de que a gente visse as suas acções, vive solitario como em hum Arrabalde de Genebra) torna o Pantafaçudo *Fogaça* a apparecer aos olhos do Publico, ladrando a mortos, e a vivos, e dirigindo seus principaes ataques contra o Observador, e seus Redactores.

He na verdade cousa notavel a guerra que nos declarão os *Fogaças*, e os *Antunes*, que taes são os nomes com que se disfarção os nossos *mycpes*, e *carrancudos* adversarios, talvez por em sua consciencia assentarem que propriamente lhes quadrão! e nós, que os bem conhecemos, (como a Raposa distinguio o Burro coberto com a pelle do Leão, porque lhe vio as orelhas de fóra,) vendo seu torpissimo estylo, e desconnexas idéas, rimos de tão pueril artificio, e os tratamos com o merecido desprezo. Ha porém certos *Papa-moscas* que por prevenção, ou ignorancia, não cessão de clamar „ que responderão os Observadores? „ Quem são elles para medir-se com o Doutor *Fogaça*, que *escreve, escreve, escreve, e até dormindo escreve*? „ e nós que somos amigos de contentar a todos, em obsequio destes Senhores, tomamos o fastio de responder a huma dúvida do Doutor Mendes *Fogaça*, e he a seguinte „ *Eu não sei o que elles observão*, observamos:

1.° Que a carta do Doutor *Fogaça* he pessimamente escripta, cheia de ignorancia, e má fé.

2.° Observamos: que o Doutor Mendes *Foçaça* diz tanto mal dos Theatros não só pelo mal que lá foi tratado, mas pelas horroro-

sas pateadas, com que alli forão escarnecidos os Dramas de alguns seus amigos, como a *Zaida*, o *Ataide*, a *Clotilde*, *etc.*

3.° Observamos: que o Doutor Mendes *Fogaça* se mostra ignorantissimo em Poesia, pelo desprezo com que trata a *Brasiliada*, Epopea chêa da mais rica imaginação, e em que seu desgraçado Auctor prodigalizou com pincel original e creador, formosos, e energicos quadros, que fazem honra ao Genio Portuguez; bastando para provar esta asserção citar a caçada, o banquete, a resenha das tropas, a revolução Franceza em geral, e em particular a morte de Luiz XVI., o concilio infernal, o sonho do Heróe, a partida das Náos e a consternação de Lisboa, a tempestade em Terra, a apostrophe á Natureza, e finalmente as discussões politicas do Canto oitavo, trecho a que nada ha comparavel em alguma outra Epopea, seja pela força de estylo, ou pelo vigor das idéas.

4.° Observamos: que o Auctor quando ataca o titulo deste Poema dizendo „ *nada do que alli se diz se fez, ou vio no Brazil tudo se fez cá, e no's o vimos* „ em primeiro lugar mente, porque parte da acção he passada no mar, e no Brazil, pois El-Rei, e a Real Familia arribão á Bahia, etc. Em segundo lugar mostra ignorar que o titulo dos Poemas Epicos se tira, ou do nome do Heróe, como *Odyssea*, *Eneida*; ou do lugar onde se passa a acção, como *Iliada*, ou do objecto da acção, como a *Cruz restaurada*, ou a *Brasiliada*, isto he a viagem d'ElRei para o Brazil.

5.° Observamos: que tendo apparecido em Portuguez tres traducções dos Martyres, por diversos sujeitos, e com diverso merecimento, tem seus laivos de desaforo fazer hum ataque á traducção dos *Martyres* sem dizer qual, pondo os Leitores menos instruidos nas circunstancias de julgarem má toda a traducção dos *Martyres* que lhe cahir nas mãos.

6.° Observamos: que he indigno de hum Homem de probidade forjar oito versos ridiculos, e attribui-los aos Auctores de huma collecção de diversas Poesias com que alguns dos nossos Poetas celebrárão a Familia Real, e as victorias alcançadas pelos nossos bravos Guerreiros, e Alliados, como faz o Doutor *Fogaça* a paginas 6.

7.° Observamos: que he ridiculo julgar o Doutor Mendes *Fogaça* do merecimento do Observador, quando a pag. 7 confessa que *so' lêra o Prologo delle.*

8.° Observamos: que he hum absurdo declarar-se o Doutor *Fogaça* contra todos os Jornaes, sem fazer distinção de bons, e máos.

9.° Observamos: que he outro absurdo querer o Doutor Mendes *Fogaça* ridiculizar, e tratar de inuteis os Artigos sobre os Insectos.

Nenhum ramo da Historia Natural merece desprezo, especialmente quando he bem tratado: e estando os Camponezes continuamente expostos ás mordeduras dos Insectos venenosos, he preciso ser bem *Fogaça* para não conhecer a utilidade de ensinar-se ao Povo o meio de precaver e sanar os damnos, que de seu veneno resultão.

10.° Observamos: que só hum Enfermeiro de Doudos he que podia dar competente resposta ao Doutor *Fogaça*, quando clama que no Observador ha *huma solemne descompostura a huma Mulher de Theatro nomeando-a pelo seu nome*; não sendo alli offendido o crédito da dita mulher; mas sómente notando-se-lhe alguns defeitos d'arte, e a falta de estudo da Lingua, de que ella deve, e póde facilmente corrigir-se: e quando chama a isto hum *insulto nunca visto entre no's até agora*, como se ninguem tivesse lido os seus folhetos cheios das mais indignas personalidades, e não andasse nas mãos de todos a Parodia feita pelo Doutor *Fogaça* ao elogio recitado pela mesma Actriz, e que começa:

Acabei de fingir sou outra agora.

Parodia tão torpe, e infame por expressões, e idéas, que della não he possivel citar hum verso!....

11°. Observamos: que o Doutor *Fogaça* se mostrou completamente ignorante quando desapprovando a descripção que démos da Africa em Geographia antiga, disse, que, para a fazermos boa, bastava que consultassemos Danville, sendo a censurada descripção copiada exactamente daquelle célebre Geographo!

12.° Observamos: que o Doutor *Fogaça* tem muita rasão em attribuir a desordem da Sociedade, e a desgraça da Literatura a abraçarem-se estados sem vocação para elles; pois senão fosse isso o Doutor *Fogaça* em vez de escrever destas *cartinhas*, puxaria pelo cabresto de huma azemela, ou acarretára fardos na Alfandega; e o *seu Sancho* Antunes pesaria quartas de toucinho, ou passaria a rasoura por cima d'algum alqueire de feijão.

13.° Observamos: que o Doutor Mendes *Fogaça* he o Homem mais leigo em Historia Natural, que piza a face da Terra. Não farto de ter em outra *obrita* chamado Reptis aos Insectos, nesta em tudo admiravel *carta* põe na classe dos Insectos os mais alentados, e ferozes quadrupedes. *Na Historia Natural* (diz elle) *ha a parte Zoologica; alli tem Bichos, mas não sejão Bichos pequenos, mas Bichaaccos grandes. Não tem ali Camelos? não tem Onagros, ou Asnos Silvestres? não tem Girafas estupidas, e grandes? não tem Zebras variadas, indomaveis, e escouceadoras? gostão de Insectos mais miudos!* Os Camelos, os Onagros, as Zebras postas no número dos Insectos! Quem tal crê-

ra, se o não visse impresso, e tão claramente impresso? e quem ousaria imprimir tão desmarcada, e Talúda Sandice senão o Doutor *Fogaça*?

14.° Observamos: que o Doutor *Fogaça* não sabe a Lingua Portugueza, pois diz a pag. 24 „ haja hum, ou busquem este hum que tenha o estylo seguro, e fixo, que conheça a difficil arte de se *annunciar* bem „ quando para fallar Portuguez devia dizer *enunciar*„ assim como diz a pag. 20 *administrar idéas*, devendo, para expressar-se com propriedade, dizer *ministrar idéas*.

15.° Observamos: que varias phrases que o Doutor *Fogaça* emprega nesta carta, (ex. grat.) „ *Querem a Ichthiologia? gostão de peixes? e que bons peixes andão por ahi! olhem que não são os dos cabazes; que esses não sabem dahi senão a pezo de oiro*„ despertão idéas indecentes, e são indignas de hum Homem velho, e que como o Doutor *Fogaça* pertende dar conselhos aos outros, e prescrever-lhe regras de comportamento.

16.° Observamos finalmente: que se quizessemos apontar todas as sandices, mentiras, e calúmnias de que vem recheado este opusculo, seria necessario empregar nestas observações pelo menos dois Números inteiros, nós porém nos contentamos por ora com esta pequena dóse de tunda; e vamos accodir ao chamado eruditissimo *Hygino Antunes*, que não quiz, como brioso, e leal *Escudeiro* que he, desamparar seu Amo na lide que hiá emprehender, lembrando-se de que o seu grande modelo o preclarissimo Sancho Pança sempre acompanhou D. Quixote em todas as suas cavallerias, ainda em risco de ser zurzido, ou manteado.

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,
Rua da Roza das Partilhas N.° 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Dos Mosquitos.

[CULEX.]

Caracteres physicos Estes insectos sem queixos, de duas unicas azas (*Dipteros*), com antennas mui curtas, sugador corneo saliente, e sem tromba (*Sclerostomos*); tem as antennas filiformes, ou plumosas; e o sugador consiste em cinco cerdas encerradas em huma bainha carnosa, mui comprida, e sobrepujada por dois longos palpos articulados. Estes pequenos, e delicados insectos de pernas compridas, chupão o sangue dos grandes animaes, e procedem de larvas alongadas, de que abundão as aguas estagnadas, nas quaes nadão com muita velocidade: a cabeça destas larvas he grande, munida de antennas: seu corpo tem de cada lado huma fileira de cerdas, e hum tubo na extremidade para a respiração.

A nympha apresenta todos os membros do insecto perfeito, agregados ao thoracete; com tudo os movimentos do seu abdomen a habilitão tambem para nadar, e respira por dois pequenos corniculos, que tem no thoracete. Quando brota o insecto perfeito lhe serve de barco o despojo da nympha, até que as azas estejão seccas. *Cuvier* particularisa a seguinte especie:

1.ª *Mosquito zumbidor*, ou *ordinario* (*Culex pipiens.*) He cinzento com oito anneis pardos no abdomen, e as antennas do macho plumosas. Este insecto, excessivamente commum nos lugares pan-

tanosos, he huma das calamidades dos paizes do Norte: os Laponios livrão-se delles vivendo em hum continuado fumo.

N. B. Os Mosquitos, e outros Insectos incommodos das Ilhas da America, parece que são especies proximas a esta.

Acção venenosa sobre a economia animal. Entre os insectos nocivos ao homem, poucos ha cuja presença lhe seja tão incommoda como a do mosquito. Este animal he principalmente ávido de sangue humano. Parece que o cheiro da nossa transpiração o attrahe, e que elle se dirige com preferencia á pelle mais fina, e delicada. Quando muitos destes pequenos animaes insinuão na pelle o seu aguilhão e veneno, excita-se huma especie de inflammação assás analoga ao effeito das ortigas. Sobrevem prurido violento; algumas vezes comichão intoleravel, e frequentemente hum verdadeiro estado erysipelatoso. Não he raro vêr-se inchada, e vermelha toda a superficie do systema dermoideo. Donde provêm, nas organisações naturalmente irritaveis, huma febre mais, ou menos intensa, insomnias perpetuas, etc.

Antidoto, e soccorros. Remedeão-se os effeitos da picada dos mosquitos pelos meios mais simplices. Lava-se a ferida com saliva, agua commum, ou impregnada de sal; tambem se usa do azeite, vinagre, agua vegeto-mineral, etc. Tem-se proposto, e mesmo empregado com algum exito, a applicação do queijo, leite, manteiga, ou dos corpos graxos, e mucilaginosos, para mitigar o estado doloroso, e mordicante da pélle. *Baume* aconselhou o fumo de tabaco por ter conhecido que seu cheiro affugentava estes insectos: todos os vegetaes fétidos possuem propriedade analoga. *Amoreux* aconselha que se destruão os mosquitos nas casas, collocando á tarde huma luz em hum globo de vidro untado externamente de mel, para os attrahir, e glutinar á sua superficie. „ Os *Mosquiteiros* de garça, ou volante, accrescenta o mesmo Auctor, nos defendem durante o somno da noite, e proporcionão agradavel sesta a certos mandriões por officio, e a alguns voluptuosos por costume.

ARTIGO II.

POESIA.

FABULA.

A Giboya, e o Macaco.

Lá nos serros do inculto Brazil
A Giboya na turba reptil,
Na quadrupede vária domina
A Panthéra ligeira e ferina.
Por obstar a discordias antigas,
Que brotavão renovos maiores,
Assentárão por Embaixadores
De ajustar entre si novas ligas,
Com que, dando-se mútua homenagem,
Para os dous igual fosse a vantagem.
Mandou logo a soberba Serpente
Hum soante, raivoso, e temivel
Cascavel, em venenos potente:
Sem veneno a Panthéra terrivel
Mandou logo, em astucias perito,
Grande Mono de gesto exquisito.
Ei-lo já co' a Serpente tratando,
E ei-la irada, que diz, sibilando:
,, A que vem tal grunhir, taes caretas,
,, Se não he que illudir-me projectas? ,,
—Co' respeito á grandeza devido
(A coçar-se tornou mui sorvido)
,, Entre vós, e minha Ama a Panthéra
,, Igualmente a intenção foi sincera:
,, Esse tal que lá foi de embaixada
,, Tambem creio que não conclúe nada:
,, Quanto a mim esta troca annuncía
,, Que nas Côrtes tudo he monaria.

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Memorias de Hygino Antunes.

O tempo vai fertil em motivos de dissabor, he preciso alguma distracção, he necessario algum desafogo: o estudo mata muitos cuidados, e, assim como a leitura rega, enverdece, e fertiliza os vergeis da imaginação, tambem a escriptura recrea o animo, ao mesmo tempo que, discorrendo pelos campos moraes, se dispargem as flores da phantasia. Phantasia he isto mesmo: e assim he que, para recreio e deleite, não se ha de escrever de materias graves, que prendem os sentidos, e apurão o entendimento; hão de antes buscar-se idéas prazenteiras, assumptos joviaes, e objectos jocosos: e que mais jocosa cousa do que, com o telescópio da boa crítica, observar os empavezados charlatães, os attrevidos pedantes, e os presumpçosos sandeos?

Eis-ahi a sôpa no mel. Cahio-me nas mãos hum miseravel papelinho impresso, de que se diz Autcor *Hygino Antunes*, e consta (diz elle) de *correções feitas*. Ora eu tenho conhecido alguns *Hyginos*, e alguns *Antunes*, porém não conheci, nem conheço nenhum *Hygino Antunes*; e este tal *Hygimo das correções feitas* não sómente o não conheço, mas até não sei se he vivo, nem se he morto: se he morto, Deos tenha a sua alma em descanço: se he vivo, Deos lhe dê juiso, que na verdade bem falta lhe faz; e tanta, que eu mui sinceramente protesto não querer conhecello, porque, segundo a insignificancia da tal obrinha, he elle muito insignificante, e desprezivel creatura. Verdade he que me dizem; que *Hygino Antunes*, ou *Hygino das Correções* he nome supposto; e que *o supposto Hygino*, muito alvarinho e tronchúdo, he o *Auctor dos Kanados*: e com effeito, eu a isso me inclino, ou por melhor dizer, assim o reconheço na tal obrinha, porque em varios lugares della

Un petit bout d'oreille échappé par malheur
Decouvrit la fourbe et l'erreur. — (*Lafontaine*)

Pela ponta da orelha que apparece
O disfarçado Burro se conhece.

Mas, antes de amostrar a ponta da orelha de *Hygino Antunes*, he preciso dizer como obteve elle as honras de *Auctor dos Kanados*. *Kan*, em linguagem Tartara, significa *Senhor*: deste substantivo pessoal temos o derivado possessivo, *Senhorio*; porém vai que fez *Hygino Antunes*? como bem Tartarizado e Eruditissimo Grammaticão, de *Kan* derivou *Kanados*; e, com muita honra e gloria sua, corre o tal palavrorio, com outros mil quejandos, impresso em huma dessas folhas de papel pardo, que andão todos os dias por muitas mãos, e mais não sei por onde.

Não ha quem se não indigne, e se aborreça de sandices, e sandeos: mas, ainda que eu me incolerize, quando elles se me apresentão carregados das inepcias e frioleiras da ignorancia e presumpção, facilmente se me tempéra a bilis, e não posso conservar odio a ninguem; e tambem, como tenho a balda de querer sempre julgar o melhor, ainda duvído se *Hygino Antunes*, he ou não he o *Auctor dos Kanados*: por seu estylo enojoso, por suas birras, e outras manhas parece-me que he o mesmo; e a ponta da orelha he, tal qual, do mesmo feitio, e côr: e, como o *Auctor dos Kanados* no Parallelo do *Oriente* com a *Lusiada* (obra de eterna execração para o *Doutor Mendes Fogaça*!) levou huma pequenita esfréga, por sahir a público, em ar de *Caudatario do Doutor*, fazendo alarde das miserias de seu entendimento; cuido agora que o miseravel, tomando-se de outra tal tentação, e temendo justiças da mesma penna, para evitar a surra mudou o nome; porém, sendo seu fado a ridicularia, chamou-se *Hygino Antunes*, e amostrou a ponta da orelha.

Como quer que isso seja: o certo he que, com os tolos ingenuos e commedidos tem-se piedade, e compaixão de sua simpleza; porém quando apparece hum nescio lépido, lampeiro, e campanudo; hum estupido ignorante, hum sandeo presumindo de omnisciente Letrado, e de ladino Doutor, então não ha quem se tenha; dispárão-se as fréchas da irrisão, estende-se o azurrague da ironia, jogão-se todas as armas do ridiculo, chovem apódos, facecias, e motejos; e o indiscreto taralhão fica mais retalhado do que se levasse ventósas sarjadas, e mais coberto de mófas, e ignominias do que de insectos hum asno morto. Mas inda assim, eu não quero deixar *Hygino Antunes* tão cortado como merece a sua balofa personagem, e balofissimas composições; porque ninguem ignora o muito que podem as más companhias, e o *Pedantão Mendes Fogaça* tem sido huma manifesta perdição para o *seu Caturra Hygino Antunes*.

Não obstante a orelha que amostra, bem conhece o alvarinho e tronchudo, rôlho e apaspalhado *Hygino Antunes*, e bem diz (pag. 3.) „ que he necessario subjeitar-se a procurar, e ou-„ vir hum amigo verdadeiramente erudito, prudente, e sincero,

„ que o affaste, encaminhe, ou instigue, quando se resolve a sa-
„ hir a público com producções literarias „ porém como teve a
ruim ventura de deparar com hum *Mendes Fogaça*, o qual (ex-
cepto no desafôro) em todos os sentidos he hum perfeitissimo
avesso da perfeição: como he tão lêsma, que o escuta de boca
aberta, admirando as suas producções, e subjeitando-se ás suas
decisões, nem que fossem do Oraculo de Delphos, ou de outro
assim famoso: como não sabe conhecer quanto são errados, con-
fusos, e enojósos os literarios feitios do *Mendes Fogaça*, nem
quanto são malignos os seus pareceres, sentenças, e arrazoados:
como, a pag. 6, nos certifica de que „ a sua paciencia se não
„ enfada facilmente; „ e como daqui mesmo se próva a sua in-
capacidade mental, poucas esperanças restão de o vêr devida-
mente emendado: e com tudo, como tambem = agua molle em
pedra dura tanto dá até que fura = esperemos, porque talvez
ainda venha a furo da reflexão a sua gorda, e dura cachimo-
nia, e com o andar do tempo lhe entrem alguns barruntos do
senso commum.

Se o burro aprende a estrada, porque não há de *Hygino An-
tunes* aprendella? Eu não pertendo alguma obra boa de *Hygino
Antunes*, porque de ninguem se deve pertender cousa superior ás
suas forças: quero sómente que elle não metta o bedelho a pa-
lestrar doutoramente daquellas cousas de que nada entende, que
não sáhia da sua esphéra, que se limite a adúbos.... e nisso lhe
poderá ir muito proveito. Os mais nescios são esses os que mais
affincados costumão attender ao seu interesse, e proveito; e mui
proveitoso seria a *Hygino Antunes*, por seu crédito, o seu silen-
cio. Bem sei que tambem os mais nescios costumão ser os mais
fallões; e *Hygino Antunes*, além de em seu natural ser gravemen-
te achacado de huma excessiva comichão palrante, ou palradora;
como a tinha dos máos costumes he a que mais facilmente se ape-
ga, coitadinho! instigado, e influido pelo funesto exemplo do
seu façudo, e lambareiro amigalhão *Mendes Fogaça*, tem já ap-
parecido, ajoujado sandeo com sandeo, espontaneamente offere-
cido em pábulo á pública risota, e zombaria; parecendo tambem
como elle, aspirar á celebridade pelo maior número de sandices
de sua propria lavra. Deixemos as muitas que tem encelleirado
em seus diversos canhenhos, porque, sem as deslindar, o sim-
ples arrolamento dellas seria huma longa tarefa, e de longuissi-
mo fastio: e eu que por desfastio tomei a penna, para dar dous
traços nos focinhos de *Hygino Antunes*, não quero que hum di-
vertimento se torne em huma fadiga, para mim, e para os meus
leitores; e cuido aliás que bastará sacar alguns fios da cozedura
papalvo-crítica de *Hygino Antunes*, para poder dar gasto ao bom
humor.

Vejamos pois como apparece a ponta da orelha de *Hygino Antunes*, e se por ella conhecemos ser elle o *Auctor dos Kanados*, por tantos titulos tão ridiculamente célebre. Diz o *Hygino* (pag. 4 das suas *Correcções feitas*) „ A experiencia de sobejo „ mostra quanto hum amor proprio desregrado, ou hum feio or- „ gulho céga muitos Homens, e os precipita na carreira de Es- „ criptores públicos sem as prévias noções sufficientes de quaes „ sejão os sólidos conhecimentos que este mister exige. Se isto „ he em qualquer ramo de Sciencia, ou de Literatura em parti- „ cular, em que o sujeito he versado, ainda póde ter desculpa „ a sua confiança. „ Não lhe façamos caso das miserias d'estylo, e phrase, porque em fim elle não sabe escrever melhor: mas então, não he bem grande a *confiança*, a presumpção, ousadia, atrevimento, charlataneria, pedantismo, ignorancia, e sandice de *Hygino Antunes*? Não se duvída de que ha Escriptores públicos *sem as prévias noções que este mister exige*: que maior prova do que o proprio *Hygino Antunes*? Mas como pertende elle *o subjeito versado em qualquer ramo de Sciencia, ou Literatura sem as prévias noções que este mister exige*? E quando isto pudesse dar-se, como poderia *ter desculpa a sua confiança*? Tal cabeça, tal sentença: tal idéa, tal expressão. Está dito, parece-me que não tem dúvida nenhuma: *Hygino Antunes* he o *Auctor dos Kanados*:

Un petit bout d'oreille echoppé par malheur
Decouvrit la fourbe et l'erreur.

Com os dous Jornaes o *Encyclopédico*, e o *de Coimbra*, encamba *Hygino Antunes* o *Semanario de Instrucção* (alcunha) e gaba (pag. 5) „ os excellentes artigos literarios, e o eruditissi- „ mo, e vehementissimo modo do Espectador „ (Espreitador) E vai então, e eis-ahi estão o *Espectador*, e o *Semanario de Instrucção*, dous ludibriosos monumentos da ignorancia, e do desafôro, os dous peores Jornaes que havemos tido, emparelhados por *Hygino Antunes* com os dous melhores que possuimos! Mas que ha de ser, se dizem que elle levava rasca naquellas assaduras? Que ha de ser, se o menos que faz *Hygino Antunes* he amostrar *Un petit bout d'oreille*?

Querendo *Hygino Antunes* (pag. 6) accusar de ignorancia no *Observador* sobre a pluralidade dos Jornaes politicos ou literarios, chama-lhe *falta de noticia, ou aliás philaucia*, de maneira que em seu canhenho, e em seu bestunto o mesmo vale *philaucia*, isto he, presumpção, vaidade, amor proprio desordenado, que falta de noticia, ou ignorancia! *Un petit bout d'oreille.*

Diz mais o *Hygino* (ibid) „ Mas qual não foi a minha admira-

„ ção quando, sem mais prévia noção ácerca das classes dos „ Insectos, se me apresentou descarnado hum singelo artigo, „ que tratava do Escorpião, ou Lacrão, e outros artigos em „ que huma linguagem vasconça deixa enfastiado o Leitor. „ Ora já se vê que *Hygino Antunes* tem séstro com as *prévias noções*, talvez por isso mesmo que absolutamente as carece; tendo por tanto muita rasão em não querer que se trate do Escorpião, *sem mais prévia noção ácerca das classes dos Insectos*; mas, se isto fosse necessario, tambem o seria que, para tratar do *Auctor dos Kanados* se désse huma *prévia noção ácerca das classes dos animalejos de menos tino.* Porém, como todos os grandes ignorantes são grandes admiradores; he por esta só rasão que *Hygino Antunes*, desconhecendo o valor, e propriedade das phrases scientificas, e termos téchnicos empregados naquelle e similhantes artigos, os argúe de *linguagem vasconça*; aproveitando a accepção ridicula em que trivialmente he usada esta expressão, e mui provavelmente ignorando a sua originaria, e genuina significação, que nada tem de ridicula, nem desagradavel, sendo antes mui suave a linguagem dos Povos que chamamos *Vasconços*, ou *Vascongados*, entre os quaes, por mui laboriosos e entendidos, raro he que algum *Hygino Antunes* amostre: *Un petit bout d'oreille.*

Diz mais o *Hygino* (pag. 8.) „ Não farei separação das „ classes de erros, involverei na ordem em que se achão os „ Grammaticaes com os Orthographicos, os de composição com „ os de traducção. „ Temos pois que, na intelligencia de *Hygino Antunes*, a mesma differença vai de Grammatica a Orthographia, que de composição a traducção: de maneira que nem sequer sabe quantas são as partes da Grammatica! nem sequer sabe, ou pelo menos mostra não saber que huma dellas he a Orthographia! Talvez elle quizesse dizer, *erros Grammaticaes de Construcção, ou Syntaxe, com os Orthographicos*: porém esta clareza, e propriedade he impropria do *Auctor dos Kanados*, he superior ao seu engenho, e saber, que todo consiste em amostrar *Un petit bout d'oreille.*

Diz mais o *Hygino* (pag. 12.) „ Em Poesia póde dizer-se „ Jove, mas em prosa só usamos dizer Jupiter; salvo em dis- „ curso de eloquencia elevada, e isso carece de muita parcimo- „ nia, e deve-se attender á euphonia. „ Elle o diz: *Jove* sôa, ou póde soar *deseuphonico* ás orelhas de *Hygino Antunes*! tão contrarias a toda a euphonia são as orelhas dos zotes, e sandeos! e tão teimoso he *Hygino Antunes* em amostrar: *Un petit bout d'oreille.*

Diz mais o *Hygino* (pag. 24.) „ Ser parte para alguma „ cousa, não he Portuguez. „ Porém todos aquelles que o co-

nhecem, e eu, pelo que vejo, certificamos: que elle *Hygino Antunes, Auctor dos Kanados, e das Correcções feitas*, he muito boa peça, e mui perfeita *parte para* o rol dos lépidos parvalhões, e para a récua dos animaes bipedes que tem muitas propriedades dos quadrúpedes, e por isso a cada instante lhe apparece: *Un petit bout d'oreille.*

Diz mais o *Hygino* (pag. 25) „ Em Portuguez diz melhor „ huma Menina do que huma bella Menina, que parece canti- „ guinha. „ Ora eis-ahi como são as cousas! muito sabe *Hygino Antunes*! em se dizendo Menina, está dito tudo: e embora a Menina seja deforme, seja aleijada, ou corcovada, ou leprosa, tudo isso he indifferente, e sempre a Menina será bella Menina, que assim o diz *Hygino Antunes, Auctor dos Kanados, e das Correcções feitas*; e está dito, porque elle não he individuo que deixe de amostrar: *Un petit bout d'oreille.*

Agora, como huma bella Menina sempre he objecto de reparo, largo eu a penna para contar quantos já por ahi vão *petits bouts d'oreille* de *Hygino Antunes*?.... Hi! como elles são tantos!... Desandemos hum pouco, a vêr-se, dando para traz com *Hygino Antunes*; quero dizer, se olhando esta tal obrinha do *Autcor dos Kanados* na corrente, que todas ellas levão, da maré do Caranguejo, não lhe apparece nenhnm *petit bout d'oreille.* Vejamos. Mais de ametade da pag. 21, e toda a 22; e parte da 23 enche elle com os gabos do seu muito amado *Espectador*, condemnações do *Observador*, e hum aranzel, e argel de *Insectos, bichos peçonhentos, reptis venenosos, e universal risada*!... Hi! com Satanaz!... pois não será possivel vêr-nos desinçados dos *petits bouts d'oreille de Hygino Antunes*?... Desandemos ainda. Oh! cá está: refere-se elle (pag. 20) a hum artigo do *Observador*, sobre a preparação dos vinhos; e, depois de varias, e eruditissimas *Correções feitas*, diz (pag. 21.) *Cumpre fazer justiça ao Traductor deste artigo, de que sem dúvida he elle o mais limpo destes dous números* (isto he os 8.º e 9.º em que o *Auctor dos Kanados* assenta todo o gravissimo peso da sua sabença critica!) *e os erros Typographicos, ou Orthographicos apontados em nada deslustrão o seu trabalho*, Oh! agora sim, agora já não he: *Un petit bout d'oreille*: agora,

Por huma orelha inteira que apparece
O disfarçado Burro se conhece.

Ora, na verdade he bom, e está bem traduzido o artigo mencionado; alguma vez *Hygino-Antunes*, havia de julgar com acerto: mas porque o julgou elle assim? porque deo este justo louvor? e porque ao Traductor deste artigo não chama tambem Reda-

ctor do Periódico que condemna, já que a pag. 7, e referindo-se ao N.° 7.°, diz que *pasmou de vêr elogiado até ás nuvens o seu proprio Redactor*; sendo que esse a quem allude tem sómente assignado os artigos de Poesia, e destes alguns tem apparecido tambem assignados por alguns outros sujeitos que bem póde ter a certeza de que não são Redactores do *Observador*? Passemos por alto a sandice mui propria do *Auctor dos Kanados* na phrase de, *elogiado até ás nuvens*: coutado! elle o mais que aprendeo foi a embrulhar.... para Critico só tem os titulos de abelhudo, e, segundo os seus em tudo mesquinhos principios, não está obrigado a saber que a phrase he, *levantado até ás nuvens*, o que tanto vale como *elogiado*. Passemos-lhe por isso, mas perguntemos-lhe as rasões daquella differença em seu julgado, e ouçamo-lo, que elle ahi as dá. „ He porque eu (diz elle) tenho má vontade a esse que chamei Redactor; e ao outro, ainda que lha tenha, sempre lhe quero dar assim alguns louvores, por saber que he hum Homem respeitado por seus talentos, e por seu posto. „ Ora eis-ahi estão as rasões muito bem dadas: e não ha que lhe reprehender, nem devemos attribuir á propria indole de *Hygino Antunes* estas torpezas da maldade, e da lisonja; porque isso tem elle aprendido com o seu grande, e grosso amigo *Mendes Fogaça*, o qual, a pag. 21 da sua *Carta sobre o Observador*, lamenta desgraçadissimo as *desgraças do presente tempo em literatura*; e *Hygino Antunes*, como bom, e verdadeiro *Sancho Pansa* daquelle *Quicote Fogaça*, tambem a pag. 27 faz outra tal lamentação por *tantos escriptos inceptos como estamos vendo sahir das nossas Officinas*: porém o *Mendes Fogaça*, que, segundo elle mesmo diz (pag. 25) he *Homem de cans, e experiencias consumadissimas*, a pag. 20, e 21 dá a rasão de haver tanto que a este respeito lamentar, porque (diz elle) que *a desordem* da sociedade nasce de *se abraçarem estados sem vocação*; e mal se poderá disto duvidar, quando elle, e mais o *Auctor dos Kanados* com seu proprio exemplo o confirmão, e

Pelas longas orelhas que apparecem
Os disfarçados Burros se conhecem.

Moniz.

Continuar-se-ha.

ARTIGO IV.

LITERATURA.

Verdade na Poesia.

(Continuado do N.º VI. pag. 52.)

Não póde haver mente elevada onde o coração he oppresso, a facundia do Escravo he acanhada, e tímida, e se arrasta como as suas cadêas. Os maiores se tornão pequenos inclinando-se a pequenos Idolos.

Só ha bons versos, e escriptos nobres onde as cabeças sans procurão a verdade, e os corações ousão dizella: a verdadeira Eloquencia, a verdadeira belleza da Poesia derivão-se de hum pensar nobre, de hum sentir forte, e de hum fallar livre. Não he grande o que sabe graciosamente lisongear os grandes, e revestir com delicado estylo delicados louvores: grande he aquelle que tem nos versos o valor, e a força, que nascem da força, e valor da alma; que tem aquella eloquencia nobre, ousada, vehemente, que arrebata comsigo os Povos, e os Seculos, e que exprime livremente os seus sentimentos com huma lingua de ouro, e com penna de fogo. A Poetisa Corinna exclama:

Sinto-me Poetisa: não, se encanta
Sabia união de syllabas sonoras
Meus attentos ouvintes; mas se esta alma
Igneo voo empinando aos Astros sobe,
E comtempla de lá, de lá despreza
Egoismo, Baixeza, Tyrannia,
Mesquinha Escravidão; e se a Verdade,
Linda Filha dos Ceos, me inspira os versos

A Musa da Historia, e não a da Fabula deve consagrar os illustres feitos em bello metro, disse o antigo Bardo Cindallan.

Nas luminosas notas da Verdade
Não canta os Reis, mas Reis do canto dignos.

Não viverão aquelles nomes, que das rebalsadas aguas do Lethes forem tirados por negros Corvos, e garras de Milhafres, a

Virgem celeste só gravará nas marmoreas columnas da Immortalidade aquelles, que os niveos Cysnes salvarem. Então os Poetas serão verdadeiramente Filhos dos Tempos antigos, e soarão no futuro; terão o mais bello campo da luz quando celebrarem os verdadeiros Heróes, os Bemfeitores do Mundo, e os Libertadores dos Povos. „ Ha huma cousa ainda mais bella do que a gloria „ (diz o sublime Alfieri) e he celebrar egregias virtudes com „ egregio estylo. Então dão honra os versos, porque são filhos „ de hum verdadeiro sentimento; então o louvor he huma re- „ compensa, e não hum tributo! „

N. B. *Saibão os Senhores Subscriptores que por hum motivo extraordinario, e bem contra nossa vontade, e sem nossa culpa, foi interrompida a publicação deste Periódico; e lhe rogamos que essa falta queirão relevar, porque emfim, tornamos a dizer, foi ella sem nossa culpa, e temos provido a que outra tal não aconteça.*

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,
Rua da Roza das Partilhas N.° 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VIII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Graduação, e Extensão da Sensibilidade.

A Dôr, de que nenhuma parte exterior do corpo parece isentar-se, fez crêr, que todas as partes interiores erão a ella igualmente sujeitas. Foi necessario muito tempo para perceber-se, que certos orgãos podião estar feridos sem que o animal exprimisse a sua situação pelo grito do soffrimento, ou, para fallarmos a linguagem de alguns modernos, que havia partes insensiveis. Devem dizer aqui que esta insensibilidade he relativa, e não póde considerar-se como sensibilidade inteira, e absoluta; pois se a impressão de hum corpo estranho applicada a huma parte não arranca aquelles gritos, que caracterisão huma dôr viva, não se segue que o animal não soffra, e não faça os necessarios esforços para desviar a causa que nelle produz tal sentimento.

Podem muito bem as partes do corpo não ser do mesmo modo affectadas, e serem comtudo sensiveis. O sentimento insupportavel, que se chama *dôr* parece mais inherente ás partes exteriores do corpo, porque talvez, na intensão da Natureza, devem servir de salva-guarda ás outras. Vêmos pelas experiencias de Haller, que a pélle dos musculos, todo o canal alimentario, a bexiga, o utero, etc., são susceptiveis de dôr, ao passo que os tendões, membranas, ossos, artérias, vêas, o técido cellulario, etc. parecem pouco sensiveis. Quando attentamente se considerão as

relações destes differentes orgãos, parece-nos que o animal se divide em duas partes. A pélle, e os musculos são a parte exterior; os ossos, membranas, artérias, vêas, e visceras, que ellas fórmão por suas circumvoluções, a parte interior: juntemos a primeira ás cavidades do corpo, que communicão com a exterior por aberturas, e conductos bastante livres. Todos estes orgãos participão da exquisita sensibilidade de que a pélle, e os musculos gozão. A bexiga, o estomago, e os orgãos geratorios são eminentemente sensiveis, e a menor impressão de corpos estranhos lhe motiva a dôr.

Os pulmões, que são pouco susceptiveis de dôr, parecem estabelecer huma excepção á regra que estabelecemos, pois tem huma abertura exterior como o estomago, e os intestinos. Porém esta abertura he de tal modo acondicionada, que só dá entrada ao ar, e não admitte outros corpos. Toda a sensibilidade deste orgão parece estar reunida em sua entrada, para rigorosamente prohibilla a tudo que se presente. Huma gota d'agua, que o acaso alli introduza, põe todo o peito em convulsão, por isso o defeito de sensibilidade nos pulmões he bem compensado pela da tracha-arteria, e da glotis, pelas quaes os corpos estranhos alli podem entrar. Os nervos devem annexar-se ao orgão exterior, de quem são o primeiro instrumento, pois he por elle que a alma recebe as impressões dos exteriores objectos. Quanto ao foco de que partem, isto he, o cérebro, e a medulla alongada, não admira que sejão muito sensiveis, pois estas partes são talvez as que radicalmente constituem o animal, sendo os outros orgãos as suas dependencias exteriores. A estructura íntima dos nervos não lhe permitte encolher-se, e produzir os movimentos que executão os musculos, quando os ferem, não tem a qualidade que chamão *irritavel*, e que he commum á pélle. Bastaria sem dúvida que estas partes tivessem muita aptidão para perceber a presença dos corpos estranhos para advertir o animal, e determinallo a oppôr-se, ou subtrahir-se á sua impressão, muito talvez perigaria a economia animal se acaso hum nervo podesse encolher-se, e agitar-se. Em lugar de a sua acção limitar-se á parte que tivesse soffrido, talvez se estendesse a muitos outros lugares, o que seria mui pouco favorável á ordem, e natural successão dos movimentos vitaes. A pélle foi destinada para sujeitar, e terminar toda a união formada pelos diversos orgãos do animal, e não para produzir movimentos sensiveis, he pois pouco preciso, que fosse dotada de grande acção.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE.

Extrahida do Poema da Creação por Vernes.

Oh! Tempos que do Ceo sois inda amados!
Preciosa ignorancia
Quando, ensayando aos sentimentos puros
A pura força, o Homem,
Das mãos do Creador sahido apenas,
Ainda então ditoso
Não pagava tributo á Desventura;
E, o nectar saborando
Dos primitivos bens, nascendo ao Mundo
Para o prazer nascia!
Oh! tão lembrados venturosos Tempos
Da primeva innocencia,
Ai! que sois para nós não mais que hum sonho!
Oh! passada ventura,
Oh! tão formosos sitios, que a saudade
Fez nomear Elysios;
Se affortunastes os Mortaes primeiros,
Para vos recobrarmos
He-nos preciso amar, sentir como elles:
Talvez então gozemos
Com seus amores, e a innocencia sua
Sua delicia, e gostos.

Meniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Memorias de Hygino Antunes.

(Continuado do N.º VII. pag. 70.)

Assoei-me, e tomei huma pitada; torno-me a *Hygino Antunes*, que, visto ser tão entufada, e rechonchuda personagem, não deve ahi levar huma remessa de quaesquer duas linhas. *Hygido Antunes*, *Auctor dos Kanados*, *e das Correcções feitas*, não obstante dizer (pag. 21, e 22) que „ quando a crítica se occupa „ em taes ninharias, em lugar mesmo de risada, merece despre„ zo „ não se contentou de empenhar todas as forças da sua muita pedanteria nas *Correcções feitas* em faltas e sobejos de virgulas, e demais pontuação, e accentuação, metteo-se tambem a entendedor de linguas: e com que lingua! a respeito da Portugueza já nós vimos que elle por vezes amostrou a ponta da orelha: vejamos agora se lhe apparece a orelha inteira.

Diz o *Hygino* (pag. 16) „ E que differença, ou que idéa fa„ rá Traductor o deste antigo entre as palavras ribeira, e ribeirão? „ Não sei; mas vejo escreve, que a ribeira chamada Sangora se „ lança no Helum, que he hum ribeirão! Ora parece-me que se „ explicaria melhor hum Ribeirinho. „ E então apparece-lhe, ou não lhe apparece a orelha inteira. Bemdito Deos! com que linguagem escreve hum Criticão de linguagens! E ainda poderá duvidar-se de que *Hygino Antunes he o Auctor dos Kanados*? não está elle, com sua presumpçosa ignorancia, e linguarúda grosseria, trascalando á vileza de seus principios? Miseravel! até ignora a força dos augmentativos em *ão*, que tão expressiva he em bom Portuguez; por exemplo *grosseirão*, *asneirão*, *ignorantão*! o que sómente soube foi aproveitar a ridicula antithese de *Ribeirão*, e *Ribeirinho*: e então não he verdade que,

Por huma orelha inteira que apparece
O disfarçado Burro se conhece?

Diz mais o *Hygino* (pag. 11) „ Accusão o seculo da perfei„ ção nas artes do escopro, cheira o gallicismo. „ Ora ahi o tem,

ignorando a sua lingua nativa, e com fumos de Mestre na Franceza!

Burro com fumos de Mestre!
Isto he cousa que se crêa? — *Bocage. Tomo II.*

Pois deixem-no, que ainda ahi não pára: e, não obstante que as suas *Correcções feitas* bem largamente *accusão* a sua perfeitissima ignorancia, lá o tem exclamando (pag. 25) „ Facilidade que acquis„ tou: para que he esta droga da antigualha? já não presta o ver„ bo adquirir? Em humas partes gallicismos, em outras linguagem „ do tempo de Fuas Roupinho. „ Então ouvem-no? *Hygino Antunes* não só entende de cravo, e pimenta, e outras taes drogas, tambem entende de *drogas da antigualha*: nem só entende de linguagem vasconça, e gallicismos, tambem entende da *linguagem de D. Fuas Roupinho*! Muito entende *Hygino Antunes*! Ora pois queirão ter a pachorra de ajuntar tudo, e vejão se podem fazer a somma de tantas sandices que elle enfeirou, e enfeixou em tão poucas palavras! Miseravel! não sabe que parte da riqueza, e formosura das linguas consiste na abundancia de bem sonoros, e expressivos vocábulos: não sabe que são bons todos aquelles que são bem derivados: não sabe que o Latim he a fonte donde os nossos devem principalmente derivar-se: não sabe que ambos os verbos *acquistar*, e *adquirir*, ou *acquirir* se derivão do verbo Latino *acquiro*, com a differença de *adquirir* ser derivado do infinitivo *acquirere*, e *acquistar* do supino *acquisitum*; e não sabe que os nossos bons Auctores fazem tambem differença no uso destes dois verbos, empregando o *adquirir* nas cousas de interesse, e o *acquistar* nos casos de honra e gloria? Miseravel! não sabe nada senão amostrar a orelha. E então não lhe valêra mais calar-se? Porém não se calará, que mais esse bom ensino tem elle tomado do *Mendes Fogaça*; e, com a birra de metter o nariz em tudo, ei-lo ahi vai embicar com as palavras compostas, e amostrar mais hum pedaço da orelha.

Diz pois o *Hygino* (pag. 17) „ Onde achou este Homem „ muri-cercada por cercada de muros! em verso se não deveria „ attrever a forjar este composto, quanto mais em prosa chan: „ nós temos cercada de muros, e temos murada; este ultimo „ vale o muri-cercada. „ Ouvem-no? ora pois ahi está: o *ultimo*, e só o *ultimo* he que vale o *muri-cercada*; porque differente cousa he *murada*, e *cercada de muros*; e o composto não se deve usar, ainda que he tão proprio, e claro que até *Hygino Antunes* o entendeo: mas como por todos os modos se regala de amostrar a orelha, não quiz deixar de amostralla no Latim, e para isso

Diz o *Hygino* (pag. 18) „ Para que he este latinorio, con-
„ viva por convidado, não he melhor aprender a fallar bem Por-
„ tuguez, que escrever termos alatinados em vez de Portuguez
„ puro? „ Ora *Hygino Antunes* em parte não deixa de ter ra-
são: he necessario aprender a fallar bem; se assim não fôra, não
diria elle tanta sandice, nem tanto a miudo amostraria a orelha:
mas, se rejeitassemos *conviva* por ser vocábulo Latino, e assim
os outros, em que estado ficaria a nossa boa lingua Portugueza,
legitima filha da Latina? por certo que ficaria hum bem pobre,
e miseravel esqueleto. Embora: porque,

Diz mais o *Hygino* (pag. 10) „ Para que he fallar em ter-
„ mos que só entende quem sabe Latim? não era melhor mon-
„ tões que congestos? „ Ora isto não he dizer montões de san-
dices? *congestos* he hum vocábulo bem soante, e nobre, que pó-
de convir até nos assumptos mais sublimes, e no estylo mais ele-
vado, sendo que *montões* entra no número das muitas, e até de-
masiadas palavras que reputamos baixas: a respeito de *congestos*
ha a mesma rasão que de *conviva*, e de ambas quasi a mesma que
de *acquistar*: porém, quanto a *convidado*, deixe estar *Hygino*
Antunes, já que he rocim rebellão, sendeiro recalcitrante, e tara-
melleiro intromettido, descance, não tenha dúvida, que eu o con-
vidarei: e, quanto a montões, vamos avante, que os das sandi-
ces de *Hygino Antunes* crescem a olho, e ei-lo vai agora amos-
trar ambas as orelhas.

Diz mais o *Hygino* (pag. 11) „ Não posso deixar de notar
„ a palavra morticinio por matança, ou mortandade; he mania
„ de innovar palavras! e donde nos vem morticinio? não do La-
„ tim, porque não ha em Latim *morticinius*, só ha em diver-
„ so sentido o adjectivo *morticinum*: e para que he enxovalhar
„ a nossa lingua com termos estramboticos? „ Ora he de saber,
que *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, *e das Correcções fei-
tas* já, no citado Parallelo do *Oriente* com a *Lusiada*, se lhe
provou que elle não pesca nem boya do Latim; e, apezar de ser
isso muita verdade, ei-lo que torna a bedelhar no Latim! Obser-
ve-se pois: 1.° Que os vocábulos *acquistar*, *conviva*, *congestos*, *e
morticinio* achão-se nos bons escriptos dos nossos Auctores de melhor
cunho, e nomeada; porém que a farragem chúla *estramboticos* só-
mente se depára nas borraduras de *Hygino Antunes*, ou do *Men-
des Fogaça*, e só se ouve na bocca de outro tal petulante sandeo,
Arrieiro, Tendeiro etc., o que não obstante, tão affeiçoado lhe
he *Hygino Antunes* que, em tão mingoada obrinha como em to-
do o bom sentido o são as suas *Correcções feitas*, lhe repete o
uso a pag. 17. Observamos: 2.° Que no Latim *não so ha o
adjectivo morticinus*, *a*, *um*, ha tambem o substantivo defectivo
morticini, *orum*, e he este o que tem *diverso sentido* como diz *Hy-*

gino Antunes, porque de todas as cousas, e palavras ignora o bom uso, e propriedade: se eu agora quizesse fazer hum arrasoado grammatical, mostrar-lhe-hia quanto vai, ou deve ir no uso de *diverso* a *differente*, e de *sentido* a *significado*; e, entre outras cousas, dir-lhe-hia por exemplo: que o *Auctor dos Kanados* he mui *differente* do *Mendes Fogaça*, por ser ainda muito mais chapado sandeo, se bem que talvez menos maligno, não obstante as suas *diversas* manhas: dir-lhe-hia, que sandeo *significa* tolo, asno, inepto, ignorante, e que fazem o mesmo *sentido sandeo*, *Hygino Antunes*, e *Mendes Fogaça*: dir-lhe-hia ainda mais... mas para que ha de disperdiçar-se o tempo a ensinar *Hygino Antunes*? Observamos: 3.° que tambem ha no Latim o substantivo regular *morticinum*, *i*, e significa mortandade. Observe-se finalmente, que o adjectivo *morticinus*, *a*, *um*, significa exanime, extincto, morto; e *caro morticina* quer dizer mortandade. Aprenda o *Auctor dos Kanados*, que, em quanto isso não fizer, chame-se embora *Hygino Antunes*; chame-se *Joaquim Camello*, *José Batoque*, *Pedro Alarve*, *Lopo Tapuya*; Chame-se como quizer, ou mais lhe convier que de todos os modos,

Pelas longas orelhas que apparecem
Os disfarçados Burros se conhecem.

Diz mais o *Hygino* (pag. 23.) referindo-se á hum artigo biographico do nosso muito excellente Poeta Lyrico Francisco Manoel do Nascimento. „ Logo dão a conhecer a mania de certos „ devotos cégos deste Poeta, aliás assás distincto entre os nos- „ sos Lyricos; mas certamente, no mesmo genero Lyrico em „ que mais se estrema, não só tem iguaes, mas até superiores „ entre nós: Garção e Diniz lhe levão sem dúvida a palma, e „ com elle hombrea o infeliz Alfeno. etc. „ Daqui se vê que *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, e *das Correcções feitas*, assim como entende de linguas, tambem entende de Poesia, e he avaliador de Poetas: não sei se diga que elle he *Traste*, ou que he *Contraste*? mas certo he que neste lugar até *o etc. de Hygino Antunes* he mui donoso, e significativo; porque, mui provavelmente, tambem com aquelles illustres Athletas ha de elle querer correr parelhas, com humas suas tantas *Odesinhas*, ou *Odiosinhos*, e outras tediosas e enregeladas friol iras métricas, com que se tem dado a conhecer; e ainda mais provavelmente com elles ha de querer emparelhar o sandeo *Mendes Fogaça*, como seu mui *devoto de olhos abertos*; e bem grandes que me dizem que os tem, ainda que muito mortaes e faltos de lume, como costumão ser os olhos de todos os parvoinhos. Ora, como *Hygino Antunes* sahio a público com as suas *Correcções feitas* alrotando de Orthógrapho-

mór, bem será que lhe não perdoemos tudo; e, já que elle diz que Francisco Manoel *se estrema*, indiquemos-lhe de passagem a differença que ha entre os verbos *estremar*, e *extremar* activos, ou sejão os reciprocos *estremar-se*, e *extremar-se*, e por consequencia nos seus participios, *estremado*, *e extremado*: o primeiro vem de *estrema*, o segundo deriva-se de *extremo*; e assim diremos, que Francisco Manoel he hum *extremado* Poeta, e o *Auctor dos Kanados* hum estremado sandeo. Busque *Hygino Antunes*, ou peça que lhe busquem, ou lhe expliquem a genuina significação destes vocábulos, e verá como tambem he genuina a applicação que se lhe aqui faz. Porém já que dâmos tantas verdes, demos tambem huma madura a *Hygino Antunes*. Tem elle muita rasão em ter na conta de bom Poeta *o infeliz Alfeno*: se assim o julgou per si, deve alcançar perdão de hum par de sandices, se o ouvio, e o adoptou, fez muito bem, e he nisso muito louvavel; e ainda mais pudéra dizer que he huma grande injustiça o serem tão pouco conhecidas, e estimadas as Poesias impressas d'Alfeno, e huma grande perda não se imprimirem as muitas que deixou manuscriptas. Inda porém que isto assim he, sendo Alfeno reconhecidamente inferior a Garção, e a Diniz; sendo que, na opinião dos mais atilados entendedores, Diniz e Garção apenas podem sustentar a competencia com Francisco Manoel; e sendo, como he, muito duvidoso que Francisco Manoel, em quanto Poeta Lyrico, tenha algum superior, nacional, ou estranho; que vem cá fazer *Hygino Antunes*, repimpado na cadeira da sandice, com a sua bocca de favas, e o seu risinho parvo fallando de papo, e sentenciando, que Francisco Manoel *certamente*, *no mesmo genero Lyrico em que mais se estrema*, *não so tem iguaes mas até superiores entre nos*? Quem deo a *Hygino Antunes* a faculdade de entender os Poetas, e especialmente os Lyricos, que são os mais difficeis, para assim poder assentar este julgado? Oh! se os elle entendêra, he bem de crêr que outra cousa dissesse, ou pelo menos, que se calasse. Pois com Francisco Manoel *hombréa o infeliz Alfeno*? Que proporção achará *Hygino Antunes*, ou que proporção tem o arrojo de phantasia, a fecundidade de imaginação, o despejo em todos os modos Lyrico, a vastidão do saber, a graciosa variedade, a concisão, a energia, e propriedade de estylo de Francisco Manoel do Nascimento com Domingos Maximiniano Torres? Já não quero fallar de Garção, nem Diniz, porque nisso faria huma longa digressão; mas não sei como alguem que não seja *Hygino Antunes*, possa negar, que Francisco Manoel possue todas as sublimes qualidades, todos os sainetes, donaires, e condões dos grandes Poetas Lyricos? Alfeno possue alguns, Alfeno he bom, mas Filinto he excellente, e talvez inimi-

tavel. Não o quer assim o *Mendes Fogaça*, nem o *Auctor dos Kanados*, e por isso

Diz mais o *Hygino* (pag. 24) „ Dizer que Filinto no ge-
„ nero Lyrico não tem igual entre nós, nem superior entre
„ os estranhos, he o mesmo que fazello superior a Pyndaro,
„ Horacio, Chiabrera, Testi Filicaja, Pope, Dryden, Garção,
„ Diniz etc., e isto se vê que he summa sandice, ou paixão cé-
„ ga, que neste caso só póde attribuir-se a ignorancia. „ Disse *Hygno Antunes:* disse, e fallou conférme ao que lhe dictava a propria consciencia, porque bem parece que a ignorancia o faz fallar. Tres são principalmente os fins com que se escreve: para agradar, ensinar, ou persuadir: os Homens cordatos, e de boa educação não deslustrão esta faculdade que tem de ser uteis, nem destróem a força com que tendem aos fins propostos, expressando-se de hum modo positivo, e presumpçoso, que desgosta, nausêa, e indispõe o animo dos Leitores; porém *Hygino Antunes*, que, segundo a birra com que amostra as orelhas, vai bem longe disto, e até de ao menos assim o attentar, ou conhecer; *Hygino Antunes Auctor dos Kanados*, não se contentou nas suas *Correcções feitas* com o seu inchado *certamente tem superiores*; não se contentou de arvorar-se em Doutor, sentenciador, e decisor sobre máteria altamente contenciosa, huma daquellas em que se carece do mais arguto engenho, huma daquellas que demandão mais amplos conhecimentos, e em que mais he preciso queimar as pestanas para se alguma cousa saber! não se contentou: e que fez? tornou a amostrar ambas as orelhas: e senão observe-se. Pois „ dizer que Filinto no genero Lyrico não tem igual entre nós, nem
„ superior entre os estranhos, he o mesmo que fazello superior a
„ Pyndaro, Horacio, Chiabrera „ e tantos outros estranhos que *Hygino Antunes*, nomêa só porque os ouvio nomear?... Dizemos que os nomêa só porque os ouvio nomear, por isso que, além da declarada, e natural, e artificial sandice de *Hygino Antunes*, segundo a qual, impossivel parece que elle saiba lêr, e muito menos entender os Poetas que nomêa; claro he tambem que, de duas huma, ou os não lêo, ou os não entendeo; porque com os outros, que todos são Lyricos da primeira ordem, involveo *Pope*, o qual, na opinião daquelles que melhor o entendem, não excede a mediania, nem sahe da mediocridade no genero Lyrico; pelo que diz Gray, hum dos mais affamados Lyricos Inglezes que as poucas Odes de *Pope* são indignas de tão grande Homem. Porém isso não sabia *Hygino Antunes*, e, com o seu *he o mesmo que fazello superior*, quiz mostrar que tem aprendido Lógica com o *Mendes Fogaça*, o qual diz que tem lido todas, mas todas as suas conclusões vão pela mesma fieira do *seu Caturra, ou Sancho Hygino Antunes.*

He valente impplicar com o *Mendes Fogaça*! (me dirão talvez) Se tu escreves *Memorias de Hygino Antunes*, que te importa agora o trombudo do Fogaça? Que mais lhe queres do que ser elle, com as *suas experiencias consumadissimas*, hum perfeitissimo, ridiculissimo, e conhecidissimo *Fogaça*? „ Assim he, Senhores (responderei eu) mas ainda lhes parece que pouco o tenho deixado ornear folgado? Não se tem elle regalado de muito a seu sabor arrebeçar novas sandices para defender as velhas, de que fôra tão justamente increpado, e arguido? Não tem elle a seu bom grado produzido em sua defeza, como tão honrado que he, citações falsas, textos mutilados, e escandalosos alvitres? Não tem elle como bom Mestre recheado os seus pasteis literarios de todas as drogas, especiarias, e ingredientes da frioleira, e do desafôro?.. Tem, e mais que tem. E então ainda não será tempo de lhe applicar almofaça, e brossa? „ Ainda não he tempo „ Seja assim, acommodar-me-hei por ora: porém como toda a liteira leva dois machos, e na liteira das sandices do *Auctor dos Kanados* se chama *Hygino Antunes* o macho da trazeira, e *Mendes Fogaça* o da dianteira, eis-ahi a rasão porque lhe assento a manopla „ Basta, basta; ainda não he tempo: vai-te a *Hygino Antunes* „ Assim o faço: e, como o estylo deve moldar-se ao assumpto, e he tão ridiculo este com que estou zombeteando, a elle se lance a culpa de alguma expressão menos decorosa; porque eu não me esqueço da decencia que se deve ao público, por isso me tenho sempre guardado de escrever em estylo chocarreiro; e por isso, quasi a cada huma das linhas que nisto escrevo, por força de reflexão estou levantando a penna, que corre desmandada, e quer fazer rigorosa justiça, mostrando como,

Pelas longas orelhas que apparecem
Os disfarçados Burros se conhecem.

Meniz.

Continuar-se-ha.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique.

(Continuado do N.º II. pag. 24.)

Os Avós paternos primeiros do Conde D. Henrique, forão Roberto primeiro Duque de Borgonha; que nasceo em 1004, e faleceo em 1075; e sua Consorte a Duqueza Alise, ou Helie de Semur; de que fazem menção quasi todos os Historiadores de França: e os primeiros Avós maternos do dito Conde forão D. Raymundo Berenguer II. Conde, e Senhor Soberano de Barcelona, chamado Cabeça de Estopa, e sua mulher a Princeza Mahaud, de que faz menção o Padre Anselmo Hist. Genealog. de França. Tom. 7. pag. 780. Hieronymo Henningues. Tom. 4. Tab. 51. pag. 52. Os segundos Avós paternos forão, I.º Roberto, 2.º Rei de França, a quem pela sua grande piedade derão o nome de Devoto, e a Rainha Constança, sua primeira mulher. II. Dalmacio I. Senhor de Semur, que falleceo em o anno de 1032 morto por seu genro o Duque Roberto: e sua Esposa Aremberga de Vergy: e os segundos Avós maternos forão I. D. Ramond, ou Raimundo Berenguer I. chamado o velho; Conde, e Senhor Soberano de Barcelona; e sua Esposa a Princeza Almoudiz; de quem elle foi quarto marido; e ella deste segunda mulher. II. Roberto Guiscard, Principe de Apulia; segundo o Mestre Diogo, Hist. de Barcelona Liv. 2. Cap. 69. P. Anselmo no lugar citado Tom. 7. pag. 780. E sua segunda Esposa a Princeza Sengregaita, ou Sygelayca, ou Giherarda Irmã de Gizulfo Principe de Salerno, etc. conforme testefica Ptolomeo de Luca, na Chronica que escreveo da vida deste Principe; que publicou Jeronymo Zurita com os seus Indices do Reino de Aragão, que imprimio em Saragoça no anno de 1578. (1)

Os terceiros Avós paternos forão I. Hugo Capeto Rei de França, e sua mulher Alize de Guiené. II. Guilherme. III. Conde de

(1) Fr. Thomaz Fasellus, de Rebus Siculus Dec. 2. Lib. 6. pag. 389. Henningues. Tom. 4.

Toulousa, chamado o Talha-ferro; como mostrá com bom fundamento o Auctor moderno, e Anonymo das Cartas, ou Taboas Genealogicas da Casa Real de França Part. 3. Liv. 2. §. 2. p. 179. E sua Esposa D. Sancha Infanta de Aragão: o que evidentemente se convence. Primeiramente, porque todos os Auctores da Historia de Aragão, dizem que Ramiro I. Rei de Aragão, que acabou de reinar em 1603, por falecer neste anno em idade muito avançada, tivera de sua primeira Esposa a Rainha D. Ermesinda, ou Arsinda, entre outros filhos, as duas Infantas D. Theresa, e D. Sancha: e que estas duas casárão em França; D. Theresa com o Conde de Provença, que podia ser Guilherme I., ou seu Irmão Rotbald, e D. Sancha Arsindez, ou Hermesindez com o Conde de Toulousa, e de S. Gil. Assim o referem Jeronymo Blanchas nos Commentarios do Reino de Aragão. Lucio Marineo Siculo na Historia de Hespanha Liv. 8. Zurita nos Annaes de Aragão Liv. 1. Cap. 17. Beuter Chronica de Hespanha Liv. 2. Cap 8. P. Ripa, Annnaes de Aragão. Part. 1. Fol. 113., e outros: e segundo a Chronologia, e computo dos annos, este Conde de Toulousa, e de S. Gil, com quem casou a Infanta D. Sancha, não podia ser outro, que Guilherme III. chamado o Talha-ferro. Com o documento que exporemos agora, e de que não póde haver dúvida alguma, se faz certa, e incontrastavel. Na sepultura do Invicto Rei D. Affonso I. antes, que El-Rei D. Manoel a mandasse reformar, entre outras clausulas se lião as seguintes. Aqui jaz sepultado o meu poderoso, e mui excellente Principe D. Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, o qual da parte de seu Pai D. Henrique, Conde de Astorga, descendencia por linha direita dos Reis de Aragão; e da parte de sua Mãi dos Reis de Castella, etc., o qual Epitafio traduzido em lingua Castelhana refere Fr. Jeronymo Roman, da Ordem de Santo Agostinho, Religioso douto, e grande Investigador das Antiguidades deste Reino, em que assistio por largos annos, na Historia da Fundação do Convento de Santa Cruz de Coimbra, Cap. 11., da qual Obra muitas vezes se lembra com grandes elogios, e crédito o nosso insigne Chronista Brandão; e se conserva manuscripta na livraria do Excellentissimo Duque do Cadaval: e della o copiou o erudito Beneficiado João Baptista de Castro, no seu Mappa de Portugal Tomo I. da segunda Impressão, Parte II. Cap. 6. num. 2, 3, e 4. e Damião de Goes, na Chronica d'El-Rei D. Manoel Parte 2. Cap. 72. quasi diz o mesmo. *Continuar-se-ha.*

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO IX.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Graduação, e Extensão da Sensibilidade.

(Continuado do N.° VIII. pag. 74.)

As partes destinadas para servirem de pontos de apoio aos differentes orgãos, como os ossos, os tendões, e as membranas não dão mais do que signaes equivocos de dôr nas feridas que recebem. As funções que preenchem no corpo, e sua posição relativamente aos outros orgãos, não exigião delles a delicada sensibilidade que tem as partes que formão o orgão exterior, isto he, as que devem vigiar a machina. Considerando o fim que a Natureza teria na distribuição das faculdades vitaes, não nos julgamos menos auctorisados para examinar seus effeitos, que podem attribuir-se a huma intenção directa da sua parte, e não são consequencia necessaria da constituição physica dos orgãos. Os ossos, tendões, e membranas são pouco sensiveis, este effeito he de sua dureza, e de huma contextura mais cerrada, e compacta, que a dos musculos? Huma parte, que se torna calosa, vai perdendo a sensibilidade á medida que se endurece, acaso a vida, e o sentimento para circular, e transmetter-se de huma parte para a outra exigirião que estas partes tivessem certa flexidão, e mobilidade proprias para tornar livre as suas ondulações?... acaso a Natureza, que conhece a resistencia que cada parte póde oppôr ás causas da destruição, só se assusta á proporção do que estas causas podem influir nos diversos orgãos, não sendo a dôr talvez mais do que a precepção do perigo presente a que estes se achão expostos? Posto que não possamos estabelecer cousa alguma a este respeito de hum modo deliberativo, he assás constante este

effeito para que se possa olhar como hum principio que póde, e deve servir de guia ao Medico; que a diaria observação justifica, podendo perscindir-se da escrupulosa indagação da sua causa. Por pouco que huma pessoa tenha reflexionado sobre a economia animal, deve ter visto, que os orgãos, para gozar do gráo de sensibilidade mais favoravel ao benesse do Animal, devem ter huma consistencia média que não deixe ás impressões dos corpos estranhos mais do que a energia conveniente ao bem ordenado exercicio das funções vitaes; porque as fibras nimiamente rigidas, e compactas embotão a acção destes corpos, como as fibras nimiamente flexiveis, pódem dar-lhe huma intensidade viciosa. Esta differença physica da fibra animal, he que constitue, até certo ponto, a dos temperamentos; e he tambem por ella que pódem caracterisar-se os differentes Povos, porque a organização varía segundo os diversos climas que habitão, os trabalhos que os occupão, o modo porque vivem, e a natureza, e situação dos lugares em que estão colloçados. Todos sabem o partido que Mr. de Montesquieu tirou deste principio, que he mui verdadeiro em si mesmo, ainda que as causas moraes possão modificar seus effeitos por diversas maneiras, e até tornallos nullos. Póde por isso até certo ponto julgar-se pelo estado apparente dos orgãos, qual he mais, ou menos, se o gráo de sensibilidade, ou de aptidão para provar a dôr quando os ferem. As partes duras poderião a este respeito ser lesadas com menos perigo do que as partes molles, e flexiveis: mas não se conhecendo a essencia da sensibilidade, nunca verosimilmente se poderá saber se a dureza he hum obstaculo physico, e necessario á faculdade de sentir, ou se a Natureza, arranjando pelo melhor o que diz respeito á economia animal, julgou a proposito estabelecer huma gradação de sensibilidade nos orgãos, que só os determinasse aos movimentos que seu equilibrio, e reciproco apoio exigem. Poderia sem dúvida o principio da sensibilidade ser da natureza dos fluidos subtis, que se transmittem atravez das materias mais compactas, como o fogo, a electricidade. Ha porém apparencia que huma sensibilidade capaz de geralmente espalhar-se por todas as partes do animal teria chocado as relações, que a Natureza quiz entre ellas pôr. Os orgãos que compõem o corpo vivo não devião ser todos pelo mesmo tom affinados, pois desta mesma uniformidade nasceria a desordem delles. A concordancia do todo resulta mais seguramente de huma sensibilidade graduada, e desigualmente repartida, de modo que os orgãos executem as differentes acções, em virtude da dóse de sensibilidade, que recebêrão; e que estas, executadas em huma ordem, e tempo determinados, concorrão cada huma de hum modo particular para a harmonia geral.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE.

A Noite.

Qu' á lents l'Aurore s'avance
Pour ouvrir les portés au jour.
Parny.

Obra prima de Jove, oh Mãi fecunda
De quantos Orbes pelo espaço immenso
Turbilhonando vão, oh Noite amiga
Coéva da Existencia!

Tu, que em teu brando seio aos Homens prestas
Brando repouso em regalado somno,
Impias angustias, que lhe róem n'alma,
Paralysando ao menos;

Inspiradora de sublimes cantos
Tu que o Estro de Young abrazeavas;
Que dás d'avesso á tímida modestia,
Abrindo a amor vereda;

Compassiva Deidade, abranda hum pouco
Rápido tróte da veloz Quadriga,
Mais do usado serenas sombras tuas
Este hemisphério involvão.

De rispido Tutor, de Mãi prevista
Hoje a furto Marilia me recebe;
E, enlaçada em meus braços, me franquea
Gostos, que valem Mundos!...

Noite! do Vate, que te vota a Lyra,
Annúe ao rogo; e em teu altar deponho
Estes festões de flores, que ao surgires
Despontão para olnar-te!

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Memorias de Hygino Antunes.

(Continuado do N.° VIII. pag. 82.)

Tornemos a *Hygino Antunes*, que me não falta que debulhar nelle, em quanto me aturar a pachorra. *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, *e das Correcções feitas*, por parte do seu *Quixote Fogaça*, e tambem porque a elle *Sancho* já lhe tem ardido a pélle, conserva muito inveterada, e reconcentrada aversão a hum sujeito muito meu conhecido, ao Auctor do Poema a Apparição: porém das *iras Hyginas*, e *Fogaças* sei eu bem que elle tem rido muito, e até que muito com ellas folga; o que nada me admira, porque dos ruins só ha que esperar, e só deve querer-se o odio, e tambem porque sempre ouvi dizer = que os Patos engórdão com as pragas. = E seja isso como fôr, certo he que a *Hygino Antunes*, e mais ao *Mendes Fogaça* se lhes affogueou, e lhes ferveo a bilis, quando vírão no *Observador* hum *Juiso* favoravel, e talvez excessivo em louvores do Poema a Apparição; e até me affirmão que foi esse o principal incentivo para *Hygino Antunes* fazer as suas *Correcções feitas*; porque, desejando desdenhar da obra pela má vontade que tem a seu Auctor, e receando-se de directamente o provocar, por não se vêr feito Heróe-papalvo de algum outro Poema, buscou esta tabellinha para fazer jogo. Ora he de saber, que o Auctor da Apparição de nenhum modo foi parte, nem sabedor de que tal *Juiso* se havia escripto, nem que hia inserir-se no *Observador*, de que a esse tempo nada sabia, porque não era seu Redactor, ou Collaborador; e bem certo estava o Auctor do mesmo *Juiso* em que, se lho antes mostrasse, não conviria na sua publicação; porque esses orgulhos, assim como os louvores da propria bocca sómente são proprios dos *Fogaças*, e prézão sempre a modestia os Homens sensatos. Mas ora eu, que sempre fui bom, e verdadeiro amigo do Auctor da Apparição, vou, por parte delle, ajustar humas contas com *Hygino Antunes*: queira Deos que lhe não appareção as orelhas, que já me vou cançando de lhe puxar por ellas.

Diz o *Hygino* (pag. 12.) „ He notavel que usando-se no ti-
„ tulo do Juiso do Poemeto a Apparição do nome do Auctor sem
„ lhe ajuntar Senhor, se lhe ajunte abaixo tres linhas. Está visto
que *Hygino Antunes* não póde deixar de em todos os modos amos-
trar a orelha! Pouco ha que o ouvimos gritar de mãos nas ilhar-
gas contra todos os termos que não sejão *Portuguez puro*, e ei-lo
aqui apresenta *Poemeto*, que he *puro Italiano*. Porque será esta
contradicção? porque? he por dois grandes motivos: maldade, e
ignorancia: maldade, porque assim presume dar somenos idéa do
Poema: ignorancia, porque não sabe que os proprios Italianos só
usão do termo *Poemeto* a respeito de algum pequeno Poema em
hum só canto, quando aliás a Apparição tem quatro; e não hão
de ser os termos de *Hygino Antunes*, hão de sim ser as idéas
contidas no mesmo Poema, e a boa, ou má expressão dellas que
a seu respeito decidão, e assentem a pública opinião; como nem
he na longura, ou extensão que consiste a bondade de hum Poe-
ma: bem longos, bem extensos, bem compridos, e estirados os
faz o *Mendes Fogaça*; porém, como he *Fogaça o Auctor*, e *Fo-
gaça a Obra*, o público ri-se da Obra, e de seu Auctor: e tam-
bem quasi tantos versos tem o *Oriente* como a *Lusiada*; porém,
como a *Lusiada* he escripta em elegante, e bem variado estylo,
e abunda de excellentes, sublimes, e bellissimos episodios; e co-
mo o *Oriente* he huma tediosa, e monótona, métrica borradura, sem
cousa a que se diga = benza-te Deos = todo o Mundo se deleita
com a leitura da Lusiada, e a todos lhe dá o somno á segunda oi-
tava do *Oriente*; e isto he ainda sem contar o muito e bom sa-
ber, derramado por todos os Cantos da *Lusiada*, e os muitos er-
ros, e quasi nenhuma erudição do *Oriente*. O mesmo acontece a
respeito dos Poemas *Meditação*, e *Newton*, comparados com a
Imaginação, e não sei se tambem com a *Apparição*: bem o sabe,
e com isso brama, e berra *Hygino Antunes*; e tão comprida tem
a orelha que nem sequer lhe deixou vêr, que, se ao titulo *do Jui-
so sobre a Apparição* se não ajuntou *Senhor*, foi porque nesse lu-
gar nada mais se fez do que transcrever-se o titulo do mesmo
Poema; porém *abaixo tres linhas*, fallando com o Auctor, se lhe
ajuntou, porque assim o pede a politica, segundo a ordem do
Mundo, que toda se perderia, se todos fossem *Hyginos*, e *Fo-
gaças*.

Diz mais o *Hygino* (pag. 12, e 13.) „ Muito mais notavel
„ parece aqui a palavra Senhor quando se observa que no N.° 9.
„ pag. 162, fallando de hum Rei nosso, e assás moderno, se lhe
„ não ajunta a palavra Senhor, e se diz „ no Reinado de D.
„ João V., em lugar de dizer, (embora seja traduzindo) como se
„ deve dizer, do Senhor D. João V. „ Isto agora não he sandi-

cê de *Hygino Antunes*, he malicia, e má manha do *Auctor dos Kanados*, he completo *discipulo do Mendes Fogaça*. *Hygino Annes*, bem conheceo que a *palavra Senhor* não fazia alli falta, tanto assim que disse em parenthesis, *embora seja traduzindo*; porém como manhoso, e lisonjeiro, e algo más... fez esta *Correcção feita*, por vêr se com ella assacava hum labéo ao Traductor daquelle artigo, ao qual tambem parece ter má vontade, senão he que já está tão avezado que faz destas *Fogaças* sem se sentir. Demais disto: quem he que não conhece, que em taes casos *a palavra Senhor* he huma das muitas núgas da lisonja? o titulo de *Rei* não involve necessariamente a idéa de *Senhor*? quem maior *Senhor* do que hum *Rei*?... Se *Hygino Antunes* lhe não faltasse o senso commum, ou se, ainda mesmo com toda a sua profunda sandice, tivesse alguma singeleza, ingenuidade, ou boa fé, he bem de crêr que não fizesse taes *Correcções feitas*. Mas certo he, que cada qual he como cada hum, que *Hygino Antunes*, *he o Auctor dos Kanados*, e que

Pelas longas orelhas que apparecem
O Burro e seus disfarces se conhecem.

Diz mais o *Hygino* (pag. 13.) „ Perscindo aqui de provar „ quanta ignorancia se manifesta neste artigo. „ Ora quem ha de conter o riso?

Burro com fumos de Mestre!
Isto he cousa que se crêa?

Porém ao menos, já que mais não póde, mostra o *Auctor dos Kanados* os impetos que o arreão, e, sem deixar de provar ignorancia, prova a ardencia com que vio o tal artigo.

Diz mais o *Hygino* (ibid.) „ O Auctor do Poemeto a Ap„ parição não deixa de ter visos de Poeta. „ Ora obrigado, obrigadissimo!... aqui não ha mais do que agradecer-lhe, porque quem se não ha de acanhar com as finissimas ironias de *Hygino Antunes*? elle não dá *visos* de quem seja, mostra em cheio quem he, e pela orelha se conhece.

Diz mais o *Hygino* (ibid.) „ Porém asseverar que este Poe„ meto he (como diz o Auctor deste Juiso critico, aliás adula„ ção, ou ignorancia extrema) a Musica de David executada so„ bre a Lyra de Pyndaro, excede tudo quanto tenho lido, e ouvi„ do indigno de se proferir por bocca de Homens em similhantes

„ assumptos; he até onde se póde prostituir a lisonja; he a maior
„ blasfemia literaria que tem sahido dos prélos desde que se in-
„ ventou a typographia! „ Me mellem se estes tres periodos, desde o *excede tudo*, não foi o *Mendes Fogaça* quem os dictou a *Hygino Antunes*! esta eloquencia de empôllas, he a sua propria; e peculiar: *o mais indigno*, *o prostituir a lisonja*, *a maior blasfemia*, tudo isso he muito seu. Embora: se tudo isto com effeito he do Mestre, dê-se o louvor a quem compete: porém se he de *Hygino Antunes*, primoroso discipulo! grandes esperanças se devem pôr nelle. Fallemos sério: se em todo este apontoado de *Hygino Antunes* as expressões não são do *Mendes Fogaça*, são-nos as idéas, ou, pelo menos, humas, e outras são suas eminentissimas lições. Já nós vimos como, á respeito da *palavra Senhor*, faltou á boa fé o *Auctor dos Kanados*: memoremos que a pag. 8, e 9 diz „ Acho
„ que he necessaria em tudo a boa fé, mas principalmente a de-
„ sejo no escriptor público „ e tornemos a pag. 13 onde diz „ As-
„ severar que este Poemeto he a Musica de David executada so-
„ bre a Lyra de Pyndaro, excede tudo, etc. „ e assim acabaremos de conhecer a boa fé de *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*; pois que no *Observador* vem dito, sómente do Hymno ao Eterno no 1.° Canto da Apparição, o que *Hygino Antunes* attribúe dizer-se a respeito de todo o Poema. E o que he isto? he ter má fé, he ser *Auctor dos Kanados*, he ser *discipulo do Fogaça*, he ser... muita cousa que se não deve dizer. Deixemos o que mais se podia desfiar naquellas tantas regrinhas, porque bem claro se vê que *Hygino Antunes* as escreveo possuido da raiva, e do despeito com que vio os encómios de hum Auctor que aborrece; e nisto, como em tudo o mais,

Pelas longas orelhas que apparecem
O Burro, e seus disfarces de conhecem.

Diz mais o *Hygino* (pag. 14, e 15.) „ Não sei como o Au-
„ ctor da Apparição, pertendendo defender no seu chamado Pa-
„ rallelo entre o Oriente, e a Lusiada o syttema do maravilhoso
„ Mythológico, seguido por Camões, contra o systema do mara-
„ vilhoso Christão, seguido pelo R. P. Macedo com tão feliz e
„ magestoso exito, se quiz agora dignar de preferir o segundo ao
„ primeiro na sua composição: não sendo pouco de admirar (ain-
„ da que nisso mais digno seja de louvor que de vituperio) que
„ executasse na prática o que reprovava na theórica. „ Ora que significa todo este aranzel de *Hygino Antunes*, senão *a adulação*, *a extrema ignorancia*, *e o indigno de se proferir*, que elle sandezmente attribúe ao Auctor do Juiso sobre a Apparição? No citado Parallelo he muito bem apoiado o *maravilhoso da Lusiada*, e mui

justamente condemnado o *maravilhoso do Oriente*: não se condemna este por ser Christão, mas sim por seu máo uso, e intempestivo emprego: e, deixando as outras muitas rasões no mesmo Parallelo expendidas, e as que mais poderião accrescentar-se, que diria *Hygino Antunes*, muito bom Christão, segundo eu piamente creio; que diria, ou que faria *Hygino Antunes*, se, quando mal se precatasse, visse entrar por sua casa hum Homem desconhecido, que mui limpa, e nuamente lhe dissesse. „ Vossê, Sôr *Hygino Antunes*, he hum chapado sandeo em seguir o Christianismo, porque he essa huma seyta errada, e abominavel? „ *Hygino Antunes* deitava por esses trigos, de máos na cabeça, e bocca de par em par gritando, e accusando o Homem, e até talvez não duvidaria ser seu Carrasco; ao menos, se o duvidasse, he de suppôr que não seria por conselho do *Mendes Fogaça*. Pois, nem mais nem menos, o caso supposto de *Hygino Antunes* com o tal desconhecido, he aquelle em que o *Auctor do Oriente* representa o Çamorim com o Gama, o qual deixa o caracter de Descobridor pelo de Cathechista; sendo, por mais esse grande motivo, de huma absoluta incoherencia os costumes do Heróe do tal *sarrabulho, e embrulhada Epica*. E não he ser hum sandeo do mais subido quilate admirar-se *Hygino Antunes* de que seja deduzido do Christianismo o maravilhoso da Apparição? qual quereria elle que fosse, sendo a morte de hum Christão virtuoso o assumpto do Poema? Bem sei que o cortar pelos *desbotados remendos do Oriente* são dôres, e quasi facadas para *Hygino Antunes*, que *sem adulação, lisonja, nem ignorancia* lhe admira, e gaba *o tão feliz, e magestoso exito*: porém conforme-se com as alterações do Ceo; ouça o que diz o Mundo, porque o Mundo não erra quando vai uniforme em hum julgado; e cale-se com a deficiencia de seu bestunto, que só pelo silencio poderá imitar os Homens de hom engenho, e saber.

Diz mais o *Hygino* (pag. 14.) „ Do mesmo modo admira „ que os que achavão bem feito, e com todo o apuro da crítica „ o seu Parallelo, agora tambem mudassem de opinião no presen- „ te assumpto. „ Coitado do miseravel *Hygino Antunes*! olhem como com as dôres deo pancada em seu descuido: a estas horas ouvio alguns louvores do Parallello, ou da Apparição, ou talvez de ambos; e na verdade que isso são facadas para hum'alma de *Hygino*, ou de *Fogaça*: porém reflicta o *Hygino*, que esses que assim o julgárão não foi porque *mudassem de opinião*, foi antes por conservarem a de que todas as invenções devem fundamentar-se na boa rasão, e nunca ir longe do verosimil, como os desconchavos da tal obrinha *Oriente*.

Diz mais o *Hygino* (pag. 14, e 15.) „ Na pag. 141, e 142 „ vem versos de Apparição, os quaes por certo não fazem lembrar „ David nem Pyndaro a quem delles haja lido até as mais ras-

„ teiras traducções. Como o meu fim he sómente examinar aqui „ os erros de Grammatica, Orthographia etc., do Observador, „ deixo o que toca á composição do tal Poemeto. „ Não se calou o *Hygino*, e ei-lo ahi affitando as orelhas, e orneando com toda a gala! Pois *Hygino Antunes* lêo, ou, se lêo, entendeo David nem Pyndaro, ou póde entendellos, nem ainda nas *mais rasteiras traducções*? Pois *Hygino Antunes* tem orelhas capazes de comparar as differentes harmonias de estylo? Pois *Hygino Antunes* acha-se com barbas para examinar *o que toca á composição do tal Poemeto*, ou de outro algum Poema?

Burro com fumos de Mestre!
Isto he cousa que se crêa?

Geralmente fallando, não só para assentar hum Juiso por escripto, senão até para conhecer, sentir, e avaliar as bellezas de qualquer obra de engenho, talento, e saber, he preciso ter proprias estas condições, he necessario possuir estas qualidades: e então quem ha de crêr, ou como he possivel que *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, *e das Correcções feitas*, Grammaticão sem Grammatica, Sandeo por Natureza e Arte, possa ajuisar do Poema a Apparição, e dar-lhe o justo valor? mais facil lhe seria envergonhar-se de sua muita sandice.

Diz mais o *Hygino* (pag. 15.) „ Só desejava saber se rou- „ quejão as ondas enrolando-se banzeiras, he Portuguez? Que as „ ondas ronquem, pois se diz que ronca o mar, concedo; mas „ nunca vi, nem se poderia dizer com propriedade, que se escre- „ vesse em bom Portuguez rouquejar o mar, ou rouquejarem as „ ondas; rouquejar vem de rouco, e roncar vem de ronco; ron- „ cos, ou bramidos dão, ou fazem as ondas quando batem, e na „ tempestade, ou logo depois della, seus bramidos nada tem de „ roucos. „ E então, ouvem como *ronca rouco Hygino Antunes*? Sempre assim foi: quanta mais ignorancia, mais presumpção. Julgai, julgadores, o que mais sobre este assumpto póde dizer *Hygino Antunes*! *Nunca vi*, diz elle; e nada admira, porque todos dizem que elle vê pouco, ou antes, não vê nada: porém a sua affirmativa, *nem se poderia dizer*, he igual ao seu *certamente*, ao seu *sem dúvida*, e as suas outras positivas, resolutivas, e definitivas asserções sendeiras. Se o que sómente sabe he que *se diz que ronca o mar*, a que vem com estas roncas *em bom Portuguez*, sendo que he isso para elle quasi o mesmo que Arabigo, ou Chaldeo? Deo-nos a grande novidade de que *rouquejar vem de rouco*, e roncando amostrou logo as orelhas, dizendo, que os bramidos das ondas *nada tem de roucos*, tirando-nos assim toda a dúvida de

que em suas agúdas orelhas ferem igualmente os sons, e vozes *roucas*, ou argentinas. Porém como disse, que *só desejava saber se rouquejão* as ondas enrolando-se *banzeiras*, he Portuguez; e como tambem diz o dictado = faze bem, não cates a quem = por piedade, e commiseração de tão miseravel creaturinha, não lhe ensinemos só isto, ensinemos-lhe tambem alguma da Portugueza phraseologia que vem ao nosso caso.

Saiba pois *Hygino Antunes*, que se diz *mar banzeiro*, ou *ondas banzeiras*, quando ellas da passada tormenta estão ainda cavadas, porém já não açoutadas pela fúria dos ventos: diz-se *rôlo*, *ou rôlos de mar*, e que *o mar está em rôlos*, quando alevanta grandes escarceos, que desdobra, ou *desenrola* espumando: diz-se que as ondas *se enrolão*, *e se desenrolão* na praia, quando vem sobre ella encrespando-se humas após outras: diz-se que as ondas *vão rolando*, ou que *correm em rôlos*, ou que humas sobre outras *se enrolão*, quando ao largo se empollão tempestuosas, ou se cavão *banzeiras*: quando o mar se encachôa, e ferve sobre os rochedos, diz-se que *ronca*, ou *urra*: quando tormentoso se quebra nas róchas, ou penhascos, diz-se que *ruge*, ou *brame*: quando se ouve bramir em praias remotas, diz-se que *brada*: quando, fazendo carneirada, se ergue ao largo em grossos *rôlos*, e cachões, diz-se que *muge* ou *brame*, ou *fréme*: quando impetuoso se arremeça, e se arroja, sobre as praias em grandes *rôlos*, diz-se tambem que *ruge*, ou *fréme*; e de todos estes modos se diz que *rouqueja*, porque de qualquer destes modos dá sons estrondósos, e ruidósos, *roucos*, e ensurdecidos; sendo especialmente estrondosos na força da tempestade, e especialmente *roucos*, quando, depois della acalmada, ficão as ondas *banzeiras*; e sendo o seu mais claro som, e o unico que com toda a propriedade se póde chamar *sonoro*, aquelle que dá, ou faz, ou produz no caso acima dito em que *brada*; porque então esse som *sonoro* não he propriamente das ondas, he sim do écco produzido, e reproduzido por seu contínuo, e violento embate nas róchas. Em geral: o mar em tormenta, em procella, em tempestade, revolvido pelo contrario impeto e furia dos ventos, sempre se diz que *rouqueja*; e quando as ondas (como se representão no citado lugar da Apparição) *se enrolão banzeiras da proxima tormenta inda lembradas*, sempre se dizem *roucas*; assim como, em sentido translato, se dizem *sonoras* as tempestades, porque os diversos sons das ondas, e dos ventos, e o embate de huns, e de outros, produzem mui variada *harmonia*; e *harmonia* se diz a multiplicidade dos sons, sejão agradaveis ou medonhos e *sonoro* dizemos não sómente tudo o que tem hum som claro, harmónico, e melodioso, senão tambem tudo o que faz écco, e resôa: dizendo-se tudo isto assim, porque, segundo a convenção feita, todas estas phrases, e termos tem a propriedade de assim

tudo isto exprimirem pois que todos os termos, e phrases são outras tantas convenções, com que significamos, e exprimimos tudo o que sentimos, e observamos na ordem da Sociedade, ou da Natureza.... Mas ai! por onde eu ando embevecido! no que eu me fui metter! descuidadamente cahi em meu natural, e comecei a fallar sério, sem me lembrar que fallava com *Hygino Antunes*. Pois, já que dei na seriedade, vejamos sómente outra *Correcção do Hygino*, e demos por acabado este *corrige*; porque esta-se-me despedindo a pachorra, e similhantes tarefas não se podem tomar sem ella.

Diz pois o *Hygino* (ibid.) „ Tambem funerario leito me não „ quadra; funerario he o funeraire dos Francezes, e nós temos os „ adjectivos funereo e funeral. „ Ora com effeito não parece bem que as orelhas de *Hygino Antunes* são as mais alentadas que até agora tem esguiamente erguido para os ares nenhum sandeo? He forte birra de taramellar daquillo que não entende! Se o *Auctor dos Kanados* he tão quadrado que lhe *não quadra funerario leito*; se o *Auctor dos Kanados* he tão quadrado, e não sabe quadrar-se, para que esgrime? para que vem cá com as roucas de *funereo e funeral*? Ora tome conta o *Hygino*: na mesma passagem, que he huma descripção de enterro, no *Observador* transcripta do 3.º Canto da Apparição; nessa mesma passagem donde condemna a garrote, por ser Francez, o *funerario*; repare, e achará, *funebre apparato*, *funéreo coche*, *tochas funeraes*, *e funerario leito*: pergunte depois as significações, e dir-lhe-hão, que o mesmo vem a ser *funebre*, *funéreo*, *funeral*, *e funerario*; e que tambem se pudéra dizer *funeralicio*, porque he tão Latino como *funerario*? dir-lhe-hão, que o Auctor da Apparição, assim como usou de *funerario* por ser Latino, não duvidaria, nem deveria duvidar de tambem usar de *funeralicio*, se tambem delle carecesse para variar adequadamente os epithetos; porque esta variedade não sómente he huma riqueza de linguagem, e hum adorno da elocução, senão tambem huma elegancia, e até huma necessidade da Poesia, para a qual ainda são escassos todos os thesouros das linguas mais opulentas: dir-lhe-hão, que não falle de linguas, visto que as não entende, nem póde entender, e muito menos a Latina, que não he para *Hygino Antunes*, não he para sarrabulhentos sarrafações *Auctores de Kanados*: dir-lhe-hão, que metta a vióla no sacco; que não desperte o Leão do somno, em que repousa, bem descuidado de tão insolente sevandija; e que se cale, porque he esse o unico modo de se fazer soffrivel, e de evitar os apódos que o encommendão a toda a celebridade da ridicularia... „ Perdôe, Senhor, perdôe (dirá talvez *Hygino Antunes*) a maior culpa não he minha: foi aquelle negro azoinador, foi aquelle Canzarrão derramado, que até não

deixa cada qual na sua loja vender papeis, e ganhar sua vida; foi aquelle furioso escrevedor, foi o *Mendes Fogaça* quem me metteo nesta fôfa, de que bem me pesa! ,, Pois se isso assim he (lhe responderão) emende-se, e dê ao Demo o que sabe, e mais as lições do *Fogaça*, que hão de acabar de o perder na pública opinião. ,, Dar-lhe-háo muitos outros saudaveis conselhos, dir-lhe-hão muita cousa mais; e eu ficando muito prompto para o obsequiar, entrementes me despeço, e lhe repito, que

Pelas longas orelhas que apparecem
O Burro e seus disfarces se conhecem.

Menix.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO X.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Graduação, e Extensão da Sensibilidade.

(Continuado do N.° IX. pag. 86.)

HUm dos maiores passos que se poderião dar para o conhecimento do systema animal seria, sem contradicção, poder bem distinguir nos phenomenos, que apresenta, o que pertence necessariamente á Physica, isto he, o que deriva immediatamente das leis geraes da Natureza, do que depende da acção espontanea do principio, que dirige os movimentos dos corpos organisados. O exame destes phenomenos, seja qual fôr o seu resultado, deve fazer-se com os olhos de huma philosophia imparcial, e livre de toda a preoccupação. Dando demasiado poder á mechanica, prestando-lhe huma força, que ella não tem, escapão-nos os intuitos da Natureza, e não sabemos desenvolver nestes movimentos o fim, a que ella tende. Pelo mesmo modo ficão para nós perdidos os effeitos physicos quando nos circunscrevemos a huma esteril contemplação das causas finaes. Seria pois o melhor partido conciliar, e reunir estas duas vias de conhecimentos sem muito nos preoccuparmos a favor de alguma, e quando procuramos explicar hum facto pelos principios da Physica, tentarmos conhecer a intenção com que foi produzido. Deste modo quando estamos persuadidos de que os phenomenos da Sensibilidade não pertencem á Physica, podemos, e devemos contemplalla debaixo de outro ponto de vista. Esta faculdade dos corpos viventes espalhada por hum modo desigual, ou diversamente modificada em seus varios orgãos, he hum objecto di-

gno de muita attenção. Quando vemos que entre as differentes partes, cuja união fórma o animal, dellas são mui proprias para o movimento, e dellas para o sentimento, que certas tem muito escassa aptidão para hum, e para o outro destes effeitos, e que outras emfim reunem estas duas qualidades em gráo eminente, he permittido ao Philosopho investigar no uso destas partes qual fôra o fim, a que a Natureza se propôz estabelecendo estas differenças. A Medicina corre parelhas com a Politica: esta propõe-se a chegar ao conhecimento do Homem moral, applicando-se a desenvolver o motivo de suas acções: na sociedade a Medicina aspira a conhecer o Homem physico, ou para melhor dizer, no caracter vital do Homem procura descobrir o fim dos movimentos, e das acções organicas. A primeira tem por objecto o Homem exterior: a segunda o Homem interior: as acções de hum, e do outro dependem do mesmo principio, que he o *Amor de nos mesmos*. Este *amor* toma o nome de *interesse* no Homem exterior; e no Homem interior póde chamar-se, *desejo da vida, ou da conservação*. Este principio vigia continuamente na conservação, e sobordinação dos orgãos, que compõem o animal. Seria bem difficil que os corpos viventes se mantivessem por muito tempo, se nelles existissem partes indifferentes, incapazes de actividade, e energia, e abandonadas pela Natureza a si mesmas. Taes partes tornando-se estranhas ao systema animal, terião desarranjado a economia destas affecções. Serião pontos de interrupção oppostos á rápida communicação do movimento, e das sensações, e véos incommodosos, que ao conhecimento do principio vital roubarião interessantes accidentes, e em huma palavra, portas sempre abertas ás causas destructoras da organisação.

Tem porém cada orgão o gráo, e especie de Sensibilidade que competem ás suas funções, e exigencias. Ligeira, e superficial nas partes exteriores, de que o animal póde perscindir, como unhas, cabellos, ou epiderma; torna-se mais viva, e mais profunda na pélle, que he o involtorio essencial, por cujo meio os outros orgãos ficão a coberto da acção demasiadamente forte dos corpos exteriores, e em que reside o tacto, sentido universal, a que devemos as noções mais exactas, e que rectifica o que adquirimos pelos outros sentidos. As partes musculosas são dotadas de hum sentimento activo, e penetrante, proprio de orgãos, que na máchina animal fazem o mister de alavancas, e que são os principaes instrumentos do movimento progressivo, pois por meio delles he que o animal se transporta de hum lugar para outro, corre para os objectos, que deseja; e repelle os que lhe desagradão, ou pela fugida se forra ao risco eminente. Tambem as visceras occas, como o estomago, intestinos, e bexiga são formados de differentes ordens de fibras musculosas tanto mais sensiveis quanto

mais assiduamente lucrificadas por humores, que entretem a flexibilidade. Estes orgãos devião ser proprios para expulsar por seu proprio esforço, e actividade os corpos estranhos, que podem ahi introduzir-se, ou os corpos heterogeneos que alli se podem gerar.

Além deste sentimento que as torna susceptiveis de dôr, tem estas partes outra qualidade de sentimento, que as põe em estado de distinguir os objectos particulares de suas funções, assim por exemplo o estomago, em que huma forte applicação de hum agente mechanico promove huma sensação dolorosa, he ao mesmo tempo dotado de huma especie de tacto, ou gosto, em que distingue os alimentos que são mais analogos ao animal, attentos seu caracter, e costume, e em virtude do qual regeita os que lhe não convém. Outros orgãos, sem serem menos sensiveis ás impressões dos Agentes capazes de produzir a dôr, tem toda esta especie de tacto. Por ella he que os vasos de differentes ordens, destinados a conter liquidos sempre uniformes, e da mesma natureza, se agitão, e espantão por assim dizer, com a presença de hum humor heterogeneo, ou estranho; e por virtude deste sentimento he que cada viscera só admitte os humores que lhe convém, fechando-se a todos os outros, de modo que se póde dizer, que cada animal tem tantos sentidos particulares como orgãos.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE.

Extrahida do Musarion, ou Philosophia das Graças. Poema de Wieland.

Ditoso quem, do peito saccodindo
Todo o peso do susto,
Apenas a trombeta clangorosa
Canora reclamando
Incita a batalhar, parte; e risonho,
E indifferente ao pr'igo
Que os outros estremece, abraça a Morte,
Que de louros o adorna,
Como outro abraçaria a chára Amante
Que Venus lhe entregára:
Porém maior, e muito mais ditoso
Quem todo se resguarda
Co' a Egide impenetravel de Minerva;
Nem da Noite os phantasmas,

Nem da Superstição negras chyméras
O espantão, nem soçobrão;
Olha sereno os quadros que affigurão
Ou do Tartaro as flammas,
Ou do Acheronte as margens horrorosas,
E as caudas que de fogo
Estendem pelo Ceo rubros Cometas;
Vans subtilezas mofar
De nescias prevenções tem limpa a mente,
Contempla a Natureza
Sempre uniforme, e eterna progredindo
Sempre a si similhante.
Foi Heróe Alexandre, subtrahido
Ao volupioso imperio,
Em que inglorios os Ninias distrahírão
A vida mal gastada;
Correndo de conquistas em conquistas
Até do Indo ás rayas,
E abatendo na rápida carreira
Os oppostos Tyrannos?
Elle arrazou magnificas Cidades
Co' as inflammadas rodas
De seu carro triumphal, meio Universo
Ruinou: e com que fito?
Elle o confessa: por fazer que Athenas
Sôe largo o seu nome.
Oh! mil vezes maior que juntos todos
Os vãos Conquistadores
Aquelle que está firme em ser virtuoso:
Melhor, melhor merece
As honras dos Heróes, dos Semideoses,
He só menor que Jove:
Fraco bem a seus olhos os prazeres,
São tenue mal as penas:
Sublime não se queixa, nem se excede
Sábio no regosijo;
E senhor das paixões as tem domadas,
E ao phaustro da Virtude
Atadas em triumpho após as leva:
Toda a Indiana riqueza
Não lhe accorda a cobiça, e o não corrompe:
Co' interno testimunho
Da propria consciencia satisfeito,
Desdenha, e nada cura
Do Mundano louvor: antes quizera
De Phálaris no Touro
Abrazado expirar, do que hum diadema
Ganho em braços de Phryna.

Menix.

ARTIGO III.

CRITICA.

Juiso sobre o Poema Newton.

(Continuado do N.º IV. pag. 37.)

Tendo o Auctor ficado de queixo cahido com a vista do Mausoleo, he despertado pela Fadiga, e começa a fazer a descripção do Cenotaphio (que finalmente achou o nome proprio, para designar o objecto de que fallava, e a que tinha impropriamente chamado Sepulchro) diz pois que de hum lado do Cenotaphio estava a Fama, e do outro a Gloria, e aos pés a Verdade.

Do seio extracto, da materia prima
Dois *pedestaes estão*, que no encendrado
Ouro conservão symbolos diversos,
E as bases são de lucidas columnas,
No meio huma Pyramide se mostra. . . .
. . . . . .
Diante da Pyramide sublime
Entre as columnas se elevava ingente,
Firme, *e segura base*; *Ordem Toscana*
Com magestade seus adornos fórma;
Nelle esculpido *teu grão nome eu leio*,
Immortal Galileo . . . . . .

Vê depois dois Globos de Magnete; e fallando da ignorancia que a Antiguidade teve da attracção, força centripeta, e centrifuga, sahe-se com a seguinte prosinha:

Ignoto nome aos Seculos antigos
Foi attracção reciproca, *e foi sempre*
Centrifuga, *e Centripeta ignorada*,
Com que estranhos Phenomenos se explicão.

Em hum dos Globos está *gravada em ouro* a Esphéra de Ptolomeo, e em outro a de Copernico; e como neste exame só pertendemos mostrar os defeitos do Poema para instrucção dos Amadores da Poesia, e não deprimir o mérito do Auctor, de bom grado citaremos estas duas tiradas, unicas em que até aqui notámos alguma belleza de estylo, e colorido Poetico.

N'hum dos Globos está *gravada em ouro*
Por mãos de Ptolomeo *etherea Esphéra*
A' qual d'ambito immenso a Terra he centro:
Acima della brilha argentea Lua,
Que o nocturno clarão do Sol recebe;
O Mensageiro dos celestes Numes
Muito acima fulgura; *e essa que teve*
Alma belleza' no Oceano o berço
No que he terceiro Ceo resplende, e brilha;
Precede o dia quando nasce, e surge
Quando o disco do Sol se encobre, ou morre!
D'aurea luz coroado, e ardentes raios
O Sol succede; e se descobre Marte
Sanguineo, e triste, n'outro Ceo rodando,
De Jupiter o Globo immenso, e claro
Em mui remoto circulo *se agita*:
Inda além delle, vagaroso, e frio
Vai do Antigo Saturno o debil raio
Immoveis pontos, lucidas Estrellas
Brilhão no immobil cristalino Assento.

Neste trecho podem notar-se algumas impropriedades de expressão, e a monotonia de metro, mas já não he pouco encontrar huma flor Poetica na árida charneca deste Poema. A descripção da Esphéra de Copernico inda tem maior merecimento.

Obra do grão Copernico descubro
N'outro Globo escúlpida immensa Esphéra;
Delle o Sol luminoso he centro, he foco,
Que mui proximo a si Mercurio observa;
Vai n'hum carro apóz elle a Cyprea Deosa

Roseos freios batendo ás alvas Pombas.
(*Dos Astros todos o mais bello he este*)
E, n'outro Ceo mais alto a escura Terra,
Tornada Astro rotante, o gyro absolve,
Da Lua, seu Satellite, seguida,
Da qual ao vário movimento he centro.
Das feras armas lugubres o Numen,
(A quem tanto tributo, incenso tanto
Em lagrimas, em lucto Europa offrece)
Segue-se apóz a Terra; e apóz de Marte
O vivo, o claro, o desmedido Jove,
De brilhantes Satellites cercado,
Que tu, *grão Galileo*, primeiro achaste!
E do tardo Saturno a immensa, e vasta
Mole apparece; de *Clientes* muitos
E variante annel cercado avança.

O relativo *que* fica mui distante do substantivo, a que se refere; e seria melhor fazer uso da conjunção *e*: *freios* não he termo proprio, mas sim o de *rédeas*, que o Auctor devia empregar, e a palavra *Clientes* tem o mesmo defeito de impropriedade. Citamos agora o original, de que esta descripção foi imitada; elle se encontra em huma Ode de Malfilatre, que tem por objecto o systema de Copernico: Cotejem-se os versos acima transcriptos com esta bella strophe:

Ainsi se forment les orbites,
Que tracent ces globes connus,
Ainsi dans de bornes prescrites
Volent et Mercure, e Venus.
La Terre suit; Mars plus rapide
D'un air sombre s'avance, [et guide
Les pas tardifs de Jupiter;
Et son Pere, le vieux Saturne,
Roule á peine son char nocturne
Sur les bords glacés de l'Ether.

A marcha de Malfilatre nesta strophe maravilhosa he rápida, e impetuosa, cheia de viveza, finalmente he Lyrica. O imitador

querendo adornar o quadro, pará assim melhor disfarçar a imitação, o enfraqueceo em algumas partes com a má escolha dos accessorios: Vê-se com tudo que huns destes versos forão escriptos com os outros á vista. Como porém o Auctor não póde por muito tempo sustentar-se, especialmente se lhe faltão moletas alhêas, que o ajudem a caminhar, agôa-nos logo o pequeno prazer, que com estes versos nos déra, apresentando-nos os seguintes,

Hum longo estudo *archytectou tão bella*
Tão engenhosa máchina prestante
Entre os gêlos Sarmaticos levada
A' maior perfeição, pois já na antiga
Idade a vio sahir absorto o Mundo
Das mãos do Escravo do *Eloquente Tullio.*

Que são legitimos Irmãos do tão admirado, e nunca esquecido verso de outro Poema do Auctor.

Eu chamo-me Thomé no Empyreo moro!

Continuar-se-ha.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO XI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Do tempo do aleitamento, ou amamentação.

POsto que este tempo seja marcado pela Natureza na inteira, e completa erupção dos dentes, póde sem inconveniente avançar-se, fazendo pouco a pouco succeder ao leite da Ama o dos animaes, e gradualmente acostumando o Menino a mais sólidos alimentos: isto he, se as Mãis não tem leite bastante, ou se a sua melindrosa saude lhes faz mui onerosa a pensão de amamentar; porque quanto áquellas que disso absolutamente se eximem, bem poderiamos, como já muitas vezes se tem feito, mostrar que impunemente se não quebrantão as leis da Natureza, e apresentar huma lista dos males provenientes desta infracção: assás os faremos prever lembrando, que consideramos o leite retido no corpo como hum principio de corrupção para todos os outros humores. Sem contar as graves enfermidades, cuja causa sensivel se não póde desconhecer, e a que estão sujeitas as Mulheres que não crião seus filhos, cahem ellas algumas vezes, ainda longo tempo depois do parto, em hum estado de languidez, ou perturbação, indicativo de que algum humor heterogeneo lhes desordena o ordinario exercicio da sensibilidade, e que, roubando-lhe as graças que ellas quererião conservar, até as priva do fructo do seu erro.

Claro he porém, que a obrigação de criar se não entende com aquellas que não podem dar a seu filho bastante sustento, e

bem são: aquellas que tem pouco leite, ou (o que he ainda mais commum nas grandes Cidades) aquellas que o tem ruim, nada mais a proposito farão do que enviar seus filhos para o campo, onde talvez acharão no leite de huma Camponeza, sazonado pela temperança e frugalidade, hum remedio aos males produzidos pelos vicios oppostos a estas virtudes; e nesta fonte pura se limparão dos germes de infecção que com a vida lhe forão transmittidos: alli receberão huma existencia mais sólida do que a houverão de seus debeis Pais, que apenas a sua propria podem manter; e até dahi podem resultar effeitos moraes, que em certo modo temperem o da desigualdade das condições.

Hum rico, criado entre Camponezes, menos ousará desprezar a pobreza honrada, quando se entregar aos prestigios, e aos prazeres da opulencia, e quando tudo conspirar para lhe fazer esquecer que he Homem: n'um daquelles momentos em que a alma está mais facil de commover-se, e em que a Natureza faz que até o Homem vicioso recorde os seus similhantes, vendo a humilde cabana do Aldeão, dirá comsigo mesmo, e com ternura: „ Eis-alli a minha primeira morada, alli foi o meu berço: a frivola dissipação, e o brilhante actual tumulto da minha vida valem menos do que os brincos innocentes, que eu alli tive na infancia: aquelles que alli habitão sómente me devião alguns cuidados, porém elles tiverão comigo todos os desvélos que unicamente a Natureza inspira, ou a pureza dos costumes: alli se formão Homens vigorosos, cujo suor faz germinar as substancias que me nutrem, e cujos braços defendem os lares onde eu adormeço no seio da molleza: ah! e se nas minhas vèas corre algum sangue não corrompido, se ainda restão na minh'alma alguns virtuosos sentimentos, talvez alli os bebi, junto com o leite que me derão. „

Se rasões deduzidas da nossa organisação, e do liame natural de nossos misteres, obrigão toda a Mulher não enferma a amamentar seus filhos, as rasões moraes que a isso parecem adstringillas, não são de menor consideração para aquellas que forem ternas, e honestas. Hum filho abandonado aos mercenarios cuidados de huma Ama; o perigo de mamar hum leite, que nem sempre será analogo á sua constituição; e que até, segundo o parecer de alguns Medicos (e não sem fundamento) póde influir nos seus costumes, e no seu caracter; os males physicos de que elle o póde infectar; e finalmente a ternura do Menino devolvida a outra que não he sua Mãi, a qual, não preenchendo os seus deveres, não deve esperar receber o premio delles; tudo isto são poderosos motivos para fazer que se proscreva hum abuso tão contrario á ordem natural. Os animaes nascidos para alimentar seus filhos, não confião a outros esse tão amavel cuidado; e huma especie

em que os Pais sómente mostrassem o desejo da geração, esquivando-se ao dever de sustentar os fructos della, seria huma dissonancia na ordem da Natureza.

Nem isto he menos contrario á ordem da sociedade, onde cada qual tem seus misteres que exercer, e onde cada hum dos sexos he ligado por particulares obrigações. Parece pois que huma Mulher só tem direito a todas as vantagens que procura aos seus membros, quando preenche todos os seus deveres, e náo preenche mais do que ametade quando não cria seus filhos. A Mulher só he digna do gráo que na sociedade occupa, quando depois de pelas suas graças fazer o ornamento della, contribúe para lhe augmentar a força, dando-lhe vigorosos, e sadios Cidadáos, que della recebessem com o leite o exemplo de hum inviolavel amor aos sagrados deveres que ella impõe. (*Extracto do Cap.* 8. *da* 2.ª *Part. da mesma Obra de Roussel.*)

Moniz.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE 2ª DOS EPODOS DE HORACIO.

Traduzida em igual número de Versos quasi da mesma medida.

Ditoso aquelle que, evitando tráfegos,
Qual os Mortaes primeiros,
Lavra com proprios bois paternos campos,
Nem faz, nem soffre onzenas;
Nem o despertão horridas trombetas,
Nem teme o mar irado;
Lites esquiva, e os pórticos soberbos
Dos Cidadãos potentes:
As adultas vergonteas das videiras
Marida aos altos chopos,
Viciosos ou co' a fouce os ramos póda
E enxerta em mais castiços,
Ou no remoto valle observa errantes
Mugidoras manadas,
Ou guarda o mel crestado em vasos puros,
Ou tóza o gado enfermo:
E, quando ornada de maduros fructos
Ergue a cabeça o Outono,
Quanto folga ao colher de enxerto as peras,
E uvas rivaes da purpura,

Que te offreça, ó Priápo, e ati, Sylvano,
Que hes Guarda das Estremas!
Praz-se ora á sombra do carvalho annoso,
Ora na estavel gramma;
Manão em tanto d'alta rocha as agoas,
Gemem no bosque as aves,
E as fontes, borbulhosas murmurando,
Leves somnos convidão:
Porém, quando hybernal, tonante Jove
Congére a neve, e as chuvas,
Daqui, dalli c'os cães impelle ás malhas
O javali cerdoso;
Ou prende em liza vara as largas redes,
Que o voraz tôrdo enganão,
E o peregrino grou em laço, e a lebre,
Jucundas prezas, colhe.
Quem ha que, entre estes bens, lhe não esqueção
Ruins de amor cuidados?
Pois, se honesta Mulher, dispondo em parte
A casa, e tenros filhos,
Qual Sabina, ou, dos sóes crestada, a Esposa
Do Apulhez incançavel,
Com secca lenha o fogo accende á vinda
Do fatigado Esposo;
E, nos apriscos encerrando o gado,
Munge os retezos uberes,
E extrahe da cuba o vinho novo, e appresta
Caseiras iguarias;
Não me aprazerão mais Lucrinas ostras,
Rodovalhos, ou sargos,
Se ao nosso os impellir do mar Eóo
O procelloso Hynverno;
Nem Jonio francolim, Afra gallinha
Terei mais saborosos
Que dos virentes ramos apanhada
Mais pingues a azeitona,
Labaça que ama o prado, e ao corpo as malvas
Enfermo salutiferas,
Cordeiro em festas Terminaes, e ao lobo
O salvo cabritinho.
Quão grato assim á mesa he vêr buscando
Farto os curraes o gado;
Os bois cançados na cerviz languente
Trazer inverso o arado,
E em roda ao lar, da rica herdade enxame,
Os filhos das Escravas!
Dito isto, Alfio onzeneiro, já, já quasi
Tentado a ser Colono,
Cobrou nos Idos o dinheiro, e a juro
Quiz dallo nas Kalendas.

Meaiz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Juiso sobre o Poema Newton.

(Continuado do N.° X. pag. 104.)

Continúa o Auctor com a descripção dos ornatos do Cenotaphio, e diz:

Sobre os dois Globos *se sustenta*, e firma
A illustre, sepulchral Urna estupenda)
(Estupendos versos na verdade!!!)
Architectada, e repolida brilha
De prisma em fôrma, e de materia ignota.

(Isto quer dizer que a Urna brilha em fórma de prísma, e em fórma de materia ignota, ou que a Urna he de materia ignota, e brilha em fórma de prisma?... a expressão do Auctor he tão pouco corrente, que admitte ambos os sentidos.

Do Negro Paragon moldura observo
Que em si contém de Isaac a illustre imagem;
He relevada em sólida Esmeralda.
. . . . . .
Este relevo portentoso, e raro
He sostido nas mãos de hum Genio illustre
A quem deo berço d'Adria a grã Rainha.

Muito amigo he o Auctor de *grão*, *e gran*, e d'outros que taes epithetos ociósos, e parasytos, de que todos os máos Poetas tem a manha de valer-se para cunhar seus indigestos, e mal forjados versos! Segue-se hum Elógio do Conde Algaroti, Apostolo de Newton na Italia, e elegante Poeta, e Prosador agradavel: não achamos porém nesta tirada belleza alguma notavel, mas só huma declamação empolada, e exaggerada, defeito mui trivial nos escriptos do Auctor, quer sejão em verso, quer em prosa; pois

seu espirito he como hum vidro colorado, que communica a sua côr a todos os objectos : e que maior signal de reprovação do Genio em hum Escriptor, que não saber variar os estylos?

,, Eis tres Figuras mais, do grão sepulchro
Ornamento, deviso.

Depois de ter amostrado neste Templo mais Figuras que n'um Presepe, ou no Theatro de S. Roque, não farão espanto mais estas tres, que são Fontenelle, Descartes, Maupertuis, e finalmente

Eternidade sobre tudo existe.

. . . . . .

Mal comtemplava o Monumento augusto
D'Homem tão grande consagrado á gloria,
De tão sublimes extasis *me arranca*
A Fadiga outra vez,, he tempo, oh Filho,
Que o transportado Espirito se torne
A' habitação mortal, que desça á Terra :

(Que estylo !)

Vai; quanto viste aos Homens annuncia,
Vai declarar insólitos portentos
Sobre esta mole sepulchral gravados.
O Mundo viverá; Newton sublime
Em quanto exista, existirá com elle.

Não está má existencia a de Newton ha tantos annos debaixo da Terra, e comido dos Bichos! Calúmnia (dirá agora o Auctor) eu não digo que existe, e existirá Newton em quanto existir o Mundo, mas sim o nome, e a gloria de Newton. Pois Senhor Auctor, perdôe a nossa confiança; como não he milagre que V. m. não escreva o que entendeo, não disputamos sobre o que V. m. quiz dizer, o que disse, e está mui bem claro, e impresso he que

O Mundo existirá; Newton sublime
Em quanto exista, existirá com elle;

E quando se acabar o Mundo, sobre as ruinas delle

A Gloria existirá fastosa, inteira,
Seu throno erguendo sobre immensa, e clara
Luz, que só Newton dividio na Terra.

Isto são *formalia verba*, e disto resulta que Newton vive, e viverá em quanto viver o Mundo, e, depois de morto elle e o Mundo, ficará permanecendo a sua Gloria.

Disse, eis foge a Visão, eis foge o Templo.
Eu não diffrente d'um Mortal que vôa,
Desço do cume do fadado monte:
O mesmo monte se escondeo.

Não diffrente d'um Mortal que vôa, he huma expressão vaga, incorrecta, e viciosa: mas emfim deixemos voar o novo Icaro mal azado. *Diffrente*, por *differente*, bem que tenha a seu favor a prática dos nossos antigos Poetas, que lutavão com a difficuldade de amoldar ao metro huma lingua ainda na infancia, e bem que tenha exemplo em alguns bons Modernos, que para isso não olhárão com attenção, deve ao presente, que a nossa metrificação tem sido apurada, e polida, deixar-se, e olhar-se como vicio de estylo, assim como todas as outras chamadas licenças absolutamente desnecessarias em nossa lingua, e que apenas servem de barbarizar as palavras, e estropear a sua natural melodia.

Desfecha depois o Auctor com huma impertinente parlenda a seu respeito, em que, como vulgarmente se diz *Ora he Rei, ora Sapateiro*; isto he, humas vezes está

N'uma absoluta escuridade inglorio

Outras, diz, como se fôra hum Hannibal, hum Themistocles, ou Homero:

Eu da Patria não fui, fui do Universo

E logo no seguinte verso:

Da humana especie incognito individuo.

Idéas que não podem conciliar-se em boa Logica, porque humas excluem as outras. Passa depois a queixar-se dos seus emulos, e inimigos, que (seja aqui dito em segredo) são todos aquelles que tem a insolencia de julgar que Luiz de Camões honrára a sua Patria com os seus Escriptos, e preferem a Lusiada tantas vezes traduzida, e commentada pelos Estrangeiros, ao Oriente, que poucos Portuguezes lêrão, e muito menos gostárão, e de que ninguem sabe mea duzia de estancias de cór. Falla depois da sua probidade, e comportamento, e remata:

Se he preciso morrer sou *grande*, *e livre*,
Sou *nobre*, *independente*, e sou *ditoso*

. . . . . .

Não he caduca vida hum bem que valha
De hum *vicio só*, de huma vileza o preço.

Que o Auctor falle em sua *virtude*, *probidade*, *e nobreza*, não estranhamos nós, especialmente quando não ha ninguem que dellas não esteja perfeitamente sabedor; o que nós estranhamos he que elle, sendo o mais docil dos Homens, pelo hábito de derramar hyperboles por tudo quanto escreve, cahisse em fallar de si em termos tão emphaticos, que serião tachados de orgulho, e fanfarronada ainda mesmo na bocca de Catão, ou Socrates: o Justo, e o Philosopho devem ser modestos em suas palavras, como em suas acções, e com especialidade se tem a ventura de professar o Christianismo, que ensina a humildade com tamanha eficacia.

Sentencea depois que o nosso Seculo he mais barbaro que o de Ataulfo, e Genserico, o que prova com a existencia de Cassiodoro, Boecio, Apolinar, e Symacho, com quem parece que a seu vêr não poderião contrapezar-se tantos Homens illustres universalmente respeitados por seu saber, e prestança nas Artes, e Sciencias, que servem actualmente de gloria a toda a Allemanha França, Inglaterra, Italia, Hespanha, e Portugal, etc., porém a esse respeito diga o que quizer, que para tudo está habilitado quem escreve em hum Poema Epico versos do calibre deste:

Eu chamo-me Thomé, no Empyreo moro!

Continuar-se-ha.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO XII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Dos Parteiros.

A arte de partejar, despida dos preceitos indifferentes, ou inuteis, e dos apparatos vãos em que a embrulhão, reduz-se a hum pequenissimo numero de principios simplices, que facilmente se attingem, e que estão muito ao alcance das Mulheres: depressa se aprende quaes são as posições viciosas que póde a criança tomar no útero, quaes são as que podem rectificar-se, e quaes as que, não se podendo corrigir só deixão á sagacidade do Artista o prudente partido de, quanto he possivel, diminuir os inconvenientes: devendo ainda considerar-se, que estes principios sómente são applicaveis nos casos em que, não bastando a Natureza, exige o auxilio de mão estranha; porque, segundo os mesmos Parteiros confessão, o parto natural, que he e deve ser o mais commum, póde fazer-se sem intervenção da arte. Póde pois com certeza concluir-se, que os Parteiros que manobrão, e usão quanto podem de instrumentos, pela maior parte das vezes o fazem sem necessidade, e empecem por isso mesmo ao bom exito da operação. Por isto se póde tambem reduzir ao seu justo valor o exaggerado relatório que fazem dos pertendidos obstaculos que tiverão de vencer, e da destreza e habilidade que carecêrão para os superar; relatorio que parece tender a mostrar, que o parto foi obra sua, ou, pelo menos, que nisso fizerão muito, e mui pouco a Natureza.

Ou no tempo dos Gregos parião as Mulheres com mais facilidade do que em nosso tempo, ou elles melhor do que nós souberão julgar o verdadeiro gráo de influencia que tem neste acto a Parteira, ou o Parteiro. Pelo nome que davão ás Parteiras, parece que as limitavão ao emprego de cortarem o cordão umbilical, porque lhes chamavão *Omphlotomoi*, isto he, Cortadoras de cordão umbilical. As femeas dos animaes fazem com os dentes esta operação; e, como entre elles o cordão umbilical póde passar sem ligadura, duvidão alguns Auctores de que no Homem seja ella tão essencial como muita gente o pertende. Ha observações pró, e contra: não he este o lugar de discutir similhante questão; julgamos porém, que se enganará quem olhar o cordão umbilical como huma simples continuação dos vasos do Menino, ou de sua Mãi, e não o considerar como hum conducto, que em certo tempo deve servir de ponto de communicação entre a Mãi e o Filho, e que a Natureza conserva em quanto delle necessita, deixando-o seccar, e cahir logo que lhe não he preciso: depois do parto a Natureza contrahe, restringe, e cerra no Menino aquella parte onde o cordão abocca; e, interceptando-lhe o sangue e a vida que o fazião vegetar, o reduz ao estado de se *obliterar* (1) e em pouco tempo seccar, sem que o Menino seja nisso prejudicado.

Posto que a facilidade da arte de partejar fosse talvez entre os antigos hum motivo de ás Mulheres a confiarem, tambem sem dúvida attendêrão á natural coherencia de que, vindo ao Mundo, seja o Menino recebido nos braços da Parteira, para delles passar aos da Ama, e dos desta aos de huma Aya, que o disponha para receber a educação viril; pois que hum tão tenro e melindroso deposito acharia talvez, na austéra e rigida ternura dos Homens, soccorros menos convenientes ao seu estado, carecendo de hum apoio brando e flexivel, que, para melhor o defender, como elle se modificasse. Finalmente ás Mulheres pertence o cuidar da infancia, he hum encargo que a Natureza lhes prescreveo: he a Mulher que por espaço de nove mezes deve trazer o Filho no seu seio, he a Mulher que deve facilitar-lhe os meios da sahida, he a Mulher que deve dar-lhe o primeiro sustento de que precisa, e he emfim a Mulher que deve velar no primeiro desinvolvimento dos seus orgãos, e da sua alma, e

(1) Cuido que a nossa Faculdade Medica tem já adoptado este verbo: tenha, ou não, eu o uso, porque a sua origem he Latina, e porque a sua significação anatómica não póde dar-se sem huma longuissima periphrase. (*Nota do Traductor.*)

preparallos para as lições que o devem elevar ao estado de Homem.

Mas a principal rasão porque os antigos pensavão que o ajudar ao parto sómente convinha ás Mulheres (excepto nos casos mui raros em que tudo cede a hum perigo imminente) he o grande interesse dos costumes; e he este hum objecto que nunca os antigos Governos perdêrão de vista, sabendo que são elles a base de toda a legislação, e que debalde se farão boas leis, se os bons costumes não assegurarem a execução dellas. A crueza das operações chirurgicas de Archagato fez expulsar de Roma os Medicos, e Roma banio tambem os Sophistas e Oradores Gregos, accusados de lhe haverem introduzido, e de nutrirem o gosto das artes e vicios da Grecia: era pois verosimil que não deixasse longamente subsistir huma arte que, exercida por Homens, debaixo das vans apparencias da utilidade, ameaçaria o sanctuario d'Hymeneo, e que, attentando ao principal salvo-conducto das Familias, em breve atacaria as molas que sustentão o Estado; huma arte que, á força de attenuar o pejo das Mulheres, cedo as acostumaria a de nenhuma cousa se envergonharem, que talvez até lhes faria perder a lembrança da sevéra virtude que lhes havia grangeado a estima e veneração dos Romanos, e que fôra em outro tempo o principio das maiores revoluções. Catão, que degradou hum Senador por abraçar sua Mulher em presença de sua Filha; Catão, sempre attento a repellir a depravação do peito dos Cidadãos, nunca permittiria que as suas Mulheres, dando Filhos á Republica, deslustrassem este beneficio com o esquecimento do decoro.

Até meado do seculo decimo septimo, todas as Nações concordárão em não admittir nos partos o ministerio dos Homens. Exceptuão-se os Athenienses na época em que prohibírão ás Mulheres todo o exercicio Medico, ou Chirurgico: porém como as Mulheres Athenienses muito repugnassem submetter-se a huma lei que violava o seu pudor, obrigando-as a ser partejadas por Homens, huma dentre ellas mais animosa, e á maneira de Curcio, sacrificando-se pelo seu sexo, disfarçou-se em Homem, para com este disfarce poder exercer a profissão de Parteiro. A este recorrêrão todas as Mulheres que sabião o segredo, e os outros Parteiros perdêrão freguezia. A grande reputação he crime aos olhos da inveja: logo ella armou contra Agnodice (que assim se chamava o Parteiro femea) todos os invejosos da sua fortuna, e recorreo ás suas armas validas, isto he, a calúmnia; mas felizmente as suas imputações são de ordinario tramadas com mais maldade que industria, e as que empregou contra Agnodice erão de tal natureza que facilmente podião ser desmentidas. Ac-

cusárão-na de seduzir as Esposas dos Cidadáos ; mas , pela simples confissão do seu sexo , Agnodice confundio os impostores ; e então os Athenienses, reconhecendo os inconvenientes da sua lei, tomárão o sábio partido de a modificar. (*Extracto do Cap. 7. da 2.ª Parte da mesma Obra de Roussel.*)

Moniz.

ARTIGO II.

POESIA.

FABULA.

A Raposa, e as Gallinhas.

Huma ladina, experiente, e annosa
Papa-gallinhas, cállida Raposa
Havia tempos, mas em vão, matreira
Buscava entrar em farta capoeira;
Até que n'huma noite de procella
A hum não tentado estratagema appella.
„ Abri, Meninas, não tenhais receio:
„ Quem quer o proprio bem, promove o alheio.
„ Hoje ao Celleiro as portas mal fechárão,
„ E os ventos indagora o escancarárão:
„ Eu venho dar-vos parte como amiga,
„ E tambem por fazer bem á barriga;
„ Pois não vos custa nada, em recompensa,
„ Se os hão de vir buscar para a despensa,
„ Deixar-me a mim comer alguns ovinhos.
„ Meninas, vinde encher vossos papinhos,
„ Abri; não tenhais medo da Raposa,
„ Que ella não he feroz, só he gulosa:
„ Se alguma vez faz mal, he que tem fome;
„ Mas não faz mal nenhum em quanto come „
Sua malicia o Gallo conhecendo,
Cucuricava com furor. Tremendo
As Gallinhas, e os Frangãos pipitavão,
E todos da verdade duvidavão.
Mas sempre foi hum Demo huma Zoupeira
Curiosa, doutora, e lambareira!
Alli se vio; de crista derrubada

Tirante a negro, já de avelhentada,
Huma gorda Gallinha, cobiçando
De em celleiro se vêr depenicando,
Dest'arte lambarou ,, Creio verdade
,, O que a Raposa diz, que nesta Herdade
,, Foi hoje hum tontarrão o mais esperto:
,, Que muito he o celleiro estar aberto,
,, Se tem fecho de salto esta cancella,
,, E ficou posta só na taramella? ,,
Mal que a Raposa ouvio, saltou ligeira,
Agatanhou tres vezes, e á terceira
Deo volta, abrio, entrou, faminta, e irada;
E, atirando dentada e mais dentada,
Nos mal-fazejos dentes atravessa
Pequena e grande gallinhal cabeça.
No emtanto os ventos, porfiando a guerra,
Batem co' a porta; salta o fecho, e cerra.
Já desponta o albor da madrugada:
Farta de sangue, e de matar cançada
Eis a Raposa a procurar sahida:
Não acha: salta, corre, trépa, e lida;
Mas debalde, e estendida ao comprimento,
A vida emfim confia ao fingimento.
Da capoeira ao pertendido gado
Já vinhão a deitar o pasto usado,
Conhecem pelo estrago o inimigo,
E n'hum cajado levão-lhe o castigo.
Na Gallinha se mostra o grande damno
Que provir póde de hum fallar insano;
Na Raposa, a funesta barbaria
Da sanguinaria, atroz Hypocrisia.

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Juiso sobre o Poema Newton.

(Continuado do N.° XI. pag. 112.)

Pouco temos já a dizer do restante deste Poemá, que rigorosamente fallando acaba no fim do 3.° canto com o Elogio de Newton: este Elogio tem o defeito geral do estylo do Auctor;

isto he, carencia de colorido Poetico; não offerece porém cousa, que valha a pena de apontar-se, por máo, nem bom. O quarto canto reduz-se a huma impertinente, e descozida enfiada de reflexões, exclamações, apostrophes, e repetições, que o tornão ainda mais fastidioso á leitura, do que os precedentes; nelle deparamos de quando em quando alguns lugares em que sem mascara, nem rebuço apparece a desmedida phylaucia do Auctor, tal he a seguinte passagem, que igualmente accusa a sua falta de bom gosto, e critica em Poesia; diz elle em hum Elogio a Italia:

Sabe que o Tejo te conhece toda:
Entre as cultas Nações *tu só me illustras,*
Eu nada tenho que invejar ao Mundo,
Quando em viva abstracção te *roubo ao Globo;*
Sem *Filicaja eu Lyrico* me acclamo!

A primeira cousa, que se nos apresenta a notar aqui, he a absoluta com que o Auctor, que em qualidade de Estrangeiro, e pouco prático em a Lingua Toscana, não he em tal objecto competente Juiz, dá o primeiro lugar entre os Lyricos Italianos a Filicaja, desmentindo o voto da Italia inteira, e da Europa, que dão unanimemente a preferencia a Chiabrera, e Guidi; a segunda he, que o Auctor, que em toda a sua vida nunca poude produzir huma Ode soffrivel, como se vê pelas que em seu nome existem impressas, tenha o attrevimento não só de contar-se entre os Poetas Lyricos, mas que, estabelecendo que Filicaja he o unico a quem respeita (o que quer dizer em bom Portuguez, que elle tem na Poesia Lyrica o lugar immediato a este Poeta) venha a julgar-se superior a Pyndaro, Anacreonte, Horacio, (a quem não soube traduzir) Chiabrera, Bembo, Guidi, Bernardoni, Crescimbeni, Rousseau, le Brun, Dryden, Gray, Utz, Haller, Gleim, Herrera, la Torre, Frey Luiz de Leão, Rioja, Diniz, Garção, e o inimitavel Francisco Manoel! póde dar-se mais ridicula presumpção? maior audacia? sim; o Auctor he o unico que nos podia dar o exemplo della.

Ah! *sem Tasso* o Cantor do acceso Oriente
Cedera a nenhum outro Epica tuba!...

Poderá chegar mais longe a demencia, e o delirio da Presumpção?... Pois nem a Homero, nem a Virgilio? nem a Milton? nem a Klopstok? Em Camões, Sá de Menezes, Castro, Quebedo, e Santos e Silva não fallamos, porque seria hum insulto o comparallo

com similhante Jáos Ninguems. Pois olhe, Senhor Fanfarrão Poetico, por mui feliz se daria V. m. se podesse alcançar hum lugarsinho aos pés de Bracciolini, quanto mais do Tasso, e dos outros que nomeâmos. Depois de *por grande modestia* julgar-se o segundo Lyrico, e Epico do Universo, não vale a pena de notar-se que tambem se julga superior a todos os Poetas descriptivos, á excepção de Arrighi, e Conti, pondo para a banda, como se nada valessem, Delille, e Darwin, Tompson, Dusch, etc.

E Harmoniosamente meditando

(Este verso podia fazer ajoujo com outro, porque tanto se zombou do defunto versejador França

Misericordiosissimamente.)

Eu *só fôra* o Pintor da Natureza
S'Arrighi, e Conti, c'os pinceis não derão
A tão grande painel mais alma e vida.

Que alma haverá tão estoica, que á vista de similhante arrogancia possa abster-se de clamar *o' tribus Antyciris caput insanabile*! Que sério Esculapio vendo-o em similhante accesso não clamaria:

Sangrias nelle, e palhas, e chicote?

Tambem não he raro que o Auctor, que quasi nunca sabe nem o que diz, nem o que escreve, diga sobre o mesmo objecto o pro, e o contra, cahindo em ridiculas contradicções. Dê-se hum exemplo: depois de haver em hum extensissimo, e tediosissimo Prologo estabelecido, que não ha Poemas que possão comparar-se com hum Poema Didascálico, ainda que seja sobre o *chocolate*, ou os *flatos*, decide a folhas 145 que a Chymica não he bom assumpto para Poemas.

Té mãos Imperiaes viste, ó Florença,
Depondo o *Sceptro tactear cadinhos*
. . . . . (expressão impropria.)
Mas se delles a purpura não foge,
Fogem por certo as *Musas espantadas*;
Nega-se a Lyra a barbaros, escuros
Termos que jurão *sanguinosa* guerra
Do metro Luso á *mágica harmonia*.

Guerra *sanguinosa* a opposição que póde suppôr-se entre *termos escuros*, e a *harmonia* do metro Luso!... que diria hum Professor de Rethorica a hum discipulo, que em alguma composição escholar lhe apresentasse hum epitheto tão improprio? pois o segundo Poeta *Epico*, *Lyrico*, *e Didactico* de todo o Mundo; o Escudeiro de Tasso, Filicaja, e Conti, imprime sem escrupulo nenhum huma sandice que não diria hum Rapaz da eschola! As Musas fogem de tratar objectos Chymicos; sim, quando se offerece para seu interprete hum homem tão ignorante de Chymica, como o Auctor o he della, e das Sciencias Naturaes: porém quando se lhes apresenta hum Darwin, então ellas de bom grado accodem a patentear-lhe todos os thesouros da Poesia

Morre-m' a chamma, que me ferve n'alma,
Se Hydrogenio, *s'Azote*, *ou se Oxigenio*
Ousados vem barbarizar meus versos.

(*A minha prosa deveria dizer.*) Porém os nomes de *Hydrogenio*, de *Oxigenio*, e de *Azote* não desfigurárão nem o metro, nem o estylo do Traductor do Jardim Botanico, assim como os termos de Agricultura, e Botanica não apagárão, nem diminuírão a brilhante chamma que ardia no peito do elegante Traductor de Delille, Castel, e Rosset. Todo o assumpto he bom quando he tratado por mão habil, e *vice versa*. Huma só faculdade mental como a *Imaginação* forneceo á Delille oito Cantos do mais formoso Poema descriptivo; e toda a Natureza não poude prestar ao Auctor 4 Cantos mediocremente bons; sem embargo de hir na Meditação sempre no trilho de Dulard como, se tivermos pachorra, mostraremos.

Ha muitos annos, que Bocage respondendo em huma bellissima satyra á regateiral descompostura metrica, com que o Auctor o desafiára, lhe disse a respeito deste erradissimo verso:

Ras-tei-ras có-pias d'e-ri-gi-na-es so-ber-bos.

Erra versos, e versos sentencea

E por este Poema vêmos que o Auctor não tem feito progressos neste objecto; pois deparamos alguns versos que estão errados, por exemplo os seguintes:

E-tu-d'ó-gran-de-In-glez- tu-a-glo-ri-a-au-men-ta
Ao-His-to-ri-a-dor-Fi-lo-so-pho-se-mos-tra.

Tem igualmente erros de Grammatica.

N'huma absoluta escuridade, inglorio,
Sómente a mim deixado, e á Natureza,
Sem murmurar do *Ceo que assim lhe aprouve*,
Tranquillamente o Tumulo esperando,
(*Pouco dista de mim!*) repouso eterno.

Seguimos exactamente a pontuação do Original, e achámos nada menos de dois erros grammaticaes nestes versos, a saber a falta do verbo principal, que faz com que a oração não tenha sentido; e se não diga o Auctor o que quer dizer este periodo, tirando-lhe as orações intermedias = *inglorio, deixado a mim, e á Natureza, sem murmurar do Ceo, tranquillamente esperando o tumulo, repouso eterno*? o segundo erro esta nas palavras *Ceo, que assim lhe aprouve* pois o Auctor para fallar Portuguez devia dizer *a quem assim aprouve*.

Tambem não entendemos o seguinte periodo:

Descreve Newton co' compasso d'ouro
O Globo, que Varennio exposto havia;
Foi Cook, e *foi* Biron, *foi* Bourgainville,
Qual Anson *foi guerreiro*, e *os mares gyrão*.

Orpheo, que a Lyra d'ouro
Com tanta *fez* soar *moga harmonia*.

(Pela segunda vez notamos a dissonancia ridicula destas palavras, que neste Poema se encontra a cada passo repetida.)

Que *doceis se tornou* troncos, e penhas,
Que do Cahos no escuro, horrendo centro,
(Principio do Universo) amor *plantárão*.

Ora nós suppomos que não haverá hum só Mestre de Meninos, (ainda que tenha eschola na Lourinhan, ou em outra alguma terra de mal agourado nome,) que ao lêr estes versos não diga mui circunspecto tomando a sua pitada de esturro, e desmontando do nariz as ensebadas cangalhas „ Se o relativo *que* se refere „ nesta oração a Orpheo que he hum só, e se Orpheo *fez*, *tor-* „ *nou*, *etc.*, a que vem cá o plural *plantárão*? ou V. m. não re- „ para no que escreve, ou manda copiar os seus Escriptos por „ algum Tendeiro seu amigo; ou (o que he mais provavel) não

„ sabe Grammatica. No primeiro, e segundo caso merece sur-
„ riada, por não lêr o que escreve, ou lhe escrevem, no terceiro
„ he réo perante o meu Tribunal, e sujeito á jurisdicção desta
„ Palmatoria. „

Seria pequeno todo este Número para notar todas as imperfeições desta especie, de que está inçado este miseravel Poema, labeo da Poesia Portugueza, aborto de hum espirito falso, e superficial, que faz versos contra vontade das Musas, para descrédito seu, desabono da arte, e mortificação dos Leitores. Não podemos comtudo levantar mão desta empreza sem apontar mais algumas passagens, que se fazem notaveis; por exemplo diz elle fallando da Doutrina de Platão:

Oh sublime Doutrina, oh tu podeste
Dentro da eschola de Florença outróra
O eloquente escutar Policiano.

Pois foi a Doutrina que escutou Policiano, ou Policiano que escutou a Doutrina? em que Lógica das que o Auctor *vio*, *meditou*, *e analysou* desde Aristoteles até Condillac aprenderia elle a pensar, e a explicar-se com esta propriedade? Se esta passagem he ridicula, a que vamos transcrever he escandalosa.

Este o primeiro *da assisada turba*
Do Cynico mordaz.

Juntemos a esta mais duas do mesmo jaez.

O desprezado ácinte, ignoto a muitos,
O frugal Espinosa aqui surgia
. . . . . .
Mas quem, profundo Hebreo, te nega engenho?
Em força d'alma hes *unico entre* todos
Os que além penetrar julgão que he dado
Do que foi dado a pensamento humano, etc.

E na Nota a paginas 106 depois de grandes elogios e Espinosa „ *Viveo, e morreo como verdadeiro Philosopho... não recebeo o baptismo; não queria disputar sobre a Religião.* „ E he hum Christão, hum Sacerdote, hum Prégador Régio quem dá o epitheto de *assisadà* á Seyta dos Cynicos, a quem os Gregos davão o nome de *Cães* em rasão de suas turpitudes e escandaloso descaramento? he na bocca de hum Homem encarregado de explicar,

e persuadir aos seus compatriotas as santas maximas da Religião de Jesu Christo, que se ouve o elogio do impiissimo, e tenebroso Atheo Espinosa? He hum Sacerdote, hum Prégador Régio quem diz, que *viveo, e morreo como verdadeiro Philosopho* hum Judeo Apostata, que *não recebeo o baptismo, nem queria disputar sobre a Religião*, porque não tinha Religião alguma?... A indignação, e o pejo nos fazem cahir a penna das mãos, e abandonar para sempre este indigesto, torpe, e escandalosissimo Poema.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique.

(Continuado do N.° VIII. pag. 84.)

O que supposto, devemos affirmar, que El-Rei D. Affonso I. certamente descendia dos Reis de Aragão: não pela linha paterna originaria, porque Henrique, seu Pai, era filho dos Duques de Borgonha; mas pela linha paterna de affinidade, e cognação, isto he, por parte da Mãi do Conde D. Henrique, Pai de El-Rei D. Affonso: o que sómente se póde verificar, sendo Henrique filho de D. Sancha Infanta de Barcelona; porque ainda que esta Princeza não descendia dos Reis de Aragão, porque a este tempo, isto he, antes do anno de 1137, ainda o Principado de Catalunha, e Condado de Barcelona não estavão unidos ao Reino de Aragão; porque neste dito anno de 1137 he que ficárão unidos, pelo Casamento de D. Raimundo Berenguer, Conde de Barcelona, quarto do nome, com D. Petronilha, filha de Ramiro II., Rei de Aragão, a quem chamárão o Monge, e Herdeiro daquella Corôa: comtudo, quando se pôz o Epitafio, já Barcelona estava unida a Aragão, e já a tudo se dava este nome, como hoje se dá; incluindo no mesmo nome o Reino de Aragão, o Principado de Catalunha, e o Condado de Barcelona. E para evitar qualquer equivocação, que da similhança dos nomes póde nascer, advertimos aqui; que estes mesmos nomes se encontrão na Serie dos Reis de Aragão, e na dos Reis de Leão, e Castella; e com pouca diversidade. E com esta occasião advertimos tambem, que a Chronologia dos Reis de Oviedo, e de

Leão que corre bastantemente embaraçada, por causa do Computo que ordinariamente se faz dos annos que durou o governo d'El-Rei D. Affonso IV., a quem chamárão o Monge, em parte se póde ajustar pelos principios que nos subministrão os Documentos do mesmo tempo, e modernamente descobertos pelo erudito Auctor da Polygraphia Hespanhola. Deste consta, que El-Rei D. Affonso, o Monge, ainda vivia, e se intitulava Soberano em o anno de Christo 769. E sendo certo que El-Rei D. Ordonho III. filho de Ramiro II., irmão de Affonso, o Monge, era Rei em 950, e que seu Pai Ramiro II. entrou a reinar em 931, e que antes delle reinára seu irmão D. Affonso sómente seis annos, segue-se que este Rei D. Affonso entrou na administração da Corôa em 925, ou 924 anno completo, e deste calculo pouco se affastão aquelles Auctores que pôe o principio do Governo d'El-Rei D. Affonso de Leão em 923. Com o dito cálculo se conformão tambem os Documentos que produz Garibay; segundo os quaes, se devem continuar a El-Rei D. Affonso IV. mais vinte e quatro annos de vida; depois do anno em que os Historiadores commumente assentão a morte deste Monarcha, que he no anno 945, porque juntando a este anno de 945 os vinte e quatro, que aponta Garibay, vem a cahir a morte d'El-Rei D. Affonso IV. em 969.

Continuar-se-ha.

Com o N.° 13 acaba a Subscripção deste Trimestre: convidâmos por tanto os Senhores Subscriptores a renovar as suas assignaturas, o que poderão fazer na Loja de Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, ao pé da Casa da Gazeta, e na mesma Officina onde se imprime este Periodico na Rua da Roza das Partilhas N.° 153.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO XIII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Da Intemperança.

O Abuso no comer, e beber he huma das primeiras, e mais fecundas origens da desordem da economia animal. Relativamente á escolha, e quantidade dos alimentos estabeleceo Hippocrates hum axioma que, bem entendido, comprehende todas as regras da dieta: isto he, que não se devem dar ao corpo mais alimentos do que elle póde digerir, e consumir: do que se segue, que a quantidade de sustento necessaria a cada individuo, he determinada pela constituição, temperamento, forças, e modo vivendo do mesmo indivíduo.

Nas Mulheres deve a Natureza só exigir huma quantidade proporcionada á fraqueza dos seus orgãos, e aos pouco penosos exercicios em que se occupão: porém ellas, assim como os Homens, hindo-se após de hum appetite enganador, ou facticio, sem o cuidar, transpassão os justos limites; e, em chegando a confundir o costume e o prazer com a necessidade, já não he a Natureza que decide a frequencia e duração das comidas; sollicitão-na antes que ella deseje, e gravão-na depois de ella estar satisfeita.

Opprimida com hum excessivo peso de alimentos superfluos, ou prejudiciaes, a Natureza digere, e apropria os que póde; e separados os demais, formão nas visceras, e especialmente nas primeiras vias, fócos de corrupção que preparão as enfermidades; ou pelo menos, nos lugares em que se achão, reduzem-se a hum

principio constante de irritação, que, occasionando violentas agitações, e operando desigual tenção nos diversos orgãos, lhe desordena as respectivas funções, e movimentos, e principalmente altéra a fórma, e a côr. O descahimento do rosto, e huma certa pallidez são symptomas inseparaveis do máo estado das entranhas.

He certo que ha pessoas em quem a Natureza, ajudada de hum bom estomago, e de huma particular disposição para engordar, consegue o converter todos os alimentos em substancia animal; porém alcanção essa vantagem a custo de huma corpulencia, e de hum excesso de gordura que, não menos do que a magreza, he talvez contraria á saude, e á belleza, (1) porque tirão ao corpo as suas naturaes proporções, flexibilidade, e lesteza. As pessoas, cuja fortuna as habilita para commetterem frequentes abusos de alimento, podem quasi dividir-se em duas classes, huma de excessivamente magras, outra de excessivamente gordas.

A regra de Hippocrates não se limita á superabundancia, mas tambem abrange a qualidade das comidas, e bebidas. Hum dos Philosophos deste seculo disse, que se poderia avaliar o caracter dos Povos pela natureza dos alimentos de que se nutrem: e com effeito, o caracter depende da constituição physica, e esta determina a escolha dos alimentos, que fortificão o caracter. Ha Povos que carecem de viandas, e licores fortes, como mais análogos á sua vigorosa constituição: ha outros, cujos individuos, enervados pelo ardor do clima, se opprimirião com aquellas mesmas viandas, sendo os alimentos aquosos, e leves os mais convenientes á fraqueza dos seus orgãos.

A' constituição destes ultimos se aproxima a das Mulheres, e por isso, em geral, o seu gosto, quando não está depravado, as inclina a preferir os manjares, e bebidas que não exigem grande dispendio de forças digestivas, e cujos principios constitutivos não tem huma acção mui forte sobre as delicadas fibras dos seus sólidos: os vegetaes, as fructas, os laticinios etc. são, de ordinario, os manjares que mais appetecem.

---

(1) Isto entende-se segundo as idéas convencionaes da belleza, entre nós: porque ha Povos, taes como os Egypcios, entre os quaes he hum merecimento a gordura, e as suas mulheres fazem tudo o que podem para o conseguir. Prospero Alpino (*Medic. Aegyptior.*) nos conta os meios de que se servem para esse fim, usão (diz elle) quando estão no banho, tomar hum caldo feito com huma gallinha mui cevada, e comer depois toda a gallinha dentro do mesmo banho. „ Não diz o Auctor se a receita he proveitosa, mas certo he ao menos que ella não he difficil, nem despicienda.

Isto não obstante, não he raro o vêr Mulheres que gostão das viandas mui adubadas, e dos licores espirituosos, e aromaticos; porém a maior parte dessas Mulheres são magras, e de hum temperamento bilioso: tão verdade he, que nem sempre o gosto he segura guia para decidir a escolha dos alimentos.

A Natureza todos os dias muda, relativamente ás sensações que determinão os seus appetites; porém geralmente he ávida daquellas que com mais actividade nos excitão; e, como a agitação he hum caracter inherente á vida, e nós, por consequencia, nunca, mais do que quando somos agitados, temos hum íntimo sentimento da nossa existencia, corremos por isso após de tudo o que póde produzir-nos essa agradavel agitação: he ella o principio desse incorrigivel gosto que tem certas pessoas pelos comeres carregados de sáes, e especiarias, pelos licores espirituosos, pelo café, pelo tabaco, etc., mas todas estas cousas nos arruinão, lisongeando-nos; porque sómente operão augmentando o movimento das fibras, que irritão; e á irritação que nos causão succede sempre hum abatimento, que cada dia nos faz mais necessaria a sua acção, chegando ao ponto de sem ellas não podermos existir.

Sabe-se que o café tira o somno a muitas pessoas, e que, até aquellas que mais vezadas estão ao seu uso, experimentão depois de o tomar huma especie de movimento febril, que he precisamente a causa da satisfação, ou antes da momentanea embriaguez a que nos move esta seductora bebida. Como hum vento benigno ella dissipa todas as nuvens que nos offuscavão a alma, reanima as forças do pensamento adormentado, e dá ás nossas idéas mais rápida, e desimpedida carreira: he ella a fonte onde muitos Homens de letras vão purificar o seu estro, e buscar o impeto que os dispõe a produzir; he a Hippocrene de muitos Poetas; mas o fim proposto com o seu uso, e o effeito real que ella opera, provão que pouco convém ao sexo, e á idade que se destinão a brilhar mais pelas vantagens do corpo, que pelas do entendimento. (*Extracto do Cap. 7. da 1.ª Part. da mesma Obra de Roussel.*

Moniz.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE 2.ª DO LIVRO IV. DE HORACIO.

Traduzida em igual número de Versos de igual medida.

Quem quer que tenta emulações com Pyndaro
Em céreas plumas de lavor Dedáleo
Se firma, ó Julo, e tem de dar seu nome
Aos vitreos mares.
Dos montes como desce hum rio, sobre
A usada marge a trasbordar co' as chuvas,
Ferve, ruindo com profunda immenso
Pyndaro bocca;
A quem se devem Apollineos louros,
Ou por audazes Dithyrambos volva
Palavras novas, e com rythmos corra
De ley absoltos;
Ou Deoses cante, e, geração dos Deoses
Os Reis, por quem houverão fim com justa
Morte os Centauros, e houve fim da horrenda
Chymera a flamma;
Ora os que a palma reconduz Eléa
Ao lar divinos; ou carreira, ou luta
Diga, e, mais nobre do que estatuas cento
Hum dom lhe off'reça;
Roubado ou chore á mesta Esposa o Joven;
E a fortaleza, o animo, os costumes
Aureos aos Astros os eleve, e salve
Do invido O'rco:
Mil auras sobem de Dircea o Cysne,
Sempre que ás altas regiões das nuvens
O vôo estende: eu, da matina abelha
Ao modo, e ao uso,
Que a longo custo os saborosos thymos
Colhe do bosque, e de redor das margens
Do úvido Tibur, acanhado forjo
Lidados Versos.

Com maior plectro cantarás, ó Vate,
Cesar ornado c'os laureis devidos,
Quando ferozes pelo sacro opprima
Monte os Sycambros.
Nada maior, nem melhor que elle os Fados
Ao Mundo, e os Deoses amigaveis derão;
Nem hão de dar, inda que os tempos volvão
Aos de ouro antigos.
Alegres dias, públicos festejos
Pela Cidade, na impetrada volta
Do invicto Augusto, cantarás, e o Foro
De lites orphão.
Então, se eu fallo que mereça ouvir-se,
A minha voz se elevará, e „ O' pulchro
Sol venerando „ cantarei ditoso,
Entrado Cesar;
E em sua marcha muita vez diremos:
„ Viva, triumpho „ e a huma voz „ Triumpho „
Toda a Cidade, e aos favoraveis Deoses
Dar-se-ha incenso.
Tu com dez touros e outras tantas vaccas,
Eu cumprirei c'hum vitellinho tenro,
Que juvenesce, já sem Mãi, nos prados
Para os meus votos:
Na fronte imita as encurvadas pontas
Da nova Lua, de tres dias nada;
No mesmo sitio nivea malha amostra,
No mais he louro.

Meniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Presumpções.

(Continuado do N.º III. pag. 31.)

Pela bocca morre o peixe = quem muito falla, pouco acerta = e nem todas as verdades se dizem = tudo isto são adagios ou rifões mui vulgares, muito antigos, e que assentão em muito boas rasões: por muitas destas tomo eu para mim o ultimo daquelles, a fim de não entender com todas as presumpções, porque bulir em algumas seria peor do que tocar em chaga viva; e

comtudo, não faltão outras em que malhar; cahindo muito a pêlo a applicação dos dois rifões primeiros. Ora convém aqui notar, que ha muitas figurinhas, e figurões, por este principio recommendaveis, e os quaes eu sómente conheço por algumas suas ridiculas obras, ou por algumas anecdotas, que tenho a seu respeito ouvido contar; porque emfim, nada se faz que mais tarde, ou mais cedo se não saiba, e, por menos que se indaguem as vidas alhèas, só não ouve quem he surdo; porém eu que por ora, louvores á Providencia! tenho perfeitos os meus cinco sentidos, vou ouvindo, e vou guardando, e, confórme o caso, aproveitando o que guardei. Cumpre tambem lembrar, que geralmente costumão os Escriptores botar a pasto a phantasia por todos os campos moraes, sendo esta huma especial competencia dos Críticos, e dos Poetas, que assim ó fazem, não só pelos campos do nosso Mundo, senão que de todos os Mundos possiveis; e ora eu, que sempre tive vêa de Poeta, e deixo agora correr a de Crítico, porque emfim todos os Homens devem domar o engenho ao que em diversas occurrencias melhor possa convir, sem desaire, nem desdouro; já se vê que não hei de deixar hir por agoa abaixo a sobredita especial competencia, antes sim tomalla bem ao fio da corrente. Não he tambem para esquecer, que he ordinario em nossos sonhos, ainda nos mais disparatados, mesclarem-se ao menos algumas sombras daquellas cousas, ou negocios, que tratamos, ou temos tratado, e queremos, ou ouvimos tratar; e muitas pessoas ha que adormecidas tem assim occupada a phantasia, e fallão alto, e practicão largamente mui seguidas conversações. Eu não sei se fallei alto, mas certo he que huma destas noites passadas sonhei as estopinhas, accordei a rir-me do sonho, e accodio-me á reminiscencia tudo o que havia sonhado; e, como alguma cousa disso venha a proposito nos capitulos da presumpção, eis-ahi vai agora a summa de hum dialogo que sonhei ter com hum Amigo, daquelles poucos que, a meu modo, tambem ouvem, e tambem guardão.

Sonhei que estavamos nós no Passeio Público, mui tranquillos, e recostados cada hum sobre sua opposta munheca, como bons observadores observando algumas cousas que alguem tem observado no *Observador*; rindo-nos, como merece, de quem delle diz que não vio mais que o Prologo, e logo em trinta paginas desenrolou trinta conselhos, pespegou trinta sentenças, e arrebeçou trinta mil sandices, que nem menos havia que esperar de seu eruditissimo bestunto! Com o respeito devido a tão grave personagem, apertou comnosco o riso, por maneira que não sei como então se me não rompeo o sonho. Fomos por diante, eu, e mais o meu Amigo, observando quanto em redor de nós acontecia, a espaços lançando os olhos, medindo quem passava, ap-

plicando as regras da *Physiognomonia*, e de quando em quando rindo tambem de nossos julgados; ainda que talvez pela maior parte forão de acerto; porque muita rasão teve o grande Homem que primeiro entre nós ao rifão = tolos são todos quantos o parecem = accrescentou = e ametade daquelles que o não parecem = e na verdade soffre isto bem poucas excepções: a cara he espelho d'alma; não he usual, quem tem boa cara ter más obras, e raro he que as tenha boas quem tem má cara; porém, assim como as Mulheres mais feas são essas as que mais presumidas se arrebicão, e se apucárão; tambem os Homens mais lerdos, e mais ignorantes são esses os que mais presumem de penetrante engenho, e erudição.

Lançado tudo isto em despeza, e depois de outros varios commentos: Ei-lo ahi vai (dissemos nós, ou sonhei eu que diziamos) ei-lo ahi vai com focinho de cão galgo, ou antes de bateira d'agoa acima, com voz de pipia, ou canna rachada, fallando em tudo muito impetuoso, e emphático; a cada duas palavras saccodindo os ventos pelas ventas, á maneira de perú enrufado; presumindo de grande entendedor de todos os phenomenos dos quartos crescentes, e mingoantes; e esperando de ainda hir aos paizes da Lua comer a merenda que traz ás costas! Eis-ahi vai outro com carinha de *Sum, es, fui*, por ser tido, que não passando de hum soffrivel Borrador, presume de Pintor excellentissimo: porém, querendo retratar Manoel, sahe-lhe o retrato de Martinho; querendo pintar huma figura allegorica, anda tonto sem saber os attributos, ou adornos que lhe competem, e nem ao menos sabe fazer a pregadura de humas roupas! finalmente, em passando de hum parreiral, ou cercadura, não faz nada com geito: ha quem diga que elle não sabe o que he *Iconologia*, e ainda menos *Iconographia*; porém elle recalcitra, porque diz que professa huma das Bellas Artes, e ama as outras, especialmente a Poesia: mas tambem diz, que o Camões não presta; he seu muito mimoso o sarrabulho, e indigesta monstruosidade do *Novo Gama*, a respeito do qual *professa a Iconolatria*, ou antes a *Zoolatria*, melhor que a arte de Enlapuzador de pincel; e com este bom gosto de tudo mofa, e para tudo tem hum risinho amarello, com que, pondo a boquinha á banda, dá o inteiro ar da parvoice ao seu meio aparvalhado, e agúdo semblante. Oh! oh! o Passeio está hoje que lhe não ganha a mais guapa Camera Optica! lá vem hum paspalhão muito recommendavel: este não tem carinha de *Sum, es, fui*; este

He de cerebro pingue, e pingue face:

Tem huma bochecha maior do que a faz qualquer Macaco com

deposito de milho! tem bocca de arraya, tem olhos de carneiro morto, tem... oh! este não lhe falta nada; nem que trouxerá sobrescripto seria conhecido por mais chapado parvalhão. Dizia eu isto, e o meu Amigo ria-se: e „ Tens acabado? „ me perguntou elle. Pois que mais queres que te eu diga? Nem tanto: mas deves saber, que esse de quem chasqueas he mui farto Compositor de Odes, Epithalamios, Críticas, Epicedios, Traducções... „ Oh! meu Deos! pois tudo isso sahe daquelle payol balofo? Tudo, e mais. E como? Com mui balofa presumpção. E para que? Diz elle, que para admirar o Mundo, e o Mundo diz, que para embrulhar manteiga: Ora acaba com isso, Homem, que ja estava azaranzado com os partos, melhor dissera, abortos daquella

Abob'ra com feitio de repolho.

Porém olha que elle falla muito, e sempre de papo; e Deos te livre de fallar com elle mais do que „ Bom dia, ou boa noite, passe bem, tenha saude „ porque de nenhuma cousa tem idéas senão superficiaes, desdenha de todas as nossas antigualhas e argumenta por dezoito; mas ainda que lhe queiras argumentar em fórma, seja por methodo *Synthético*, ou *Analytico*, tudo isso he tempo e trabalho perdido, porque elle não dá rego: se lhe fallares de Socrates, ou com elle o teu pouco quizeres socratisar, ri-se, e responde, que não entende de *drogas da antigualha*: se lhe pedires huma definição, ei-lo com huma *Synderesis*, e talvez com hum *Syncretismo* de que resultará huma trovoada de palavras vans, e sahirás com dôres de cabeça de o ouvir. Deixa-o hir, deixa-o hir, e Deos o tenha longe, que só com a tua informação estou eu já meio azoado... „ Mas quem he aquelle figurão alambazado, cachaço de boi de canga, guedelha d'asno velho, com bochecha de lagosta pela côr, e de porco cevado pela alarvaria, que vai de cabiz baixo deitando os olhos de revez, e caminhando como cão do Monte desconfiado pela Cidade?... Pois tu não o conheces? Eu não. Assim o parece pela descautéla, descommedimento, e descortezia com que fallas do Sábio mais estrondoso que hoje entre nós borra papel! Temos outro: oh! com Satanaz! pois tanto Sábio, e tão poucas obras novas que se possão lêr!.. Pois olha, com este bem poderás saciar essa tua literaria hydropisia: a Casa dos Orates ficaria bem chea só com as obras deste eruditissimo, e gravissimo Auctor, que as tem, e muitas, *tanto em prosa, como em verso, que contém muitos, e diversos objectos interessantes, com estampas, e edições nitidas, e encadernações ricas.* Estou pasmado, basta, que estou pasmado! ora va-se Lawater com a bréca, já que todo o seu systema he chymerico: pois, ao vêr aquelle façudo Auctor, havia de ninguem dizer que elle

era capaz de fazer mais que tamancos, ou pasteis! havia de alguem por elle perguntar,

Mora aqui hum Senhor que faz poesias?

Havia, e mais que havia; porque elle não só faz ahi quaesquer poesias, faz gravissimos poemas, faz elegantissimas oratorias, eruditissimas críticas, e outras muitas cousas: só *Fogaças* tem elle feito mais de mea duzia. *Fogaças*, Homem, *Fogaças*!... bem dizia eu, que me parecia ter elle geito para pasteis. Pasteis não, massas sim; porém são mais finas, e nisso emprega tão varios ingredientes que nem lhe escapão as quartas de Tabaco! E então que tal? Diz elle, que ninguem melhor. Máo! temos presumpção? Essa he que o tem na grossura em que o vês. Porém vamos, dá-me alguma amostra, para eu poder avaliar, se diz a cota com a verdegota. Oh! isso agora he mais comprido: diz elle, por exemplo, que os Jornaes são peste das Sciencias; sejão, porém elle he Jornalista: aos Poetas chama estouvados, porém elle quer campar por Poeta: não quer que se falle em escorpiões, porém elle dá mais virulentas ferroadas que todos os escorpiões que se crião em nossas terras: só quer que se use de linguagem castigada, e elle a cada periodo a emprega que parece de quem algum dia foi Arrieiro, pela grosseria, e de quem nunca estudou nossos bons Auctores, por tão chea de *Solecismos*, e *Barbarismos*: não quer descomposturas a Mulheres de Theatro, e elle a Homens, e a Mulheres de Theatro, e fóra delle, vivos, e mortos, de todas as classes e condições, dentro e fóra do Reino, descompõe a eito, em prosa e verso, diz o que quer, occulta o que lhe convém, altéra o que lhe parece, escreve, espreita, grita, exclama, e conclúe: „ Eu sou hum Sábio, e ninguem me responde. „ A isto respondi eu: irra! que esse Homem he o Desaforo personalisado. Sim he (me tornou o meu Amigo) mas por isso quasi ninguem lê os seus poemas; todos se enjoão, e nauseão de suas críticas, e oratorias; todos riem de seus erros, todos pasmão do seu descôco, e escarnecem de seu furor. Embora (repliquei eu) ainda o público desdem he pequeno castigo de tantas culpas, faz-se necessario o positivo desprezo; he preciso o odio, o vilipendio, a ignominia; he preciso que todos o conheção. E nisto, voltando-me com impeto, hia cahindo do leito, e despertei. Então, recordando-me, e rindo-me, disse entre mim „ Se eu agora escrevesse isto, não faltaria talvez quem dissesse = Tu conheces esses Homens „ pois não Senhores, não conheço que até em sonhos o disse; mas escrevo o que sonhei, para que se veja que até por sonhos se representa o que vai pelo Mundo; e, como nessa vista ha muitas morali-

dades, e as moralidades assentão sobre as presumpções, que forão o meu proposto; dou este sonho, e darei outros taes se os tiver, porque bem se póde em sonhos,

Sem ninguem apontar, malhar nos vicios.
Moniz.

Continuar-se-ha.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Doutor Roussel.

Pedro Roussel nasceo em Ax sobre o Arriege, Cidade da Provincia, e Condado de Foix; e falleceo em Chateau-Dun, Cidade Capital da Provincia de Dunois, no anno de 1802, com perto de 60 de idade: estudou em hum Collegio de Tolosa, onde se distinguio; e chegado á idade propria para eleger profissão, votou-se á Sciencia que abre mais vasto campo ás meditações philosophicas, isto he á Medicina, que mui vantajosamente estudou na Universidade de Montpellier: foi-se depois a Paris, menos para estabelecer a sua fortuna do que para engrossar o cabedal de conhecimentos que tinha adquirido: alli travou intima amizade com o célebre Doutor Bordeu, cuja morte prematura teve que deplorar poucos tempos depois, e cujo elogio publicou em 1772, escripto com aquella persuasora eloquencia que faz amar o Panegyrista, e o seu Heróe.

Os seus escriptos Medicos forão: 1.º *o Systema Physico e Moral da Mulher*, obra em que se admira eminentemente alliada a Medicina com a Philosofia: 2.º *o Systema Physico e Moral do Homem*, composto com o mesmo excellente methodo, e elegancia; mas que ficou incompleto, porque a morte lhe não deixou escrever a segunda Parte, ainda que no *Ensayo sobre a Sensibilidade* se depara a somma das idéas que alli se havia proposto a desinvolver: 3.º huma *Nota sobre as Sympathias.*

Nem sómente foi sublime nas theorias da Medicina, senão tambem na prática; o que além de outros factos, attesta a bella Epistola que lhe dirigio Blin de Sainmore, por lhe haver salvado a Esposa das mãos da morte: deixou porém de exercer a

sua profissão, por se attenuar com o contínuo espectaculo das miserias da Humanidade. Deo-se então a estudar politica, e ninguem melhor do que elle fallou das politicas enfermidades „ A instabilidade (dizia elle) e a exaggeração das idéas são nos actos do entendimento o mesmo que as convulsões nos movimentos corporeos; a extrema irritabilidade he effeito constante desta degradação organica, e se manifesta pela intolerancia; a energia daquelles que são della tocados está fóra dos limites da Natureza, e por consequencia he viciosa, e he huma força desordenada, como a dos maniacos, que não póde senão destruir, porque o poder de crear só he dado aos bem ordenados movimentos „ Julgava o direito de propriedade tão essencial ao bem público, que em certas circunstancias o seu exercicio nem pela morte devia ser limitado, dizendo „ Que o direito de propriedade, assim como a maior parte dos outros bens, perderião muito de seu preço, se a fruição delles mentalmente se não estendesse além da vida: a imaginação engrandece o espaço em que a Natureza nos circunscreveo, e não sómente embellece a vida, mas até de hum certo modo nos resgata do dominio da morte; dando-nos a esperança de a nós mesmos sobrevivermos pelos beneficios, e fazendo-nos crêr que, ainda depois de já não existirmos, teremos algum liame com aquelles a quem amámos, por alguma cousa que além de nós estenda a sua duração „ Prezava o Systema Representativo, que tolhe os descaminhos da liberdade, sem a desapossar de seus proveitos: comparava o Governo de Lacedemonia áquellas obras maravilhosas que as Artes huma só vez tem produzido, sem ousar tentallas de novo, como se ellas proprias de seu exito pasmassem; mas nem por isso acreditava que a fórma das antigas Republicas conviesse em todos os tempos, nem a todos os Povos.

Roussel por costume pensava, e escrevia muito, mas sem sujeição de plano; e correm muitos de seus trechos inseridos em compilações scientificas, ou literarias. Como a verdade para ser bem acolhida carece muitas vezes de hir ornada; e as Doutrinas do Doutor Sthal são pouco correntes pela ruim expressão dellas; Roussel, que era hum Escriptor elegante e energico, propoz-se a dar hum extracto esclarecido das obras daquelle Auctor profundo; mas nunca veio a público.

O seu caracter era o de hum Homem virtuoso, amava o retiro, a vida campestre, e os costumes singelos: a sua alma era como a Natureza, chea de imagens amenas: desconhecia as paixões violentas que atormentão o coração, e o seu amavel desleixo fez com que a inveja lhe perdoasse a superioridade dos seus talentos. Roussel era hum Philosopho práctico, e nenhum mais assimilhado a Lafontaine: tinha a sua bondade natural, as

suas distracções, á sua negligencia, a sua ingenuidade, á sua graça, e a sua galanteria e innocente malicia: como elle se deleitava com a leitura de Platão, Plutarco, e Rabelaís: como elle olhava quasi tudo com indifferença, e até mesmo a sua propria fortuna: a lhaneza de Madama Helvecio (Viuva do Philosopho deste nome) para com Roussel, recorda a de Madama la Sabliere para com Lafontaine; e os beneficios de Mr. Falaize, em cuja casa viveo Roussel, e morreo, lembrão os de Mr. d'Hervart, cujo nome vem sempre annexo ao elogio do Fabulista Francez. Cuido que duas só anecdotas serão bastantes para significar o caracter de Roussel. Saudando-o hum de seus Amigos (o Doutor J. L. Alibert) por occasião do casamento de hum de seus irmãos, disse-lhe, que o deveria imitar, visto que a sua bella obra (o Systema Physico e Moral) lhe dava tanto jus á ventura que se goza com as Mulheres „ Já me tenho lembrado disso (respondeo Roussel) mas tenho de me apresentar ao Sacerdote, e ao Magistrado, e he hum negocio eterno „ E reprehendendo-se-lhe a negligencia em reclamar huma dívida „ Cá me virão pagar „ respondeo distrahido. Reputava a conversação o mais suave remedio para os corações enfermos: amou sempre o Bello Sexo, porém nos ultimos tempos de sua vida dava preferencia á companhia das Mulheres de já madura idade; julgando que ainda então dão ellas muitas vezes o encanto das paixões, sem communicar o delirio dellas; á maneira de bellos quadros, cujas côres modificadas pelo tempo agradão, mas não deslumbrão. Mr. Imbert foi o seu intimo confidente: não requereo, antes rejeitou os públicos empregos: viveo pobre, mas sem soffrer precisões; e sempre feliz pelo seu estudo, pelas suas idéas, pelos seus sentimentos, por tudo que o cercava, e por si mesmo.

Moniz.

Com este acaba a Subscripção deste Trimestre: convidâmos por tanto os Senhores Subscriptores a renovar as suas assignaturas, o que poderão fazer na Loja de Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, ao pé da Casa da Gazeta, e na mesma Officina onde se imprime este Periodico na Rua da Roza das Partilha N.º 153.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

PERIODICO SEMANAL.

III. TRIMESTRE.

LISBOA,

Na Nova Impressão de João Baptista Morando.

1819.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO I.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Das Abelhas.

[A P E S.]

Caracteres physicos. Estes insectos, de quatro azas venósas (*Hymenopteros*); tem o abdomen peciolado, e o lábio prolongado em fórma de tromba (*Mellites.*) Todas as abelhas tem o abdomen sem pedunculo, as antennas filiformes, e hum aguilhão retrahivel, que fere dolorosamente. As abelhas propriamente dictas, tem: 1.° o *lábio* inferior, e *queixos* estreitos e alongados; 2.° a *lingua* em fórma de tromba, cylindrica, tenue, e comprida, com duas pequenas escamas na base; 3.° *estojos* compridos e estreitos, que involvem a lingua, e se dobrão com esta, quando se acha em descanço; 4.° os *palpos labiaes* com a primeira junta mui comprida, e os *maxilares* apenas visiveis. Resulta deste apparelho hum orgão dividido em cinco pedacinhos (*lingua quinquefida.*) *Cuvier* divide as abelhas verdadeiras em:

1.ª *Abelha ordinaria das colmeas, Mestra, e Zangãos* (*Apis mellifera.*) He de côr parda uniforme, e pouco felpuda. Todos sabem que as abelhas vivem em sociedades extraordinariamente numerosas, ou nas concavidades das arvores, ou em habitações que o homem lhes tem preparado, chamadas *colmeas.* Cada sociedade contém: 1.° huma unica femea, denominada *abelha mestra*, cuja presença parece que reune o valor, constancia, e uniformidade de vontade de todos os outros individuos: 2.° quasi mil e quinhentos machos, chamados *zangãos*, que servem unicamente para fecundar a *abelha mestra* seguindo-a, e ajuntando-se successivamente com ella nos ares; e quando

tem passado o tempo da cópula são expulsos da colmea, e perecem miseravelmente: 3.º cousa de vinte mil individuos sem sexo, ou *abelhas obreiras*, cujo destino he unicamente o trabalho, a saber: a construcção do *favo*; a colheita do *mel* e *cera*; e a criação da posteridade da *abelha amestra*.

O favo he formado de bolos, suspendidos verticalmente na aboboda da colmea, contendo estes, encostadas huma á outra, duas camadas de cellas prismaticas hexagonas, sendo a base huma pyramide formada de tres rhomboides cujos angulos são de 109 $\frac{10}{2}$ e 70 $\frac{10}{2}$; figura a mais economica possivel. A materia do favo he a *cera*; substancia particular, e liquescente ao fogo, que provêm do pollen das flores, tendo passado, no corpo das abelhas, por huma antecipada preparação, e sahindo em fórma de suor entre as articulações do abdomen. A abelha une esta cera ao favo, e lhe dá a fórma com as mandibulas e pernas.

As cellas ordinarias servem para deposito do mel, e das poeiras dos estames, que são os materiaes da cera; porém mais que tudo para alojar as *larvas*, as quaes devem produzir as *abreiras obreiras*, servindo as dictas cellas indistincta e successivamente para estes usos.

2.º As *larvas* são pequenos vermes brancos, sem pernas, e de cabeça escamosa, que as abelhas sustentão com huma pasta mellifica, até que ellas fião hum casulo de seda, que fórra a sua cella, e no qual se transformão em *nymphas*, cuja metamorphose se completa em vinte dias: as cellas que encerrão as *larvas* destinadas para serem *zangãos*, são maiores do que as outras. As novas *abelhas mestras* são abelhas ordinarias, nas quaes os orgãos da geração se desinvolvem por huma nutrição mais abundante; para o que as outras abelhas escolhem entre os ovos ordinarios aquelle de que ellas querem fazer *abelha mestra*, e lhe construem huma cella particular mui grande, de fórma oval, e situada fóra do favo, e com a abertura para baixo. As novas *abelhas mestras* vem a ser cabeças, ou chefes de *enxames*, ou de colonias novas, que vão formar novas colmeas; e, se nascem muitas ao mesmo tempo, brigão violentamente até não ficar mais de huma. Para onde quer que vá a *abelha mestra* he seguida por todo o enxame, que jámais a abandona; e por isso, quando nos podemos assenhorear desta, temos seguro o enxame. Se a *abelha mestra* morre, dispersa-se o enxame, e perece; porém encerrando-se com o favo, e cellas, onde estejão *larvas*, escolhem huma destas, e lhe construem huma cella real, dando-lhe a nutrição necessaria para a fazer *abelha mestra*. Esta se distingue pela sua maior grandeza, fórma alongada do abdomen, e azas compridas; os *zangãos* pela grossura, e azas compridas; e as *obreiras* pela estatura menor, e saquinhos das coxas, nos quaes ajuntão as pelotas da poeira dos estames.

2.° *Abelhão dos musgos hypnos* (*Apis hypnorum.*) Esta especie conhecida pelo nome de *abelhões*, assim como todas as que são felpudas, tem o thoracete ruivo, e o abdomen de hum cinzento amarellado vive em sociedade, quando muito, de quarenta até cincoenta. As tres sórtes de individuos differem mais pela estatura, do que na especie *abelhas*, e trabalhão todos igualmente, havendo muitas femeas, e individuos sem sexo, de duas grandezas differentes: seu ninho escondido nas hervas, involvido de musgo, e forrado por dentro de cera bruta, contém hum, ou muitos favos compostos de corpos ovaes, situados huns contra os outros, segundo o comprimento, os quaes nada maissão do que os casulos d que tem sahido as *abelhas*: estes casulos são misturados de massas irregulares da poeira dos estames, com huma materia mellifica, e contém os ovos e as larvas, servindo-lhes de habitação e mantimento. Achão-se finalmente em diversos lugares vasos de cera, cheos de hum excellente mel, que lhes serve de provisão. Os *abelhões* dispersão-se, e perecem no inverno, á excepção de algumas máis, que se refugião em buracos para perpetuar as especies.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POESIA.

Ode Pyndarica, ao Infante D. Henrique.

Eis elle na mão toma ardente facho,
Que desd'o sacro Promontorio fulge;
Tiro de luz despede, que alumia
Do tenebroso Oceano
Os pelagos immensos.

Elp. Duriense Tom. 2.°

STROPHE I.

Presta-me, Eutherpe, a Cythara de Homero,
Mas tira-lhe os Bordões, em que retumbão
Ferri-sonas Batalhas,
Igneo rodar dos Carros,
O trote dos ali-pedes Ginetes,
O sibilo das Frechas,
O crêpito das Chammas,
Ais dos Vencidos, clangorar das Tubas.

ANTISTROPHE I.ª

Póe-lhe as chordas de tempera mais fina,
Com que descanta da risonha Venus
O amori-geno Ceston,
A meiga despedida
Da Consorte de Heytor, e o lindo Infante,
Que no materno seio,
Chorando, esconde o rosto
Do Elmo paterno ás errissadas crinas.

EPODO I.º

De guerreiros Heróes acções cruentas
Nem sempre atroarão do Pindo as grutas;
Quantas pérolas jazem
Sumidas nas entranhas do Mar fundo!
Quantas Flores perfumão
Com suave fragrancia invios desertos!...
Quantos nomes preciosos
D'Heróes da Sapiencia o Lethes sorve,
Sem que os lembrem Padrões, descantem Vates?

STROPHE II.

E eu que nas veigas flóridas de Dirce
De não murchando Myrtho a frente enramo,
A quem accende o peito
Electrica centelha,
Que amor da Patria, e Mérito disparão,
Deixarei que do Elysio
Vaguêes não cantado,
Phylantrópico Henrique, os ledos campos?

ANTISTROPHE II.

He gloria o descender de hum Tronco illustre,
Cujas ferteis raizes vão prender-se
Aos confins do passado,
Em quanto a basta coma
Nos campos do presente as sombras verte,
E os maturandos fructos
Doce conforto augurão
Ao remoto futuro esperançoso.

EPODO II.

He gloria inda maior, subindo affouto
Do alti-sono Renome ao Templo augusto,
Prender da Estatua d'ouro
No argenteo Pedestal fio assombroso
De preclara Progenie;
Primeiro de seu nome ser qual Tullio,
E dizer, como Phebo,
„ Esta luz, que me adorna, e circum-verto
„ De emprestado fulgor não se alimenta.

STROPHE III.

Mas quem, de avitas glorias scintillando,
Generoso transcende o brilho herdado,

E, ao Universo, á Patria
Ventura promovendo,
Abre novas da Fama ao Templo estradas,
Entre os Heróes levanta
A placida cabeça,
Os sobre-vê sublime, e emúla os Deoses!

ANTISLROPHE III.

Elmos, Lorigas, Morriões, Bandeiras
Arrancadas com sangue aos Inimigos,
Viste adornar paredes
De teu Alcaçar Régio,
E sem inveja os viste!.. Africa adusta,
Cortada de teu ferro,
Tremendo confessava
Que daquelles tropheos ganhar sabias.

EPODO III.

,, Longe (disseste) de mim longe o sangue!..
,, Nem da Viuva, e Orphãos os gemidos
Des-temperem o Canto,
,, Em que soe o meu Nome!.. eia, acolhei-me,
,, Frondosos Arvoredos,
,, Floridas veigas, que a Sciencia habita,
,, Em vós meditar quero
,, Altos planos, que ás Terras de luz faltas,
,, Lhe esparjão a de Sophia, e da Ventura!

STROPHE IV.

Favonias virações, que aromatizão
Flores, de que se esmalta Ilheo formoso,
Os Canticos das Aves,
Que em torno lhe revoão,
Menos convidão fatigado Nauta,
Que por ignotas ondas
Vagára entre procellas
Falto d'agoa, e corrupto o mantimento,

ANTISTROPHE IV.

Que de Real favor bafagem meiga
Chama as Sciencias, e convida as Artes,
Que em torno a si reune!..
Novo Lyceo floresce
A' tua voz, o Principe, nas prayas
Da maritima Sagres,
Sagres então sem nome,
Hoje nobre por ti, por ti famosa!...

EPODO IV

Como alli, de teu riso estimulados,
Os Genios do Saber, do Engenho os Genios
Lidão, reformão, crião!...
Aquelle aos Astros lucidos assesta
Longe-vidente Vidro;
Mechanicos segredos sonda estoutro;

Esse amplifica os Mappas,
Cartas este Hydrographicas inventa,
Novo soscorro ao Nauta aventuroso!

STROPHE V.

Assim quando discorre alegre os prados
Por mão da Primvera a linda Flora,
Em torno aos Alveares
Mellificas Abelhas
Vão açoadadas em mister diverso:
Qual as flores extracta,
Qual as cellas prepara,
Qual ao Zángão damninho a entrada impede.

ANTISTROPHE V.

Jubiloso o Commercio vê descendo
Dos empinados Montes velhos Pinhos,
Que ora tecendo a Quilha,
Ora o cancavo bojo,
Ora subindo em Mastro, se transformão
Em veli-vogas Torres,
Que suas ferteis Plantas
Vão dispôr sobre novos Continentes!

EPODO V.

Alongão-se do Mundo os horizontes
Aos olhos Europeos!... por Evos longos
Involta em nevoa espessa
A bosqui-gena frente já descobres,
Oh vinosa Madeira,
Fertil Filha do Athlantico, em que outróra
Amor prestára asylo
Aos Britannos Amantes sem ventura,
Com cuja Historia, e Tumulo te enfeitas!

STROPHE VI.

O medonho Terror, que, enthronisado
Sobre o cabo da Não, entre o Cortejo
De horri-sonas Tormentas,
E Tufões, e Naufragios,
Por voz dos Escarceos longi-bramindo,
O transito impedia
Aos descorados Lenhos,
Cede aos impulsos teus, no Mar se affunda.

ANTISTROPHE VI.

Deve-se a ti, oh Principe sublime,
Se Dias, novo Ulysses, corre os mares;
Deve-se a ti se o Gama
De Adamastor triumpha,
E ao Malabar aprôa, o Gama ousado,
Que tão alto retumba
De Camões na trombeta,
Que em vão tenta abafar, ladrando, Elmiro!

EPODO VI.

Tu passo abriste ás inclytas proezas
De Almeida, de Moniz, Castro, e Pacheco
O Lusitano Achilles!.....
Tu soltaste o caudal d'argento, e de ouro,
Que das Indianas Plagas,
Dos Brazilicos montes, onde Pluto
Seus Arsenaes encerra,
Correndo, opulentando a Patria nossa,
Europa enriqueceo com seus sobejos.

STROPHE VII.

He por ti que hoje America, despindo
Selvatica rudeza, ao Mundo antito
Em polimento emúla!.....
Tu derribaste altares,
Em que ao nefando Eponamon queimava
O Mexico aviltado
Sacrilegos perfumes
Sobre o sangue de victimas humanas!

ANTISTROPHE VII.

Nem Cook, Anson, ou Drak, ou Bourguinville
Sem ti luzirão tanto!.... nem dos mares
Hoje o sceptro empunháras,
Oh soberba Britannia!...
Tão grande Reaumur, Linneo tão grande,
Nem tu Buffon, serias!....
E a Newton franqueára
Menos arcanos seus a Natureza!

EPODO VII.

Em quanto se matize o Ceo de Estrellas,
Em quanto se dê preço á voz das Musas,
Em quanto lavre o Luso
Do Tejo triumphante as aureas margens,
Hão de chorar-te, Henrique,
De Lysia os Promontorios saudosos,
Hão de cantar teu Nome
Em dias festivaes ternas Donzellas
Da Patria resplendor, do Mundo assombro.

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.

Lemos o Tomo 1.º de hum novo Periodico Trimensal assim intitulado, que em Julho de 1818 começou a publicar-se em París, redigido por huma Sociedade de Portuguezes, ha annos residentes naquella célebre Capital, e dividido em duas secções, ou partes; constando a 1.ª de diversas Memorias originaes, e a 2.ª das mais importantes Noticias das Sciencias, das Artes, e das Letras. S. M. Fidelissima se dignou de conceder-lhe especial protecção, *permittindo* (como no mesmo volume se refere) *que o seu Augusto Nome, e o de SS. AA. os Principes fossem os primeiros na lista dos Assignantes.*

Propondo-nos a sobre esta Obra assentar algumas breves reflexões críticas, devemos prevenir os nossos Leitores, de que não sómente o faremos com aquella decencia que em escriptos públicos he devida, senão tambem com todo aquelle commedimento, moderação, e até melindre, posto que ingenuo, que deve sempre haver entre os Homens de letras, e que na verdade raro he quebrar-se ou transgredir-se entre os bem instruidos, e sensatos, ou, por melhor dizer, entre os verdadeiros Sabios. Não he que neste número nos contemos: longe de nós toda a pedantesca vaidade, e nescia presumpção; mas tambem, longe e bem longe de nós o animo desprezador, ou desdenhador de tudo o que em si he bom, e a virulencia da inveja e da maldade com que alguns, ou talvez muitos maldizem o que internamente approvão, e contemplão como desdouro proprio toda a gloria, lustre, e merecimento alhêo: nós sinceramente nos regozijamos sempre que vemos apparecer sazonados fructos de bons engenhos, sendo aliás muito maior, e mais intimo o nosso regozijo, se por ventura aconteceo que esses fructos fossem originarios da nossa mesma Patria. Isto julgamos bem facil de assim se crêr, ao menos pelos amigos do seu paiz nativo.

Longe pois todo o espirito de contradicção, e todo o fel, e acrimonia, que deslustrão o character pessoal, e manchão todo o genero de escriptura, por mais que ella a outros respeitos, ou em outro sentido possa chamar-se boa: e por isso pedimos per-

dão aos nossos Leitores, se em algum artigo temos passado, e excedido os sevéros limites da moderação; porque bem somos nós da opinião do illustre e sempre memoravel Benjamin Franklin, de que — não admittem defensa as palavras immodestas — e bem assim concordamos com os Redactores do mencionado Periodico, quando dizem em seu Discurso Preliminar, que — para repellir as injúrias basta o silencio de quem não se faz dellas merecedor — Porém não obstante, diga-se lizamente: que refinamento de juiso, que moderação, que sangue frio, que nunca irritavel continencia, que estoicidade se carece para, com absoluta indifferença, e sem de algum modo deixar inclinar o prumo da serenidade e da modestia, vêr, e ouvir empavezados e petulantes charlatães fallando de tudo a êsmo, satyrizando tudo a eito, campando de truões e de embusteiros, e a-trôxe-môxe escrevendo quantos desaforos e sandices lhe assaltão a phantasia, incapaz de outra cousa produzir, ou de outro modo se occupar? quem póde, sem alguma vez se irritar e então descommedir-se, vêr, e ouvir *Espectadores*, *Desapprovadores*, *Fogaças*, e *Hyginos* em perpetua união com a ignorancia, com a impudencia, e com a malignidade, e assim mesmo blazonando perante quem os conhece? quem se não ha de rir, e ao mesmo tempo indignar-se de vêr, e ouvir hum zóte, hum ignorantão dos de maior cunho, *Hygino Antunes*, depois de affoutamente discretear sobre tudo o que não entende, intromettendo-se com quem o não assemelha, e onde por nenhum titulo he chamado; depois de ser *Auctor dos Kanados*, e *das Correcções feitas*, e de outras taes moxinifadas; depois de em mil modos presumir de Sábio, sendo que para isso lhe falta quanto se requer por natureza e arte; depois disto, e do muito mais que he patente, sahir-se de guéla chea, ou de garganta inflada, fallando de papo, e emphaticamente ensinando em hum papel público — que o dizer *papel velin*, *ou velino* he gallicismo, e que deve dizer-se *papel vitella*? — Ora e não será em tal caso permittido confirmar a pública opinião de que *Hygino Antunes* he doutorado em sandice? Se o *Eruditissimo*, *de copiosa*, *e escolhida livraria*, não sabe que á pluralidade dos inventos costuma conservar-se o nome que lhe derão seus inventores: se não sabe que ás differentes qualidades de papel costuma dar-se hum nome derivado ou deduzido dos lugares onde se fabríca, ou dos usos em que se emprega, e não da materia de que he fabricado: se não sabe que o nome de *velin* lhe foi dado derivando-o do substantivo Latino *vellus*, *eris*, porque o pergaminho se faz da pélle de ovelha ou carneiro, e o *papel velin* (que, imita o pergaminho na brancura e união, ou pouca porosidade) se faz da pélle de bezerro e que deste modo tem hum nome relativo ou analogo á materia prima de que he formado: se não sabe isto, e se não sabe nada, ao menos porque se não cala? acaso, as-

sim como quer *papel vitella*, quererá que tambem se diga *papel trapo*, *papel pita*, *papel corda*, *etc. etc. etc.*? quanto mais que, ainda quando isto assim quizesse dizer-se, devia ajuntar-se-lhe a *preposição de*, e então dizer papel *de vitella*, *de trapo*, *de pita*, *de corda*, e assim por diante. Mas para que se adianta *Hygino Antunes*? para que se mette onde o não chamão? para que falla do que não entende? para que se faz linguarúdo, crítico, e grammaticão, se, feita a somma de tudo o que diz, o producto he sandice, ou zero?

Porém venhamos ao nosso proposto, e mudemos d'estylo, que mui outro occorrerá elle mudando de assumpto, e, em vez dos feitios de *Hyginos e Fogaças*, tratando das Obras de alguns Homens que por ellas honrão a sua Patria, e a sua especie: pelo que, reincidindo nas primeiras idéas, asseguramos, que sobre estes *Annaes* faremos sómente algumas observações: 1.° porque ellas, e ainda os bem reflectidos debates, sempre forão e serão licitos e uteis em boas letras, sendo esse hum modo de apurar os engenhos, de elucidar as questões, e aperfeiçoar as obras: 2.° porque, sendo este Periodico excessivamente mais acrédor de louvores do que de críticas, não julgamos que, para seu aperfeiçoamento, hajão de ser perdidas aquellas, que arrasoadamente se lhe fizerem; por isso que os Homens de maior engenho e saber, são esses os que mais facilmente reconhecem, e emendão os seus erros, ou defeitos: 3.° porque debaixo destes principios contemplamos os novos Redactores; e, dando-nos este 1.° volume boa esperança, ou antes prova de que esta sua tarefa será de geral utilidade, e particular da nossa Patria, queremos para esse grande fim por este modo concorrer, já que por outros o não podemos como desejamos.

Da Introducção, ou Discurso Preliminar trataremos em separado e ultimo lugar, por isso que mais havemos de com elle nos deter: e olhando em geral ao todo da Obra, primeiro attentaremos pela linguagem della, por quanto he essa huma das essenciaes condições para que possa qualquer escripto chamar-se bom; sendo aliás muita verdade, como dizem os Redactores, que — se na Europa culta todos os Sábios não são bons Escriptores, todos procurão merecer este titulo — Mas como tambem entre as promessas dos Redactores vem a de escrever *em linguagem pura, livre de palavras e idiotismos estrangeiros*; e, como por nenhum modo duvidamos da sua inteira capacidade para dar boa conta do promettido, não duvidamos tambem de lançar algumas mui succintas advertencias, a fim de que especialmente se acautelem, e tenhão em guarda contra os gallicismos, em que tambem nós talvez cahiremos, e em que mui facil he de cahir quem, por assim dizer, todos os dias manuzea livros Francezes.

Em geral póde dizer-se boa a linguagem usada pelos Redactor-

res, e com tudo, não deixão de, aqui e alli semeadas pelo corpo da obra, apparecerem algumas máculas, ou descuidos de facil correcção: e sem nos demorarmos com o que pertence á collocação, propriedade, e demais condições que concorrem assim para a pureza como para a elegancia d'estylo, e que bem estão ao alcance de qualquer Homem instruido, quanto mais ao de huma Sociedade de Homens intelligentes por condão da Natureza, e applicação d'estudo; limitar-nos-hemos a algumas singelas observações sobre alguns mais notaveis descuidos no relativo á pureza, e ainda desses produziremos hum só exemplo, se bem que em mais de hum genero.

Vem dicto, por exemplo, a pag. 105 de 1.ª Parte — *o que faremos com tanta maior satisfação, quanto elle he da mais alta importancia etc.* Se nos não enganamos, esta construcção he puramente Franceza, e parece-nos que, para o ser Portugueza, deveria antes dizer-se — *o que faremos com tanta maior satisfação, quanto he mais alta a sua importancia, ou quanto mais elle he importante*, ou *quanto he maior a sua importancia*, ou emfim de algum outro modo segundo a nossa Syntaxe concordante. Pag. 78 — *Com os outros conhecimentos que embellezão aquelle immortal Poema, etc.* Tambem nos parece que está aqui inadvertidamente usado o verbo *embellezar* por *embellecer*, sendo que o primeiro significa *attrahir*, *encantar*, *abstrahir*, *arrebatar*, *etc.* e temos por certo que não está elle aqui usado em alguma dessas significações, antes sim na de *formosear*, *afformosar*, *adornar*, ou *embellecer*. Pag. 177 — *Que todas as Nações, ainda as suas maiores rivaes, se ajustão em conceder-lhes.* — Julgamos Franceza a significação e phrase em que neste periodo vemos empregado o verbo *ajustar*; porque nós sim dizemos *ajustar alguma cousa*, ou *ajustar-se para alguma cousa*, porém nunca *ajustar-se em alguma cousa*, e tal he o modo e o sentido em que elle está aqui usado, e em que o usão os Francezes. Parte 2.ª pag. 54 — *A' medida que o ponto de fervura, que serve a determinar as suas tenções respectivas, etc.* Cuidamos que a phrase Portugueza he, *serve de determinar*, ou *para determinar*, e não *a determinar*. Observamos que em mais de hum lugar vem usado o vocabulo composto Inglez *flint-glass*, sem declarar a sua significação, e parece-nos que melhor seria dizer *crystal de pedra*, ou outra qualquer que seja a sua mais adequada e correspondente expressão significativa: o mesmo dizemos de *gneiss*; e *de hornblend*, usados a pag. 131 da 2.ª Parte, e o pudéramos dizer de outros que com boa rasão nos parece poderem accusar-se de barbaros. Achamos tambem em muitos e diversos lugares *nitrate*, *muriate*, *sulphate*, *carbonate*, e outros termos technicos ou facultativos com similhante terminação, ou desinencia não nos parecendo aliás que tenhão os Redactores boa rasão de assim o practicar; porque se estes e outros taes vocabulos, ou termos não podem dizer-se mais

proprios deste que daquelle Idioma, e sim da Lingua Universal Scientifica; se, havendo de escrever-se em Latim, se lhes havia de dar a *terminação em us*, confórme ao genio da Lingua Latina; e se por isto mesmo lhes derão os Francezes a *terminação em e*, porque não havemos nós tambem dar-lhes a *terminação em o*, confórme ao genio da nossa boa Lingua Portugueza?

Entre as seis Memorias que compõe a 1.ª Parte, julgamos que mui principalmente por seu mérito se distinguem a primeira e ultima: por boas temos as outras, e por excellente a segunda, composta pelo senhor C. X. *sobre a agoa do mar distillada e empregada na navegação*; porém esta, a pezar das experiencias atégora feitas, soffre ainda contradicções em sua utilidade, que por certo será mui grande, huma vez de todo decidida, e patenteada. A terceira composta pelo senhor F. S. C. *sobre a pharmacopéa do Doutor Swediaur*, mal podemos nós dar-lhe o seu justo valor, por isso que he puramente phármaca. A quarta, tambem composta pelo senhor C. X. *sobre hum methodo novo para construir toda a casta de moinhos, e outros engenhos de rodas*, não mostra toda a utilidade que de seu contheúdo poderia resultar; assim por tão succinta e resumida que he, como por ser huma daquellas que, segundo nos parece, ha mister de vir acompanhada d'estampas. A quinta, tambem composta pelo senhor F. S. C. *sobre as experiencias feitas pelos Doutores Sylveira e Constancio para determinar os effeitos de hum oleo preparado por D. Sigismundo Malatz, sobre as feridas do cérebro, etc.* sómente refere o processo de varias experiencias, sem apresentar outro algum decisivo resultado senão o de que com effeito parece mui util a mencionada preparação; mas sem saber as plantas, ingredientes, ou especificos de que se compõe.

Agora porém a primeira *Memoria historica, e observações a respeito do ensino da Economia rural*, composta pelo senhor J. D. M. N. e a segunda *sobre a máchina de M. Christian para preparar o linho, e o canhamo sem curtimento*, composta pelo senhor C. X., qualquer dellas he preciosa, por seu decisivo, e demonstrado proveito, e utilidade. Na primeira, com bom methodo e linguagem, elegancia e correnteza, concisão e energia, se faz mostra dos progressos da Agricultura nos varios tempos, sob os differentes governos, e nos diversos paizes cultos; com proveitosos exemplos tirando dos olhos a venda aos nescios, ou ineptos e orgulhosos, que menosprezão esta Arte em si nobre, e de todas a mais util. Na segunda faz-se, com a melhor intelligencia, a demonstração das vantagens de hum invento relativo a huma das mais interessantes partes della. (1) Con-

---

(1) Bem quizeramos aqui ajuntar, por extracto, algumas das mais notaveis passagens destas duas excellentes Memorias; mas não o soffre a pou-

fiamos em que os novos Redactores nada nos deixarão que desejar sobre tão importante materia, especialmente o senhor J. D. M. N. que nesta Memoria a enriqueceo de tão vasta quão bem applicada erudição, e que, como tão illustrado Legista, bem a póde olhar por quantas faces ella apresenta: e isto não sómente o esperamos, senão que até com ancia o desejamos; já que, sendo a Agricultura de tão manifesta importancia para a nossa prosperidade Nacional; já que, sendo tão fertil o nosso clima, e tão abençoado o nosso terreno, e podendo ella por isso mesmo, como o provão passadas experiencias, não sómente abastar-nos mas enriquecer-nos; por tantas e tão deploraveis causas está ella em tão grande decadencia, ruina, e abandono, e a tanto chega a nossa miseria que, para havermos pão, todos os dias, por assim dizer, estamos vendo pela fóz do Tejo sahirem outros rios de ouro, que, ainda por outros diversos modos levados em grossa corrente, promettem de mui cedo esgotar os nossos thesouros. *N. A. P. P. Moniz.*

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Marechal de Barwick.

Jacques Fitzjames, Duque de Barwick, era Filho natural de Jacques ou Jacob II. d'Inglaterra, e de Arabelle de Churchill, Irmã do Duque de Marlboroug: acompanhou seu Pai quando em 1688 se refugiou em França, dethronado por seu Genro o Principe de Orange: voltou a Inglaterra para hir commandar na Irlanda, em ausencia do Vice-Rei Milord Tirconel: distinguio-se na batalha de Londondery, e na de Boine, que, se por ventura houvessem seguido o seu voto, nem ella se perdêra, nem então morreria o Marechal de-Schomberg. Luiz XIV. lhe deo em 1703 o mando do Exercito de soccorro de Filippe V. no começo da Guerra de Successão: differentes partidos buscárão perdello, mas debalde, porque o Marechal só attendia ao d'El-Rei, e em huma só campanha tomou muitas Praças, e For-

---

ca extensão deste nosso Jornal, que de bom grado augmentariamos, se a isso nos impellisse, ou nos ajudasse a pública applicação, curiosidade, e concurrencia; e bem pudéramos tambem dizer, os públicos haveres: que, se não fossem elles consideravelmente diminuidos, não serião tão poucos os compradores de livros, nem tão repugnantes a qualquer maior custo delles, o que muito concorre para entre nós difficultar as edições.

talezas. Chamado por Luiz XIV. para mandar o Exercito contra os Fanaticos das Cevenas, e domados que elles forão, principiou o cerco de Nice, onde entrou a 14 de Novembro de 1705, e por estes triumphos alcançou o bastão de Marechal de França em 1706.

Neste mesmo anno lhe foi dado em Hespanha o mando do Exercito, e por tal arte manobrou que, sem dar huma só batalha, obrigou os Alliados a evacuar a Castella, e os cortou em Aragão e Valencia; e em Abril de 1707 ganhou ao Exercito de Galowai a famosa batalha de Almanza, que segurou a Corôa a Filippe V., o qual o nomeou Duque com Grandeza hereditaria de primeira Classe, e Cavalleiro do Tosão de Ouro.

Sendo Generalissimo dos Exercitos Hespanhoes, tomou Barcelona a 12 de Setembro de 1714; e, por morte de Augusto II. Rey de Polonia, em 1734, accesa novamente a guerra entre o Imperio e a França, sendo nomeado Commandante do Exercito Francez na Allemanha, e sitiando Philisbourg, morreo de huma bala a 12 de Junho do mesmo anno de 1734. Fallando da sua morte, diz o célebre Montesquieu „ Nenhum successo houve que tanto ao vivo representasse „ o estado da França quando morreo Turenna: era geral o pranto, „ o susto, e a consternação: ambos deixárão interrompidos os vastos „ projectos que, para exaltação da sua Patria, havião concebido; „ ambos deixárão os Exercitos em perigo evidente, e ambos acabá- „ rão por mortes que, mais do que quaesquer outras, interressão.

Os Senhores Subscriptores das Provincias dirigir-se-hão com especialidade a Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, junto á Casa da Gazeta: os de Lisboa poderão subscrever na Loja do mesmo Antonio Pedro, ou na de João Henriques na Rua Augusta N.° 1; ou na de João Nunes Esteves, Rua do Ouro N.° 234; ou na de Carvalho, ao Pote das Almas; ou na Rua da Rosa das Partilhas N.° 153 na Officina de João Baptista Morando, onde se imprime este Periodico, no qual serão publicados quaesquer dignos escriptos que para isso aos Editores se remetterem.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO II.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Das Abelhas.

[A P E S.]

(Continuado do N. I. pag. 5.)

III. *Abelhão terrestre.* (*Apis terrestris.*) He preto, com a parte posterior branca, e duas bandas amarellas transversaes.

IV. *Abelhão das pedras.* (*Apis lapidaria*) He preto, com a parte posterior vermelha.

Estas duas especies de *abelhões* construem os ninhos em sociedade, cujo arranjo he similhante ao *abelhão dos musgos*, com a differença que o *terrestre* situa o seu ninho debaixo da terra, e o outro debaixo de montões de pedras.

V. *Abelha pedreira*, ou *dos musgos.* (*Apis cœmentaria*) He huma especie solitaria, de côr negra, com azas pardentas: faz o ninho encostado ás paredes em que dá o sol, de grãos de arêa tão aglutinados, que fica extremamente sólido, e parecido com hum monte de terra: este ninho he composto de muitas cellas, em cada huma das quaes põe hum ovo, com a quantidade de massa composta de pollen e mel, que ha de ser necessaria para a larva, até á sua metamorphose; e, involvendo todas as cellas em huma camada geral de argamaça menos compacta, as abandona. As novas abelhas, depois de formadas, rompem a sua habitação, para hir construir outra similhante em outro lugar: o macho he arruivado, e não trabalha.

VI. *Abelhão negro roxeado.* (*Apis violacea.*) He tambem huma especie solitaria, grande, felpuda, e negra, com azas roxeas.

das, e resplandecentes; este *abelhão* escava nos páos velhos, ou troncos das arvores, hum canal vertical mui comprido, parallelo á superfice, e mui perto desta, no fundo do qual põe hum ovo, e a massa competent, cobrindo tudo com hum septo horizontal, feito nas raspas do páo aglutinadas; e sobre este septo põe outro ovo, e assim os demais: as abelhas novas furão depois o páo para sahir.

VII. *Abelha corta roseira* (*Apis centucularis.*) He parda, com os segmentos do abdomen marginados de branco sobre os lados, e a parte inferior e posterior ruiva.

VIII. *Abelha bicornea* (*Apis bicornis.*) He de hum pardo escuro, com hum pequeno corno pontudo na base de cada mandibula, etc.

Estas duas especies distinguem-se por huma peça escamosa e movel, situada debaixo do lábio superior, curvando-se sobre a lingua, para a defender do attrito, quando estas abelhas cortão os bocados das folhas, que empregão na construcção do seu ninho, em hum buraco escavado na terra, de fórma cylindrica e recto, no qual fazem, com bocados de folha redondos e ovaes, huma cella da figura de hum dedal, onde põe hum ovo com a competente massa; e seguida a esta outra, e outras similhantes até encherem o buraco.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE

Ao Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Attenta n'hum que a fama tanto estende
Que de nenhum passado se contenta,
Que a Patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Cam. Lus. C. 8. Est. 28.

STROPHE I.ª

Da Patria o santo amor, que esforça os peitos
Já talvez do receio quebrantados,
Me inspira os arrojados
A's aureas Filhas da Memoria acceitos
Hymnos, em que o renome Lusitano
Aos Astros subo pelo som Thebano.

ANTISTROPHE I.

Hoje pois, a carreira proseguindo,
De que eximio Varão, Ismenia Lyra,
Sobre a aura que respira
O verde cume do sagrado Pindo,
Resguardaremos as acções famosas
Do Tempo contra as mãos caliginosas?

EPODO I.

Nuno Alvares eis se ergue, o Varão forte
Cuja espada, senhora da victoria,
Relampago da gloria,
Era horrendo trovão d'immensa morte!
Elle, contra os balanços temerosos
Da audaz Iberia, sustentou valente
Com Athlanticos hombros espantosos
Dos Lusitanos Ceos o peso ingente:
Sobre os Leões Hispanos orgulhosos
Elle, d'estranho sceptro impaciente,
Coriscando ruinas
Floreou triunphante as Lusas Quinas;
E Elle, da Lusa gloria eterno abono,
A seu Rey natural susteve o Throno.

STROPHE II.

De Marathona os campos inundavão
Arrogantes as Persicas cohortes,
E, ameaçando mortes,
Da escravidão os ferros preparavão:
A Ináchia liberdade estremecia
Do alto clamor da Arsácida ufania.

ANTISTROPHE II.

Mas nos grandes Varões o esforço augmenta
Em proporção que cresce á Patria o p'rigo:
A'vista do inimigo
Milciades sublime se apresenta;
E o Persa audaz, do seu furor por fructo,
Vio sangue, estrago, e morte, horror, e lucto.

EPODO II.

Assim de Aljubarrota na campanha,
Torre d'immenso orgulho, fulminada
De Nuno pela espada,
Cahio a audacia da soberba Hespanha.
Da ambição com o impeto esgrimia
Espantoso o Leão a garra horrenda,
Quando, a abater-lhe a ingenita ousadia,
De Nuno a dextra trovejou tremenda:
Duvidosa Bellona discorria
Por quem ficasse a aspérrima contenda;
Mas, a espada apertando
Nuno, e c'o exemplo os seus estimulando,
Bem que poucos em número, aterrárão
Quanto co'as igneas lanças encontrárão.

STROPHE III.

E será este, ó Lyra, o só combate
Em que, as armas brandindo impetuoso,
Tufão de Marte iroso
Em chuva de ruinas se desate?
Não: que os Heróes como elle não descanção
Quando da liberdade a estrada avanção.

ANTISTROPHE III.

Implacavel, indómito, iracundo,
Achilles, sem as fabulas de Homero,
Sobre o Leão Ibero
Encheo, troando, de seu Nome o Mundo:
Duro manteve a patria liberdade,
Da sua exemplo, e da futura idade.

EPODO III.

Qual pelos reynos do fallaz Neptuno
Revezado zunindo o solto vento,
Com heroico ardimento
Irresistivel campeava Nuno.
Se eu pudera seguir ao grão Guerreiro
D'altos triumphos a derrota ardente,
Oh! quão sonóro instando e quão ligeiro
Meu Delio carro, de rodar fervente,
De Marte o amostraria grão Luzeiro
Por terras Tronstaganas; refulgente
Nos Atoleiros, quando,
Iberos Cavalleiros profligando,
De cada arremessão da fera lança
A muitos o final somno descança.

STROPHE IV.

Mostrára-o quando, fervido arrojando
O bastão, iracundo aperta a espada,
Com dura mão pesada
Hum diluvio de mortes derramando;
E, a victoria forçando sobre o Tejo,
Imprime ao Sandoval na face o pejo.

ANTISTROPHE IV.

Ou quando procelloso se arremessa
Só co'a lança nas mãos ao Guadiana,
E a turba Castelhana
Precipita, affugenta, ou atravessa;
Passa, e repassa o rio; abola, e talha,
E a-sós sustenta o peso da batalha.

EPODO IV.

Ou quando, como Cocles espantoso,
Só na Ponte de Alcantara sustenta
A orgulhosa tormenta
Do Castelhano Marte ambicioso:
Morto o ginete, e a combater cahido,
De perto em vão, turba inimiga o cerra,

Que, do proprio desaire enfurecido,
Bramava acceso turbilhão da guerra;
Até que solto, e finalmente erguido
Tudo encontra, e desfaz, e rompe, e aterra;
Qual pelos bosques densos
De Eólo os Filhos, pelejando infensos,
Moutas acamão, e árvores annosas
Revolvem sobre as azas estrondosas.

STROPHE V.

Talvez por meus arrojos me condemne
A, que altos genios humilhar deseja,
Calumniosa Inveja:
Dirá que nas vertentes d'Hippocrenne
O annel não sorvo das facundas agoas,
E súa Bronte em vão nas minhas fragoas.

ANTISTROPHE V.

Porém eu, que respiro o sacro alento
Com que o Cysne Dirceo se fez eterno;
Eu, que sinto galerno
Do cabeço assoprar de Chrysa o vento,
Pisando as furias de que a vejo armada,
Prosigo ardente a luminosa estrada.

EPODO V.

Impellido das iras da vingança
Selvas Hannibal, e rochedos talha,
Ignea torrente espalha,
Os Alpes desce, e por Ausonia avança:
Furibunda procella de Mavorte
Trôa, fulmina, desbarata, e rende;
Da formidavel dextra ao Varão forte
Dos destinos de Roma o fio pende.....
Mas Scipião com rápido transporte
Pelo seio Africano a guerra accende:
Já volve turbulento
A' Patria o Peno vencedor cruento,
Porém Tu viste, memoravel Zama,
Fugir-lhe a gloria, esmorecer-lhe a fama.

STROPHE VI.

Portuguez Scipião, Mavorte Luso,
Mais do que ao Peno audaz o grão Romano,
Nuno ao feroz Hispano
Deixou vencido, e de temor confuso;
Que, depois de o lançar da Lusa terra,
Ao proprio ninho foi levar-lhe a guerra.

ANTISTROPHE VI.

Ei-lo já vai, torrente impetuosa
Que dos montes no hynverno em rolo desce:
Trépida amerellece
Ao vello a terra Bethica abundosa:

Já o Leão Hispanico em Valverde
De cabeço em cabeço a gloria perde.

EPODO VI.

Debalde os Vinte e quatro altos Senhores,
Tres Mestres, Condes dous em vão lhe accodem,
Que resistir não podem
A seus pesádos golpes vencedores.
De setta, como Achilles, vai ferido,
Retira-se a orar: pugnando em tanto,
O esforço pelo número opprimido,
Lavra nos seus o pállido quebranto:
Mas já volve á peleja affouto, e ardido;
Fulgúra-lhe na espada o torvo espanto,
Rodando-a expede a morte;
E, viva imagem do feróz Mavorte,
A hum lado e a outro fulminando corre:
Tudo se rende, e se dispersa, ou morre.

STROPHE VII.

Vio Elvas triumphante despregadas
Floreando as Bandeiras Lusitanas,
E logo as Castelhanas
Pelo pó estendidas, e arrastadas;
E, ouvindo quanto o seu Pendão se humilha,
De despeito, e de dôr tremeo Sevilha.

ANTISTROPHE VII.

A minha Lyra que empaveza ufana,
Galerno o vento, as sonorosas velas,
Pejada de acções bellas
Vai de novo aproar no Guadiana;
Onde, no Porto que se diz da Prata,
Nuno as Hispanas Hostes desbarata.

EPODO VII.

Mas seus triumphos numerar quem póde
Se, combatendo invicto, e denodado,
Capitão, e Soldado
Ou sabio ordena, ou valeroso accode?
Sabe-o Neiva, Portel, Vianna, Almada
Braga, Arronches, Monção, Miranda, e Chaves,
E as mais que, ao brilho da fulminea espada,
Volveo de fortes o temor ignaves.
Quantas vezes aos rios foi mudada
A côr das agoas por seus golpes graves!
Oh! dize-o Tu, ó Tejo,
Tu, Guadiana, que em Mavorcio ensejo
O viste em Badajoz com duro estrago
O Mestre debellar de São Thiago.

STROPHE VIII.

Que Villa, ou que Cidade ha'hi na Hespanha,
Do egregio Campeão acommettida,

Que se não dê rendida
A seu Nome immortal por força, ou manha?
Se muitas esforçadas resistirão,
E todas, quantas commetteo, cahirão?

ANTISTROPHE VIII.

Nenhuns lhe arrosta Iberia armi-potente
Cavalleiros que Nuno não desmonte,
E do A'gueda na Ponte,
Em Placencia, em Samora, e Benavente
Irado, a lança volteando acerba,
Cobre de lucto a Hispanicá soberba.

EPODO VIII.

Nem só nos hombros desiguaes da Terra,
Tambem das ondas pelo campo instavel
Fulgura formidavel
Comêta, que annuncia infausta guerra.
Quem, da noite o silencio alvoratando
Com crépito de trompas clangorósas,
O Tejo corta, affouto navegando
Entre as Hispanas velas numerosas?
,, He Nuno Alvares,, dizem trepidando
As maritimas turbas pavorosas:
Pasmão d'alta affouteza,
Lustre immortal da fama Portugueza:
Nem ousão cometter o Varão forte,
A quem parece que respeita a Morte.

STROPHE IX.

Vasto incendio que lavra impetuoso,
E, co'a fúria dos ventos impellido,
Devora desmedido
A campina, o vergel, o bosque umbroso;
A gloria Nuno Hispanica vetusta
Cresta, e cresta os laureis d'Africa adusta.

ANTISTROPHE IX.

Do Heróe ao peso grande temerosas
Eis já de Ceuta as torres abaladas;
Fogem, ou são prostradas
As catervas Mauriscas bellicosas;
Vencedor dos revoltos elementos,
Conquista os Africanos fundamentos. (*)

(*) *Aqui me cabe o fazer observar hum dos erros do Commentario da Lusiada por Ignacio Garcez Ferreira, de que tanto se tem aproveitado o Zoilo de Camões. Diz o Garcez em huma Nota aos seguintes Versos da Est. 49 do 4 C. da Lus.*

O Monte Abyla e o nobre fundamento
De Ceuta toma etc.

,, O fundamento (veio para a rythma) de Ceuta toma, em 14 de Agosto de 1414.,, *Ora, em primeiro lugar he não entender a Lingua,*

EPODO IX.

Nem só nas lides da cruel Bellona,
Nas artes se abaliza de Minerva;
E imparcial conserva
A justiça, que em paz co'as leys abona:
Alliando o valor com a equidade
Attende aos rogos do Ancião morboso,
E do Mancebo á filial piedade;
Com proposto d'esp'rito generoso
Ao grande Prisioneiro a liberdade,
E a Noiva restitue ao charo Esposo.....
Mas cólhe, ó Lyra o panno;
Que as aureas ondas do soberbo Oceano
Dos feitos seus, que no louvor não morrem,
Quanto te alargas mais, mais largo correm.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.

(Continuado do N.º 1, pag. 15.)

Na 2.ª Parte trata-se de algumas obras, invenções, e experimentos de Mathematica, Physica, etc. tudo por extractos, ou indicações ás vezes, segundo nos parece, demasiado simplices: tal he, por exemplo, em Astronomia o seguinte artigo pag. 7 — M. W. Herschell em huma Memoria, inserida nas Transacções Phylosophicas de Londres de 1817, propõe huma nova distribuição dos corpos celestes no espaço. Esta Memoria, digna de seu Auctor, e que merece a attenção dos Sábios, se intitula: *Observa-*

---

nem o Poeta dizer, que o fundamento veio para a rythma, *e não vê que disse Camões* fundamento *por* fundação *como frequentemente achamos em nossos Classicos; e, em segundo lugar, Ceuta não foi tomada aos* 14 *mas sim ao* 21 *de Agosto, e não de* 1414, *mas sim de* 1415. *Veja-se a Memoria sobre Ceuta, impressa em o* N.º 4, º *do* 1.º *Trimestre. Destes, e outros que taes erros de Garcez Ferreira he que supponha que tomou o geito e tal dicto seu seguidor, para dizer que* o Episodio de Adamastor he o maior destempero dos destemperos de Luiz de Camões: *que* Filippe II. entrou em Portugal com cem mil Homens, e outras mil sandices dessa laya.

ções astronomicas, e experiencias sobre a distribuição dos corpos celestes no espaço, e a extensão da via-lactea — Ora parece que, sem dar ao menos huma idéa dos pontos principaes em que Herschell encontra, ou esclarece o systema, ou opinião entre os Sábios mais geralmente recebida por ser aquella que atégora soffria menos objecções; parece, julgamos nós, que isto assim tão simplesmente annunciado, talvez de mais não sirva aos Leitores, do que para cada hum delles poder ficar dizendo de si, o que Bocage disse não sei de quem?

Sciencia de Livreiros, e Impressores
Tens da vasta memoria nos armarios.

E em tal caso deveria esta noticia, como méro annúncio que he, entrar no Catalogo das obras que a esta vem appenso. Mais bem tratados nos parecem os processos, e progressos dos diversos ramos da Chymica, especialmente em quanto á electricidade, que o Redactor trata em separado da Luz, e do Calor, pela boa rasão que dá, de não estar ainda bem verificada a mui provavel *hypothese que suppõe serem modificações dos mesmos principios.* Outro tanto diremos quanto á Chymica animal, em que, depois de mui assisadas reflexões sobre a analogia entre as propriedades physicas e chymicas, diz a pag. 105 „ A Philosophia „ não he outra cousa senão a Physica do corpo humano, e, se nelle „ ha maior complicação de forças (como he indubitavel) por „ isso mesmo he preciso em fim começar a estudallas, para „ apreciar a influencia de cada huma dellas, e para não attri- „ buir tudo a causas mechanicas, ou ás leys das combinações dos „ mineraes, das terras, e de outros corpos fixos, em que, neu- „ tralisadas as forças, pouca tendencia tem os elementos a de- „ compôr-se, e aformar novos compostos; nem se contentar de „ explicar tudo por meio de palavras abstractas, sem determi- „ nada significação, ou que só exprimem factos, sem estabele- „ cer entre elles e as demais leys da Natureza analogias indis- „ pensaveis para terem applicação „ O que não obstante, ainda tambem em Chymica deparamos com outros taes artigos como o que citámos em Astronomia: identico he o seguinte a pag. 102 „ M. Vogel se occupou da analyse das plantas cereaes, e do pão „ em huma Memoria, cujo extracto appareceo no *Journal de* „ *Physique* de Outubro de 1817. „ E de passagem notando que, *se occupou da analyse* he hum gallicismo, devendo, segundo a nossa grammatica, ser *na analyse*, *ou com analyse*, citaremos outro mui similhante a pag. 113 „ M. Vauquelin examinou a „ synovia (1) do Elephante, e os cálculos singulares que M.

(1) Licor chyloso, ou succo nutritivo.

„ Blainville achou nos ductos das glandulas sublinguaes do que „ morreo o anno passado no *Jardim das Plantas* de París „ Parece-nos com effeito, que bem pouco importa ao Leitor o saber que *M. Vauquelin examinou*, não sabendo algum resultado desse exame. E comtudo, entendemos que em geral são mui uteis e com muita intelligencia colligidas, e compiladas as noticias scientificas com que a fadiga do Senhor F. S. C. chegou até pag. 137. Nem nos esquece o que, a respeito dos extractos de materias taes, diz o mesmo Redactor no Discurso Preliminar; mas inda assim julgamos, que não devem elles com tal brevidade ser feitos que sejão quasi por esse excesso inuteis.

Segue-se (por correspondencia, com que fecha o volume) huma Memoria do senhor João da Silveira Caldeira, *sobre o ondeado metallico*, ou nova e mais bella preparação da folha de Flandres etc. e bem claro prova ella quanto são merecidos os muitos encómios que de seu Auctor vem lançados em huma breve Introducção a pag. 140, e 141; pois que, além de não ser duvidoso o proveito de seu assumpto; e, além do methodo e clareza com que vem feita a exposição das diversas preparações, e trabalhos, está ella geralmente escripta em huma linguagem vernacula, e tersa; por maneira que certo devem conceber-se mui grandes esperanças dos fructos do talento e esrudiosa applicação de seu Auctor, que já no verdor da mocidade com tanta madureza fructifica.

Tornemos agora ao principio do volume, para vêr o Discurso Preliminar, que he, como já indicámos, escripto pelo senhor F. S. C. Chega a pag. 21 succintamente relatando os estôrvos e avanços da Civilização, e os obstaculos, decadencia, e progresso das Sciencias até ao seculo presente; indicando rápida e geralmente as causas principaes, e em que partes do saber sejão inferiores, ou superiores aos antigos os modernos; e o faz com tal methodo, clareza, concisão, e energia que bem mostra huma cabeça povoada e prenhe de boas idéas, lançadas por sua ordem, possuindo ao mesmo tempo o dom, e a força de as produzir, e convenientemente expôr. Começa porém na mesma pag. o relatorio das tarefas que toma a cargo, com os outros seus socios Redactores destes Annaes; e, tocando por incidencia no estado decadente das Letras em Portugal, prosegue largamente na materia, com que tambem nós hum pouco mais nos alargaremos, tendo-o assim por justo, se he que não chega a ser necessario.

„ He lastimosa (diz o Auctor, pag. 28) a decadencia das „ Letras em Portugal desde a extincção da Arcadia, e a morte „ e separação dos seus illustres Membros, dos quaes ha pouco „ acabámos de perder o classico escriptor Antonio Ribeiro dos „ Santos, cuja vasta erudição, gosto apurado, linguagem castigada, e phrase elegante bem podem servir de norma aos escri-

„ criptores nacionaes. Mas nem os preceitos e exemplos delle, „ nem os de Garção, Diniz, Torres, em Portugal, nem as nu- „ merosas e excellentes producções do Padre F. Manoel tem po- „ dido obstar á influencia dos rythmadores mais ou menos dota- „ dos de estro, que antes quizerão obter sem custo os applausos „ do vulgo que merecer, pelo estudo árduo dos bons modelos, o „ louvor sólido que os Sábios contemporaneos e vindouros só „ tributão a quem coaduna titulos incontrastaveis. „ Ora na verdade parece-nos que o Auctor vai hindo por ahi adiante com huma bem amargosa, e excessiva Jeremiada! *He lastimosa a decadencia das Letras em Portugal*: sim he por certo, e, menos que o fôra, nós acompanhariamos o Auctor nesta sua lástima, pois digno he lastimar-se o bom Cidadão de tudo quanto possa redundar em deslustre da sua Patria. *He lastimosa a decadencia das Letras em Portugal*: muitas, e mui grandes são as causas que para isso tem concorrido; não nos cabe aqui expollas, porém sabe-as o Mundo, ao menos o Mundo instruido, e sensato. *He lastimosa* na verdade; mas nem tanto quanto neste e outros lugares mostra o Auctor estar persuadido, talvez porque, não vivendo em Portugal ha muitos annos, tenha recebido menos exactas informações, e visto poucos livros nossos ultimamente impressos, por isso que desgraçadamente são poucas e difficeis as nossas edições, e pouquissima e quasi nenhuma a nossa correspondencia literaria: ou tambem talvez porque, havendo na verdade alguns não poucos motivos para esta lástima, menos advertidamente se expressou, correndo-lhe a penna com hum certo deslembramento, de que os escriptores copiosos deixão muitas vezes tomar-se no calor da composição. He innegavel que muito as nossas Letras devêrão aos nossos bons Arcades, e que *a extincção da Arcadia* começou a contribuir ou concorrer para esta *lastimosa decadencia*: são mui justos e bem merecidos os louvores do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, e mais lhe pudéra dar; porém elle nunca foi Arcade, como he forçoso colligir-se das enganadas expressões do Auctor. Passemos por isto, que he desculpavel por qualquer dos dous motivos indicados: mas aonde foi o Auctor buscar *a influencia dos rythmadores*? quando he que a tiverão? e quem são elles? Bem certos estamos de que he máxima infallivel, e sentença irrevogavel aquella que o Auctor lançou em seguimento do que deixamos citado. „ Quem escreve para o Povo, „ quem se contenta de agradar a ignorantes sem lição nem gos- „ to, por mais estro que o anime, he forçoso que, descendo á „ capacidade dos leitores, sacrifique a valentia do pensamento e „ a energia da expressão á soálha da rythma, e cáhia insensivel- „ mente no baixo e trivial, em vez de se elevar ao bello e su- „ blime. „ Ninguem cuidamos que a isto possa dar boas rasões em contrario, nem negaremos a triste verdade de haver disto

entre nós alguns exemplos, quando aliás conhecemos talvez mais de hum bom engenho que por esta causa se póde dizer perdido; e que, em parte porque *se contenta de agradar a ignorantes*, e em parte porque mais póde com elle a preguiça do que o amor das Letras, não chega a erguer-se da mediania, não póde exceder a mediocridade; sendo que o fogo sagrado do Genio scintilla a miudo por suas composições, aliás filhas de hum fecundissimo talento; porque a Natureza a dotou pródiga e profusa, fazendo por seu mero impulso com que a espaços se deparem por suas obras alguns bellos trechos, em metro ameno e facil. Nem isto he tudo, nem temos sómente o mediano, temos tambem o máo, temos tambem o pessimo; temos *Hyginos*, e *Fogaças*,, que não só *se contentão de agradar a ignorantes*, porém que só a ignorantes procurão agradar, e a multidão delles embair: temos, tornamos a dizer, temos teimosos rythmadores, e prosadores sem lição nem gosto, sem pejo nem talento, e que assim mesmo presumem de Sábios, e fazem gemer os prélos: temos o que por certo não quizeramos, e até o que não podemos dizer? porém que se segue daqui? segue-se por ventura que estejão em absoluta decadencia as Letras? segue-se que não haja quem estime os bons modelos: segue-se que não haja entre nós quem os procure imitar?.. Tal não cuidamos, nem sabemos qual seja *a influencia dos rythmadores*; sendo antes, que os Homens mais instruidos e sensatos, posto que mui dados á Poesia, são esses os primeiros que dos taes rythmadores motejão: e, em summa, não sabemos como possa dizer-se absolutamente decahida em Letras huma Nação que lê com gosto, e dá seu justo preço de estima e admiração aos bons antigos, e ás obras de Garção, Diniz, e do inimitavel Francisco Manoel, com outros que, depois destes, honrão o nome, e as letras Portuguezas.

Porém continúa o Auctor, na mesma e na seguinte pag. „ Parece incrivel que durassem tão pouco, e que tão depressa se vissem malogrados os esforços que todos os Membros da Arcadia e outros émulos delles fizerão com tanta felicidade e constancia para restabelecer em Portugal o bom gosto nas Letras, e restaurar a linguagem de nossos illustres escriptores da idade de ouro. A par dos classicos da nova eschóla appareceo hum enxame de corruptores da lingua, os quaes declarando guerra ao gosto e á verdadeira poesia e eloquencia, se derão a rythmar Sonetos, Decimas, e outras ninharias poeticas, tão faceis em huma lingua como a nossa, e que, por mais perfeição que tenhão, nunca passão de ser hum engraçado jogo, hum passatempo da fecunda imaginação. A maior parte dellas não são mais que sonoras bagatellas, *nugæ canoræ*, ermas de pensamentos, sem vigor, e só notaveis pela harmonia que resulta da collocação das palavras. „ Em quanto ao *enxame de corruptores da lingua*,

como nos parece haver na phrase bastante corrupção, e não somos nós da Faculdade, para poder applicar-lhe mercúrio *quantum satis*; deixamos o tal *enxame* entregue ao desprezo que merece, e com que he olhado por todos os bons entendedores, dos quaes ainda com boa rasão nos gabamos de entre nós contar não poucos, e com esses reiteramos o protesto, de que muito as nossas Letras devèrão aos nossos bons Arcades: (1) porém não podemos acompanhar o Auctor na sua lástima, de que *tão depressa se vissem malogrados os esforços que todos elles fizerão para restabelecer em Portugal o bom gosto*; sendo antes que esse *bom gosto* presiste, e dahi nasce o indignado desdem com que são apodados e cobertos de mofas e ignominias os *Hyginos*, e *Fogaças* de çáfaras producções, e çáfio engenho. Nem temos por estranho que esses *declarem guerra ao bom gosto*, sendo isso tão natural como as aves das trévas abhorrecerem a luz; o que porém estranhamos, e até confessamos não entender he isto, que o Auctor na mesma pag. accrescenta „ Desta pessima eschóla não sahio „ huma só composição poetica digna de passar á posteridade na „ poesia Epica, Lyrica, Dramática, Anacreontica, ou Didactica; nem huma só boa traducção dos Classicos antigos ou „ estrangeiros. „ Que *eschola*, ou que supposição he esta! pois Homens taes podem por ventura fazer eschóla, ou, dado que a fizessem, poderia ella prevalecer? ..... Ninguem tal poderá crêr: e, sendo assim, não he de admirar que elles em nenhum dos generos indicados alguma cousa boa produzissem; mas tambem ninguem poderá negar, que, da Arcadia para cá, em todos elles tem havido bons engenhos, que honrão as nossas Letras. Demais: se he desdouro o *rythmar Sonetos*, *Decimas*, *e outras ninharias*, *e sonoras bagatellas*, desdourados ficarão os nossos melhores Poetas, que nenhum delles, mais ou menos, tem sido isento dessa culpa: e, se o mal está na *soálha da rythma*, desdourados ficarão não só a maior parte dos nossos bons Poetas, senão que tambem desdourados ficarão quasi todos os bons Poetas estranhos, e em especial os Francezes e Italianos, que são d'entre todos, os mais teimosos *rythmadores*. Bem outra acreditamos nós ser a idéa do Auctor, visto que a rythma he tão análoga ao genio das linguas modernas: mal pertence ella á eschóla de nossos bons Arcades, de cujos escholares nos presamos; nem por certo somos nós sectarios da rythma, julgando antes ser el-

---

(1) Dissemos e repetimos = aos nossos bons Arcades = por ser mui verdade que tambem forão Membros da Arcadia alguns Homens de engenho negativo, cujas cabeças erão terras maninhas e areaes çafos, que mal ou nada produzião; do que nos não faltaria exemplo e prova, se necessarios fossem.

la desnecessaria em nossa poesia sublime; mas tambem julgamos ajuntar-se com ella muita graça ás poesias eróticas, e ainda a outros alguns generos, e temos por impossivel o totalmente desterralla. Agora bem: se a rythma he confórme ao genio da nossa lingua, se com ella os bons Poetas são os primeiros peccadores, e se (como diz o Auctor) *os Sonetos, Decimas, e outras ninharias poeticas, tão faceis em huma lingua como a nossa, são hum engraçado jogo da fecunda imaginação*; como pertende o proprio Auctor, que sejão estas *sonoras bagatellas ermas de pensamentos, sem vigor, e so notaveis pela harmonia que resulta da collocação das palavras*?... Convimos em que ellas sejão mais proprias de huma Sociedade que de hum Livro: convimos em que algumas, aliás boas collecções poeticas, correm menos bem apreciadas por mui chêas dessas núgas vulgares; mais inda assim, as produzidas pelos bons Poetas peccadores da rythma, certamente não são *ermas de pensamentos, e sem vigor*; taes não são, por exemplo, os sonetos de Camões e Bocage, os nossos dous melhores Sonetistas; e taes não erão as *Decimas* e Sonetos deste, nem ainda nos seus admiraveis improvisos.

Continuar-se-ha.
Moniz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Como a vida dos grandes Homens he sempre huma excellente lição, e poucos são de com este comparar-se; não obstante andarem mui escriptas e sabidas, não julgo inutil o compendiar as gloriosas acções de que a sua vida compôz; o que servirá de mais facilmente as reter na memoria, ao mesmo tempo facilitando a intelligencia da Ode antecedente.

Foi este grande Homem decimo terceiro Filho do Grão Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira (da illustre e antiquissima Casa dos Pereiras, vinda de Leão a Portugal no reynado de D. Sancho Primeiro) e de Eyria Gonçalves do Carvalhal, da Casa dos Senhores d'Evora-Monte: nasceo aos 24 de Junho de 1360; dizem huns que em Portalegre, outros que junto da Certan, na Quinta do Bom Jardim, onde foi criado; mas tem-se por mais certo que na Cidade de Elvas. Dotado de agudissimo engenho, não contava mais de 13 annos e já era senhor dos maiores estudos daquella idade, dando-se especialmente ao da Histo-

nia, e seguindo as letras em quanto podião servir ás armas que professou. Nesse tempo entrou por nossas terras D. Henrique II. de Castella, e passando o seu Exercito a pouca distancia de Santarém, onde estava El-Rey D. Fernando, foi D. Nuno enviado a reconhello; e á volta, inquirido pela Raynha D. Leonor, respondeo em modo que demonstrou seu grande talento e animo. Por essa occasião foi armado Cavalleiro, dispensando-se-lhe na idade. Ficou ao serviço da Raynha por espaço de tres annos, e aos 16 de sua idade casou com D. Leonor de Alvim, Senhora que reunia todos os melhores dotes e condições: foi El-Rey Padrinho do casamento, mas pouco depois pedio D. Nuno licença para se retirar ao Minho, só interrompendo este retiro por morte de seu Pay. Succedeo no throno de Castella El-Rey D. João I., e renovou-se a guerra: por huma honrosa Carta lhe deo El-Rey D. Fernando conta da invasão inimiga, mandando que fosse a Portalegre, e logo alli se dirigio D. Nuno com 30 Infantes e 25 Cavallos, que naquella guerra sustentou á sua custa. Dalli, por ordem d'El-Rey, veio a Lisboa, onde então surgíra huma Armada de Castella: com 50 Soldados de pé, e de cavallo, emboscado junto da Ponte de Ancantara, deo sobre huma Partida inimiga, que se tornou ao mar com perda, do que offrontado o General Castelhano, mandou a terra 250 Homens escolhidos, e como, pela desproporção do número, lavrasse a irresolução nos nossos, D. Nuno a sós investio com todos elles, e os desordenou: sobrevierão reforços da Armada, e D. Nuno sustentando a peleja: rompeo-se-lhe a lança, mas brandio a espada por tal arte que já os inimigos quasi que só de longe procuravão offendello com tiros vagos de armas arrojadiças: penetrado de muitas lançadas, e rendido ao peso da batalha cahio o Cavallo sobre as ancas, levando-lhe debaixo a perna esquerda, presa pela espora a huma cilha; mas assim mesmo se defendeo em quanto os nossos, empenhados em o salvar, rompêrão pelos Castelhanos até ao centro da batalha, e forão as cilhas cortadas por Vasco Annes do Couto: então, formando os nossos em hum batalhão cerrado, completou a derrota dos Castelhanos, sendo elle o ultimo que do campo se retirou, e magnanimo provendo á boa recompensa de Vasco Annes do Couto. Divulgou-se a noticia de que El-Rey de Castella estava em Badajoz com largo Exercito, e se aprestava a entrar pelo nosso Alémtejo: a fim de lhe obstar passou El-Rey D. Fernando a Elvas, para onde se foi D. Nuno, partindo de Lisboa com 5 companheiros escondidamente, e contra ordem positiva; o que El-Rey não sómente lhe perdoou, senão que o levou nos braços, congratulando-se de tão opportuno soccorro. Por conselho de D. Nuno se dispoz batalha, porém a guerra terminou com o tratado de casamento da Princeza D. Brites, a qual, por molestia d'ElRey D. Fer-

nando, foi a Raynha D. Leonor entregar em Elvas a El-Rey de Castella: e como em hum dos dias de banquete se houvessem pouco politicos os Castelhanos, D. Nuno travando de huma das mesas deo com ella em terra, e sahio-se da salla mui desassombrado: sabida a causa por El-Rey de Castella, relevou a offensa dizendo,, Que não era para pouco quem se attrevia a tanto.

Passado isto, tornou D. Nuno a retirar-se; mas logo em seu retiro houve novas da morte d'ElRey D. Fernando, e foi elle dos primeiros que, para assistir a suas exequias, entrou na Corte acompanhado de 30 Escudeiros, e muitos criados de pé, sendo elle o unico que nessa occasião se servio de gente armada. Já El-Rey de Castella se declarava com pertenções á Corôa de Portugal, que dizia pertencer-lhe por seu casamento com a Princeza D. Brites:

Com esta vós Castella levantada,
Dizendo que esta Filha ao Pay succede,
Suas forças ajunta para as guerras
De varias regiões, de varias terras.
Camões. Lus. C. 4. Est. 7.

Os Senhores Subscriptores das Provincias dirigir-se-hão com especialidade a Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, junto á Casa da Gazeta: os de Lisboa poderão subscrever na Loja do mesmo Antonio Pedro, na de João Henriques na Rua Augusta N.° 1; na de João Nunes Esteves, Rua do Ouro N.° 234; na de Carvalho, ao Pote das Almas; e na Rua da Rosa das Partilhas N.° 153 na Officina de João Baptista Morando, onde se imprime este Periodico, no qual serão publicados quaesquer dignos escriptos que para isso aos Editores se remetterem.

LISBOA,

Na Nova Impressão de João Baptista Morando.

1819.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO III.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Das Abelhas.

[A P E S.]

(Continuado do N. II. pag. 18.)

Acção venenosa sobre a economia animal. Todos sabem o perigo que resulta da picada de algumas abelhas : expôr-se-hão factos que fação conhecer os symptomas que ella produz :

I. Hum camponez de trinta annos de idade, foi picado por huma abelha na parte suprior da sobrancelha; cahio immediatamente por terra, e morreo poucos instantes depois. Sua face achava-se inflammada, e teve pelo nariz huma hemorragia copiosissima depois da morte. (*Journ. de Médic.*, aout. 1765. pag. 153.)

II. *Zacuto* observou a picada de huma abelha a que se seguio a gangrena na parte

III. *Amoreux* diz : „ a picada de huma abelha não he cousa mui notavel ; porém se estes insectos investem em chusma algum homem ou animal, podem cobrillo de feridas, e fazello perecer, tanto pela quantidade de veneno que introduzem em seu corpo, como pelo estado de dilaceração em que o constituem. „ (Na citada Obra, pag. 248.)

IV. *Swammerdam* e *Ludowic* provárão hum pouco do liquido venenoso contido na vessicula da abelha, e experimentárão sobre a pelle e lingua a mesma sensação que com a agoa forte (acido nitrico.)

Em geral, a picada das abelhas he seguida de huma dôr aguda, e de huma intumescencia erysipelatosa, mui dura no centro,

que esbranquece, e presiste em quanto o aguilhão permanece na ferida.

Amoreux diz que o *zangão* he algumas vezes mais para temer do que a abelha. Em 1670, forão picados na Polonia alguns individuos por grandes zangãos, e nelles se manifestou hum tumor inflammatorio, que fez progressos rapidos, os quaes só foi possivel suspender por meio de escarificações profundas.

Continuar-se-ha

ARTIGO II.

POESIA.

ODE.

Ex aliis alias reparat Natura figuras.
Ovid. Metam. L. 15.

De seus estragos, em seu rosto, a Terra
As cicatrizes mostra.
O Mar furioso, devorando as ribas,
Mina, seu freyo, os montes:
Arroja o fogo da intestina guerra
O Vulcão espantoso,
E universal medônhas ameação
Incendio as lavas suas:
Urrando os ventos, no profundo seio
Abalão-lhe as columnas:
Gélido o Tempo em ruinoso throno
Alça o Hynverno estéril:
Com hálito nefando em tudo a Morte
A eterna sombra estende!
Mas volve a Primavera: os murchos campos
Povôão-se, enverdecem;
Formosea-se o Mundo remoçado,
Enflorão-se as ruinas,
E successiva duração promette
O viçoso reparo.

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Nascimento, e Educação.

Assim he que dizes nisso muita verdade: os dous façudos, e entufados Doutores *Lagosta Verruga*, e *Luneta Batoque* são dous sandeos mais da marca, são dous grossos animalejos de raça abastardada: não basta que hum delles na fereza de seu gesto, por entre huma certa parvidade de semblante, respire a sua ingénita malignidade! não basta que o outro seja hum vivo retrato da Estupidez, seja a Sandice personalisada, e amostre quasi tanta maldade como indiscrição! não basta que ambos elles sejão tão vaidosos como hum Pavão, tão irasciveis como huma Vibora, tão vergonhosos como hum Cão, tão espreitadores como huma Pêga, tão palreiros como hum Papagayo, tão brutos como huma Zêbra, e tão gordos como hum Texugo! não basta que sejão ambos tão charlatães como pedantes, tão nescios como presumpçosos, tão ignorantes como intromettidos, petulantes, malevolos, maldizentes! nada disto basta, e tudo ainda he pouco para elles: tem tambem a mania, o sestro, a birra, a teima de borrar muito papel, fazer gemer os prélos, e dar tédio ao público. Ora por aqui vais tu bem, tudo isto he muita verdade; málha-lhe, escarnece-os, ridiculiza-os, que mais merecem elles; mas se ambos elles tirão a sua origem de mui baixa relé, se hum delles foi Arreeiro, e o outro foi Tendeiro, que tens tu com isso? para que has de tambem por isso menoscaballos? o nascimento não he huma casualidade, e os Homens não são todos iguaes?

Não he isso assim, absolutamente dicto: a perfeita igualdade dos Homens he huma chyméra, a perfeita igualdade social he outra chyméra; e em summa essa imaginada perfeita igualdade sómente existe, ou póde existir, na Ley, e só na Ley póde deixar de ser chymérica. A Natureza, assim como no gesto e no semblante, formou diversissimos os Homens nas forças corpóreas, e nas faculdades intellectuaes: deixemos metaphysicas, com que, depois de longos debates, poderiamos ficar com alguma talvez falsa opinião, porém cuido que não com mais profundo saber, ou conhecimento de causa, porque não creio que haja sciencia mais van: demos de mão a phantasias, e hypótheses, e recorramos ás realidades da experiencia. Segundo ella nos ensina, não sei que possa duvidar-se da mencionada desigualdade natural

dos Homens: ora, sendo elles assim desiguaes por natureza, como póde em sua sociedade haver a perfeita igualdade individual, se cada hum dos individuos que a compõe he diversamente dotado, e possue differentes qualidades que o chamão a diversos empregos, de que necessariamente resulta a diversidade das condições? e havendo, como ha, esta desigualdade de qualidades naturaes, e de condições sociaes, qual outra perfeita igualdade póde haver entre os Homens, senão a estabelecida na Ley; como resultado que he, ou deve ser, da concordancia da rasão, e da vontade geral, que se lhe subjeita, reconhecendo a necessidade de assim fundamentar hum como baluarte de defesa do fraco contra o forte, do humilde contra o poderoso, do innocente contra o injusto, e assim dos outros?

Espera Homem, detem-te; que vais por ahi adiante fugindo do caso proposto, por maneira que não sei onde vais dar comtigo! — Não te afflijas, que não fujo do caso, nem sáhio dos limites que prescrevem as circunstancias, e a que todo o Homem de siso sabe moldar-se, sem desdouro proprio, nem prejuiso alhêo. Pareceo-te que fiz hum longo aranzel, e que perdi o sentido do texto; mas não foi assim, antes tudo o que disse convém á sua melhor intelligencia, e exposição.

Sendo os Homens desiguaes por natureza, e sendo por essa mesma desigualdade natural que diversamente na sociedade se empregão, e se distinguem; como queres tu que seja indifferente o nascer pertencendo a tal, ou tal classe, de taes, ou taes condições, se dessas taes condições directamente depende a educação de cada hum, e de todos os individuos de cada huma das classes, linhagens, familias, ou jerarchias?

Até'hi, santas Paschoas: quem he que to duvida? — Pois, se não he indifferente o nascimento, pela consequencia da educação, menos o póde ser a educação pelos resultados della. Esqueces-te por ventura de que a educação modifica, e affeiçôa a indole, melhorando a que he boa, corrigindo a que he má, temperando os costumes, e aperfeiçoando o entendimento?

E quem he tambem que isso te poderá duvidar, quando todo o Mundo concorda em que a educação he huma segunda Natureza? — Se pois me concedes, que os Homens são por natureza desiguaes, que por isso mesmo são necessariamente diversas as suas condições na sociedade, e que, segundo essas mesmas condições, a sua melhor, ou peor educação essencialmente concorre para a sua maior, ou menor perfeição no estado social, venhamos agora á igualdade legal.

Homem, eu já estou azoado com essa tua fieira Socrática! que tem tudo isso com o de que nós fallavamos? que tem tudo isso com os Doutores *Lagosta Verruga*, e *Luneta Batoque*? on-

de diabo me queres tu levar? — A' resolução do teu proposto, e ao desengano das tuas interrogações. A Ley, por sua inteireza e integridade, provê a todas as desigualdades naturaes e sociaes, protegendo a concordia, reprimindo os desmandos, punindo os crimes, e premiando as virtudes: e assim he que nos seculos mais illustrados, e nos tempos mais venturosos florescêrão os Estados mais opulentos, e respeitaveis. Se o Homem nobre, qualquer que seja o seu titulo, porque o mesmo vem isso a ser, e só differente segundo a differença nas formas do governo estabelecido: se o Homem nobre por linhagem, o Homem descendido d'alta jerarchia, ou distinctamente empregado, commetteo huma vileza plebea, ou se conduz de hum modo incoherente com a sua ascendencia e dignidade, não deve a sua grandeza isentallo da pena da Ley, perante a qual não póde o crime deixar de ser punivel: mas tambem, se hum Homem plebeo, se hum Homem reputado vil por nascimento ou por occupação, fez alguma acção ou obra gloriosa, util, e digna do Homem nobre, não deve a sua anterior vileza privallo do premio que mereceo; seja nobilitado, e distincto, que distincto he perante a Ley, e digno de ser premiado todo o Homem que assim se amostra virtuoso: ao contrario porém, se hum Homem plebeo, e vil pertende sahir da sua esphéra, e, presumindo emparelhar e hombrear com os bons, vem fazer alarde de suas miserias, e patentear que mal o dotára a Natureza, e pouco o aperfeiçoára a Educação; a esse tal he justo que se lhe vibrem todos os apódos, a esse he justo que se lance em rosto a vileza de seus principios, e merece soffrer dobrada injúria.

Ora Graças a Deos, que chegaste ao ponto da questão! — He claro: e lá havia de chegar, porque toda a agoa vai dar ao mar, todos os atalhos vão ter á estrada real, e os raciocinios são as viélas que conduzem ao caminho direito de todo o ponto de argumento, ou questão que se ventila. Concluo pois, que pouco importa que o Doutor *Lagosta Verruga* fosse Arreeiro, ou Moço de Burros, e pouco importa que o Doutor *Luneta Batoque* fosse Tendeiro, ou Manteigueiro, ou isso que na verdade foi, se ambos elles fossem Homens honrados; e o podião ser, não obstante esses seus misteres, porque os Homens não são vís por natureza, sómente o são por condições; e de muita estima se faz acrédor todo aquelle que por seus talentos, e virtudes accresce lustre, ou ennobrece a condição em que nasceo: não faltão exemplos, e, por não hir buscallos mui remotos, nem muito estranhos e pouco sabidos, lembremo-nos de Domingos dos Reys Quita: foi elle, por seu officio hum pobre Cabelleireiro, mas por seu character moral hum verdadeiro Homem de bem, e mui distincto por seus talentos, que teve o cuidado, e a fadiga

de cultivar, emendando por seus desvélos os erros da sua má educação: e daqui o que se segue? he que, lembrando-nos de Quita, esquecemo-nos de que foi hum Cabelleireiro, e sómente o contemplamos como Homem honrado, e o nosso melhor Poeta Bucólico; e deste modo o pobre Cabelleireiro Quita he muito mais estimado do que o maior Fidalgarrão ignorante, ou perverso. Francisco Dias foi Tendeiro, mas tambem foi Homem honrado, tambem cultivou os seus talentos naturaes, tambem entre nós he distincto como Poeta Elegiaco, e está por tanto em caso similhante ao de Quita. Dize-me agora: assim como o Quita fez cabelleiras, não podia o *Lagosta* fazer arreatas, ou pasteis, e, isso não obstante, ser tambem, como elle, distincto por seus talentos, e amavel por suas virtudes? assim como o Dias, não podia o *Luneta* embrulhar o seu papel de adubos, mas tambem, assim como elle, ser estimado por distinctas qualidades pessoaes?

Oh! que por certo bem o podião, e nós lhe dariamos o seu justo louvor: porque são talvez mais dignos delle, e mais recommendaveis os Homens que, contra as obrigações do estado em que nascêrão, nobremente se distinguem, do que os outros que mais não fazem do que sustentar o lustre de seus antepassados, favorecidos por vantajosas circunstancias, mas sem pessoalmente se destinguirem; assim como são mais condemnaveis os nobres que por sua inepcia deslustrão a nobreza de sua ascendencia, do que os plebeos que se deixão levar na torrente dessas a que chamamos baixezas plebeas.

Agora bem: se os taes dous façudos, entufados, e suppostos Doutores; se os taes dous notaveis figurões, como quer que se elles chamão, são dous zótes completos, dous perfeitissimos sandeos; se em nada desdizem da baixeza de sua origem, e da vileza de seus principios, sendo antes vís por suas obras, e vilissimos por seu character; se elles são tudo o que já disseste, e o mais que não expressamos, mas conhecemos; se elles em fim tem tanta vileza como petulancia, quem póde com elles ser commedido? quem póde serenamente attentar pelos orgulhos da estupidez, da ignorancia, e da torpeza? Ou como queres tu que eu com os taes Doutores tenha o melindroso commedimento politico, e moral, que só he devido aos Homens de merecimento, quando tenhão acaso algum daquelles pequenos desvios, que momentaneamente desáirão, não fazendo com tudo alteração essencial no character, ou na representação do verdadeiro Homem de bem?... Ora deixa-me fustigar sem piedade os taes Doutores, bem sabes quanto com os máos ella he nociva: deixa-me mostrar quem elles sejão; deixa-me ridiculizallos, como merecem; deixa-me rir á custa delles; e conheça-os, e riá o Mundo.

Moniz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N.º 2, pag. 32.)

O Reyno estava attenuado, e sem forças para a defensa, carecia-se de prompto remedio, e D. Nuno se lembrou de D. João, Mestre de Avís, Filho d'El-Rey D. Pedro I., como unico, e proprio para calmar todas as discordias, sendo Principe geralmente amado por suas virtudes, e esforço, que elle bem conhecia por terem militado juntos, havendo aliás entre elles reciproca sympathia de affectos. Mas não podia conseguir-se fim util que não fosse ensanguentado com a morte do Conde Andeiro, por cuja mão, com escandalo geral, corrião todos os negocios: sobre este tratou D. Nuno com outros Fidalgos, e logo que effeituado, foi o Mestre de Avís recebido com vivas, e acclamações, e D. Nuno seu escolhido Conselheiro.

Tomado o Castello de Lisboa, no que D. Nuno teve a melhor parte, resolveo-se, por desaffrontar esta Cidade, tomar a Praça de Alemquer, empreza em que elle entrou com 300 Lanças, e alguma Infanteria, formando com os seus hum corpo á parte. Mas, porque El-Rey de Castella entrou por nossas terras com grande poder, o chamou o Mestre de Avís a Lisboa, donde sahio a recolher bastimentos nos arredores de Cintra, que tambem estava por Castella; e, como de Alemquer sahisse o Mestre de S. Thiago com outros Cabos, e mil Lanças Castelhanas, a fim de impedir-nos as provisões de terra, e, por saber que já a Cidade estava abastecida, se intrincheirasse no Lumiar, donde commettia muitas hostilidades, sahio D. Nuno inesperadamente huma madrugada com 300 Lanças na resolução de combatello; mas não ousando os Castelhanos sahir de seus alojamentos, nem sendo bom conselho commettellos, depois de tomar posse do campo, voltou a Lisboa, onde foi recebido com applauso; com o maior engenho, pericia, e actividade proveo aos reparos de defensa. Passou a Almada com o Mestre de Avís: tornando a Lisboa, foi de novo ao Lumiar sobre os Castelhanos, que, deixando quarteis, e despojos, fugirão para Torres-Vedras, e Alemque: voltou a Almada, apaziguou hum tumulto, e fez jurar obediencia ao Mestre de Avís; e ameaçando o Alemtejo hum grosso Exercito Castelhano, foi D. Nuno nomeado Fronteiro

Mór (Capitão General daquella Provincia, contando então pouco mais de 22 annos de idade.

Feito prestes, e assignada pelo Mestre de Avís Carta Patente em que declarava válido tudo por elle feito, com mil Infantes, e duas mil lanças em que se incluião muitos Fidalgos, embarcou D. Nuno para Almada, onde suspendeo a marcha porque na fóz do Tejo se descobrírão 8 vélas Castelhanas. O Mestre de Avis pôz logo de verga d'alto algumas galés, e outras embarcações, e D. Nuno, porque outra não achou, nem o animo lhe soffria tardanças, foi-se com seis companheiros a Cassilhas saltar em huma barca de Pescadores, e seguio o rumo de alguns baixeis que, arrazados em poppa, hião na esteira de outros que vogavão com a prôa no inimigo: correo perigo, por hum improviso temporal que sobreveio; mas, passado a melhor embarcação, e commettida a peleja, forão rendidas todas as Náos, sem que hum só Castelhano escapasse de morto ou prisioneiro. Apenas acabado o conflicto, voltou a Almada, e logo no outro dia proseguio a marcha, provendo a toda a boa disciplina. Reduzio Monte Mór o Novo á obediencia do Mestre de Avís, e avançou até Evora; mas, desmandando-se os Castelhanos em hostilidades, passou a Estremoz, onde esperava soccorros das Comarcas, apalancou-lhe o arrabalde, e fortificou as estancias com estacada. Havendo noticia de que já os Castelhanos estavão no Crato, reunio hum pequeno Exercito de cinco mil Homens, e endireitou a marcha para aquella Villa; porém os inimigos, que houverão por temeridade aquelle commettimento, levantárão campo, e marchárão em demanda dos nossos, a tempo que chegavão ao sitio dos Atoleiros. Alli mandou D. Nuno fazer alto, e ordenou a peleja por fórma não usada na milicia daquelles tempos: formou quatro batalhas, metteo no centro as bagagens e Besteiros, os flancos e retaguarda encarregou a Soldados de valor e confiança, e tomou para si a vanguarda. Commetteo-se a peleja, e esteve igual por largo espaço, até que alguns Cavallos Castelhanos começárão a se retrahir descompostos, e que, posto em completa derrota todo o formidavel Exercito de Castella, lhe seguírão os nossos o alcance em distancia de legoa e meia, acabando com a noite o conflicto, em que, além do grande número de Soldadesca, morrêrão muitos Fidalgos Castelhanos, e entre outros o Mestre de Alcantara, e Pedro Gonçalves de Sevilha, Adiantado de Andaluzia, dous dos principaes Cabos do Exercito.

Moniz.

Continuar-se-ha.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO IV.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Das Abelhas.

[A P E S.]

(Continuado do N. III. pag. 34.)

Analyse chymica. As abelhas contém hum acido mui caustico, gordura cereosa, extracto. *Thoavenel. Mem. de la société de med. de Paris*, 1676. *Journ. de chim. de Crell.*, tom. 5, pag. 146, 1780.) Segundo *Ronelle*, não fornecem acido, mas antes alkali volatil: e se algumas vezes o dão por acaso, procede do mel que contém, (*Journ. de med.*, 1771, *tom.* 36, pag. 256. *Suppl. aux. Ann. de Crell de chim.*, 1786, tom., pag. 84.)

O *veneno* das vessiculas destes insectos contém huma materia amarga, que tinge de vermelho o papel de turnesol; soluvel na agoa; insoluvel no alcool. (*Fontana. Thomson, syst. de chim.*, tom. 9, pag. 264.)

Antidotos, e soccorros. Deve-se recorrer ao processo de *Swammerdam*, que consiste em extrahir o aguilhão cravado nas carnes, havendo cuidado em não exercer huma pressão forte sobre a ferida, porque o veneno da vessicula, sendo extravasado, póde penetrar mais com o aguilhão. Não se deve dissimular que similhante extrahição he difficultosa, por causa dos filamentos lateraes de que o aguilhão he armado. Será pois necessario cortar com tisoura toda a parte que estiver fóra da ferida, e tirar depois o aguilhão, se for possivel, a beneficio de hum pequeno alfinete. A parte picada deverá logo ser lavada com agoa fria, e melhor ainda com agoa do mar, ou com huma dissolução de sal marino em agoa: *Dioscorides* foi o primeiro que conheceo a vantagem deste liquido. Seria tambem muito util applicar sobre o lu-

gar doloroso o suco lacteo de papoulas brancas (dormideiras), ou qualquer outro calmante. M. *Delaister* refere ter feito uso deste suco para mitigar a violenta dôr occasionada por huma abelha porque fôra picado; a qual não tardou em se acalmar, sem que sobreviesse depois inchação. (*Journ. de med.*, tom. IV., pag. 309.) As emborcações oleosas, a *agoa de Goulard*, e as loções de urina podem tambem ser uteis; porém não se deve dar crédito á incoherente mistura de plantas, de que se servem muitas vezes os empiricos e os rusticos.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE

Here the Muse so oft her harp has strnng
That not a mountain rears its head unsung,
Renown'd in verse each shady thicket grows,
And ev'ry stream in heav'nly numbers flows.

Addison.

Se, não tarde meu prospero Destino
Me permittir, bem como
Lisongeira Esperança me assegura,
Que, do Tejo deixando
A saudosa foz, corra aos Paizes
De Poetico influxo
Onde Homero nasceo, onde Alexandre;
Que, nas margens do Ismeno,
Em Elide, em Olympia extasiado
De Pyndaro recite
Os Hymnos immortaes, e em torno veja,
Estremecer gozosos
As Arvores, o Campo, Outeiros, Fontes,
Que outrora os escutárão
Em dias de esplendor, e hoje aturdidos
Dos barbaros accentos
Do indouto Habitador, do Turco atroce! . . . .
Que sensação promiscua
De gosto, e de pezar, saudade, e assombro
Se apossará desta alma! . . . . .
Rio alli não verei, planicie, ou monte
Ou pelago, ou ruina,
Que d'antigos portentos me não falle! . . . .
Do bicorneo Parnasso
Aos cumes subirei já não canoros! . . . . .
Do Cythéron á sombra

D'Edypo, de Jocasta as desventuras,
D'Antigone a piedade,
Dos Irmãos a sacrilega contenda
Recordarei gemendo!.....
Vendo os destroços do Pyreo, tão ermo
O tremendo Areopago,
Derribado o Pincel, hão de inundados
De lagrimas meus olhos
Presumir que do gelido sepulchro
Merencorios surgindo
Milciades, Themistocles, e Cimon,
E Pericles facundo
Vem accusar degéneres seus Netos!....
,, Onde, Sparta, onde existe
,, Prisco brio d'intrepidos Guerreiros
,, Com que luziste hum tempo?....
,, Termopylas (direi) mostra-me aonde
,, Impavidos pugnárão
,, Sos trezentos Heróes, votando a vida
,, A' patria liberdade,
,, Abarreirando a Persica torrente?....
,, Quero odorosas flores
,, Soltar a plenas mãos no sitio honrado,
,, E em Lusitano metro
,, Hum Cantico entoar-lhe!..... eu vos saudo,
,, Marathona, Plateas,
,, De renome immortal!.... tinto de sangue
,, O Mar de Salamina
,, Cuido inda ver!... como deixaste, Apollo,
,, O teu mimoso Pindo?....
,, E tu, que em solidão d'estiva noite
,, Inda carpindo escutas
,, Da ternissima Sapho a mesta Sombra,
,, Ao menos me descobre
,, Por entre a relva, oh Leucate hum vestigio
,, De teu soberbo Templo;
,, Mostra-me hum Capitel dessas columnas,
,, Que os raros, que escapavão
,, Do fatal salto, miseros Amantes
,, Em torno delle erguião
,, Tropheo religioso! ou dá que ao menos
,, Eu possa recostar-me
,, No túmulo de tantos que morrêrão!....
,, Do Archypelago, oh Filhas,
,, Insulas productoras, leves traços
,, Vosso gremio me offerta
,, Dos quadros de Theocrito!..... nas vozes
,, Das vossas lindas Nymphas
,, A harmonia ouvirei, e os meigos quebros
,, Do culto antigo Idyoma,
,, Que inda em versos de Sóphocles me encanta?.....
,, Visos terão seus Bailes
,, Das antigas Choreas?..... em seu rosto
,, Notarei alguns longes

„ Da formosura d'Helena? .... „ oh dos Vates
Modelo, Pay, e assombro,
Oh cego Lince, oh portentoso Homero,
Como o Sol sempre novo,
E sempre inspirador, e sempre o mesmo,
Cujo berço disputão
Sette Povos rivaes! .... onde foi Troya,
Nesses magicos sitios,
Que inspirárão a Iliada, minha alma
Hirá colher imagens
Para reproduzir nos meus teus versos!
Eu que de noite, e dia
Teu Poema immortal folheio, estudo,
Nelle prestigios novos
Absorto encontrarei, quando, sentado
No verdoso cacumen
Do Ida basti-arbori gero, distenda
A deslumbrada vista
Pelos campos de Troada, marcados
Com as batalhas tuas;
Pela amena extensão de Mysia, e Tracia,
Por longos Promontorios,
Cruentas margens do Scamandro, e Symois! ...
Desandando Evos trinta,
Minha Imaginação das mudas cinzas
Re-ergue os Teucros Muros! ...
Argivos Arrayaes outra vez bordão
As bellicosas prayas;
Mea espada despindo o fero Achyles
Ao Rey dos Reys se attreve! .. ..
No Carro destructor Meneláo vôa,
Lá se trava, e combate
Contra o formoso Adultero, a quem salva
Soccorredora Venus!
Qual em manse Redil dois feros Lobos
Ulysses, e Diomedes
Prostrão de noite adormecidas Hostes
Do miserando Rheso,
E os Cavallos fataes illesos trazem:
Depondo o capacete
Toma nos braços o assustado Infante
Heytor, e ao lado o rosto
De pérolas orvalha a terna Esposa! ...
Lá d'involta prelião
Homens, e Numes! ... qual trovão rebrama
Do ferido Mavorte
Nas cavernas echi-sonas o brado! ...
Eis a Terra se aballa,
Salta Plutão do Throno, e grita, e teme
Espavorido os rayos
Ver do Sol devassar-lhe o Reyno umbroso! ...
Sobre o Athos lá pousa,
Descendendo do Olympo a augusta Juno
Lá Neptuno contempla

De Samotracia os Teucros, e os Achyvos,
Deixa em Imbros seu Coche,
E aos trepidentes Danaos traz auxilio!...
Eis vem Vulcano armado
De devorante incendio, abraza os Rios,
Que já piedade implorão!...
De Crocco, e de Jacintho se matiza
Gárgara, em quanto involto
Em aurea nuvem da Consorte em braços
Saturnio se adormece.
Jaz Patroclo!... Sarpédon, não te vale
De Jupiter ser prole
Que no manto fatal te esconde a Morte!....
Eis do Amigo á vingança
Se arremessa frenetico o Pelida.
Vai o sangue em torrentes,
Destructor como a Peste, prostra, e varre
Os miseros Dardanios!....
Surdo aos rogos da Mãy, Heytor o encontra
E em torno aos Patrios muros
Prezo ao carro do Imigo furibundo
Vai de rojo o Cadaver!
Eis succumbindo aos annos, e aos desgostos,
Por Cylenio guiado
O miserando Priamo de bejos
Cobre a mão homicida,
Que o Filho lhe roubou, e a peso d'ouro
Lhe rime o espolio exangue!
Oh sublime Cantor! quando algum dia
Se extingua este Universo,
Da geral destruição benignas Musas
Hão de salvar teus versos,
Para ao som d'aureas harpas descantallos
Nos Convivios do Empyreo!

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.

(Continuado do N. II. pag. 30.)

Mal póde duvidar-se de que ha alguns acasos venturosos? hum acabâmos nós de ter, porque, pela deducção de nossas idéas, viemos a deparar com Bocage no mesmo ponto em que, na mesma pag. 29, com elle prosegue seus arrasoados o Auctor do Discurso Preliminar: e diz elle „ Hum só Homem dos que vivêrão „ nestes ultimos annos em Portugal era capaz de combater, e

„ de confundir a numerosa turba dos rythmadores sem estro,
„ sem lição, e sem gosto. Era elle dotado da mais fecunda ima-
„ ginação, de huma facilidade de improvisar rythmas apenas
„ crivel; tinha gosto, crítica, erudição, e perfeito conhecimen-
„ to dos Classicos nacionaes e estranhos; e, não obstante este
„ raro concurso de qualidades preciosas, poucas composições ori-
„ ginaes nos deixou nas suas obras, assaz volumosas, verdadei-
„ ramente dignas de admiração, e de servir de norma aos vin-
„ douros. Que faltou pois a Bocage para se elevar á preeminen-
„ cia a que o seu grande engenho o destinava? O ter vivido em
„ outro seculo, e ter poetado á face de hum público capaz de o
„ dirigir por huma san crítica, e de rebater nelle os effeitos de
„ huma nimia fecundidade, a qual, apoucando o estro em ry-
„ thmas, improvisos, e outros jogos poeticos, amortece no Va-
„ te o fogo creador, cujo influxo o pode só exaltar e soster no
„ vôo attrevido ás regiões do bello e do sublime. Não he mi-
„ nha intenção menoscabar o engenho de Bocage, e o merecí-
„ mento de muitas traducções, e de algumas das suas composi-
„ ções poeticas, e a facil versificação e pura linguagem de to-
„ das. Só deploro como Portuguez, e como amigo intimo que
„ fui delle que, de tão raro genio, de tão fecunda, ricca, e bri-
„ lhante imaginação colhesse a Patria tão escassos fructos. „
Ora em primeiro lugar, tirando-lhe o *numerosa*, que neste lugar he hum daquelles epithetos a que Horacio chamava *ambiciosa ornamenta*, isto he, luxo e superfluidade d'estylo; parece-nos que, para *confundir a turba dos rythmadores sem estro, sem lição, e sem gosto*, não se carecia de hum tão esforçado Athleta, ou antes de hum Athlante qual he Bocage em Poesia; pois que, apezar de haver *pedantissimos Fogaças* que por menoscabo o appellidem *Manoel Bocage*, e lhe attribuão estes versos:

Sapos, Tatús, Escorpiões, e ao vellos
Erguem-se a pino súbito os cabellos.

E outras sandices taes; e apezar de alguns outros seus antagonistas de melhor nome, se bem que peccantes por parte da pedanteria; e ainda tambem apezar dos poucos defeitos que em suas muitas composições podem tachar-se, parece-nos que Bocage fez épocha em nossa Poesia, e até nos parece que he este o voto dos Homens intelligentes, imparciaes, e de boa fé. Longe estamos nós de o pertender emparelhar com Francisco Manoel, nem ainda com Garção, ou com Diniz; (1) porém julgamos que

(1) Ainda a estes ajuntáramos Domingos Maximiano Torres, se houvessemos de abertamente assentar a nossa opinião pelo que delle sabemos, e não pelo que de suas obras está impresso; porém attendendo a estas, Torres ficou inferior a Bocage, e não sómente por quantidade, senão que por qualidade, variedade, e amenidade de composições.

Bocage, sendo-lhe aliás inferior por outras condições, he superior a todos os nossos Poetas na contínua elegancia, harmonia, e suavidade, assim de metro como d'estylo.

Em segundo lugar: não sabemos o que quer dizer *facilidade de improvisar rythmas*, e muito menos se a isto ajuntamos o *apoucando o estro em rythmas, improvisos, e outros jogos poeticos*, que logo abaixo diz o Auctor, parecendo deste modo querer significar a differença e diversidade entre os varios *improvisos*, de maneira que huns sejão sómente de *rythmas*, e outros de outros *jogos poeticos*, que tambem parece não poderem deixar de se versos: o caso está intricado, e hum pouco esdrúxulo, e nós confessamos que nos não entendemos com elle. O Auctor protesta *não ser sua intenção menoscabar o engenho* de Bocage, ainda que muito nisto o parece, e muito mais em *deplorar que de tão raro genio colhesse a Patria tão escassos fructos*! Com effeito, se isto não he ironia, parece-o pelo vidonho, e com isso ingenuamente confessamos que nos escandalizámos. Mas, sem que pelo affôgo nos suba o coração á bocca, e visto dizer o Auctor *que foi seu intimo amigo*; agora eu que atéqui tenho fallado hum por todos, deixando o plural Romano, affirmo: que mui devéras fui seu amigo, e que ainda o sou; que ainda amo e respeito as suas cinzas, e que ainda não posso recordar sem mui profunda saudade mais de sette annos..... e oxalá que não fossem tão poucos: de nossa nunca interrompida amizade: Bocage morreo antes dos quarenta annos, e deixou-me com vinte e tres: oh! eu carecia muito de hum amigo de tão bom engenho! e ainda o reconheço, e o choro. Mostrarei pois, por honra da sua memoria, e por desaffogo do meu coração, mostrarei quão descuidadamente a seu respeito escreveo o Auctor deste Discurso Preliminar: serei porém tão amigo da verdade quanto o fui do proprio Bocage, e não occultarei os seus defeitos poeticos.

Manoel Maria de Barbosa du Bocage possuio a melhor parte dos dotes intellectuaes; porque teve hum muito extraordinario talento, hum argutissimo engenho, e huma prodigiosa memoria; facilmente concebia, rapidamente penetrava, e todas as idéas retinha; ajuntando a isto o dom particular de lhe affluirem as proprias, claras, e elegantes expressões de tudo quanto se propunha a referir, descrever, ou representar. A memoria enriqueceo elle com tudo o que no seu tempo havia bom em Literatura, Historia, e Poesia, nas linguas Portugueza, Castelhana, Franceza, Italiana, e Latina, as quaes perfeitamente sabia: a meditada leitura dos bons modelos, e a comparação de huns com outros escriptores lhe apurou o gosto; e como em seu penetrante e delicadissimo entendimento immediatamente frisava o bom e o máo, em todas as suas gradações, eis-ahi formado o excellente crítico, e na verdade o foi. Teve mui ardente e vigorosa phantasia, porém não, como lhe concede o Auctor, *fecunda imaginação*: Bocage creava pouco, ainda que produzia muito,

por isso que tudo facilmente concebia, e, apenas concebido, o expressava com tanta energia, elegancia, e facilidade que nenhuma cousa havia, por mais ardua que fosse, que elle não soubesse em bons versos exprimir: e eis-ahi o porque foi tão excellente Traductor. Teve mui vasta lição dos generos que mencionei, porque a *erudição*, que tambem o Auctor lhe concede, a esses generos se limitava, sendo aliás mui simplices as suas noções scientificas: e eis-ahi tambem o porque os bons entendedores achão as suas composições originaes pouco ataviadas de bom saber. A sua mui facil comprehensão, a sua eloquencia natural e adquirida, e a sua ardente e até vulcanica phantasia erão partes para tudo descrever com graça e energia; porém essa mesma excessiva phantasia, essa nimia facilidade de produzir o desviavão de estudos mais assiduos e profundos; privando-o assim daquella profundez de pensar, daquella intensidade de imaginação que produz os grandes quadros, e distingue os maiores Poetas, taes como por estes principios podemos chamar Camões entre os nossos antigos, e Francisco Manoel entre os nossos modernos.

He isto o que entendo ácerca das faculdades intellectuaes e poeticas de Bocage. Agora quanto ao mérito de suas producções, reservando-me para mais largamente dellas ajuisar em huma Memoria que aprompto dos nossos Poetas Lyricos, direi em summa: que todas ellas são escriptas em huma linguagem vernacula e tersa, energica e elegante, culta e adequada, corrente e graciosa; podendo apenas notar-se-lhe que he pouco phraseado o seu estylo, e de quando em quando algumas tenuissimas imperfeições grammaticaes, e demasiadas anáphoras ou repetições: porém, torno a dizer, he elle superior a todos os nossos Poetas na contínua elegancia, harmonia, e suavidade, assim de metro como d'estylo. Quanto aos generos: he elle o nosso mais elegante Traductor, e o nosso melhor Fabulista; he hum dos nossos mais excellentes Poetas Bucólicos, e Anacreonticos; e hum dos nossos bons Elegiacos, e Epistolares. Quanto ao número: ha impressas as traducções de quatro Poemas didacticos, *os Jardins* de Delille, *as Plantas* de Castel, *a Agricultura* de Rosset, e *o Consorcio das Flores* de Lacroix; outro Poema narrativo, *a expedição de Tripoli*, de Cardozo; tres Tragedias, *Atilio Regulo*, *Vestal*, e *Eufemia*; muitos dos melhores trechos das Metamorphoses de Ovidio, e muitos outros de differentes Poetas: ha originaes, muitos e bons Idyllios, Cantatas, Elegias, Epistolas, Fabulas, Odes e Cançonetas Anacreonticas, Sonetos, Epigrammas etc. E deplora o Auctor *que de tão raro genio colhesse a Patria tão escassos fructos*! Bocage não chegou a contar quarenta annos de sua idade, as suas obras, bem colligidas e ordenadas, formarião bons dez Volumes de 8.º regular: e *colheo a Patria escassos fructos*!

Eu quero acreditar, como diz o Auctor, que *foi seu intimo amigo*; quero acreditallo, porque acreditados devem ser os Homens que assim mostrão tão bom engenho e lição em seus escriptos; e, ainda que nesta parte lhos vejo menos bem apurados

pela reflexão, eu quero acreditallo: mas parece-me então que devia não somente melhor conhecer Bocage, senão até mostrar-se mais zeloso da sua gloria, que desse modo juntamente honraria o Amigo, e a Patria. Não fallo dos improvisos de Bocage, que esses morrêrão com elle, até porque apenas deixou quem mui de longe o imitasse: Bocage não tinha, como diz o Auctor, *huma facilidade de improvisar rythmas apenas crivel*: Bocage tomava-se de huma intima agitação, possuia-se de hum Sibyllino estremecimento, de hum furor divino, e em longa e impetuosa torrente lhe affluião os bons Versos, com copia de nobres e arrojados pensamentos, com profusa erudição, e sustentada elegancia: Bocage improvisando era hum prodigio que eu não espero de tornar a ver, era hum prodigio que ninguem deixou de admirar; e, se as suas composições á banca fossem bellas proporcionalmente aos seus improvisos, Bocage seria o nosso maior Poeta.

Mas sobre isto ajunta o Auctor ao mais dicto „ A elle mes-
„ mo fiz repetidas vezes estas observações, estimulando-o a que,
„ deixando trovas, das quaes, pelo pouco que lhe custavão, el-
„ le fazia pouco apreço, aspirasse a emparelhar, e até a remon-
„ tar acima dos Vates Lusos. Talvez se a morte não tivesse tão
„ cedo terminado a sua existencia, que dócil a estes conselhos, dos
„ quaes elle melhor que ninguem conhecia o valor, teria em-
„ prehendido trabalhos de maior monta, e deixado á posterida-
„ de hum monumento duradouro, digno della, e de seu Auctor. „
Ora isto, aproximado ao *não he minha intenção menoscabar o engenho de Bocage*, vem a ser huma perfeita ironia, e por certo que he bem mal empregada, e bem intempestiva rethórica! O Auctor não pertende *menoscabar Bocage*, porém diz que Bocage *poucas composições originaes deixou dignas de admiração*; diz que Bocage tinha *huma facilidade de improvisar rythmas apenas crivel*, e aos seus improvisos chama *trovas*; diz que Bocage talvez, se não fosse a morte, *teria deixado á posteridade hum monumento duradouro*! Ora pois eu repito-lhe, que Bocage improvisando era prodigioso, e attesto e chamo a juiso todos aquelles que o ouvirão: digo-lhe que o improvisar a miudo he loucura, e até póde dizer-se ridicularia, pelo perigo que nisso ha de dizer frioleiras, e talvez disparates; porém que o improvisar algumas vezes he prova de bom engenho, e que todos os grandes Poetas tem alguns accessos de enthusiasmo, alguns assaltos do estro, em que, por huma nobre e violenta explosão métrica, patenteão o fervor de sua imaginação: se póde, negue o Auctor que fosse Metastazio hum grande Poeta e hum grande Improvisador, do que elle proprio se jacta em seus escriptos; ou pergunte ao nosso Francisco Manoel quantas vezes, por effusão d'alma com os seus amigos, tem perante elles improvisado? Digo-lhe ainda mais: que Bocage em suas composições originaes deixou á posteridade muitos *monumentos duradouros*, e muitos outros em suas bellas

traducções poeticas: nem isto he tudo, porque não só foi elle hum dos nossos melhores Poetas, senão tambem hum dos nossos bons Oradores, do que são clara prova as traducções da Galathea de Florian, dos primeiros dous Tomos do Gil Braz, e ainda outras. Digo-lhe em fim: que a Bocage o que unicamente lhe faltou foi temperança de phantasia, para menos reconhecer a sua superioridade; porque olhe que elle não fazia *pouco apreço* dos seus improvisos tambem nisso o Auctor se engana; Bocage sabia bem o que fazia, e sabia dar-lhe preço; porém, torno a dizer, faltou-lhe temperança de phantasia, para não abusar das proprias forças, buscando antes vigorallas e accrescellas com mais porfiado estudo. Foi isto o que a Bocage faltou, e não, como diz o Auctor, *o ter vivido em outro seculo, e ter poetado á face de hum público capaz de o dirigir*; porque Bocage poetou á face de tudo o que melhor havia em Portugal, e em Portugal havia no seu tempo, e ainda hoje existem muitos Homens abalisados em todo o humano saber.

Talvez quererá dizer o Auctor, que Bocage não compôz Odes Pyndaricas, e ainda das Horacianas poucas boas e nenhuma excellente: mas nem só aquelles que fazem excellentes Odes são excellentes Poetas, e Bocage, em outros generos, levou á Patria, e *deixou á posteridade* excellentes poesias. Talvez tambem quererá dizer, que o *monumento duradouro* de que falla de hum Poema Epico: saiba pois que Bocage, *docil* não sómente aos *conselhos* do Auctor, porém aos de alguns seus verdadeiros amigos, os quaes vião em seus improvisos huma grande ruina de sua saude; pois que elle nesses tropeis de phantasia descorava, affogueava-se, estremecia, cahia-lhe em bagas o suor, e não comia; saiba, lhe digo eu, que Bocage nos ultimos annos de sua vida já raramente improvisava; que, por isso mesmo que havia reprimido e moderado os impetos da phantasia, cogitava de mais longas composições, e tinha projectado huma Epopéa sobre o descobrimento do Brazil: delle escreveo sessenta e tantas oitavas, que com outros muitos manuscriptos forão desencaminhados pela malignidade invejosa, e que não poude continuar opprimido por sua longa e mortal enfermidade. Finalmente, quererá talvez o Auctor fallar de poesia dramática: saiba pois que tambem disso cogitou Bocage, e que disso apparecêrão provas, apezar do descaminho de seus manuscriptos. Por não repetir idéas, remetto o Auctor, ou quem quer que tenha vontade de saber o que nisso em verdade se passou, para o Prologo de hum 5.º volume de — Verdadeiras ineditas Obras Poeticas de Bocage — e veja-se, do que eu ahi digo, póde inferir o que mais por decencia omitto. Referirei com tudo huma anecdota digna de ser sabida.

Ao tempo em que eu aquelle volume collegia, fui abalroado por huma terceira pessoa, para ceder os manuscriptos que ella propria me entregára, visto não serem mais do que huns tenues

fragmentos, e haver outra pessoa..... em cuja mão paravão as obras a que elles pertencião, e propôr-se a tal outra pessoa..... a tomar o trabalho de apresentar a Collecção completa; porém eu, que sabia bem ser aquella mão a de hum antigo, virulento, e acerbo inimigo de Bocage; daquella mesma pessoa..... que, havendo-se apoderado de todos os seus manuscriptos, em vão se encarregára de quanto antes colligir hum outro volume, que se imprimisse em proveito da sua inconsolavel Irmã, Senhora de muito juiso, e que Bocage comsigo mantinha como Homem de probidade: eu que bem sabia ser a mão daquelle mesmo que o melhor delles até então havia occultado, sómente negociando alguns avulsos com que se acabárão de encher dous IV., e hum outro V. volumes, dictos todos elles de = Obras ineditas = porém na verdade contendo muitas já publicadas, e algumas poucas alhêas: eu, que bem sabia ser a mão daquelle mesmo Cynico impudente, que, a titulo de reconciliação com Bocage, se lhe aproximou já ao leito da morte, para com elle practicar a ultima perfidia, e accrescer ainda aquella ao quasi immenso rol de outras infamias, respondi „ Pois bem: venhão essas Obras, de que eu estou bem certo serem tenuissima parte estes poucos manuscriptos que vierão a meu poder, porque vi todos os de Bocage; venhão ellas, que ninguem de melhor mente as poderá ordenar, pois que ninguem foi mais devéras seu amigo „ E guardei-me bem de largar esses poucos que tinha, de que ordenei o mencionado V. volume de Obras na verdade ineditas, e que, assim mesmo poucos, além de serem hum novo abono dos créditos de Bocage, abonárão tambem a verdade com que eu declamei contra o maligno roubador da sua gloria. Isto se passou em 1814, e atégora Abril de 1819, nada mais tem apparecido; nem talvez apparecerá, senão he que a indigna mão em que essas obras paravão está suspensa aguardando melhor ensejo e monção, para talvez com alguns remendos proprios as publicar por taes, que talvez tambem não será essa a primeira Obra com que assim o faça; e esta idéa me induz a prevenir os meus Leitores sobre o mais importante dos extraviados manuscriptos de Bocage, quero dizer, a sua Tragedia = Eulalia.

Já eu disse no citado Prologo, que, de quatro Tragedias que Bocage havia premeditado, só escrevêra hum Acto de = Vasco da Gama, ou o Descobrimento da India = só dous de = Viriato, ou o Heróe Lusitano = e só tres de = Affonso Henriques, ou a Conquista de Lisboa = porém que á = Eulalia, ou a Vingança de Amor = sómente, porque depois de muitas emendas, elle frenetico a rasgára, faltava huma das scenas do 4. Acto, e havia a penultima no 5. incompleta: e, sendo igualmente verdade tudo o mais que a este respeito hei dicto, accrescentarei agora: que na Tragedia = Eulalia = se offerecião em contraste algumas das mais violentas paixões com algumas das melhores virtudes e condições da Humanidade: taes erão a Nobreza opulen-

ta, orgulhosa, e mal intencionada na pessoa de Ramiro, desprezado Amante de Eulalia, com a Nobreza em desfortuna mas virtuosa, nas pessoas de Jayme, Pai de Eulalia, e de Arnaldo, seu correspondido Amante, em quem erão aquellas mesmas boas condições realçadas pelo mais sublime valor; e taes erão o amor e as virtudes idoneas ao sexo, e ao estado de Mathilde, e de Eulalia; a primeira Viuva, e contratada Esposa de Ramiro, porém Amante de Arnaldo; e a segunda ainda Donzella, e rival de Mathilde etc. etc. A acção era toda imaginaria, e sem mais fundamento do que os costumes do tempo da dominação Feudal, nas primeiras épochas da nossa Monarchia entre nós estabelecida na pessoa dos chamados — Riccos Homens. Se eu agora quizesse escrever hum Epigramma, diria que, com differentes fórmulas e quasi iguaes resultados, dominavão então os — Riccos Homens — e agora os — Homens riccos. Porém deixando motes, que mal vem a pelo, certo he que houve quem visse tudo, ou quasi tudo isto que refiro das Tragedias de Bocage, havendo até quem alguma cousa aproveitasse da — Conquista de Lisboa — e cuido que esta idéa geral será bastante para tolher que nenhum maligno roubador da gloria alhea, nem ainda mudando-lhe os nomes ou outra alguma incidencia, ouse publicar por suas as Tragedias de Bocage, e especialmente a — Eulalia — que por certo honraria a Literatura Portugueza.

Desculpem-se alguns amargores, ou acrimonias que possão talvez deparar-se em minha maneira de expôr, de arguir, ou de phrasear; e á boa parte se me tome esta digressão, feita em obsequio de amizade que estreitei com Bocage, e em desaffronta e vingança da sua memoria, pois que sempre deve prezar-se a dos Homens de merecimento.

Vellem in amicitia sic erraremus, et isti
Errori nomen virtus possuisset honestum. (Hor. L. 1. Sat. 3.)

Quizera assim que da amizade aos erros
Lhe puzesse a virtude hum nome honroso.

Moniz.

Continuar-se-ha.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO V.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

A Dança.

A Dança deve, como a Pintura e a Poesia, ser huma cópia da bella Natureza. Hum Baile he hum quadro, a Scena a tela, o movimento mechanico das figuras equivale ás côres, a physionomia dellas ao pincel; o todo, e vivacidade das scenas, a Musica, e o Vestuario formão o colorido, e o Compositor he o Pintor. Porém nesta arte se offerecem ao Artista mais obstaculos para vencer do que nas outras, porque o pincel, e as côres não estão na sua mão, e os quadros devem ser variados, e momentaneos.

Os Bailes, que atégora temos tido são em geral monotonos, e languidos, falta-lhe aquelle character de expressão que lhes serve de alma; nada mais raro do que encontrar genio em sua composição, elegancia em suas fórmas, facilidade em seus grupos, e exaticdão, e limpeza nos meios de que as diversas Figuras se servem. Deverião os Mestres de Dança, se tivessem amor á perfeição, e enthusiasmo pela gloria, consultar assiduamente os quadros dos grandes Pintores: este exame os aproximaria da Natureza. Então melhor instruidos fugirião quanto lhes fosse possivel daquella Symetria de Figuras, que, fazendo repetição de objectos, offerece dous quadros similhantes na mesma tela. Quadros symetricos de direita á esquerda, só podem ter lugar nas entradas de Figurantes, que não tem character algum de expressão, e servem unicamente de dar aos Dançarinos lugar para que tomem a respiração. Tambem poderia caber em hum Dançado geral, com que se termine huma festa em Quartetos, e Sextetos, a pezar de que he ridiculo sacrificar nestes passos a expressão, e o sentimento á flexibilidade do corpo, e agilidade das pernas. Nas scenas d'acção e deve a symetria ceder infallivelmen-

te á Natureza. Quem he que vio symetria em hum rebanho de ovelhas, que foge dos dentes mortiferos do lobo; ou em Camponezes, que desampárão seus cazaes, e campinas para forrar-se ás iras do inimigo, que os persegue? a arte consiste em saber disfarçar a arte. Não presumão que intentamos prégar a desordem, e a confusão; o que nós queremos he que na mesma irregularidade se encontre a regularidade. Queremos engenhosos grupos, sentimentos fortes, porém sempre naturaes. As Figuras só podem agradar sendo apresentadas com ligeireza, e desenhadas com tanto gosto como elegancia.

Huma Dança bem composta he huma viva Pintura das paixões, costumes, usos, cerimonias, e trajes de todos os Povos da Terra, e por consequencia deve fallar á alma pelos olhos. Dança que he fallida de expressões, de quadros vivos, e de situações fortes fica necessariamente sendo hum Espectaculo monotono, e fastidioso.

Como as Danças entrão na ordem das Representações, devem reunir as Partes do Drama. De ordinario não ha sentido algum nos assumptos que se tratão em Dança, e são hum apontoado de scenas desligadas, e tão confusas, como desagradavelmente conduzidas. He com tudo em geral indispensavel a observancia de algumas regras. Todo o assumpto de Baile deve constar de exposição, nexo, e solução. *Continuar-se-ha.*

ARTIGO II.

POESIA.

ODE

Aos Lyricos Portuguezes.

Cur facunda parum decoro
Inter verba cadit lingua silencio?
Hor. L. 4.º Ode 1.ª

Esmoreceo-me: o fogo da Poesia
Só prende rutilante
Pelo arrayal dos corações viçósos.
Se a testa se espaceja,
Porque já de cançada a Natureza,
Como n'arêa ás plantas,
O nutritivo succo ás tranças nega;
Da tarda Phantasia
Perdem a rama as affroxadas plumas,
Gelão-se os montes do Estro,
E as altivas a mente desamparão
Idéas arrojadas.
Eu, que logo a virente puberdade
Emmurcheci, cuidoso

Com mágoas encetando o soffrimento;
Eu, a quem prematura
A velhice a cabeça despovôa,
Como hei de des-involto
Em luminosos vôos desmandar-me
De Pyndarico arrojo;
Se, bem como hum regato pelo estio,
A já mingoáda vêa
Parcas agoas murmúra, que saciem
Minhas Piérias sedes?
Oh! com que inveja, alti-loquo Filinto, (1)
Leio, e re-leio ancioso
As, de-ley-soltas com feliz audacia,
Cadencias que bebeste
Nas proficuas de Pyndaro, e de Horacio
Lições, que superaste!
Odes, que do Saber, do Engenho ao cunho
Verbi-ditoso fórjas,
Deixão muito após Ti quantos nas azas
Da Lyrica ousadia
Colhêrão doutos no bicorneo Monte
Os tão difficeis louros.
Nada menos por letras que por armas
Verendo, e venerando,
C'os seus os outros levaria Cysnes
Mui de-vencida o Tejo,
Se a algum, que não a Ti (depois das éras
Tão saudósas ao Tibre)
Confiára Apollo delegado o sceptro
Da Lyrica harmonia.
Arroja-se, e troveja, e se desmede
De Pyndaro na esteira,
Como o Vesúvio em lávas ferve, ondêa,
E como zôão, fremem
Nos campos de Neréo pugnando os Euros
Elpino; ou já de Teios (2)
Segue o velho Cantor, que moço em estro
A Baccho, e Cytheréa
Votou delirios melico-jucundos.
Suave quão sublime
Canóro Corydon desfere encantos (3)
Na Lyra de Venúsia;
Com Flacco, e Juvenal flagella os Vicios,
Ou laurêa a Virtude.

---

(1) Quem não conhece o Padre Francisco Manoel, especialmente por suas Odes immortaes?

(2) Elpino Nonacriense: o Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Sylva.

(3) Corydon: Pedro Antonio Correa Garção.

Ora com Grego plectro, ora Latino
Alfeno cadencêa (1)
Lidados sons de melodia estrême:
E o Duriense Elpino, (2)
Nobre Alumno de Sóphia ás Musas charo,
Em varios modos douto
Com phrase castigada e culto metro
Sôa de Horacio a Lyra,
Que destro imita, e que traduz ditoso.
No aureo seio da Gloria
Pousai, dormi, c'roadas de renome
O' Sombras venerandas
Do divino Camões, sábio Ferreira,
Suavi-loquo Bernardes,
Miranda, Alv'res, Caminha, e Veiga, e Lobo. (3)
Pousai, dormi vós todos
Claros phanáes das re-lembradas eras
Que, em letras e armas grande,
Portugal assombroso abrio ao Mundo,
Por entre irados medos
Do acapellado incognito Neptuno,
Caminho a novos Mundos.
Pousai, dormi de Almeno (4) e Alcino, ó Sombras; (5)
Almeno, que sisudo
De Seneca as lições em metro exornas,
Na Portugueza Lyra
Relustrando os prodigios Sulmonenses:
Alcino, delicado
Dos Amores Cantor, Cantor das Graças,
Que os gados, e os pascigos
Facil como Theócrito descantas.
Com sôcegado somno
De amoroso deleite, pousa, e dorme
Rival de Anacreonte,
Como Sapho Cantor, como ella Amante
Dirceo, que por teus Versos (6)

---

(1) Alfeno: o Bacharel Domingos Maximiano Torres.

(2) Elpino Duriense: o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos.

(3) Nossos mais excellentes Lyricos antigos; e o primeiro delles Camões, não menos divino Poeta Lyrico do que Epico.

(4) Almeno: Frey José do Coração de Jesus.

(5) Pelo anagramma de Alcino todos se lembrão de Domingos dos Reys Quita, o nosso Gessner, o nosso mais excellente Poeta Bucólico; porém eu com saudade me recordo de outro Alcino, Joaquim Severino Ferraz de Campos, Homem amavel, e Poeta ameno, como provão as poucas Poesias que deixou impressas, e que difficilmente se deparão, não as largando aquelles que as tem, porque as estimão.

(6) Dirceo: o Magistrado Thomaz Antonio Gonzaga.

Deste em Marilia invejas a Dióne:
Tu, pensador Thomino, (1)
Dos encantos de Lesbia mal-vingados,
Da Paz, da Escuridade,
Da Doença, e do Sol Cantor sublime:
E Tu, meu charo Elmano, (2)
Que ao teu (por Ti erguido a Vate) Oleno
Inda ao fim de tres lustros
Os magoados olhos humedeces
De saudoso pranto!
Tu, parceiro dos bons, melhor que muitos,
Que solerte engrazaste
Na Parnássida c'rôa Lusitana
Joyas d'estranho custo,
Sobre a harpa Sulmonense modulando
Como no Olympo os Numes!
Repousado no throno da Harmonia,
Por Ti de extremo apúro
Nas Canções Portuguezas sonorósas,
Dorme chorado Amigo;
Dormi vós todos, Délphicos portentos
Do em tudo eximio Tejo:
Dormi folgados sem temer que hum Vate
Vos leve estranho as palmas.
Vivem para vingar-vos poetando
Quantos caber não podem
Nas linguas sette da facunda Lyra!
Profundador Monteiro, (3)
Na dextra ora o compasso, agora a pluma,
De Urania grão Valído,
A Ti, fonte de luz, ó Phebo, vota
Meli-sonos delirios:
Belmiro os Hymnos Thyoneos entôa: (4)
Campello, (5) e Evangelista (6)
Nos aureos tons de Euterpe cadencêão.
Mais árduo vibra o plectro
Com válido, Filintico despejo
Ismeno auri-fallante; (7)
E, acrysoladas com saber profuso
Abrindo as fontes do Estro,
Inflammadas copioso precipita
Metri-sonas torrentes.

---

(1) Thomino: Thomaz Antonio dos Santos e Sylva.
(2) Elmano: Manoel Maria de Barbosa du Bocage.
(3) O senhor Francisco Xavier Monteiro.
(4) Belmiro: O senhor Belchior Manoel Curvo Semmedo.
(5) O senhor Antonio José Campello.
(6) O senhor Doutor João Evangelista de Moraes.
(7) Ismeno: O senhor João Vicente Pimentel Maldonado.

Aguia perdida por além das nuvens
A luz de clima e clima
Bebendo, e dardejando em metro idóneo,
Hombrêa os mais soberbos
Sylvio, que alterna por affouto estylo (1)
Téios, Venusia, e Thebas:
E, com rosto senhor, de Apollo imagem,
Sobrepujando a turma,
Inda maior que a Fama, e que as Idades
O grão Filinto, o Cysne
Que por todo o Apollineo espaço as plumas
Distende fulgurosas.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.

(Continuado do N. IV. pag. 52.)

„ A poesia dramatica, em que nunca fomos riccos (prose-
„ gue o Auctor, pag. 30) está reduzida hoje a barbaras traduc-
„ ções de Auctores de pessima eschola: as que se fizerão dos bons
„ estão ha muito proscriptas pelo Vulgo ignaro: as obras origi-
„ naes são poucas, e nenhuma de grande merecimento. „ Ora o Auctor certamente não ignora, que as positivas asserções, e absolutas affirmativas são todas aventurosas e arriscadas, muitas vezes offensivas, e algumas escandalosas; mas parece agora haver-se esquecido disto, que nós aliás julgamos dever sempre estar bem presente na lembrança de todos os escriptores.

Que *nunca fomos riccos em poesia dramatica*, infelizmente he mui verdade; e, em obsequio della, devemos tambem confessar, que he deploravel o estado dos nosses Theatros, onde ha tempos temos visto harta dramataria, bem capaz de matar nos espectadores todo o appetite de similhantes espectaculos, e de tirar a vontade de escrever a quem quer que disso alguma cousa entenda, por mais que seja affeiçoado a esta bella Arte, juntamente util e deleitosa: harta dramataria, escripta em linguagem bastarda, sem sombras d'intelligencia d'arte, sem gosto, e até sem-

---

(1) Sylvio: O senhor José Maria da Costa e Sylva.

decencia: harta dramataria, mingoada em todas as partes de sua execução, assim pelos Auctores como pelos Actores, porque de huns e de outros mui raros estão sendo os bons: mas nem por isso he menos certo que de quando em quando, e dos differentes generos, alguns bons Dramas tem apparecido, assim originaes como traduzidos; ou mistos de traducção e composição, por maneira que quasi se podem dizer originaes; e alguns delles, inda que poucos, escriptos em bem corrente e pura linguagem Portugueza: e nem tambem por isso he menos falso, que esteja a nossa *poesia dramatica reduzida a barbaras traducções, poucas obras originaes, e nenhuma de grande merecimento.*

Já nós não queremos fallar-lhe dos Poetas Dramaticos existentes, ainda que de mais de hum com vantagem o poderamos fazer; e isso rejeitamos porque lemos o nosso Ovidio, e lembra-nos o *pascitur in vivis livor:*

Sobre os vivos a inveja se apascenta:

porém ao menos não quererá o Auctor contar por boas as Tragedias originaes de *Castro*, por João Baptista Gomes Junior; e de *D. Sebastião*, por Thomaz Antonio dos Santos e Sylva? ao menos não quererá contar por boas aquellas que traduzio o mesmo Junior, o mesmo Santos e Sylva, o Desembargador José Pedro da Camera, Antonio Soares de Azevedo, e Bocage? e não quererá ao menos contar por boas algumas das Comedias de Antonio Xavier, e do mesmo Soares?... he valente não querer! „ Sim quero, mas pouco tenho visto disso „ dirá talvez o Auctor: então (responderemos nós) se não vio estas, nem outras de que não fallamos, para que faz huma tal e tão absoluta, offensiva, e escandalosa affirmativa?

E ora ao coutado do *Vulgo*, que faz o que lhe mandão, e acceita o que lhe dão, para que ha de lançar-lhe tão intempestivamente o improperio de *ignaro*, assacando-lhe a culpa de por elle estarem *proscriptas as traducções dos bons*? Se algumas o estão, a culpa não he do *Vulgo*. He certo que algumas vezes approva, ou applaude o Povo, sem saber porque; e que assim mesmo condemna outras muitas, ou patêa; mas, referindo isto aos Theatros, por cada huma vez que o Povo assim o faz, tem elle já soffrido pelo menos hum cento de pestiferos dramas, e enojósas declamações; e a verdade he, que, em geral, o Povo folga, e applaude quando lhe offerecem o bom, e quando lho não dão, anda inquieto e sequioso, murmura, e rósna, e ralha, e tem rasão: quer huma prova? ora pois note. Bem sabe que o *Fayel*, Tragedia d'Arnaud, não he muito boa cousa, nem muito má: foi ella ha annos representada em Lisboa, e apenas menos-mal acceita; porém vai agora, lembrou-se não sei quem de a tornar a pôr em

scena, e foi accolhida com tanto applauso que esteve para vir abaixo o Theatro! E qual he a rasão da differença deste acolhimento? he porque então, quando ella primeiro se representou, acostumado a vêr bons Dramas, e melhor desempenhados, por alguns bons Actores que a morte nos tem levado, desdenhava o Povo aquelles que erão somenos: porém agora que ella tornou, estando o Povo longamente enfadado de enxertos dramaticos, tão informes, tão mestiços e bastardos que mal sabemos nós o nome que lhe devemos dar; agora que os nossos Actores são mais em número e menos em qualidade, porque a maior parte e quasi todos elles não sabem o que devem fazer, nem querem que lho ensinem, e ainda menos querem estudar e devidamente ensayar-se; agora o Povo, cançado do que he ruim, applaude o que he menos máo. E então he *Vulgo ignaro*? não tem elle nisto muita rasão?

Tem rasão, rasão demais:
Ah! senhor (lhe torna o triste)
Tella-hei eu nos Tribunaes? —— (*Bocage*)

Vendo o labéo com que o Auctor tachou o innocente Povo, imaginámos estar ouvindo outros que por cá dizem „ O Povo não quer Tragedias, não quer Peças sérias, não quer Dramas de sentimento; quer Comedias, quer Peças jocosas, quer Farças, não quer chorar, quer rir. „ Aqui d'El-Rey, senhores (gritamos nós) o Povo quer o que he bom: sejão Comedias, sejão Tragedias, com tanto que sejão boas, bem escriptas, e bem representadas; dèem-lhas, e o Povo concorrerá; dèem-lhas, e o Povo applaudirá. „ Porém que ha de ser, se os mui poucos que nisso laborão, isso amão, e disso entendem, são desgostados, são offendidos, são arredados por principios diametralmente oppostos ao bom fructo que a pública educação e costumes podem, e devem colher da eschola dramatica? E falla o Auctor *de Auctores de pessima eschola*! parece-nos que melhor diria, se dissesse *nenhuma eschola*; porque realmente, n'Arte Dramatica, póde dizer-se que estamos sem nenhuma. Porém deixemos isto, que he materia vasta, e assumpto de tantas péchas que mal cabe neste lugar: se nos não der o pêco, mui provavel será que alguma vez com elle algumas paginas occupemos.

Continúa o Auctor „ A poesia Lyrica morrerá com Filinto: „ entre os Poetas que hoje a cultivão nenhum promette consolar „ a Patria da perda que em Garção, Diniz, e Torres experi- „ mentou, e daquella de que a ameaça a provecta idade do ex- „ cellente Francisco Manoel. „ Eis-ahi temos outra asserção! e esta, se nos não enganamos, he ainda muito peor; pelo menos, certamente não he ella de *consolar a Patria*. Cuidavamos nós que, da Arcadia para cá, e afóra os Arcades, alguns bons

Poetas Lyricos podiamos contar: cuidavamos que, já quando o Auctor sahio de Portugal, alguns devia conhecer: cuidavamos que já poderião ter-lhe chegado alguns dos livros, ou folhetos impressos nestes ultimos annos: cuidavamos que, sendo a Lyrica o genero de poesia em que só podemos offrontar todas as Nações, sem receio de que por ellas fique o vencimento; e sendo esta a mais análoga á nossa indole e character Nacional, pois que de natureza somos altivos e arrojados, ao menos por isso pudesse o Auctor algumas boas esperanças conceber: muita cousa cuidavamos nós, mas já bem claro vemos que em tudo nos enganámos! a épocha tem sido toda de phenómenos, e ainda vem agora este dar-nos mais huma chamuscada.

Certo não cuidavamos, nem pertendiamos nós que o Auctor esperasse vêr igualado Francisco Manoel; pois, se na Grecia houve hum só Pyndaro, e se Roma teve hum só Horacio, que muito he que em Portugal haja hum só Francisco Manoel? porém não achar nenhum bom moderno em poesia Lyrica, porém achar que *entre os Poetas que hoje a cultivão nenhum promette consolar a Patria*, he com effeito, he ser bem infeliz em achados! Pela mesma já dicta rasão, não queremos tambem fallar-lhe dos Poetas Lyricos existentes, posto não nos faltar de quem, e especialmente de hum que ainda só imprimio duas Odes avulsas, a primeira com que deo pasto aos zoilos, e a segunda com que a todos pôz mordaça; e em boa e núa verdade lhe dizemos que está elle tão perto desses bons que o Auctor cita, quanto nós estamos longe de ser Pigmeos, porque olhe que somos Homens de mais de mediana estatura. Mas, sem fallar dos vivos, como tambem Ovidio diz que *livor post fata quiescit*,

Contra os mortos a inveja não se irrita,

vamos pelo caminho mais seguro: ainda que haja nisso suas excepções, ou senão que o digão as cinzas de Camões inquietadas, revolvidas, e profanadas por hum zoilo tão assanhado, por hum tão ridiculo *Fogaça* que ousa escrever e imprimir, *que o Adamastor he o maior destempero entre os grandes destemperos de Luiz de Camões*! Porém *vade retro*, ponhamos fóra o *Fogaça*, já que entrou neste lugar como besta em seára, ou ave de agouro em Camera de enfermo.

Quanto ás poesias de Bocage, não ha dúvida que o Auctor conhece algumas: quanto ás do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos tambem parece conhecellas, segundo os elogios que faz de seu Auctor; e tambem só por estas parece conhecello, e não pelas suas prosas, segundo a rasão que ao diante exporemos: desejáramos porém saber, se o *Auctor* não conhece, ou se não quer ter em conta as poesias de Almeno (Frey José do Coração

de Jesus) colligidas e publicadas pelo mesmo Antonio Ribeiro, que mais esse bom serviço fez ás nossas Letras; as de Nicoláo Tolentino, que he outro Sá de Miranda; as de Dirceo (o Magistrado Thomaz Antonio Gonzaga) que he o nosso Anacreonte, com muitos bons laivos de Horacio; as de Thomaz Antonio dos Santos e Sylva, que he hum dos nossos Poetas de mais vasto saber, mais profundos pensadores, e com o positivo cunho da originalidade; as de Antonio Soares de Azevedo, que bem se mostra escholar de Francisco Manoel; e emfim as de alguns outros que, posto sejão atégora poucas em quantidade, não o são em qualidade, e boa mostra dão de seus Auctores, e boas esperanças induzem a conceber? Pois olhe que nenhum delles foi Arcade: e isto desejáramos saber só por conhecermos a verdadeira causa que o moveo a tão livre e soltamente estender por escripto esta asserção.

Parece, ouvindo o Auctor, que mais lhe não tem chegado do que a *Ode á ambição de Bonaparte*, e outros taes abortos, ou assuadas e deslavamentos Lyricos do mesmo Auctor, ou de algum seu gordo e papalvissimo apaniguado: mas por ventura, ou por desventura seria crivel que, se o Auctor conhecesse aquelles que nomeâmos, e os que mais deixamos em silencio, com os quaes lhe não ha de faltar que veja, se tambem a este respeito quizer vêr; seria crivel, dizemos nós, que ainda com tudo isso não houvesse na opinião do Auctor algum que por seus bons escriptos promettesse *consolar a Patria*? Não: estamos antes persuadidos de que, se o Auctor conhecesse os que existem, e tivesse lido o que ha impresso, facil se desceria desta sua opinião. E *a poesia Lyrica morrerá com Filinto*? Não, por certo que *não morrerá*, ousamos nós assegurar-lhe: soffrerá huma grande perda, huma perda mui difficil de reparar, porém *não morrerá*: por tão falsa temos nós essa idéa como se dissesse „ Portugal está enfraquecido e attenuado, facilmente o poderá engolir a ambição de qualquer Despota „ contra ella possuimos a ingénita força de reacção, com que triumphâmos de todos os casos adversos; e para produzir boas poesias Lyricas, temos nobres engenhos, e bem cultivados.

Continuar-se-ha

Moniz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N.º 3, pag. 40.)

Depois desta memoravel victoria, alcançada aos 29 de Ja-

neiro de 1384, levou D. Nuno de assalto a Villa de Arronches, onde deixou presidio; e depois de se lhe entregar Alegrete, passou a Estremóz, e logo a Evora, para mais do coração da Provincia accodir presto aos damnos de que por todas as partes se via ameaçada. Alli recebeo mui honrosa Carta do Mestre de Avís, e por ella sabendo que no Porto se aprestava Armada, para hir a soccorrer Lisboa contra outra formidavel de Castella, marchou logo com 200 lanças, despachando aos Cabos maiores hum Correyo, para que hum pouco o aguardassem, que lhes promettia não perderem monção; e tanto forçou a marcha que antes de 5 dias chegou a Coimbra: mas invejas o não deixárão aguardar, e alli soube que a Armada levantou ferro, e que, não podendo marear-se com os temporaes, arribára a Buarcos, onde despachou outro Correyo, e outra vez em vão. Por tanto arripiou caminho, e, sabendo que no Crato se ajuntavão Tropas para engrossar o Exercito Real, no qual já picavão as doenças, e que de Santarém passavão algumas Companhias ligeiras, conduzindo a Castella enfermos, ou convalescidos; mandou logo vadear o Tejo, e marchar á Ribeira de Alperregão, e naquelle sitio se emboscou, deixando em hum alto algumas sentinellas baqueadas em terra, que descobrissem a campanha; e logo sendo avisado que pela estrada da banda de Santarém discorria huma grossa Partida Castelhana, deo sobre ella de improviso, e, com morte de 80, pondo em fugida os demais, marchou na volta de Evora; e, porque de fresco havião entrado em Badajoz alguns Fidalgos com 300 lanças, marchou a elles, que o esperavão formados nas margens do Guadiana, onde rompeo a batalha que durou renhida e duvidosa, até que D. Nuno, acommettendo-os pela frente, os desordenou, e elles appellárão á fuga, deixando 200 mortos ou prisioneiros.

Tornou D. Nuno a Evora, e, sabendo que no Crato estava hum Exercito de 2 mil e 500 Lanças, 600 Cavallos ligeiros, e muita Infanteria, foi demandallo com mil e 500 Lanças montadas, e 5 mil Infantes: retirárao-se os Castelhanos, recusando o combate: segunda vez os commetteo, e então, com perda de bagagens, se retirárão descompostos a encorporar-se no Exercito do cerco de Lisboa; de cujo aperto foi D. Nuno avisado pelo Mestre de Avís, dizendo-lhe „ Que com todo o poder daquella Provincia marchasse ao Montijo ou Aldea-Gallega, onde resolvia passar-se, para com elle concertar as disposições da batalha que intentava arriscar „ Com o que levou D. Nuno o seu campo até Palmella, e dalli se foi a Aldea-Gallega, a segurar o desembarque ao Mestre de Avís; porém como elle tardasse, marchou sobre Almada, senhoreada pelos Castelhanos, que venceo em mui perfiada peleja, dando aos nossos Soldados livre o saco daquella Villa, ricca com o deposito de muitos roubos.

De Almada se tornou D. Nuno a Palmella: mas depois de 4 mezes e 27 dias que durára o sitio de Lisboa, levantando El-Rey de Castella, aos 15 de Septembro, mui diminuido o seu campo, e deixando a Armada surta no rio, resolveo D. Nuno passar a Lisboa; e, com alguns poucos, sem mais apresto que as armas, sahio huma noite em dous barcos a bocca do Montijo com vasante de maré, vento feito, e forçados os remos: mareavão os Arraes a furto das espias Castelhanas, quando lhes mandou que arribassem sobre a Armada; e, rodeado de embarcações inimigas, fez tocar os clarins, e outros instrumentos marciaes, a cujo estrondo se puzerão em armas confusos os Castelhanos: e mais confusos ficárão, e sem nenhuna cousa ousar, quando, ao bradarem por quem era, se lhes respondeo „ D. Nuno Alvares Pereira.

Continuar-se-ha.

Moniz.

Por mais desvélo que se ponha em evitar os erros de typo, elles são inevitaveis: além de outros, vem no N.° antecedente, a paginas 43 Pincel, em vez de Pecil; e este erro notamos por ser daquelles que facilmente não podem attingir todos os Leitores, a cuja intelligencia deixamos as demais correcções.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

A Dança.

(Continuado do N.º 5. pag. 54.)

A Variedade he o attributo essencial de huma Dança: os incidentes, e quadros que resultão della, devem seguir-se com rapidez; se a marcha da acção não he rápida, se a attenção enfraquece, se o fogo não se communica igualmente a todas as partes, se não acquista novos gráos de calor, ao passo que se desinvolve a intriga, he certo que o plano he mal combinado, e concebido; pecca contra a Poetica do Theatro, e não faz effeito nos Espectadores. Não ha porém defeito tão capital como querer associar generos contrarios, misturar o Sério com o Comico, o Nobre com o Trivial, o Galante com o Grotescho. Estes quotidianos, e grosseiros defeitos accusão o compositor de falta de juiso, e de mediocridade de genio, de gosto depravado, e de crassissima ignorancia. O character, e genero de hum Baile não devem desfigurar-se com Episodios de character, e genero diverso, e muito menos opposto.

Todo o Baile complicado, e difuso, e cuja acção não corre limpamente, e sem tropeços, e que para entender-se necessita de que se recorra a hum Programa; todo o Baile que se não compõe das tres necessarias partes exposição, nexo, e solução, nunca será (fazendo-lhe muito favor) mais do que hum frivolo divertimento melhor, ou peor dançado, despido de expressão, e character, e só proprio para interter crianças, e parvos. Confessamos que a expressão mechanica da Dança tem subido a hum grande ponto de perfeição, e que algumas vezes tem graças; porém a graça não he mais do que huma parte desta Arte: a brilhante facilidade, e encadeamento dos passos, as difficultosas opposições das pernas, e braços, não são, fallando em rigor, mais do que o mechanismo da Dança: o Bailarino, ou Bailarina

mais idyotá póde adquirir esta perfeição, que só depende de méro exercício, e da maior, ou menor flexibilidade muscular. Quando estas cousas não são adoperadas pelo Espirito; quando o genio não dirige estes movimentos todos; quando o sentimento, e a expressão lhe não dão forças para commover, e interessar, fica o Espectador tranquillo, e desgostoso a pezar de quantos applausos der á execução. *Continuar-se-ha*

ARTIGO II.

POESIA.

FABULA.

O Cão, o Pato, e o Melro.

Mastim furioso,
E desaçamado,
Pulando, e latindo
De raiva babado;

Na féra investida
Rosnando entre dentes,
E as prezas mostrando
Com olhos ardentes;

Tentava a cabeça
De hum Pato aboccar,
E, os dentes batendo,
Mordia no ar:

Que o Pato mui quêdo
De bico enristado
Lhe dá no focinho
Em vão reganhado

Gotejão feridas,
O Cão se exaspera,
Repete os assaltos,
E mais se lacera.

„ Vai, louco (lhe brada
Hum Melro que via
A desatinada
Cruenta porfia)

„ Debalde derramas
Veneno, e furor:
Do louco o assisado
Sempre he vencedor.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Presumpções.

(Continuado do N. 13. pag. 134. do 2. Trimestre)

De tão poucas que bem escriptas apparecem, sempre eu tive irra, e teiró com as críticas, e mui raras se me tem escapado do bico da penna, sómente a hum pantafaçudo de Beja tenho feito a honra de hum par de esfregas, que, com bem o digamos, são humas minudencias em comparação do seu merecimento: faça-lhe

muito bom proveito!... Mas, salva tal lugar, arreda nós, Deos nos livre de tentações: eu não quero agora fallar do tal selvagem, nem de outro algum em particular; só quero zombetear hum pouco, debicando em geral, pelo que, torno a bulir na borbulha das presumpções.

A presumpção he a bemaventurança dos pedantes, e dos hypócritas: estes que seu de natural são vis, pois tanto he necessario para serem malvados professos, e o mesmo vem a ser, ou antes são synonymos perfeitos, os malvados professos e hypócritas; estes, digo eu, scelerados no coração quanto religiosos na apparencia, por mais que delles mofem os Homens cordatos, por mais que se ria o Mundo, mui satisfeitos de si, porque sempre esperão de embair alguns zótes, avanção affoutos pela estrada do desaforo, com voz de Stentor apregoando as suas proprias virtudes,

E, a cada berro minorando a turba,
Comprão n'Aldêa do Barbeiro o voto.

Os pedantes a si proprios exclusivamente se admirão, e, quando todo o Mundo os apupa, applaudem-se elles a si mesmos: os engenhos mais mediocres são esses que se julgão mais superiores, quando aquelles que na realidade o são, posto que alguma vez as reconheção, outras muitas desconfião das proprias forças: a differença dos talentos he a mesma que se nota no saber, sendo os mais jactanciosos aquelles que menos sabem; e eis-aqui o que repetidamente ensombra a gloria das Sciencias, porque o pouco saber dá presumpção, e dá o muito a modestia. He esta huma das mais excellentes virtudes, e huma das que mais ostentão assim os hypócritas como os pedantes, sendo aliás huns e outros *irritabile genus*, raça de vibora, igualmente irritavel e venenosa; que, se algumas frisantes ironias, ou ainda algumas sensatas reflexões amostrão tenuissima parte de seus erros, ei-los ahi, babando-se de raiva, com furor de cão damnado aboccanhando tudo e todos, e appellando á calumnia, e aos demais infames recursos da malignidade: logo em sua voz o Homem desabusado he irreligioso, o pensador he revolucionario, e o crítico sensato he disseminador de perniciosas doutrinas; logo em tudo estabelecem dogmas, tendentes a seus fins; logo em tudo achão tenções sinistras; só elles se dizem verdadeiros amigos da Patria; só elles são uteis, e serviçáes á Religião, e ao Throno! e tudo isto porque? porque lhes disserão a verdade, e, á falta de desculpas e boas rasões, appellão á violencia, provocada pela calúmnia.

Mansos ou enraivados, de todo o modo os hypócritas, e os pedantes tem na sua presumpção a sua bemaventurança: apparece hum *Codro*, hum *Chérilo*, hum *Thersites*; aquelle, com presumpções de Tácito ou Livio, lança rasgadamente a penna,

e diz que huma das mais famosas revoluções rebentou, fermentada pelas sementes que de antemão lançára hum tal *D. Trifonio*, Homem reconhecidamente incapaz de alguma cousa pôr em fermentação: e porque modo faz este conto, e outros taes o novo Historiante? em hum estylo tão laxo e por mil modos vicioso, que ao leitor cahe o livro das mãos, tomado de somno pela inepcia do Auctor, ou o arroja aborrecido por sua pouca verdade! mas pouco lhe dá disso o *Côdro*, que campea apavonado dizendo em si,, Eu sou hum Historiador, quando menos, capaz de abarbar o Menezes no seu Portugal Restaurado; sem fallar de Barros nem Couto, nem dessa récua de antigos Chroniqueiros, que fallavão sinceros e agallegados, como ainda vejo algum que se lhe mette em cabeça de assim escrever, mostrando em algumas poucas pennadas a boa vontade que tem de mais largamente o fazer.

Sahe-se *Chérilo* com o commentario de humas Poesias..... oh! a linguagem não he das peores, sempre vale mais que a de *Côdro*... para isso pouco basta: mas que vem a ser tamanho aranzel de notas? segundo o número dellas, parece que nada deve faltar para intelligencia de todas as idéas, e conhecimento de todas as bellezas do Poeta..... pois nada disso: he hum monte de retalhos de varios Historiadores, e Diccionaristas, e ainda isso com suas máculas e descuidos: e as notas e observações poeticas? ficárão no tinteiro, á excepção de algumas que fez o proprio Poeta: e as memorias relativas á pessoa do mesmo Poeta? tambem ficárão no tinteiro: e o texto está limpo e correcto? meu Deos, meu Deos! o melhor he não fallar nisso: das variantes estão quasi sempre adoptadas as peores, não estão corrigidas as imperfeições que levemente escapão no calor da composição, e nos lugares onde foi correcto está empeorado, por maneira que não sómente se depárão versos duros, senão até alguns errados. Sendo isso assim, guarde Deos o Senhor Commentador, que em vez de hum commentario alinhavou huma frioleira: frioleira para os instruidos, porque em nada veio augmentar a massa dos seus conhecimentos; e frioleira para os ignorantes, porque assim mesmo os deixou, dando-lhe apenas quatro lambuçadas pedantescas. Oh! não, isso nada importa: *Chérilo* he muito erudito, porque tem mexido muito livro, e, de ha hum seculo para cá, a todos d'entre nós torce o nariz.

Pois *Thersites*? oh! esse he figurão muito mais recomendavel do que *Côdro*, nem *Chérilo*: estes dous são só pedantes, porém *Thersites* he amplissimo senhor das mais refinadas condições da hypocrisia, e pedantismo: desúnha-se em Críticas, Oratorias, Poeticas, e Philosophias; e toda esta moxinifada, escripta em phrase de enxacôco, se reduz essencialmente a dous pontos, maldade, e presumpção: desmanda-se em louvores proprios, sem os deixar á conta alhêa, por nisso correr grande risco.... presumpção: dá erros ás pilhas, que ao menos em parte pudera

evitar.... presumpção: estoura em continuos improperios.... maldade, e presumpção; presumpção, porque os solta julgando-se em letras a todos os Homens superior; e maldade, porque os solta querendo por esse modo vingar-se de quem como elle não julga, porque bem o conhece; e nescio he aquelle que pelo dedo não conhece o gigante. Sim? pois vai-lho lá dizer, e vêlo-has assanhado buscando as appellações de que indagora fallaste. Boa novidade he essa! e que outra cousa ha de elle fazer, se cada qual he como cada hum? nisso cumpre elle com as obrigações de quem he; mas, como por quem he já todos o conhecem, que me vai nisso a mim? quem he que estranha o ver hum cão ladrar, ou morder; nem que huma mula faça him, e dê couces? e quem se não ha de rir de ver hum salafrario (por lhe não dar os mais nomes que lhe competem) hum salafrario como *Thersites*, em tres mil sandices que escreve, assentar mui ancho que produzio outros tantos prodigios do engenho e saber? quem se não ha de rir de o ver com huns poucos de calhamaços de versos, mais somniferos do que Tintura Thebaica, ou Extracto de Dormideiras, presumir de Poeta excellente, grandissimo, inimitavel! E tambem incomparavel? Tambem, sim senhor, tambem. E o Camões onde fica? Oh! bagatella, bagatella, *estatua velha, e todo até ao embigo e os baixos prosa*!.... Diabo, diabo, não vês que póde haver quem se dôa? Visto isso não queres que me ria? pois olha, o caso he para isso, assim como quasi todas as presumções, e não sei onde se hajão de deparar algumas de que não possão descobrir-se alguns exemplares,

Porque no Mundo para tudo ha gente.

mas dahi que se segue? O que? ora eu to digo: se por acaso houver alguem que se dôa, com alguma destas regrinhas assim escriptas correndo, esse tal das dôres, ou dos alhos (porque, quem se queima alhos come) que diga tambem a correr „ Nada, elle não fallava comigo „ e dirá muita verdade, que já para isso tomei por devisa:

Sem nimguem apontar, malhar nos vicios.

Continuar-se-ha.

Moniz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 5. pag. 64.)

Sahio o Mestre de Avís a recebello no pateo das escadas de

Palacio, honra a que D. Nuno correspondeo dobrando o joelho para beijar-lhe a mão. Foi então (Outubro) em Congresso de Nobreza e Povo no Convento de S. Domingos declarado o Mestre de Avís Regente e Defensor da Corôa, deliberando-se que em Coimbra se fizessem Côrtes para decidir os negocios mais importantes á conservação da Monarchia. Depois de outras disposições e conselhos, foi D. Nuno a Setubal, onde reformou a milicia, e reparou o porto; e, como em nosso damno se multiplicassem as ousadias Castelhanas, foi-se a Evora, e dalli com poucos escolhidos a Portel; entrou a Villa por industria, rendeo o Castello, e reparou-lhe os muros, concorrendo pessoalmente á obra. Compôz em bons termos os receios que havia sobre a Praça de Elvas, onde deixou sobejo presidio; e endireitou a marcha para Villa Viçosa, que lhe offerecia porta; mas, inutilizando-se o trato, prolongando-se o sitio, e chamando-o cousas maiores em defensa da Provincia, levantou campo e foi-se a Estremoz, onde encarregou a Pedro Rodrigues do Allandroal o libertamento de Alvaro Coitado, Soldado de grande valor perfidamente aprisionado, o que veio a conseguir com grande perda dos Castelhanos.

Depois de outros successos de menos monta, chegado a Coimbra com o Mestre de Avís, com elle deo expedição a alguns negocios; reduzio á obediencia Gonçalo Mendes de Vasconsellos, que pela Raynha sustentava o Castello daquella Cidade; alentou o Mestre, sobre a irresolução de acceitar a Corôa; socegou alguns tumultos, nascidos da diversidade de opiniões; e, juntos no Convento de S. Francisco os tres Estados do Reino, sómente concordes em excluir D. Brites Raynha de Castella; depois que o Doutor João das Regras provou estar vaga a Corôa, e devoluta a eleição no consenso do Povo, largamente sustentou D. Nuno o mesmo voto pelo Mestre de Avís, resultando o ser, aos 6 de Abril de 1385, jurado Rey D. João Primeiro do Nome em Portugal, e hum dos primeiros entre todos os melhores Reys do Mundo. Entre varias mercês aquelle dia feitas, nomeou El-Rey a D: Nuno Alvares Pereira seu Mordomo Mór, e Condestavel, cargo em que foi 2.º neste Reyno, por haver sido o 1.º D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos; e ainda áquelle tempo não contava El-Rey bem completos 27 annos, nem o Condestavel 25 de sua idade.

Feitas varias disposições por terra e mar contra o grande armamento e ambição de Castella, marchou o Condestavel sobre o Castello de Néiva, que levou de assalto; e, deixando-lhe bom presidio, foi sitiar a Villa de Vianna, qne se rendeo por capitulação; e deixando-a em bom estado de defensa, e rendendo na marcha todos os lugares, foi sobre a Villa de Caminha, que lhe entregou as chaves: este exemplo seguírão, além de outros lugares fortes, Villa Nova da Cerveira, e Valença; e ajudado dos

moradores entrou a Praça de Monção. Pedio Braga soccorro contra o jugo Castelhano, foi o Condestavel demandar a Cidade, entrou-a, e forçou o Castello a capitular. Achou-se com El-Rey na tomada de Guimaraens, e na de Ponte de Lima, que foi entrada por força d'armas. Havendo noticia de que El-Rey de Castella marchava com largo Exercito, e que na barra de Lisboa surgíra huma poderosa Armada, marchou até á vista de Torres Vedras, e sahindo o Governador a apresentar batalha, foi totalmente desbaratado, e entrada a Villa. Dalli abalou o nosso campo até Santarém, onde travou peleja com as tropas que o Governador mandou sahir ás ordens de Alvaro Gonçalves do Sandoval, que se recolheo destroçado pelo Condestavel: foi o nosso Exercito passar o Tejo, caminho de Almeirim: ordenou o Condestavel a marcha em duas linhas, no centro Gastadores, bagagens, e gente de serviço, algumas Companhias de Cavallos ligeiros em reserva, e elle com a vanguarda foi sondar o rio: achou-se váo junto a Santa Iria, e forão os nossos, com agoa pelos peitos, vencendo a corrente, e pelejando com a multidão que defendia a passagem, em tanto que na retaguarda ardia o combáte com o Sandoval, que, desejando reparar a perda passada, e vencer-nos por divisão de forças, carregou por aquella parte com todo o resto do presidio: durava a peleja havia muitas horas, e crescia o perigo: então o Condestavel arrojando o bastão, e apertando a espada, rompeo impetuoso por entre os esquadrões Castelhanos, e decidio a victoria, proseguindo o nosso Exercito a marcha até Alemquer, onde foi assentar campo.

Constando os estragos e cruezas que por nossas terras vinha commettendo El-Rey de Castella, votou o Condestavel que se lhe devia dar batalha, e passou ao Montijo, a reunir alguns Soldados velhos, para com elles voltar a encorporar-se com El-Rey; e passando resenha em Estremoz, achou não exceder a 2 mil e 500 o número dos combatentes, formado á parte hum luzido esquadrão de Nobres aventureiros: dalli marchou para Abrantes, onde já com o resto do Exercito o aguardava El-Rey, que sahio a esperallo nas margens do Tejo, e hindo o Condestavel a beijar-lhe a mão, El-Rey o levou nos braços, que assim sabem tão grandes Reys honrar tão benemeritos Vassallos.

Chamou El-Rey a Conselho, e, encontrando-se as opiniões, alli (como diz o nosso immortal Camões) votou o Condestavel por huma batalha decisiva,

> A mão na espada, irado, e não facundo
> Ameaçando a Terra, o Mar, e o Mundo.

E, vendo que se perdia o tempo em conselhos, chamando á sua tenda os filhos de sua disciplina, resoluto a só com elles appre-

sentar batalha, concertado o necessario a tamanha empreza, antes do romper d'alva mandou desfilar em silencio. Não faltárão invejosos que diante d'El-Rey affeassem tão livre proceder, porém o Rey, que estimava e conhecia quanto lhe importava tão grande Homem, mandando-lhe aviso para que em Thomar o esperasse, levantou campo, e alli se lhe foi reunir. Dalli marchou o nosso Exercito, composto de mil e 700 Cavallos, 800 Besteiros, e 400 Infantes, e aos 14 de Agosto de 1385 formou-se nos campos de Aljubarrota, pela maneira que no 4.° C. da Lusiada o descreve Camões:

Os primeiros armigeros regia
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes Exercitos sem conto
Com que passava Xerxes o Hellesponto:
D. Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos....
Outro tambem famoso Cavalleiro
Que a Ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandallos, e regellos,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.
E da outra Ala que a esta corresponde
Antão Vasques de Almada he Capitão....
Logo na Retaguarda não se esconde
Das Quinas e Castellos o Pendão,
Com Joanne, Rey forte em toda a parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

Note-se que o Condestavel, como habil General, formou na retaguarda 700 Lanças, e maior número de Infanteria, com este excesso deixando gente de refresco para accodir onde maior fosse a necessidade, sendo aliás na milicia daquelles tempos menos usadas as reservas; e ainda, além deste artificio e cautela, mandou de traz da linha da vanguarda fazer dos carros trincheira, coberta com alguma Infanteria, para segurar as bagagens, Vivandeiros, e demais gente inutil á peleja, que fazia junta hum número igual ao dos Homens d'armas.

Continuar-se-ha.

Moniz.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

A Dança.

(Continuado do N.º 6. pag. 66.)

O Bom exito deste genero de Espectaculos nasce da boa escolha do Assumpto, e sua distribuição. Ha muitas cousas que não podem expressar-se com gestos. Tudo o que se chama *Dialogo tranquillo* não tem lugar na Pantomima. Nunca poderá fazer effeito hum Baile, em que o Compositor não souber evitar o que for monotono, e frio. As grandes paixões não são mais proprias da Tragedia, do que da Pantomima; e ainda esta em alguns casos lhe leva vantagem, porque a acção acompanhada da palavra não exprime mais do que ella restrictamente diz; e quando he só, ajuda-se de quanto a imaginação dos Espectadores ajunta áquelle signal vago, e indeterminado. A Pantomima segue a ordem da Perspectiva, em que as miudezas se perdem nos longes. Os quadros da Dança requerem traços bem distinctos, caracteres vigorosos, opposições, e contrastes tão artificiosos, como realçados. Hum Mestre, que he habil, deve apresentar em hum golpe de vista todo o effeito da Máchina, e nunca sacrificar o *todo* a huma *parte*; e só desIembrando-se por alguns instantes das principaes Personagens, he que poderá cuidar da totalidade dellas. Se acaso põe toda a attenção nos Primeiros Dançarinos, fica-lhe a acção suspensa, enfraquecida a marcha das scenas, e a execução sem effeito. Não tem cabimento no Theatro cousas inuteis, e por consequencia deve banir-se da scena tudo o que a possa arrefecer, introduzindo nella sómente o número de Actores que a execução do Drama restrictamente pedir. Dissemos acima, que devem por alguns instantes esquecer-se as Personagens Principaes, e com effeito temos para nós que he menos difficultoso fazer que Hercules, e Omphale, Ariadna, e Baccho, Ayax, e Ulysses representem partes transcendentes do

que vinte, ou trinta Pessoas que andão com estas Personagens: ora se ellas não dizem nada em scena, cumpre pôlas fóra; e se dizem alguma cousa, deve sempre a sua conversação dizer respeito á dos Primeiros Actores. Não está logo a dúvida em dar hum caracter distincto ás primeiras Figuras, porque estas o tem de si, e são os Heróes da Scena; a grande habilidade está em introduzir com decencia os Figurantes, e, dando-lhe partes mais ou menos importantes, associalos ás acções dos Heróes.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE PYNDARICA.

Felix qui potuit rerum cognoscere causas.
Virg.

STROPHE 1.ª

Hum Hymno de louvor na ebúrnea Lyra
Com que as Musas no Pindo me brindárão,
Tambem será votado
Ao sábio Antesignáno
Dos Romanos Cantores, que eloquente
Da Grecia ao Patrio Tybre
D'Epicuro frugal trouxe a Doutrina,
Ao canto Phylosophico amoldando
Da Senhora do Mundo a sacra Lingua.

ANTISTROPHE 1.ª

Espraia-se, diffunde-se qual Rio
Com montesinos feudos engrossado
O alti-sono Lucrecio;
Qual devorante Incendio
Que atéa, lavra, cresce, estala, e bosques
Seculares consome;
Qual crepitante rayo, que, cahindo
Das enrolladas Nuvens, deita ao longe
Sôlta em pedaços a empinada rocha.

EPODO 1.º

Féra Superstição nos Ceos sentada
Entre Ignorancia, e Mêdo,
Trévas do Humano Espirito dobrando
Pluralizava os Numes,
Numes impios, crueis, que a sêde infanda
Sacião só com sangue.

STROPHE 1.ª

Assim da Mãy aos braços arrancada,
Que delíra de dôr, por mão paterna
De rojo foste ás aras

Da muito irada Cynthia,
Iphygenia infeliz! sagrado ferro
Rasgou teu lindo seio,
Porque soltos os Ventos reprezados
A' vingadora Armada Aulide abrissem:
Tantos, Superstição, males suggéres!

ANTISTROPHE 2.ª

Assim ondas do lúgubre Cocyto
Ninguem atravessou na fatal Barca
Sem lá pagar seu náulo!....
Assim ao pómo, á lympha
Em vão Tantalo ergueo a vista, os braços!...
Assim penêdo enorme
Pesou nos hombros de Sisypho; o Abutre
Mordeo de Tycio entranhas rebrotantes,
E continuo ululou Mastim do Inferno!

EPODO 2.º

Mas se rolando d'ingremes Montanhas
Vinhão auritas Pedras,
Cedendo á Lyra d'Amphyão canóro,
Formar soberbos muros
A' Patria de Lyéo, depois manchada
Com fraternas contendas;

STROPHE 3.ª

Aos arduos sons que o Barbiton troveja
Do Latino Cantor se abalão, gemem,
Se des-unem, baqueão
As Pedras que sostião
O Templo pavoroso, onde Evos tantos
Veio o Mundo embaido
A mentidas Deidades render cultos;
E alrares só conserva a linda Venus,
„ Nome com que elle adora a Natureza.

ANTISTROPHE 3.ª

„ Sim, foi teu Deos, Lucrecio, a Natureza:
Oh cegueira do Homem!... foge hum erro
Para enredar-se em outro!...
A Rasão vindicando
Dos infames grilhões da Idolatria,
Presentir não soubeste
Hum Deos que se revéla em quanto existe!.
Tal co'a Lua equivoca o tenro Infante
Reflexo, que n'hum lago a representa!

EPODO 3.º

Mas como co'as boninas da Poesia
O teu engano enfeitas!...
Como por inaccessos labyrinthos
Do Raciocinio ao facho,
Sostendo a mão da Experiencia o fio,
Vás á origem das cousas!....

STROPHE 4.ª

Como colóras de mimosas tintas
De Venus o prolifico sorriso,
Que o Ar, a Terra, os Mares,
Povoa, aformosea,
Dissipa as nuvens, asserena os ventos,
E faz que bonançosa
Com diffuso clarão rutile a esphera!...
Como a Dédala Terra ferve em flores,
E arvores curvão para dar-lhe abrigo!...

ANTISTROPHE 4.ª

Eis chega a Diva!... a seu benigno aspecto
Amorosa influencia se diffunde
Pelos équoreos plainos,
Por verdejantes bosques,
Rapidos rios, elevados montes!...
Com cantigas as Aves,
Rugindo as Féras, saltitando os Peixes,
E os Homens com ternissimos suspiros
A ditosa chegada lhe saúdão.

EPODO 4.º

Eis em seus braços o iracundo Marte
Se arroja enternecido,
E sofrego fitando o rosto amado
Entre meigas caricias
Ouve-lhe os rogos, e depondo as armas
A paz outhorga a Roma.

STROPHE 5.ª

Eis em seu berço rustico já nasce
A infante Humanidade, e a pouco, e manso
O Commercio a conjunge
D'articuladas vozes;
Eis da Necessidade á voz solerte
As uteis Artes brotão,
Brotão Artes gentis; Cidades se erguem,
Thurificão Altares, e troando
As vigorosas Leys põem freio ao Crime!

ANTISTROPHE 5.ª

Mas ah! com que igneos rasgos representas
Os que Venus ferio de amor insano!...
Que tumultuosas ancias!...
Que insaciaveis desejos!
Que embriaguez frenetica!... qual corre
Da fonte do feitiço
Veio amargoso!... e como murmurando
Conscio remorso no íntimo do peito
As rosas do deleite murcha, e sécca!

EPODO 5.º

Em vão brando sopôr derrama a Noite,
Em vão da Aurora aos rayos
Sorri d'intorno o Mundo! o triste Amante

Não dorme, não repousa,
Não ri, não folga; a idolatrada Imagem
Contínua o circum-vôa.

STROPHE 6.ª

Mas para castigar do Mundo os erros
Se a Deosa da vingança as redeas solta,
Oh! que espantosos quadros
O teu pincel ostenta!...
,, Arripião-se as carnes, e o cabello,,
Quando nos seus cimentos
Mugindo horrivelmente a Terra treme;
Quando do Sol, da Lua, e demais Astros
O tenebroso Eclypse enlucta o brilho!

ANTISTROPHE 6.ª

Como os Ventos, que rabidos rebramão,
No caminho arrancando idosos lucos,
Ao pélago se arrojão!...
O pallido Naufragio
Nos fofos Escarceos campea iroso,
E ás praias bramidoras,
Delatando as traições do Mar infido,
Vão túmidos cadaveres, que alvejão,
Mastros, Vélas, Bandeiras, Lemes, Curvas!...

EPODO 6.º

Eis das gargantas do Ethna escapa, e foge
A inflammada torrente!...
Abrazão-se Vergeis, Cidades fundem!...
E os rios, onde ha pouco
Se banhavão as Nymphas, ora estancos
Esteril lava os cobre!

STROPHE 7.ª

Mais cruel que freneticos affectos,
Que naufragios, volcões, procellas, rayos,
Dos tumulos surgindo
Horrifico Contagio
Sobre o Mundo se libra em azas negras;
De hum ramo de Cypreste
Mortifero licor sacode em roda,
Cahindo no sepulchro infaustas gentes,
Como no fim do Outono as seccas folhas!...

ANTISTROPHE 7.ª

Hum tábido vapor corrompe os ares
E apenas rompem lugubres silencio
Lamentosos gemidos!...
Foge do Amigo o Amigo,
Foge do Amante a Amada, o Pay do Filho;
Medonha, horrida Morte
Despedaçou os vinculos mais doces;
Não ha praça que os Mortos não alastrem,
Nem casa que de lucto se não cubra!

EPODO 7.º

Então... mas temeraria despenhar-te
Não vás, insana Musa,
Seguindo mais avante o egregio Vate!....
A' timida Andorinha
Não he dado co' as Aguias remontar-se
Ao claro Firmamento!

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.

(Continuado do N. 5. pag. 62.)

Vai o Auctor tocando as differentes téclas literarias, e diz a pag. 31 „ A poesia E'pica não renasceo com o poema do Oriente, cujo Auctor em vão tentou emendar Camões, e desapossallo do eminente lugar que, por nacionaes e estranhos, lhe foi justa e universalmente assignado no Parnasso. O Padre José Agostinho de Macedo he com tudo digno de grande louvor, pela pureza de sua linguagem, e pela vasta lição que tem dos Classicos Portuguezes, e dos antigos e estrangeiros. Se nelle correspondesse o gosto á facilidade de versificar, nada lhe faltaria para coadunar todos os requisitos que caracterisão o bom Poeta. „ Ora não ha quem se tenha: em se ouvindo a fôfa, pula o corpo; e, posto que não sejamos nós do número daquelles (e talvez alguns nossos conhecidos) que tem o sestro escholastico e pedantesco de dividir, e subdividir a mais simples proposição, parece-nos com tudo que neste caso assim convém, e lá vai. 1. *a poesia E'pica não renasceo com o poema do Oriente*, confirmâmos: 2. *cujo Auctor em vão tentou emendar Camões*, confirmâmos: 3. *e desapossallo do eminente lugar*, etc. confirmâmos: 4. *o P. J. A. de Macedo he com tudo digno de grande louvor*, negâmos condicionalmente: 5. *pela pureza de sua linguagem*, negâmos parcialmente: 6. *e pela vasta lição que tem dos Classicos*, etc. concedemos, mas distinguimos: 7. *Se nelle correspondesse o gosto á facilidade de versificar*, etc. negâmos absolutamente: mas como tambem não somos daquelles que roubão a justiça a quem a tem, antes muito folgâmos de que se dê a Pedro o que he de Pedro, e a Cesar o que he de Cesar, eis-ahi vão os nossos porquês.

Confirmâmos a 1. porque *o poema do Oriente*, como o Auctor lhe chama, he *poema do Occidente*; queremos dizer, que *o poema Oriente* foi feito no Occidente, e parece que o foi no Seprentrião, por tão pouca luz que tem da poesia. Confirmâmos a

2. porque pelo Discurso Preliminar do mesmo *Oriente* se prova, que seu Auctor *tentou*; e pelo mesmo Poema se prova, quão mal sortirão as suas *tentações*. Confirmâmos a 3. pela mesma rasão, e tambem por saber que todos continuão a ler com gosto a Lusiada, e que com o *Oriente* lhes dá tedio e somno. Negâmos condicionalmente a 4. porque bem poderá o Homem ter muitas virtudes, pelas quaes seja *digno de grande louvor*; porém a nós aqui não nos importão as suas virtudes ou vicios, porque não tratamos do Homem senão em quanto escriptor; e, como hum escriptor só he *digno de grande louvor*, se compõe excellentes obras, e as do Auctor do *Oriente*, quer em prosa quer em verso, todas são ou más, ou pessimas, não sómente negâmos que seja *digno de grande louvor*, porém até de algum *louvor*: declaramos porém, que estamos promptos a desdizer-nos logo que delle se nos apresente alguma obra boa. Negâmos parcialmente a 5. porque he verdade que nos varios escriptos do Auctor do *Oriente* se depárão aqui e alli, sem methodo nem motivo, semeados alguns periodos, e até alguns paragraphos em boa linguagem compostos; mas em geral tambem he verdade que estão cheios de impropriedades, incorrecções, baixezas, solecismos, e barbarismos que o tolhem até de entrar na classe dos escriptores mediocres; sendo quasi igualmente defeituoso em tudo, isto he, por estylo, e por linguagem, em prosa ou verso. Concedemos, mas distinguimos a 6. porque sim tem elle *vasta lição*, porém não escolhida nem methódica; antes, segundo elle mesmo em huma de suas obras confessa, tempo houve em que *lia os livros mais ineptos*, e por seus escriptos se prova que elle disse nisto muita verdade. Negâmos absolutamente a 7. porque o Auctor do *Oriente* não sómente não tem bom gosto, mas nem *facilidade de versificar*; e ainda quando essas condições tivesse, por certo que muito *lhe faltaria para coadunar todos os requisitos*, *que caracterisão o bom Poeta*, faltando-lhe outras muitas qualidades essenciaes, que não possue.

Ora a nós não nos admira este julgado do Auctor, porque de suas obras vemos que por certo sabe mais de Physica do que de Poesia; e tambem disso nos não admiramos, porque nem todos podem tudo, e assás he o alcançar-se grande distincção em alguma boa parte do humano saber: mas provemos o nosso dicto. A pag. 33, depois de dizer que *a França em materia de gosto não conhece rival*, o que he facil conceder-lhe, accrescenta o Auctor „ Se na poesia Lyrica e Epica se lhe póde contestar a „ mesma superioridade, quem lha disputará na Dramatica, na „ Didactica, nas Fabulas, e nas poesias Anacreonticas? „ Ponhamos de parte aquelles generos de poesia em que a *superioridade* não sómente lhe he *contestada*, senão até defendida e absolutamente negada; taes são o Bucólico, e Elegiaco, em que

se póde quasi dizer que a França não tem nada: porém olhando pelos generos inculcados, e começando pelo Anacreontico, eis-ahi logo em desbarate a Franceza *superioridade*; e, posto que nós os Portuguezes não sejamos nesse genero riccos, parece-nos com tudo que al se não carece para abono de nossa opinião. He de notar, que os Francezes sim contão muitos Poetas Eróticos, porém nenhum legitimamente Anacreontico, sendo mui poucas as suas poesias que em rigor se podem dizer Anacreonticas: hum destes, e o temos pelo melhor que possue a França, he o com rasão celebrado Parny; porém as suas poesias deste genero não as temos por superiores ás do nosso Gonzaga: la Motte nem Rosseau certamente não são superiores ao nosso Diniz, porque o Desembargador Antonio Diniz, guardada a devida proporção, he tão excellente no genero Anacreontico como no Pyndarico: la Fare, nem Chapelle não são superiores aos nossos Torres, e Alvarenga, e Malhão; (*a*) nem Chaulieu, nem Bernard ao nosso Bocage, etc. Talvez peor seria, se, fazendo-se o confronto com os Castelhanos, apparecessem Villegas, Cadalso, Melendez, etc. etc. e de certo muito peor fazendo-se com os Italianos: esses sim, esses por mui poucas Nações, e em mui poucos generos de poesia podem ser affrontados, porém no genero Erótico e Anacreontico decisivamente por nenhuma: que Nação tem Poetas Anacreonticos que oppôr a Chiabrera, a Imperiali, a Crescenti, a Rossi, a Menzini, a Redi, a Lemene, a Metastazio, a Frugoni, a..... suspendamo-nos, que nos dá pavor cuidando fazer huma Carta de nomes, e mais que muitos precisamos ainda citar. Quanto aos Fabulistas, posto que os Francezes tenhão á frente o Generalissimo Lafontaine, tem elle poucos Soldados que mal correspondem ao valor de seu gran Capitão, nem poderão sem desvantagem affrontar-se com Gellert, dicto por antonomasia o Lafontaine Allemão, nem com o copioso Lessing, nem com o estimado Hagedorn, e Schlegel, e tantos outros que os proprios Francezes gabão, estimão, e traduzem: e agora se dos Allemães passarmos o confronto para os Italianos, sem fallar de Marini, de Pignotti, de Bertola, e de outros muitos, bastará o célebre Casti, cujo Poema *Gli Animali Parlanti*, nós antes quizeramos haver composto do que todas as obras de Lafontaine; bastará, julgamos nós, pondo de parte as suas outras composições do mesmo genero, bastará o célebre Casti para contrastar, e desvanecer a Franceza superioridade. Será ella melhor sustentada no genero Didactico? Serão melhores as *Estações* de Saint-Lambert que as de Tompson? serão melhores os *Tres Rey-*

(*a*) Fallo de Francisco Manoel Gomes da Sylveira Malhão, que he morto ha annos; e não de hum papalvo arranhador de banza, que por ahi anda pertendendo usurpar o seu nome, e as suas obras.

nos da Natureza de Delille do que o *Jardim Botanico* de Darwin ?.. oh! que se assim continuamos oppondo Pope a Boileau, Dosdley a Esmenard, Grahame a Rosset, etc. não sabemos como poderá sustentar-se a Franceza *superioridade*; e talvez peor seria se neste genero, em vez dos Inglezes se lhe affrontassem os Allemães, e se appresentassem na estacada Opitz, Haller, Utz, Zacharias, Kleist, Cronegk, Tscharner, Dusch, Wieland, etc. etc. Na Lyrica e Epica poesia convém o Auctor em que aos Francezes se póde *contestar a superioridade*: talvez melhor dissera, que he levada de vencida; na Lyrica por nós os Portuguezes, pelos Castelhanos, e por Inglezes, e Italianos; na Epica tambem por nós os Portuguezes, e por Inglezes, Italianos, e Allemães; e não só na Epica puramente Heroica, senão até na Heroi-Comica, em que os Francezes não mais possuem do que o *Lutrin*; he verdade que esse he excellente, mas he unico: olhe que nos não esquecem a *Pucélle*, e a *Guerra dos Deoses*; mas esses Poemas, ainda que Heroi-Comicos sejão, são com tudo de genero mui diverso, e menos legivel do que o *Lutrin*; quando aliás deste genero os Inglezes, Italianos, e Allemães tem mais de hum bons; e nós mesmos, posto que o Hyssope seja o mais excellente, temos com tudo outros que merecem ser lembrados; desses terá o Auctor visto alguns, e talvez haverá de ver algum outro que ainda lhe não chegasse. Finalmente, a Franceza *superioridade* poetica reduz-se á poesia Dramatica, e nesse genero he decisiva; pois, ainda que na parte Comica se póde oppôr Goldoni a Muliere, e ainda que na Dramatica-Lyrica nenhuma proporção tenha Quinault com Metastazio, etc. apparece o grão Collosso da Literatura, ergue-se Voltaire, e o delicadissimo Racine, e enchem a scena tão magestosos que ante elles ficão parecendo pequenos todos os outros illustres Athletas, aliás distinctos na Tragica Palestra.

Porém não palestreêmos nós mais sobre este assumpto, que, se o quizessemos trocar em miudos, tarde levantariamos a penna do papel. E, tornando á tal *métrica escrevedura* chamada *Poema Oriente* (que vem a ser o *Gama refundido*; porque o *Poema Gama* imprimio-se em 1811 com 10 desentoados Cantos, e em outros 12 que taes, com huns accrescentinhos remendado, e refundido com o titulo de *Oriente*, reimprimio-se em 1815) por evitar diffusão, remettemos o Auctor para o = Exame Analytico, e Parallelo do Poema *Oriente* com a Lusiada = onde talvez achará aquella *obrinha* convenientemente olhada em todas as suas partes: porém como a materia he vasta, nem tudo alli foi dicto, que para isso se careceria de hum gordo *in folio*, faremos ainda algumas succintas interrogações, e perguntamos ao Auctor: se naquelle Poema deparou a *vasta lição* que concede ao Reverendo Auctor delle? se lhe deparou a cópia dos conhecimentos Astronomicos, Nauticos, e Physicos, alcançados do

seculo de Camões para cá? se lhe deparou a descripção dos Paizes, e dos costumes dos Povos desde então successivamente conhecidos? perguntamos ao Auctor, que lhe concede a *facilidade de versificar*, se lhe achou a variedade de estylo conveniente ao diversos assumptos? se o não achou empollado em vez de sublime, tedioso em vez de ameno, e pedante em vez de erudito; repetindo muitos factos historicos, e trazendo outros fóra de proposito? se lhe não achou repetidas durezas, contínua monotonia, e outros mil defeitos metricos? se lhe não achou..... mas, se nos não reprimimos, aqui ficaremos a perguntar tres dias com tres noites! oh! miseravel *obrinha*, e misero ainda que Reverendo Auctor! escreveo tres seculos depois de Camões, não deo sombra das bellezas da Lusiada, e mostrou-se tanto menos sabedor, que até em factos historicos he muito menos abundante, e menos adequada e graciosamente os applica. Camões por seu immortal Poema diffundio toda a sabedoria do seu seculo: *Macedo*, que sobre o mesmo assumpto escreveo tres seculos depois, parece haver escripto tres seculos antes! Camões enriqueceo a Lusiada com todas as graças e donaires, arrojos, elegancias, energia, e fecundidade de hum Sabio, e de hum grande Poeta: *Macedo* mal soube atar no *Oriente* quatro idéas mal expressas de hum *Pseudo-Poeta* enfarinhado em letras: Camões deleita, e arrebata: *Macedo* dá tedio, e somno. Pois inda assim, note o Auctor, que, a pezar de tudo isto, o *Oriente* he o melhor de todos os canhenhos de seu Reverendo Auctor; do que facilmente se desenganará se lhe chegar a pachorra para a insoffrivel leitura das suas outras composições, em prosa ou verso. He verdade que elle escreve com facilidade: mas quem, como elle, affoutamente copía antigos calhamaços, pilha aqui, e pilha alli, cirze tudo com linhas caseiras, e diz „ ahi vai isso que he meu „ quem, como elle, presume que tudo quanto faz he bom: quem, como elle, não tem pejo de em todos os assumptos dar erros palmares, sendo aliás achacado de huma grande comichão escrevedora, necessariamente ha-de borrar muito papel; e eis-ahi o que elle tem feito, sem que, louvores á Providencia! ainda atégora em algum genero produzisse alguma obra boa! e acaso esperaremos que as produza agora, quasi com sessenta annos de idade? *difficilem rem postulasti*. Deixemo-lo, porque em fim, cada qual he como cada hum; e as suas obras, sem que tomemos a canceira de o provar, clarissimamente demonstrão o muito que lhe falta para *coadunar todos os requisitos que caracterisão o bom Poeta*, não tendo nem imaginação, para crear; nem juiso, para distribuir; nem elegancia para expressar.

Terminaremos este artigo notando, porque nos parece digno disso, que o Auctor fallasse do Poema *Oriente*, e nada da *Brasiliada*, Epopéa de Santos e Sylva, e, a pezar dos seus de-

feitos, recomendavel por muitas e grandes bellezas, e até por ser de hum genero novo: com o *Oriente* certamente não, porém com a *Brasiliada* não sómente *renasceo a Poesia Epica*, senão que até entre nós se creou huma outra especie de Epopéa: não a ter lido, cuidamos ser a unica rasão do silencio do Auctor; nem nós agora com ella nos deteremos, porque, como na indicada Memoria de nossos Poetas Lyrica necessariamente cabe hum bom lugar a Santos e Sylva, então, com o juiso de suas outras composições, lançaremos o que a respeito desta entendermos.

Continuar-se-ha.

Moniz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 6. pag. 72.)

Chegou á vista do nosso o Exercito Castelhano, composto de mais de 30 mil combatentes, e maior número de gente de serviço.

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, féro, ingente, e temeroso . . . .

Erão duas horas da tarde: e como para a fórma regular da nossa Ala esquerda faltassem 200 lanças, movêrão-se os Castelhanos por aquella parte onde se lhe representava mais fraqueza, e tinhão o favor do vento e do sol; mas logo o Condestavel, sem alterar nem descompôr a fórma, mudou de frente, volvendo a vanguarda. Disparou o inimigo algumas peças de artilheria, a que nas Memorias daquella idade derão o nome de Trons; e foi este entre nós o primeiro uso da pólvora, trazida pelos Mouros a Hespanha na batalha de Algeziras, em 1344.

Começa-se a trovar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira Ala,
Huns leva a defensão da propria terra
Outros as esperanças de ganhalla:
Logo e grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala,
Derriba, encontra, e a terra em fim semea
Dos que tanto a desejão, sendo alhêa.

Largo espaço durou a peleja sem declinar o ardor, até que, recrescendo em furia os inimigos,

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros.

Os Capitães dos flancos dobrárão pelo centro das duas linhas, a incorporar-se na vanguarda:

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno, que, como sabio Capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com presença e palavras coração:

e, porque os lados estavão enfraquecidos, formando a retaguarda em mea lua, e mandando, e pelejando,

Dos seus, correndo, accode á primeira Ala....
„ Defendei vossas terras, que a esperança
„ Da liberdade está na vossa lança.

E com isto já por nós corria a victoria na vanguarda,

Porque eis os seus accesos novamente
De huma nobre vergonha, e honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do Marcio jogo;
Porfião, tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo;
Assim recebem junto, e dão feridas
Como a quem já não dóe perder as vidas.

Mas em tanto crescia o perigo na retaguarda: accodio-lhe o Condestavel, e finalmente, deixando 10 mil mortos, em que entravão os Mestres de S. Thiago e Alcantara, e outros muitos Fidalgos, com as Bandeiras, e hum immenso despojo,

Já de Castella o Rey desbaratado
O campo vai deixando ao Vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficárão, e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.

Nós perdemos 150 Homens, e de conta só Vasco Martins de Mello; sendo immediata consequencia da victoria a posse de Santarém, depois do que licenciou El-Rey as Tropas, e, entre outros premios que distribuio, dêo ao Condestavel o titulo de Conde de Ourem. Mas, como ainda no Tejo ficasse quasi toda a Armada Castelhana, marchou o Condestavel a desassombrar Lisboa, e com sua chegada os Castelhanos, que atélli sahião em terra commettendo graves insultos, não sómente se comedírão, senão que se fizerão á véla logo que os mares lho permittírão,

Continuar-se-ha.

Moniz.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VIII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

A Dança.

(Continuado do N.° 7. pag. 74.)

SEgundo estas idéas he facil de entender que a Dança Pantomimica deve ser toda em acção, e que os Figurantes não devem occupar a scena, que o Actor deixou, só para entretella com figuras symetricas, e passos cadenciados; mas sim para a encher com huma representação viva, e animada, que conserve o Espectador sempre attento ao assumpto que os Actores precedentes lhe exposerão. Não se entenda porém disto que os Figurantes, e as Figurantas devem representar papeis tão fortes como as primeiras Partes; mas que, em rasão de esfriar toda a acção de hum Baile que não he geral, he força que se empenhe toda a solercia, e arte em elles participarem della, pois he justo que as personagens principaes conservem superioridade sobre todos os objectos que as circumdão. Está pois o artificio do Compositor em reunir todas as suas idéas em hum só ponto, a que vão dar todas as operações do genio, e espirito. Com este talento brilharão os caracteres em toda a sua luz, sem serem offuscados por objectos que só devem servir-lhe de sombra. Hum Mestre de Dança deve dar a cada figura acções, caracter, e expressão, que a distingua das outras. Todas as Figuras devem chegar ao mesmo fim por caminhos oppostos, e com unanime concordancia concorrer para com a verdade de seus gestos, e sua imitação colorirem a acção que o Compositor lhe desenhou. Se a monotonia se introduz n'hum Baile, se não vêmos nelle aquella constante variedade de expressão, fórma, e caracter, que observamos na natureza; se os leves, e imperceptiveis traços que pintão as mesmas paixões, com rasgos mais, ou menos distinctos, e côres mais, ou menos vivas, não são applicados com arte, e distribuidos com gosto, he então o quadro hum mediocre tran-

sumpto de hum excellente original; e como não appresenta verdade nenhuma, não tem força, nem jus de commover, e excitar affectos. A mescla das côres, sua gradação, e os affectos que produzem na luz merecem tambem a attenção do Mestre de Dança. O realce que isto dá ás Figuras, a limpeza que espalha sobre as fórmas, e a elegancia que disto tirão os Gruppos, he bem pela experiencia conhecido. Foi Mr. Noverre o primeiro, que em França nos *Ciumes do Serralho* imitou a diminuição da luz, que os Pintores observão nos Quadros. As côres fortes, e inteiras estavão em frente, e formavão as partes salientes do Painel pantomimico; seguião-se as menos vivas, e tinha reservado para os fundos as côres brandas, e vaporosas: seguio a mesma diminuição nas estaturas, e este feliz invento fez realçar a execução. Tudo era harmonia, tudo era tranquillidade; nada se empecia, nada se destruia; esta concordancia encantava os olhos, que, sem fatigar-se, as partes todas abrangião.

Toda a decoração, de qualquer especie que seja, he hum Painel preparado para receber Figuras. Os Actores, e as Actrizes, os Dançarinos, e as Dançarinas são as Personagens que devem adornallo, e embellecello; mas para que similhante Painel possa agradar, e não offenda a vista, cumpre que nas differentes partes que o compõe brilhem proporções exactas. As côres dos pannos, e dos vestidos devem regular-se pela decoração, que póde comparar-se a hum bello fundo: se este não for tranquillo, e harmonioso, se tiver as côres mui vivas, ou mui brilhantes desfará o encanto do Quadro, privando as Figuras do resalto que devem ter; não haverá nada, que destáque, resultando huma confusa radiação, ou affogueamento de côres, e recortes não graduados, que fatigue a vista, e desgoste o Espectador.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE A' POESIA.

Sic honor et nomen divinis Vatibus, atque
Carminibus venit.

Hor. Ep. ad Pis.

Das venerandas sombras
Da augusta Antiguidade
Os olhos alongando magestosa,
E as Eras abrangendo, a Terra, os Orbes;
Nas pregas do teu manto
Fusilão, apontando, os teus prodigios.

Que estranhados segredos,
Que mysticos arcanos
Aos divos teus Alumnos revelaste,
Que os Deoses, e os Destinos abundárão
De animo altivo, e grande
Para domar as doutrinandas Gentes!
Como arde o amor da Patria,
Como se honrão os Numes,
E dos Numes ao gráo os Homens se erguem;
Como em paz social se vive, e como
Premios ao justo ao forte,
Castigos ao perverso estão pendentes:
Tudo Tu ensinaste,
Antes que os dons havidos
Da Natureza conhecendo, os Homens
Engenhosos as forças empregassem
No almo lavor das Artes,
Tentando do Saber a longa estrada.
Mas logo aos teus encantos,
O' divina Poesia,
Obedientes as agrestes turmas,
Após de Orpheo, e de Amphion corrêrão,
Ledas, e respeitosas
Leys acceitando, a levantar Cidades.
Tyrteo então, e Homero
Os feridos combates,
E os teimosos assedios decantando,
Para defensa dos erguidos muros
Com guerreado exemplo
As belligeras dextras esforçárão.
Assim, rivaes dos Numes,
Ajax, Heitor, e Achilles
O peso das batalhas sustentárão:
Descendo os Numes a hombrear c'os Homens,
De Argivos, e Troyanos
Tomando á parte os pelejados briós;
Pelo assombroso influxo
Da intervenção celeste;
Assim teus characteres imprimiste
Nos sempre verdes bronzes da Memoria;
E assim os Povos todos
Dobraste ás leys universaes. Nem forão
Só de policia, e d'armas
Doutrinas que embebeste
Próvida em teus Alumnos; que, inspirados
E argutos modulando o sacro ensino,
Para os seguir movêrão
Homens e feras, troncos e penhascos.
Tu os caudaes thesouros
Devolves da Eloquencia;
E, os musicos delirios deleitosos

Desinvolvendo nas cadencias tuas,
Ora as paixões reprimes,
Logo desatas da piedade o pranto.
Tu dás as fcas cores
Que eternamente os vicios
Do opprobrio nas cavernas ennegrecem,
Tu dás as cores de matiz celeste
Com qne sempre formos
Aos olhos dos Mortaes brilha a Virtude.
Alvos padrões, que a Fama
Com voz perenne guarda,
Levantas aos Heróes que a Patria honrárão
Crescendo-lhe grandeza com virtudes;
E de Camões na tuba
Divinizas os Reys de Luso egregios,
Que os Reynos seus luzirão
Com prospero governo;
Grandes apresentando a Eternidade
Affonsos, Manoeis, Joaós, Dinizes,
Porque os fizerão grandes
Monizes, Nunos, Albuquerques, Gamas.
Deleitas instruindo:
E, as Artes illustrando
Que fazem florescer mais doce a vida,
Obrigas que Cybeles e Neptuno
Facultem na abundancia
Aos Homens o superfluo, que os regala.
Mais pingues as seas
D'Hesiodo c'o plectro
Pullulão; graciosas lourejando;
E dos torvos Titães o exemplo aterra,
Impios que se alevantão
Dos Deoses, e das Musas inimigos.
Affouto despedindo
Pelo Universo o Canto,
Arato amostra pelo ethereo espaço,
Dos Astros a luci-gera carreira;
E toda em lições tuas
Facunda se derrama a Sapiencia.
De antigos Ceos e Terra
Mal satisfeita, exploras
Inteiro o campo que reserva Urania;
E arrancas-lhe os segredos portentosos
Que regulão no espaço
Novos Soes, novos Mundos não sabidos.
A deixar se medir os Astros descem
A hum teu sublime aceno,
Com genio arrudo ousado
Armando a vista, por sua arte os Homens
Abaixão ante si dos Ceos a altura;
E, em multidão radiosa,

Os dois anneis sustentas
Da amplissima cadêa
Que do humano saber as partes liga
Com reciproca, eterna dependencia,
Como dependem todas
Dos teus adornos, para ser mais bellas.
Com vista penetrante
O Sanctuario operoso
Da Natureza investigando affouta,
Sublime aos Homens seus mysterios abres;
E, por ti mais formosos,
Seus quadros, e seus dons patentes brilhão.

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.

(Continuado do N. 7. pag. 83.)

Prosegue o Auctor a pag 31 „ Os escriptos em prosa inculcão decadencia ainda mais rápida; e, se continúa tal desleixo „ em cultivar a lingua patria, depressa deixarão os nossos Auctores, e por consequencia a Nação inteira, de fallar e escrever em Portuguez, e a lingua e estylo se tornarão igualmente barbaros; verificando-se a prophecia infausta do illustre „ Paschoal José de Mello, que dizia ter escripto em Latim pelo bem fundado receio que, se o fizesse na lingua materna, „ dentro de pouco cessassem de o entender os Portuguezes. „ Nós respeitamos Paschoal José de Mello como elle bem merece por seus muitos talentos, e saber; foi elle hum dos Homens que no seculo passado mais honrárão o nosso Foro, a nossa Universidade, e as nossas Letras; foi elle o nosso maior Jurisconsulto, ou pelo menos foi elle o nosso mais Philosopho Jurista, do que são clara prova os seus Compendios de Direito Civil e Criminal: foi certamente hum grande Homem, porém os grandes Homens tambem errão, e hum dos erros de Paschoal foi essa opinião, referida pelo Auctor. Para nós não voga o *Magister dixit*; e, ainda que hum cento de Paschoaes proferissem a mesma sentença, nós igualmente a impugnariamos, appellando para a universal opinião, e bem persuadidos de que serão sempre entendidos e estimados aquelles Auctores que bem escreverem na sua lingua materna, muito mais sendo ella, como a Portugueza, huma lingua nobre, elegante, e culta. Parece-nos que Paschoal só escreveo em Latim, por ainda se deixar vencer da antiga preoccupação, ou antes sestro pedantesco de em Latim serem

compostos todos os escriptos de Jurisprudencia: não fallemos dos males que se dahi seguem, por ser isso questão á parte; porém nisto não louvamos Paschoal, e, se por isto o não fez, ainda mais errou. Nem menos podemos dizer errada a opinião do Auctor de que *os escriptos em prosa inculcão decadencia ainda mais rápida*, e errado o seu receio de que *a lingua e estylo se tornarão igualmente barbaros*: como póde ser verdade a primeira, nem verificar-se o segundo depois de tantos bons escriptos que em diversos generos possuimos, depois das excellentes obras de tantos nossos Coetaneos Concidadãos, e da cultura e opulencia a que nestes ultimos tempos tem sido elevada a nossa lingua? Eis-aqui o porque nós dissemos parecer o Auctor que só conhece Antonio Ribeiro por suas composições poeticas: deixemos estas, posto que muitas boas pudéramos ainda citar traduzidas ou originaes, ou de Auctores mortos ha poucos annos, ou já de outros ainda vivos; e, referindo-nos sómente ás prosas, tambem nos parece que o Auctor mudaria de opinião, se lesse a collecção das Memorias da nossa Academia, entre as quaes ha muitas de Antonio Ribeiro, todas excellentes, e muitas de outros que tambem o são, assim por seu util contexto como por serem bem escriptas. Ponhamos de parte algumas poucas traducções, e os escriptos Juridicos, Medicos, Chirurgicos, ou puramente scientificos; nem tambem fallemos de Sermões, posto que de tudo isso alguma cousa temos moderno, e bom: mas, sem olhar por suas outras composições, não quererá ter em conta os Elogios historicos de Stockler, que, á maneira dos de Fontenelle, fazem respeitaveis as Sciencias e por ellas respeitado o seu Auctor? por nada quererá contar a vida de Almeno, composta por Antonio Ribeiro, e que corre impressa com os quatro primeiros livros das Metamorphoses de Ovidio, traducção de Almeno, e obra perfeitamente boa quanto á intelligencia do texto, e pureza de linguagem? Terá o Auctor por despreziveis o Jornal de Coimbra, e outros nossos, havendo entre esses algum que, por elegancia d'estylo e linguagem castiça e castigada, póde bem competir com os nossos mais illustres escriptores?... Pois a nós parece-nos, que estas prosas que indicamos, juntas com as excellentes de Francisco Manoel, são hum opulentissimo thesouro de nossa boa linguagem Portugueza: parece-nos, que ellas provão não ser tal como o Auctor imagina a decadencia das Letras em Portugal: parece-nos, que dellas facilmente se deduz, e se conclúe haver ainda muito entre nós quem saiba escrever bem, e bem avaliar os bons escriptos: e parece-nos até, que assim o entende o Auctor em sua boa consciencia; aliás para que nos prometteria, a final deste seu Discurso, escrever *em linguagem pura, livre de palavras e ediotismos estrangeiros*? e para que tomaria comnosco esse cuidado e fadiga, não havendo entre nós Juizes competentes,

que esse seu trabalho pudessem premiar com justos louvores, tanto mais saborosos quanto são mais bem merecidos? Nem desse promettimento se arrependa, certo que em Portugal terá bons avaliadores, os quaes, se com a franqueza e abertura da ingenuidade lhe disserem críticamente o que entendem, de muito melhor mente o farão achando amplo e patente o campo para os louvores, que já começão a distribuir-lhe, dando-lhe em parte desculpa pela lembrança de que o seu associado, Auctor da *Memoria sobre a ecônomia rural*, se queixa em nota da *penuria em que estão de livros Portuguezes publicados nos ultimos annos.*

Ajunta o Auctor „ Hoje só se reputa sublime o que he „ empollado; só o chocarreiro he jocoso; á satyra grosseira se „ chama crítica; e, em vez do sal Attico, nos dão chufas, im- „ properios de Estudantes mal criados, ou antes de regateiras. „ A'urbanidade dos nossos Classicos antigos, de hum D. Fran- „ cisco Manoel, por exemplo, substituem os nossos Auctores „ hoje a linguagem marujal dos Cafés, e as pachouchadas dos „ nescios. Compare-se o sal do Hyssope e o da Estupidez com „ o fel do escandaloso, grosseiro, e trivial libello em verso in- „ titulado --- Os Burros --- e ver-se-ha quão rapido he o des- „ penho com que nos vamos a precipitar no pégo do máo gos- „ to. „ Isto parece-nos quasi o mesmo que se dissesse = Em França houve hum Cotin, por consequencia não prestárão Massillon, Bourdaloue, Flechier, nem Bossuet, por consequencia não prestavão no seu tempo os Prégadores, e a Nação hia com *rápido despenho precipitar-se no pégo do máo gosto*: ou, em França houve hum Pradon, por consequencia não prestárão Corneille, Racine, nem Voltaire; por consequencia não prestavão no seu tempo os Poetas Dramaticos, e a Nação hia com *rápido despenho precipitar-se no pégo do máo gosto* = Agora rirá talvez o Auctor, ou talvez tambem que se enjoe, e diga entre si ---- Ora eis-aqui huma bem grande frioleira, eis-aqui huma bem intempestiva declamação, hum bem vasio argumento, e exótica apparidade! --- Pois ólhe, não o julgamos nós assim, porque as illações nos parecem quasi identicas; e ingenuamente lhe dizemos, que com bem *máo gosto* achamos escripto este parágrapho. Se o alcunhado *Poema dos Burros* he poeticamente tão indigesto, e moralmente tão maligno e depravado como seu canino Auctor; se he hum apontoado de chufas, improperios, e satyras grosseiras, escripto em linguagem marujal; se he absolutamente nú de tudo o que em poesia póde chamar-se bom, e sómente notavel por sua excessiva malignidade e fel, copiosamente derramado sobre vivos e mortos, segundo o vêzo de seu malevolo, impudente, e desboccado Auctor, que temos nós com isso? Póde acaso hum

só Homem ridiculo, malvado, e obscuro influir sobre huma Nação inteira? ou porque hum Homem vil escreve com o *máo gosto* homogeneo da vileza, segue-se que esse *máo gosto* se derrame por seus conterraneos, e influa como enfermidade contagiosa? Tal não cuidamos; e com tudo não lhe negaremos rasão em seus queixumes, pois que he huma infeliz verdade o haver muito entre nós quem *só reputa sublime o que he empollado*, quem só reputa *jocoso o que he chocarreiro*, quem emprega *o fel por sal*, e as *grosserias por urbanidades*; e sobre esses bem he que assente a espada da justiça, e a vara da correcção: mas ninguem ignora que esses excessos, extravios, ou desmandos pela maior parte dependem da pública educação; se esta fosse apurada, não estariamos nós em decadencia de Letras, nem tantos serião esses excessos, porque sempre he mais a grosseria onde a ignorancia he maior: ésta em todos os tempos, e em todos os paizes he sempre o dote geral, he a grande herança popular; os Sabios são sempre os menos, são sempre os poucos; mas em hum paiz que, assim como o nosso, chegou huma vez a ser culto, existem sempre alguns Homens bem educados, alguns Homens de bom engenho e lição, em cujas acções e obras, em cujas idéas e julgados tem sua devida preponderancia o que he bom, e separação o que he máo. Lisongeamo-nos de que o Auctor se conformará com esta nossa opinião, e que, com elles contando, para elles escreverá.

Com muita rasão diz o Auctor a pag. 32 „ Não he de admirar a triste sorte da lingua, á qual (unica na Europa) falta ainda hum Diccionario Classico, huma boa Grammatica, hum systema de Orthographia, huma Prosodia, hum Tratado de synonimos, e de homonymos, huma Collecção de idiotismos, e em huma palavra, que apenas possue huma edição correcta de algum Classico. Não he de admirar que em tal inopia, e tão faltos de guias escreva cada hum como bem lhe parece, e que até as obras dos Homens verdadeiramente doutos estejão cheas de erros, ou de contradicções em orthographia e linguagem. „ Muita rasão tem, nem achamos termos com que bastante o poder asseverar; porque na verdade he miseria que hum Nação que tem produzido tantos grandes Homens por esforço e por saber, huma Nação que em todas as quatro partes do Mundo tem feito soar com gloria o seu nome, huma Nação que falla huma das mais bellas linguas do Mundo, esteja em tão grande carencia, como o Auctor refere, de tudo o que póde concorrer para aperfeiçoamento dessa mesma lingua! A isto ajuntaremos o que tambem diz o Auctor a pag. 33 „ Já que a nossa Academia, a quem competia trabalhar no aperfeiçoamento da lingua, e das letras não continuou os seus uteis trabalhos, he da obrigação de todo o Portuguez contribuir da

„ sua parte para supprir o que nos falta. „ E tambem nisto em parte lhe achamos muita rasão: convimos na *obrigação de todo o Portuguez*: convimos em que *á nossa Academia competia trabalhar no aperfeiçoamento da lingua*; mas fallando com a ingenuidade e clareza que he propria dos Homens de letras, temos por bem lamentavel cousa que, compondo-se a nossa Academia de tantos Homens illustrados, e tratando de huma de suas tarefas mais importantes, tratando de compôr hum Diccionario da lingua, fossem as opiniões tão controversas, desvairando em tão longos e intempestivos debates, que al-fim adoptarão hum dos peores systemas, e compuzerão sómente o primeiro Volume de hum Diccionario que, a haver de por aquelle theor se completar, precisaria quem o quizesse de aprompar cincoenta moedas e hum carro para o levar para casa, vindo assim mesmo a ficar com hum muito imperfeito Diccionario da lingua! Porém que ha-de ser, se, não sei porque força do destino, ha inda cabeças tão empoeiradas que em seu juiso Francisco Manoel he hum Auctorsinho, e Bocage he huma peste!

Finalmente, repetimos o que já dissemos: muito louvor se deve aos Redactores deste novo Periodico, do qual esperamos proveito geral, e particular beneficio da nossa Patria: se alguma vez a seu respeito usámos de alguma excessiva expressão, desejamos que essa pelos nossos Leitores seja substituida com outra mais moderada, e conveniente; havendo aquellas talvez nascido de hum impeto tão natural como invencivel, todas as vezes que nos erguemos a pugnar pelo brio e gloria da terra que nos deo o berço. Não he que nós sejamos Optimistas, mas tambem não somos, nem folgamos de ver Mysantrópos: nós não imaginamos tudo o melhor, porém repugnamos ver imaginar tudo o peor possivel. Nenhum remorso nos fica, porque em nada dissemos o contrario do que entendemos: nem haja quem de nenhum modo presuma, que algum motivo particular nos induzio a assentar a pluralidade de nossas observações sobre os escriptos do Senhor F. S. C., devendo aliás de necessidade assim ser, por isso que de sua penna he a maior parte deste primeiro Volume. Esperamos que para o diante serão não sómente bem tratados os diversos assumptos promettidos, mas por tal arte distribuidas as materias que em nenhum outro Volume falte alguma parte de Historia, e Literatura; e será esse mais hum meio de, conforme ao que vem dito no Discurso Preliminar, ser a obra *accommodada ás precisões e conhecimentos do maior numero dos Leitores*: e nós, que somos desses, continuaremos as nossas observações.

N. A. F. F. Moniz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 7. pag. 84.)

Renovárão os Castelhanos grandes preparativos marciaes, ameaçando invadir o Alémtejo: mas o Condestavel abalou com perto de seis mil Homens, pela maior parte veteranos, e a 2 de Outubro de 1385 passou o Guadiana entre Elvas e Badajoz; avançou talando a campanha, entrou no Almendral, que se lhe rendeo, e o bem que tratou seus moradores induzio a que o mesmo fizessem os do Lugar de Parra e da Villa de Zafra; entrou em Fuente del Maestro, metteo a saco muitas Aldêas; entrou em Villa Garcia, e recolheo copioso despojo. Depois de huma refrega com o Mestre de Alcantara, que pertendeo tolher-nos a passagem da Ribeira de Magasella, e que alfim cedeo o campo, voltando á redea solta a amparar-se da serra, marchou o Condestavel até Valverde, sendo de caminho bem molestados os Castelhanos em algumas escaramuças; e, havendo noticia das suas forças (iguaes ou superiores em número ás de que triumphamos em Aljubarrota, e mandadas pelos Condes de Niebla e Medina Celi, os Mestres de S. Thiago, Alcantara, e Calatrava, outros Fidalgos, e os Vinte e Quatro de Sevilha) foi a legoa e mea de distancia buscar porto no Guadiana. Aqui foi necessario romper pelas estancias do inimigo, que se abrio pela frente deixando-nos penetrar até ao centro, e tornou a cerrar-se tomando-nos em cerco: porém o Condestavel ordenou que fossemos combatendo e avançando em seguimento de sua Bandeira; e elle proprio, embarçando hum escudo, e posto á frente do primeiro Esquadrão, rompeo tudo que se lhe oppoz. Chegados ao porto, achámos os postos bem guarnecidos; mas logo o Condestavel mandou adiantar a vanguarda, e á frente della commetteo o váo, arremessando-se á corrente com huma lança nas mãos. Em Merida e Badajoz se vírão as agoas do Guadiana purpuradas com o sangue derramado naquelle conflicto. Já na vanguarda se retiravão os Castelhanos a tomar outro posto vantajoso, mas ainda na retaguarda durava a peleja sem declinar do ardor primeiro: então o Condestavel repassou o rio, carregou o inimigo com todo o grosso de nossas forças, mandou passar bagagens e prisioneiros, sustentou com poucos o peso da batalha, e vadeou depois o Guadiana.

Conseguida esta primeira victoria, de duas eminencias forão os Castelhanos successivamente desalojados com grande per-

da; mas, commettendo á 3.ª sorte por natureza e arte, alli foi o Condestavel ferido de setta em hum pé; e, depois de accodir á retaguarda, e ordenar o combate em modo que não fossemos flanqueados, tornou á vanguarda, onde os nossos já mal sustentavão o peso da multidão inimiga: re-ordenou as fileiras, e entre huns penhascos se retirou a orar, e observar os movimentos inimigos, recommendando que, sem alterar a fórma, sustentassemos o posto: porém os Castelhanos que do quebrantamento dos nossos inferirão a ausencia do Condestavel, e tinhão gente de refresco, repetirão ás cargas: era geral o perigo. . . .

Vello com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse
Porque comsigo esforço aos fracos désse.
Mas olha com que santa confiança
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a confiança
Da victoria que logo lhe daria:
Assim Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe cerria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
„ Pois eu (responde) estou sacrificando.

Camões, Lus. C. 8.

Sahio finalmente o Condestavel, mandou abalar sua Bandeira, commetteo hum passo muito importante e difficil, escalou os alojamentos Castelhanos, e então foi completa a derrota, seguindo-lhe os nossos o alcance até cahir a noite, e o Condestavel mandar tocar a recolher; mas nem de huma nem de outra parte sabemos a perda, porque sempre entre nós houve descuido de pôr meio da escriptura, segurar na memoria os nossos mais honridos feitos.

Carregado de gloria e despojos marchou o nosso Exercito na volta de Portugal, e entrou em triumpho pela Cidade de Elvas, arvorada a Bandeira do Condestavel, e arrastados os Estandartes de Castella e o Pendão de Sevilha. Pouco tempo era passado quando os Castelhanos fizerão huma furtiva invasão, talando a campanha pelos contornos de Monçaraz, e outros lugares da raya; mas logo o Condestavel passou a Estremoz, e com os Soldados da guarnição, e outros dos presidios das Praças visinhas chegou a Monçaraz, a tempo que os Castelhanos começavão em retirada a vadear o Guadiana pelo Porto da Prata: passamos d'involta com elles, e os fomos carregando até huma planicie mea legoa distante onde, depois de porfiada peleja, deixárão muitos mortos e prisioneiros, armas e cavallos, e toda a preza que havião feito.

Resolveo El-Rey sitiar Chaves, para onde abalou campo, avisando ao Conde tavel, que com a gente de que no Alemtejo pudesse dispôr se lhe fosse encorporar: sahio fóra do alojamento e recebello, dirigio elle o ataque, e tomou para si o posto mais arriscado, e, depois de longo assedio, rendeo-se por capitulação a Villa, de que El-Rey lhe fez mercê. Negociou depois a entrega de Bragança, que arvorou as Quinas Portuguezas; foi sobre Miranda, que á vista do nosso Exercito se despejou de inimigos; e alli se passou resenha, achando-se constar o nosso campo de 4 mil e 500 lanças montadas, afóra muitos Homens d'armas, e Infanteria, o maior Exercito que até então tinhamos posto em campanha; com o que determinou El-Rey sitiar a Cidade de Coria (Estremadura Castelhana) e dividio-se o Exercito em 3 corpos: 1.º ao mando de Martim Vasques da Cunha: 2.º do Condestavel: 3.º d'El-Rey. Rendeo-se a Martim Vasques a povoação da Frolhosa, a de S. Felix só quiz entregar-se ao Condestavel, e rendeo-se-lhe Fuente Guinaldo. Reunido o Exercito á vista de Coria, foi o Condestavel torneando a cava, e notando os postos: adiantárão-se os approches, e, contra a opinião dos melhores Capitães, ordenou El-Rey hum assalto que por muitas horas durou profiado com grande perda nossa; mas vendo o Condestavel que se arriscava gente sem fructo, defendeo aos seus escalar o muro. Mandou em fim El Rey tocar a recolher, e, lastimado de não effeituar-se a empreza, rompeo em palavras de sentimento, chegando a dizer „ Que lhe faltárão aquelles dados os Cavalleiros na Tabula Redonda, companheiros nas victorias, e iguaes no esforço a El-Rey Arthur „ ao que estimulados respondêrão os Capitães „ Que antes se achára alli menos El-Rey Arthur, que soubera premiar, e não injuriar Vassallos que sim lhe ajudárão a defender o Reyno, mas nenhum que o creasse Rey „ e como em cima da perdas no combates, picassem gravemente as doenças, e faltassem provisões no Exercito, levantamos campo, e, assolado o paiz, tornamos a Portugal.

Continuar-se-ha.

Moniz.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO IX.

ARTIGO I.

LITERATURA.

Admiradores, e Criticos de Homero.

ENtre os antigos Philosophos Gregos, distinguem-se como admiradores de Homero, Democrito, que escreveo a respeito do estylo deste Poeta; Anaxagoras, que considerava a justiça, e a verdade como fundamento dos seus escriptos; Arcesiláo, que sempre adormecia com a Iliada na mão, e quando acordava dizia, que tornava a ver a sua Bella; Platão, cognominado por Cicero o Homero dos Philosophos, e cujo estylo tem as côres Homericas; e todos os Estoicos, sendo Antisthenes, Zeno, Perseo, e Chrysippo seus Commentadores ou Apologistas. Mas a nenhum mereceo tanto como a Aristoteles, que em Homero achou o perfeito modelo da Epopéa, e delle extrahio todos os preceitos desta parte da sua Poetica; sendo geral a sua veneração entre todos os Peripateticos, e tanto que hum delles por nome Aristocles, resolveo a favor de Homero o problema sobre qual dos dous, elle ou Platão, erão mais excellentes moralistas. Zenodóto, Aristarcho, e outros Criticos de Alexandria formavão hum Choro em louvor de Homero, e á porfia trabalhárão na interpretação e apuro das suas obras. Diniz de Halycarnasso escreveo dous tratados, que existem, para mostrar o artificio dos discursos de Homero, e o maravilhoso mechanismo da sua mertrificação. Strabão, depois de o exaltar como Geographo, louva-o como Philosopho e Poeta. Dion, em hum discurso escripto para instrucção de hum Mancebo amador das letras, especialmente lhe recommenda que estude Homero. Plutarco, escreveo o tratado das *Meditações Homericas*, que se perdeo; mas em outros dous, que existem, sobre a maneira de ler os Poetas, e sobre o engenho e escriptos de Homero, mostra assás a veneração em que o tinha. Longino olha-o como o Jupiter da Epopéa, e julga que nenhum outro Poeta soube como elle fal-

lar a linguagem dos Deoses. Longuissimo seria se houvesse de nomear tantos outros que em seu louvor se avantajárão: não deve porém omittir-se que entre os Discipulos da segunda Escholа Platónica, os quaes o preconisavão Principe dos Poetas, se distinguírão Proclo de Lycia, e o célebre Porphyrio, Auctor de dous tratados, hum sobre a philosophia de Homero, e outro sobre a utilidade que de sua leitura podem os Principes colher: nem he menos para notar o dizer S. Basilio o Grande, que os Poemas de Homero são hum perpetuo elogio da virtude.

Ao voto de tantos Literatos deve juntar-se o de muitos Principes, e eminentes personagens, celebres por seu amor ás letras: taes são Alexandre Magno; Pisistrato, dominador de Athenas; Hipparco, seu Filho; Lycurgo, Legislador de Lacedemonia; Solon, Legislador de Athenas; Ptolomeo Philadelpho, Rey do Egygto; (1) Cércidas, Legislador de Megalópolis, e Cassandro Rey de Macedonia, que a miúdo repetia versos da Iliada e da Odyssea, Poemas que, segundo he fama, sabia de cór; e dos quaes se julga que Ptolomeo Evergetes escrevêra hum Commento, que se perdeo, bem como o que da Iliada fizera Demetrio de Phálaris. Juliano, que não era Apostata em materias de literatura e bom gosto, falla de Homero com grande enthusiasmo. Finalmente o Imperador Justiniano o proclama nas Pandectas como Pay de todas as virtudes; nem he para esquecer que o famoso Alcibiades deo huma bofetada em hum Grammatico, por ensinar bellas letras sem Homero. (2)

Mas em tudo ha contradições, nem he pequena a que tem soffrido a gloria de Homero, não sendo talvez menos que o de seus admiradores o número de seus Criticos, e detractores: huns, como Luciano, e Longino, dando-lhe merecidos gabos, nem por isso lhe dissimulão os defeitos: outros, como Zoilo (3) e Parthenio de Phocéa, contra elle se desboccárão em toda a sorte de maledicencias; mas por isso, em premio dos seus nove tratados contra o cantor de Achilles, foi Zoilo crucificado, ou apedrejado (como dizem outros) por mandado de Ptolomeo; e de Parthenio dizia o Poeta Ericio „ Que, em vez de vinho, se lhe devia na tumba derramar pêz fervendo; e que a sua sombra

(1) De todos estes diremos hum pouco mais, quando tratarmos dos escriptos de Homero.

(2) Similhantemente deveria entre nós acontecer a respeito de Camões.

(3) Zoilo o Grammatico, aquelle cujo nome designa hum *Thersites*, hum *Fogaça*, hum monstro de malevolencia, hum empeçonhado detractor e calumniador; e não Zoilo o Orador, que tambem escreveo contra Homero, mas puramente como critico, e amigo da verdade; segundo o testimunho de Diniz de Halicarnasso.

seria no Tartaro pelas Furias atormentada, em expiação das suas horriveis blasfemias.

Por não fazermos huma tediosa carta de nomes, terminaremos a respeito de Homero a opinião dos escriptores Gregos, referindo a sentença de Platão; o qual, bem que admire o estilo encantador da Iliada, condemna-lhe os costumes, e a distribuição, partes essenciaes na Epopéa „ Por tanto (diz elle na sua Republica) se entre nós apparecer hum Poeta que saiba tomar todas as formas, e tudo imitar, e que nos offereça os seus Poemas, testimunhar-lhe-hemos a nossa veneração, como a hum homem sagrado, a quem se deve respeito, e affeição; porém dir-lhe-hemos: Não temos entre nós quem vos semelhe, nem nos he permittido ter, segundo a nossa politica constituição: e com isto o reenviaremos a outra Cidade, depois de lhe derramar perfumes, e o ter coroado de flores „ Com effeito, se tal fosse o voto de todos os Censores de Homero, mal se distinguirião elles dos seus admiradores; e por isso diz Laharpe, depois de isto referir no Lyceo „ Que, se existisse a Republica de Platão, se tentarião os Poetas a lá hir, ainda que mais não fosse do que para lhe ser proferido este acordão de degredo.

Os Latinos, discipulos dos Gregos em literatura, e bellas artes, começando pelos seus melhores Poetas, taes como Ovídio, Lucrecio, Tibullo, Properçio, Silio Italico, Ausonio, Valerio Maximo etc. todos elles dão grandes gabos a Homero, Horacio, grande Poeta e excellente Critico, reputa-o Philosopho superior a Chrysippo, e a Crantor; louva-o pelo que respeita aos characteres, boa ordem, economia poetica, e propriedade de estylo; desinvolve o fio moral da Iliada, e claramente o designa como verdadeiro Mestre da arte: porém Virgilio fez-lhe ainda muito mais bello elogio, escreveo a Eneida. Se dos Poetas passarmos aos Prosadores, deparamos logo com Quintiliano, que, depois de examinar a Iliada, e em mil encomios se diffundir, conclue „ Que he preciso ser grande homem até para lhe conhecer as perfeições „ Plinio, o Naturalista, chama-lhe Pay das Sciencias, e Principe das letras. Macróbio, confrontando-o como Virgilio, mostra que este lhe he quasi sempre tão inferior quanto hum Discipulo o deve ser a seu Mestre. (1) E deixando outros, e apenas mencionando que o grande Pompeo não partia para alguma expedição, sem primeiro se alentar com a leitura de Homero; remataremos com Vitruvio, que até desejava o estabelecimento de hum Tribunal Literario, que punisse os blas-

(1) Mas por Virgilio se póde muitas vezes dizer: *Discipulus super Magistrum.*

phemadores de Homero. (1) Mas tambem entre os Latinos não faltou quem o criticasse: valha por todos o maior Orador de Roma, e talvez o maior Orador do Mundo; quero dizer, Cicero, (2) que o condemna de attribuir aos Deoses as fragilidades dos homens, querendo antes que houvesse elevado os homens á perfeição dos Deoses: e tinha rasão.

Salvando agora todo o intervallo da irrupção dos Barbaros, achamos que, com o renascimento das letras, resurgio mais brilhante a gloria de Homero. Petrarcha de proposito aprendeo o Grego para ler no original as Poesias de Homero, e concorreo com Bocaccio para a primeira traducção em prosa Latina da Iliada, e da Odyssea. Torquato Tasso, opinando sobre materias poeticas, he Scipião julgando a preeminencia entre os grandes Capitães; e diz Tasso ,, Que nenhumas poesias tem mais que as de Homero o cunho da immortalidade, e que he elle mais inaccessivel aos ataques da inveja do que o cume do Olympo aos ventos, e ás tempestades ,, A' similhança de Petrarcha, o celebre Conde Alfieri, na idade de quarenta e nove annos, aprendeo o Grego para estudar Homero, e tanto se lhe affeiçoou que em sua honra instituio huma Ordem, e a si proprio se creou Cavalleiro de Homero; á maneira dos Parentes, e Amigos de Lycurgo que, segundo refere Plutarcho, em memoria sua estabelecêrão huma sociedade, e chamárão *Lycurgidos* os dias de seu congresso. Angelo Policiano, termina hum seu magnifico elogio chamando-lhe, Oceano de mais que humana sabedoria. Chabanon mostrou que a Iliada, assim pela acção, como pelos characteres, enredo, dialogos, e combate de paixões, he huma verdadeira Tragedia; (3) que, mesmo pelas suas imperfeições, mistas com tanta heroicidade, Achilles he eminentemente tragico, e Homero hum grande Mestre da arte tragica, e hum perfeito conhecedor do coração humano. O Conde de Caylus indica aos Pintores 190 magnificos quadros da Iliada, e 257 da Odyssea. Voltaire justifica os Deoses, e os Heróes de Homero; (4) e especialmente o admira como Pintor sublime. Milton em tanto preço o tinha, que o sabia quasi todo de cór. Pope, seu gabado Traductor, attribue-

---

(1) Outro tanto deveriamos nós requerer a respeito de Camões, e bem era que se requeresse a respeito de todos os grandes homens, maltratados por escrevedores insulsos, e literarios sevandijas.

(2) Virgilio, a despeito de Cicero, concede aos Gregos a palma da eloquencia; mas, se isto fosse verdade, não sei então como elle poderia sustentar a comparação de Homero.

(3) Em huma disertação inserta na collecção das Memorias da Academia das bellas letras.

(4) No Ensayo sobre a Poesia Epica.

lhe como characteristico o talento da invenção; e no seu Templo da Fama pertence a Homero a primeira das seis columnas em que, junto do Throno daquella divindade, colloca as effigies dos mais celebres Escriptores da antiguidade. O celebre Esculptor Bouchardon dizia „ Que depois de ler a Iliada sempre se lhe affigurava terem os homens dez pés de altura „ Roberto Wood caso pensado viajou para ler os Poemas de Homero nos proprios lugares onde as acções delles erão representadas: e assim elle, como Le Chevalier, Tournefort, Chandler, Choiseul-Gouffier, e muitos outros celebres viajores, que discorrêrão os mesmos paizes, attestão a topographica exactidão de Homero. Seria em fim necessario citar a pluralidade dos Sabios, e Literatos, se houvesse de se fazer huma lista dos modernos admiradores de Homero: muitos porém, e mui azedos tem sido alguns dos seus criticos, chegando até ao ponto de duvidarem da existencia da sua pessoa, e dos seus Poemas. Sustentou primeiro estes paradoxos João Baptista Vico, dizendo „ que a Iliada, e a Odyssea são huma collecção de cantos nacionaes dos Gregos, de differentes seculos, e diversos Auctores, todos antiquissimos „ (1) Este deo materia á guerra de preferencia entre antigos, e modernos, ou *Gigantomachia literaria*, declarada em França por Carlos Perrault, no seu *Parallelo dos Antigos, e Modernos*, apoyado por Lamotte Haudard, o Abbade d'Aubignac, Saint-Sorlin, Mercier, Marivaux, Charpentier, e, ainda além de outros, dous Homens de tão profunda literatura como Terrason, e Fontenelle! (2) Mas pelos antigos

---

(1) Não admira, porque no seu tratado *della Scienza nuova* teve o bom gosto de reduzir a problema toda a Historia antiga.

(2) A' primeira vista causa grande admiração, que tal partido tomasse Fontenelle; menos porém admirará, reflectindo em que, não obstante os seus muitos talentos, e saber, foi elle achacado de diversas manias literarias; e por certo que não foi pequena, depois de se ter desunhado em versos, em que nunca excedeo a mediocridade, talvez por esta mesma causa, com Lamotte e outros, declarar-se do partido anti-poetico, dizendo a este respeito mil frioleiras, como era bem natural sustentando hum systema absurdo. De Mercier nada ha que admirar, porque sempre em todos os seus escriptos pertende a todo o custo singularisar-se; e, assim como se propoz a bannir Homero do Parnasso, tambem presumio expulsar Newton do Ceo. Saint-Sorlin foi Auctor dos Poemas de Clovis, e da Magdalena, que ninguem póde ler, etc. etc. E nós por nossos peccados se não temos *Poemas Clovises*, temos *Poema Gama*, ou aborto Epico; *Poema Oriente*, ou refundição do Gama; *Poema Meditação*, ou manta de mal cirzidos pedaços alheios; *Poema Newton*, ou provas da ignorancia do assumpto; e *Poema Argonauta*, ou provas da nullidade poetica de seu Auctor: e outras obrinhas de igual fieira, e jaez, como fructos que são de cabeça igualmente boa, e com tão bons, e peores sestros do que Saint-Sorlin.

victoriosamente combaterão Boileau, Dacier, Huet, o Abbade du Bos, Longepierre, Boivin, Regnier des Marais, e alem de outros muitos, e mui notaveis homens de letras, Racine, e Fenelon, que bem podem contrapôr-se aos outros dois mais celebres Campeões do partido contrario.

Assim como de Italia passou a França, de França lavrou para Inglaterra o furor desta Gigantomachia: e, deixando outros, o Cavalleiro Temple, depois de render mui respeitosa, e esplendida homenagem ao sublime Cantor de Achilles, (1) sustentou em geral a superioridade dos antigos. (2) Guilherme Wootton, apoyado por Bentley, defendeo audazmente os modernos, e escandeceo a bilis do Doutor SWift, que em summo grão ridiculisou os seus adversarios em hum libreto intitulado *Batalha dos Livros*: (3) nem menos do que Wootton, e Bentley por SWift na Inglaterra, forão por Boileau, Dacier, Huet, e Gacon em França ridiculizados Perrault, e Lamotte, posto que a nenhum delles faltasse talento, e erudição.

Continuar-se-ha.

N. A. P. P. Moniz.

---

(1) Discurso sobre a Poesia.

(2) Ensayo sobre o saber antigo, e moderno.

(3) Suppõe Swift, que os livros da Bibliotheca de S. Jayme, animados do espirito de seus Auctores, se deshouverão, e renhirão. A acção he preparada com o machinismo do maravilhoso Homerico. Jupiter, e os demais Deoses tomão partido nesta grande querella. A Critica, Divindade Filha do Orgulho e da Ignorancia, que habita huma gruta da Nova-Zembla, e estava deitada sobre hum montão enorme de livros carcomidos, despertada por Momo, vôa á Bibliotheca em hum carro tirado por dous Gansos; e, tomando a figura de Bentley, excita o seu muito amado Wootton a dar o signal da batalha. Trava-se acção, que he chea de engenhosas allusões, carrancas de Homero, e picantes jocosidades; e termina com a morte de Wootton, e de Bentley, atterrados com hum só golpe de Boyle, em quanto Wootton debalde arremessava hum dardo ao Cavalleiro Temple. No fervor da peleja Homero, que mandava a Cavalleria, montado em hum Cavallo de fogo, que só elle podia manejar, faz rojar no pó a Gondibert, Poeta extravagante que se julgava superior a Homero. (*Oh lè! Assim era por lá isso? Pois tambem nós cá temos outro bem façudo Gondibert, que, com todo o empavezamento da nescia presumpção, se apregoa superior a Camões, e a quantos mais excellentes tem atégora apparecido!*) Finalmente Homero atravessa Perrault de parte a parte, desmonta-o depois de bem varado, atira com elle á cabeça de Fontenelle, e a ambos elles põe os miólos ao Sol etc. etc.

ARTIGO II.

POESIA.

FABULA.

A Gralha, e a Arara.

Palrava irosa
Gralha importuna:
,, Faz-me injustiça
Minha fortuna:
,, Todas as Gralhas
A flux encovo,
Tudo o que eu digo
He bello, e he novo:
Faço mil cousas
Originaes,
E todas ellas
São immortaes:
,, Honradamente
Tudo espreitando,
Com chiste, e siso
Tudo notando,
,, Do Mundo a emenda
A-cargo tomo:
Com suor ganho
Isso que como,
,, E, em recompensa
De tanta lida,
Sou mais que peste
Aborrhecida:
,, Olhão-me todos
Sempre ao revez
E sou de mófas
Perpetuo endez:
,, Patos malditos,
Casta damnada,
Fazem-me eterna
Cruel grasnada:
,, Podres mazellas
Me põe ao ar,
Baldas que fazem
Rir, e raivar:
,, Por mais que acertem
Eu não me calo,
E mais me zombão
Quanto mais fallo,,
— Ah! Ah!... bem feito:
(Grita huma Arara
Que este queixume
Todo escutára)
— Desprezo, e apúpo
Bons premios são
De atroz malicia,
Van presumpção.

Moniz.

ARTIGO III.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 8. pag. 96.)

Quiz depois El-Rey ajudar o Duque de Alencastro a haver o throno de Castella, e, unindo-se-lhe o Condestavel, ao qual nomeou seu Veador, em Março de 1387 abalou o nosso Exercito, composto de 3 mil lanças, 2 mil besteiros, e 4 mil infantes, afóra muitos aventureiros. Junto El-Rey com o Duque, a este quiz dar o commando da vanguarda, mas com boas rasões se oppôz o Condestavel, e para si o obteve. Entrámos pelo Reyno de Leão, rendêrão-se diversas povoações, e triumphou em varios recontros o Condestavel; mas prolongando-se a guerra,

por isso que os Castelhanos com animo generoso refusavão subjeitar-se a Principe estranho; de mais, apertando já os ruinosos calores do Estio, e chamando-nos os negocios domesticos, mandou El-Rey endireitar a marcha para Almeida, donde, licenciadas as tropas, partio o Condestavel para o Alemtejo, a bastecer as Praças, e pôr a Provincia em bom estado de defensão.

Furtivamente penetrárão até á Vidigueira 300 lanças Castelhanas, e discorrendo pelos lugares abertos daquelle contorno, com despojos e prisioneiros se recolhêrão a Villa Nova de Fresnos: mas logo o Condestavel, com 80 lanças, e 150 besteiros que só pôde unir naquelle relance, sahio de Monçaraz ao pôr do sol, antes de amanhecer chegou á vista de Villa Nova, levou de acommettida a estacada e as tranqueiras, e avançando junto da torre foi, com pouco damno, alcançado em huma perna por huma pedra lançada do alto; e, seguindo o ardor da peleja, foi a Villa mettida a saco, e poucos os inimigos que escapárão de mortos ou prisioneiros.

Recolheo-se o Condestavel a Evora, e com seu conselho se intentou a subjeição da Praça do Campo Maior: durante o cerco, porque os inimigos se empenhárão em nos obrigar a levantallo, houverão varias refregas em nossa vantagem, e levou-se a Villa por escalada, sendo o Condestavel dos primeiros que afferrárão o muro.

Continuar-se-ha.
Moniz.

N. B. Em tudo apparece o máo fado da Poesia Portugueza! e cuido que, só por ser ella o assumpto da Ode do N.º antecedente, sahio esta do prélo tão estropeada. Não bastou que ficasse hum metrico pastel, sem divisão de Strophes, senão que, ainda depois de duas revisões, lhe collocárão hum Verso fóra de seu devido lugar, arrevezando assim todo o sentido. Ora pois tenhão alguma paciencia os Leitores, que mais precisa quem põe os seus canenhos á vergonha do Mundo, e poucas cousas ha de tanto fastio como rever provas, e ruins provas de impressão. Na 4.ª pagina do N.º 8.º (cuja numeração tambem está errada, contando 96 onde devem ser 88) na 4.ª pagina, Verso 8.º, onde se lê *formos*, lêa-se *formosa*, e na mesma pagina, depois do Verso

Novos Sóes, novos Mundos não sabidos,

que remata a Strophe 17.ª (porque a Ode he composta em Strophes regulares de 6 Versos cada huma) lêa-se a 18.ª Strophe por esta maneira:

A hum teu sublime aceno,
Com genio a tudo ousado
Armando a vista, por sua arte os Homens
Abaixão ante si dos Ceos a altura;
E, em multidão radiosa,
A deixar-se medir os Astros descem.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO X.

ARTIGO I.

LITERATURA.

Admiradores, e Criticos de Homero.

(Continuado do N.º 9. pag. 102.)

OS principaes fundamentos da opinião daquelles que duvidão ou negão a pessoal existencia de Homero, attribuindo a Iliada e a Odyssea a muitos e diversos Poetas, são: o muito que se ignora do que a elle pessoalmente respeita; sua muita antiguidade, que entra pelos tempos fabulosos; e o seu nome, que he mais generico do que individual: a probabilidade de que ainda no seu tempo se não tinha inventado a arte de escrever: o uso de cantarem os Rhapsodistas varios trechos destes Poemas, dando-lhe titulos particulares; e o seu mesmo titulo de *Rhapsodias*, que significa trechos de poesia, ou collecção de canticos: (1) a multiplicidade dos dialectos de que Homero promiscuamente usou: o intervallo de tres seculos, que decorrêrão entre a sua supposta existencia, e a primeira reunião destes Poemas, feita por Lycurgo: as muitas interpolações, accrescentamentos, ou alterações que os desfigurão; e finalmente a contradicção que ha entre diversas partes destes Poemas, pintando humas todo o apuro do luxo e artes, e outras a grosseria e bruteza da infancia das sociedades. E, como he difficil de explicar porque maneira hum Homem imaginario produzio dous Poemas reaes, e excellentes, ou porque ma-

(1) Ou ainda de outras diversas obras e Auctores: e assim dizemos em geral *Rhapsodia* huma *obra Fogaça*, isto he, huma obra que nada tem da invenção de seu Escriptor, e *Rhapsodista* o escrevedor ou cirzidor de retalhos alheios; posto que assim se diga por allusão ao com os Poemas de Homero acontecido.

neira as producções de muitos a hum só forão attribuidas; dizem elles para resolver a difficuldade „ A guerra de Troya, tão gloriosa para a Grecia, foi, durante muitos seculos, o assumpto valido dos seus melhores Poetas; e sabe-se que diversos acontecimentos della forão cantados por Colutho, Triphyodoro, Corinno, Sisypho, Dictys de Creta, e Darés de Phrygia: Homens que não tinhão o talento de compôr, discorrêrão depois por differentes Cidades, recitando alguns fragmentos destes antigos Poemas, com mais ou menos arte ligados, e delles buscando formar hum todo. A' collecção dos diversos trechos que abrangião todos os successos da guerra de Troya chamou-se *Iliada*: áquelles que os recitavão *Rhapsodistas*, e a toda a collecção *Rhapsodias*. Pelo andar dos tempos, hum Homem mais intelligente melhor escolheo estas differentes partes; retocou-as, unio-as entre si, e mudou ou corrigio tudo o que achou repugnante, pouco mais ou menos do mesmo modo que se julga serem as Poesias Caledonias ordenadas por Macpherson, com o nome de Ossian, ou as de Clotilde de Surville por M. Vanderbourg. Preferio-se em fim esta collecção a todas as outras, e conservou-se com o titulo de *Iliada* por excellencia, visto conter com melhor escolha tudo o respectivo a Ilion (Troya). He provavel que esta honra se conferisse a Homero, por ser elle o mais célebre dos Poetas que desta guerra escrevêrão, e pertencer-lhe a maior parte dos seus Cantos; e seguio-se daqui devorar o seu nome todos os outros, e apropriar-se dos alheios trabalhos, assim como os feitos de muitos Heróes a hum só Hercules são attribuidos: e póde tambem ser que Homero sómente fosse hum Cantor [que deo o seu nome aos Poemas que recitava, de maneira que a *Iliada de Homero* viria a dizer o mesmo do que *Iliada do Cantor, ou do Cego.* „

Ora com effeito o arrasoado não he dos peores, porém mais cégos são certamente aquelles, que, fechando os olhos a toda a evidencia, recusão ver, ou negão reconhecer nos escriptos de Homero o admiravel character da unidade. Se tantos Poetas cantárão a guerra de Troya, porque não referirão todas as partes deste grande acontecimento, e todos se limitárão a cantar a chólera de Achylles? Todos os Episodios da Iliada tem hum liame que os une ao todo do Poema: como he pois crivel que muitos Auctores contemporaneos, ou (inda peor) de differentes seculos compozessem cada hum delles o seu Poema, por maneira que todos concordassem com o antecedente, e subsequente? Como he crivel que em hum assumpto, misto de factos verdadeiros, e fabulosas invenções, fosse sempre bem ordenado, e bem conforme o machinismo? E como he crivel que muitos Poetas successivos quizessem antes ser continuadores do que inventores? Além disto, cada huma das Cidades da Grecia tinha suas peculiares tradicções, suas fabulas, e seus Heróes: como he en-

tão possivel que de tantos diversos elementos, e muitas vezes entre si tão oppostos, resultasse hum todo, cheio de coherencia, e de harmonia?

Dizer que a Iliada, havendo sido composta de muitos retalhos, foi depois em hum só todo refundida, he quasi não dizer nada, e nada contar com o amor-proprio, tão natural, que faz com que todos pugnem por seus direitos, e sua gloria: e então os Auctores, e os descendentes desses Auctores que compuzerão os differentes cantos da Iliada, espontaneamente dessa gloria se deixárão despojar, por maneira que de nenhum consta que a reclamasse? E quem foi que ordenou, e regulou todo aquelle magestoso edificio, ou como ficou perdido no esquecimento o nome de tão grande Architecto? He verdade que Eustathio (Arcebispo de Thessalonica) em sua volumosa compilação refere, que hum Rhapsodista de Chios, por nome Cyneto, alterou a Iliada, intercalando-lhe versos de sua propria lavra; mas tambem, a escrupulosa exactidão com que os mais atilados criticos do tempo de Alexandre, e Ptolomeo omittião todos os versos suspeitos, parece assegurar a authenticidade dos restantes: e então todos esses Homens tão illustrados, e tanto mais proximos á idade de Homero se enganárão, considerando-o como unico Auctor da Iliada?

Demais: não he por ventura sabido a ignorancia com que os Copistas, e a audacia com que os Eruditos tem desfigurado muitas obras de Auctores Classicos? Não he sabido que os *Gondoleiros* (1) Venezianos cantão em separado a *Herminia*, e outros Episodios de Tasso? não he sabido que apparecem destacados muitos Episodios de differentes composições, taes como de Bernardim de Saint-Pierre, e de Chateaubriand? E são acaso por isso menos inteiras, e completas as obras da *Jerusalem libertada*, dos *Estudos* da *Natureza*, ou do *Genio do Christianismo*? Ou póde por nenhum destes motivos duvidar-se da existencia de seus Auctores? Só se for o Padre Hardouin, ou algum outro Padre tão paradoxista como elle, ou pouco mais ou menos tão birrento, apóstata, e levantado como Luthero.

Continuar-se-ha.

N. A. P. P. Moniz.

(1) Bateleiros, Mestres ou Arráes de Gondolas, especie de pequenos barcos.

ARTIGO II.

POESIA.

FABULA.

O Pisco

Rosava ameno Estio as nuvens argentadas,
Co'as pernas para o ar hum Pisco alevantadas:
„ Agora, se cahisse a abobada do Ceo,
„ Sósinho eu sustentára o enorme peso seu „
Dizia: nesse instante os ares se enturvárão,
E os echos de hum trovão ao longe rebombárão:
Foi longe, foi hum só, porém foi hum trovão,
E logo, a estremecer da aérea vibração,
O Pisco á-banda cáhe, e palpitando vôa
Sumir-se onde mais basto o bosque se corôa.
Não falta quem semelhe o Pisco a palpitar,
Depois de em presumpção tambem o semelhar.
Fogaça escreve, escreve: *Hygino* vai com elle,
— *Seyta Camoniana! oh! eu a coçarei* —
Gaba-se: vão-lhe ao pêllo, e grita „ Aqui d'El-Rey.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO III. (*Communicado.*)

CRITICA.

Senhores Redactores do Observador.

VV. m. que tanto se prezão de ser Portuguezes, como eu, e que, amigos do nosso Grande Camões, venerão o seu Poema pelas muitas bellezas que em si contém, *que pertender negallas he commetter hum absurdo*, como diz o douto Francisco José Freire; não duvidarão inserir no seu bom Jornal o § seguinte de huma Carta, que huma Sociedade de Homens de letras remettêrão a hum Sabio nosso; porque o seu contheudo, além de ser bem a favor do nosso Virgilio Lusitano, he prova bem arrasoada do seu merecimento. Eu terei com isto o maior prazer, e para com VV. m. ficarei devedor daquella estimação de que se fazem dignos os Literatos, que sabem dirigir a opinião Pública, e illustrar os seus Compatriotas. Sou de VV. m. Venerador *Antonio Maria do Couto.* *Cópia.* — §. —

„ Parecia-nos mui discreto, e útil assás para maior perpetuidade da bem acreditada Fama do Grande Camões, já que tu-

do se põe por obra a fim de a tornar mais crescida, e alteada, aquillo que se começou a fazer ha muito tempo por sublimes Engenhos, os quaes vão gozando com louvor da nomeada de Luiz de Camões; fallo dos Garções, Dinizes, Alfenos, e Bocages. Mas, antes que a V... digamos o nosso parecer neste assumpto, cumpre-nos mostrar que elle se funda todo em huma base firme, qual a utilidade da Lusiada, provinda de suas bellezas; o conhecimento destas, pela contínua leitura do Poeta; e de similhante lição hum ardentissimo desejo de gloria, e de feitos illustres, aventurando-se a vida pela Fé, pelo Rey, e pela Patria, fonte primaria de que vem o verdadeiro Heroismo. He Camões por todos lido, e sempre o será em quanto houver bom gosto; os ignorantes o respeitão, os sabios o estudão, e todos o admirão. Nelle achão os Conselheiros as partes, e experiencia que devem ter; os Ministros zelo pelo bem público, esforço os Capitães, premio os que bem trabalhão; os Sabios Literatura, e hum modello para a imitação; e a Nação gloria, e esmalte. Ninguem, que tem bom juiso duvida de que o Poema de Camões tem optimas regras para a vida moral, e politica, não havendo Estancia na qual se não encontre huma doutrina particular chea de pensamentos, farta de conceitos, e de passos de vária lição; tudo acompanhado com o que nas letras humanas ha de mais insigne, o melhor da Fabula, o mais recondito das Antiguidades, e o mais digno da Historia Portugueza, da geral, da Mathematica, e outras muitas sciencias. Portanto, tendo em sua casa os Portuguezes tanta riqueza, parecenos alheio da rasão mendigarem pelos estranhos; e pedimos a V... que, havendo de pôr á testa de qualquer Escripto seu, distico, epigraphe, ou sentença, que annuncie a materia, o tire da Lusiada, que para tudo, e todos lhe apparecerão frisantes. Deste modo, o que muito bôa gente mais restrictamente observará, se perpetúa a memoria do Poeta, seu nome vém muito fallado, e he mais huma nova Edição de hum caracter tão celebre quanto o he o Cysne do Tejo em seus agudos cantos. etc. etc. etc. (1)

---

(1) Envergonhem-se, se he possivel, envergonhem-se os *Hyginos*, e *Fogaças*, vendo quão geral e bem estabelecida he em todo o Mundo literario a Fama do sublime Cantor, cujos magnificos quadros se realção com a sombra de insulsos *Poemas Gamas*, e *Orientes*. (Nota dos Redactores.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 9. pag. 204.)

Seguírão-se tregoas, e logo que expirárão appareceo o Mestre de Calatrava commettendo grandes hostilidades; mas, sahindo a campo o Condestavel, retirárão-se os inimigos, e reformárão-se as tregoas. Quebrárão os Castelhanos algumas das capitulações, e como neste caso por ellas mesmo se permittia que pudessemos intentar a escala de alguma Praça, foi Martim Affonso de Mello sobre Badajoz, que rendeo, e avisou o Condestavel, e este a El-Rey, porque engrossava o armamento inimigo, e entrárão pelo Alemtejo os Mestres de S. Thiago Alcantara e Calatrava; mas apresentou-se-lhe o nosso Exercito, e em tanta pressa se retirárão, que chegárão a descarregar-se de tudo o que podia servir-lhes de estorvo em marchas dobradas: porém o Condestavel, de acordo com o Mestre de Aviz Fernão Rodrigues de Sequeira, reunio mais de 700 lanças, maior número de infanteria, e alguma cavalleria, e foi sobre a Villa de Caceres (Estremadura Castelhana) que levou por escalada, e deo o saco livre aos Soldados: dalli foi ao Anzinhal, que se rendeo a partido; talou a campanha, entrou em Arroyo del Puerco, povoação opulenta, e com rico despojo se recolheo a Portugal.

Adoeceo gravemente o Condestavel, e respirárão os Castelhanos por espaço de tres mezes; mas, logo que restabelecido, reunio mil e 800 lanças, 500 cavallos ligeiros, e 5 mil infantes, tudo soldados velhos, e com elles passou o Guadiana. O Mestre de S. Thiago, que estava em Badajoz com 2 mil lanças, 800 cavallos ligeiros, e grande número de infanteria, destacou a reconhecer as nossas forças, mas evitou o combate. Avançamos para Villa Alva, onde tivemos hum recontro vantajoso, e discorrêrão as nossas Partidas até Fuente del Maestro recolhendo muitos despojos, gados, e prisioneiros: fomos demandar as estancias do inimigo, que estava legoa e mea distante, e fortificado em lugar eminente á sombra do Castello de Feria: commettemos a montanha, e houve algumas horas de bem renhido combate, até que os Castelhanos totalmente rotos começárão a desordenar-se em precipitada fugida, e lhe seguimos o alcance até que o Condestavel, por ser tarde, mandou tocar a recolher. Ficárão ainda os Castelhanos com o corpo principal sustentando huma parte da serra, onde, acommettidos ao romper d'alva, desamparárão as trincheiras, sem acordo nem para deixar guarnecidos alguns passos mais importantes; e finalmente, já sem poder retirar-se, mandou o Mestre de S. Thiago rogar pela vida ao Condestavel,

o qual, vendo-se rogado por inimigo superior em número, e em sitio vantajoso, fez-se na volta de Zafra, recolhendo daquelles arredores despojos e prisioneiros. Foi depois sobre Burguilhos, onde triumphou em hum recontro; e, sabendo que com todo o seu poder hião os inimigos por Xerez de los Caballeros, foi logo apresentar-lhe batalha; mas, não sendo acceita, nem prudente atacar a Praça, marchou para Portugal, entrando de caminho em Barca Rota, lugar da raya, que se rendeo com leve resistencia.

Depois de outros successos que, posto fossem de importancia, não se fizerão notaveis por grandes feitos d'armas, no character de Plenipotenciario ajustou o Condestavel por nove mezes tregoas commettidas por El-Rey de Castella. El-Rey o nomeou seu Conselheiro d'Estado, e este cargo desempenhou tão habil em politica, como o de General em valor, e disciplina. Renovando-se os armamentos de Castella, acompanhou a El-Rey no sitio de Alcantara, onde se commettêrão muitos honrosos feitos; havendo porém de se levantar o sitio, porque excessivamente crescêrão as forças inimigas, á vista dellas o fizemos, sem deixar no campo o ferro de huma lança; e cobrindo o Condestavel a retaguarda, e assolando campina e povoado, nos recolhemos a nossas terras: e, porque aos ouvidos d'El-Rey subírão muitas queixas contra a insolencia dos grandes, foi o Condestavel nomeado Governador das Justiças do Alemtejo, e Algarves, para que, sem conhecer maior Alçada, averiguasse, e deferisse em todos os casos; honra, e cargo a que elle debalde quiz desde logo escusar-se; mas, como tambem dezejasse reformar muitos costumes alterados com as licenças da guerra, pôz em execução as leys sem excepção de pessoa, sendo primeiros os seus Parentes, e Amigos, cujo exemplo foi aos demais de muito proveito: e com tudo, como não faltassem offendidos, nem outras causas que de sua propria inteireza o fizessem desgostar, aproveitou a primeira occasião, e immediatamente se dimittio. Tornando a cahir enfermo, e convocando El-Rey Côrtes em que se havia de jurar Successor da Corôa o Principe D. Duarte, ainda que mal convalescido, compareceo; e depois disto deo El-Rey por Esposo a D. Brites, Filha unica do Condestavel, seu Filho D. Affonso, Tronco da Augusta Casa de Bragança.

Morto El-Rey D. João I. de Castella, succedeo-lhe, ainda menor, D. Henrique III., e ajustou-se entre as duas Corôas huma tregoa de 15 annos. Então, isentando-se de assistir na Côrte, a que era chamado para o expediente dos negocios politicos, retirou-se o Condestavel a suas terras, onde por largo tempo descançou, e donde, outra vez chamado por El-Rey, veio com obras, e conselho affervorar a gloriosa jornada de Ceuta, na qual foi dos primeiros que saltárão em terra, haven-

do sido o ultimo que na tormenta, depois de todas as outras embarcações em salvo, se acolheo á enseada de Gibraltar; muito aliás para o nosso triumpho concorrendo na conquista da Praça, e salvando a El-Rey de perigo na acommettida que em campo nos fizerão tumultuariamente os Mouros, e depois no assalto que tentou Zalabenzala: entendeo tambem em tudo o concernente ao bom estado de defensa em que a Praça devia ficar, e tornado ao Reyno se retirou a suas terras, até que no anno de 1422 se recolheo ao Convento de N. Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, e alli falleceo aos 11 de Mayo de 1432: foi sepultado na Capella Mór, trasladado alguns annos depois para o lado da Epistola, e finalmente em 1548 para o Presbyterio da parte do Evangelho, onde jaz.

Tal he a somma das facções do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que parecem quasi prodigiosas, e prolixas, ainda que tão succintamente expostas, e omittindo muitas de menos monta, assim politicas como militares. Porém como, para ser verdadeiramente grande Homem, não bastão as qualidades de activo, intelligente, e esforçado, que eminentemente possuio; sem referir suas muitas piedosas fundações, nem os muitos bens que com seus companheiros d'armas repartio, e outros muitos rasgos de sua piedade, generosidade, talento e ardileza, politica, e militar, que, juntos com a pericia, e o valor, o fizerão hum dos mais habeis Conselheiros, e o maior General do seu tempo; relataremos alguns dos factos mais particulares que provão a sua magnanimidade, benevolencia, e firmeza de character, porque dos seus foi tão querido, e de todos tão respeitado.

Quando Martim Affonso de Mello escalou a Cidade de Badajoz, ficou entre outros prisioneiro o Marechal de Castella Garcia Gonçalves; e, despedindo todos os demais, só este reservou o Condestavel até aviso d'El Rey; o qual deixando a seu arbitrio a justiça daquelle Fidalgo, o Condestavel o mandou livre, dizendo „ Que os inimigos, depois de os render a força, os havia de vencer a cortezia.

Antes do conflicto de Caceres, vierão ao nosso campo dous Noivos, que as Partidas aprisionárão hindo de caminho a desposar-se: o Condestavel os mandou recolher em quartel separado, ordenando o seu bom tratamento; e ganhada depois a Villa, com todos os Cabos do Exercito lhe assistio ao Casamento, de que foi Padrinho, dando-lhe mais em dote do que lhe offerecião pelo resgate, mandando restituir-lhe tudo o de que havião sido despojados; e com Parentes Amigos, e Criados os despedio com guarda segura, e ordem que as hostilidades não chegassem ao lugar de que erão moradores. Tanto não fez Scipião.

Continuar-se-ha.

Moniz.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO XI.

ARTIGO I.

LITERATURA.

Admiradores, e Criticos de Homero.

(Continuado do N.º 10. pag. 107.)

DIssemos pelo que pertence ás interpolações, e rhapsodias; e mal merecem resposta as outras objecções, porque certo não tem mais solidez.

Para cimentar á negativa da existencia de Homero, começão por duvidar-lhe do nome; e ora lhe chamão *Meônide*, Filho de Meon; ora *Melésigenio*, nascido junto do rio Meles; ora pertendem que se chamou *Tigranes*, e que, sendo enviado em refens á Grecia, tomou o nome Homero de *omeros*, que significa refens; ora o derivão de *meros*, que significa a coxa da perna, porque dizem que nesse lugar tinha elle hum tufo de cabellos; e ora finalmente o derivão do verbo *omerein*, que significa cantar: e como, no dialecto de Cumas, este mesmo verbo significa ser cego, talvez a cegueira de Homero não tem outro fundamento mais do que a falsa interpretação deste vocabulo: o certo he que Velleio Paterculo diz „ Que para julgar Homero cego de nascença, he necessario estar privado de todos os sentidos „ que André Wilk combate a opinião da sua cegueira; (1) e que huma medalha de Chios o representa lendo: porém as mais authenticas medalhas são a Iliada e a Odisséa, que retratão ou respirão a Natureza tão verdadeira, e ricca, e variada, como impossivel he que hum cego de nascença a possa descrever, nem imaginar.

N

(1) Em hum discurso Latino, intitulado *Cura da cegueira de Homero.*

Claro he que nem a generalidade do seu nome, nem a sua muita antiguidade são bem arrasoadas e sufficientes provas da sua não existencia, aliás da existencia de quantos outros, muito mais modernos, e de nomes igualmente genericos, se poderia duvidar? e, se o ser tão antigo que pertence ás idades fabulosas, póde bem estabelecer esta dúvida, duvidemos então da existencia de todos os seus contemporaneos, e antepassados; adoptemos o problema de João Baptista Vico, e façamo-nos perfeitos Pirrhonicos; porém não nos escandalizemos se alguem nos applicar as provas physicas, visto que as moraes são de pouco proveito para os testarudos.

O intervallo que decorreo desde sua existencia até á reunião de seus Poemas por Lycurgo, póde, quando muito, provar a imperfeição em que nesses tempos estava a arte de escrever, porém de nenhum modo a impossibilidade da existencia delles, nem da sua unidade. He verdade que mui verde devia ser esta arte no tempo de Homero, e por isso mui difficultosas de haver cópias completas de obras tão volumosas como a Iliada e a Odysséa; mas não está provado que ella ainda então não existia; antes se, como he mais provavel, Homero viveo cousa de tres seculos depois da guerra de Troya, teve certamente este soccorro; e o sexto Livro da Iliada parece determinar a sua existencia na historia de Bellerophonte, que levou ao Rey Preius taboas ou pranchas provavelmente com characteres alphabeticos. Homero serve-se da palavra *semata*, que Dacier traduzio por *letras*, e que isto significa, ou signaes, cifras, characteres, typos, etc. Dacier combate a opinião de Eustathio, o qual pertende que fossem hieroglyphicos aquelles characteres, e cita hum antigo Verso Grego em que a palavra *segma* (letra) he applicada ao alphabeto, levado á Grecia por Cadmo: porém quaesquer que fossem os characteres das taboas de Bellerophonte, sempre fica demonstrado pelos proprios Versos de Homero que elles erão escriptos, ou gravados em taboas, porque diz, formaes palavras, *Grapsas enpinaci* (escriptos, ou gravados em taboas) o que basta para provar que, já antes dos Poemas de Homero, havia hum tal qual modo escrever: quanto mais que foi opinião de toda a antiguidade haver Homero escripto, ou gravado os seus Poemas, como se vê deste verso de huma antiga inscripção na base da sua estatua:

Dissas gramiteon grapsamenos selidas

isto he, havendo escripto, ou gravado dous livros dos feitos dos Heróes.

A multiplicidade e mistura dos dialectos poderia ser grave objecção, se, por exemplo, hum Canto fosse escripto no diale-

cto Jonico, outro no Dorico, ou Eolio etc. etc., porém como todos elles são promiscuamente usados em todo o Poema, e ás vezes mistos em hum só Verso, nada se póde dahi concluir contra a unidade da execução.

Finalmente a pertendida contradicção na pintura dos costumes, pouca reflexão basta para a desvanecer; e seria, como diz judiciosamente Voltaire, reprehender em Homero a rereza, e grosseria que representa n'alguns quadros de seus Poemas, o mesmo que condemnar hum Pintor por seguir fielmente os costumes. Os tempos precedentes aos da perfeita policia, e civilisação de necessidade havião de em muita parte unir o luxo com a impolidez, e rusticidade; porque só o longo hábito da paz, e da opulencia faz desinvolver e applicar as artes a todos os usos da vida, nem até então existe mais do que os seus germes imperfeitos, e incoherentes: assim vivião os Hebreos; assim os Povos do Mexico, e os Peruvianos, ao tempo da invasão dos seus paizes; assim os Europeos dos primeiros seculos modernos; e assim devião tambem ser os Gregos no periodo mediante entre a guerra de Troya, e a idade de Homero. Não he para admirar que Priamo, senhor de hum Reyno então mui consideravel, e mais que todos os outros florescente pelo commercio, tivesse hum magnifico palacio, e mui preciosa mobilia. Agamemnon possuia as riquezas havidas de Pelope, e as que elle por seus triumphos alcançára, ostentando-as como hum Corsario barbaresco as suas prêas e despojos, sem que por isso fosse mais polido, ou civilisado. Tudo pois naquelle tempo era misto de policia e barbarez, e tudo Homero descreveo como excellente e fecundissimo Poeta.

Facil seria o ampliar estas refutações; porém o que fica dicto, e ainda mais a leitura dos Poemas de Homero são provas sufficientes, e até exuberantes para os bons engenhos; e para os broncos, ou nada illustrados, inutil seria o escrever-lhe muitos volumes. Bem ha por ahi quem diga que tem lido, e lido, e tanto que até nem ao menos huma Logica lhe tem escapado! porém as suas opiniões? erroneas: o seu gosto? depravado: e os seus fructos? peccos.

N. A. P. P. Moriz.

ARTIGO II.

POESIA.

FABULA.

Os dous Gozos.

Dous Gozos de fila, raça atravessada,
Dueto insolente de tenção damnada,
Rosnando continuo, continuo a ladrar,
Latindo incessantes de rayva a babar,
Hum bairro correndo, do bairro apossados,
Trazião já todos a dente marcados,
Fazendo, além marcas, o officio de Cão,
Fiados (he fama) em ter protecção;
E a voz espalhavão com toda a affouteza,
Que á sua aguçada malefica preza
Ninguem se attrevia, e a haver contendor
A campo viesse provar seu valor.
Grassava a noticia de tanta ufania,
E chólera, e riso n'hum tempo movia:
Alguns cachorritos aos Cães de poder
Mil queixas fazião de tanto soffrer;
Porém os mais fortes tambem mais prudentes,
(Que sempre a prudencia foi dom dos valentes)
Tão vís desdenhando contrarios medir,
Os Gozos deixavão morder, e latir.
Em fim aos malvados que audazes campeão
Lá chega huma hora que a audacia lhe apeão.
Acaso hum Rafeiro no tal bairro entrou,
E logo o Dueto rosnando o assaltou:
„ De longe arredai-vos, canalha insolente,
„ Que, se eu chego irado a pôr-vos o dente,
„ Tereis de mui longo, coutados! ganir „
— Oh! lé, donde veio tão prompto a esgrimir?
— He Cão, ou he Pato com toda essa chança? —
Dizião os Gozos: o Rafeiro avança,
Esquerda, direita: já sôa *caim*,
Caim d'hum e d'outro: recresce o motim,
E lá vão os Gozos, ligeiros fugindo
De orelhas rasgadas, piedosos ganindo
Queixar-se a seu Dono; e o Dono que os vê,
E a origem da queixa bem sabe qual he,
Cada hum por seu nome chamando enfadado:
„ *Hygino*, *Fogaça*, Dueto malvado,
„ He essa huma amostra da surra (lhes diz)
„ Que aos dous vos espera, por serdes tão vís
„ Que commetteis tudo com dente maligno:
„ De surra, e mais surra se faz muito digno
„ Quem tudo aboccanha, quem nada acha bom. „
Os Gozos ganindo dobrárão o tom,
E as prezas possantes mostrando, e correndo
O bom do Rafeiro ficou-se lambendo.

N. A. P. P. Monin.

ARTIGO III.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 10. pag. 112.)

Depois da batalha dos Atoleiros, veio metter-se em nosso campo hum Castelhano, pedindo que o conduzissem ao General, e inquirindo, se Pedro Gonçalves de Sevilha, seu Pay, estava morto ou prisioneiro, para cuidar de seu resgate ou sepultura: o Condestavel, acolhendo-o com muitos louvores por sua filial piedade, o fez aquella noite repousar, e só no outro dia, aliviando-o quanto poude em sua justa magoa, lhe referio que morrera honrosamente pelejando.

Retirando-se o nosso Exercito de Torres Vedras, hum cégo daquellas visinhanças que ouvio ferir o toque de marcha, lastimado pedia que o guiassem aonde ficasse livre de Castelhanos: escusavão-se todos os Soldados, mas passando o Condestavel, tomou-o comsigo de ancas, e o levou a 4 legoas de distancia.

Marchando a soccorrer El-Rey no sitio de Chaves, commettêrão os Soldados alguns insultos nas terras por onde passárão, e foi nisso tambem culpado Antão Vasques de Almada, o mesmo que mandou a Ala esquerda em Aljubarrota, e hum dos mais illustres, e esforçados Capitães do nosso Exercito; o que não obstante, ou antes por isso mesmo, o Condestavel severamente o reprehendeo, e obrigou a que por seus bens resarcisse as perdas: Antão Vasques, mal soffrido, fallou com menos attenção, e partio a queixar-se a El-Rey; mas tudo o Condestavel lhe relevou, e, longe de se lhe por isso desaffeiçoar, quando Antão Vasques briosamente pereceo em hum recontro de que os nossos sahírão vencedores junto a Badajoz, disse o Condestavel „ Que maior que fosse a victoria, não podia valer o que custou.

Quando El-Rey quiz que elle cedesse as terras da Raynha, não duvidou, porque desse modo se ganhava hum tão grande Vassallo como era o Conde D. Gonçalo Telles, e em tempos tão apertados que qualquer fazia falta: porém quando El-Rey quiz que largassem os bens da Corôa aquelles a quem tinha galardoado, cedeo o Condestavel por sua parte, não consentio pela dos outros, desgostou-se, quiz retirar-se, e houve El-Rey de ceder.

Muitos, e mui largos offerecimentos se lhe fizerão por parte de Castella; mas tudo constantemente desprezou por serviço da Patria e de seu Rey natural: por isso, alludindo a elle Condestavel, dizia a Raynha D. Leonor „ Que ao Mestre de Avís de todos os dentes que tinha só hum lhe não abalava „ e com

tudo, não duvidava elle contrariar a vontade, ou opinião d'El-Rey todas as vezes que o julgava justo, ou necessario; e El-Rey, reconhecendo e acceitando seu bom conselho, descia-se da propria opinião. Felices tempos!

Facil seria o referir muitos outros similhantes factos, porque nenhum Vassallo teve maiores poderes, como nenhum mais fiel ou mais util servio a sua Patria e o seu Rey, amparados por seu conselho, por sua espada defendidos, e engrandecidos por huma successiva torrente de mais de 40 annos de victorias. Homem quasi incomparavel, a quem nenhum lance de boa ou má fortuna fazia succumbir, ou desvairar; nenhumas emulações, invejas, ou intrigas palacianas o pudérão abater; sómente ambicioso de liberdade e gloria, sem nenhuma grandeza o ensoberbecer, e nenhum titulo o deslumbrar; bizarreando animo e forças a todo o poder incontrastaveis, mas só empregadas na justa causa; e em todas as grandes qualidades tão excellente como no esforço, pelo qual eu lhe chamára o nosso Achilles, se Camões não houvera dicto:

O grão Pacheco Achilles Lusitano.

Mas, se não fôr Achilles, deverá ser chamado o nosso Ajax, ou como tambem o disse Camões:

Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Nuno Alvares se arrea.
Ditosa Patria que tal Filho teve,
Mas antes Pay; que, em quanto o Sol rodêa
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal Alumno.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO IV.

MISCELLANEA.

Facto acontecido na Suecia a respeito da Agricultura.

Em 1771 o Theologo Lutherano Christiernin, promovido a huma Cadeira na Universidade de Upsal, no seu discurso de abertura rompeo em invectivas contra a economia rural, denominando-a a mais vil de todas as artes, e accrescentando, que os Ecclesiasticos derogavão da sua dignidade quando se abaixavão a similhante estudo, profanando deste modo, e aviltando o character Sacerdotal. Aquelle Professor gozava de huma grande reputação entre os Ecclesiasticos velhos, e alguns destes, constituidos em mais alta dignidade, começárão a increpar os Parochos que se davão ao ensino rural da Mocidade. Christiernin era inimigo acerrimo de Linneo, como Anyto o foi do sábio e virtuoso Socrates.

A doutrina deste Theologo offendeo os Lavradores, e foi reprovada pelos Sábios, como contraria aos intuitos do Governo, e ao progresso dos conhecimentos uteis; daqui resultou huma queixa formal da parte dos Lavradores aos Estados Geraes, os quaes, como se sabe, são compostos das quatro Classes, Clero, Nobreza, Habitantes das Cidades, e Lavradores proprietarios do campo. Os Deputados apresentárão em Assembléa geral huma memoria muito energica, queixando-se do discurso que pronunciára o Professor Christiernin „ A doutrina proclamada „ no discurso (dizião elles) he absurda, e contraria aos ver„ dadeiros principios de que depende a prosperidade do Estado, „ no qual sómente os que governão, e os que se destinão ao en„ sino e protecção das instituições, se devem reputar superiores „ aos Homens que com o seu trabalho lhes grangeão a subsi„ stencia, quaes são os Lavradores. „

Christiernin foi condemnado a reparar a injúria feita, e a ensinar aos seus Discipulos verdades oppostas aos erros, que nesta materia tinha proferido e escripto; e o Rey Gustavo III. declarou, como chefe da Religião Sueca, que a primeira, e mais digna das artes era a Agricultura; que, depois das funcções Sacerdotaes, ella era o objecto mais honroso para os Parochos, e o que mais combinava com as virtudes de que os Ecclesiasticos devem dar o ensino e o exemplo; que a práctica e o exercicio da economia rural tão pouco os aviltavão que, ao contrario, se fazião merecedores de maior estimação e respeito dos Póvos, á

proporção que mais concorriáo para a felicidade dos Agricultores da qual depende a do Estado. Esta declaração do Rey Gustavo he a base dos progressos da Agricultura moderna na Suecia. Os Curas do campo continuárão a applicar-se mais efficazmente á economia rural, ensinando a Mocidade, escrevendo as suas observações, e dirigindo-as ás Academias de Stockolmo, de Upsal, e ás de Allemanha: com isto merecêrão muitos o titulo de Socios das mesmas Academias, e obtiverão todos livros, instrucções, e memorias sobre os differentes ramos de que depende a Agricultura.

Extracto de huma Memoria historica, e Observações sobre o ensino da economia rural, inserta no Tomo 1.° *dos Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.*

Oxalá que a mesma palidonia fossem obrigados a cantar outros *Christiernins* que por cá temos. *Nota dos Redactores.*

N. B. Na Fabula inserida no N.° antecedente faltou este Verso:

E em quanto lhe não chega o azurrague á pelle,

que devia seguir-se ao outro:

Fogaça escreve, escreve; *Hygino* vai com elle.

Faltão sómente dous Números para acabar este 3.° *Trimestre, convidamos por tanto aos Senhores Subscriptores a renovar as suas Assignaturas: os das Provincias dirigir-se-hão com especialidade a Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, junto á Casa da Gazeta: os de Lisboa poderão subscrever na Loja do mesmo Antonio Pedro, na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva, debaixo da Arcada do Senado; na de João Nunes Esteves, Rua do Ouro N.° 234; na de Carvalho, ao Pote das Almas; e na Rua da Rosa das Partilhas N.° 153 na Officina de João Baptista Morando, onde se imprime este Periodico; no qual serão publicados quaesquer dignos escriptos que para isso aos Editores se remetterem.*

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO XII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Dos Gelos.

OS gelos dos Polos são outro phenómeno da distribuição do calor na superficie do Globo; mas o modo da sua formação nos era quasi desconhecido até á publicação recente da Memoria de M. Scoresby, Capitão de Navios da pesca da Baléa, bom Observador, e mui conhecido em Inglaterra pelas suas numerosas viagens aos Mares glaciaes.

As massas de gelos, nas vizinhanças dos Polos, differem pela sua extensão e fórma, e os Navegantes lhes dão nomes diversos, segundo estes accidentes. Algumas massas são tão grandes que se lhes não avistão os limites do alto do mastro grande de hum Navio. Distingue-se tambem o gelo d'agoa salgada e o d'agoa doce. O primeiro he branco, poroso, e opáco; a luz que por elle passa he esverdinhada; he menos duro, e de menor peso especifico que o d'agoa doce. Este parece hum tanto negro, tem côr negra, e huma transparencia perfeita quando se tira fóra d'agoa. Alguns pedaços são tão diaphanos que delles se podem fazer lentes, com as quaes se tem accendido o lume, ou outros corpos combustiveis.

O gelo mais denso he sempre de $\frac{1}{10}$ mais leve que a agoa. O gelo não se fórma, como se pensa de ordinario, só na proximidade das terras; no mar se podem ver os primeiros crystaes delle, e até póde começar a formar-se debaixo da influencia de ventos rijos; porém he bem certo que a sua formação he muito mais facil em tempo sereno, e então póde ganhar duas pollegadas de grossura em 24 horas.

As planicies de gelo se fórmão principalmente entre o Spitzberg e o Polo (no Hemispherio Boreal) mas o que ha de mais notavel he, que o gelo que as compõe he sempre mui transparente, ou por outras palavras, he gelo d'agoa doce. M. Sco-

resby explica este phenómeno suppondo que o gelo he formado de camadas successivas de neve, as quaes, depois de derretidas, se gelárão sobre huma superficie d'agoa salgada, e isto por huma longa serie de annos.

Encontrão-se campos de gelo de mais de 100 milhas de extensão, sem huma só eminencia; e he em cima delles que viajão os Ursos brancos. Estas massas de gelo tem hum movimento contínuo para o Sueste, mas algumas vezes, por hum movimento accidental, gyrão com huma velocidade de varias milhas por hora, e, quando nesses casos huma destas massas vem a topar com outra que está parada, ou ainda mais se esta se move em sentido contrario, então deste encontro resulta hum choque terrivel, e a mais fraca das duas se espedaça.

As montanhas de gelo são ainda mais tremendas, tem algumas vezes 300 pés de altura acima do nivel do mar: a maior que se tem visto nos mares do Norte tinha mil *jardas* de circumferencia, duas milhas de comprido, e mea de largo. Formão-se, segundo parece, de preferencia nas bahias abrigadas dos ventos e das correntes, debaixo da influencia dos montes e dos valles. Em quanto á theoria do seu augmento, M. Scoresby suppõe ser devido á accumulação, fusão, e congelação das neves que cahem sobre a sua superficie, bem como nos campos de gelo; e com effeito todas estas massas dão agoa doce.

O gelo se torna ás vezes extremamente fragil, quando a sua superficie começa a derreter-se: nestas circunstancias tem-se visto montes delle abrir-se, e espedaçar-se ao menor choque.

Todas as montanhas de gelo, que se encontrão entre a Groelandia e a parte Europea da Russia, conservão limites notaveis pela sua permanencia. Parece que no seculo XV. estes erão mais remotos, e que depois se avisinhárão de repente.

O gelo mostra sempre huma disposição a separar-se, mas no tempo sereno tem huma certa influencia sobre os ventos, cuja violencia abate, absorvendo-lhes os vapores, e convertendo-os em neve; de modo que nada iguala o remanso de hum porto cerrado pelo gelo.

Por cima de huma planicie de gelo, e quando o Ceo está claro, vê-se huma cinta de hum branco fascinante, que o Auctor attribue á reflexão dos rayos da luz sobre a neve que cobre a superficie do gelo, mas que he, com muita mais probabilidade, o effeito da reflexão especular do gelo. *Extracto das Noticias Meteorologicas, insertas no Tomo 1.° dos Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.*

ARTIGO II. (*Communicado.*)

POESIA.

TRADUCÇÃO DA FABULA 3. DO LIVRO 7. DE LA FONTAINE.

O Rato Anachoreta.

Os Povos do Levante em pias lendas
Contão que hum Rato, detestando o Mundo,
Buscára asylo sacro, onde, apartado
Dos laços que as paixões rebeldes forjão,
Em funda solidão passasse os dias.
Foi hum Queijo de Hollanda o tal retiro,
E pio meditando alli vivia.
C'os pés tanto lidou, c'os dentes tanto,
Que em roda fórma extensa cavidade;
E assim no ermo seu dispõe, construe
Refeitorio, e morada; e pouco he isto?
Ei-lo gordo, anafado, em paz vivendo,
Pois Deos nunca faltou, a quem o serve.
Acaso hum dia ao Solitario santo
Chegão dos Ratos Deputados tristes
Rogando humildes com ferventes preces
Esmola tenue, com que a fome horrenda
Podessem evitar. Elles lhe narrão
Que pressurosos vão a estranhos climas
Auxilio procurar, com que levantem
O duro cerco com que a Gente-Gata
Tinha apertado a capital Ratesca.
A partir sem dinheiro os constrangerão,
Tanta do seu Erario era a penuria!
Mui pouco exigem, certos que em tres dias
De alliada Nação trarão soccorros.
Dizem, e o Solitario lhe responde:
„ As cousas deste Mundo, amados Filhos,
„ Já não resão de mim; e que soccorro
„ Póde dar-vos hum pobre Anachoreta,
„ Mais do que supplicar em favor vosso
„ A protecção do Ceo?... elle he piedoso
„ Espero que em vós cuide; adeos, meus Filhos. „
Disse isto o Santarrão, e as portas fecha.
Quem cuidais vós que eu retratei no Rato?
Hum Frade?... não; mas hum Derviz; que hum Frade,
Quanto a mim, sempre segue a charidade.

De J. A. dos Santos.

ARTIGO III.

CRITICA.

Mais Hygino.

Quando eu, nos Números 7, 8, e 9 do Trimestre passado, tangi *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, *e das Correcções feitas*, rindo-se da tangedura, e ao mesmo tempo tomando-se de huns longes de piedade pela tal insignificante, rôlha, e orelhuda Creaturinha, algumas pessoas me disserão „ Deixa aquelle pobre diabo: todos o conhecem pelas orelhas, que se lhe fazem de cada vez mais longas, e mais esguias; mas não lhe puxes tu por ellas: coitado! elle só lhe falta hum T na testa! anda por ahi a chiar que mette dô! e, entre várias cousas que tem requerido, até dizem que requereo para Carrasco! isto he para teu Carrasco: porém continúa tu a rir-te, e deixa-o como quem he: não faças caso delle „ Isso (respondi eu) isso he o que eu sempre fiz ha valentes dez annos que o conheço; porque logo lhe lobriguei a orelha, e só n'huma occasião (creio que foi em 1810) em huma Loja de Livros me lembro que de viva voz lhe dei hum pequeno *corrige*, por isso que o tal animalejo *Hygino* ás condições de nescio, e de papalvo sempre ajuntou as de palreiro, linguarúdo, e intromettido; e tinha-se em conta de hum prodigio da classe adubeira por arranhar os seus dous dedos de Francez, e Inglez, e fazer regrinhas áquem e além do metro; sendo aliás mui affincado, afferrado, e digno admirador da eruditissima capacidade do *Doutor Mendes Fogaça*, com cuja sapientissima e protectora amizade ainda então se não honrava, posto que a isso aspirasse com humilissimas, e continuadas zumbayas, para as quaes he capacissimo, porque tem orelha para tudo! Mas com effeito o Homem (se he que o he) metteo a viola no sacco; e eu, que não posso conservar má vontade a ninguem, nunca mais lhe disse nem palavra, senão „ guarde Deos a V. m. „ tirando-lhe o meu chapéo, porque elle me cortejava: e assim como o *Hygino* he tão alvacento e alvarinho, se fosse hum Tapuya, ou hum Negro do mesmo modo lho tiraria; que não sou eu dos estólidos soberbões que só julgão dever cortezia aos seus iguaes.

Começou *Hygino Antunes* a cançar o Mundo com as suas deslavadas prosinhas, e com os seus desenxabidos versos, coxos, mancos, zambros, e aleijados, de expressão e concepção; porém disso me ria eu, e deixava-o emparelhado com os *Sauniers* com os *Baratas*, e outras taes aves de agouro, que, debalde af-

fadigadas, esvoação por de redor das faldas do Parnasso, sem mais poderem do que babujar nas agoas estagnadas á raiz da montanha; porque, se pouco vale o engenho sem cultura, e talvez menos a cultura sem engenho, como poderão avantajar-se aquelles a quem a Natureza, e a Educação huma e outra cousa negárão?

Assim mesmo tudo hia ás mil maravilhas! e, de orelhas hirtas, e agúdas, sem freyo nem cabeções, corria e couceava *Hygino Antunes*, tosando sua pouca de herva pelas paugagens literarias; até que, por premio de suas zumbayas, e de sua *copiosa e escolhida livraria*, alcançou a incomparabilissima honra de em tom de amizade, e protecção ouvir as lições do *Doutor Mendes Fogaça*, Sábio de *experiencias consumadissimas*, com o appoyo de cujos oraculos *Hygino Antunes*, que já se tinha em grande conta, chegou a acreditar-se hum Sábio, e rompeo profuso a discretear como quem he: entrementes quiz o eruditissimo *Doutor Mendes Fogaça* accrescer o vasto pecúlio de seus mali-mixtos apontoados literarios, e *em duas horas* escrevinhou bastas sandices, que produzírão duas folhas impressas de hum folheto que intitulou *Analyse analysada*, e em que, por não perder vez, posto ser outro o objecto, sempre bullio com Pato, pedra para elle de eterno escandalo! Ora bem sabido he que, em sahindo D. Quixote, valorosamente o acompanhava seu fiel Escudeiro Sancho Pansa; e por isso *Hygino Antunes*, como fiel e glorioso *Sancho do Quixote Fogaça*, sahio com hum appenso ao tal misero folhetinho. Foi isto por occasião que eu escrevia o = Exame Analytico, e Parallelo do *Poema Oriente* com a Lusiada = obra que me grangeou a mui prezada, perpétua, e azedissima indignação de seu Reverendo Auctor: e, como o folheto e o appenso erão huma mina de sandices, vibradas como improperios contra o nosso immortal Camões, tomei a péla no ar, joguei-a contra *Hygino Antunes*, e dei-lhe, mas dei-lhe devagarinho. Assim mesmo ficou com os focinhos hum tanto molestados; e, posto que a boa vontade era muita, por medo de maior molestia não ousava espanejar-se comigo; antes, querendo dar a sua dentada no meu Poema = A Apparição = tomou por thema os Números 8, e 9 do 1.º Trimestre (em hum dos quaes se ajuisou favoravelmente do mesmo Poema, porque a esse tempo não redigia eu este Periodico) e sahio-se mui lampeiro e disfarçado com as suas *Correcções feitas*; porém eu, que o conheci pelo vidonho, puxei-lhe pelas orelhas, e com effeito appareceo o *Hygino* como quem era. Ora digão-me: e não era de rasão que assim o fizesse? ha por ventura cousa mais insoffrivel do que hum nescio intromettido, pertendendo campar de espertalhão, e intelligente? Pois olhem: se tive rasão, ainda mais tenho agora. He o caso.

Em Março deste anno appareceo *Hygino Antunes* com hum artigo sobre o novo Periodico Trimensal = Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras = artigo notavel por sua muita sandice, como tudo o que sáhe da penna de seu Auctor, que tudo sandezmente escreve; e, se he notavel por parte da sandice, não deixa de tambem o ser, nem o he menos por parte da malicia, e petulancia. Mui justo era o mencionar e até recomendar os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras, não só por aquelle Periodico assim o merecer, senão até por brio, e pondunor da gloria das nossas Letras, sendo elle redigido em paiz estranho, por alguns nossos bem instruidos Nacionaes: vejamos porém o que fez *Hygino Antunes*. Diz elle a final do primeiro paragrapho „ *A linguagem deste Periodico (de 1. volume cada Trimestre) he assás limpa e correcta; as pessoas que o escrevem mostrão que não são hospedes nos assumptos que tratão, e que hão-de saber desempenhar huma boa escolha dos muitos artigos que naquella Cidade se publicão em diversos Jornaes Scientificos, preferindo os que forem uteis á Agricultura e Artes em Portugal.* „ Deixemos o que pertence á elocução, porque emfim o miseravel *Hygino Antunes* não sabe melhor escrever: mas quem terá soffrimento para assim o ouvir fallar de papo, e tratar de somenos Homens com os quaes elle certamente não póde por nenhum principio comparar-se? Segundo elle indica, os Redactores dos Annaes não tem cabedal com que possão originalmente compôr, e só *mostrão não ser hospedes nos assumptos que tratão, etc.* E não he isto huma petulancia de *Hygino Antunes*, sabendo-se aliás quem são aquelles Redactores, e contendo a obra annunciada muitas e excellentes Memorias originaes? Similhante ennunciado mal poderia tolerar-se em outro qualquer, mas escripto por tão miseravel Escrevedor, quem he que o hade serenamente soffrer?

Passemos pelo 2.ª §. que sómente serve de confirmar a pública opinião de que *Hygino Antunes* (como vulgarmente se diz) nem sabe qual he a sua mão direita! sendo na verdade tão miseravel que nem sequer soube dar huma succinta idéa do Discurso Preliminar dos mesmos Annaes, e que para referir a divisão da obra careceo servir-se de hum longo trecho daquelle Discurso; quando aliás *Hygino Antunes* neste seu impertinentissimo artigo segue hum systema de brevidade tão demasiada que bem se póde por elle dizer = caminha como gato por brazas = e assim caminhão todos os ignorantes.

Agora o §. 3.º esse he huma obra prima da nescia presumção, da malicia, demencia, e petulancia, e he forçoso o tedio de o trasladar por inteiro. Diz o *Hygino* „ *Fazem os Editores huma breve resenha ácerca da Literatura, e particularmente da Poesia em Portugal, que nos parece muito boa, mas não julgamos*

exacto o Periodo que diz = A Poesia Epica não renasceo com o *Poema Oriente* (*era preciso aqui, mais que huma asserção vaga, huma demonstração*) cujo Auctor em vão tentou *emendar Camões, e desapossallo* do eminente lugar que por nacionaes e estranhos lhe foi justa e universalmente assignado no Parnasso = Ora vamos devagar, que não ha outro remedio em caminho de continuados tropeços. A *Hygino Antunes* pareceo *muito boa a resenha que os Editores fazem ácerca da Literatura, e particularmente da Poesia em Portugal*: note-se que os Redactores dos Annaes, pelas causas que indicámos no 2.º N.º deste Trimestre, e ainda talvez por outras, avaliárão muito maior da sua realidade a decadencia das Letras em Portugal; e que a *Hygino Antunes*, que não tem sahido de Portugal, devendo por isso mesmo estar ao alcance do que nisto ha de verdade, cumpria o mostralla, ou aliás recolher-se ao silencio, que he sempre como poderá hir melhor; porém nunca plenamente approvar o que a esse respeito vem dicto nos Annaes: e com tudo, nesta parte o desculpamos porque, toda a vida assim foi, a ignorancia não deixa medrar ninguem.

Que se alguem, pelo não conhecer, duvidar da certificada ignorancia de *Hygino Antunes*, aqui mesmo poderá desenganar-se com as suas seguintes palavras „ *mas não julgamos exacto o Periodo que diz, etc.* de maneira que o miseravel *Hygino Antunes* nem ao menos sabe a differença que ha entre *periodo*, e *paragrapho*: Pois incline as orelhas, e tome conta o *Hygino*: *periodo*, he qualquer oração com sentido perfeito: *paragrapho*, he huma secção de qualquer discurso (olhe que he *secção*, isto he, divisão; não se confunda o *Hygino* com *sessão*, ou *cessão*, que mui diversas são as suas significações) e assim „ A Poesia Epica não renasceo com o *Poema Oriente* „ como dizem os Redactores dos Annaes, e por certo que dizem muito bem, he hum *periodo*; e o que mais elles dizem, e *Hygino Antunes* traslada, são outros *periodos*, os quaes todos juntos formão hum *paragrapho*, ou *secção* do Discurso Preliminar. Desculpemos ainda o *Hygino* pela rasão já dada: mas quem o poderá desculpar deste seu parenthesis „ *era preciso aqui, mais que huma asserção vaga, huma demonstração*? „ Se *Hygino Antunes* he tão gordo amigo do Auctor do *Poema Oriente* que não vê, ou não quer vêr os defeitos da obra, nem de seu Auctor, mostre-lhe, ou pague-lhe essa amizade em outra moeda; ou, se está muito encasquetado com os desluzidos talentos, e ensarrabulhada erudição do mesmo Auctor, ponha-se em campo, escreva, e escreva como deve; que, se o fizer, terá o premio correspondente, e até serei eu o primeiro em seus louvores: porém tenha tento em não sahir ridiculamente a campo, nem com espada de canna provocar illustres Campeões com boa cota e acha d'armas.

Este juiso (continúa o *Hygino*) *mostra fundar-se mais em certas críticas sem crítica, publicadas entre nós contra o* Poema Oriente, *e de sobejo refutadas até á ultima evidencia, como o Público sabe, do que na leitura do mesmo Poema.* „ Ora eis-ahi o magnificentissimo *Hygino Antunes* dando ao soslayo o seu sotaque nos Redactores dos Annaes, e dirigindo-me directamente o golpe! As *críticas sem crítica* a que allude vem a ser o meu = Exame Analytico, e Parallelo do *Poema Oriente* com a Lusiada = Segundo indica o *Hygino*, neste meu Exame se fundárão os Redactores dos Annaes, incapazes de julgarem per si proprios; e tambem, segundo elle diz, o meu Exame, as minhas *críticas sem crítica* estão *de sobejo refutadas até á ultima evidencia, como o Público sabe!* Ora, e que nome poderá melhor convir a estas escreveduras de *Hygino Antunes* senão o de malicia, e petulancia? *O Público sabe*, que os Redactores dos Annaes são Homens de muito bom talento, e lição: *o Público sabe*, que ha tres annos berra o Auctor do *Poema Oriente*, sem poder saccodir do cachaço o garrocha do Exame Analytico: *o Público sabe*, que, pertendendo em vão defender-se, tem o Auctor do *Poema Oriente* no seu guápo *Espectador* (1) para esse fim mil vezes torcido e alterado, mutilado e invertido o texto e o sentido do Exame Analytico, multiplicando a cada pagina as cincas que se lhe notárão: *o Público sabe?*... muita cousa que eu por decencia omitto. E não se peja *Hygino Antunes* de fallar contra o senso íntimo, e contra o que *o Público sabe?* Não, porque he *Hygino Antunes.*

Já vimos a ignorancia, malicia, e petulancia de *Hygino Antunes*; veja-se agora a sua demencia. Prosegue elle „ *Tanto mais que os sábios Editores não podem ter visto o Poema do grande* Camões *impresso com* emendas *que lhe fizesse o Auctor do* Oriente. „ E então não he isto demencia? não he isto a que se chama = rasões de Cabo d'esquadra? Com que visto isso, só intenta emendar huma obra quem a imprime com emendas? Não basta sobre ella escrever, e tornar a escrever, mordendo-a? Não basta compôr outra obra sobre o mesmo assumpto, e apregoalla pelo *menos defeituosa possivel*, dando a primeira por má, e muito ruim, e fazendo todos os esforços por assim o mostrar, até com falsas provas? Se isto não basta, ao menos tudo isto e mais, a respeito da Lusiada, tem feito o Auctor do *Poema Oriente*, que foi buscar lan, e sahio tosquiado.

---

(1) Ainda que por N.os o Espectador não abrangeo mais que dous annos, começou elle em Fevereiro de 1816, e desde então que o Auctor do *Poema Oriente*, segundo a sua propria confissão, anda esbofado a *depennar* o Pato!

O que não obstante, mais diz *Hygino Antunes* „ *O qual* (o Auctor do *Poema Oriente*) *apenas no Discurso Preliminar deste notou os defeitos que se observão na* Lusiada, *como immensos Auctores tem feito a este e outros Poemas da primeira ordem, sem que isto em boa logica se possa chamar* emendar *o Poema, nem* desapossar Camões *da justa primazia que lhe compete.* „ Agora aqui tornou a entrar a senhora D. Malicia, com muito bons laivos de petulancia. Note-se no §. antecedente o epitheto de *sábios* aos Redactores dos Annaes, acabando de os tratar como vimos: note-se o epitheto de *grande* a Camões, quando aliás em seu desabono tem *Hygino Antunes* sido rancheiro com o Auctor do *Poema Oriente*: note-se a expressão de „ *este e outros Poemas de primeira ordem*, e de, *justa primazia que lhe compete* (a Camões) e bem claro se verá ser tudo isto huma maliciosa e petulante ironia. Porém mais criminosa malicia, e ainda falta de pejo, por mentir á face do Mundo que sabe o contrario, he o dizer, como diz *Hygino Antunes*, que o Auctor do *Poema Oriente apenas no Discurso Preliminar deste notou os defeitos que se observão na* Lusiada, *como immensos Auctores tem feito, etc.* sendo a verdade que, tão calumniosa e caninamente como o Auctor do *Poema Oriente* tem atassalhado Camões, não sei que nunca ninguem o fizesse senão Zoilo (o Grammatico) a Homero, e Lauder a Milton: e, se ao destino destes dous calumniadores se não tem assimilhado o destino do Auctor do *Poema Oriente*, he porque ainda lhe resta a boa fortuna de ninguem (ou tanto monta) fazer caso delle. Mas inda assim, em nenhum daquelles dous Críticos malignos foi tão notoria, nem por isso talvez tão escandalosa a inveja com que pertendêrão desapossar de sua fama os dous grandes Poetas, quanto no Auctor do *Poema Oriente*, que, com esta sua *Epica salsada*, no lugar do divino Camões, aspirou a enthronizar-se.

Mas porque seria *Hygino Antunes* atacado da pestifera dysenteria com que em tantas sandices se tem vasado?.... porque? por nescia presumpção; e ei-la ahi resumando com muito boa dose de hypocrisia no seu §. 4.° onde diz „ *Fazendo aqui esta observação não temos em vista mais que o desejo sincero de que os Editores, vivendo longe de Portugal, se não illudão com as sophisticas declamações de alguns nossos pertendidos Críticos (só no nome) e quirão julgar por si com aquella imparcialidade que honra os Escriptores, e de que elles nos parece estão animados.* „ Ora, se não fôr pela rasão de que sempre he bom ouvir conselhos, porque ás vezes os mais chapados parvoinhos soltão a sua discrição, quem he que se não hade rir de vêr *Hygino Antunes* arvorar-se em conselheiro dos Redactores dos Annaes, *com sophisticas declamações* prevenindo-os contra *as sophisticas declamações de alguns nossos pertendidos Críticos, só no nome?....* Pois o seu

sincero desejo! quem terá alma tão dura que deixe de lho agradecer? Mas a isto se limitão os agradecimentos que se lhe devem, porque o resto do artigo he huma rápida enumeração dos conteúdos naquelle Periodico; de maneira que só por parte da nescia presumpção excede os limites de hum simples Annúncio. E para que se metteo *Hygino Antunes* tão nesciamente a discretear em similhante artigo? para ter o gostinho de dar a sua coarctada doutora, como se vê nestas suas palavras „ *Segue-se huma Memoria do* Doutor Sylveira *sobre o* ondeado metallico, *a que os Francezes chamão* moiré metallique, *para o distinguirem do ondeado da seda, que chamamos em Portuguez*, melania ou chamalote. „ E para que ajuntou *Hygino Antunes* estas palavrinhas? para que as pessoas que lessem o tal artigo, e não lerem os Annaes, julguem que esta distincção foi filha da sua propria sabença, porque morre, e estala por campar de sabichão. Por esta mesma, e unica rasão, mencionando a Pharmacopea do Doutor Swediaur, declarou em parenthesis que ella he *escripta em Latim*; como se o Extracto inserto nos Annaes não viesse em Portuguez, e como se nos mesmos Annaes não se fizesse esta declaração, bem como a outra do *ondeado metallico*. E tudo isto o que he! não he ser *Hygino Antunes*? Quem o poderá duvidar, quando elle proprio o declara? Todo o caso está em não querer que se lhe diga, mas quem não quer ser Lobo não lhe veste a pélle: e emfim senhor *Auctor dos Kanados*, quer queira quer não, tenha paciencia que eu não me desdigo: *Hygino Antunes* he V. m., e V. m. he *Hygino Antunes*; he *Hygino Antunes* e tenho dicto, he *Hygino Antunes*, de quem com o mais profundo acatamento, por agora, me despeço com o bom Homem Lafontaine.

Le Monde n'a jamais manqué de charlatans.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique.

(Continuado do N.º 12., 2.º Trimestre pag. 124.)

E ainda depois desta data podia viver mais algum tempo. E toda a equivocação parece nascer de se tomar o anno de 969 por era de Augusto, quando no mesmo documento, que produz a Polygraphia, se declara ser anno do Nascimento de Christo. Nasce hum erro de outro: e vem a ser, do engano com que mui-

tos Historiadores assentão o anno da entrada dos Arabes em Hespanha. Commumente se diz, fôra no anno de 714. Esta opinião seguio o doutissimo Padre Argote; cujas cinzas venero, como de Socio, choro, como de Sábio, e Mestre: porém podemos affirmar, foi quatro, ou cinco annos antes; isto he, no de 710. Consta do privilegio d'ElRey D. Affonso VI. de que faz mensão a Polygraphia Hespanhola, em o qual se diz, que a Cidade de Toledo fôra restaurada em 25 de Maio do anno de 1805, depois de estar debaixo do jugo dos Sarracenos 376 anos; e cahe no anno de 709. O que se confirma com outro privilegio, que refere a mesma Polygraphia d'El-Rey D. Affonso o Casto; em que se diz, que Hespanha se perdêra na era de 749 que corresponde ao anno de 711, e he pouca a differença. E concorda com a Hegira dos Arabes. Porque, segundo a opinião que a Hegira se deve começar a contar desde a primeira fugida de Mafoma; e que esta fôra pouco depois, ou logo que começou a prégar sua falsa doutrina; e dizendo os Arabes, o que segue Genebrardo, que Mafoma nascêra em 591, e começára a prégar sendo de quarenta annos; segue-se, foi esta fugida em 631. E constando da Chronologia Arabiga, que escreveo Hazi Halifé Mustafá, e traduzio em Italiano João Rinaldo Carli, impressa em Veneza em 1697, que Toledo fôra tomada pelos Arabes no anno 81 da Hegira, vem a cahir a dita perda no anno 710. Perdôe-se-me a digressão; e a importancia da materia me póde desculpar.

E voltando já ao nosso principal intento, se alguem perguntar, qual seria a rasão porque no referido Epitafio senão declara, que o Conde Henrique descendia dos Reys de França, póde-se responder; que esta ascendencia, como tão proxima, de todos era sabida.

Diz-se porém, que descendia dos Reys de Aragão, e por consequencia dos Reys de Leão tambem, para assim ficar em Portugal mais conhecido, e poder ser mais respeitado. Nem se deve admittir a opinião, que pertende persuadir que o Conde D. Henrique se diz descender dos Reys de Aragão por linha paterna, e masculina, em quanto seu Pay o Principe D. Henrique que era Filho de Roberto Duque de Borgonha: este Filho de Roberto II. Rey de França, e da Raynha D. Constança; e esta Filha de Guilherme III. Conde de Toulousa, chamado Talha-ferro, e de sua mulher a Condeça D. Sancha Hermesindez, ou Arsindez, Patronymico por sua May, a Raynha D. Hermesinda, ou Arsinda: e a dita Condeça de Toulousa, D. Sancha, Filha de Ramiro I. Rey de Aragão: porque esta filiação para o conhecimento ficava muito distante: e assim esta Princeza Dona Sancha May do Conde D. Henrique he differente da primeira.

3.º Godofredo I. Senhor de Semur, e sua Esposa, a Prince-

sa Mahaud. 4. Walon II. Conde de Vergy, que no anno de 1005 era já fallecido, foi casado com a Princeza Judith de quem trata a Historia Genealogica de França, na Casa de Borgonha, Liv. 2. Cap. 4. Art. 3. §. 1. pag. 71. Os terceiros Avós maternos forão 1. o Conde, e Senhor Soberano de Barcelona, e sua Esposa D, Sancha Infanta de Castella. 2. Bernardo, Conde de la Marche; e a Condeça Amelia, sua consorte. 3. Ricardo I. Duque de Normandia, segundo a já allegada Historia, e Genealogia escripta por Ptolomeo de Luca: e Gonor, que primeiramente foi sua Concubina; e depois legitima consorte. 4. Guaymaro, quarto do nome, Principe de Salerno, a quem chamárão, o Moço; para distinção de seu Pay, e antecessor, do mesmo nome, e sua Esposa a Princeza de Salerno.

Continuar-se-ha.

N. B. A pouca extenção deste nosso Jornal tem sido causa de se retardar a continuação deste artigo, pertendendo muitos a preferencia. Tambem não se escandalizem com a tardança da publicação de seus artigos aquellas pessoas que tem feito o obsequio de no-los remetter, diversas causas tem para isso concorrido; serão porém satisfeitas no seguinte Trimestre, e este acabará com o seguinte N.° consagrado á Memoria do nosso grande Poeta o P. Francisco Manoel, ultimamente fallecido.

Com o Numero seguinte acaba este 3.° Trimestre, convidamos por tanto aos Senhores Subscriptores a renovar as suas Assignaturas: os das Provincias dirigir-se-hão com especialidade a Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, junto á Casa da Gazeta: os de Lisboa poderão subscrever na Loja do mesmo Antonio Pedro, na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva, debaixo da Arcada do Senado; na de João Nunes Esteves, Rua do Ouro N.° 234; na de Carvalho, ao Chiado; na de Carvalho, ao Pote das Almas; na de Luiz José de Carvalho, defronte dos Paulistas; e na Rua da Rosa das Partilhas N.° 153 na Officina de João Baptista Morando, onde se imprime este Periodico; no qual serão publicados quaesquer dignos escriptos que para isso aos Editores se remetterem.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Desembargo do Paço.

Indice

Dos artigos contendos nos tres tomos do Observador Portuguez.

Sciencias e Artes.

Escorpiões ou Alacráos . . . . . I. pag. 3.

Aranhas . . . . . 21.

Differença nas cores e configuração dos homens . . . . . pag. 25, 37, 53.

Pintura e Esculptura . . . . . 39, 59, 82.

Idéa da Philosophia . . . . . 77, 93.

Musica . . . . . 98.

Plano sobre o comm.cio da Praça de Lisboa 117.

Templo de Apollo na Arcadia . . . . 133.

Sobre a manufactura dos vinhos. 153, 169, 185.

Declamação ou Arte Comica . . 186, 201.

Dos Curadores . . . . . 204.

Do Bom, e do Bello . . . . . II. . . . 3.

Mordeduras da vibora . . . . . pag. 13.
Essencia da sensibilidade . . . . . 25, 33.
Acção de nadar . . . . . 41.
Origem da Agricultura . . . . . 53.
Dos Mosquitos . . . . . 61.
Graduação e extensão da sensibilid. . . 73, 85, 97.
Do tempo do aleitamento . . . . . 105.
Das parteiras . . . . . 113.
Da intemperança . . . . . 125.
Das abelhas . . . . . III. pag. 3, 17, 33, 41.
A Dança . . . . . 53, 65, 72, 85.
Dos Gêlos . . . . . 121.

Litteratura

Eloquencia . . . . . I. pag. 6.
Da amisade entre mulher e homem . . . 61.
Costumes dos gregos modernos . . . . 73, 148.
Olympia, Novella sentimental . . . 151, 164.
Verdade na Poesia . . . . . II. 31, 38, 49, 55, 71.
O Jogo . . . . . 39.

Admiradores e Criticos de Homero.. 97, 105, 113.
Agricultura na Suecia . . . . . 117.

Poesia.

Canção á perda d'ElRei D. Sebastião.. I. pag. 9.
Ode a Marcia (J. M. da C. S.ª) . . . . . 13.
Ode a Carlos de Saboia, por Chiabrera ... 28.
Soneto a Victorino J.ᵉ Leite (Barros) 41
Ode anacreontica de Villegas 30
Ode a Mr. Lebrun (J. M. C. S.) 42
Ode á Rainha D.ª Maria 1.ª (id.) 65
Ode a uns annos . . . . . (id.) 88
Epistola a Sanctos e Silva . . . (Chapuzet) . . 101
Ode a J. M. da Costa e S.ª (C. I. R. S.) . 123
Ode 3.ª do Liv. 1.º de Horacio (Pato Moniz) 158
Ode 19.ª do Liv. 2.º do d.º . . . . (id.) . . . 175
Ode a Prophecia do Tejo, de Fr. Luis de Leon. 190
Ode anacreontica (J. M. C. S.) 193
Ode sobre a Inveja (Pato Moniz) . . . 205
Ode 3.ª do Liv. 3. de Horacio (id.) . . II . . . . 6.

Ode anacreontica (J. M. C. S.) .... 15.
Ode a Lieutard .... (id.) ..... 27.
Apologo - O Elephante e o Rhinoceronte (P. M.) 34.
Epistola a Gonçalo J.e Roiz Vianna (id.) .. 44.
Ode, traduzida de Vernes .... (id.) . 54.
Apologo - A Giboia e o Macaco .. (id.) .. 68.
Ode, traduzida de Vernes ..... (id.) .. 75.
Ode á Noite ... (J. M. C. S.) .... 87.
Ode, traduzida de Wieland (P. Moniz) . 99.
Epodo 2.º de Horacio ..... (id.) .. 107.
Apologo - A Raposa e as Galinhas .. (id.) .. 116.
Ode 2.ª do liv. 4. de Horacio ..... (id.) - 128
Ode ao Infante D. Henrique (J. M. C. S.) III-5
Ode á Primavera ..... (Moniz) .... 34.
Ode a D. Nuno Alvares Pereira (id.) .... 19.
Ode a Homero ..... (J. M. C. S.) .. 42
Ode aos Lyricos Portuguezes .. (Moniz) .. 54.
Apologo - O Cão, o Pato, e o Melro ... (id.) .. 66.
Ode a Lucrecio ..... (J. M. C. S.) 74.
Ode á Poesia ..... (Moniz) .. 86.

Apologo — A Gralha e a Arara .. (Moniz) .. 103.
Apologo — O Pisco ..... (id.) .. 108.
Apologo — Os dous Gozos ..... (id.) .. 116.
Fabula 3.ª do liv. 7. de Lafontaine ..... 123.

Critica.

Juizo sobre as Obras de Congreve .. I ... pag. 13.
Sobre as Academias antigas e modernas ... 45.
M.lles Dumesnil e Clairon ..... 107, 126.
Juizo sobre o poema — A Apparição — ... 138.
Sobre os q. não restituem os livros emprestados .. 176.
Sobre a leitura de um só livro ..... 194.
Os Cacoacos ..... 207.
Juizo sobre o poema — Nesrton — II .. 8, 15, 36, 101, 109, 117.
Presumpções ..... 28, 129, III. 66.
Observações sobre uma Carta de Fogaça .. II. 57.
Memorias de Hygino Antunes ..... 64, 76, 88.
Observ.es sobre os Annaes das Sciencias e Artes.
III. 10, 24, 45, 58, 78, 89.
Nascimento e educação ..... 35.

Communicado sobre Camoes . . . . . 108.
Mais Hygino . . . . . 124.

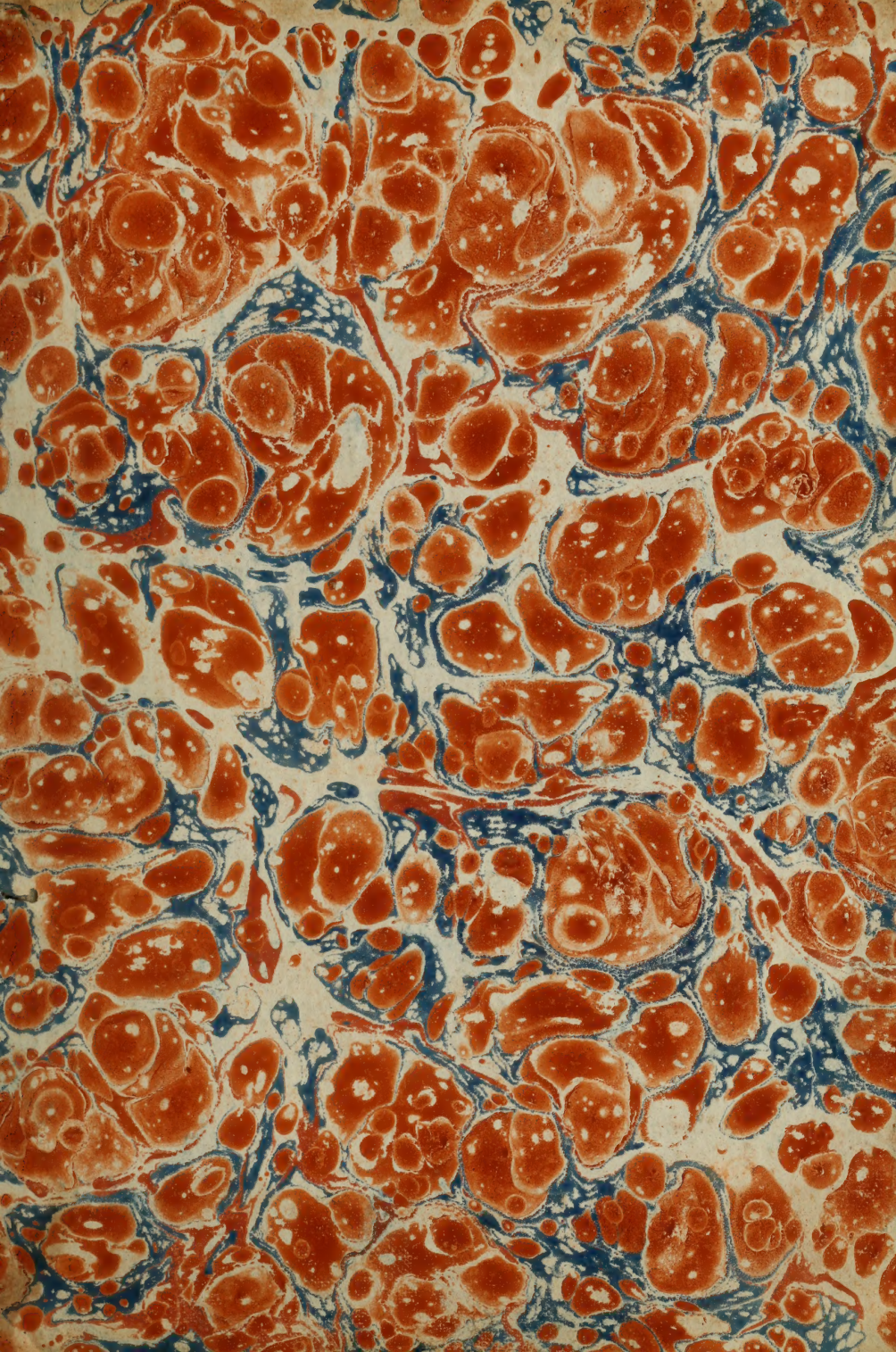
Historia.

Catilina . . . . . I. pag. 15.
Morte de Wenceslau, Duque de Bohemia . . . 31
Memoria sobre Ceuta . . . . . 69.
Faccões dos Brancos e Negros em Florença . . 90.
Memoria sobre Alcacer-Ceguer . . . . . 179.
Origem dos Quakers . . . . . 197, 209.
Dissertacão sobre a ascendencia do Conde
D. Henrique . . . II. 20, 83, 123, III. 130

Geographia.

Descripcão da Africa . . . . . I. pag. 16.
Descripcão da Lybia . . . . . 32.
Da China . . . . . 113, 129, 143.

Biographia.

Newton . . . . . I. pag. 51.

Lacaille . . . . . 115.
Francisco Manuel do Nascimento . . 160, 183, 211.
Pedro Roussel . . . . . II. pag. 134.
Marechal de Barwick . . . . . III. pag. 15.
D. Nuno Alvares Pereira 31, 39, 62, 69, 83, 94,
103, 110, 117.